O GRANDE COLPADO

O plano de Stálin para iniciar a
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Viktor Suvorov

Amarilys

O GRANDE
CALPADO

O plano de Stálin para iniciar a
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Viktor Suvorov

Tradução

Flora Salles

Amarilys

Título original em inglês: *The Chief Culprit – Stalin's Grand Design to Start World War II*
Copyright © 2008 by Viktor Suvorov

Amarilys é um selo editorial Manole.

Este livro contempla as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil.

Capa: Depto. de arte da Editora Manole

Imagem da capa: Latinstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Suvorov, Viktor
O grande culpado : o plano de Stálin para iniciar a 2ª Guerra Mundial / Viktor Suvorov ; [tradução Flora Salles]. – Barueri, SP : Amarilys, 2010.

Título original: The chief culprit : Stalin's grand design to start world war II
Bibliografia

ISBN 978-85-204-2906-8

1. Guerra Mundial, 1939-1945 – União soviética 2. Guerra Mundial, 1939-1945 – Causas 3. Stálin, Joseph, 1879-1953 – Liderança militar I. Título.

10-05626 CDD-940.5310947

Índices para catálogo sistemático:
1. União Soviética : Guerra Mundial, 1939-1945 : História 940.5310947

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer processo, sem a permissão expressa dos editores.
É proibida a reprodução por xerox.

A Editora Manole é filiada à ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos.

1ª edição – 2010

Direitos em língua portuguesa adquiridos pela:
Editora Manole Ltda.
Av. Ceci, 672 – Tamboré
06460-120 – Barueri – SP – Brasil
Tel. (11) 4196-6000 – Fax (11) 4196-6021
www.manole.com.br / www.amarilyseditora.com.br
info@amarilyseditora.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Todas as imagens são do acervo do autor.

Para Scarlet Alexandra

Sumário

	Prefácio	ix
	Agradecimentos	xiii
	Introdução	xv
1	A luta pela paz e seus resultados	1
2	Primeiras tentativas de desencadear a Segunda Guerra Mundial	6
3	O primeiro contato	12
4	O papel de Stálin no renascimento do poderio bélico alemão	19
5	Por que Stálin gostava tanto do livro de Hitler?	23
6	Industrialização e coletivização	28
7	O papel de Stálin na glorificação de Hitler	35
8	Stálin e a destruição da aviação estratégica soviética	40
9	Os preparativos de Stálin para a guerra: tanques	51
10	Sobre os "obsoletos" tanques soviéticos	63
11	Gêngis Khan de asas	73
12	Sobre aviões "obsoletos"	83
13	Tropas de assalto soviéticas aerotransportadas e sua missão	91
14	Sobre o brilhante líder militar Tukhatchévski	102
15	A limpeza	115
16	Espanha	122
17	A armadilha de Stálin para Hitler	131
18	Resultados do pacto de Moscou	138
19	*Blitzkrieg* na Polônia e na Mongólia	141
20	Mobilização	149

21	Mobilização da economia	157
22	A Guerra de Inverno: Finlândia	168
23	Os recursos estratégicos da Alemanha e os planos de Stálin	181
24	A divisão da Romênia e suas consequências	189
25	Destruição dos países divisórios entre a Alemanha e a União Soviética	198
26	Destruição da faixa de segurança às vésperas da guerra	203
27	Guerrilheiros ou sabotadores?	208
28	Destruição da Linha Stálin	211
29	Trótski assassinado; Molotov em Berlim	219
30	Jogos do Kremlin	226
31	A caminho de Berlim!	233
32	Divisões de montanha nas estepes da Ucrânia	240
33	Stálin em maio	248
34	O dia 13 de junho de 1941	254
35	Palavras e ações	268
36	Exército Vermelho, uniforme preto do Gulag	273
37	Alinhamento militar	281
38	O alerta de Churchill e a reação de Stálin	287
39	Uma *Blitzkrieg* contra a Rússia?	293
40	Os relatórios da inteligência e a reação de Stálin	301
41	O início da guerra	310
42	O pânico de Stálin	322
43	Se não fosse o inverno...	325
44	Uma guerra-modelo	329
	Conclusão: O agressor	344
	Epílogo: Stálin foi um criminoso de guerra	348
	Notas	355
	Bibliografia	383
	Índice remissivo	389

Prefácio

Hitler tinha uma bandeira vermelha. Stálin tinha uma bandeira vermelha. Hitler governava em nome da classe operária, e seu partido se chamava Partido dos Trabalhadores. Stálin também governava em nome da classe operária; seu sistema tinha o nome oficial de Ditadura do Proletariado. Hitler odiava a democracia e lutava contra ela. Stálin odiava a democracia e lutava contra ela. Hitler construía o socialismo. E Stálin construía o socialismo. Sob o título do socialismo, Hitler via uma sociedade sem classes. E Stálin, sob o título do socialismo, via uma sociedade sem classes. No seio das duas sociedades sem classes construídas por Hitler e Stálin floresceu a escravidão, no mais puro sentido da palavra.

Hitler considerava que seu caminho para o socialismo era o único correto, e enxergava os outros caminhos como distorções. Stálin também considerava sua trilha para o socialismo perfeitamente correta, e via as outras trilhas como diversificações da linha principal. Hitler destruiu impiedosamente todos os camaradas de partido, como Röhm e seguidores, quando se desviaram do caminho que ele achava correto. Stálin, com igual impiedade, destruiu todos os que se desviaram da trilha por ele considerada certa. Hitler tinha um plano quadrienal. Stálin tinha um plano quinquenal.

Na Alemanha de Hitler, um partido detinha o poder; os demais estavam atrás das grades. Na União Soviética de Stálin, um partido detinha o poder; os demais estavam atrás das grades. O partido de Hitler situava-se acima da nação, e os líderes dirigiam o país. O de Stálin também se achava acima da nação, e os líderes dirigiam o país.

As datas comemorativas mais importantes, no império de Stálin, eram no primeiro dia de maio e nos dias 7 e 8 de novembro. No império de Hitler, eram no primeiro dia de maio e nos dias 8 e 9 de novembro.

Hitler criou a *Hitler Jugend*, a Juventude Hitlerista. Stálin criou a *Comsomol*, de jovens stalinistas.

O título oficial de Stálin era *Führer*; o de Hitler era líder. Perdão; o de Stálin era líder e o de Hitler, *Führer*. Na tradução, são palavras idênticas. Stálin declarou que os russos eram responsáveis pelos principais avanços científicos e tecnológicos: o balão de ar quente, a locomotiva, o aeroplano, o rádio, etc. Hitler reivindicou o mesmo para os alemães.

Hitler amava estruturas grandiosas. Lançou em Berlim a pedra fundamental do maior edifício do mundo — a Casa da Assembleia. O domo teria 250 metros de diâmetro, segundo estimativas. O saguão principal teria capacidade de abrigar 150 mil pessoas. Stálin também amava estruturas grandiosas. Lançou em Moscou a pedra fundamental do maior edifício do mundo — o Palácio dos Soviéticos. O saguão principal de Stálin seria menor que o de Hitler, mas o edifício seria muito mais alto. A construção, de 400 metros de altura, lembrava um pedestal para a estátua de cem metros de Lênin.

Hitler planejava demolir Berlim, e erguer em seu lugar uma nova cidade, de estruturas gigantescas. Stálin planejava demolir Moscou, e erguer em seu lugar uma nova cidade, de estruturas gigantescas.

Na Alemanha, Hitler era um forasteiro. Nascera na Áustria e só obtivera cidadania alemã pouco antes de assumir o poder. Para a Rússia, Stálin era um forasteiro. Não era russo, nem mesmo eslavo. Ele nascera na Geórgia.

Às vezes, em raras ocasiões, Stálin recebia visitantes estrangeiros em seus aposentos no Kremlin. Todos ficavam admirados com a modéstia do interior: uma mesa simples, um armário, uma cama de ferro, uma colcha de campanha. Hitler ordenou que a imprensa divulgasse fotos de seus aposentos. O mundo se admirou com sua modéstia: uma mesa simples, um armário, uma cama de ferro, uma colcha de campanha. Entretanto, em áreas isoladas, cercadas de estonteante beleza natural, Stálin criou fortalezas residenciais aconchegantes e bem protegidas, em nada parecidas com a cela de um asceta. Hitler também construiu fortalezas residenciais impenetráveis, em áreas isoladas, no meio de maravilhas naturais, sem economizar mármore nem granito.

A mãe de Hitler sonhava em ver o filho ordenado padre. A mãe de Stálin sonhava o mesmo para o filho.

A amada de Hitler, Geli Raubal, era mais de vinte anos mais nova que ele. A amada de Stálin, Nadêjda Allilúieva, era mais de vinte anos mais nova que ele. Geli Raubal suicidou-se, assim como Nadêjda Allilúieva. As circunstâncias sobre a morte de Geli permanecem obscuras. Uma das teorias é a de que foi assassinada por Hitler. As circunstâncias sobre a morte de Nadêjda são misteriosas. Uma das teorias é a de que foi assassinada por Stálin. O instrumento de suicídio (ou assassinato) de Geli Raubal foi um revólver — a arma pessoal de Hitler. O instrumento de suicídio (ou assassinato) de Nadêjda Allilúieva foi um revólver — a arma pessoal de Stálin.

Hitler disse uma coisa e fez outra. Stálin também. Hitler iniciou seu governo com o slogan "A Alemanha quer paz". E tratou de ocupar metade da Europa. Stálin lutava pela "segurança coletiva da Europa", sem poupar meios nem esforços. Mais tarde, tratou de ocupar metade da Europa.

Hitler tinha a Gestapo. Stálin tinha a NKVD (Naródni Kommissariát Vnútrenikh Del) — o Comissariado Popular de Assuntos Internos. Hitler tinha Auschwitz, Buchenwald e Dachau. Stálin tinha o Gulag (Glávnoie Upravlênie Laguerêi) — Administração do Campo de Prisão Principal.*

Hitler engendrou Babi Yar;** Stálin engendrou Katyn.*** Hitler massacrou gente aos milhões. Stálin também matou gente aos milhões.

Hitler não se condecorou com medalhas de honra, nem Stálin. Hitler usava um uniforme semimilitar, sem sinais de distinção, e Stálin usava um uniforme semimilitar, sem sinais de distinção. Pode-se argumentar que, mais tarde, Stálin adquiriu gosto por títulos militares, bastões de marechal e dragonas reluzentes. Isso é verdade, mas Stálin proclamou-se marechal somente em 1943, após a vitória de Stalingrado, quando finalmente ficou claro que Hitler perderia a guerra. Na época em que recebeu o título, Stálin tinha 63 anos. Usou o uniforme de marechal pela primeira vez na Conferência do Teerã, ao se encontrar com Churchill e Roosevelt. Nesse ponto, não podemos comparar Hitler a Stálin, simplesmente porque Hitler não viveu tempo comparável, nem participou de reuniões nem vitórias comparáveis.

Sob todos os outros aspectos, a comparação se encaixa. Stálin não usava barba, mas ostentava o famoso bigode. Hitler não usava barba, mas ostentava o famoso bigode. Qual a diferença? O formato dos bigodes.

A diferença também reside no fato de que as ações de Hitler foram vistas pelo mundo como o maior dos crimes, enquanto as de Stálin foram consideradas como uma luta pela paz e pelo progresso.

O mundo odiava Hitler e condoía-se de Stálin. Hitler conquistou metade da Europa, e o resto do mundo declarou guerra contra ele. Stálin conquistou metade da Europa, e o mundo enviou-lhe saudações. Para certificar-se de que Hitler não ficaria com os países europeus conquistados, o ocidente afundou navios alemães, bombardeou cidades alemãs e depois fez um desembarque maciço e poderoso no continente europeu. Para permitir que Stálin conquistasse e ficasse com a outra parte da Europa,

---

* N.T.: Contração de Kommunistitchéski Soiuz Molodiôji — União da Juventude Comunista.

** N.T.: *Babi Yar* é uma ravina em Kiev, capital da Ucrânia. Em dois dias — 29 e 30 de setembro de 1941 — uma equipe especial de soldados da SS, apoiada por outras unidades alemãs, colaboradores locais e pela polícia ucraniana, mataram 33.771 civis judeus.

*** N.T.: Em abril de 1940, na floresta de Katyn, perto de Smolénsk, 22.500 oficiais poloneses foram executados pela NKVD russa, por ordem de Béria — avalizada por Stálin — com uma bala na nuca, e enterrados em vala comum.

o ocidente deu-lhe centenas de navios de guerra, milhares de tanques e aviões de combate, milhares dos melhores veículos militares e milhões de toneladas do melhor combustível, munição e suprimentos bélicos.

Este livro trata do agressivo empenho de Stálin e de seu papel na trama da Segunda Guerra Mundial — a chacina mais sangrenta da História da humanidade. Talvez alguém se pergunte se, ao expor Stálin, eu não estaria tentando exonerar Hitler. Não, não estou. Para mim, Hitler permanece um criminoso hediondo. Mas se Hitler era um criminoso, isto de modo algum implica que Stálin tenha sido sua vítima inocente, como a propaganda comunista gostava de retratar para o mundo.

Agradecimentos

Planejei escrever este livro quando descobri que a versão soviética da história da Segunda Guerra Mundial era uma farsa e escondia a responsabilidade da URSS no complô para iniciar a guerra. A razão primordial de minha dissidência, em 1978, foi tornar minhas descobertas disponíveis para o povo russo e para o mundo. Desde então, pude publicar vários livros sobre assuntos militares. Todos foram imensamente aclamados no Ocidente, exceto o livro ao qual dediquei toda a vida — *The icebreaker*, publicado em inglês na Grã-Bretanha, em 1990. Esgotou-se rapidamente, mas por razões jamais explicadas, a editora recusou-se a fazer novas tiragens.

Logo ficou claro que a comunidade acadêmica local, bem como o aparelho de propaganda comunista, relutava em aceitar minha nova interpretação da causa da Segunda Guerra Mundial. Todavia, em vez de confrontar meus argumentos, como os soviéticos o fizeram, meus adversários ocidentais escolheram outro tipo de confronto: o silêncio.

Entretanto, o comunismo e a União Soviética caíram. Em 1990, *The icebreaker* foi publicado em russo, em Moscou, e provocou uma grande controvérsia. A primeira edição de *The icebreaker* foi de 320 mil cópias; a segunda, de 1 milhão. Milhares de cópias de meus outros livros sobre o mesmo assunto, incluindo *The day M*, *The last republic*, *The purification* e *The suicide* logo se esgotaram. Dois documentários de televisão, baseados em *The icebreaker*, foram produzidos na Rússia. Dezenas de historiadores russos trataram de explorar os novos horizontes abertos por meu livro. Alguns discutiram e discordaram de minha interpretação de episódios específicos ou detalhes; outros levantaram novas questões e sugeriram novas teorias.

Respostas similares surgiram em ex-países comunistas. Na Polônia, virei celebridade da noite para o dia. Os países bálticos incorporaram minhas descobertas

em seus livros, inclusive de História. O mais importante foi o fluxo de cartas que comecei a receber do mundo todo, a partir de 1990, a maior parte sendo da antiga União Soviética. As pessoas me enviavam pontos de vista e cópias de documentos que sustentavam minha teoria. Muitos desses detalhes, assim como evidências apontadas em publicações recentes, foram incorporados neste livro.

Todavia, após sentir um virtual boicote acadêmico, desisti de publicar meus livros no Ocidente. Em 1999, um homem que se apresentou como Alexei Sóbtchenko, americano de origem russa, procurou-me para saber sobre a versão em inglês de *The icebreaker*. Respondi secamente que não havia interesse no Ocidente por esse livro. Além disso, eu estava ocupado demais para desperdiçar meu tempo perseguindo um objetivo pouco realista. "Bom, provavelmente o senhor deveria escrever outro livro. *The icebreaker* foi escrito para leitores russos, e dificilmente seria entendido por quem não viveu na sociedade comunista soviética", respondeu Sóbtchenko. "Além disso, o senhor escreveu quatro livros depois de *The icebreaker*, e seria uma boa oportunidade de atualizá-los e condensá-los com seus novos achados."

Alexei foi apresentado a Jerry e Leona Schecter, que acharam minhas ideias instigantes. Leona aceitou ser a agente literária deste livro. Com o tempo, eles se tornaram meus amigos e fizeram por este livro muito mais do que um agente literário tem obrigação de fazer. Eu também gostaria de agradecer ao dr. Albert Weeks pelo apoio irrestrito e generoso.

Maria Samoródinova-Erb, que na época era aluna da Universidade da Pensilvânia, ofereceu-se para traduzir o livro para o inglês. Os russo-americanos Vlad Barásh, Leonid Avráshov e Olga Cherny ajudaram na tradução de capítulos adicionais. Serguêi Kharlámov, historiador estabelecido em Moscou, verificou a precisão factual do texto. Yuri Felshtinsky, historiador de Boston, adaptou o texto para leitores ocidentais. Misha Shauli, de Israel, habilmente contribuiu com seu vasto conhecimento sobre a Segunda Guerra Mundial, corrigindo, editando e retraduzindo o texto à medida que este evoluía. Na verdade, o papel de Misha neste livro foi tão importante que, sem o querer, ele acabou tornando-se o editor de *O grande culpado*. O zelo e a atenção da copidesque Jehanne Moharram aperfeiçoaram a edição final e a revisão. Nada disso — desde a primeira versão em russo de *The icebreaker*, até este novo livro — teria sido possível sem o auxílio de minha dedicada esposa, Tatiana.

Muitas vezes duvidei de que este livro seria publicado. Ele não teria sido possível sem a dedicação dos que já mencionei e dos que precisaram manter-se anônimos, por questão de segurança, e que me enviaram novos materiais de referência e detalhes pessoais de relevância. Richard Russell, diretor da Naval Institute Press, foi fundamental para a publicação de *O grande culpado*. A ele e a seus dedicados colegas, sou profundamente grato. Felizmente, ele provou que eu estava errado, ao julgar que a publicação deste livro jamais aconteceria no Ocidente.

Introdução

Completar quebra-cabeças não é do agrado de todos, mas para mim é uma verdadeira paixão. Sinto que sou abençoado, pois dispor corretamente as peças é o meu trabalho. Trata-se de um trabalho extenuante, que exige muita paciência e atenção. No entanto, os ganhos são vastos. Aquele que se lança a essa tarefa desliga-se do mundo ao redor, esquece preocupações, dívidas e indisposições. A odiada face de inimigos e adversários dissolve-se na escuridão. O coração passa a bater calma e regularmente. A mente distancia-se de complôs malignos. A alma liberta-se de pó e fuligem. Não, não sou um arqueólogo que reconstitui um antigo pote egípcio a partir de pedaços de argila, ou um precioso vaso romano com fragmentos de vidro. Tampouco antropólogo, que com um punhado de lascas de osso monta o esqueleto de um caçador de mamutes. Sou um espião. Um técnico do corpo de inteligência, um analista do Diretório Principal da Inteligência do Estado Maior das Forças Armadas Soviéticas (GRU).[1]

Para alguns, o trabalho da inteligência é violento: raptos, mortes, arrombamentos de cofres e roubo de segredos. Para outros, como eu, trata-se de um escritório atulhado de livros e grossas pastas empilhadas até o teto, com papéis que jamais serão organizados. É uma luminária verde sobre a mesa e uma garrafa de café. Os quebra-cabeças em que eu devia trabalhar eram tão imensos que abrangiam mais de cem mil peças. Podem imaginar o desafio? Ninguém, nem mesmo eu, sabia quantos deles estavam na pilha – um, dois ou três? Tudo o que eu sabia com certeza era que faltavam algumas peças e jamais seriam encontradas. Que peças se encaixavam em qual quebra-cabeça? Quais representavam um desvio do objetivo principal? E, então, vinha a tarefa mais importante: preencher as lacunas. Basicamente, é como restaurar um dinossauro gigantesco a partir de um fragmento de osso, ou supor a existência de um planeta na escuridão do espaço, com base em anomalias gravitacionais. Arqueólogos e astrônomos podem

ser facilmente comparados a quem processa informações da inteligência. A diferença é que as descobertas da inteligência raramente são divulgadas.

Você talvez se pergunte como alguém se torna técnico em espionagem. Bem, eu comecei cedo. Tinha onze anos quando entrei para o Exército Soviético. Sete anos de "Academia Militar Suvorov" foram uma dura escola para a vida. Nem todos que a cursaram tornaram-se analistas da inteligência. Aprendíamos a analisar a situação. Davam-nos peças de um enigma. Uma, duas, três peças. O que significariam? A resposta deveria vir de imediato. Por exemplo, o adversário tem uma divisão de tanques aqui, um batalhão de artilharia ali, uma ponte aqui e, por perto, um depósito de munição. Qual seria a sua intenção? O que devemos fazer se naquele momento tivermos um contingente mais forte? E se estivermos mais fracos? Após a formatura, alguns de nós foram escolhidos para a Academia Militar de Alto Comando de Frunze, em Kiev. Essa academia treinava técnicos em espionagem. Em vez de quatro, levei três anos para me formar, e graduei-me com louvor.

Iniciei meus serviços como oficial na pré-Carpácia, depois em parte da Tchecoslováquia. Logo, fui transferido para o distrito militar do Volga, cujo quartel-general ficava em Kúibichev, a capital não-oficial da União Soviética, criada quando Moscou se viu ameaçada pela invasão alemã de 1941. Stálin e as instituições mais importantes do governo encontravam-se em Moscou, mas a grande maioria dos ministérios, embaixadas estrangeiras e missões foram transferidas para Kúibichev. No caso de uma crise, Stálin deveria deslocar-se para lá. Essa capital "reserva" da União Soviética continuou a funcionar em tempos de paz. Todos os dados políticos, econômicos e militares sobre os Estados Unidos e outros países eram processados em Moscou. De maneira simultânea e independente de Moscou, os mesmos dados eram analisados em Kúibichev. Era isso que eu fazia, no posto de chefia.

Na academia fomos ensinados a não confiar em ninguém, questionar todo e qualquer fato, verificar cada detalhe, duvidar de tudo. Se uma centena de agentes secretos relatava determinada ocorrência de um modo, e apenas um relatasse diferente, mesmo sem fazer sentido, deveríamos conversar com ele. Ninguém acreditaria nele nem em você; todos iriam e caçoariam. Mas é assim que grandes descobertas são feitas. É fácil repetir fatos conhecidos, mas é muito mais difícil descobrir algo que ninguém sabe. Se for você a descobrir, será mal interpretado e muito desmentido no princípio. Mas, quando você encontrar provas, convencerá os superiores. Foi exatamente o que fiz, e por isso fui notado. Mandaram-me para a mais secreta academia militar da União Soviética. Chamava-se Academia do Exército Soviético. Era tão secreta que ninguém jamais a mencionava em público. Levei três anos para completar meus estudos lá. O currículo era tão vasto que bem poderia levar 15 anos para ser completado; mas ele era condensado por um motivo: era um teste. Aqueles que não aguentassem o estresse não teriam capacidade de trabalhar na inteligência. O ritmo

era desumano. Éramos inundados com milhares de mensagens, simultaneamente — partes de telegramas secretos, relatórios de agentes secretos, imagens do espaço, fotos de carros em velocidade, fragmentos de conversas gravadas, mapas topográficos amassados e sujos encontrados nos locais de manobras inimigas recentes. Todo esse material devia ser selecionado, analisado e avaliado. E todos sabiam que quem se saísse bem receberia as missões mais interessantes.

Após a formatura, fui enviado para Genebra, capital mundial da espionagem. Meu primeiro cargo foi como Adido da Missão Soviética Permanente nas Nações Unidas de Genebra. Esse era meu título oficial, mas na verdade eu passei quatro anos processando informações para a inteligência.

Na academia, ensinaram-me a perguntar "Por quê?". Ensinaram-me a procurar motivos e a lógica interna de cada fato. Acredito que meus instrutores exageraram, porque comecei a fazer perguntas demais. Por que a União Soviética podia lançar o primeiro satélite ao espaço e enviar para lá o primeiro animal e mesmo seres humanos, mas não podia produzir trigo o bastante para alimentar seu povo? Por que os Estados Unidos eram nossos inimigos? Por que eles não gostavam de nós? E se fôssemos nós que não gostávamos deles? Por quê? Para que queríamos a África? Que interesses tínhamos no Vietnã, em Cuba e no Chile? Já não tínhamos terras suficientes? Teríamos resolvido nossos problemas internos? Se não, por que queríamos dar lições ao resto do mundo?

O líder de meu país dizia aos americanos: "Enterraremos vocês!". Essa era a essência da política externa soviética na época. Estávamos cavando um túmulo para os Estados Unidos e para todos os países do mundo. Nossa política externa era a grande prioridade. Tínhamos mais submarinos nucleares que todos os países do mundo juntos. Tínhamos também mais divisões aéreas, tanques e artilharia de campo. Entupimos o mundo com Kalashnikovs. Ao mesmo tempo, não tínhamos como nos alimentar. Então, ali estava a questão: "Por que enterraríamos os Estados Unidos?". Eles estariam em nosso caminho? Se enterrássemos os Estados Unidos, quem nos alimentaria?

Eu ficava cada vez mais confuso quando tentava responder essas perguntas. Haviam me ensinado a detectar ocorrências estranhas, anomalias, exceções às regras. Um fato estranho que notei: acontecesse o que acontecesse na União Soviética, nossos líderes sempre tentavam esconder os aspectos negativos e exibir os positivos. Na época, não havia empresas privadas na União Soviética. Toda a mídia – e tudo o mais, na verdade – pertencia ao governo. Os jornais relatavam apenas o que fosse vantajoso para o governo. Por exemplo, a mídia divulgava que o crime era quase inexistente, uma vez que ia sendo reduzido sistemática e regularmente. Escreviam que tudo ia bem, a cultura florescia, a qualidade de vida melhorava cada vez mais e logo ultrapassaríamos os Estados Unidos. Impossível achar alguma notícia negativa.

Na noite de 6 de outubro de 1948, a cidade de Ashkhábad foi arrasada por um terremoto avaliado como magnitude 10 na Escala Richter — ou seja, a máxima. O epicentro ficava a apenas vinte quilômetros do coração da cidade. O desastre aconteceu à noite, quando todos dormiam. Tudo foi arrasado instantaneamente; o único prédio que ficou de pé foi a prisão. O resto transformou-se em escombros de tijolo e pedra, e 110 mil pessoas morreram soterradas. Esses fatos vieram a público apenas trinta anos depois. Em 1948, nem um único jornal ou estação de rádio deu a notícia. Nem um único porta-voz do governo comentou o fato. Além disso, quem quer que falasse sobre o terremoto era detido e preso, por "espalhar falsos rumores". E eu me perguntava: por que esconder um terremoto? Assim funcionava o sistema soviético: somos tão bons que sequer temos terremotos.

Sob a mesma premissa, nenhum órgão oficial da União Soviética mencionou o desastre de Chernobil quando ele ocorreu. Os suecos foram os primeiros a dar o alarme. O vento havia soprado a nuvem radioativa da Ucrânia, passando por Bielo-Rússia, Lituânia, Letônia, Polônia e atravessando o Mar Báltico até a Suécia, onde o equipamento de alerta disparou em uma estação nuclear local. Os engenheiros suecos não entendiam por que o equipamento disparara e procuraram o problema na própria estação. Levaram algum tempo para perceber que a radiação estava no ar, trazida por ventos longínquos. Depois que a investigação internacional começou, o governo soviético admitiu que houvera um pequeno acidente na usina nuclear de Chernobil. Ainda assim, os soviéticos alegaram que o acidente era totalmente insignificante; ninguém deveria dar-lhe atenção.

Antes de Chernobil, houve outras catástrofes terríveis nas estações nucleares soviéticas, todas devidamente abafadas. O noticiário soviético exibia as tragédias do mundo, mas silenciava quanto às tragédias russas. Em 24 de outubro de 1960, o comandante militar da Força Estratégica de Foguetes, o marechal de campo M. I. Nedelín, morreu em decorrência da explosão de um foguete. Essa morte não pôde ser mascarada. O comando soviético anunciou-a, mas não revelou quantas pessoas pereceram com ele. Até hoje, 18 anos após a morte do marechal Nedelín, a Enciclopédia Militar Soviética[2] não especifica onde nem como ele morreu. A enciclopédia apresenta uma lista de datas e lugares de nascimento e morte de todos, menos dele.

A Rússia de hoje herdou a tradição de esconder tudo o que é negativo. Quando o submarino nuclear Kursk afundou, não foi possível esconder o fato. As autoridades russas anunciaram que ele estava submerso e que havia sido estabelecida comunicação com os tripulantes; não havia vítimas e uma mangueira bombeava ar para o submarino. Durante uma semana, o governo russo contou histórias sobre como tudo no Kursk corria bem. Mais tarde, descobriu-se que não houvera comunicação com os homens a bordo, e ninguém bombeara ar para eles.

Dei todos esses exemplos para mostrar que essas são as nossas regras e nossa tradição. Mas há uma exceção: o 22 de junho de 1941, dia em que a Alemanha atacou a União Soviética. Essa data é descrita pela propaganda comunista com cores realmente negras. Milhares de livros, dezenas de milhares de artigos e transmissões pelo rádio e pela TV discutiram o flagrante despreparo do Exército Vermelho para a ação militar. Todas as fontes pintaram um Stálin estúpido e covarde, que acreditou em Hitler. Disseram que depois do ataque alemão, Stálin se assustou tanto que se escondeu e não tornou a aparecer. Afirmaram que o exército não tinha bons comandantes, que os tanques eram ultrapassados e os aviões apelidados de "esquifes voadores", que os líderes militares soviéticos eram acometidos de uma terrível incompetência e de uma inexistência de planos de guerra.

Centenas de historiadores ocidentais aceitaram essa versão. Se os próprios russos discutiam sua estupidez, por que não repetir o que diziam? Todo mundo gosta de rir da estupidez alheia. Como resultado, o mundo inteiro gargalhou. Ensinaram-me a procurar incoerências. Ali estava uma, encarando-me de boca aberta. Por que não podíamos falar sobre um terremoto, mas podíamos falar sobre tanques velhos? Por que os soviéticos, que cuidadosamente escondiam enganos, acidentes e catástrofes, fizeram um esforço tão grande para enfatizar os erros de 1941? Por que expusemos o lado negativo de 1941, enquanto escondíamos dados sobre uma colheita fraca? Examinei de perto o modo como nossa história foi escrita, e descobri algo ainda mais curioso. Em 1942, o Exército Vermelho sofreu um desfalque monstruoso, com deserções na Crimeia, perto de Kharkov, Leningrado e Rjev. Nossos livros de História não mencionam isso. Parece-me estranho que fosse aceitável falar sobre as derrotas de 1941, mas não sobre as de 1942.

Olhemos mais adiante. Em julho, agosto, setembro e outubro de 1941, o Exército Vermelho sofreu derrotas esmagadoras perto de Smolensk, Kiev, Uman e Viazma. Nossos livros de História não as mencionaram, e continuam não as mencionando. Qual seria a razão? Quando, onde, e sob quais circunstâncias uma pessoa ou uma nação tentariam provar apaixonadamente que eram ineptos e despreparados para lutar? Encontrei um exemplo. Imagine um assassino na corte, tentando convencer os jurados que não é culpado do crime porque tem problemas mentais, é completamente cego — portanto não pode atirar — e fraco demais para erguer um machado. Ademais, ele diz que não tem nenhuma bala para disparar, sua arma está quebrada e o machado, enferrujado. Não há motivo para alguém se acusar de tolo, fraco e incapaz de fazer qualquer coisa, a não ser para se safar de uma situação em que seria tachado de criminoso.

Foi exatamente assim que a propaganda comunista se comportou ao descrever os eventos de junho de 1941. Historiadores comunistas e mestres da propaganda mobilizaram-se para esconder detalhes que permitiriam aos de fora restaurar a realidade do que acontecia na época. E mostraram ao mundo apenas estupidez e incapacidade.

Por exemplo, os livros soviéticos não deram informações sobre o número de tanques que o Exército Vermelho tinha na época. Disseram apenas que os tanques não eram adequados para as batalhas. Os livros também nada disseram sobre o número de aviões, afirmando somente que eles eram ultrapassados. Decidi então compor o quadro e recriar essa realidade. Tive de recolher todos os cacos, fragmentos e peças espalhados. E resolvi começar de cima. Quantos campos militares existiam na União Soviética de 1941? Pesquisei muitos livros sobre o assunto, mas não achei a resposta. Comecei a coletar informações sobre cada campo militar, individualmente, a fim de juntar as peças mais tarde. O resultado foi assombroso.

Em junho de 1939, quando Hitler era o inimigo, e seu nome era usado para assustar crianças e adultos, a União Soviética tinha dois campos militares. Nenhum deles fora alocado no segmento europeu da União Soviética. Em agosto de 1939, Stálin e Hitler, representados por Molotov e Ribbentrop, assinaram o pacto de não agressão. Afirmaram-nos que Stálin decidira acreditar em Hitler. Confiei nessa informação, mas eis algumas estatísticas: em junho de 1941, a União Soviética tinha 31 exércitos terrestres, sendo 26 alocados na parte europeia do país. Isso me surpreendeu. Embora Hitler fosse considerado inimigo, não possuíamos nenhum exército contra ele, mas tão logo o pacto entre Stálin e Hitler fora assinado, Stálin aumentara o número de exércitos armados de zero para 26, em um período inferior a dois anos; como é que isso se encaixa na história de Stálin confiar em Hitler?

Um corpo de guerra é o segundo nível de um exército. Quantos deles teríamos na época? A resposta está escondida em algum lugar. Há milhares de livros sobre a guerra, mas nunca se menciona o número de corpos de exército na armada vermelha, em junho de 1941. Eu coletei todos os dados, e quando os reuni, de novo me deparei com resultados estarrecedores.

Quantas divisões havia? E o mais importante: onde estavam posicionadas?

Quem analisa uma partida de xadrez quer saber não só o número de peças no tabuleiro, mas principalmente a posição de cada uma. Embora houvesse montanhas de livros sobre a guerra escritos na União Soviética, nenhum exibia um mapa demonstrando a posição das forças soviéticas. No famoso livro do Marechal Jukov, todos os mapas são coloridos. O único que apresenta a posição das forças armadas, no momento do ataque de Hitler, é em preto e branco, além de muito pequeno. A distância que vai do Mar Báltico até o Mar Negro é de apenas seis centímetros. O teatro de guerra entre a União Soviética e a Alemanha poderia ser coberto pela mão de uma criança. Esse mapa indica que o terceiro pelotão, bem como o quarto e o décimo, achavam-se na fronteira alemã. Indica também que havia outros destacamentos, mas nomeia apenas nove dos vinte e seis. Os demais foram omitidos. O mais importante é que a posição dos exércitos não foi indicada no mapa; o lugar onde estavam ficou totalmente obscuro. Como é possível analisar o início de uma guerra, se não se sabe

o número de pelotões e sua posição? Eu estava resolvido a solucionar o enigma, mas por onde deveria começar?

Encontrei um caminho. Era estudante da Academia na época, e nossos professores incentivavam-nos a conduzir pesquisas independentes, a fim de identificar os melhores analistas de espionagem. Aproveitei a situação e escolhi "O Ataque da Alemanha à União Soviética em 22 de Junho de 1941" como título de meu trabalho. Expliquei facilmente meu interesse no assunto, dizendo que fora uma terrível tragédia e que eu queria analisar como a Alemanha havia se preparado para o ataque. "Para que nada parecido aconteça novamente", acrescentei.

O tópico de minha pesquisa foi aprovado e, então, tive acesso aos arquivos secretos. O mais importante para mim eram os arquivos do exército alemão. O Exército Vermelho capturara-os no fim da guerra, transferindo-os de Berlim para Moscou, trancando-os a sete chaves. Quase ninguém tinha acesso a esses arquivos. Fiquei abismado: se Hitler era o agressor, por que não abrir todos os arquivos para o povo russo?

Só podia haver uma resposta: havia algo nesses arquivos que os líderes soviéticos não queriam admitir. Existe um número incrível de documentos alemães nos arquivos de Podólsk, uma aldeia próxima a Moscou. São pilhas e pilhas de caixas, a maioria embalada após o fim da Segunda Guerra Mundial, e jamais aberta.

Eu tinha de tomar muito cuidado para não deixar transparecer meu verdadeiro interesse. Pedi aos arquivistas que me ajudassem a procurar mapas da distribuição dos exércitos alemães. Achamo-los, mas eu procurava algo mais — e acabei encontrando. Um dos mapas exibia o posicionamento de todas as tropas alemãs, logo antes da invasão. E também mostrava a posição de todas as divisões do Exército Vermelho, o modo como a inteligência alemã as havia identificado, dias antes do início da guerra. Era exatamente o que eu queria. Fiz uma cópia deste e dos demais mapas.

O posicionamento das tropas alemãs, para mim, foi um choque. A distribuição das divisões do Exército Vermelho espelhava a posição da armada alemã. A fronteira entre a União Soviética e a Alemanha passava pelo território da Polônia, que Stálin e Hitler haviam dividido entre si. A fronteira era sinuosa, com um bom pedaço de terra soviética projetando-se para dentro do território alemão, tal um promontório comunista avançando no oceano nazista. E havia outra grande faixa de terra alemã que avançava pelo território soviético. A seguir, uma massa de terra soviética avançava novamente pelo território alemão, e ainda outro "promontório" alemão afundava-se no território soviético. A fronteira tinha a forma de duas rodas dentadas. Os dentes vermelhos recortavam a roda marrom de Hitler, e os dentes marrons cortavam a roda vermelha de Stálin.

As forças soviéticas concentravam-se nessas duas grandes porções de terra, dois promontórios que adentravam o território alemão. Divisões alemãs, tanques, artilharia e pistas de pouso e decolagem situavam-se em frente, à esquerda e à direita das soviéticas. Mesmo em tempos de paz, as divisões soviéticas, corpos de guerra e exércitos achavam-se

quase cercados pelos alemães. Sob o ponto de vista defensivo, tal posicionamento das tropas soviéticas era inútil e estúpido. A única coisa que Hitler tinha de fazer era atacar as tropas alocadas na base dos tais promontórios, e as melhores unidades do Exército Vermelho estariam encurraladas. As divisões alemãs também se achavam nos promontórios que adentravam bastante o território soviético. Ficavam quase que cercadas pelos soviéticos, em tempos de paz. Stálin, portanto, poderia fechar a armadilha com igual facilidade. Sob o ponto de vista defensivo, esse tipo de distribuição das tropas alemãs era suicídio puro. Só posso dizer que os alemães não se prepararam para se defender; aprontavam-se para um ataque repentino. E para isso, a posição era-lhes muito favorável.

O Exército Vermelho também se preparava para atacar de repente. Se analisarmos a posição das divisões soviéticas, do ponto de vista ofensivo, não poderemos imaginar outra melhor. Os campos de voo do Exército Vermelho foram transferidos até a fronteira, e os mestres da propaganda comunista caçoavam disso. Diziam: "Vejam quão imbecis são nossos generais soviéticos! Posicionaram os campos de voo de tal modo que podem cair em mãos inimigas logo nas primeiras horas da guerra".

Os campos aéreos alemães também ficavam quase na fronteira. E por que ninguém ria deles? Esse modo de posicionar os exércitos e as forças logísticas não faz sentido, do ponto de vista defensivo. Mas se olharmos do ponto de vista ofensivo, faz todo o sentido do mundo.

Não havia diferença entre a estratégia de Stálin e a de Hitler. Hitler apenas atacou primeiro. Se Stálin tivesse sido o primeiro a atacar, todas as vantagens do posicionamento das tropas alemãs se transformariam em desvantagens.

Para esclarecer o que aconteceu, começarei a história a partir de 1917, quando os comunistas assumiram o poder na Rússia, em vez de 1941, quando Hitler atacou Stálin.

É de direito perguntar se a inteligência alemã cometeu algum erro. E se os alemães tivessem avaliado mal a situação, no verão de 1941? Eu tinha de achar a resposta — e achei. O serviço alemão percebera corretamente a situação, mas não em sua totalidade. O quadro real era muito mais grave. A concentração de tropas soviéticas na fronteira alemã era assustadora; qualquer pessoa pode ver. Basta abrir os diários de generais soviéticos e jogar os dados sobre divisões, corpos de guerra e exércitos alemães em um computador. Cada general soviético descreve sua divisão ou corpo, mas também comenta sobre os vizinhos, sobre unidades superiores e sobre subordinados. Pode levar anos para reunir todos os dados, mas quem o fizer ficará convencido de que eles confirmam o que eu disse antes. O quadro geral era aterrador.

Um simples fato pode servir de prova adicional da agressiva ambição do Exército Vermelho. Mais de sessenta anos se passaram desde que os alemães atacaram a União Soviética, mas nem o governo da moderna Rússia nem o comando geral publicou mapas que demonstrassem o posicionamento de todas as divisões soviéticas em 21 de junho de 1941. Essa informação permanece como segredo de estado.

O mais alto nível de sigilo na União Soviética é de documentos etiquetados como "Altamente Confidencial: Arquivo Especial". Hoje, os arquivos do Kremlin contêm 215 mil "arquivos especiais". Ninguém tem acesso a eles. Acrescente-se que há milhares de documentos etiquetados como "Confidencial", "Altamente Confidencial" e "Altamente Confidencial: de Importância Especial".

Às vezes, o Kremlin tenta mostrar liberalidade e boa vontade, e um pequeno número desses segredos vai a público. São sempre segredos hediondos. Por exemplo, o pacto de cooperação entre o NKVD (Comissariado Popular de Assuntos Internos) e a Gestapo tornou-se de conhecimento público. Foi assinado em 11 de novembro de 1938, por Béria e Müller. Em que áreas poderia haver cooperação entre duas das mais sanguinárias organizações da História mundial? Eis a resposta: em sua grande especialidade – coibindo a liberdade e envolvendo-se em extermínios em massa.

Outro documento que veio recentemente à luz fala de contatos secretos entre Stálin e Hitler, datados de 19 de fevereiro de 1942. Stálin era aliado de Franklin D. Roosevelt e Winston Churchill, e tentava chegar a um acordo com Hitler nos bastidores. Quando tais documentos tornaram-se públicos, ninguém se lembrou de que não passavam de uma gota do oceano. Eram documentos que não causavam embaraço às autoridades. Os demais, que não estão acessíveis a pesquisadores, contêm segredos muito mais assustadores e sinistros.

Não sou historiador, mas acredito que haja muita semelhança entre história e espionagem. Tanto um historiador quanto um agente da inteligência tem de procurar fatos que ninguém conhece ainda. A diferença é que um historiador trataria a União Soviética como um país comum, igual a muitos outros; por isso, usaria os métodos tradicionais da ciência histórica. Considero a União Soviética um conglomerado do crime. Os líderes soviéticos cometeram incontáveis atos de atrocidade contra o próprio povo e nações vizinhas. É por isso que, para mim, a história da União Soviética deve ser estudada sob o método de criminologia e inteligência, não com pesquisas científicas clássicas. Vladimir Bukóvski estava correto ao declarar que políticos e diplomatas ocidentais simplesmente não conseguem entender a motivação dos líderes soviéticos. Se um policial de Manhattan tentasse lidar com eles, captaria de imediato o sentido de seu comportamento. Um policial compreenderia e seria capaz de prever todas as ações e medidas do Kremlin. Quanto a mim, estudo a história da União Soviética segundo o método da espionagem. A primeira regra é: não acredite no que é oficialmente mostrado; procure o que está oculto. Eles procuram provar o "despreparo" da União Soviética para a guerra, mas escondem os planos ofensivos bélicos.

Há documentos que apontam diretamente para o fato de que a União Soviética se preparava para uma ofensiva contra toda a Europa, no verão de 1941. Constatei que um desses documentos achava-se no arquivo central do Ministério de Defesa da Rússia, no setor 16, registro 2.951, pasta 241, páginas 1 a 16. A história é longa; eu

teria de escrever um livro sobre como consegui descobrir a existência de tal documento. Justapondo fatos e indícios, cheguei à conclusão de que em 11 de março de 1941, o marechal Timochenko, mais os generais Jukov e Vassilévski, chefes do Comissariado de Defesa do Povo Soviético, encaminharam a Stálin o plano de invadir a Alemanha. Ambos os generais tornaram-se marechais, dois anos depois.

Falando à BBC em 17 de agosto de 1996, dirigi um apelo aos líderes russos: "Se não têm nada a esconder, publiquem o documento!".

Que mais eles poderiam fazer? Publicaram o documento. O livro, intitulado "1941", saiu um ano e meio depois, em março de 1998. Era uma coleção de documentos, compilada por A. N. Iákovlev, ex-membro do Birô Político do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética; E. T. Gáidar, ex-líder do governo russo; E. M. Primakóv, ex-chefe do serviço de inteligência externa (mais tarde, líder do governo russo) e muitos outros políticos respeitáveis.

A resposta a meu pedido público de divulgar o documento veio quase imediatamente, embora os documentos ainda tivessem de ser coletados, e o livro, preparado para impressão. O documento em questão pode ser encontrado na página 741 do primeiro volume. Comecei a lê-lo com empolgação. Mas o que era aquilo? Das 16 páginas, apenas 5 foram publicadas. O documento começa descrevendo o exército alemão, com especulações sobre as intenções do comando germânico. É tudo. Assim que entra na descrição das forças do Exército Vermelho e nos planos da União Soviética, surge um colchete em negrito, seguido por uma elipse e outro colchete. A seguir, veem-se as assinaturas do marechal Timochenko e dos generais Jukov e Vassilévski. O documento para no momento mais interessante.

Dois volumes foram recheados de lixo, de documentos totalmente insignificantes. Os líderes da antiga União Soviética já não tinham mais papel na hora de publicar os planos de guerra. Políticos russos, respeitáveis, agem como pequenos gângsteres. O ardil é antigo: tomam-se papéis muito bem cortados, que são postos entre notas verdadeiras de dinheiro, para dar a impressão de grande volume. Foi exatamente desse modo que apresentaram a coleção de documentos que chamaram de "1941". Parece uma publicação séria, solidamente encadernada, com papel de alta qualidade, e nomes de autores respeitáveis na capa. Muitas frases vazias, de pouca importância, para desviar a atenção do leitor, mas sem conteúdo algum.

Aproveito a oportunidade para repetir meu pedido: autoridades da Rússia, publiquem o documento CA Madri RF, H. 16, R. 2951, C. 241, páginas 1 a 16. Digo-lhes mais: abram os arquivos de guerra! Sessenta anos se passaram desde a invasão alemã. Aconteceu na *primeira metade do século passado*. Por que os arquivos ainda estão fechados? O que vocês estão escondendo do mundo?

Enquanto não pararem de enganar o mundo com artimanhas políticas, serei forçado a usar métodos de inteligência militar para estudar a História do século XX.

1

A luta pela paz e seus resultados

Apoiamo-nos inteiramente na esperança de que nossa revolução desencadeie a revolução europeia. Se o povo sublevado da Europa não esmagar o capitalismo, sem dúvida alguma seremos nós os esmagados. Ou a revolução russa criará uma tempestade de lutas no ocidente, ou os capitalistas de todos os países sufocarão nossa revolução.

Leon Trótski, *em discurso durante a tomada de poder; terceiro discurso no Segundo Congresso dos Sovietes de toda a Rússia, em 26 de outubro de 1917*

A Primeira Guerra Mundial terminou em 11 de novembro de 1918. Quarenta e oito horas depois, na manhã de 13 de novembro, já existiam movimentações para tentar dar início a uma segunda guerra. Nessa época, o conceito e os nomes "Primeira Guerra Mundial" e "Segunda Guerra Mundial" ainda não existiam. Por ter se configurado como uma colisão de impérios gigantes, a guerra de 1914 a 1918 era conhecida como "Guerra Imperialista". Era também chamada Grande Guerra, porque havia ultrapassado todos os conflitos anteriores em tamanho, despesas e número de participantes. Nenhuma guerra anterior havia tido tantos *fronts* de combate, batalhas tão grandiosas, perdas tão maciças ou consequências sociais e econômicas tão significativas. A crueldade dessa carnificina em escala global era tão evidente que a maioria esmagadora das pessoas considerava que repetir tamanha loucura seria impossível. Por essa razão, a guerra de 1914 a 1918 tinha outro nome, que se perdeu para sempre — a Última Guerra. Muitos acreditaram que o sangrento absurdo da Grande Guerra aquietaria os participantes e erradicaria de uma vez o desejo de luta.

Entretanto, existia na Rússia um pequeno grupo que sonhava com uma segunda guerra mundial que fosse ainda mais cruel, em que o sangue derramado abrangeria

não só a Europa e parte da Ásia, mas todos os outros continentes. Essas pessoas se autodenominavam bolcheviques, ou comunistas. Vladimir Lênin liderava o grupo e dizia que sua organização era um partido político. Todavia, a infraestrutura, as táticas e estratégias do grupo de Lênin não se assemelhavam a um partido político, mas a um culto pequeno, bem organizado e conspiratório. O partido de Lênin tinha uma estrutura perceptível e, paralela a esta, uma organização secreta e invisível. Tal como uma organização mafiosa, o partido de Lênin contava com associações e obrigações inteiramente abertas e legais, aliadas a uma força unificadora secreta que sempre ficava nas sombras. De um lado, representantes do partido de Lênin ocupavam espaços no parlamento russo (a Duma). Do outro, Lênin e seus seguidores acreditavam que as reservas do partido deviam crescer a qualquer custo, incluindo roubo a bancos. Alegavam que não havia nada errado se, durante os roubos, certas baixas fossem registradas, desde que o objetivo mais importante — manter dinheiro em caixa — fosse atingido. Desse ponto de vista, o culto de Lênin deve ser considerado uma gangue criminosa, não um partido político de qualquer espécie.

Os líderes desse culto escondiam os nomes verdadeiros. Lênin, Trótski, Stálin, Zínoviev, Kamenev, Molotov e Kírov: tudo isso é pseudônimo. Todos tinham bons motivos para não revelar os nomes verdadeiros. Por exemplo, sob o nome "Stálin" escondia-se um assaltante de bancos cujo verdadeiro nome era Djugachvíli, e a quem era confiada a tarefa de manter o cofre do partido cheio.

Lênin e sua gangue trabalharam para prolongar a Primeira Guerra Mundial o máximo possível. Já em setembro de 1916, no auge da guerra, Lênin declarou que uma única guerra mundial talvez fosse insuficiente; a humanidade poderia precisar de outra, de escala igual ou ainda mais destrutiva. Alegava que a guerra é a mãe da revolução, e a guerra mundial era a mãe da revolução mundial. Quanto mais durasse a guerra, quanto mais sangue e destruição ela trouxesse, mais depressa a revolução aconteceria. Se uma revolução mundial não surgisse como resultado de uma primeira guerra mundial, uma segunda guerra se fazia então necessária.

O partido de Lênin não só era o mais militarista do mundo, como o mais amante da paz. Em 1914, quase todos os partidos políticos dos países em conflito votaram em massa, em seus respectivos parlamentos, a criação de créditos de guerra. O partido de Lênin estava entre as raras exceções. Aliado a um outro ramo dos Sociais-Democratas Russos — os mencheviques — o partido de Lênin votou contra o aumento de despesas militares, apesar da clara compreensão de que em tempos de guerra as despesas militares não podem ser as mesmas que em tempos de paz. Em 26 de julho de 1914, em uma sessão de emergência da Duma, bolcheviques e mencheviques deixaram o congresso "em protesto contra a insanidade militar vigente".

O partido de Lênin deu início a uma campanha sem precedentes pela paz. Entre setembro e outubro de 1917, o partido bolchevique tinha 75 jornais e revistas, com

tiragem diária estimada em cerca de 600 mil cópias. Todas essas publicações advogavam a paz imediata. Os comunistas distribuíam seus impressos gratuitamente nas ruas, fábricas, quartéis militares e nas trincheiras dos *fronts*. Além de jornais e revistas, o partido de Lênin imprimia milhões de livros, brochuras, panfletos e proclamações. Os soldados eram instados a estabelecer relações amistosas com o inimigo, em vez de atirar neles. *Slogans* comunistas incitavam as tropas: "Deponham as armas!", "Voltem para casa!", "Vamos transformar a Guerra Imperialista em Guerra Civil!".

No outono de 1917, sob a liderança de Leon Trótski e Vladimir Lênin, os comunistas realizaram um golpe e tomaram o controle da capital do império russo, Petrogrado (antiga, e atual, São Petersburgo). Pela primeira vez na história do mundo, um grupo de pessoas vivendo e trabalhando sob nomes falsos ganhara o controle da capital de um grande país. A maior parte das nações não reconheceu a nova autoridade como legítima. As únicas exceções foram países que estavam em guerra com a Rússia, a Alemanha e o Império Austro-Húngaro. Só o inimigo reconhecia a autoridade de Lênin. Dinheiro alemão era transferido secretamente para o partido de Lênin, antes e depois do golpe.

Momentos depois que o novo poder tomou posse, o primeiro documento oficial — o Decreto de Paz — foi redigido e assinado. O exército e a marinha imediatamente cessaram as atividades militares, e cada regimento elegeu seu comitê de soldados. Os representantes de cada regimento começaram as conversas para chegar à paz com o inimigo. Não davam atenção aos comandantes de regimento ou de divisão, nem mesmo aos de alto escalão. No começo, cada regimento — e, mais tarde, cada batalhão — designaram de modo independente as condições de paz, sem levar em consideração as exigências dos demais batalhões. O exército russo esfarelou-se em centenas de regimentos incontroláveis e milhares de batalhões, deixando assim de existir como organismo coeso e unificado. A linha de frente entrou em colapso; não sobrara ninguém para defender a Rússia. Imediatamente após o decreto de paralisar a luta, Lênin e seus homens instituíram comitês para desmobilizar e afastar o exército russo.

Nenhuma grande nação havia desmantelado o exército voluntariamente em tempos de paz. Entretanto, Lênin e Trótski acabaram com sua armada no auge da Primeira Guerra Mundial, quando a vitória estava ao alcance da mão. A posição alemã já não tinha condições nessa época e estava quase sem recursos naturais. A Alemanha e seus aliados haviam sido bloqueados e não tinham uma rota marítima de suprimentos. Já os recursos naturais da Rússia eram ilimitados. Na luta contra a Alemanha, a Rússia tinha como aliados dois impérios coloniais poderosos, a França e a Inglaterra. Em abril de 1917, os Estados Unidos uniram-se ao conflito e declararam guerra à Alemanha. Contra esses formidáveis adversários, a Alemanha não tinha como vencer. Tudo o que a Rússia teria de fazer era aguardar pacientemente que a Alemanha implorasse pela paz.

Em vez disso, o que aconteceu foi algo que nem mesmo o Kaiser alemão teria sonhado. O exército russo, sob as ordens de Lênin e Trótski, abandonou as trincheiras e voltou para casa. Milhares de armas, morteiros, metralhadoras, toda a artilharia menor e um imenso arsenal de munição, uniformes e suprimentos foram deixados nas linhas de frente. O "Decreto de Paz" de Lênin foi um ato de plena capitulação diante da Alemanha. A partir desse momento, a frente de batalha oriental deixou de existir. A Alemanha teve a chance de concentrar os esforços na fronteira ocidental e lutar contra os ex-aliados da Rússia. Ao adotar o "Decreto de Paz", a Rússia traiu seus aliados. Lênin e Trótski, de um só golpe, tiraram a Rússia da guerra e tornaram-se objeto da gratidão da Alemanha.

Apesar do recuo russo, a situação da Alemanha e do Império Austro-Húngaro continuava a piorar. Uma greve geral eclodiu na Áustria-Hungria, em janeiro de 1918. Nesse mesmo mês, outra greve geral estourou na Alemanha. Os dois países encontravam-se à beira do caos, mas os comunistas russos trouxeram-lhes a salvação. A fim de permanecer lutando por tanto tempo quanto fosse possível, a Alemanha precisava de recursos estratégicos em grande quantidade. Mais uma vez, Lênin e Trótski socorreram o Kaiser Guilherme, assinando o Tratado de Brest-Litovsk em março de 1918. Os comunistas russos, sem luta, entregaram cerca de um milhão de quilômetros quadrados de seu território aos alemães. Cinquenta e seis milhões de pessoas — aproximadamente um terço da população russa — habitavam essas terras. A área ocupada compreendia mais de um quarto das terras cultivadas da nação, 26% das ferrovias e grandes complexos industriais. Setenta e três por cento do ferro e do aço da Rússia eram fundidos nessa área, e 89% do carvão russo eram minerados lá.

Mais importante ainda: essas eram as terras mais férteis da Rússia. Assim começou a exportação maciça de alimentos para a Alemanha. Um acordo financeiro, assinado em 27 de agosto de 1918, estipulava que a Rússia se obrigava a pagar à Alemanha, a título de compensação, um total de 6 bilhões de marcos.[1] Sem esse belo presente, a Alemanha não teria resistido até novembro de 1918.

Os comunistas orgulham-se de seu amor à paz. Entretanto, a teimosia com que lutavam pela paz passa muito longe do bom senso, a ponto de levantar suspeitas. Em nome da paz, Lênin e Trótski sacrificaram 56 milhões de russos, sem considerar seus desejos ou suas necessidades. De que valia a paz para essa gente se sua pátria era ocupada por estrangeiros? Em nome da paz, Lênin e Trótski abriram mão das terras mais férteis da Rússia, o que levou a fome aos demais territórios. Sem pão, carne, ouro, ferro, aço nem carvão, a Rússia não podia existir. De que vale uma paz que traz morte à nação?

Estava claro que a Alemanha não poderia continuar lutando bem em duas frentes, mas a derrota da Alemanha significaria o fim da guerra. Consequentemente, a tarefa de Lênin para prolongar a guerra era criar uma situação em que a Alemanha lutasse em apenas uma frente. Com esse propósito, ele tirou a Rússia da guerra. A

ideia era simples: deixar que a Alemanha e o Império Austro-Húngaro lutassem contra a Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos; deixar que esses países ficassem desgastados. Mais importante, não permitir que a chama da guerra se extinguisse. A Rússia ficaria de lado e jogaria lenha na fogueira. Enquanto a "paz" era feita em Brest-Litvosk, sob ordens de Lênin, em Petrogrado fervilhavam preparações intensivas para a revolta contra o governo alemão. Os revolucionários publicaram na Alemanha meio milhão de cópias de um jornal comunista, *Die Fackel* (A Tocha). Mesmo antes de o Tratado de Brest-Litvosk ser assinado, em janeiro de 1918 formou-se uma organização comunista alemã em Petrogrado, a *Spartakus*. Os jornais *Die Weltrevolution* (A Revolução do Mundo) e *Die Rote Fahne* (A Bandeira Vermelha) nasceram não na Alemanha, mas na Rússia, sob ordens de Lênin, enquanto ele cuidava da paz com o governo alemão. O comunismo aprofundou as raízes na Alemanha, nos anos 1920. Parte do crédito deve-se a Lênin, que alimentava a instabilidade da política alemã, precisamente ao mesmo tempo em que negociava o tratado de paz com o governo alemão. Enquanto a Alemanha administrava uma campanha militar desesperada e devastadora no ocidente, Lênin subvertia seu sistema político.

Enfim, a Primeira Guerra Mundial terminou. Em novembro de 1918, a Europa encontrava-se exatamente como os líderes do Kremlin esperavam. As dificuldades econômicas causadas pela guerra atingiram o limite em todas as nações. A Europa encarava uma crise sem precedentes, que englobava todas as camadas, incluindo economia, política e ideologia. A Alemanha admitiu a derrota. A monarquia desabou. Fome e anarquia imperaram no país.

Justamente então, evaporou-se o amor de Lênin e Trótski pela paz. O governo da Rússia Soviética emitiu, em 13 de novembro de 1918, uma ordem para o Exército Vermelho iniciar operações ofensivas contra a Europa.

Um exame dos protocolos de qualquer uma das incontáveis reuniões e congressos do período revela que a única pauta das agendas era a Revolução Mundial. O objetivo dos soviéticos afunilou-se em um só: instalar o comunismo no continente europeu. Em poucos dias, o Exército Vermelho avançou pelos países bálticos. O governo comunista da Estônia foi formado em 29 de novembro; o da Letônia, em 4 de dezembro. Seguiu-se ao da Lituânia, em 8 de dezembro de 1918. Em 17 de dezembro, um manifesto publicado em Riga apontava a Alemanha com o o próximo objetivo da ofensiva. A meta mais importante da operação: fomentar uma nova guerra mundial.

O cálculo de Lênin era preciso: desgastado pela Primeira Guerra Mundial, o império alemão achava-se incapaz de suportar a pressão de uma outra guerra. Ora, a guerra termina com o esmagamento de um império, seguido por uma revolução. Na combalida Europa, dos escombros dos velhos impérios, erguer-se-iam países comunistas, notavelmente semelhantes ao regime bolchevique. Lênin entrou em êxtase: "Estamos no limiar da revolução mundial!".

2

Primeiras tentativas de desencadear a Segunda Guerra Mundial

O Ocidente, cheio de canibais imperialistas, tornou-se um viveiro de trevas e escravidão. Nossa tarefa está em destruir esse viveiro e trazer felicidade e consolo a todas as nações de trabalhadores.

Joseph Stálin, Moscou, 15 de dezembro de 1918

Como resultado da Primeira Guerra Mundial, a Europa encontrou-se numa situação que os comunistas chamaram de revolucionária. Em 1918, formaram-se partidos comunistas em muitos países europeus. Em Kiel, a marinha alemã convocou uma greve em 3 de novembro de 1918. Dois dias depois, a greve se espalhou por todo o norte da Alemanha e, em 7 e 8 de novembro, atingiu as principais regiões industriais e a capital, Berlim. As greves eram reprimidas ou extinguiam-se por si mesmas, mas em janeiro de 1919 nasceu uma república soviética em Bremen. A República Soviética Húngara foi criada em março. Em abril, a República Bávara Soviética veio na esteira. Seguindo o exemplo soviético, essas nações comunistas formavam exércitos vermelhos e esquadrões policiais secretos, que se autodenominavam "comissões extraordinárias para combate à contrarrevolução". Tais comissões extraordinárias rapidamente inauguraram o reino do terror contra todas as camadas da sociedade e os Exércitos Vermelhos atiraram-se em guerras revolucionárias para "libertar" as nações vizinhas. Parte do Exército Vermelho húngaro marchou para a Eslováquia e, em 20 de junho de 1919, anunciou a criação da República Soviética Eslovaca. Um governo comunista foi imediatamente formado, instituindo a política de nacionalização de todas as terras e abolição da propriedade privada. Nacionalizaram-se empresas comerciais, bancos e sistemas de transporte; e para silenciar as vozes descontentes, criou-se o Exército Vermelho eslovaco, bem

como uma Comissão Extraordinária. Ao mesmo tempo, a Ucrânia Soviética declarou guerra à Romênia e iniciou os preparativos para avançar a oeste, a fim de ligar-se à Hungria Soviética.

Lênin e Trótski prepararam-se para estabelecer o comunismo na Ásia, assim como na Europa. Em 5 de agosto de 1919, Trótski escreveu um memorando secreto, argumentando que "o caminho para Paris e Londres passa por cidades do Afeganistão, por Punjabi e Bengala". E propôs "preparar a marchar rumo à Índia, a fim de ajudar a revolução indiana". Para atingir essa meta, Trótski disse ser necessário formar um "centro de comando político e militar para a revolução asiática, e uma academia de revolução", nos Urais ou Turquestão, onde um corpo de guerra especial de 30 a 40 mil cavaleiros seria "solto na Índia", a fim de ajudar os "revolucionários nativos".

Mas a guerra civil irrompera na Rússia e desviara os esforços de desencadear uma segunda guerra mundial em 1918 ou 1919. Os maiores contingentes do Exército Vermelho engajaram-se em lutas internas contra os que se opunham ao comunismo. Lênin e Trótski não tinham como enviar auxílio às nações comunistas que brotavam na Europa central, tampouco podiam enviar o Exército Vermelho rumo à Alemanha.

Em 1919, em Moscou, Lênin e Trótski criaram a Internacional Comunista, abreviada para Comintern. Essa organização definia-se como "quartel-general da revolução mundial". O objetivo da Internacional Comunista era a criação de uma "República Socialista Soviética Mundial". Assim começou o processo de criar e fortalecer partidos comunistas em todos os continentes. Tais partidos constituíam braços da Internacional Comunista e a ela estavam subordinadas.

Supostamente, todos os partidos comunistas do mundo, incluindo o da Rússia, eram do mesmo nível. Todos contribuíam para o banco comunal da Internacional Comunista. Delegados de todos os partidos comunistas do mundo organizavam congressos, desenvolviam estratégias e táticas, e elegiam um grupo líder comum — o Comitê Executivo da Internacional Comunista. Esse órgão supervisionava todos os comunistas do mundo. Oficialmente, o partido comunista da Rússia era um braço da Internacional Comunista, em pé de igualdade com os demais partidos, e sujeito a aceitar as decisões formuladas em comum.

Entretanto, na prática, a realidade era bem outra. Todos os fundos da Internacional Comunista advinham das reservas de ouro da Rússia Soviética. Todos os partidos comunistas do mundo eram subsidiados por Moscou, e só podiam existir por meio do financiamento do Kremlin. A própria Internacional Comunista foi criada com fundos do Kremlin; seus líderes viviam e trabalhavam em Moscou, sob o rígido controle da polícia secreta soviética. Todas as diretrizes saíam do Kremlin. E eram escolhidos apenas aqueles que concordavam com os líderes do Kremlin e obedeciam às suas ordens sem discutir.

A Internacional Comunista era única. Nunca a história vira nada parecido. Em praticamente todas as nações do mundo, do Japão ao Uruguai e ao Chile, surgiam partidos comunistas cuja linha de conduta era ditada por Moscou. Em muitos casos, os delegados dos partidos comunistas desses países eram membros de sindicatos, do corpo legislativo e, por vezes, até mesmo membros da administração. Mas esse era apenas o lado visível das atividades da Internacional Comunista.

Ao mesmo tempo, os comunistas instigavam não só a luta aberta como a luta secreta. Em poucas linhas, resumiam-se a postular o seguinte:

- O velho mundo deve ser destruído; um novo mundo tomará seu lugar.
- Para destruir o velho mundo e construir um novo, é necessário conquistar poder político. Este objetivo requer o uso de quaisquer medidas, desde a mais pacífica até a mais violenta, da mais aberta até a mais secreta.
- A luta pelo mundo novo não deve se limitar à escala nacional, mas à mundial. Os interesses da Revolução Mundial são mais importantes que os de cada nação.

Cada indivíduo que se unia ao Partido Comunista aceitava essa ideologia, concordando em lutar contra os interesses do próprio país, se necessário, e lançar mão de quaisquer métodos, incluindo operações violentas e veladas. De repente, o serviço de inteligência da União Soviética recebeu legiões de voluntários de praticamente todas as nações. Bastava selecionar os mais competentes, treiná-los, financiá-los e confiar-lhes missões que incluíam lutar contra a própria pátria e contra o próprio governo.

Na década de 1920, a inteligência soviética tornou-se, de maneira súbita, a mais poderosa organização de espionagem do mundo. Milhares de alemães, checos, húngaros, americanos, ingleses, japoneses e franceses trabalhavam com altruísmo em nome de um brilhante futuro para a humanidade. Na realidade, estavam trabalhando para os interesses do Kremlin.

O Tratado de Versalhes foi assinado em 28 de junho de 1919, estabelecendo a paz entre a Alemanha e os aliados vitoriosos. Os vencedores, como sempre, apareceram em grande número. Além da Grã-Bretanha, Estados Unidos e França, havia Bolívia, Guatemala, Haiti, Cuba, Equador, Honduras, Libéria, Nicarágua, Panamá, Peru, Uruguai e muitos outros. Mesmo assim, o Tratado de Versalhes era na verdade um acordo entre a Alemanha derrotada e as vitoriosas França e Grã-Bretanha, que contavam com o apoio total dos Estados Unidos.

As condições ditadas pelos aliados em Versalhes exigiam do país subjugado um desarmamento praticamente completo. Todo e qualquer recrutamento militar foi abolido na Alemanha; fixou-se o número de forças armadas em cem mil; o estado-maior e as academias militares foram dispersos. O tratado proibia a criação de um

novo estado-maior e de novas academias. As forças armadas só poderiam ser reunidas por meio de alistamento voluntário e utilizadas apenas para manter a segurança e ordem interna. A frota naval de superfície foi drasticamente reduzida; a de submarinos, totalmente abolida. A maioria das fortificações alemãs deveria ser explodida. A Alemanha perdia o direito de possuir artilharia pesada, tanques, submarinos e aviões (incluindo dirigíveis). O país foi proibido de ter ou projetar armas químicas, e todo o suprimento de gás venenoso foi destruído. O tratado também proibia estritamente a importação alemã de quaisquer armamentos ou materiais bélicos. A produção de armas na Alemanha passou a ser controlada internacionalmente.

A Alemanha perdeu 67.273 quilômetros quadrados — um oitavo de seu território — com uma população de 5.138.000 pessoas. Perdeu também todas as colônias. Navios mercantes com capacidade acima de 1.600 toneladas de deslocamento foram confiscados, bem como metade dos navios mercantes com mais de mil toneladas de deslocamento, um quarto da frota pesqueira e um quinto da frota fluvial. A Alemanha também deveria construir navios mercantes para os aliados, nos cinco anos seguintes, totalizando 200 mil toneladas de deslocamento por ano. Era obrigada a abastecer a França com até 140 milhões de toneladas de carvão, a Bélgica com 80 milhões de toneladas e a Itália, com 77 milhões de toneladas. Também deveria transferir aos vencedores metade de suas tintas e produtos químicos não-militares, e dar-lhes até um quarto de sua futura produção até 1925.[1] Os aliados ganharam o direito de usar os portos alemães, as ferrovias e hidrovias, em termos bastante vantajosos. Além de tudo isso, a Alemanha foi forçada a pagar quantias astronômicas de compensação.

O Tratado de Versalhes não só era extremamente injusto e humilhante para a Alemanha, como também era ineficaz e não continha nenhuma base para uma paz duradoura. O Tratado de Versalhes continha apenas as sementes da Segunda Guerra Mundial. Lênin foi o primeiro a compreender que a Primeira Guerra Mundial deixara um duro legado. As nações vitoriosas, especialmente a França, exageraram nas exigências de reparação por parte da Alemanha. Forçada a realizar pagamentos descomunais aos vencedores, a Alemanha viu-se diante de uma crise econômica aguda, e seu povo conheceu a fome, a pobreza e a constante adversidade.

Lênin foi o primeiro a entender que o Tratado de Versalhes era uma bomba prestes a explodir na Europa. A Alemanha jamais aceitaria a paz, devido à parcialidade do pacto; sempre haveriam aqueles que se oporiam ao tratado, que invocariam a vingança e incitariam à ação. Em 15 de outubro de 1920, Lênin declarou: "A ordem mantida pelo tratado de paz de Versalhes acha-se sobre um vulcão, pois 70% da população escrava mundial aguarda ansiosamente alguém que inicie a luta por sua libertação e que abale as fundações de seus países".[2]

Lênin não sabia que, de algum modo, esse alguém já havia surgido. Seu nome era Adolf Hitler. Em setembro de 1919, esse homem uniu-se ao Partido dos Trabalha-

dores Alemães sob o número 007, e começou a lutar contra o Tratado de Versalhes. Essa luta ele chamou de "Minha luta" — *Mein Kampf*.

Em 1920, os comunistas russos empreenderam uma segunda tentativa de desencadear a Segunda Guerra Mundial, arrasando a Polônia e entrando na Alemanha. Embora as condições mais favoráveis para a revolução já tivessem diminuído, em 1920 a Alemanha ainda era um palco aceitável para lutas de classe. O país achava-se desonrado e em ruínas. Seus ideais, além de corrompidos, eram objeto de zombaria. A crise econômica era dura e cruel; em março de 1920, a Alemanha sofreu uma greve geral, cuja estimativa de participantes ultrapassava os 12 milhões. A Alemanha era um barril de pólvora à espera de uma única fagulha. O Exército Vermelho deveria ser essa fagulha. O humor de suas tropas refletia-se em suas canções e marchas. Uma das marchas soviéticas mais populares de 1920 dizia o seguinte: "Tomamos Varsóvia, deem-nos Berlim!". Uma concorrente da marcha não-oficial do Exército Vermelho era outra música de 1920, chamada "Exército Branco, Barão Negro", com estes versos famosos:

> Alimentando o fogo do mundo,
> Nivelaremos igrejas e prisões
> Pois da vasta taiga aos mares britânicos
> Nada é mais poderoso que o Exército Vermelho.

No verão de 1920, a frente ocidental do Exército Vermelho, sob a liderança do implacável General Mikhail Tukhatchévski, começou a avançar com o objetivo de esmagar a Europa. Excertos da ordem 1423, dada à frente ocidental em 2 de julho de 1920, anunciavam: "Combatentes da Revolução dos Trabalhadores! O destino da Revolução Mundial será decidido no Ocidente. O caminho do fogo mundial acha-se sobre o cadáver da Polônia Branca (anticomunista). Nossas baionetas levarão felicidade e paz ao povo trabalhador do mundo. Rumo ao Oeste! Para batalhas decisivas e vitórias retumbantes!".[3]

Nos dias em que o Exército Vermelho avançava rumo às cidades polonesas de Varsóvia e Lvov, um segundo congresso da Internacional Comunista acontecia na Rússia. O quartel-general da Revolução Mundial emitiu uma convocação:

> Irmãos — Combatentes do Exército Vermelho, vocês sabem que sua luta contra os escravizadores poloneses é a guerra mais justa da história. Vocês estão lutando não só pelos interesses da Rússia Soviética, mas pelos de toda a humanidade trabalhadora, pelo interesse da Internacional Comunista... A Alemanha Soviética, unida com a Rússia Soviética, logo vai se tornar mais poderosa que todos os poderes capitalistas combinados! A Internacional Comunista declarou que a meta

da Rússia Soviética é também sua meta. O proletariado internacional somente embainhará a espada quando a Rússia Soviética unir a Federação das Repúblicas Soviéticas do Mundo em uma conexão integral.[4]

Em 23 de julho de 1920, diretamente do congresso da Internacional Comunista, Lênin telegrafou a Stálin, na frente polonesa: "Situação notável da Internacional Comunista. Zínoviev, Bukhárin e eu acreditamos que seria apropriado encorajar uma revolução na Itália. Minha opinião é que, para isso, a Hungria terá de ser sovietizada, possivelmente com a Tchecoslováquia e a Romênia".[5] Em uma conversa com os delegados franceses no congresso, Lênin foi mais direto ainda: "Sim, as tropas soviéticas estão em Varsóvia. Logo a Alemanha será nossa. Conquistaremos a Hungria de novo; os Bálcãs se erguerão contra o capitalismo. A Itália tremerá. E a tempestade atingirá exatamente o ponto que une a Europa burguesa".[6]

O Exército Vermelho entrou em território polonês e, na primeira cidade ocupada, anunciou imediatamente a criação da RSSP — República Socialista Soviética Polonesa.[7] Felix Dzerjínski, polonês e líder da polícia secreta soviética, foi o primeiro governante da RSSP. Ao fim do segundo congresso da Internacional Comunista, Varsóvia achava-se quase cercada pelas unidades do Exército Vermelho. Antes do contra-ataque polonês, o Exército Vermelho atravessou o Rio Vístula, nas proximidades de Wloclawek — a 360 quilômetros, ou dez dias de marcha, de Berlim.[8]

Não havia fronteira comum entre a Rússia Soviética e a Alemanha. A fim de iniciar a fogueira da revolução, era necessário derrubar a barreira divisória — a Polônia. Em 22 de setembro de 1920, Lênin falou na 9ª Conferência do Partido Comunista Russo, e descreveu com crueza a lógica que guiava o caminho dos bolcheviques: "A guerra defensiva contra o capitalismo terminou; nós vencemos... Agora vamos tentar atacar e ajudar na sovietização da Polônia... Estabelecemos uma tarefa para nós mesmos: tomar Varsóvia... Acontece que não apenas o destino de Varsóvia está sendo decidido, mas o de todo o Tratado de Versalhes".[9]

Para a infelicidade dos comunistas, Tukhatchévski, que não entendia de estratégia, achava-se no comando das tropas soviéticas. Seus homens foram esmagados perto de Varsóvia e fugiram, desacreditados. No momento crítico, Tukhatchévski não dispunha de reservas estratégicas, e isso foi decisivo no resultado da grandiosa batalha. Dessa vez, a Europa teve sorte. Os comunistas soviéticos tiveram de adiar a revolução europeia até 1923.

3

O primeiro contato

> Se algum abalo revolucionário estiver para começar na Europa, será na Alemanha... e a vitória da revolução na Alemanha garantirá a vitória da revolução internacional.
>
> ***Joseph Stálin**, Obras*

A queda do exército de Tukhatchévski na Polônia, no verão de 1920, gerou consequências desagradáveis para os comunistas russos. O povo russo que, ao que parecia, eles haviam conseguido afogar em sangue e submeter ao seu completo domínio, subitamente fez uma última tentativa de se livrar da ditadura comunista. Nessa época, Lênin e Trótski faziam preparativos para dar início a uma nova guerra mundial. Em 22 de dezembro de 1920, Lênin declarou aos camaradas de partido: "Terminamos uma sequência de guerras; devemos nos preparar para a segunda".[1] Lênin estava pronto para qualquer sacrifício em nome da guerra: "Estamos severamente carentes de tudo, mas não estamos mais pobres que os operários vienenses. Esses morrem de fome e miséria, assim como seus filhos, mas não têm a coisa mais importante que possuímos: esperança. Eles morrem, oprimidos pelo capitalismo, e encontram-se em posição de fazer sacrifícios, mas os sacrifícios deles não são semelhantes aos nossos. Nós nos sacrificamos em nome da guerra que travamos contra todo o mundo capitalista".[2]

Porém, o povo russo clamava por paz, não pela dominação do mundo. São Petersburgo, o "berço da revolução", era palco de sucessivas greves operárias. Os trabalhadores exigiam pão e liberdade. Os bolcheviques esmagaram tais demonstrações. No entanto, em março de 1921, a frota báltica interveio repentinamente a favor dos trabalhadores. Os marinheiros da cidade portuária de Kronstadt (uma base naval) — os mesmos que deram poder a Lênin e a Trótski — agora buscavam a libertação do

jugo comunista. Exigiam que os sovietes (conselhos de trabalhadores e camponeses, as unidades de organização básica criadas pela revolução) fossem purgados de comunistas. Além disso, a nação vinha experimentando uma onda de levantes camponeses. Nas florestas da região de Tambov, os camponeses formaram um exército anticomunista — bem organizado, mas parcamente armado.

Os levantes de camponeses e marinheiros, bem como as manifestações operárias, foram esmagados pelo mesmo homem que havia perdido a guerra polonesa, Mikhail Tukhatchévski. Numa exibição de crueldade desumana, ele ignorou todas as regras internacionais e leis de direitos humanos. Sob seu comando, milhares de reféns foram executados por pelotões de fuzilamento; camponeses foram combatidos com bombas de gás venenoso, e vilarejos foram incendiados. Enquanto os moradores eram afogados em pântanos, os marinheiros também o eram, em buracos abertos no gelo.

Os líderes comunistas procuravam desesperadamente uma saída para a crise. O Comintern, nessa situação, decidiu que a única coisa que poderia salvar o bolchevismo seria uma revolução na Alemanha. O chefe do Comintern, Grigóri Zínoviev, enviou a Berlim seu mais leal seguidor, o revolucionário húngaro Bela Kun. Kun, que em 1919 havia sido chefe da efêmera República Soviética Húngara, chegou a Berlim em março de 1921, com ordens de Zínoviev e do Comitê Executivo do Comintern para que o Comitê Central do Partido Comunista Alemão tomasse o poder. Para isso, os comunistas alemães deveriam organizar imediatamente um levante, abolindo a República de Weimar.

Em 22 de março, espocou uma greve geral nas regiões industriais da Alemanha Central. Em 24 de março, os comunistas assumiram o controle dos prédios do governo, em Hamburgo. Em Leipzig, Dresden, Chemnitz e outras cidades da Alemanha Central, os comunistas organizaram a tomada de poder de cortes judiciárias, prédios municipais, bancos e quartéis de polícia. O órgão oficial do comunismo alemão, *Die Rote Fahne* [A bandeira vermelha], conclamou abertamente à revolução.[3]

Walter Krivítski, ocupante de um dos mais altos postos da inteligência soviética a tomar parte nos eventos, escreveu: "Fomos enviados à Alemanha para reconhecimento, mobilização de elementos dissidentes na região do Ruhr e preparação de trabalhadores para início de um levante em momento oportuno. De imediato, formamos três tipos de organização no Partido Comunista alemão: um de espionagem e reconhecimento, atuando sob a supervisão do quarto diretório do Exército Vermelho; formações militares para servir de base do futuro Exército Vermelho alemão; [e] pequenos pelotões, cujas ordens incluíam rebaixar o moral do *Reichswëhr* (exército alemão)".[4] Os oficiais da inteligência alemã e demais partidos comunistas trabalhavam sob a liderança do quarto diretório do Exército Vermelho. O quarto diretório, tendo mudado de nome várias vezes, acabou conhecido como Diretório Principal da Inteligência do Estado Maior das Forças Armadas Soviéticas — GRU.[5]

Embora as tentativas de assumir o controle do governo alemão em 1921 tivessem sido infrutíferas, Moscou logo deu início aos preparativos para uma nova tentativa de tomada de poder na Alemanha e no mundo. Em 30 de dezembro de 1922, nasceu a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Com esta dominação não há limites nacionais nem geográficos. De acordo com os planos dos fundadores da URSS, a União deveria se espalhar pelo mundo inteiro. A "Declaração de Fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas" proclamava que a URSS era apenas o primeiro e decisivo passo rumo à criação da República do Mundo Socialista Soviético. O número de repúblicas deveria se expandir até que o mundo todo formasse um único e gigantesco estado comunista. A Declaração de Fundação da URSS foi uma declaração de guerra aberta e direta ao resto do mundo. Era um documento oficial, e anunciava que o principal propósito da existência do estado gigante seria destruir e subordinar todos os estados remanescentes.

O brasão da URSS contém uma imagem do globo com símbolos comunistas sobrepostos. No dia da formação da URSS, um membro do Comitê Central do Partido Comunista, Serguêi Kirov, propôs a construção de um palácio soviético. E explicou: "Esse edifício servirá de símbolo do poder futuro, a vitória do comunismo não só aqui, mas lá também, no Ocidente". Enfatizou que o palácio deveria ser construído com o propósito de abrigar a cerimônia de aceitação da última república que se integraria à União Soviética. Nessa época, ninguém podia prever qual república em particular seria a última a integrar a União de Soviéticos — a República Soviética Argentina ou a República Soviética Uruguaia — mas os comunistas soviéticos tinham certeza de que esse momento seria inevitável.

Tentativas de desencadear uma guerra revolucionária repetiram-se muitas e muitas vezes. Houve o ensaio de iniciar uma "Revolução Balcânica" e obter, nas palavras de Trótski, uma rota direta dos Bálcãs aos portos da França e da Inglaterra.[6] Houve a tentativa de assassinato contra o czar búlgaro Boris, que sobreviveu miraculosamente. Em setembro de 1923, surgiram levantes armados na Bulgária, iniciados por ordem do Comintern. No dia 27 do mesmo mês, o Politburo[7] soviético mandou dez comunistas búlgaros (oficiais e pilotos) à base naval de Sebastopol. Se alguma cidade búlgara próxima ao mar estivesse nas mãos de rebeldes, os pilotos estabeleceriam uma conexão aérea entre o sul da Rússia e a Bulgária. Depois, "estabelecida a conexão, deveriam enviar armas, armazenadas em Sebastopol desde o ano anterior, preparadas para a revolução búlgara [...]" e "[...] seriam enviados comunistas búlgaros estabelecidos em Moscou e em outras cidades russas, com armas".[8] O líder do levante era Gueorgui Dimitrov, futuro chefe do Comintern. Também foram feitas tentativas de incitar revoluções na América do Sul, Estônia, Letônia, Lituânia, China, Índia e em muitos outros países.

Contudo, a Alemanha continuava sendo o objetivo supremo. Uma das muitas tentativas de assumir o poder na Alemanha é especialmente interessante. Foi feita no

outono de 1923, quando Lênin já não participava das principais decisões. As rédeas do poder achavam-se quase completamente nas mãos de Stálin, embora nem o país nem o mundo, ou mesmo os rivais do partido, tivessem percebido. O secretário particular de Stálin, Boris Bajanov, descreveu os preparativos para a tomada de poder na Alemanha: "No fim de setembro, houve uma reunião de emergência no Escritório Político do Comitê Central do Partido Comunista Russo Bolchevique (antigo nome do Partido Comunista da União Soviética, ou CPSU, como foi batizado em outubro de 1952). A reunião era tão secreta, que só os membros do Politburo e eu estávamos presentes. Nenhum membro regular do Comitê Central recebeu permissão para participar. Essa reunião foi convocada para fixar a data do golpe na Alemanha. Optou-se pelo dia 9 de novembro de 1923".[9]

Bajanov escreveu que os fundos alocados para apoiar a revolução alemã eram vultosos; e tomou-se a decisão de apoiar sem limites esse esforço. No seio da União Soviética, foram mobilizados todos os comunistas de origem alemã, bem como todos os comunistas que falassem alemão. Eles eram treinados e enviados à Alemanha para trabalhos secretos. Não apenas comunistas soviéticos foram à Alemanha, mas também líderes do alto escalão — entre os quais o Comissário do Povo (membro do gabinete de ministros do governo soviético), Vassíli Schmidt; os membros do Comitê Central da Partido Comunista Soviético, Karl Radek e Grigori Piatakov; o candidato a membro do Politburo do mesmo partido, Nikolai Bukhárin; e muitos outros. Em 1923, inúmeros homens, sempre sob codinomes, chegaram à Alemanha: Tukhatchévski, Unchlikht, Vatssetis,[10] Menjínski,[11] Trilisser,[12] Yagoda,[13] e outros. O embaixador soviético na Alemanha, Nikolai Krestínski, formou uma poderosa rede de inteligência. A embaixada soviética transformou-se no quartel-general da revolução. Por meio dela, as ordens vinham de Moscou, junto a uma torrente de fundos que imediatamente era convertida em uma enxurrada de propaganda subversiva, armas e suprimentos bélicos.

A comissão do Comintern que lidava com interesses na Alemanha era formada pela liderança soviética: Stálin, Trótski, Zínoviev, Bukhárin e Radek. Stálin achava necessário evitar, a qualquer preço, tudo o que revelasse que a revolução fora "ditada" ou "instigada" pela URSS. O plano era simples: 7 de novembro, aniversário da ascensão ao poder do comunismo na Rússia, seria o dia das demonstrações de solidariedade dos trabalhadores na Alemanha. Unidades especiais, treinadas em Moscou pela polícia secreta e pela inteligência militar, sob a supervisão de Joseph Unchlikht, agiriam como *provocadoras* e incitariam conflitos com a polícia. O objetivo era criar confrontos violentos e prisões, a fim de inflamar a raiva dos trabalhadores. Em 8 de novembro, esses confrontos deveriam sair das ruas e configurar ameaças mais sérias. Na noite de 9 de novembro, as unidades de Unchlikht deveriam tomar as instituições mais importantes do governo, de modo a parecer uma reação espontânea das massas contra a brutalidade policial.

O roteiro era simples, mas seguro. A chamada "Grande Revolução Socialista de Outubro" havia seguido a mesma linha; e assim também aconteceu com as "revoluções proletárias" da Estônia, Letônia e Lituânia, em 1918 e 1940. Seguindo esse modelo, os comunistas assumiram o controle de muitos estados após a Segunda Guerra Mundial: uma "demonstração espontânea" trabalhista, a ira do povo — e a ação de pequenos esquadrões de profissionais treinados.

A diferença era que, na revolução da Alemanha de 1923, os comunistas tinham aliados confiáveis: os nazistas. Nessa época, o Partido Trabalhista Alemão já recebera novo nome — era o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (cujo acrônimo alemão era NSDAP) — e tinha novo líder, Adolf Hitler. Um conhecido slogan do Comintern era 'Guerra a Stresemann [chanceler e primeiro-ministro da Alemanha][14] e Poincaré [primeiro-ministro da França]![15]' Um outro slogan dos nazistas era 'Guerra a Poincaré e Stresemann!'. Houve até mesmo conversas entre Radek e certos líderes do partido nazista.[16]

Karl Radek era membro do comitê executivo do Comintern e membro do comitê central do Partido Comunista da URSS. Havia estado na Alemanha várias vezes, com o objetivo de desencadear uma revolução. Em 1919, foi preso pelas autoridades alemãs, mas logo fora repatriado. Em 1923, mais uma vez ele voltou à Alemanha. Poderia algum líder do partido nazista conduzir conversações com um membro do comitê executivo do Comintern, o camarada Radek, sem o expresso consentimento de Hitler? E poderia Karl Radek conduzir conversações com líderes nazistas sem uma ordem direta de Stálin? Ainda que remotamente, é possível que Radek tenha agido por conta própria, mas a obsessão de Stálin por controle torna a hipótese altamente improvável. Stálin disse ao comitê central que "[um] comitê alemão do Comintern, composto por Zínoviev, Bukhárin, Stálin, Trótski, Radek e camaradas alemães, tomara certas decisões específicas referentes à assistência direta aos camaradas alemães, na tarefa de tomar o poder".[17] Radek expressou grande entusiasmo pelas tropas de assalto[18] de Hitler e disse: "Podemos ver, no rosto dos estudantes alemães que usam camisas pardas, a mesma devoção e a mesma inspiração que brilhou no rosto dos oficiais do Exército Vermelho".[19] Radek louvou as tropas de assalto como "grandes homens', acrescentando: "Vocês verão que eles lutarão por nós, lançando granadas de mão".[20]

Examinemos as datas. Em agosto de 1923, Stálin decidiu que "os comunistas alemães, por si mesmos, teriam de tomar o poder na Alemanha". Depois disso, em outubro, oficiais soviéticos do alto escalão foram enviados à Alemanha e um dos agentes de Stálin conduziu palestras com os nazistas e discutiu ações cooperativas. Em outras palavras, os soviéticos diziam, por um lado, "Caros nazistas, por favor ajudem os comunistas a tomar o poder na Alemanha". Por outro, diziam, "Deixem que os comunistas tomem a Alemanha por si".

Trata-se de uma manobra comunista familiar, a marca registrada pessoal de Stálin. Os comunistas assumiram o poder na Rússia, numa aliança com outros partidos. A seguir, destruíram os aliados, quando estes se tornaram inúteis. Stálin, pessoalmente, agiu do mesmo modo. Eliminou os adversários políticos usando os aliados, que posteriormente também foram eliminados.

O partido comunista e o nazista tentaram, juntos, tomar o poder na Alemanha, em 1923. A propaganda comunista quer que acreditemos que em 1923 não houve conspiração entre comunistas e nazistas. Entretanto, em 9 de novembro de 1923, em Munique, Hitler e um grupo de adeptos armados tentaram um golpe contra o governo da Bavária. Hitler declarou que a revolução havia começado, e que os governos da Bavária e da República de Weimar estavam falidos. Um novo "governo" fora formado imediatamente. Na noite de 8 de novembro, um grupo chefiado por Ernst Röhm tomou o quartel-general do distrito militar.[21] Tentativas de tomar outros estabelecimentos do governo foram sufocadas pelo exército e pela polícia. Em 9 de novembro, Hitler anunciou uma demonstração de seus seguidores. Um confronto se deu entre os manifestantes e a polícia armada; dezesseis seguidores de Hitler e três policiais morreram.

A tentativa de golpe foi esmagada à força. Hitler e seus adeptos mais próximos fugiram, mas logo foram capturados e julgados, tendo de cumprir pena na Fortaleza de Landsberg. Foi na cela dessa prisão que Hitler escreveu *Mein Kampf*. Mais tarde, quando assumiu o poder, Hitler transformou seus colegas mortos em heróis nacionais, e declarou a data da rebelião — 8 e 9 de novembro — o mais importante feriado nacional do calendário alemão. Uma nota interessante: o livro *Mein Kampf* é dedicado aos 16 camaradas caídos, mortos em 9 de novembro de 1923. Mas no denso texto (só o primeiro volume engloba quase seiscentas páginas em letras miúdas), Hitler nada escreve sobre os eventos de 8 e 9 de novembro. O livro, embora escrito numa cela, não menciona a razão nem a forma como ele foi parar atrás das grades. Por algum motivo, Hitler esconde tudo o que precedeu tais eventos. Em vez de uma explicação detalhada, a última página afirma, laconicamente: "Não me aventurarei aqui a discutir os eventos que nos conduziram ao 8 de novembro de 1923". E só.

Isso parece estranho. O livro foi intitulado "Minha luta", e o autor fala de si, do partido, da luta pela influência das massas e pelo poder. Os eventos de 8 e 9 de novembro de 1923 são o ponto culminante dessa luta; depois dela, Hitler foi preso, e seu partido, marginalizado. Quando Hitler escreveu esse livro, nada havia acontecido em sua vida ou na história de seu partido que fosse mais importante que os acontecimentos desses dois dias. Todavia, ele omitiu a descrição destes importantes eventos.

Na verdade, Hitler tinha algo a esconder. A fracassada tentativa coincidia, de modo bastante peculiar, com a fracassada revolução comunista. Há várias coincidências, e elas são espantosas. A data da revolução foi marcada em Moscou e ficou guar-

dada em absoluto sigilo. Mas Hitler decidiu levar o golpe no mesmo dia, sob a mesma bandeira vermelha, berrando os mesmos slogans sobre a expropriação das rendas do não-trabalhador, a nacionalização dos conglomerados industriais e o confisco dos lucros de guerra das indústrias. A tática de Hitler era absolutamente paralela à que Moscou ditara a seus agentes: promover manifestações, apesar de proscritas; provocar confrontos com forças policiais; e tomar prédios públicos. Havia completa convergência de objetivos, métodos, lugar e tempo (este com precisão de horas e minutos).

Mais estranho ainda: Lênin, Trótski e Stálin acreditavam em complôs, golpes e tomadas de poder por uma minoria bem organizada. Foi precisamente como fizeram na Rússia; tentaram inúmeras vezes repetir o fato em outras nações do mundo. Hitler tinha um método diferente. Era demagogo e agitador. *Mein Kampf* é o conto de um líder do povo, que sabe como obter o poder através de meios legais. Mas não há uma palavra ali, sequer uma insinuação, sobre métodos secretos semelhantes àqueles usados por Lênin e Stálin. Na esfera da luta aberta e legal pelo poder sobre as massas, Hitler era muito mais forte que Lênin, Trótski e Stálin. Mas na esfera de levantes e complôs, Hitler era, claramente, mais fraco. Nem sequer se inclinava a pensar nessa direção. Dez anos mais tarde, ele chegaria ao poder por meios legais, agitação, propaganda e cabines de votos. O caminho de Hitler era o de discursos berrados e de paradas tão passionais quanto dramáticas. Ele compreendia a própria força como orador, e dela tinha orgulho.

Então, por que Hitler, em 1923, foi levado a usar o método de Lênin-Stálin para tomar o poder, através do conflito armado, e ao mesmo tempo tentar um golpe orquestrado por Moscou? Por quase um século, historiadores soviéticos e da Alemanha Oriental ensinaram que se tratava meramente de uma estranha cadeia de coincidências. Às vezes isso acontecia: os comunistas decidiam encenar um golpe, e Hitler decidia a mesma coisa — no mesmo dia. Na verdade, os comunistas soviéticos tentaram usar Hitler e seu partido para desestabilizar a situação política na Alemanha, muito antes de Hitler subir ao poder.

4

O papel de Stálin no renascimento do poderio bélico alemão

Apenas um país — a Rússia Soviética — pode vencer, no caso de um conflito geral.

***Adolf Hitler**, em reunião com Lord Halifax, Ministro do Exterior britânico, em 19 de novembro de 1937*

Depois da Primeira Guerra Mundial, tanto a Europa Central quanto a Ocidental encontravam-se em condições tão debilitadas que outra grande guerra não seria possível; não havia nação que se sentisse capaz de enfrentá-la.

A França estava entre os principais vencedores. Nos termos do Tratado de Versalhes, a Alemanha pagava imensas quantias a ela, e os franceses não tinham motivo para iniciar uma nova guerra na Europa. A principal preocupação de seu governo era manter a situação então existente na Europa pelo maior tempo possível. Os generais franceses escolheram a estratégia eminentemente defensiva e construíram a Linha Maginot ao longo de sua fronteira, inspirada na Grande Muralha da China.

A Grã-Bretanha também estava entre os vencedores. Não tendo reivindicado nenhum território da Europa, o país não tinha o menor interesse em ver outra guerra europeia. Seus interesses incluíam preservar o recém-formado equilíbrio de poder na Europa. A Grã-Bretanha situava-se no centro do maior império colonial da história, e suas principais motivações estavam longe: buscava-se preservar as colônias. Para isso, contava com uma poderosa frota naval, que também defendia as rotas comerciais, e um exército relativamente pequeno para defender a terra e manter a ordem nas colônias. Mesmo que o governo britânico desejasse iniciar uma nova guerra na Europa, seu exército não era grande o bastante para tanto.

A Alemanha, de acordo com o Tratado de Versalhes, estava totalmente desarmada. O tratado não só exigia que a Alemanha pagasse débitos, débitos e mais débitos à França, mas também proibia que ela tivesse, comprasse, construísse, testasse ou produzisse quaisquer armas ofensivas, além de limitar bastante as defensivas. As demais nações da Europa, ocidental ou central, não poderiam provocar uma grande guerra por não dispor de suficiente poder econômico ou militar. Mais importante: nenhuma nação desejava a guerra.

Nessa situação, os líderes do Kremlin deveriam suspirar de alívio e devotar-se por completo à construção de uma economia de paz. Para evitar a guerra na Europa, bastava assegurar-se de que o Tratado de Versalhes não fosse violado e que a Alemanha permanecesse desarmada e militarmente fraca. A Alemanha fora o principal adversário da Rússia na Primeira Guerra Mundial, e seria sua mais provável adversária em qualquer conflito futuro. A Rússia Soviética não era signatária do Tratado de Versalhes, mas o pacto trouxera grandes vantagens à Rússia, que se tornara União Soviética. Uma delas era que a União Soviética poderia produzir qualquer modelo de arma e ter tecnologia militar. Enquanto isso, a Alemanha não só estagnava em termos de progresso militar, mas ficava-lhe muito atrás.

A liderança do Kremlin deveria ter usado todo o poder da diplomacia soviética e os serviços de inteligência para encontrar e desenraizar as tentativas de reviver a máquina militar alemã. Que a Alemanha se mantivesse fraca! Se ela não tem tanques, aviões, artilharia pesada, gases venenosos e submarinos, se ela não tem pessoal treinado em tanques, pilotos, navegadores, se os generais alemães são proibidos de desenvolver novas táticas e métodos de operar, se os engenheiros alemães não têm condições de criar novos modelos de armas, e se as fábricas não produzem tais armas — então a Alemanha jamais iniciará outra guerra.

Mas os líderes do Kremlin não ordenaram ao serviço de inteligência que observasse a estrita obediência e adesão ao Tratado de Versalhes. Fizeram o oposto. Iniciou-se a reorganização secreta do exército alemão, com a ajuda do governo soviético. Moscou dava aos comandantes alemães tudo o que estes eram proibidos de ter: tanques, artilharia pesada, aviões de guerra, aulas de treinamento e todo o material necessário para testes e treino de tiro. A Alemanha também tinha acesso às fábricas soviéticas que produziam tanques e aviões, os mais avançados do mundo, de modo que os alemães podiam observar, memorizar e copiar. Stálin permitiu ao governo alemão que criasse escritórios secretos de projetos e centros de treinamento em território soviético.

Em 26 de novembro de 1922, foi assinado um acordo com a indústria alemã de aviação Junkers Flugzeugwerke para a produção de aviões metálicos e respectivos motores. Foi esse acordo com a Junkers que forneceu subsídios para a cooperação militar germano-soviética em larga escala. Em julho de 1923, dois novos acordos foram assinados; um tratava da produção de munição e equipamentos militares, e o outro

tratava da construção de uma fábrica química. Em 15 de abril de 1925, assinou-se um acordo sobre a criação de um centro aéreo secreto, na cidade russa de Lípetsk, para treinar pilotos militares alemães. O governo soviético comprou da companhia holandesa Fokker cem aviões militares do tipo D-XIII para os alemães. Assim começaram os preparativos para o florescimento da força aérea do Terceiro Reich. Ao longo dos anos, os modelos alemães Heinkel He-45, He-46, He-51; Arado Ar-64 e Ar-65; Junkers K-47; e Dornier Do-11 foram desenvolvidos e testados com êxito na Rússia por seus criadores. No final de 1933, a escola havia preparado 450 pilotos de caça, peritos em reconhecimento aéreo e esquadrões de bombardeiros. Muitos deles, mais tarde, fizeram parte da equipe de comando do *Reichsmarschall*[1] Hermann Göring. Não é demais especular que a Luftwaffe (a força aérea alemã) nasceu na cidade soviética de Lípetsk.

A fim de que ninguém desconfiasse que Stálin preparava a Alemanha para uma nova guerra mundial, os aviões projetados para treinamento e testes chegavam em voos de grandes altitudes e sem escalas.

Todos os alemães que iam a essa escola de aviação em Lípetsk eram formalmente dispensados do *Reichswëhr*.[2] Seus nomes eram trocados, e a devolução de corpos dos que pereciam nos frequentes acidentes de treino era um verdadeiro desafio. Os corpos eram enviados pelo mar, por Leningrado, em contêineres identificados como "Partes Mecânicas". Os parentes não eram informados sobre a verdadeira causa dessas mortes.

Stálin percebeu que a nova guerra não seria só aérea, mas de tanques também. Assim, deu particular atenção à preparação do corpo Panzer alemão. Em 1926, perto da cidade soviética de Kazan, ele criou uma escola de tanques para o *Reichswëhr*, onde os tripulantes alemães usavam uniformes soviéticos. Stálin equipou inteiramente os futuros generais Panzer alemães, dando-lhes tanques, combustível, munição, transporte, hospedagem, oficinas mecânicas e um arsenal gigantesco, muito bem guardado, para criar, inventar e testar. Kazan tornou-se berço e *alma mater* das divisões blindadas alemãs. Os melhores generais Panzer da *Wëhrmacht Heer* (o exército alemão) foram criados e treinados ali. Em Kazan eles dominaram a arte da guerra moderna; depois lideraram unidades de tanque em Varsóvia, Paris, Belgrado e Atenas, bem como nas praias do Canal da Mancha, do Mar Adriático e do Oceano Atlântico.

Seria extremamente importante que os engenheiros trabalhassem constantemente no aperfeiçoamento de armas. Um intervalo de meros dez anos traria consequências irreversíveis. Os engenheiros e projetistas mais velhos ou partiriam para outros ramos da indústria ou se aposentariam, sem ter transmitido sua experiência e seu conhecimento à nova geração. Em poucos anos, um duplo problema surgiria: de um lado, um lapso na tecnologia; do outro, a ausência de engenheiros competentes e experientes, que serviriam de ponte desse lapso. Quinze anos separam o fim da

Primeira Guerra Mundial da ascensão de Hitler ao poder. O mérito de Stálin, para a Alemanha de Hitler, estava em que ele não permitira que a Alemanha ficasse atrás dos inimigos, em avanço tecnológico e científico. Stálin foi a ponte entre a velha geração de engenheiros da era Kaiser e a geração emergente do Terceiro Reich. Stálin garantiu a transferência de todo o potencial tecnológico, toda a experiência e conhecimento da velha geração aos jovens e inovadores criadores de equipamentos militares e armas.

O desenvolvimento e a produção de armas químicas (agentes venenosos, como gás mostarda) realizaram-se nas instalações da firma Bersol, em Ivánstchenko (hoje Tchapáievsk), perto da cidade soviética de Samára. A produção diária de gás mostarda, que ganhou triste fama na Primeira Guerra Mundial, chegava a 3,3 toneladas; a de gás letal de fosgênio era de 2,6 toneladas. Isso totalizava 5,9 toneladas por dia — ou seja, mais de duas mil toneladas por ano. Os testes com armas químicas eram conduzidos em duas áreas de treinamento: a chamada "Tômka", perto da cidade de Volsk, na região de Sarátov, e outra chamada "Podossínki", que hoje é Kuzmínki, um bairro de Moscou. Foi nelas que, em 1926 e 1927, foram conduzidos os primeiros testes de armas químicas da articulação germano-soviética.

Mas treinar o pessoal e aperfeiçoar modelos bélicos não era suficiente. Era necessário criar fábricas militares que produzissem tais armas. Nisso, os líderes do Kremlin, já no fim da década de 1920, também demonstraram total compreensão da situação e correram para ajudar a indústria bélica alemã. Elaboraram um acordo sobre a criação de instalações para a indústria de guerra alemã, disfarçadas de empresas germano-soviéticas. A transação com a Junkers foi a primeira delas. Em 1922, a empresa começou a construir aviões e motores de avião. No início de 1924, a fábrica já começara a produzir centenas de aviões por ano. Nessa leva vieram Friedrich Krüpp (canhões, bombas e tanques), BMW (motores para tanques e aviões), Bersol (gases venenosos), Karl Walther (rifles) e outros.

Stálin preparou a Alemanha para a Segunda Guerra Mundial. Sem sua ajuda, a Alemanha não poderia se armar para destruir a Europa. Obviamente, ao armar a Alemanha, Stálin não imaginava que isso poderia ser usado contra si.

5

Por que Stálin gostava tanto do livro de Hitler?

O pior inimigo da Alemanha é, e será sempre, a França.

***Adolf Hitler**, Mein Kampf*

Um estudo sobre a guerra entre a Alemanha e a União Soviética deveria começar com uma pergunta: por que Hitler invadiu a União Soviética? Em 1924, ele escreveu em seu livro, *Mein Kampf*: "Queremos regressar ao ponto em que nosso desenvolvimento se estagnou, há seiscentos anos. Queremos deter os constantes esforços da Alemanha de se expandir para o sul e o oeste, e voltar os olhos para os territórios situados a leste". Essa frase ficou famosa e tem sido repetida vezes sem conta. Políticos, diplomatas, generais, historiadores e jornalistas vêm reproduzindo exaustivamente suas palavras. Mesmo na década de 1920, a frase foi citada nos ensaios e discursos públicos de líderes soviéticos. Trótski, Bukhárin, Zínoviev e Kâmenev repetiram-na. Na década de 1930, especialmente após a ascensão dos nazistas ao poder, a franqueza de Hitler retumbava com nova autoridade. Qualquer orador que falasse sobre a guerra iminente começava com essa afirmação de Hitler.

Após a morte de Stálin, em 1953, muitos historiadores citaram Hitler e acusaram Stálin de ter fechado os olhos. O Führer declarara abertamente suas intenções. Stálin deveria ter lido *Mein Kampf* e tomado medidas apropriadas. Desde o momento em que *Mein Kampf* havia sido lançado, em 1925, até a invasão de Hitler, em 1941, essa frase fora repetida inúmeras vezes. Era berrada em encontros sindicais, usada para assustar o povo, repetida pela Internacional Comunista e impressa em livros escolares. Levando tudo isso em conta, como a invasão alemã poderia ter sido surpresa para Stálin? Teria ele próprio lido *Mein Kampf*?

Sim, ele leu. E foi o primeiro leitor estrangeiro. Era seu maior estudioso e fã. A primeira tradução de *Mein Kampf* foi para o russo, sob ordens específicas de Stálin. O livro foi publicado para os líderes do partido e para o exército. O marechal da União Soviética, Konstantín Konstantínovitch Rokossóvski, escreveu: "Em nossa época, todos lemos o livro de Hitler, *Mein Kampf*".[1] A tradução foi finalizada sem ter obtido a licença do autor, mas os direitos foram pagos, embora não de imediato. No momento em que *Mein Kampf* foi publicado, Stálin não era o único líder; havia uma multidão de líderes no Kremlin. Nem todos compreenderam o significado da obra de Hitler. O camarada Stálin, entretanto, num instante entendeu, sopesou e avaliou tudo. E depois de ter sufocado toda a competição, Stálin pagou tributo ao autor de *Mein Kampf*.

Desconheço o número de cópias impressas em russo nessa época, mas uma coisa é certa: a circulação foi mínima. Por essas poucas cópias do precioso livro, Stálin pagou generosamente. Quanto teria pago? Stálin deu a Hitler o poder sobre a Alemanha. "Sem Stálin, Hitler não teria existido, nem a Gestapo", disse Trótski, em outubro de 1936, quando avaliou a ajuda de Stálin a Hitler.[2] Sem a ajuda de Stálin, Hitler não teria chegado ao poder. Mas mesmo esse inestimável pagamento pareceu pequeno ao generoso Stálin. Em 23 de agosto de 1939, ele presenteou Hitler com a Polônia e o resto da Europa. Se Stálin não tivesse gostado de *Mein Kampf*, a carreira política de Adolf Hitler teria terminado em 1933, com uma esmagadora derrota nas eleições.

Esclareçamos a situação de meados da década de 1920, quando o livro de Hitler veio a público. Stálin ocupava o Kremlin, e Adolf Hitler ocupava a cervejaria Hofbrauhaus de Munique. Stálin era um dos líderes da União Soviética, e também o primeiro entre os pares. Mas muita gente já havia conhecido o poder do punho de ferro de Stálin.

Quem era Hitler em 1925? Um artista falido, um soldado ferido, egresso da frente de combate. Hitler unira-se a um pequeno partido proletário que marchava com o slogan de Gottfried Feder, cuja bandeira era a revolução mundial, com as palavras "Proletários de todas as nações, uni-vos!". Esse programa foi adotado por Hitler como base de um movimento que ele em breve lideraria. O partido de Hitler tinha estabelecido objetivos comunistas: banir a propriedade privada de terras, pôr os operários no controle da administração das fábricas e nacionalizar a indústria.

Em 8 de novembro de 1923, uma revolução socialista sacudiu a Alemanha. A revolução foi organizada pela Internacional Comunista, e cuidadosamente dirigida, nos bastidores, por oficiais da inteligência soviética e enviados de Moscou. Embora a revolução tivesse fracassado, o partido socialista de Hitler destacou-se como uma formação unida, embora pequena, de trabalhadores alemães. Hitler conduziu pessoalmente seus homens até a mira da polícia. Alguns seguidores foram mortos; o próprio Hitler acabou ferido e na prisão.

Foi aí que ele caiu na heresia. Hitler escreveu um livro em que formulou as famosas palavras sobre as terras do leste. Lênin e Trótski decidiram que, pelo bem de todas as pessoas do mundo, seria necessário sacrificar pessoas da própria pátria, enquanto Hitler decidiu que faria o contrário: pelo bem de seu próprio povo, ele de boa vontade sacrificaria pessoas de outras nações. Por exemplo, conquistar as terras a leste da Alemanha, fossem quais fossem as consequências para os habitantes daquela região.

O hitlerismo poderia ter sido eliminado no momento de sua concepção. Enviar um assassino idealista a Munique não teria sido uma tarefa difícil para Stálin. Ninguém teria dado muita atenção a um socialista quebrando o crânio de outro — algo não muito raro. Quantas pessoas Stálin teria erradicado? E por que não tocou em Hitler? Ele poderia ter-lhe quebrado o pescoço facilmente e posto fogo em sua cervejaria, com todo o seu séquito junto. Stálin também poderia simplesmente não ter dado atenção alguma a Hitler. Sem sua ajuda, o hitlerismo jamais teria florescido, nem gerado seus violentos frutos. Mas Stálin escolheu um terceiro caminho: dar ampla ajuda a Hitler. Stálin pavimentou a trilha de Hitler rumo ao poder. O sonho de Hitler sobre terras a leste seria apenas a fantasia de um sonhador de Munique, não fosse a gigantesca ajuda de Stálin.

Stálin leu *Mein Kampf* de capa a capa e percebeu que a meta principal que Hitler estabelecera para o futuro da Alemanha não eram as terras a leste, mencionadas em uma única frase do livro, mas liberar a Alemanha dos grilhões do Tratado de Versalhes. Hitler fizera inimigos dentro e fora da Alemanha. Os inimigos internos eram os judeus. Os de fora eram os franceses e os judeus.

A tática de Stálin apoiava-se em fazer tudo por meio de terceiros e eliminar um inimigo pelas mãos de outro. "Stálin sempre achava macacos que lhe davam nozes do braseiro mais quente", disse Robert Conquest.[3] "Ninguém podia, como Stálin, fazer os rivais baterem com a cabeça; ele sempre ficava de lado e terminava por cima de todos." Essa frase é de A. Antonov Ovsseenko.[4] A isso é preciso acrescentar que Stálin era o mais fervoroso seguidor da missão de Lênin: "criar uma sociedade comunista com as mãos de nossos inimigos".[5]

Só ao compreender os métodos de Stálin é possível entender por que ele gostava tanto do sonhador de Munique e de seu livro. A resposta pode ser encontrada no livro de Hitler, no Capítulo XIII: "Precisamos tomar cada ponto do Tratado de Versalhes separadamente e deixá-lo muito claro para a massa da população. Precisamos atingir a compreensão de 60 milhões de alemães — homens, mulheres e crianças — e fazê-los sentir a vergonha desse tratado. Precisamos fazer com que esses 60 milhões criem um ódio profundo ao tratado, de forma que esse ódio esbraseante una a vontade do povo e provoque um grito em uníssono: DEVOLVAM NOSSAS ARMAS!".

Era precisamente com isso que Lênin sonhava: "que alguém apareça e inicie a luta contra o Tratado de Versalhes".[6] Pois esse alguém apareceu. Adolf Hitler ergueu

a bandeira contra o Tratado de Versalhes e contra a França. Exigia armas, e Stálin pôs uma espada em suas mãos. O elo entre o conteúdo de *Mein Kampf* e o apoio de Stálin a Hitler torna-se assim mais claro. As palavras acerca de terras a leste não assustaram Stálin. *Mein Kampf* era contra a França, como pode ser lido na Parte 2, Capítulo XIII: "Precisamos entender com clareza o seguinte: o pior inimigo da Alemanha é, e será sempre, a França". E ainda: "Nossa tarefa, hoje, não é lutar pela hegemonia do mundo. [...] A França sistematicamente destroça nosso povo, e de acordo com seus planos, sufoca nossa independência. [...] Ouvimos simultaneamente protestos e slogans contra cinco ou dez países diferentes, enquanto esquecemos que, antes de qualquer coisa, precisamos concentrar nossa força física e nosso poder intelectual em desferir um golpe no coração de nosso mais vil inimigo. [...] A França, inexoravelmente, lutará para tornar a Alemanha uma nação fraca e esmagada. [...] No presente momento, nosso único inimigo é a França — esse país que nos priva do direito de existir".[7] Mais adiante, Hitler continua no mesmo tom, por muitas páginas e capítulos.

As terras a leste não eram a tarefa imediata, mas uma perspectiva para os séculos vindouros. Essa opinião era não só de Hitler, mas de todo o seu círculo mais próximo: "Terras devem ser tomadas, não na África, mas na Europa, e antes de tudo, no Leste. Esse é o curso natural do desenvolvimento geopolítico nos próximos séculos".[8] Derrotar a França, por outro lado, era a tarefa imediata de Hitler. Antes de tomar terras a leste, Hitler precisava cuidar de seu inimigo mortal. Eis então a segunda razão para o amor de Stálin por *Mein Kampf* e seu autor. Stálin sabia que a França era não só o maior inimigo de Hitler, mas seu inimigo mortal. Stálin compreendeu que, se Hitler tentasse livrar a Alemanha da escravidão econômica imposta pela França e pelo Tratado de Versalhes, a Grã-Bretanha imediatamente interferiria, porque a França impusera o tratado em aliança com a Grã-Bretanha. Se a Alemanha entrasse em guerra com esses dois países, outras nações seriam convocadas para o conflito. Era exatamente o que Stálin desejava.

De forma alguma constava em *Mein Kampf* que Hitler avançaria para leste. No livro, há uma menção a terras do leste, mas nenhuma indicação de quando a Alemanha deveria conquistá-las. Hitler simplesmente apontou nessa direção. Chegou mesmo a afirmar (na Parte 1, Capítulo III): "O esforço teria de ser feito em termos de séculos; tal como em todos os problemas de colonização, a firme perseverança é um elemento muito mais importante que empreender esforços e energia no momento". Hitler planejava construir um Reich de mil anos. Mesmo nessa passagem famosa e tantas vezes repetida, ele fala em séculos: "Queremos regressar ao ponto em que nosso desenvolvimento se estagnou, há seiscentos anos".

Para voltar a esse ponto, os alemães precisariam, segundo instruções de Hitler, "interromper o constante avanço alemão para o sul e oeste da Europa". Isso ele não conseguiu. Não conseguiu porque *Mein Kampf* contém uma contradição interna fun-

damental. Para avançar a leste, seria necessário interromper o avanço para oeste. Por outro lado, para avançar a leste, seria necessário garantir a segurança alemã contra o inimigo mortal, a França, e primeiramente ir a oeste. Não é preciso ter a visão de Stálin; qualquer um poderá facilmente compreender que Hitler ficou confuso em 1924. Ele preparou a armadilha para si mesmo. Declarara abertamente a intenção de avançar a leste, fazendo inimigos em toda essa região. Qualquer movimento alemão "em direção ao sol" só poderia passar pela Polônia. Portanto, a Polônia tornou-se, automaticamente, inimiga de Hitler. E não só a Polônia: "terras a leste" é um conceito nebuloso; podia se aplicar a qualquer país. Se seu vizinho anunciasse que quer roubá-lo, você gostaria dele? Uma única frase do livro transformou Hitler em fonte de temor para todos os vizinhos do lado leste. E isso não é nenhum atestado de sua elevada capacidade mental.

Não é inteligente revelar as metas políticas, se forem explicitamente criminosas. Não é prudente criar inimigos em suas fronteiras. Mas Hitler não só declarou aos quatro ventos sua vontade de avançar a leste, como proclamou a França sua inimiga mortal. A essa lista ele acrescentou os judeus. A pesada carga de inimigos de Hitler iria quebrar-lhe a espinha.

O livro *Mein Kampf* demonstrou claramente o surgimento de alguém que iria lutar contra o mundo, de alguém que o mundo odiaria, de alguém contra quem todos se levantariam, de alguém contra quem o mundo declararia guerra. E o ódio do mundo concentrar-se-ia em Hitler e seus seguidores. Se Hitler desencadeasse uma guerra, antes de tudo essa guerra seria contra qualquer nação, menos a União Soviética. Se Hitler desencadeasse uma guerra, a lógica exigiria a dissolução do poder germânico em todo o continente europeu, e mais além. Os que lutassem contra Hitler seriam considerados salvadores e libertadores. E isso era exatamente o que Stálin esperava. Ele sabia: se Hitler entrasse em guerra contra a França e a Inglaterra, a questão das terras a leste desapareceria por si.

6

Industrialização e coletivização

> Para nós, a "liberação nacional" depende não de uma guerra contra o Ocidente, mas de uma revolução proletária que englobe tanto a Europa central como a Ocidental, unindo-as com o leste europeu, como Estados Unidos Soviéticos.
>
> *L. Trótski, "Abaixo o comunismo nacional!"*

Em 1927, um plano quinquenal de desenvolvimento industrial foi adaptado à União Soviética. Com isso, iniciou-se a industrialização, a extraindustrialização, a superindustrialização. Ao primeiro plano quinquenal seguiu-se um segundo, e depois um terceiro.

Podemos deduzir o propósito desses planos a partir do seguinte fato: no início do primeiro plano, o Exército Vermelho tinha 79 tanques; ao final, tinha cerca de 4.538.[1] Entretanto, a ênfase militarista não era tão visível nos primeiros cinco anos. O foco principal não estava na produção de armas, mas na criação de uma base industrial, que mais tarde viria a fabricar armas.

O segundo plano era a continuação do desenvolvimento da base industrial. Isso significava a criação de fornalhas, usinas gigantescas de eletricidade, processamento de oxigênio e extração de carvão mineral. A produção de armas ainda não era o principal objetivo, embora Stálin não a esquecesse; nos dois primeiros intervalos entre os planos, 21.573 aviões foram fabricados.[2]

Mas foi o terceiro plano quinquenal, previsto para terminar em 1942, que apresentou como meta a produção de armamento militar, em enorme quantidade e de altíssima qualidade. Com Stálin, a União Soviética de fato realizou feitos grandiosos.

O primeiro segredo de seu sucesso foi o terror. Os comunistas fecharam as fronteiras do país; era impossível fugir. A polícia secreta iniciou a caça aos "sabotadores".

Quaisquer acidentes, interrupções ou insucessos numa linha de produção eram tachados como o resultado de um complô. Os culpados (e os inocentes) eram presos; os termos na verdade eram eufemismos. Os que fossem julgados "sabotadores maus" eram fuzilados.

O terror tinha um duplo efeito. De um lado, a disciplina melhorava e qualquer oposição era esmagada. Não havia temor de greves nem de exigências salariais. De outro lado, milhões de pessoas eram enviadas aos campos de concentração. Tratava-se de mão de obra escrava. Os presidiários não precisavam ser pagos, podiam ser enviados a qualquer lugar e não necessitavam de um teto; uma tenda ou barraco de madeira que eles mesmos construíssem, ou mesmo um buraco no chão cavado por suas próprias mãos, seria suficiente. Presidiários podiam ser subalimentados e malvestidos, pois suas vidas não tinham mais valor. Podiam ser forçados a trabalhar, sem feriados, quantas horas ao dia fossem necessárias. Podiam ser executados por não cumprir a meta de produção. O desenvolvimento das regiões remotas da Sibéria e do Oriente Distante teria sido impossível sem esse imenso exército de presidiários (além dos "colonizadores especiais"; em outras palavras, pessoas deportadas à força e exiladas para essas regiões remotas). O governo planejava com antecedência o número de prisioneiros necessário para o ano seguinte, e mandava o pedido certo de prisões para o NKVD (Comissariado Popular de Assuntos Internos).

O segundo segredo do sucesso da industrialização de Stálin consistia nos vastos recursos disponíveis do país. Ao longo de um milênio de sua história, a Rússia acumulara um tesouro incalculável. O país possuía grandes reservas de ouro. Objetos surpreendentes foram recolhidos de igrejas, mosteiros, museus, palácios e residências nobres. Eram imagens sacras, quadros, estátuas, medalhas, livros, mobília antiga, peles e joias. Tudo foi impiedosamente confiscado e vendido no exterior. Stálin vendeu enormes reservas de ouro, platina e diamantes mundo afora. Em poucos anos, ele vendera tudo o que a nação acumulara durante séculos. Stálin roubou igrejas e mosteiros, bem como museus e cofres imperiais. Imagens sacras e livros preciosos, quadros de grandes mestres renascentistas, coleções de diamantes e tesouros de museus e bibliotecas — tudo foi exportado.

Além disso, a Rússia dispunha de recursos naturais de todo o tipo, e em quantidade quase inesgotável. Milhões de pessoas derrubavam florestas e transportavam madeira para os portos do norte. Madeira era a base da exportação. Stálin também organizou a mineração de ouro em escalas jamais vistas. Entre outros, um grupo do campo de concentração foi formado sob o nome "Dal'strói" (abreviação russa de "Truste de Construção do Oriente Distante"). O cidadão francês Jacques Rossi passou quase metade da vida nos campos de concentração soviéticos e escreveu uma enciclopédia notável, conhecida como *The Gulag Handbook: An Encyclopedia and Dictionary of Soviet Penitentiary Institutions and Terms Related to the Forced Labor*

Camps [Manual do Gulag: uma Enciclopédia e um Dicionário das Instituições Penitenciárias Soviéticas e Termos Relacionados aos Campos de Concentração]. Eis como ele descreveu o complexo de campos:

> Dal'strói é o reinado mais poderoso e quase autônomo do Império Gulag. Foi fundado entre 1932 e 1933, nas praias do Mar de Okhótsk, na foz do Rio Kolimá. A incumbência principal era extrair ouro. As florestas ao redor, o carvão e outros recursos eram explorados apenas para as necessidades internas do Dal'strói. Todo o trabalho era feito pelos presidiários, incluindo a construção de vilas e cidades para os contratados, a construção de milhares de quilômetros de estradas, acomodações para os presos, etc. No início da década de 1940, Dal'strói estendia-se numa área de 1.300 quilômetros de norte a sul, e de 1.700 quilômetros de leste a oeste, englobando a parte ocidental de Kamtchátka e a Iakútia oriental. Dal'strói não se subordinava à administração local.[3]

Desde o fim da década de 1930, e até o início da de 1950, milhares de presidiários mineraram cerca de cem toneladas de ouro por ano para Stálin.[4] Em 1939, somente a Dal'strói extraiu 66,7 toneladas de ouro em Kolimá. O plano para 1940 era de 80 toneladas. E sua produção continuou crescendo. A título de comparação, na Rússia czarista, a produção máxima de ouro foi de 64 toneladas, em 1913; a produção média mundial de ouro, entre 1930 e 1939, foi de 803 toneladas. Portanto, só os campos de Kolimá proviam Stálin com 12% da produção mundial de ouro.[5]

O ouro da Sibéria e do Oriente Distante foi a chave do sucesso da industrialização. Mas Dal'strói não era o único ponto em que o ouro era extraído. Stálin também pagava pela tecnologia estrangeira com carvão, níquel, manganês, petróleo, algodão, além de madeira, caviar e peles. Em 1930, a principal exportação soviética foi de grãos. Ele conseguiu obter 883 milhões de rublos de ouro pelos grãos exportados. A venda de petróleo e seus derivados, assim como a de madeira e subprodutos, foram responsáveis por mais 430 milhões de rublos de ouro. Os capitalistas pagaram quase 500 milhões de rublos de ouro em troca de linho e peles.

Mais tarde, por causa da superprodução de grãos nos Estados Unidos, o preço deles despencou. Entre 1932 e 1933, a receita total da venda de grãos, a preço baixo e em *dumping*, foi de apenas 369 milhões de rublos de ouro. Em 1933, a receita da venda de grãos reduziu-se a 8% de toda a receita de exportação. Mesmo metade dos grãos vendidos naquele período teria sido suficiente para salvar o país da fome.[6]

Milhões de escravos do comunismo cumpriram o primeiro plano quinquenal, enquanto, ao mesmo tempo, os Estados Unidos atravessavam uma crise econômica sem precedentes, que se espalhou pela Europa. A crise deu impulso adicional ao trabalho de Stálin. Achando-se no meio da Grande Depressão, inventores e homens

de negócios dos Estados Unidos, da Alemanha, Grã-Bretanha e França vendiam tecnologia a preço baixo. Felizmente, Stálin tinha muito ouro de reserva. A tecnologia ocidental era a principal chave do sucesso. No início da década de 1930, a União Soviética tornou-se o maior importador de maquinaria e equipamento. O Comissário do Povo para a Indústria Pesada, Sergo Ordjonikidze, declarou com satisfação: "Nossas usinas, nossas minas, nossas fábricas estão hoje equipadas com uma tecnologia avançada, como nenhum país tem. E onde a conseguimos? Compramos as mais avançadas conquistas tecnológicas de americanos, alemães, franceses, ingleses; e com elas equipamos nossas empresas". E depois acrescentou, com um sorriso: "Eles mesmos ainda têm fábricas e minas equipadas com material do século XIX e do início do século XX".[7]

Engenheiros americanos foram à União Soviética e projetaram fábricas, enquanto os escravos de Stálin cavavam valas, construíam estradas de concreto e erguiam paredes. Guindastes, ferramentas e equipamentos vinham do exterior, e os engenheiros estrangeiros montavam, ajustavam e testavam tudo. No início da década de 1930, para assombro do mundo, na cidade de Níjni, Tagíl, nasceu a mais poderosa indústria do mundo — a Uralvagonzavód (Fábrica de Locomotivas dos Urais).

Os americanos falam, com justo orgulho, da fábrica gigantesca que projetaram e construíram, não nos Estados Unidos, mas na União Soviética. No curso de seis décadas, até o desmoronamento da União Soviética, a Uralvagonzavód continuou sendo a maior empresa do mundo (confirmado pelo livro Guinness). A Uralvagonzavód foi construída de tal modo que a qualquer momento poderia mudar a produção de vagões ferroviários para tanques. Em 1941, emitiu-se uma ordem para fabricar tanques, e Uralvagonzavód, sem atraso, iniciou sua produção em massa. Durante os quatro anos de guerra, Uralvagonzavód fabricou 35.000 tanques T-34 — além de outras armas.

Ao mesmo tempo, a fábrica de tratores Tcheliábinsk era construída nos Urais. Também ela obedecia a um projeto americano e foi totalmente equipada com material dos Estados Unidos. Do mesmo modo, era capaz de parar a produção de tratores e começar a de tanques. Durante a guerra, essa fábrica foi chamada de Tankográd. Não só construiu os tanques médios T-34, como os IS e KV de classe pesada.

Não muito longe dali, em Sverdlóvsk, ergueu-se uma terceira fábrica gigante: a Uralmách. Essa fábrica está entre as dez maiores fábricas de projetos do mundo. Para abastecer tais gigantes nos Urais, a fundição de aço foi consideravelmente expandida. Construiu-se uma cidade de metalúrgicos — Magnitogórsk — bem como uma enorme fábrica, cuja principal produção era aço blindado.

No entanto, os Urais não eram o único centro de construção de tanques. Em Stalingrado, uma fábrica imensa foi erguida, cuja produção oficial era de tratores, mas na realidade servia para fabricar tanques. Ao mesmo tempo, nasciam fábricas de

automóveis, motores, aviões e artilharia. A mais poderosa fábrica de aviões do mundo foi construída no Oriente Distante. Para abastecer essa fábrica, nasceu a cidade Komsomolsk-na-Amúre, como complemento da própria fábrica. Tanto uma como outra foram construídas de acordo com projetos americanos e equipadas com os mais modernos equipamentos dos Estados Unidos. A extensão da construção de Komsomolsk surpreendeu até mesmo os engenheiros americanos que haviam ido até lá para instalar o equipamento.

Fábricas modernas foram construídas na União Soviética, mas a vida das pessoas não se beneficiou em nada. As panelas e potes mais comuns, botas de borracha, pratos, a mais simples das mobílias, a mais barata das roupas, pregos e fósforos — tudo ficou escasso. Filas quilométricas formavam-se diante das lojas. Stálin pagava pela industrialização com a queda vertical do estilo de vida de seu povo.

Stálin tinha outro ás na manga: espiões. O Ocidente forneceu a Stálin o mais moderno equipamento industrial e vendeu licenças de produção dos mais novos modelos de armas e de tecnologia militar. Aquilo que não podia ser obtido por meios legais era roubado pelos espiões de Stálin. Ele era generoso com seu ouro, quando se tratava de espionagem.

A fim de ver aumentada a produtividade de seus cientistas e engenheiros, Stálin mandou prender esses profissionais em massa, acusando-os de espionagem. Notáveis projetistas de aviões, tanques e armamentos foram postos atrás das grades. Entre esses, achavam-se S. O. Korolev — futuro inventor do primeiro satélite artificial que orbitou a Terra — N. N. Polikarpov, A. N. Tupolev, R. L. Bartini, V. M. Miasichev, V. M. Petliakov e milhares de outros. A tarefa que lhes impuseram era simples: criem os melhores bombardeiros (tanques, canhões, motores e submarinos) do mundo, para receber a liberdade; falhem e irão a Dal'stói para minerar ouro, mas lembrem-se de que os presidiários de lá não duram muito tempo. Profissionais na prisão não tinham de ser pagos pelo seu trabalho; não tinham necessidade de boas casas nem apartamentos; e já não precisariam ser enviados em descanso às praias. Privados de tudo isso, eles ainda tinham todo o interesse em criar as melhores armas do mundo, em prazos bastante apertados. Eram profissionais de talento, e os espiões de Stálin providenciavam para eles tudo o que era criado pelas melhores cabeças do mundo. Cada profissional preso tinha diante de si os melhores projetos americanos, alemães, ingleses e outros, conforme seu campo. Ele podia escolher o melhor projeto e, baseado nele, criar algo ainda mais avançado.

Imediatamente após os comunistas tomarem o poder, as terras foram divididas entre os camponeses. A divisão foi bastante justa, de acordo com o número de bocas para alimentar; isto é, o tamanho da área que uma família recebia dependia do número de seus membros. Milhões de camponeses russos sonharam, por séculos, em ter terra. Agora, seu sonho se realizara, mas o resultado foi uma fome geral no país todo.

Acontece que os comunistas deram terras ao povo, mas exigiram que tudo o que os camponeses cultivassem fosse devolvido ao governo. A terra é sua, mas tudo o que nela crescer não é seu.

É compreensível que ninguém queira dar voluntariamente os frutos de seu trabalho. Em resposta a isso, os comunistas criaram brigadas de "reguladores de alimentos"; eram exércitos de homens armados que tiravam todas as reservas dos camponeses. Estes responderam com resistência armada, mas falharam.

A luta por pão foi vencida pelos comunistas, mas eles comemoraram a vitória antes do tempo. É possível tirar do camponês o pão e as batatas, levar consigo as vacas e abater os porcos; mas é impossível forçar um homem a continuar trabalhando. Os camponeses russos pararam de cultivar a terra, já que os comunistas levavam embora sua produção. O resultado foi a terrível fome de 1920-1921.

Lênin viu-se forçado a recuar nessa rígida política, e permitiu a livre negociação de alimentos; criou-se o rublo de ouro. Tudo isso foi chamado de NEP, ou NPE — Nova Política Econômica. Não havia nada de novo nela; tratava-se do bom e velho capitalismo. O país reviveu quase de imediato. Em 1923, houve tanta produção que a Rússia pôde novamente exportar grãos. Mas em 1927, Stálin iniciou a industrialização. Esse processo trouxe consequências imprevistas para os comunistas. O país tinha imensas reservas de produção, mas os camponeses não tinham pressa de vender. O motivo era simples: ao longo de vários anos, os camponeses trabalharam duramente e amealharam boas reservas de rublos de ouro. Foram então às lojas, em busca de produtos manufaturados, mas não havia o que comprar. Praticamente toda a produção industrial da União Soviética era voltada para equipamentos bélicos. Havia tanques, aviões, paraquedas, canhões, bombas, cartuchos e metralhadoras, mas nada para o lar. De que valia ter dinheiro, se não havia o que comprar? Mais uma vez, os camponeses haviam parado de vender produtos ou simplesmente haviam parado de cultivá-los.

Os comunistas agora enfrentavam um dilema: destinar parte do orçamento para a produção de bens para os ricos camponeses consumirem ou livrar-se dos mais ricos — ou seja, dos que mais trabalhavam, dos mais espertos. Em vez de voltar à existência humana normal e por fim ao comunismo, Stálin preferiu escravizar os camponeses em fazendas coletivas e eliminar a propriedade privada. Em 1928, Stálin iniciou a sangrenta guerra contra os camponeses — e chamou-a de coletivização.

Unidades do Exército Vermelho cercaram regiões inteiras. Em pleno inverno, os camponeses que produziam mais que outros foram reunidos com as famílias, postos em vagões de gado e transportados através de milhares de quilômetros para a Sibéria, Urais ou Cazaquistão, onde eram jogados no frio das estepes. Essa grandiosa operação iniciou-se sob as ordens de Stálin, e foi executada por seu delegado em ascensão, Molotov. Muitos anos mais tarde, perguntaram a Molotov quantas pessoas haviam sido transportadas para regiões selvagens e desabitadas durante a coletivização. Res-

pondeu ele, "Stálin mandou-nos transferir dez milhões. Na realidade, transferimos vinte milhões".[8]

A literatura histórica e fontes documentais oferecem números diferentes das perdas demográficas resultantes da coletivização e da fome no período entre 1932 e 1933. Hoje, os seguintes números parecem adequados: entre 3,5 e 5 milhões de pessoas morreram de fome, e de 3 a 4 milhões pereceram no exílio, como resultado das condições intoleráveis de repressão e vida insuportável. O canibalismo floresceu no país, ao passo que Stálin, mesmo nesses tempos terríveis, vendia milhões de toneladas de grãos a cada ano, para acumular dinheiro e produzir armas em quantidade astronômica.[9]

7

O papel de Stálin na glorificação de Hitler

> Se a Rússia fizer a paz, ela será apenas temporária. A Revolução Socialista da Rússia somente triunfará quando estiver cercada por um grupo de repúblicas socialistas irmãs. A paz feita com a Alemanha imperialista não seria mais que um fenômeno episódico. Ela nos traria uma breve pausa, após a qual a guerra ferveria de novo.
>
> *G. Zinoviev, Collected Works*

Foi no ano de 1927 que Stálin finalmente garantiu e consolidou seu lugar no topo da estrutura do poder. A partir de então, ele se concentrou não só em fortalecer sua ditadura como também se concentrou na questão do movimento comunista e da revolução mundial. Stálin precisava da vitória na Europa, especialmente na Alemanha. Para isso, deveria eliminar três obstáculos que atrapalhavam a revolução alemã. Deveria reestruturar o Partido Comunista alemão e obrigá-lo a cumprir as ordens de Moscou; estabelecer fronteiras comuns com a Alemanha e destruir os social-democratas alemães.

Stálin entendia, melhor que qualquer outro, que a revolução chega como resultado de uma guerra. A guerra acirra tensões, arruína economias e conduz a nação para perto de limites fatais, além dos quais cessa toda a existência. Em matéria de guerra e paz, ele aderira ao seguinte princípio: se os social-democratas, com seu pacifismo, desviam a atenção do proletariado para longe da revolução e da guerra, que é a semente da revolução, então é preciso travar uma luta impiedosa contra os social-democratas. Em 6 de novembro de 1927, Stálin lançou o *slogan*: "É impossível acabar com o capitalismo sem acabar com os social-democratas".[1] No ano seguinte, Stálin declarou que a guerra aos social-democratas seria a primeira missão para os comunistas: "Primeiramente, uma luta sem tréguas contra os social-democratas, em todas as frentes [...]

incluindo a exposição do pacifismo burguês".[2] Com relação aos que queriam guerra — por exemplo, os "fascistas alemães" (os comunistas não os chamavam de "nazistas" porque não queriam que seu povo conhecesse o aspecto "socialista" e "trabalhador" do nome do partido de Hitler) — a posição de Stálin era clara e rígida: deviam ser apoiados. Que os fascistas se encarregassem de pacifistas e social-democratas; que eles começassem a nova guerra. Todos sabiam que uma grande guerra é seguida de revolução.

Em 1927, Stálin previu a tomada do poder pelos nazistas na Alemanha, e considerava tal desenvolvimento desejável: "É exatamente o fato de que o governo capitalista vai se tornando fascista que está provocando o aguçamento de tensões nos países capitalistas, e incitando movimentos revolucionários operários", disse Stálin ao Comitê Central, em 1927.[3] Stálin batizou o regime de Hitler de "ditadura terrorista" e enfatizou que "a crise revolucionária crescerá mais rápido, já que quanto mais a burguesia ficar confusa com suas combinações e táticas, mais a ditadura utilizará métodos terroristas". Em seu relatório para o 17º Congresso do Partido, destacou: "Não falo sobre o fascismo em geral, mas sobre o fascismo do tipo alemão".

Em 1925, Stálin declarou que a Segunda Guerra Mundial era inevitável, assim como a entrada da União Soviética nessa guerra. "Não pode haver dúvida de que haverá uma guerra na Europa, e todos dela tomarão parte".[4] Mas ele não queria começar a guerra, nem participar dela no primeiro dia: "Teremos de entrar, mas entraremos por último; e jogaremos nosso peso para desequilibrar a balança".[5] Quanto mais crimes Hitler cometia na Europa, tanto melhor para Stálin — mais razão teria ele em enviar o Exército Vermelho para libertar a Europa.

Para que a estratégia de Stálin se concretizasse, Hitler precisava garantir a maioria absoluta de votos nas eleições parlamentares alemãs. Sozinho ele não conseguiria. Em 31 de julho de 1932, o partido de Hitler obteve 13,7 milhões de votos nas eleições do *Reichstag* (o parlamento alemão), ou 37,3% do número total de votos — o máximo para o partido nazista. Depois sua popularidade começou a cair. Entretanto, não era suficiente para a maioria absoluta. Nos quatro meses seguintes, Hitler perdeu dois milhões de votos. A queda continuou e ganhou velocidade. A distribuição de votos entre os maiores partidos políticos da Alemanha, em 6 de novembro de 1932, quando aconteceu a eleição parlamentar de emergência, foi a seguinte:

Partido de Hitler (NSDAP)	11.705.000
Social-democratas	7.231.000
Partido Comunista	5.971.000

O Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores enfrentava uma crise. À primeira vista, Hitler parecia ser o vencedor e o político mais popular da Alemanha;

portanto, deveria tomar o poder. Entretanto, ele não tinha a maioria absoluta e não poderia fazer isso. Mas somando social-democratas e comunistas, a maioria seria deles. O Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores de Hitler também mergulhara em uma profunda crise financeira, com suas reservas rapidamente chegando ao fim. Escreveu Goebbels em seu diário: "Toda a esperança se desvaneceu. [...] Não sobra um só *pfennig* em nossa caixa. [...] Ninguém nos dá crédito. [...] Estamos no último suspiro". No dia 23 de dezembro de 1932, Goebbels escreveu: "Estou sufocado por uma terrível sensação de solidão, que se assemelha à impressão de perda total! O ano de 1932 foi uma sequência de desastres, um após o outro. Deveria ser apagado por completo. [...] Não temos perspectivas nem esperanças". A difícil posição em que os nazistas se encontravam não era segredo para observadores externos. Nas vésperas do Ano Novo, o poderoso jornal *Frankfurter Zeitung* já comemorava a "desintegração do mito do NSDAP". Harold Laski, um dos líderes intelectuais da esquerda inglesa, tinha certeza disso: "Foi-se o tempo em que os nacional-socialistas representavam perigo letal. [...] Feitas as contas, não é improvável que Hitler termine a carreira como um velhinho em alguma vila bávara, contando histórias para os amigos à tardinha numa cervejaria, sobre como certa vez ele quase orquestrou a tomada de poder do Reich alemão".[6]

Diante da bancarrota, Hitler, como recorda o diário de Goebbels, considerou duas opções: a primeira era a fuga; a outra era o suicídio. Dez anos após a crise, o próprio Hitler declarou a seu círculo: "A situação chegou ao seu ponto culminante em 1932, quando fomos forçados a assinar várias promissórias para custear nossa imprensa, as campanhas de eleição e manter o partido ativo. [...] Em nome do NSDAP, assinei os papéis, sabendo que se o partido parasse de funcionar, tudo estaria perdido".[7] No fim de 1932, a era de Hitler teria chegado ao fim e ele estaria acabado como político. Por enquanto, ele ainda era a figura política mais popular da Alemanha, mas seu partido achava-se comprometido e sem dinheiro em caixa. O nacional-socialismo estava condenado — até que Hitler foi salvo por Stálin.

O camarada Stálin não só salvou Hitler, mas entregou-lhe as chaves do poder. A democracia é estruturada de tal modo que, durante os pontos de virada da história, grupos minoritários assumem o papel principal. Isso acontece porque a história tem inúmeros caminhos e desvios possíveis. Quando tudo vai bem, o povo concorda com o modo de ação dos líderes, mas em tempo de crise, surgem ideias e planos alternativos. As alternativas políticas dividem a nação quase que por igual, em duas visões exatamente opostas. Em tal situação, um terceiro grupo — minoritário — torna-se fazedor de reis, e seu papel pode ser decisivo.

Em 1932, a Alemanha achava-se precisamente nessa situação: Hitler estava em primeiro lugar, os social-democratas em segundo, e os comunistas em terceiro. Mas nenhum dos três podia controlar a maioria absoluta, necessária para a subida ao poder.

Nesse caso, o destino da Alemanha, e da Europa, estava nas mãos dos comunistas alemães. Se os comunistas ficassem com os social-democratas, o nazismo submergiria para nunca mais voltar. Se os comunistas ficassem contra os social-democratas, a social-democracia desmoronaria.

Para os comunistas, formar uma coalizão com os social-democratas significaria derrotar Hitler. Após a vitória, os comunistas automaticamente subiriam do terceiro para o segundo lugar e dividiriam o poder com o primeiro partido, o social-democrata. Era uma opção sedutora.

Os comunistas tinham outra opção: ir contra os social-democratas, abrindo assim o caminho para Hitler. As consequências de tal jogada eram bastante previsíveis. Hitler, quando chegasse ao poder, jogaria tanto os social-democratas como os comunistas em campos de concentração. Se os comunistas alemães lutassem contra os social-democratas, estariam sentenciando-os à morte, bem como a si mesmos.

Sob ordens de Stálin, os líderes comunistas alemães escolheram a segunda opção — não quiseram formar um bloco com os social-democratas. Publicamente, para os comunistas regulares e operários, a política do Partido Comunista contra os social-democratas foi explicada por meio de um raciocínio distorcido: não havia diferença radical entre um regime de democracia parlamentar e uma ditadura fascista. Ambas eram formas de ditadura burguesa, que ficava cada vez mais reacionária. Os líderes alemães comunistas repetiam, como os mestres de Moscou, que uma virada fascista, feita por partidos burgueses e seus correligionários, seria mais perigosa ainda que os nazistas, porque os social-democratas escondiam suas verdadeiras intenções. Os líderes comunistas alemães diziam aos operários: somos comunistas que lutam contra o capitalismo e o fascismo, enquanto os social-democratas agem como protetores do capitalismo, sendo, na verdade, aliados dos fascistas. Portanto, os social-democratas não são nada mais que a "ala esquerda" do fascismo, ou seja, são "social-fascistas" — um partido cuja política é o "fascismo velado", algo mais perigoso que a política nazista. A política de amor à paz dos social-democratas impede a guerra; portanto, impede a revolução e, em última instância, impede a vitória da classe operária. Por outro lado, a política nazista eleva a chance de guerra, de revolução e, em última instância, de vitória da classe operária. Com essa estranha dialética, concluíram que o partido de Hitler deveria levar adiante o principal ataque aos social-democratas, uma vez que estes eram o mais perigoso inimigo, pois ainda tinham alguma influência sobre a classe operária e podiam retardar uma guerra efetiva contra o capitalismo.

Hitler chegou ao poder como resultado desse malabarismo ideológico desvirtuado. Os comunistas alemães, pelo instinto de autopreservação, deviam ter feito coalizão com os social-democratas. Mas Stálin interveio e abriu o caminho para Hitler. A primeira vez em que houve cooperação aberta entre nazistas e comunistas foi em agosto de 1931, na Prússia Oriental, onde os social-democratas estavam no poder.

Os nazistas lançaram um plebiscito, com o objetivo de expulsar os social-democratas. A princípio, os comunistas opuseram-se ao plebiscito. Entretanto, após receberem instruções de Moscou, mudaram de ideia. Nazistas e comunistas uniram forças sob uma mesma bandeira vermelha, em que a suástica se entrelaçava com a foice e o martelo. Apesar de os comunistas chamarem o plebiscito de "Referendo Vermelho", e os nazistas de "camaradas do povo trabalhador", não tiveram maioria no plebiscito.

Um ano depois, vários dias antes das eleições do Reichstag, em novembro de 1932, teve início uma greve nos transportes públicos. Comunistas e nazistas orquestraram-na juntos. Tropas de choque e *rotfronters* (paramilitares comunistas) paralisaram o transporte público por cinco dias, arrancaram trilhos de bonde, organizaram piquetes, bateram em quem foi trabalhar e usaram a força para deter os veículos que as autoridades conseguiram pôr nas ruas.

Uma vez que os nazistas chegaram ao poder, Stálin usou de toda a sua habilidade para empurrá-los para a guerra. Quando a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha, porque esta atacara a Polônia, Stálin ordenou que os comunistas das democracias ocidentais se opusessem ao conflito. As democracias ocidentais eram rotuladas de imperialistas capitalistas, e a Internacional Comunista mandou que seus membros enfraquecessem os exércitos das democracias ocidentais, por meio de greves em fábricas de armamentos e aviões. Os partidos comunistas deviam exigir o fim da "guerra imperialista". Hitler foi pintado como aquele que lutava pela classe operária. Mas ao empurrar Hitler para um conflito com a Europa democrática, Stálin emitira a sentença de morte para ele. Oferecendo-se para dividir a Polônia com Hitler, Stálin arrastara-o para uma guerra de maior escala, que poderia durar anos. Stálin esperava que os aliados ocidentais e a Alemanha exaurissem seus recursos lutando entre si, como acontecera na Primeira Guerra Mundial. A luta entre Hitler e as democracias ocidentais criaria o palco para o "poderoso golpe" do Leste e traria a revolução mundial na ponta das baionetas do Exército Vermelho. Cinco anos antes da ascensão dos nazistas ao poder, Stálin já havia planejado sua aniquilação: "Vamos esmagar o fascismo, destruir o capitalismo, estabelecer o poder soviético e libertar as colônias da escravidão."[8]

8

Stálin e a destruição da aviação estratégica soviética

Existindo um exército para invasão maciça, a tarefa principal da força aérea é dar apoio ao avanço desse exército, e nisso devem estar concentrados todos os esforços.

Comandante de Brigada Alexander Laptchínski, *The Air Army*

Stálin poderia ter evitado a Segunda Guerra Mundial com uma assinatura. Teve muitas oportunidades para isso. Eis uma delas: em 1936, a União Soviética desenvolveu o bombardeiro TB-7 (mais tarde renomeado Pe-8), pesado, de alta velocidade e grande altitude. Seguem-se algumas avaliações:

Major-general da Força Aérea, P. Stefanóvski, piloto de testes do TB-7: "A pesada nave ultrapassou, em capacidade de voo, e a uma altitude de 10.000 metros, os melhores caças europeus de sua época".[1]

Major-general da Força Aérea, V. Chumíkhin: "Em altitudes acima de 10.000 metros, o TB-7 não podia ser alcançado pela maioria dos caças existentes na época, e o teto de 12.000 metros tornava-o intocável, mesmo pela artilharia antiaérea".[2]

Projetista de aviões, V. Chavrov: "Um avião notável. Foi no TB-7 que as primeiras bombas de cinco toneladas foram carregadas — antes do que nos Estados Unidos ou na Inglaterra".[3]

Professor L. Kerber: "Essa máquina tinha forte sistema defensivo, consistindo de canhões de 20 mm e metralhadoras pesadas de 12,7 mm. As bombas de maior calibre cabiam no grande compartimento. [...] Era inatingível estando em sua altitude máxima, quer por canhões antiaéreos, quer por caças daquela época. O TB-7 era o mais poderoso bombardeiro do mundo".[4] "Um avião para bater recordes. [...] Agora, temos motivo para afirmar que o TB-7 era mais poderoso que a fortaleza voadora americana B-17".[5]

Os historiadores concordam com tais avaliações. John V. R. Taylor: "Em altitudes entre 10 e 12 mil metros, sua velocidade ultrapassava a dos caças alemães Me-109 e He-112".[6] Vaklav Nemecek: "Essa máquina tinha vida incrivelmente longa. Nos anos 1950, ainda era possível encontrar alguns desses aviões em rotas polares, onde eram usados para transporte de carga".[7] Não há necessidade de provar que apenas bons aviões sobrevivem e voam por tanto tempo.

As notáveis qualidades do TB-7 foram exibidas a peritos ocidentais na primavera de 1942, quando a chegada de uma delegação soviética, chefiada por Molotov, era aguardada nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Pensava-se então que a única rota possível seria através da Sibéria e do Alasca, mas Molotov voou num TB-7, de Moscou à Inglaterra, sobrevoando a Europa ocupada. É preciso lembrar quem mandava nos céus da Europa na primavera de 1942, para apreciar o nível de confiança depositada pela liderança soviética nesse avião. Molotov não temeu o risco de pousar na plataforma de defesa nazista, e Stálin não hesitou em deixar que Molotov voasse. O TB-7 provou que era bom. Sobrevoou toda a Europa, parou na Inglaterra, voou para a América e voltou pela mesma rota, mais uma vez sobrevoando a Alemanha sem ser incomodado.

Após a guerra, uma comissão do governo soviético realizou uma análise das defesas antiaéreas alemãs na época desse voo de Molotov. Constatou-se que, ao longo do voo, os caças alemães não decolaram para interceptar a nave inimiga; nenhum alerta foi soado nas baterias antiaéreas; os postos de observação não registraram o voo do TB-7. Em outras palavras, as defesas antiaéreas germânicas não só não podiam abater o TB-7 como não puderam detectar sua presença no céu alemão.

O coronel (na época, capitão) E. Pussep, que pilotou um TB-7 sobre a Alemanha várias vezes (não só com a preciosa vida de Molotov, mas com outras cargas), relatou: "As armas antiaéreas atingem tais altitudes quase sem mira, para não dizer nenhuma. Um caça a essa altura só conseguiria voar como uma mosca sonolenta. Quem poderia me atingir?"[8]

Assim, muito antes da guerra, a União Soviética havia criado um bombardeiro inatingível. Preparou-se uma ordem do governo para produzir mil modelos até novembro de 1940. O que faltava fazer? Restava assinar a ordem com sete letras: J. Stálin.[9]

Enquanto os primeiros modelos TB-7 voavam em altitudes inatingíveis, engenheiros de outros países ainda lutavam contra a invisível barreira de altura: no ar rarefeito, os motores perdiam força, em razão da deficiência de oxigênio.[10] Literalmente, sufocavam, tal como alpinistas no pico do Monte Everest. Havia um modo de aumentar o poder dos motores: usar gases de exaustão para girar um turbocompressor, que alimentava o motor com mais ar. Embora simples na teoria, na prática isso era difícil. Em tentativas experimentais, a operação foi bem-sucedida em certos aviões especiais, mas não em modelos de série.

Os componentes do turbocompressor trabalham com uma corrente quente de gás corrosivo, a uma temperatura acima de 1.000°C, quando o ar à volta deve estar a -60°C. O gás então volta ao campo quente. O aquecimento desigual e as mudanças bruscas de pressão e temperatura arruinavam suas partes, e o ruído do turbocompressor abafava o rugido dos motores. Tintas protetoras e revestimentos queimavam-se já no primeiro voo e, quando o avião pousava, a umidade depositava-se nos motores quentes e a corrosão devorava os mecanismos. Os mancais é que sofriam mais: derretiam-se como velas de cera. Em aviões de teste, era motivo de comemoração quando o turbocompressor não quebrava em apenas uma entre dez tentativas. Mas o que fazer com aviões produzidos em massa?

Todos buscavam uma solução, que já tinha sido descoberta por Vladimir Petliakóv, criador do TB-7. A solução foi guardada e mantida como segredo de estado. O TB-7 tinha quatro hélices e por fora parecia um avião de quatro motores. Mas embutido na fuselagem, atrás da cabine do piloto, Petliakóv instalou um quinto motor, que não girava nenhuma hélice. Em altitudes baixas ou médias, os quatro motores principais funcionavam juntos; em grandes altitudes, o quinto era ligado e acionava um sistema de alimentação central de oxigênio. Com esse mecanismo, o quinto motor alimentava os quatro outros e a si mesmo. Desse modo, o TB-7 podia chegar aonde nenhum avião chegava. Com ele, era possível sobrevoar a Europa, bombardear qualquer alvo e não se preocupar com a própria segurança.

Com mil modelos TB-7 inatingíveis, qualquer invasão poderia ser evitada. Bastava convidar delegações de determinados países e, em sua presença, em alguma estepe remota, despejar de alturas gigantescas pelo menos mil toneladas de bombas.[11] A seguir, viria uma explicação: isso nada tem que ver com vocês; trata-se de uma surpresa que guardamos para a capital do país que se aventurar a nos atacar. Precisão? Não há precisão. Para que haveria? Jogamos bombas de alturas inimagináveis. A falta de precisão será corrigida através de bombardeios consecutivos. Todo dia, centenas de toneladas de bombas choverão sobre a capital do agressor, até atingirmos o resultado esperado; e depois outras cidades também conhecerão essa tempestade de granizo. Entendem o que acontecerá com o adversário, antes que ele tenha a chance de chegar a Moscou? O TB-7 é intocável quando no ar, e, do chão, não pode ser atacado por ninguém. Nossas bases estão escondidas longe das fronteiras, e nossos prováveis inimigos não têm aviação estratégica, por assim dizer... E agora, senhores, brindemos à paz eterna.

Tal discurso podia ter sido feito pelos diplomatas de Stálin, caso a União Soviética tivesse algumas centenas, ou talvez mil aviões TB-7. Mas Stálin decidiu não fabricar tais mil aeronaves. Seria possível entender os motivos de Stálin? Sim, é possível.

Se compararmos mil aviões TB-7 a um jogo de xadrez, a situação seria equivalente a poder declarar xeque-mate ao rei adversário antes de o jogo começar; se o opo-

nente se aventurar a jogar, é possível dar o xeque-mate após o primeiro movimento. Se mil toneladas de bombas, que algumas centenas de aviões TB-7 poderiam soltar em uma só viagem, fossem traduzidas para os termos estratégicos contemporâneos, equivaleriam a um quiloton. Essa é a linguagem da era nuclear. Se um quiloton fosse insuficiente, em apenas dois ataques seria possível lançar o dobro de bombas. Vinte quilotons equivalem (sem muita precisão) ao que foi lançado em Hiroshima. Mil aviões TB-7 seriam como um míssil nuclear, direcionado para a capital do inimigo. Seu poder é tanto que, para um agressor potencial, a guerra perderia o sentido.

Alguns argumentam que, no curso da guerra, a aviação estratégica inglesa e a americana despejaram muito mais bombas na Alemanha, sem com isso conseguir sua rendição. É verdade. Entretanto, tratava-se de ataques aéreos durante a guerra, quando era tarde demais para Hitler negociar. História muito diferente seria dar uma demonstração de grande poder a Hitler e seus generais antes da guerra, e adverti-los que, se começassem uma guerra, ela recairia sobre suas cabeças. Nesse caso, o próprio Hitler, ou seu círculo próximo, pensaria duas vezes nas consequências de suas ações.

No fim da década de 1930, Stálin teve nas mãos o poder de criar um instrumento que serviria de forte advertência a Hitler. Com uma assinatura, ele daria ordem para produzir uma série de aviões TB-7, e a invasão alemã em território soviético teria sido evitada. Claro que em agosto de 1939 Stálin não poderia ter mil aviões TB-7, mas poderia ter duzentos, trezentos, talvez até quinhentos — caso ele houvesse assinado, no momento oportuno, a ordem de produzi-los em série.

Para fazer-lhe justiça, devemos notar que Stálin assinou uma ordem, que foi cancelada. E assinada de novo! E anulada de novo, e de novo. Por quatro vezes iniciou-se a produção de modelos TB-7, que foi quatro vezes cancelada.[12] Após cada ordem, a indústria tivera tempo de soltar três ou quatro aviões TB-7, antes de a ordem ser revertida. E tudo começava de novo, e mais uma vez vinha uma interrupção. Em 22 de junho de 1941, a série de modelos TB-7 não estava em produção. Nas quatro tentativas, a indústria de aviação tivera tempo de montar e entregar à aeronáutica não mil aviões, mas onze. Além disso, quase todos os onze não possuíam o mais importante detalhe — o quinto motor adicional.[13] Sem ele, o melhor bombardeiro do mundo tornava-se comum. Após a invasão de Hitler, a produção em série desses aviões foi retomada. Mas era tarde demais.

Surge uma questão. Se Stálin emitisse a ordem de produzir mil aviões TB-7 e não a cancelasse, poderia a indústria soviética honrar a encomenda? Poderia, no fim de 1940, ter produzido mil desses aviões? O criador do TB-7, Vladimir Petliakóv (após a trágica morte de Petliakóv, o TB-7 foi rebatizado Pe-8), não tinha a menor dúvida. Alexánder Mikúlin, criador dos motores do TB-7, tinha absoluta certeza de que a indústria soviética poderia cumprir a tarefa. O professor L. Kerber, auxiliar do projetista A. Tupolev, e os peritos de aeronáutica S. Eger, S. Léchtchenko, E. Stóman;

o engenheiro-chefe da fábrica que produziu os aviões TB-7, I. Nézval; o chefe técnico da fábrica, E. Chekunóv; e muitos outros, de quem a produção dos modelos TB-7 dependia, achavam que a tarefa seria cumprida dentro do prazo estipulado. Os projetistas V. Chavróv e A. Tupolev sustentavam que mil aviões TB-7 estariam prontos em novembro de 1940.

A confiança dos engenheiros e líderes da indústria é compreensível: aquela aeronave não seria construída em qualquer lugar. A Rússia era a pátria-mãe de bombardeiros estratégicos. Digo-o com orgulho e sem ironia. No início do século XX, quando o mundo inteiro voava em aviões monomotores, a Rússia foi a primeira a começar a produzir aviões bimotores. O mundo mal tivera tempo de apreciar devidamente esse avanço quando o grande engenheiro russo Igor Ivánovitch Sikórski construiu o primeiro bombardeiro pesado quadrimotor, o Iliá Múrometz, em 1913. Por muito tempo o Múrometz não teve concorrente em termos de armamento, capacidade de bombardeio e alcance. Tinha o melhor sistema de navegação, visão e mira, e o primeiro mecanismo elétrico de despejo de bombas do mundo. Para a defesa, possuía oito metralhadoras e até houve uma tentativa de instalar um canhão de 76 mm a bordo. Em 1914, a Rússia tornou-se a primeira nação do mundo a criar uma unidade de bombardeiros pesados — uma esquadra de aeronaves.

Quando os comunistas subiram ao poder, Igor Sikórski viu-se entre os exilados. Entretanto, o potencial tecnológico da Rússia continuava grande, e o desenvolvimento prosseguiu. Apesar do terror, apesar da carga comunista, a Rússia continuou a liderar a área de bombardeiros pesados. Em 1925, o escritório de projetos de A. Tupolev criou o TB-1, o primeiro bombardeiro feito inteiramente de metal, e também o primeiro monoplano com asa em cantiléver. O resto do mundo, na mesma época, construía bombardeiros biplanos de madeira. Os testes do TB-1 renderam dois recordes mundiais. Em pouco tempo, 216 modelos TB-1 foram construídos — mais um recorde.[14] A Rússia tinha mais bombardeiros pesados do que todos os países juntos. À medida que os aviões eram construídos, mais e mais esquadras, regimentos e brigadas se formavam.

Em 1930, Tupolev lançou um bombardeiro ainda mais poderoso, o TB-3, primeiro monoplano de quatro motores com asa em cantiléver. O TB-3 era o maior avião do mundo, tanto militar como de carreira. Eles não eram divulgados em produção nem em desenho. Tupolev, em 1933, já tinha iniciado experiências de reabastecer o TB-3 em voo. Esse avião quebrou vários recordes mundiais, incluindo voos de grande altitude com cargas de 5, 10 e 12 toneladas. O projeto do TB-3 tornou-se modelo básico para aviões dessa classe durante muitas décadas. Sua montagem era feita com rapidez impressionante, atingindo-se três modelos por dia.[15]

A indústria soviética quebrou o próprio recorde: em curto período, produziu 819 aviões TB-3. Regimentos e brigadas do ar já não bastavam. Em 23 de março

de 1932, a União Soviética tornou-se o primeiro país do mundo a criar um corpo de bombardeiros pesados. Em janeiro de 1936, o primeiro exército-do-ar foi criado, seguido de outro em março e um terceiro um pouco depois. Nenhuma nação do mundo tinha, nessa época, um exército-do-ar, nem sequer um corpo de aviação estratégica. Uma frota de mil bombardeiros pesados é o sonho de qualquer estrategista, e esse sonho materializou-se pela primeira vez na União Soviética. Generais e políticos de todas as nações discutiam a doutrina sobre o domínio do ar pregada pelo teórico italiano general Giulio Douhet — um forte defensor do bombardeio estratégico.[16] Apenas Stálin não discutiu.

Mas isso não é tudo: os planos eram rearmar três forças de aviação com os mais novos bombardeiros e, além disso, posicionar três exércitos nos distritos militares de Bielo-Rússia, Kiev e Leningrado.[17] Enquanto o TB-3 estava "aprendendo a voar"; enquanto estava "ganhando asas", aproximadamente dez escritórios de projetos já se aplicavam em feroz competição para obter a encomenda do mais novo bombardeiro estratégico, que viria substituir mil modelos TB-1 e TB-3 de Tupolev. O próprio Tupolev propôs o Máxim Górki, de oito motores. Dele, apenas um modelo foi construído, como peça de espetáculo, para sobrevoar paradas e assombrar a multidão com suas dimensões. O Máxim Górki espatifou-se em 1935, após colidir no ar com um pequeno avião de escolta. Morreram 37 pessoas — os passageiros e a tripulação de ambas as aeronaves. Surgiu a teoria de uma conspiração, alegando que o piloto do avião menor atingira deliberadamente o Máxim Gorki porque acreditava que Stálin achava-se a bordo.

Pável Sukhói propôs um bombardeiro monomotor de longa distância, o DB-1, de envergadura incrivelmente grande. DB vem de *Dál'ni Bombardiróvchik*, que significa "bombardeiro de longa distância". Esse avião (sob nome diferente) completou vários voos, que iam do Polo Norte aos Estados Unidos. Os americanos saudaram os pilotos soviéticos como heróis, sem entender que eles faziam testes de um bombardeiro experimental. Sergêi Kozlóv propôs um "Ghigant" (gigante) de doze motores, capaz de carregar dezenas de toneladas de bombas e de levar até a retaguarda do inimigo divisões completas de paraquedistas, com qualquer tipo de artilharia pesada, inclusive tanques.

Bolkhovítinov propôs um bombardeiro pesado, o DB-A. Embora parecesse com um aeroplano em projeto e descrição, o aparelho era um remodelamento do TB-3. Esse é um exemplo clássico de como um avião novo pode ser criado com um gasto mínimo, nas mesmas fábricas que produziram os velhos modelos. O DB-A quebrou quatro recordes mundiais. Era o mais moderno avião, mas podia ser montado nas mesmas fábricas que lançaram o TB-3, sem reestruturar as linhas de montagem, sem mudar o equipamento, sem interromper o fluxo estabelecido de produção e sem treinar os operários e engenheiros. Em resumo, sem a usual redução nas entregas e até

sem a necessidade de treinar pilotos, técnicos e engenheiros. Se o tempo era importante, seria possível lançar uma série de modelos DB-A e renovar totalmente a frota de aviação estratégica no início da Segunda Guerra Mundial. Mas então um novo e verdadeiro milagre aconteceu — o surgimento do TB-7 de Petliakóv. Essa maravilha ofuscou todos os demais modelos.

Na época em que o TB-7 surgiu, a produção de bombardeiros pesados era tão aperfeiçoada na União Soviética quanto a produção de automóveis de Henry Ford nos Estados Unidos. Em geral, fazer alterações em um modelo é um processo difícil, porém mais simples do que criar um modelo novo a partir do zero. Naqueles anos sinistros, enquanto milhões morriam de fome, a União Soviética era a primeira do mundo em produção de bombardeiros pesados. Depois, quando a economia melhorou um pouco, o país, voluntária e repentinamente, recuou da primeira posição nesse campo. Quando ninguém ameaçava a nação, ela tirava o pão das crianças famintas para continuar a construir bombardeiros pesados. Mas quando Hitler apareceu por perto, e a guerra pairou no horizonte, a produção de bombardeiros pesados foi interrompida.

A questão não é saber se havia ou não havia tempo suficiente para construir mil aviões TB-7 antes do início da guerra. A questão é: por que eles não tentaram?

Na época em que o TB-7 entrou em cena, a União Soviética havia criado escritórios de projetos capazes de criar aviões à frente de seu tempo; e também uma indústria capaz de produzir uma quantidade que ultrapassava a demanda dos tempos de paz. Abriram-se academias de voo, escolas de pilotagem e escolas técnicas; a teoria do uso militar foi desenvolvida e a experiência de combate era obtida em conflitos locais, com grandiosos exercícios de treinamento. Construíram-se bases aéreas, centros de aprendizagem e locais de teste; desde o mais alto comando até operadores de metralhadoras e oficiais de navegação, inclusive mecânicos e decifradores de fotos — todos eram treinados. Pilotos, meteorologistas, paramédicos e outros estavam prontos. Formaram-se comunidades, nasceram tradições, surgiram teóricos e práticos.

Depois de tudo isso, o país que era líder no campo da aviação estratégica entrou na Segunda Guerra Mundial sem aviação estratégica. Sob as ordens de Stálin, em novembro de 1940, os exércitos-do-ar foram dispersos. Em 22 de junho de 1941, a aviação estratégica soviética não tinha exércitos-do-ar nas fileiras. Apenas cinco corpos de guerra e três divisões isoladas haviam permanecido. A maioria estava equipada com o DB-3f, um bombardeiro magnífico, mas não estratégico. Também havia modelos TB-3, que podiam ser usados para transportar cargas, mas como bombardeiros estavam obsoletos. Conforme já sabemos, havia apenas onze modelos TB-7 — insuficientes até mesmo para equipar uma esquadra.

Parece que não havia situação em que o TB-7 se tornasse supérfluo. Se Stálin planejasse evitar a Segunda Guerra Mundial, precisaria do TB-7. Se decidisse per-

mitir que Hitler desencadeasse a guerra, e planejasse manter-se neutro, o TB-7 seria necessário como garantia de neutralidade. Se Stálin planejasse uma guerra defensiva, os soldados deviam receber ordens de enterrar-se no chão, tal como foi feito mais tarde, perto de Kursk. Seria necessário erguer barreiras nas fronteiras, com campos minados intransponíveis de mar a mar, e enquanto o inimigo tentasse passar por nossas defesas, Stálin faria o TB-7 voar em alturas inatingíveis e deixar em ruínas o poder econômico alemão. Numa guerra defensiva, os aviões TB-7 eram necessários. Os recursos de Stálin eram ilimitados, enquanto os de Hitler eram limitados. Portanto, se a guerra começasse, seria vantajoso para Stálin que ela se prolongasse; uma guerra desgastante seria fatal para a Alemanha. A fim de exaurir rapidamente os recursos do inimigo, Stálin precisaria de bombardeiros estratégicos para enfraquecer-lhe o potencial militar e econômico. E não haveria melhor instrumento para isso que o TB-7.

O destino do TB-7 refuta a lenda de que Stálin temia Hitler. Se ele tinha medo, por que não mandou produzi-lo? Quanto mais medo, mais aviões ele teria encomendado. O leitor há de concordar comigo: se alguém teme atravessar um cemitério à noite, leva consigo um bastão para se defender. Quanto mais medo tiver, maior será o bastão que carrega — e ainda o brandirá ameaçadoramente. Stálin, entretanto, tinha de ser convencido a arrumar um bastão. Seu conselheiro pessoal, o projetista aeronáutico e general de brigada Alexander Iákolev, testemunhou que o líder de um Centro da Força Aérea, major-general A. I. Philin, não temia provar para Stálin, na presença de muitos, a necessidade de produzir aviões TB-7 em série.

Discutir com Stálin equivalia a suicídio. "Philin pediu, e alguns o apoiaram. No fim, Stálin concordou, dizendo: 'Está bem, faça como quiser, embora eu não esteja convencido'".[18] Esse foi um dos casos em que Stálin permitiu a construção dos aviões TB-7. Logo em seguida, mudou de ideia e cancelou a ordem. Mais uma vez, alguns corajosos argumentaram e imploraram. A questão é: por que era necessário provar a Stálin a utilidade desse avião? Se todos entendemos as indiscutíveis vantagens do TB-7 e a necessidade de produzi-los, por que Stálin não entenderia esse fato tão simples? Se tudo se resumisse à estupidez de Stálin, o TB-7 teria sido proibido em um só golpe, e Stálin não voltaria tantas vezes ao assunto. Mas ele mudou de ideia oito vezes. Por que tantas dúvidas?

Exterminar milhões dos melhores camponeses que alimentavam a Rússia? Ordem dada — e a coletivização assassina começou. Purgar o alto comando do exército? Sem problemas. Assinar um pacto com Hitler? Sem dúvida. Stálin raramente tinha dúvidas. Revogar a ordem de construir o TB-7 foi a decisão mais difícil que ele tomou na vida.

O TB-7 tinha inimigos poderosos, e é chegada a hora de nomeá-los. O estado-maior do Exército Vermelho foi formado em 1935. Antes da invasão germânica, o posto de comandante fora ocupado, sucessivamente, pelos marechais A. I. Egórov e

B. M. Chápochnikov, e pelos generais de exército K. A. Meretskóv e G. K. Jukov. Todos esses se opunham ao TB-7. Outros inimigos desse avião e de todos os bombardeiros estratégicos incluíam importantes generais da aviação, como P. V. Ritchagóv, F. K. Arjanúkhin e F. P. Polínin. O Comissário de Defesa do Povo, marechal S. K. Timochenko também se opunha ao TB-7. O projetista aeronáutico A. S. Iákolev, conselheiro de Stálin em questões de aviação, era seu mais ávido inimigo. E, é claro, quase todos os teóricos militares soviéticos, começando com V. K. Triandaphillov, opunham-se a bombardeiros estratégicos.

Os melhores argumentos contra bombardeiros pesados foram expostos por um professor, o comandante de brigada Alexander Nikoláevitch Laptchínski, principal teórico soviético de aeronáutica. Ele escreveu obras brilhantes sobre a teoria da aviação militar. Suas ideias são simples e fáceis de compreender. Bombardear cidades, fábricas, fontes e armazéns de recursos estratégicos é bom. Mas é ainda melhor tomar tudo isso, para aumentar o próprio poder. É possível transformar o país inimigo em um rolo de fumaça, mas será necessário? Bombardear estradas e pontes é útil em qualquer situação, exceto uma: na preparação da invasão em território inimigo. Nesse caso, pontes e estradas não devem ser bombardeadas, mas tomadas intactas, sem permitir que o inimigo em retirada venha a usá-las ou destruí-las. Bombardear de forma drástica uma cidade derruba o moral da população local. Isso é verdade; sem dúvida. Mas um avanço forçado das tropas nessas mesmas cidades desmoralizaria a população ainda mais que qualquer bombardeio. Laptchínski recomendou a Stálin que empregasse todo o esforço do Exército Vermelho não para minar a capacidade econômica e militar do inimigo, mas para tomar tudo intacto. O objetivo do Exército Vermelho era destruir o exército inimigo. O objetivo da aviação soviética era abrir as estradas para o exército e ajudar a acelerar seu avanço.

Laptchínski recomendou não declarar guerra, mas começá-la com um ataque repentino e esmagador da aviação soviética às bases aéreas inimigas. A rapidez e o poder de ataque teria de ser tal que, logo nas primeiras horas, toda a aviação inimiga seria destruída, sem que deixasse o chão. Após arrasar a força aérea inimiga, abriríamos caminho para os tanques, e estes, por sua vez, "aplainariam as bases aéreas inimigas". O objetivo de nossa aviação não seria os bairros da cidade, nem usinas elétricas ou fábricas, mas os aviões inimigos, as metralhadoras escondidas que impediam o avanço de nossa infantaria, a coluna de caminhões com combustível para os tanques inimigos, o canhão antitanques escondido nas moitas.

Em outras palavras, era preciso bombardear alvos específicos, muitos deles móveis. O bombardeio deveria acontecer não na retaguarda inimiga, mas no espaço tático mais próximo, na linha de frente. Para tanto, precisaríamos de um avião leve e manobrável, cujo piloto pudesse usá-lo para chegar perto do alvo, reconhecê-lo e atingi-lo com precisão, sem prejudicar nossos soldados. O bombardeiro não era

necessário. Mais importante seria um avião que pudesse mergulhar das alturas ou chegar ao alvo em voo rasante, mal roçando a copa das árvores.

Se planejarmos explodir a casa do vizinho, precisaremos de uma caixa de dinamite. Mas se planejarmos matar o vizinho e tomar sua casa, não usaremos dinamite, mas ferramentas mais baratas, leves e precisas. Laptchínski recomendou a Stálin uma ferramenta diferente: um bombardeiro leve ou um avião de ataque, de pouca altitude. Um bombardeiro estratégico voava de bases estacionárias remotas e cobria grandes distâncias, ao passo que os soviéticos precisavam de um avião que estivesse sempre por perto, pudesse pousar em qualquer lamaçal, pudesse mudar de base acompanhando as divisões em avanço, e pudesse atender de imediato os pilotos de tanques. Os soviéticos precisavam de um avião leve, cujos pilotos pudessem avaliar por si mesmos a situação e reagir de imediato às mudanças, contribuindo para o bom resultado de uma batalha rápida e decisiva.

Vladimir Petliakóv, além do TB-7 de quatro motores (ou melhor, cinco), criou outro avião — um pequeno bombardeiro de mergulho, de dois motores, rápido e manobrável, o Pe-2. Era exatamente o que Stálin queria. E Stálin decidiu: "Construam bimotores, tantos quanto possível".[19] Não dava para construir bombardeiros leves e pesados ao mesmo tempo? "Não", respondeu Laptchínski, "impossível". Todos os recursos, todos os esforços deviam se concentrar em atingir a meta principal: obter completo domínio do ar por meio de um ataque súbito às bases aéreas inimigas. Se esse golpe fosse bem dado, não haveria necessidade de bombardear cidades e fábricas. Stálin permitiu a produção de ambos os tipos de avião por um bom tempo, mas acabou entendendo que precisava ficar com um só. E fez a escolha.

Se não compreendermos a lógica férrea de Stálin, ficará mais fácil declará-lo insano. Mas voltemo-nos para Hitler. Ele também é um agressor, e é por isso que não tem aviação estratégica. Hitler preparava uma entrada fulminante na França, precisando tomar e guardar as pontes, em vez de bombardeá-las. As divisões de tanques alemães necessitavam das pontes para avançar rapidamente. Paris também não precisava ser bombardeada. A cidade-luz, com todos os seus tesouros, iria ao encontro do vencedor. Hitler não precisava destruir os estaleiros de Brest, nem as fábricas de tanques e artilharia de Cherbourg, Chaumont e Bourges, nem as fábricas de aviões de Amsterdã e Toulouse. Tudo isso seria usado para aumentar o poder militar do Terceiro Reich.

Para a *Blitzkrieg*, Hitler precisava de aviões, mas do tipo que destruísse os aviões franceses no chão e paralisasse, por meio de golpes sucessivos, o sistema francês de comando militar — não do tipo que destruísse cidades e fábricas. Ele precisava de aviões que abrissem caminho para seus tanques e garantissem a rapidez de sua investida em direção ao oceano. Uma força aérea que pairasse sobre os campos de batalha, atendendo às coordenadas dadas pelos pelotões de solo, atingindo não grandes áreas,

mas alvos concretos. Para a *Blitzkrieg*, ele precisava de um pequeno bombardeiro de mergulho que levasse uma carga leve, mas que bombardeasse com precisão: um monomotor Ju-87 ou um bimotor Ju-88.

Mais tarde, o conflito mudou de natureza e transformou-se de guerra fulminante em guerra de desgaste. Novas cidades, inacessíveis aos tanques de Hitler, tornaram-se alvos: Londres, Tcheliábinsk, Bristol, Kúibichev, Sheffield e Magnitogórsk. Nesse caso, Hitler não se importaria de ter aviação estratégica — mas não tinha nenhuma.

As ideias de Laptchínski, escritas muito antes de Hitler chegar ao poder, foram adotadas por Stálin. Não em 1941, como fora planejado, mas em 1945. Os bombardeiros de mergulho Pe-2 e aviões de ataque rasante Il-2 de Stálin atacaram de surpresa as bases aéreas japonesas, e os tanques soviéticos entraram na Manchúria. Foi uma vitória fácil. Quando o Japão sangrou até a agonia, lutando no Pacífico, e a primeira bomba atômica foi lançada, Stálin, convenientemente, atacou por trás e tomou a Manchúria, criando condições para a vitória de Mao, em 1949. Paraquedistas soviéticos desceram em cidades chinesas não para destruir pontes, estradas e fábricas, mas para evitar sua destruição. Numa guerra assim, não havia serviço para a aviação estratégica.

Na década de 1920 e no início da de 1930, Stálin precisava da aviação estratégica de forma que ninguém pudesse impedi-lo de construir o poder militar e econômico soviético. Na segunda metade dos anos 1930, Stálin inclinou-se mais para o cenário de uma guerra que resultaria não na destruição da Alemanha, mas em sua incorporação. Em novembro de 1940, ele se decidiu a consumar contra a Alemanha o que ele consumaria contra o Japão em 1945.

9

Os preparativos de Stálin para a guerra: tanques

Os alemães ficaram surpresos ao descobrir que era praticamente impossível deter os tanques KV do Exército Vermelho.

Robert Goralski,
World War II Almanac, 1931-1945

O objetivo de Stálin era desenvolver e produzir em massa os melhores tanques do mundo. Seriam a ponta de lança da ofensiva soviética contra a Europa Ocidental, e Stálin tratou de desenvolvê-los enquanto construía a indústria soviética.

Em 1933, o Exército Vermelho adotou o tanque T-28. Uma variação do modelo foi projetada em 1937 — o T-28PKh (*Podvódni Khód* — tanque de "travessia submersa"). Os testes mostraram que, se necessário, todas as séries de tanques T-28 poderiam ser convertidas em tanques de travessia submersa, a profundidades de até 4,5 metros em uma extensão de até um quilômetro, com a velocidade da correnteza de até um metro por segundo.[1] Na década de 1930, não havia um único tanque alemão, inglês, americano, francês ou japonês capaz de competir com o T-28, em termos de artilharia, blindagem e força de motor.[2]

No fim de 1937, os alemães começaram a produzir o Pz-IVA, o mais poderoso tanque alemão da primeira metade da Segunda Guerra Mundial, com blindagem de 15 mm.[3] A blindagem do T-28 era de melhor qualidade e duas vezes mais espessa — 30 mm. Esse tanque alemão tinha um motor de 250 cavalos; o do T-28 tinha o dobro de potência — 500 cavalos. O tanque alemão tinha duas metralhadoras, enquanto o T-28 carregava quatro ou cinco. O canhão do tanque alemão era apro-

ximadamente igual ao do soviético. O T-28 tinha um KT-28 de 76 mm, e o tanque alemão tinha um de calibre levemente inferior — 75 mm. Portanto, as balas eram um pouco menores. O T-28 atirava projéteis cuja velocidade inicial era de 381 m/s. O Pz-IVA alemão tinha o cano mais longo (calibre 16,5); assim, a velocidade das balas era um pouco maior — 385 m/s. Podemos dizer que a energia de saída de ambos os canhões era praticamente a mesma. Os projetistas soviéticos não se conformavam com o fato de os alemães estarem na frente em um dos parâmetros. Como resultado, a partir de 1938, os tanques soviéticos T-28 ganharam um novo canhão L-10, calibre 26. A velocidade de saída das balas era de 555 m/s. Os alemães não ultrapassariam essa inovação até 1942. O canhão L-10 do tanque soviético não tinha rival na Alemanha, nem em qualquer país do mundo. "Em termos de armas, o T-28 ultrapassava completamente todos os tanques alemães. O canhão L-10 (bem como o KT-28, aliás) podia destruir com eficiência os tanques da *Wehrmacht Heer*, de uma distância fora do alcance inimigo."[4]

Os alemães instalaram o motor HL-120TR, de 300 cavalos, nos últimos modelos de seu mais poderoso tanque, o Pz-IV. Mas ainda não tinham alcançado os motores soviéticos, de 500 cavalos. Os alemães aumentaram a blindagem para 30 mm. A resposta soviética foi o T-28 E, com espessura máxima de 80 mm. O T-28 continha ajustes suficientes no projeto para permitir a instalação do canhão F-39, de 85 mm e comprimento de 52 calibres.[5] O tanque passou bem nos testes, com esse modelo de canhão. Entretanto, na mesma época, a indústria soviética de tanques fez outro progresso: criou o T-34. Seu desenho clássico viria a se tornar modelo para o desenvolvimento de tanques no mundo todo. Mais modernizações do T-28 tornaram-se desnecessárias.

Após a guerra, os generais soviéticos e historiadores tacharam o T-28 de obsoleto. Mas o obsoletismo referia-se apenas ao padrão soviético, e em comparação com o T-34. Em comparação com todos os tanques estrangeiros, o T-28 ainda era notável. Se no verão de 1941 um tanque estrangeiro tivesse um canhão de 76 mm, com velocidade de saída de 555 m/s e quatro ou cinco metralhadoras, seria o orgulho nacional do país. Mas ninguém o tinha. Se um tanque estrangeiro tivesse uma blindagem frontal de 80 mm, seria considerado uma incrível façanha da tecnologia.[6] Se, em 1941, alguém tivesse um motor de tanque de 500 cavalos, deteria um recorde mundial. O "obsoleto" T-28 era uma combinação dos três recordes mundiais. Cada um, mesmo tomado de forma isolada, teria sido motivo de orgulho nacional em qualquer outro país.

Depois da guerra, os historiadores soviéticos excluíram todos os tanques T-28 (e muitos outros) das estatísticas, jogando-os na categoria dos "obsoletos e desgastados". Contudo, os "obsoletos" T-28, capturados pela Finlândia em 1939 e 1941, foram utilizados pelo exército finlandês até o fim da guerra e foram usados, com muito êxito, contra o Exército Vermelho. Um dos "desgastados" tanques T-28 foi remodelado para

veículo de evacuação, e serviu até 1951. Aliás, não havia peças de reposição para esses tanques na Finlândia. Mas o T-28 fora projetado de tal modo que, mesmo sem peças de reposição, pôde servir por muitos anos numa guerra, e sob terríveis condições climáticas, terrenos quase intransponíveis, contra um poderoso inimigo: o KV soviético e tanques T-34. E continuou servindo seis anos após a guerra.

Em 19 de dezembro de 1939, o Exército Vermelho alistou em suas fileiras o T-34. A seguir, algumas avaliações alemãs de seu desempenho. O marechal de campo Von Kleist disse: "O T-34 era o melhor do mundo". O general Von Mellentin concordou: "Não tínhamos nada que se igualasse ao T-34". O marechal de campo Rundstedt pensava o mesmo. O coronel-general Guderian recorda: "Um grande número de tanques T-34 foi utilizado na batalha [Guderian referia-se às hostilidades de outubro de 1941, perto de Mtsensk, a nordeste de Orel], causando perdas significativas de nossos tanques. A superioridade que antes tínhamos em tanques agora estava perdida, e passara para o adversário. Portanto, desapareceu a perspectiva de sucesso rápido e contínuo."[7] "Nossos canhões antitanques, de 50 e 37 mm, eram totalmente inúteis diante do T-34."[8]

O general Westphal admitiu: "A chegada das armas soviéticas, que ultrapassaram as alemãs em qualidade, foi uma surpresa bastante desagradável. Uma delas era o tanque T-34, contra o qual as armas alemãs antitanques foram impotentes".[9]

O general de infantaria Blumentritt concordava com os colegas: "Em 1941, o T-34 era o mais poderoso de todos os tanques. [...] Nas vizinhanças de Verei, o T-34, sem qualquer hesitação, penetrou nas posições da Divisão da 7ª Infantaria, atingiu a artilharia e literalmente esmagou os canhões. É possível imaginar o impacto que isso teve no moral da infantaria. Assim começou a chamada 'tanquefobia'".[10]

Eu poderia citar depoimentos semelhantes de uma infinidade de soldados, oficiais, generais e até marechais de campo alemães; publicaram-se volumes inteiros de observações elogiosas ao T-34. Sua estreia causou sensação no início da guerra. Sessenta anos após a primeira aparição do T-34, o professor inglês Richard Ogarkovets, autoridade mundialmente conhecida na área de projetos de blindados, acredita que a indústria mundial de construção de tanques ainda se acha sob total influência das ideias incorporadas ao projeto desse notável tanque. O T-34 foi o único tanque, criado antes do início da Segunda Guerra Mundial, que não ficou obsoleto até o fim da guerra. O T-34 ainda lutou durante décadas depois do conflito. Nenhum tanque do mundo teve vida tão longa.

A chegada do T-34 surpreendeu tanto os inimigos como os aliados de Stálin. O historiador britânico e teórico militar, B. H. Liddell Hart, disse: "Nenhum de nossos tanques podia se comparar ao T-34". O general francês G. Bouche relatou: "O surgimento do tanque T-34, significativamente superior aos tanques alemães, de fato surpreendeu a Alemanha". Oficiais germânicos pediram a réplica exata desse tanque.

Contudo, como Guderian explicou, a Alemanha, pátria de Rudolph Diesel, não conseguiu projetar um motor a diesel suficientemente potente para tanques. Além disso, era impossível entregar a matéria-prima necessária para a indústria metalúrgica alemã; o resultado foi que, durante a guerra, a Alemanha foi incapaz de produzir uma liga de aço com a mesma qualidade da dos soviéticos.[11] A falta de componentes de siderurgia na Alemanha era efeito do pacto Molotov-Ribbentrop. Stálin sabia o que fazia em 23 de agosto de 1949, ao apoiar a invasão da Polônia pelos alemães; ele tornou a Alemanha inimiga da Inglaterra e da França. O bloqueio da Alemanha pela frota inglesa trouxe, como consequência inevitável, a escassez de muitas matérias-primas.

O T-34 era armado com um canhão de cano longo de 76 mm projetado por Vassíli Grabin (o cano tinha comprimento de 41 calibres). Tratava-se do mais poderoso tanque da época. Se ele não tivesse nenhuma outra distinção, ainda assim teria sido considerado o melhor do mundo, porque podia destruir a maioria dos tanques de seu tipo. Mas o T-34 possuía outras características únicas. Em 1942, peritos americanos fizeram testes completos e análises de um exemplar oferecido por Stálin, e concluíram: "As características distintas do T-34 são: linhas baixas e aerodinâmicas, simplicidade de projeto, baixa pressão específica no solo. Os ângulos da blindagem criam brilhantes possibilidades para sua proteção".[12] Os peritos acharam, e continuam achando, que as formas do T-34 eram ideais. O modelo também tinha um poderoso motor a diesel, projetado especificamente para ele. No arsenal de outros países, tais motores não existiam, tanto no início como no fim da guerra. Só por esse motor, o T-34 podia ser considerado o melhor tanque do mundo.

Além das qualidades já apontadas, o T-34 ainda se destacaria em razão de suas largas esteiras, que lhe permitiam agir em qualquer terreno e sob quaisquer condições. Superava todos os tanques alemães em todos os parâmetros: velocidade, poder de aceleração e capacidade de locomoção, especialmente sobre areia, lama e neve.

O T-34 era famoso porque todas essas inovações foram incorporadas a um só projeto, que combinava de maneira harmônica todas essas notáveis qualidades. Como se não bastasse, o T-34, ao contrário de outros tanques, era bom para ser produzido em massa. Qualquer montadora de automóveis em larga escala podia ser convertida para fabricar esse tanque. A produção não exigia mão de obra altamente qualificada. Era fácil de usar e consertar. O T-34 tinha possibilidades quase inesgotáveis de aperfeiçoamentos. Seu peso podia ser aumentado significativamente, sem diminuir a qualidade e as características de deslocamento.

O T-34 serviu não só como modelo para várias imitações, mas foi também o protótipo de muitas gerações de novos modelos de tanques. Nem um só tanque da Segunda Guerra Mundial deixou para trás uma série de descendentes; as únicas exceções foram o T-34 e o KV. O KV foi constantemente aperfeiçoado e tornou-se o IS-1; passou por longa evolução e transformou-se no IS-4 e no T-10. A linhagem

do T-34 continua até hoje, e seus descendentes diretos estão entre as unidades mais numerosas do mundo.

Em junho de 1941, o Exército Vermelho sofreu uma derrota esmagadora, que precisava ser explicada. Historiadores comunistas reconheceram as notáveis qualidades do T-34, mas acrescentaram que esses tanques eram muito pouco numerosos; havia apenas 967 deles. Muitos estudiosos honestos e cultos repetiram que, em 21 de junho de 1941, Stálin tinha apenas 967 tanques T-34. Mesmo que fosse verdade, a palavra "apenas" era discutível — o resto do mundo não tinha nenhum. Nas cinco regiões militares da fronteira ocidental, que constituíam o primeiro escalão estratégico do Exército Vermelho, havia realmente 967 desses tanques. Mas as forças do segundo escalão estratégico estavam sendo secretamente transferidas para a região ocidental do país. Elas também tinham tanques T-34. No total, em 31 de maio de 1941, o Exército Vermelho contava com 1.225 deles. Em 21 de junho, as fábricas despacharam mais 138 modelos T-34. Além disso, outros 37 foram produzidos e testados, mas não embarcados. Em suma, na época da invasão, a União Soviética tinha exatamente 1.400 tanques T-34.[13]

Mas isso não era tudo. O T-34 era produzido em série, ao passo que as tentativas alemãs de criar um tanque igual ou superior começaram apenas em 25 de novembro de 1941. Em junho, julho, agosto, setembro e outubro de 1941, a Alemanha ainda não havia iniciado as tentativas de fabricar um tanque análogo, enquanto as fábricas soviéticas continuavam a produzir o T-34. Na segunda metade de 1941, a indústria soviética montou mais 1.789 exemplares, além dos 1.400 que existiam em 22 de junho. Em 1942, a produção de modelos T-34 chegou à quantidade de 35 por dia. Nesse ano, 12.520 tanques T-34 foram produzidos.[14] Muito poucos, concordo. Mas na Alemanha a produção de tanques análogos nem havia começado.

O equivalente alemão para o T-34 era o Panther, que surgiu no verão de 1943, na grande batalha de tanques de Kursk. O Panther era magnífico. Alguns peritos consideraram-no o melhor tanque da Segunda Guerra Mundial, afirmando que ele ultrapassava o T-34 em todos os aspectos. É estranho que, após a guerra, praticamente todos os projetistas do mundo tenham copiado os melhores pontos do T-34, enquanto ninguém copiou o Panther. Esse tanque não deixou nenhum descendente, e por uma boa razão. Vamos examinar os parâmetros em que o Panther não ultrapassou o T-34.

Em primeiro lugar, o T-34 tinha um motor a diesel, enquanto o Panther usava carburador. O motor a diesel era mais econômico e menos suscetível ao fogo. Em segundo, o Panther tinha um design muito irracional. Os projetistas copiaram vários pontos do T-34, mas não o mais importante — a localização racional do motor e da transmissão, na parte traseira do tanque. Como resultado, o Panther pesava 44,8 toneladas, embora o peso oficial fosse de 30 toneladas. O Panther era considerado

médio, mas em peso era equivalente aos pesados tanques soviéticos: a mais maciça versão do Panther pesava 45,5 toneladas, ao passo que o robusto tanque soviético IS-2 pesava 46 toneladas. Em comprimento, largura e altura de corpo, o Panther ultrapassava os pesados tanques soviéticos KV e IS. Isso significava que era mais fácil atingir o Panther. Se tivermos dois cofres de peso igual, mas de tamanho diferente, o maior terá paredes mais finas. O mesmo vale para tanques: os maiores, mas de peso igual aos demais, certamente terão blindagem mais fraca.

Com tais dimensões e peso, o Panther não podia competir com um T-34 em nada, no quesito mobilidade. O T-34 superava o Panther em manobrabilidade, aceleração e capacidade de deslocamento — ou seja, em todos os parâmetros necessários à ofensiva. Não importa quão feroz seja um tanque na defesa; o país não pode vencer uma guerra somente defendendo-se. Reitero que apenas a mobilidade pode dar a vitória. O T-34 era bom para manobrar, enquanto o Panther era completamente inadequado para isso. Não existe uma única operação ofensiva de êxito na história conduzida com a participação de tanques Tiger e Panther. O general alemão F.W. Von Mellentin descreveu o T-34 como "o melhor exemplo de arma ofensiva [da Segunda Guerra Mundial]". O pesado Panther podia esmagar qualquer um na defesa, mas não podia competir com o T-34 em uma investida ao interior da retaguarda inimiga.

É simples criar coisas complicadas. E é muito difícil criar coisas simples. Os projetistas do tanque T-34 fizeram-no o mais simples possível. Portanto, era um veículo bom para ser produzido em massa. Antes da guerra, os tanques da União Soviética eram fabricados em três centros principais: Leningrado, Stalingrado e Kharkov. Kharkov foi perdida durante o curso da guerra. Leningrado não. Porém, a fábrica de Kirov, que produzia tanques antes da guerra, ficava a alguns quarteirões da linha de frente. Leningrado estava sitiada e não tinha metais nem energia; consequentemente, não fabricava tanques em escala. Stalingrado não havia sido perdida, mas os rumos da guerra não eram propícios à produção de tanques em massa. Depois que os três centros principais interromperam suas atividades, a produção foi organizada em novos locais. Desse modo, foram produzidos mais tanques T-34 durante a Segunda Guerra Mundial do que qualquer tipo de tanque na Grã-Bretanha, Alemanha e Japão somados.[15]

O grande problema do Panther era o projeto complexo, que tornou o tanque inadequado para a produção em massa. Apenas 5.976 tanques desse modelo foram fabricados. Além disso, 392 canhões de autopropulsão foram instalados nos Panther.[16] A União Soviética produziu nove tanques T-34 para cada Panther.[17] E para cada canhão de autopropulsão instalado no Panther, a União Soviética produziu treze Su-85 e Su-100, canhões também de autopropulsão, instalados no T-34. Só desses dois tipos, fabricaram-se 5.139 unidades.[18]

O coronel-general Heinz Guderian amava o Panther de todo o coração, mas quando Hitler ordenou que se interrompesse a produção dos modelos anteriores, a

fim de que fossem fabricados apenas Panthers e Tigers, Guderian protestou e conseguiu reverter a ordem. E tinha razão: se apenas os tanques mais caros e complexos fossem fabricados, haveria poucos deles. Depois da guerra, Guderian escreveu: "Esse caminho inevitavelmente conduziria à derrota da Alemanha em futuro próximo. Os russos teriam vencido a guerra sem a ajuda do Ocidente, e a Europa seria ocupada por eles. Não haveria força na Terra que os detivesse. Os problemas da Europa teriam sido simplificados, e todos nós teríamos aprendido o que significava a verdadeira 'democracia'".[19]

Os alemães não conseguiram projetar um bom tanque para produção em massa. Assim, até quase o fim da guerra, a Alemanha teve de fabricar modelos obsoletos para auxiliar os modelos Tiger e Panther e compensar as perdas sofridas em batalha. O perito americano em tanques, Steven Zaloga, foi mais longe, considerando um erro a produção de Panthers: "A decisão de incluir um tanque tão grande, pesado e complexo como o Panther na categoria dos tanques médios foi um dos fatores que limitaram a produção alemã de tanques a um nível muito inferior ao dos soviéticos".[20]

O Panther e o T-34 nem sequer deviam ser comparados. Seria como comparar boxeadores de pesos diferentes. Se Stálin não tivesse outros tanques, então seríamos forçados a comparar o T-34 com o Panther. Mas Stálin tinha o IS-2, que foi adotado no mesmo ano em que o Panther e tinha o mesmo peso. A comparação deveria ser feita entre esses dois. O Panther se assemelhava ao tanque IS-2 em outro aspecto: era um tanque complexo e caro, para formações de elite. O IS-2 era encarado do mesmo modo, para lutar em unidades pesadas de invasão, e nada mais. Com o mesmo peso e aproximadamente as mesmas características de mobilidade, o IS-2 tinha armadura poderosamente blindada e superava o Panther em poder de fogo.[21]

Em 1941, apenas dois exércitos do mundo reconheceram a necessidade de ter tanques pesados. Obviamente, eram os exércitos alemão e o soviético. A ordem de começar a desenvolver o primeiro tanque pesado alemão foi dada em 26 de maio de 1941. O projeto foi chamado de MK4501: 45 toneladas, modelo 1, e o resultado foi o Tiger. Mais uma vez os projetistas alemães não conseguiram se ater ao peso planejado. O tanque deveria ser de 45 toneladas, e acabou com 57 toneladas. Mas isso aconteceu mais tarde: em 1941, obviamente, ainda não havia tanques. Em 22 de junho, os projetistas alemães tinham aprontado somente os primeiros esboços. Levaria tempo para testar os modelos feitos de metal, mas pelo menos a tentativa de criar um tanque pesado existia no papel.

Em contraste, os trabalhos de criação de tanques pesados na União Soviética começaram em 1930. Em 1933, o primeiro tanque soviético, o T-35, foi fabricado em série e passou a ser parte do exército. Era um gigante de cinco torres; pesava 45 toneladas e era operado por onze homens. Foi o único tanque de cinco torres

do mundo a ser utilizado por soldados. Possuía três canhões e seis metralhadoras. A blindagem tinha espessura de 30 mm. Em 1941, nenhum tanque alemão, ou de qualquer outro país, igualava-se ao tanque médio soviético T-28. Obviamente, nenhum podia sequer ser comparado ao pesado T-35. O projeto do T-35 era continuamente aperfeiçoado. Por exemplo, os modelos de 1938 tiveram aumentado o número de metralhadoras para sete, e a couraça passou a ser de 50 mm. A última série de tanques T-35 juntou-se ao exército em 1939. Mas o tanque ainda seria mais aperfeiçoado após o término da produção: depois da guerra na Finlândia, todos foram devolvidos às fábricas, onde a blindagem foi reforçada para 80 mm. O peso dos tanques alcançou 50 toneladas.

Em 1939, os testes de três novos tanques pesados soviéticos — KV-1, SMK e T-100 — foram realizados em condições de combate. Os tanques foram testados em território "antitanque", sob condições em que o uso deles seria teoricamente impossível. Os tanques pesados soviéticos aguentaram o mais difícil desafio da guerra na Finlândia: ausência de estradas, obstáculos escondidos sob a neve, florestas impenetráveis, pântanos, incêndios, vastos campos minados, trincheiras antitanques, obstáculos do tipo ouriço, escarpas e declives, além de temperaturas baixíssimas, que faziam o aço se esfarelar.

A sangrenta experiência na Finlândia provou que os tanques pesados soviéticos podiam ter êxito mesmo nessas condições. Dos três tanques experimentais, o KV-1 foi considerado o melhor. Em 19 de dezembro de 1939, o Exército Vermelho arrolou-o entre as armas, e a indústria recebeu ordens de produzi-lo em série. Em fevereiro de 1940, o tanque pesado KV-2 foi testado em condições militares, e também foi aceito no exército.

O KV-1 e o KV-2 pesavam, respectivamente, 47 e 52 toneladas. O KV foi o primeiro tanque do mundo dotado de blindagem antiprojétil: tinha armadura frontal de 75 mm, que podia ser reforçada. As largas esteiras do KV permitiam-lhe avançar em quase qualquer terreno, e em quase quaisquer condições climáticas. Imaginem a situação do ano seguinte, 1941: os tanques alemães ficaram atolados na neve e na lama; as tripulações (e futuros historiadores) amaldiçoaram o tempo e a falta de estradas, enquanto os modelos KV avançaram impávidos. Hitler perdeu a guerra, mas a culpa não era da lama nem do frio, mas dos projetistas alemães, que contaram com vitórias fáceis e com operações realizadas em tempo bom, em lugares com boas estradas. Deviam ter projetado tanques para a guerra, não para desfiles militares. Deviam tê-los testado na Finlândia. Deviam ter-lhes dado esteiras mais largas. E também ter instalado motores a diesel. O KV tinha um motor a diesel de 600 cavalos. O motor a diesel soviético ultrapassou todos os demais, em potência, confiabilidade e economia. O uso desse tipo de motor reduziu drasticamente o risco de incêndio. Um canhão F-32 de 76 mm, de cano longo, foi instalado no KV. Na época, esse canhão não tinha

rival no mundo. Em comparação, a Alemanha tinha grandes tanques, que conquistaram toda a Europa, mas o mais poderoso canhão de tanque desse país, no início da Segunda Guerra Mundial, era o de 75 mm de cano curto, instalado no Pz-IV. A velocidade inicial dos projéteis era de 385 m/s. Era um ótimo canhão, mas o KV-1 tinha a velocidade inicial de tiro de 662 m/s. A diferença de velocidade inicial verificava-se tanto na energia do projétil quanto na precisão do tiro.

O KV-2 tinha armas ainda mais poderosas, como o obus de 152 mm. O mais potente projétil de tanque, na época, pesava 6,8 kg. Era um bom projétil para uma excelente arma. Mas o KV-2 disparava balas que destruíam concreto e pesavam 39,9 kg, com velocidade inicial de 529 m/s, e bombas fragmentadoras que pesavam 48,7 kg. Havia até relatórios de uma bala que pesava 50,8 kg. O comandante do estado-maior do Exército da Terra, coronel-general Franz Halder, simplesmente não acreditou no relatório de uma arma de tal calibre em um tanque soviético.[22] Ao mesmo tempo, outros dois tanques pesados, o SMK (55 toneladas) e o T-100 (58 toneladas) também passaram em testes oficiais. Se a escolha tivesse recaído em qualquer um deles, sua produção seria lançada. Ao lado desses tanques, o KV-3 e o KV-220 foram criados e submetidos a testes oficiais. Projetaram-se também protótipos do KV-4 (90 toneladas) e do KV-5, mas esses não foram fabricados, por conta do ataque de Hitler.

A Alemanha e a URSS dividiam os dois primeiros lugares em produção de tanques pesados. E não havia ninguém no terceiro lugar. Em outras partes do mundo, generais e projetistas nem sequer pensavam em rascunhar um tanque pesado no papel. A situação era tal que, enquanto a Alemanha tinha um tanque pesado apenas no papel, outros países não os tinham nem na mente. A União Soviética era o único país do mundo que, em 1941, tinha tanques pesados, tanto em estágio experimental quanto em produção em série. O Exército Vermelho era o único exército do mundo que contava com tanques pesados em suas unidades.

Apesar disso, historiadores ocidentais e soviéticos afirmaram que a Alemanha estava pronta para a guerra, e a União Soviética não. Declararam que o tanque T-35 era obsoleto e não se apoiaram em estatísticas, ainda que o resto do mundo não tivesse nada que se comparasse ao T-35. Ele superava qualquer tanque que os demais países tivessem em termos de armas, blindagem e potência de motor — suas características principais. Além disso, o T-35, apesar do tamanho e do peso, exercia menor pressão no solo que os tanques alemães; ou seja, tinha muito mais mobilidade, não afundando em neve, lama nem solo arenoso, onde tanques de outros exércitos, duas ou três vezes mais leves, atolavam. Se o T-35 foi declarado obsoleto, todos os outros tanques do mundo também deveriam ser considerados como tal e excluídos de estatísticas.

Quanto ao KV, a mesma farsa foi utilizada. Foi descrito como um grande tanque, mas havia "apenas" 508 deles. Repito e insisto: o resto do mundo não tinha nenhum!

Além disso, havia 508 tanques KV só no primeiro escalão estratégico do Exército Vermelho, em 31 de maio de 1941. Nessa mesma data, o segundo escalão estratégico tinha 128 tanques KV adicionais. Em 21 de junho, as fábricas descarregaram mais 41 modelos KV. Outros 34 tanques KV foram produzidos, mas ainda não haviam sido embarcados.[23] Assim, em 21 de junho de 1941, a União Soviética tinha 711 tanques KV — e continuou sua produção por todo o ano de 1942, enquanto os projetistas alemães rascunhavam esboços, faziam protótipos e montavam modelos de teste.

É impossível, mesmo em teoria, comparar o KV-1 e o KV-2 com os melhores tanques alemães, o Pz-III e o Pz-IV: o KV era pesado, enquanto o exército alemão não tinha tanques dessa classe de peso em 1941. O grande teórico alemão e técnico de tanques, coronel-general Heinz Guderian, sustentava que "a luta de tanque contra tanque é semelhante a uma batalha naval. Lá, a batalha também é dominada pelos mais fortes".[24] Quando a guerra começou, Stálin pôs em uso o KV-1 (47 toneladas), o KV-2 (52 toneladas), e ainda o "obsoleto" T-35 (50 toneladas), enquanto Hitler não tinha nada semelhante e foi forçado a usar o que possuía de melhor — os tanques médios e obsoletos Pz-III e Pz-IV, que pesavam entre 20 e 21 toneladas. Eu não os compararia se o exército alemão tivesse algo mais notável, mas não tinha. Durante a guerra, os tanques KV lutaram contra o que o exército alemão dispunha de melhor — e a própria guerra fez as comparações.

O general do Exército K. N. Galítski descreveu a batalha entre um KV pesado e três tanques Pz-III alemães médios: "O KV disparou duas vezes, e dois dos tanques alemães foram destruídos, enquanto o terceiro decidiu fugir, mas o motor morreu quando tentou passar uma valeta. O KV alcançou-o e esmagou-o com seu peso — partiu-o como uma noz".[25] O general Galítski descreveu outro incidente: os soldados encontraram um KV soviético danificado, cercado por dez tanques alemães destruídos. O KV fora atingido por 43 balas, das quais 40 só amassaram a blindagem, e apenas três conseguiram varà-la. Os dez tanques alemães, tentando destruir um KV, acabaram destruídos por ele.

O coronel-general A. I. Rodimtsev recorda: "No curso de onze meses de guerra, não tivemos uma única instância em que um canhão alemão furasse a armadura deste tanque. Podia acontecer que o KV sofresse noventa ou cem amassadelas de balas inimigas, mas continuava firme na batalha".[26] Outros generais soviéticos apresentaram vários exemplos similares. Será que eles estariam maquiando a situação? Não. Nas fileiras germânicas da época havia um pânico disfarçado: os pilotos de tanque, acostumados a lidar com os melhores tanques do mundo, de repente se depararam com o KV. Estavam despreparados. Documentos alemães da época são suficientemente conhecidos, e não vou repeti-los. A conclusão geral para o ano de 1941 foi: "O KV é a mais aterrorizante arma que um soldado já encontrou em batalha. Canhões antitanques são impotentes contra ele".

Os estudos de historiadores ocidentais contemporâneos também confirmam a invencibilidade do KV. O historiador inglês R. Goralski descreveu uma batalha entre um KV e um grupo de tanques alemães e seus canhões antitanques: nessa única batalha, o KV recebeu 70 tiros diretos, e todas as balas deixaram amassados na blindagem, mas nenhuma atravessou-a.[27] O historiador americano Steven Zaloga também nos deu exemplos semelhantes (recomendo seus livros para todos, pois não há melhor conhecedor estrangeiro de tanques soviéticos). Ele escreveu sobre um incidente em que um KV destruiu oito tanques alemães, levou 30 tiros — diretos e de distância bastante curta — e nenhuma bala perfurou-lhe a blindagem.[28]

O KV foi o mais poderoso tanque do mundo durante toda a primeira metade da Segunda Guerra Mundial, até a batalha de Stalingrado. Nenhum outro país tinha algo comparável nessa classe de peso. O projeto do KV tinha espaço para aperfeiçoamentos, o que lhe permitia passar por vários estágios de desenvolvimento, do KV-1 até o KV-13. Mais tarde, transformou-se no IS-1 e depois no IS-2, o mais poderoso tanque da Segunda Guerra Mundial.

Tanta evolução rendeu blindagem mais forte e crescente poder de tiro. Em 1943, o IS-2 foi à guerra. B. H. Liddell Hart escreveu: "Esses monstros tinham blindagem de seis polegadas [150 mm] e eram armados com canhões de 122 mm, enquanto o mais poderoso Tiger alemão tinha apenas um canhão de 88 mm e blindagem de quatro polegadas [100 mm]".[29] Steven Zaloga afirmou: "Em algumas ocasiões, o projétil do tanque IS-2 não perfurava a blindagem dos tanques alemães, mas isso não mudava a situação: a energia da bala era tão grande que arrancava a torre de qualquer tanque alemão".[30] O major-general F. W. Von Mellentin admitiu: "[Os tanques IS-2] causaram problemas excessivos para nossos Tiger".[31]

Os projetistas dos tanques pesados soviéticos consumaram um feito tecnológico: quase dobraram a espessura da blindagem e instalaram um canhão que era três vezes mais poderoso, enquanto permaneciam na mesma classe, até reduzindo o peso do tanque pesado. O KV-1 pesava 47,5 toneladas, enquanto o IS-2, seu descendente direto e várias vezes mais poderoso, pesava 46 toneladas.

Stálin contava com uma dupla notável: o mais poderoso tanque pesado, em termos de poder de fogo e blindagem, para unidades de elite, e um maravilhoso T-34 médio, produzido em massa, para unidades regulares. Stálin entendeu que o T-34 precisava de melhorias, mas não devia ser convertido em um tanque pesado, complexo e caro para a elite. Nesse caso, o T-34 deixaria de ser uma arma produzida em grande escala, e a guerra seria perdida. Os projetistas soviéticos souberam melhorar as características do T-34 durante a guerra, mas em peso, simplicidade de produção e manutenção, mantiveram-no na classe dos tanques médios, podendo facilmente ser fabricado aos milhares.

Os tanques soviéticos, médio e pesado, formavam um par inseparável, como dois sistemas bélicos complementares. A disponibilidade de milhares de tanques T-34,

relativamente baratos e simples, permitia seu uso em qualquer lugar; com isso, economizavam a energia dos tanques pesados, para objetivos secundários. A tripulação de um T-34 podia combater com confiança, sabendo que contava com o apoio de um todo-poderoso KV ou IS, na retaguarda. E a disponibilidade do tanque pesado aumentou a capacidade de batalha dos tanques médios.

10

Sobre os "obsoletos" tanques soviéticos

Se eu soubesse que os russos possuíam realmente tamanho número de tanques... Acho que não teria começado esta guerra.

Adolf Hitler,
4 de agosto de 1941

Quando Hitler chegou ao poder em 1933, as forças armadas alemãs não tinham nenhum tanque, enquanto o Exército Vermelho contava com 4.000 deles. Em todo o ano de 1933, nem um único tanque foi fabricado na Alemanha; em contrapartida, a União Soviética produziu 3.819 tanques de todos os tipos e com modificações.[1] Na Alemanha, a fabricação de tanques começou em 1934; nos cinco anos seguintes, as fábricas alemãs produziram 2.683 tanques.[2] As fábricas soviéticas, no mesmo período, produziram 14.283 tanques.[3] Em 1º de janeiro de 1939, o Exército Vermelho estava equipado com 21.100 tanques prontos para combate.[4] Em 1939, Hitler iniciou a guerra com 3.195 tanques — o mesmo número que as fábricas soviéticas produziam por ano, em tempos de paz.

Em 1941, o exército alemão, com um ataque esmagador, derrotou uma gigantesca concentração de soldados soviéticos nas regiões da fronteira. Milhares de tanques soviéticos foram destruídos ou simplesmente abandonados pelos ocupantes. Essa catástrofe teria de ser explicada de algum modo. Historiadores comunistas interpretaram o ocorrido com toda a simplicidade: os tanques eram obsoletos e, portanto, inúteis. O mundo inteiro riu de Stálin e de seus tanques "obsoletos". Mas quantos deles havia? A essa pergunta, uma resposta igualmente simples fora preparada: para que contá-los, se eram obsoletos? Por seis décadas, desde o desastre de 1941, o número de

tanques soviéticos nunca foi oficialmente divulgado. Só depois do desmantelamento da União Soviética a verdade começou lentamente a emergir.

O que eram os tais tanques "obsoletos"? Alguns milhares deles tinham a marcação "BT". Seu pai espiritual era o grande gênio americano dos tanques, George Walter Christie. Comandantes soviéticos e projetistas foram os únicos a compreender o valor das realizações de Christie. A União Soviética comprou dois de seus tanques e importou-os com documentos falsos, registrados como tratores para agricultura. Em 24 de dezembro de 1930, um navio deixou Nova York com os "tratores" projetados por Christie.

Na União Soviética, todos os aspectos dos "tratores" de Christie foram cuidadosamente dissecados. Uma família inteira de tanques foi criada, com base em seu projeto — os modelos BT-2, BT-5, BT-7, BT-7A e BT-7M. O significado de BT é *bistrokhódni tank* (tanque de alta velocidade). Seu formato era simples e racional. Nenhum tanque do mundo, no período pré-guerra e no início da Segunda Guerra Mundial, possuía blindagem semelhante. O melhor tanque dessa guerra, o T-34, era descendente direto do BT. Seu formato era um desenvolvimento das ideias do grande projetista americano. Depois do T-34, o princípio da posição inclinada das placas frontais foi utilizado no Panther alemão, e mais tarde em tanques do mundo inteiro.

Na década de 1930, praticamente todos os tanques do mundo eram produzidos de acordo com o seguinte projeto: o motor na parte de trás, a transmissão na da frente. O BT foi uma exceção: o motor e a transmissão ficavam na parte traseira. Vinte e cinco anos mais tarde, o mundo todo compreendeu as vantagens do projeto BT. Tanques BT eram bem armados para seu tempo. Os canhões de 45 mm podiam furar a blindagem de qualquer tanque estrangeiro. A Grã-Bretanha e os Estados Unidos só começaram a instalar esse canhão em seus tanques uma década depois, em 1942 e 1943. Além de milhares de tanques BT, armados com canhões de 45 mm, 154 unidades BT-7A foram montadas e armadas com canhões KT-26 de 76 mm.[5] No início da Segunda Guerra Mundial, nenhum tanque no mundo, fora das fronteiras soviéticas, tinha artilharia de calibre comparável.

E a blindagem? A do BT era somente à prova de balas de chumbo. Nessa época, a maioria dos países tinha tanques com o mesmo tipo de blindagem. O motor era o coração do tanque. O BT-2, que se tornou operacional para o Exército Vermelho em 1932, tinha motor M-5 de 400 cavalos. Os tanques alemães começaram a ter motores de igual força apenas no fim de 1942. A energia específica do BT era de 36,4 cavalos por tonelada de massa.[6] Nenhum tanque do mundo tinha tamanha energia específica, que permitia realizar maravilhas: "Os tanques BT podiam transpor obstáculos à distância de 15 a 20 metros; alguns admitiam até a distância de 40 metros".[7] A cinematografia dessa época preservou as façanhas dos pilotos de tanques soviéticos para a

posteridade. Não obstante, os historiadores soviéticos jogaram esses mesmos tanques na categoria de modelos obsoletos, declarando-os tão ultrapassados que até 1991 eles não eram incluídos nas estatísticas.

Em abril de 1941, a Alemanha começou a produzir o tanque T-IIIJ (conhecido como Panzer III) em série. No exército alemão, ele tinha a mais alta energia específica — 13,9 cavalos por tonelada de massa. Como o BT-2 podia ser obsoleto, se sua potência era quase três vezes maior que a do melhor tanque alemão? Os primeiros modelos BT tinham velocidade acima de 110 km/h, segundo pesquisas inglesas.[8] Setenta anos mais tarde, qualquer piloto de tanque ainda teria inveja dessa velocidade. Fontes soviéticas indicam números muito mais baixos, de 86 km/h para o BT-7M, e 72 km/h para BT-2 e BT-5. Essas seriam as velocidades máximas para tanques BT em estradas pavimentadas.[9] Tal discrepância entre fontes soviéticas e estrangeiras tem explicação simples: nas estradas soviéticas, o motor era potente demais para a transmissão, e por isso instalou-se um dispositivo limitador de velocidade. Quando o tanque entrava em vias expressas, o dispositivo podia ser facilmente retirado. Mas mesmo admitindo que a velocidade do BT fosse de "apenas" 86, ou mesmo 72 km/h, na época nenhum tanque do mundo tinha chegado a esse registro.

Os tanques BT eram constantemente aperfeiçoados. Em 1936, após uma série de experiências, algumas tripulações do BT tornaram-se capazes de atravessar rios sob a água. Hoje, no início do século XXI, nem todos os tanques dos países mais desenvolvidos têm tal capacidade. Em 1939, o Exército Vermelho recebeu o BT-7M, com as seguintes características: em estradas sem pavimentação, ele podia percorrer 520 km; em estradas pavimentadas, 630 km; e sobre rodas, em estradas pavimentadas, 1.250 km.[10] Sessenta anos mais tarde, esse é ainda o sonho de qualquer piloto de tanque. O BT-7M tinha motor de 500 cavalos. Na época, os motores de tanque mais potentes eram o alemão Meibach HL 120TRM, de 300 cavalos, e o francês Renault B1bis, de 307 cavalos.

O "obsoleto" BT-7M tinha motor extremamente potente — o lendário B-2 a diesel, de alta velocidade. Nenhum país conseguiu criar um motor igual antes do fim da guerra; inimigos e aliados de Stálin tiveram de se contentar com motores de carburador, que deixavam os tanques extremamente vulneráveis ao fogo. Em alguns países, certos modelos de tanque foram equipados com motores a diesel, mas eram motores fracos, de automóvel. O mundo só aprendeu a usar motores potentes a diesel, especificamente projetados para tanques, depois da guerra — entre dez e vinte anos após sua utilização no BT-7M.

Tendo dito tanta coisa positiva sobre a quantidade e a qualidade dos tanques BT soviéticos, preciso ser justo e citar uma pequena desvantagem: esses tanques não podiam ser usados com eficiência em território soviético.

A maior vantagem do tanque BT era a velocidade. Tal qualidade predominava sobre todas as outras, e de tal modo que ele tinha um apêndice no nome — tanque

de alta velocidade. O BT era uma arma de agressão. Essas características fazem que o BT se assemelhe a um pequeno, mas extremamente ágil guerreiro montado das invencíveis hordas de Gêngis Khan. O grande conquistador derrotou os inimigos por meio de ataques súbitos de seus guerreiros, em incursões rápidas e eficientes. Destruía os adversários não pelo poderio armado, mas pelas manobras decisivas. Gêngis Khan não precisava de cavaleiros armados, pesados e desajeitados, mas de soldados leves, rápidos e móveis, capazes de atravessar vastos territórios, cruzar rios e atingir a retaguarda inimiga. Os tanques BT eram exatamente isso. No início da Segunda Guerra Mundial, o Exército Vermelho tinha 6.456 tanques BT — tantos quanto os tanques operacionais, de todos os tipos, no resto do mundo.[11]

Os comandantes soviéticos entendiam muito bem que os tanques BT não eram bons para a guerra convencional, mas ótimos em situações em que o Exército Vermelho invadisse repentinamente o território inimigo. "Tanques de alta velocidade, por natureza própria, são armas de ataque súbito. Sua eficiência total (e êxito em geral) será alcançada apenas se forem utilizados de surpresa."[12] Em outras palavras, se atacarmos de repente o inimigo, teremos sucesso, mas se o elemento surpresa não estiver do nosso lado, nada conseguiremos.

Os tanques BT só podiam ser utilizados em batalhas agressivas, só na retaguarda inimiga, e só numa operação decisiva e ofensiva, quando hordas de tanques de repente irrompessem em território inimigo e ultrapassassem pontos de oposição. Assim, avançariam fundo nas linhas adversárias onde não houvesse soldados inimigos, mas onde estivessem cidades, pontes, fábricas, aeroportos, portos, armazéns, postos de comando e unidades de comunicação.[13]

As características agressivas e espantosas do BT surgiam com o uso de um único e diferente processo. Em estradas ruins, o BT movia-se com as esteiras, mas quando se pilhava em estradas boas, livrava-se das pesadas esteiras e baixava as rodas, acelerando como um carro de corrida. Sabe-se que a velocidade e a travessia de um país implicam um conflito: ou temos um carro de corrida que só corre em boas estradas, ou um trator lento que aguenta qualquer parada. Os marechais soviéticos votaram a favor do carro de corrida; portanto, os tanques BT não se davam bem com as péssimas estradas soviéticas. Nas batalhas travadas em solo soviético, milhares de tanques BT foram abandonados. Fora das estradas, mesmo com as esteiras, eram de difícil locomoção. O grande potencial desses tanques nunca era alcançado, pois era impossível alcançá-lo em território soviético. Quanto à questão sobre qual seria mais importante para um BT, as rodas ou as esteiras, os textos soviéticos têm uma resposta clara — as rodas. A característica mais importante do BT — a velocidade — era alcançada com o uso de rodas.

Há setenta anos, não havia rodovias expressas no território soviético. E em 1939, nenhum vizinho imediato do país possuía tais rodovias. Todavia, no ano seguinte,

por conta do pacto Molotov-Ribbentrop, Stálin dividiu a Polônia e estabeleceu fronteiras comuns com uma nação que possuía as famosas *Autobahnen*. Essa nação era a Alemanha.

Dizem que os tanques de Stálin não estavam prontos para a guerra. Não é verdade. Não estavam prontos para uma guerra defensiva, e no próprio território. Simplesmente estavam preparados para lutar em territórios diferentes.

Eis outra família de tanques soviéticos: T-37A, T-38 e T-40. O T-37A foi entregue ao Exército Vermelho em 11 de agosto de 1933. Pesava 3,2 toneladas, a tripulação era de dois homens, e tinha blindagem à prova de balas de chumbo. Era armado com uma metralhadora DT e um motor de 40 cavalos; sua velocidade máxima oscilava entre 36 e 40 km/h em estradas pavimentadas ou 6 km/h na água. O T-37A era leve, mas leveza não é sinônimo de ruim e obsoleto. O T-37A foi o primeiro tanque anfíbio do mundo a ser usado regularmente pelas tropas.[14] Mesmo que fosse um tanque ruim, sua inclusão nas forças armadas ainda significava uma virada tecnológica de importância histórica, pois na época não havia nada comparável nos exércitos de outros países. Os japoneses perseguiram insistentemente a possibilidade de fabricar tanques anfíbios nas décadas de 1920 e 1930, e até chegaram a testar alguns protótipos. Mas nenhum deles foi fabricado em massa, nem fez parte das forças armadas japonesas, até 1941.

O Pz-I alemão foi aceito pelo exército um ano depois, em 1934. Tinha quase o mesmo peso — 3,5 toneladas — a mesma tripulação de dois, a mesma blindagem à prova de balas de chumbo e um canhão com o mesmo calibre. Só que não flutuava. Quando os estudiosos riem do T-37A que flutuava, eu proponho comparar as características do tanque anfíbio soviético mais antigo e mais leve com as características do melhor e mais potente tanque anfíbio alemão. É quando as risadas cessam. Acontece que a Alemanha não tem, e nunca teve, tanques anfíbios. Antes da guerra não havia nenhum, e durante a guerra nenhum apareceu. A grande Alemanha entrou no século XXI sem tanques anfíbios. Não se sabe quando ela começará a produzi-los. Stálin, por outro lado, tinha tanques anfíbios no início dos anos 1930. Nesse campo, Stálin estava muitas décadas à frente de Hitler.

A França não tinha tanques anfíbios na época; a Grã-Bretanha também não, quer antes, quer durante a guerra.[15] O nascimento das unidades de tanques americanas aconteceu em 10 de julho de 1940. Quando a *Wehrmacht Heer* esmagou com seus tanques a Polônia, Bélgica, Holanda, França e o exército britânico no continente, os tanques do Exército Vermelho esmagaram o sexto exército japonês em Kálkhin-Gol e "libertaram" a Finlândia, Estônia, Letônia e Lituânia, Bessarábia e Bucovina. Os Estados Unidos, nessa época, não tinham unidades de tanque. Após a derrota das tropas francesas e britânicas no continente, os generais americanos perceberam que era hora de apear dos cavalos e pensar em criar peritos em

tanques. Um ano depois, em junho de 1941, os Estados Unidos tinham menos de 400 tanques.[16] Eram máquinas fracas, antiquadas, muito altas, com blindagem leve e distribuição caótica de armas totalmente ultrapassadas. A arma mais potente dos tanques americanos, em 1941, era o canhão de 37 mm. Mesmo esse havia sido instalado apenas em alguns tanques. A maioria dos tanques americanos só contava com metralhadoras. Somente no fim da guerra, em 1944, os Estados Unidos conseguiram desenvolver veículos anfíbios e blindados, de grandes dimensões, para o transporte dos soldados; alguns tinham as torres dos tanques mais leves. Eram veículos seguros, tendo grande capacidade de flutuação. Não obstante, não eram tanques, e ninguém tentou chamá-los assim. Então temos a seguinte diferença: nos Estados Unidos, algo semelhante a um tanque anfíbio foi criado perto do fim da guerra, enquanto na União Soviética os tanques anfíbios já perfilavam nas forças armadas muito antes da guerra começar.

Qual era a natureza do "leve e obsoleto" T-37A? Eis algumas informações sobre ele. Em agosto de 1935, sob ordens de Vorochílov, Comissário de Defesa da URSS, sete tanques T-37A saíram de Leningrado, atravessaram dezenas de quilômetros sobre esteira, depois navegaram pelo Rio Lugá, passaram por espessos emaranhados de plantas aquáticas, seguiram pelo Rio Chelôn e a seguir pelo Lago Ilmên. Houve uma tempestade no lago, cuja travessia era de 55 quilômetros. Os tanques atravessaram-no em oito horas e quinze minutos. Logo chegaram ao Rio Vólkhov, ao Canal Novoládojski e ao feroz e traiçoeiro Rio Nevá. Todos os sete tanques chegaram à meta final, que era a Fortaleza Petropávlov. Em onze dias haviam atravessado setecentos quilômetros, seiscentos dos quais navegando — e tudo sem acidentes nem interrupções.

É claro que nem todos os tanques T-37A, nem todos os seus pilotos, eram capazes de semelhante façanha. No entanto, esse é um recorde que desde 1935 não foi quebrado por ninguém. Ninguém chegou nem perto de reproduzi-lo. Até 1941, a posição do resto do mundo com relação à criação de tanques anfíbios mal havia mudado. Em 1941, nenhum país da Europa ou da América (fora a União Soviética) tinha tanques anfíbios como parte do armamento nacional. Naquele ano, só a frota do imperador do Japão começou a aparelhar o tanque flutuante Gami para ataques anfíbios; o Gachi e o Togu, tanques flutuantes, apareceram mais tarde.[17]

O T-37A soviético foi fabricado de 1933 até 1936. Um tanque, se não há guerra, pode servir por dez, quinze, até vinte anos. Em teoria, os modelos T-37A produzidos em 1933 estavam programados para ser substituídos entre 1943 e 1948, talvez até mais tarde. Os últimos tanques, fabricados em 1936, não deviam ser substituídos antes de 1951. Como podiam ser tão antiquados em 1941? E como aconteceu de tanques únicos, que em 1941 tinham servido apenas entre cinco e oito anos, serem totalmente obliterados dos registros históricos?

Para que eram necessários? Qual é a utilidade de tanques anfíbios? Se estivermos defendendo nosso território, se estivermos em guerra eminentemente defensiva, tanques anfíbios não são realmente necessários. Podemos passar sem eles. Para deter o inimigo, é melhor ter tanques de blindagem espessa e armas poderosas — quanto mais pesadas e potentes, melhor. Se não pudermos deter o inimigo na guerra defensiva, seremos forçados a bater em retirada. E fugimos usando nossas pontes. Se o inimigo ameaçar tomá-las, podemos detoná-las e levá-lo conosco. Há pouco uso para tanques de blindagem leve e metralhadoras numa guerra defensiva. Sua capacidade de flutuar não tem utilidade alguma: na guerra defensiva não há lugar para navegar.

Porém, se estamos numa cruzada pelo domínio do mundo, quando é preciso tanger a população do planeta para campos de concentração, onde ela forme exércitos de operários — a chamada *trudóvaia ármia,* exército de mão de obra —, nossas necessidades são outras. Para invadir a linha inimiga, precisamos de tanques pesados, com maior blindagem e canhões mais potentes. Se acontece uma batalha, se duas unidades de tanques colidem, precisamos dos mais poderosos tanques. Quando a linha de frente é rompida, e os tanques inimigos desbaratados, nossa tarefa muda para aproveitar o momento e avançar fundo na retaguarda inimiga, a fim de dividir suas defesas e ter acesso a suas linhas de comunicação e suprimentos; atingir a aorta e cortá-la, separando o inimigo das bases; e alcançar a capital, as regiões industriais, as fontes de petróleo e os portos. O tanque pesado não é bom para esse avanço. Devido ao peso, ele quebra estradas e pontes, e ainda fica no caminho de quem os acompanha. Um tanque pesado consome muito combustível; tente abastecer milhares de tanques, caminhões de reboque e outro tanto de veículos que queiram avançar no território inimigo. Além de tudo isso, um tanque pesado é também lento e pouco ágil, retardando o deslocamento das colunas. E ainda por cima ele se desgasta rapidamente e perde o fôlego, tal como o peso-pesado numa maratona. Para um avanço rápido, tanques médios e leves são ideais. Possuem blindagem mais frágil, armas menos potentes, mas têm muito maior velocidade, facilidade de manobrar e de atravessar o país. E gastam menos combustível.

Agora, nossa armada blindada está diante de um obstáculo de águas. Aqui, todos os tanques médios e pesados, bem como os leves que não foram ensinados a flutuar, perdem seu poder de agressão. Seu valor cai a zero. Precisam de uma ponte; mas o inimigo protege as pontes e as detona, quando se sentem ameaçados. É preciso lutar pelas pontes. E é melhor lutar não deste lado, mas do outro lado do rio, onde ninguém nos espera. Nessa situação, o valor dos tanques anfíbios leves cresce tremendamente. Se dois, três, cinco, dez tanques atravessarem o rio à noite, e com um ataque fulminante tomarem a ponte pela retaguarda, isso pode decidir o destino da operação, ou até da própria guerra. Agora é possível levar para o território inimigo, através da ponte recém-tomada, os tanques médios e pesados, junto de artilharia,

infantaria, pessoal, hospitais inteiros, toneladas de munição, combustível e peças de reserva. Agora é possível usar a ponte tomada para mandar prisioneiros, feridos de guerra e troféus para a retaguarda, além de mandar de volta para conserto a maquinaria danificada.

Se for impossível tomar a ponte, tanques anfíbios tornam-se realmente valiosos. E não havendo pontes inimigas, precisamos instalar nossas pontes temporárias, para o transporte de bens através do rio. Para isso, precisamos estabelecer uma cabeça de ponte no outro lado. A infantaria então é enviada. Sobre troncos, pranchas de madeira e jangadas infláveis, eles tentam chegar à outra margem. Enquanto isso, são alvo de metralhadoras, morteiros e rifles automáticos. Aqui, entre os que tentam nadar, imagine dez ou vinte tanques leves. Sua blindagem não sofre com balas nem bombas de fragmentos, ao passo que suas metralhadoras podem cuspir fogo, quando nenhum dos que estão nadando pode dar um único tiro.

Agora atingimos a outra margem. O mais importante a fazer é abrigar-se de algum modo, é cavar trincheiras no chão nos próximos vinte minutos ou mais, para que o contra-ataque não caia sobre nós. Assim, morteiros e metralhadoras não serão tão destrutivos, e os atiradores e soldados inimigos não serão tão letais. Nossa infantaria molhada, ferida e exausta não porta armas pesadas nem munição. Portanto, nesses primeiros e terríveis minutos em território inimigo, a presença, a ajuda e o apoio de um único tanque leve, com uma única metralhadora, é mais valiosa e importante que dez truculentos tanques pesados, que seriam forçados a ficar do nosso lado do rio.

O número de tanques anfíbios soviéticos foi mantido em segredo durante meio século. Depois disso, e lentamente, a história ficou mais clara. Então, quantos deles havia? A resposta é: havia 2.627 tanques T-37A fabricados.[18] Em conflitos locais, o T-37A raramente era utilizado — e raramente enviado ao exterior. Assim, em 1941, estavam quase todos funcionando perfeitamente. Em 1936, iniciou-se a fabricação de um tanque anfíbio mais aperfeiçoado, o T-38. Esse tanque continuou a ser fabricado em série até 1939. Ao todo, 1.375 tanques desse tipo foram produzidos.[19] Os historiadores do Kremlin também chamaram esse tanque de obsoleto, mas nós fazemos a mesma pergunta: como podia ser obsoleto, se não havia nenhum tanque análogo no mundo, e sua idade era de apenas entre dois e cinco anos?

O dia 19 de dezembro de 1939 é o mais brilhante e notável da história do desenvolvimento de tanques. Nesse dia, o Exército Vermelho recebeu e alistou um espectro inteiro de tanques blindados — os três caçulas: o anfíbio leve T-40, o médio T-34 e o pesado KV, para abrir caminho. O T-34 é o melhor tanque de todos os tempos. O KV foi o mais poderoso do mundo na primeira metade da Segunda Guerra Mundial, até a Batalha de Stalingrado. Mas o T-40 não era pior que eles. De sua classe, era também o melhor do mundo e não tinha rival.

O interessante é que os historiadores do Kremlin lembram-se do T-34 e do KV, mas esquecem-se do T-40. No entanto, o T-40 tinha formato inteiramente novo, nunca visto; pesava 5,5 toneladas e era armado com duas metralhadoras: a DShK, de grande calibre, e a DT, regular. Uma variante desse modelo, o T-40S, possuía um canhão automático de 20 mm, em vez da DShK. Em 21 de junho de 1941, um total de 277 tanques T-40S havia sido fabricado.[20]

Em 22 de junho de 1941, Hitler tinha 180 tanques na fronteira oriental, todos de categoria abaixo de seis toneladas.[21] Nenhum era anfíbio e nenhum podia competir com os tanques leves soviéticos. Stálin, por outro lado, tinha mais de 4.000 tanques dessa categoria — e todos anfíbios. Entre eles havia 277 modelos T-40, que não só eram anfíbios, como transportavam as metralhadoras DShK de grande calibre (e, é claro, os canhões de 20 mm), para varar a blindagem dos tanques alemães Pz-I. Além disso, a produção de Pz-I foi interrompida em 1938, e esses tanques não só eram obsoletos como estavam desgastados; em contrapartida, os modelos T-40 achavam-se em plena produção, com a tinta ainda secando.

Peritos estrangeiros e os que entendem um pouco de tanques falam do T-40 com suspiros de admiração. A grande maioria dos tanques T-40 tinha menos de um ano de idade. Alguns haviam deixado a fábrica em 21 de junho, e outros ainda se encontravam no pátio de entregas. Quando tiveram tempo de ficar obsoletos? Quando tiveram tempo de se desgastar? Em 22 de junho de 1941, na fronteira oriental, Hitler tinha 3.350 tanques de todos os tipos, e todos obsoletos. Nenhum era anfíbio, enquanto só os anfíbios de Stálin somavam mais de 4.000.

Ao desafiar o tempestuoso Lago Ilmên, até os mais antigos tanques anfíbios soviéticos comprovaram a possibilidade de atravessar o Canal da Mancha. Mas esses tanques foram projetados para lagos e rios. Quanto ao Canal da Mancha, Stálin tinha outros projetos em estudo, para o futuro — o tanque anfíbio PT-1 e suas variantes. Pesava 14 toneladas, tinha motor de 500 cavalos, velocidade de 6 km/h na água e até 62 km/h em terra — e podia chegar a 90 km/h quando removia as esteiras.[22] Tratava-se de um híbrido, um tanque anfíbio e de vias expressas — cruzamento entre veículo de reconhecimento e de batalhas-relâmpago. Era armado com canhão de 45 mm e quatro metralhadoras, tendo uma tripulação de quatro homens. O PT-1 tinha estrutura robusta e perfeita flutuabilidade. Foi projetado e testado, mas não entrou em série, porque naquela instância, atravessar canais não estava nos planos. Quando se tornasse necessário, certamente seria fabricado em grande escala.

A sina dos tanques anfíbios é triste: não adiantavam na guerra defensiva. Onde navegariam? Sob ordens do Comissário do Povo para a Defesa, Marechal da União Soviética Timochenko, e do chefe do estado-maior, general do Exército Jukov, milhares de toneladas de peças de tanques, e milhares de toneladas de munição e combustível foram levados às fronteiras do país. Nas primeiras horas da guerra, tudo

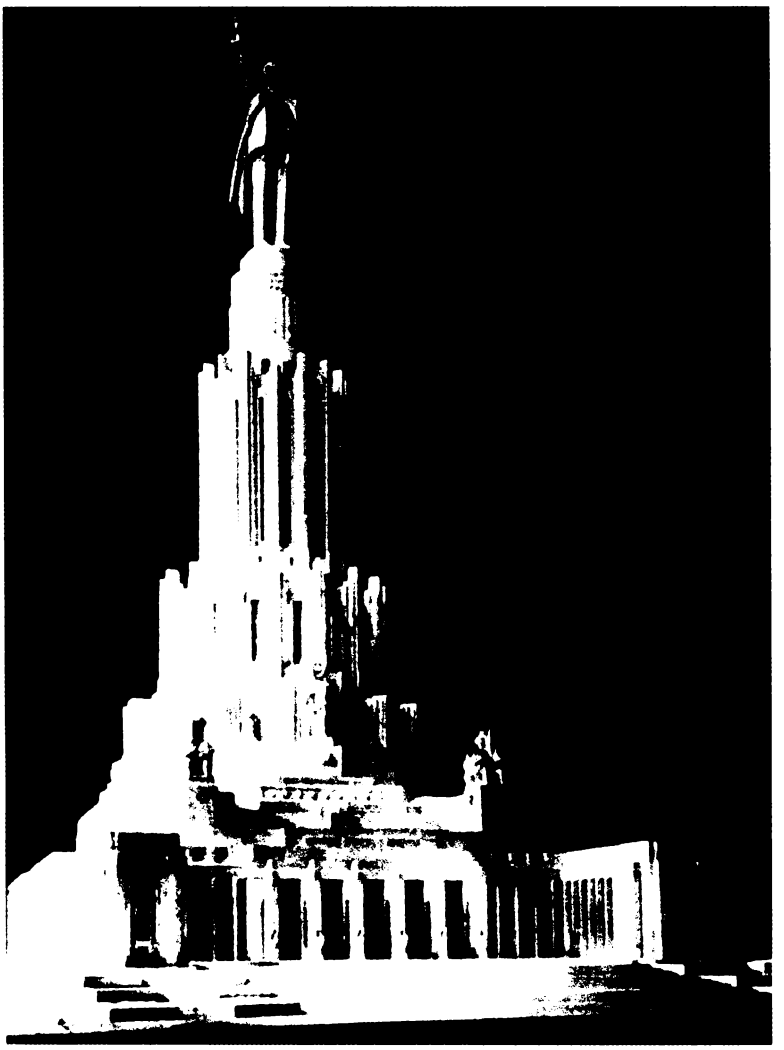
isso ou pegou fogo ou caiu nas mãos do inimigo. Tanques soviéticos ficaram sem combustível, munição e peças de reposição. Quatrocentos tanques anfíbios leves exigem grande quantidade de combustível e têm pouca utilidade na guerra defensiva. Assim, os comandantes facilmente os descartaram: ordenaram que o que restasse de combustível fosse bombeado para os tanques médios e pesados. Os leves explodiram, quebraram, afundaram ou foram simplesmente abandonados.

Melhores (e únicos) do mundo, os tanques anfíbios soviéticos tornaram-se desnecessários e não desempenharam nenhum papel na guerra, em 1941. Mas ninguém pergunta isto: por que, então, foram desenvolvidos e construídos? Para que foram preparados? Por que Stálin precisaria de 400 tanques anfíbios, que não podiam ser usados na guerra defensiva? Em que águas o camarada Stálin planejava navegar?

Stálin, terrorista e ladrão do Cáucaso, também conhecido como Kôba, Ivanóv, Vassilín, Tchíjikob, Ivánovitch, Djugachvíli, Bessochvíli, Sálin.

Государственный герб
Союза Советских Социалистических Республик.

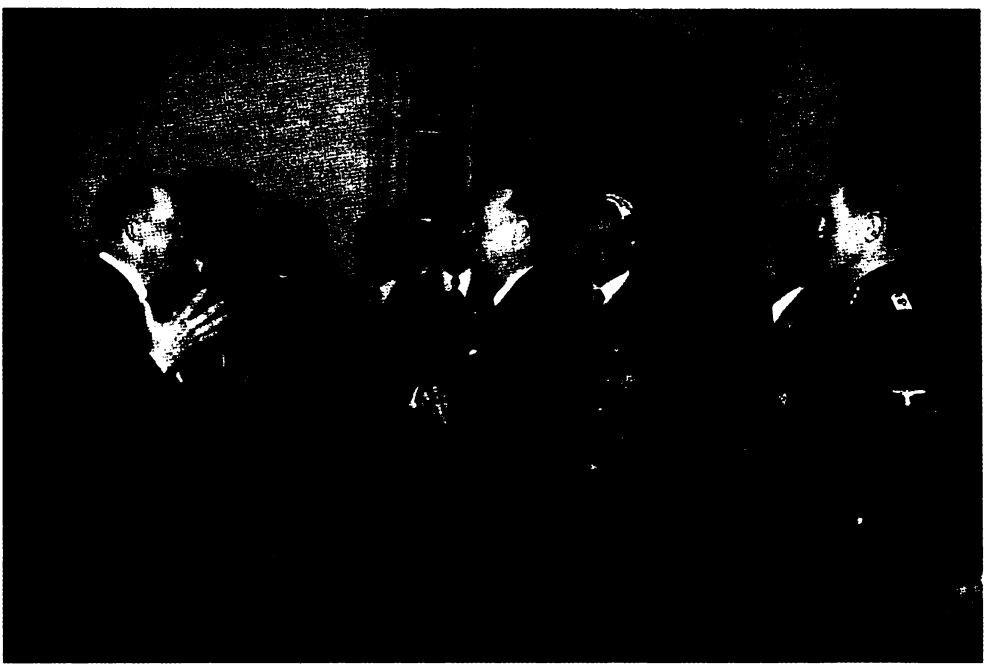
Brasão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Não há divisões no mapa porque o mundo todo deveria tornar-se parte da União Soviética, por meio de guerras e revoluções.



O Palácio dos Soviéticos deveria ser o mais alto edifício do mundo, com quinhentos metros de altura. Foi projetado para a cerimônia de aceitação das repúblicas que se unissem à União Soviética; todavia, em 1941, a construção foi interrompida, e a estrutura, demolida. As vigas de aço foram utilizadas para construir defesas antitanques perto de Moscou.

Joachim von Ribbentrop assina o pacto Molotov-Ribbentrop, que dividia a Polônia entre a União Soviética e a Alemanha. Hitler não sabia que a França e a Inglaterra declarariam guerra contra a Alemanha após o ataque à Polônia. Mas Stálin sabia. Era parte de seu plano para conquistar a Europa.

Stálin aperta a mão de Ribbentrop. A seu lado está o Chefe do Estado-Maior do Exército Vermelho, marechal Chápochnikov, que cunhou o slogan "Mobilização é guerra". Em 19 de agosto de 1939, Stálin ordenou uma mobilização secreta.



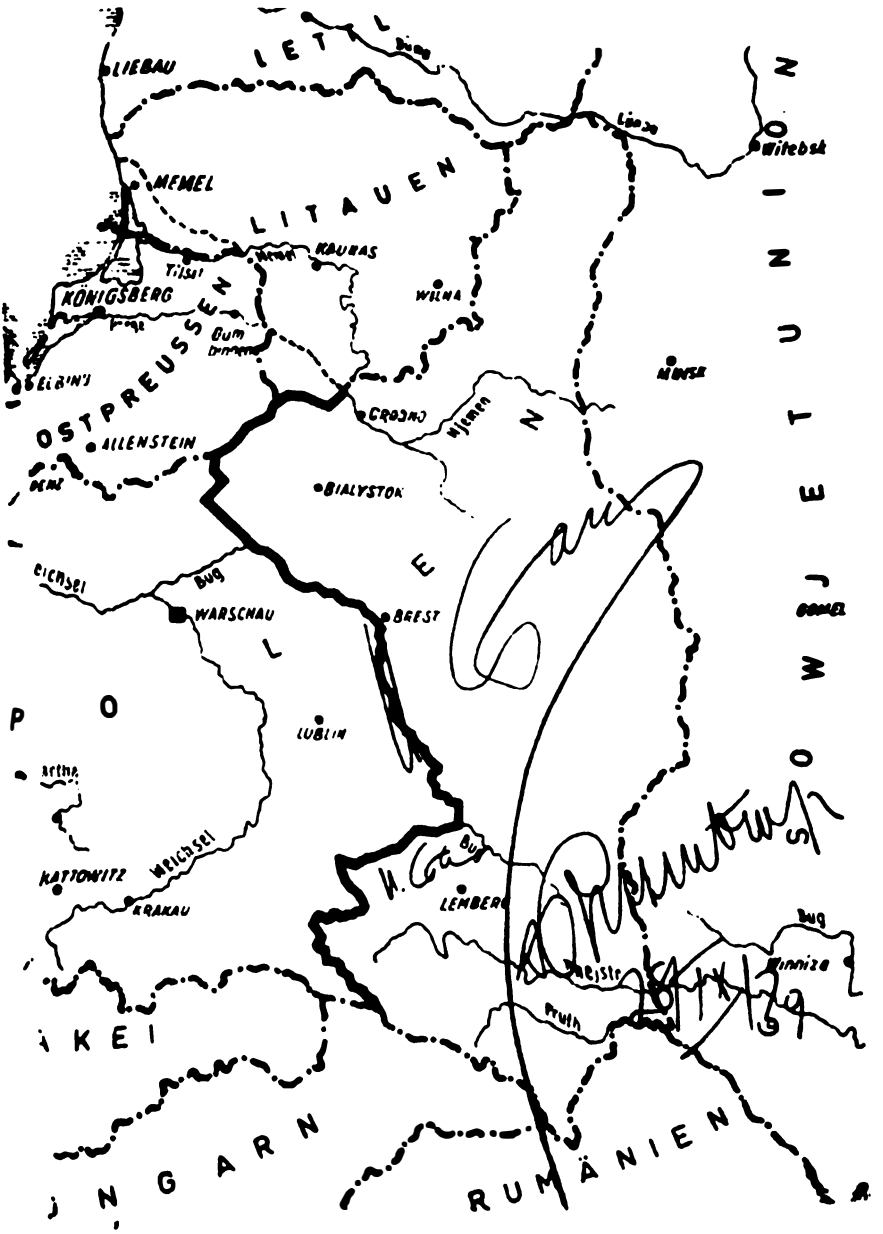
Ribbentrop traz boas notícias a Hitler: "Podemos iniciar a guerra contra a Polônia". Ninguém percebera que caíra na armadilha de Stálin.

Oficiais alemães e soviéticos examinam o mapa da divisão da Polônia após a invasão, em setembro de 1939.

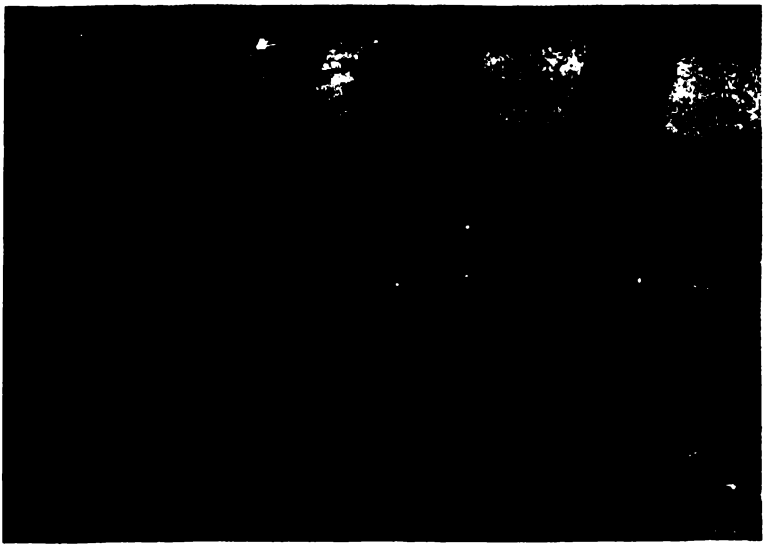
Oficiais da SS (Schutztaffel — Força policial do partido nazista) e do NKVD (Naródni Komissariát Vnútrenikh del — Comissariado Popular de Assuntos Internos, ou a polícia secreta do PC soviético) — tornaram-se irmãos em armas após a divisão da Polônia.

Tradicionalmente, a História apresenta Stálin como vítima da agressão de Hitler; mas na época do pacto, em agosto de 1939, o mundo todo os via como vilões. Na visão do cartunista búlgaro Ivan Béchkov, ambos têm punhais preparados para atacar um ao outro.

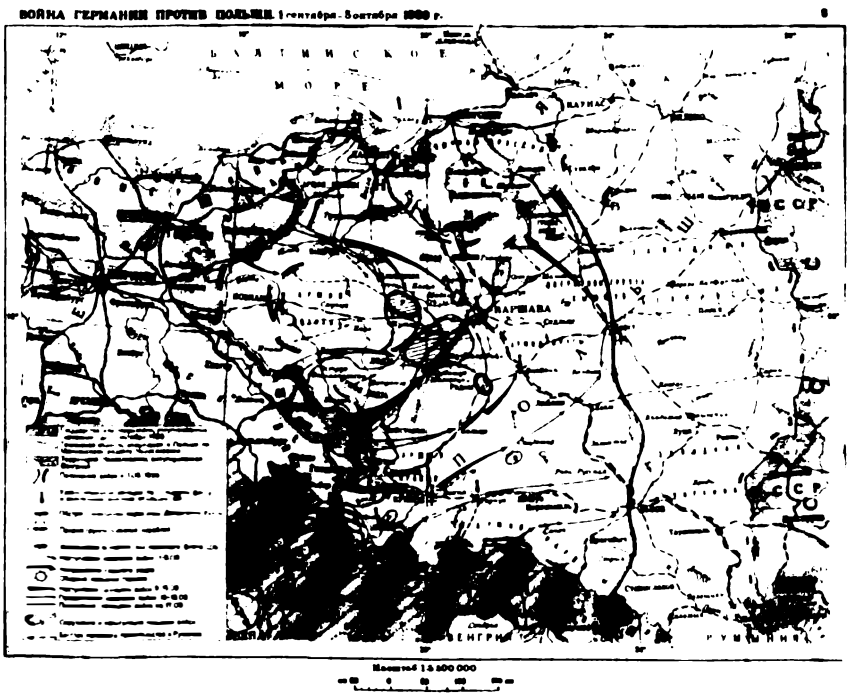
O general alemão Hans Guderian troca sorrisos com o comandante soviético S. Krivocheev, na reunião que dividiu a Polônia. Observe como os oficiais mantêm as mãos nas costas, tal como no cartum. No fim da guerra, em 1945, em Berlim, Krivocheev era vice-general das forças armadas soviéticas.



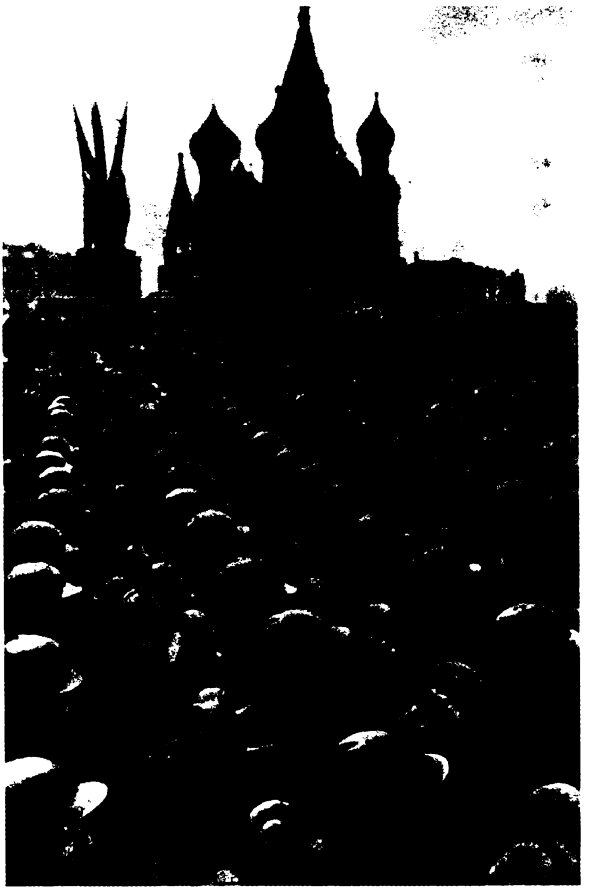
Em 28 de setembro de 1939, um mapa detalhado da divisão da Polônia foi assinado por Stálin e Ribbentrop. Stálin rabiscou as primeiras letras do nome e parou, mas continuou com letras maiores, incapaz de esconder a exultação. Ele, que não ocupava nenhum cargo estatal oficial na época, deveria deixar a assinatura para Molotov, Ministro do Exterior.



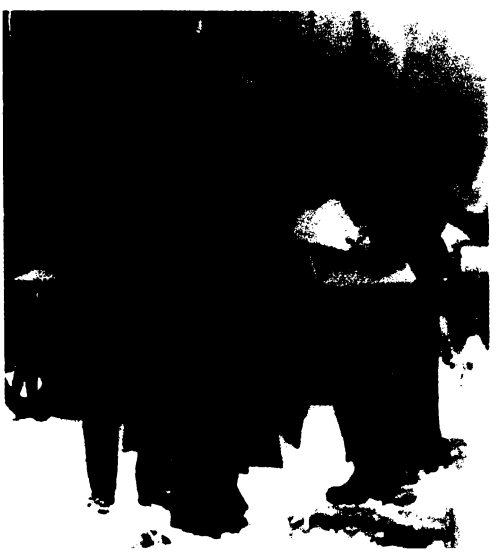
Em 29 de setembro de 1939, Nikita Khruschov, então membro do Politburo, inspecionou a fronteira, no Rio San. O general I. Tiulênev, que o acompanhou, escreveu que Khruschov disse: "Deixe que os alemães cometam seus crimes, porque depois apareceremos como libertadores".



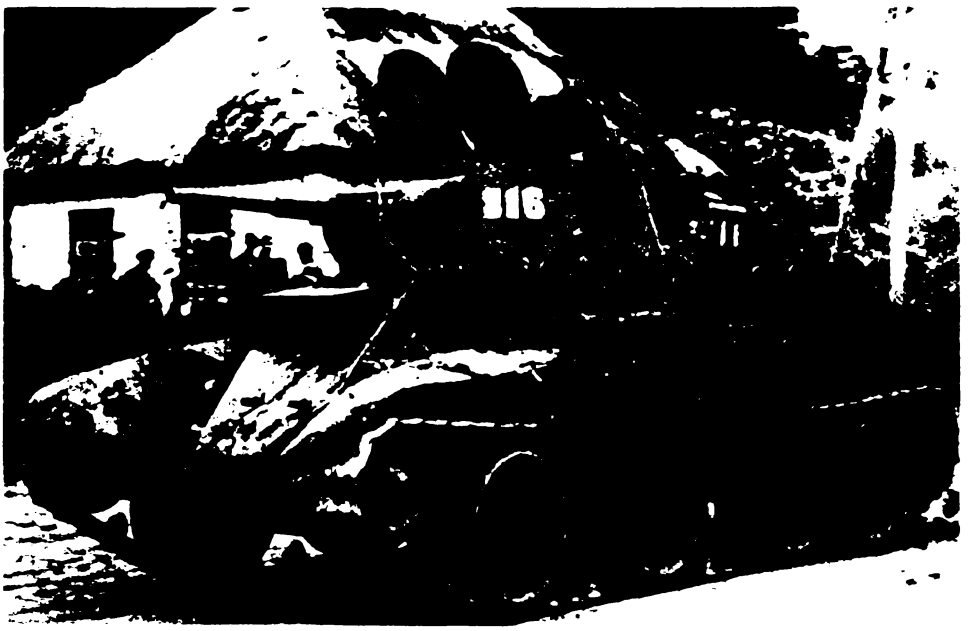
Mapa oficial soviético da guerra da Alemanha contra a Polônia. O território ocupado pela União Soviética não está marcado, como se não houvesse participação soviética na guerra contra a Polônia.



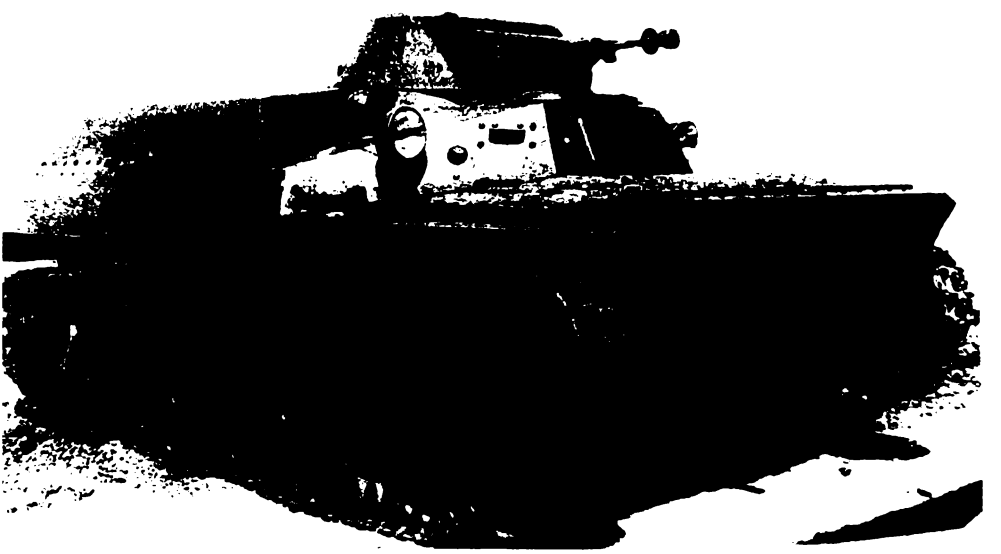
Tropas soviéticas preparando-se para a "libertação" da Europa. É difícil distingui-las das tropas alemãs.



Remessa de petróleo soviético para Hitler. Sem o suprimento soviético de petróleo, algodão, cereais, magnésio, cromo, cobre, estanho, níquel, vanádio, tungstênio e molibdênio, Hitler não teria condições de conquistar a Europa.

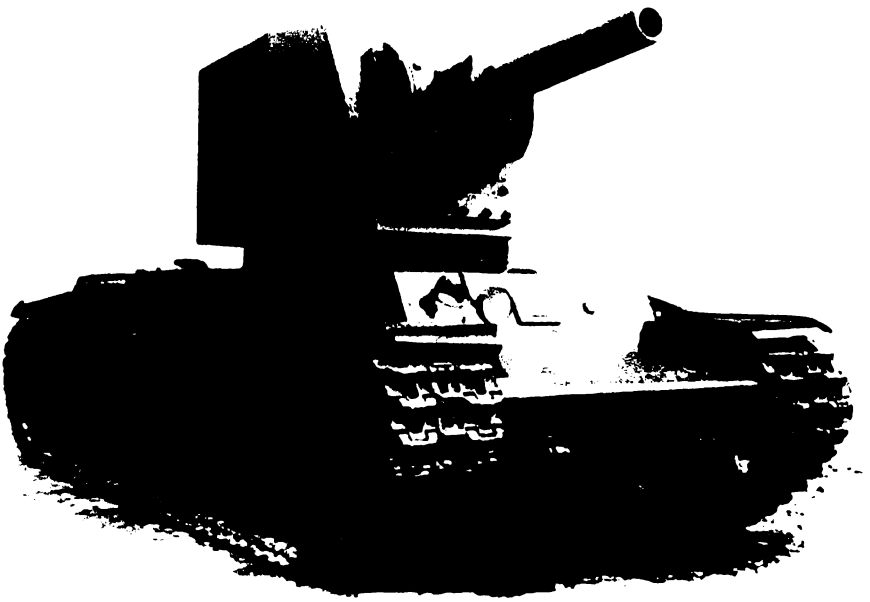


Tanque soviético BT, de alta velocidade, ótima capacidade de manobra e blindagem leve. Um novo tanque para um novo tipo de guerra: operações ofensivas e fulminantes. Seu uso em operações defensivas era limitado.

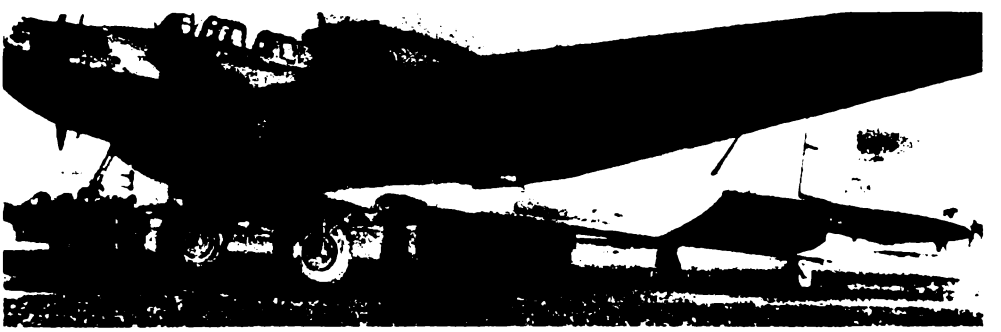


Tanque anfíbio T-40. A União Soviética era o único país do mundo que, em 1941, possuía tanques anfíbios, utilizados apenas em operações ofensivas.

Tanque pesado KV-1. A União Soviética era o único país do mundo que, em 1941, possuía tanques pesados em seu arsenal. Esses tanques suportavam entre vinte e trinta tiros de armas antitanques alemãs. Uma vez transposta a fronteira, nada poderia detê-los. Hitler teve a sorte de atacar no momento em que eles ainda estavam sendo transportados nas ferrovias.



Tanque pesado KV-2. No final de junho de 1941, oficiais alemães do fronte relataram que os russos tinham tanques poderosos, de esteiras largas, armadura impenetrável e canhões de seis polegadas, que disparavam projéteis de 48 quilos. Berlim não acreditou nesses relatórios.



Em 1936, a União Soviética criou o bombardeiro estratégico TB-7, capaz de atingir altitudes que o fogo antiaéreo e interceptadores inimigos não alcançariam. Em 1942, o Ministro do Exterior soviético, Viatcheslav Molotov, usou um desses aparelhos para sobrevoar territórios alemães ocupados, sem temor de ser atacado na rota para a Grã-Bretanha e os EUA. O TB-7 tinha capacidade de levar bombas de onze mil libras. Antes de 1941, a indústria soviética podia produzir mil aeronaves iguais a essas, mas Stálin mandou suspender a montagem em massa do TB-7. No verão de 1941, apenas dezessete deles foram construídos. Stálin havia decidido que não queria destruir as cidades europeias, nem fábricas ou portos; queria tomá-los intactos e, para esse propósito, precisava de aeronaves diferentes.

11

Gêngis Khan de asas

A lógica sugeria que eu não devia esperar que o inimigo pusesse toda a força aérea em ação; nós é que devíamos tomar a iniciativa do ar e ser os primeiros a realizar ataques maciços em suas bases aéreas.

Marechal do ar A. Novikov,
Voiêno-istorítcheski Jurnál

"Stálin" não é o nome verdadeiro, mas o mais famoso de muitos pseudônimos de um homem que, durante trinta anos, governou o império mais criminoso e brutal da história humana. Não é seu único pseudônimo. Como qualquer grande criminoso, Stálin tinha vários nomes e apelidos: "Vassíliev", "Tchíjikov", "Bessochvíli" ("filho do diabo"), "Ivánovitch", entre outros. Os camaradas mais próximos tinham o direito de usar o apelido "Kôba", no círculo mais fechado. Stálin ficou conhecido sob esse nome muito antes de chegar ao poder, quando era um mero assaltante de bancos.

Em casos especiais, Stálin usava outro pseudônimo secreto: "Ivanóv". Por vezes, um ministro, embaixador, general, almirante ou marechal recebia um telegrama que começava simples e direto: "O Camarada Ivanóv ordena...". A mais alta cúpula da União Soviética sabia que essa ordem tinha de ser obedecida a qualquer custo, com rapidez, precisão e dentro do prazo estipulado. Havia um único preço a pagar pelo atraso ou descumprimento das ordens do "Camarada Ivanóv" — a vida. Em troca, cada oficial do alto escalão — ministro, embaixador, marechal ou outro — podia, a qualquer momento, escrever uma carta ou telegrama e pôr como endereço "Moscou — Ivanóv". Passando por cima de toda a burocracia, a carta ou o telegrama com esse endereço, sem perda de tempo, era posto diretamente sobre a mesa de Stálin.

Eis um fato que, a princípio, parece não ter qualquer ligação com o que foi dito anteriormente. No verão de 1941, o Exército Vermelho de repente utilizou armas totalmente incomuns: o BM-8 e o BM-13, lançadores múltiplos de foguete, ou lança-foguetes. Entraram para a história com o nome de "órgãos de tubos de Stálin" ou "Katiúcha".[1] Em 6 de agosto de 1941, o Exército Vermelho foi equipado com um sistema de artilharia de lança-foguetes, o BM-8-36, e no verão do ano seguinte — 1942 — o BM-8-48.[2] Uma salva de um único BM-13 constituía-se de 16 projéteis propelidos por foguetes de calibre 132. Uma salva do BM-8 constituía-se de 36 projéteis propelidos por foguetes de calibre 82 (48 projéteis a partir de 1942). Uma bateria consistia em quatro a seis sistemas BM-8 ou BM-13. Comumente, o alvo era atingido não por uma bateria, mas por um grupo de baterias, ou mesmo um batalhão de baterias. A vantagem estava em que centenas, ou mesmo milhares de mísseis cobriam enormes áreas quase que simultaneamente. O fogo de um grupo de baterias era uma avalanche incendiária, acompanhada de estrondos frenéticos. Muitos soldados, oficiais e generais alemães disseram que essa arma era terrível. O marechal de campo Albrecht Von Kesselring afirmou: "O avassalador efeito psicológico dos 'órgãos de Stálin' era de triste memória para qualquer soldado alemão que se encontrasse na frente oriental".[3]

As estatísticas são as seguintes: em 1º de junho de 1941, o Exército Vermelho tinha sete veículos lança-foguetes BM-13. Um mês depois, havia dezessete deles. Alguns foram destruídos em batalha, mas fabricaram-se outros. Em 1º de setembro, havia 49 desses veículos. A produção do BM-8 começou ao mesmo tempo. Em 1º de outubro de 1941, o Exército Vermelho, apesar das perdas, tinha 406 modelos BM-8 e BM-13. Mais tarde, essa conta chegaria a milhares, e logo a arma tornou-se muito popular. Apesar das perdas de bases industriais e de matéria prima, a União Soviética conseguia rapidamente suprir o exército, principalmente com novos sistemas de artilharia.

Em 1940, as forças aéreas do Exército Vermelho receberam o avião mais recente, o "Ivanóv" Su-2. Foi criado por um grupo de projetistas chefiado por Pavel Ossipovitch Sukhói, um dos maiores projetistas da aeronáutica do século XX. Stálin emitiu pessoalmente a ordem de projetar o Ivanóv. Na história da aviação soviética, houve apenas um avião cujo projeto foi batizado com o pseudônimo secreto de Stálin; além disso, o nome do projeto não foi iniciativa de devotados oficiais de patente inferior, mas do próprio Stálin. O projetista V. Chavróv confirma: "O codinome 'Ivanóv' foi dado em cumprimento a uma ordem de Stálin. Era seu endereço telegráfico".[4] Não havia nenhum avião ainda; os projetistas nem tinham pegado no lápis, mas Stálin já dera seu nome ao avião. A produção, de acordo com os planos, deveria ser de 100.000 a 150.000 aviões desse tipo.

O Su-2 tinha muitos usos: podia ser bombardeiro leve, avião tático de reconhecimento e avião de ataque. O projeto era extremamente simples e racional. O Su-2 adequava-se melhor à produção em escala do que qualquer avião do mundo. Possuía

grande poder de fogo; sob as asas podia carregar até dez projéteis de propulsão com 82 ou 132 mm de calibre. Esses acabaram sendo instalados no fim de 1941 em algumas aeronaves; eram os mesmos mísseis disparados pelos "órgãos de Stálin", o BM-8 e o BM-13. Os projéteis de propulsão eram armas ferozes, especialmente se usadas de forma repentina e simultânea por grupos de dez aviões, em altitude muito baixa. Grupos de aviões Su-2 iriam se tornar "baterias voadoras". Além de mísseis de propulsão, o Ivanóv Su-2 levava entre 400 e 600 quilos de bombas, e cinco metralhadoras ShKAS (nas últimas modificações do Su-2), que na época detinham o recorde de frequência de tiro.

Tratava-se de um avião magnífico. O Su-2 tinha controle duplo — um para o piloto e outro para o navegador-atirador, que ficava atrás. Desse modo, não havia necessidade de fabricar uma versão de treino desse modelo: cada Su-2 pronto para a batalha podia ser usado para treino, e cada avião usado para treino também podia ser usado em batalha. Isso simplificou a preparação em massa de pilotos, já que o Su-2 podia ser manejado por pilotos de qualquer qualificação.

O tenente-general Anatóli Púchkin (em 1941 era major, comandante do 52º Regimento do Ar) recorda: "O Su-2 também era ótimo porque não precisava de bases aéreas. Podia decolar e pousar em qualquer campo".

Marechal Ivan Pstígo: "O Su-2 causava forte impressão. Era um bombardeiro, mas parecia um caça — pequeno, compacto, bonito".

Além disso, o Su-2 tinha notável resistência. Disse o herói da União Soviética, M. Lachin: "Voei no Su-2. É um avião leve, que voa bem, manobrável e extremamente durável. Levou muito tempo para ele se queimar; nunca pegou fogo como uma tocha". E o herói da União Soviética V. I. Streltchenko: "O Su-2 não queimava, mesmo com o tanque de combustível danificado; a defesa de dióxido de carbono ajudava".

Em 22 de junho de 1941, o exército alemão realizou um ataque esmagador sobre o Exército Vermelho. Aconteceu no momento em que os modelos Su-2 começavam a ser entregues em massa aos soldados. Nessa época, cerca de 600 aviões Su-2 foram produzidos e entregues para oito regimentos do ar, situados nos bairros militares da fronteira ocidental. Entretanto, muitas aeronaves ainda se achavam estacionadas em aeroportos ou a caminho dos pátios de distribuição. Em 19 de novembro de 1941, decidiu-se interromper a produção de aviões Su-2.[5] Havia planos para fabricar entre 100.000 e 150.000, mas só 1.100 saíram das fábricas. Depois da guerra, os historiadores explicaram esse fato afirmando que o Su-2 era obsoleto, de modo que a produção foi contida. Surpreendente explicação! Seria possível que o grande projetista Sukhói criasse um avião que se tornaria obsoleto no ano seguinte? Como podia um avião ficar obsoleto, se não havia nenhum no mundo que tivesse semelhante poder de fogo?

O projetista aeronáutico V. B. Chavróv escreveu a mais completa e objetiva história do desenvolvimento da aviação soviética. Todos os demais projetistas eram

seus adversários, portanto Chavróv não economizou críticas. Mas ele não criticou os criadores do Su-2: "[Seus] criadores não podem ser censurados por nada; o avião correspondia às exigências reais, que só apareceram com a guerra [iniciada]".[6] Em outras palavras, tudo estava bem, não havia nada a reclamar dos projetistas; antes de 21 de junho de 1941, o Su-2 correspondia à demanda, mas no amanhecer de 22 de junho, já não satisfazia as exigências. Como podemos interpretar isso?

A história do Su-2 começou cinco anos antes da invasão alemã. No verão de 1936, Stálin reuniu projetistas aeronáuticos em sua dacha, saudou-os hospitaleiramente, e em seguida incumbiu-os de construir um avião sob o codinome de "Ivanóv". Muitos grupos trabalharam simultaneamente no Projeto Ivanóv, incluindo grupos sob o comando de Tupolev, Neman, Polikarpov e Grigórovitch, bem como as equipes de Petliakóv, Sukhói, Arkhangelski, Miasichtchev, Mikoian e Gurevitch, Lavotchkin e Gruchin. Ou seja, quase todos os projetistas de aeronáutica soviéticos concentraram-se em atender a essa única solicitação. E não pensem que havia cooperação; ao contrário, a competição era implacável. Só os mais fortes ficariam, e todos sabiam que o "Camarada Ivanóv" não economizaria castigos nem prêmios. O Su-2 foi o único avião em que Stálin apostou todas as fichas, para a guerra iminente, que ele constantemente descrevia como necessária e inevitável. Mas de que tão ilustre cliente precisava, com essa encomenda?

Se Stálin tivesse a intensão de evitar a Segunda Guerra Mundial, precisaria de um bombardeiro estratégico, que eliminasse, em qualquer agressor potencial, o desejo de invadir. Mas Stálin já tinha um bombardeiro estratégico. Lembrem-se: era o mesmo ano — 1936 — em que Petliakóv deu os últimos retoques no TB-7. Se Stálin desejasse evitar a guerra, não teria necessidade de reunir os projetistas e dar-lhes a tarefa de criar um novo avião; simplesmente emitiria uma ordem para iniciar a produção em série do TB-7. Mas não fez nada disso. Stálin não precisava de um avião para evitar a guerra, e não daria ordem para iniciar a produção em série de tal modelo. Na verdade, ele chegou a emitir essa ordem quatro vezes — e suspendeu-a quatro vezes também.

Se Stálin estivesse mesmo preparando-se para se defender e proteger a mãe-pátria, então teria ordenado aos projetistas que criassem o melhor caça do mundo, capaz de defender os céus da União Soviética. Mas isso também não lhe interessava. Nikolai Polikarpov estava presente naquele dia, na dacha de Stálin. Era um grande projetista de caças: já havia criado os caças I-15 e o I-16. O I-15 não tinha rival nas manobras horizontais. Foi nele que o piloto Vladímir Kokkinaki bateu o recorde de altitude, a 14.575 metros, em 21 de novembro de 1935. E o I-16 virou nova página no desenvolvimento da aviação mundial: foi o primeiro monoplano de alta velocidade produzido no mundo. Em 1936, Polikarpov já trabalhava em máquinas ainda mais poderosas: tinha a liderança na corrida pelo melhor caça. Stálin devia ter

deixado Polikarpov em paz, sem incomodá-lo e sem distraí-lo. Polikarpov sabia criar caças; seu ritmo não devia ter sido interrompido. Havia uma corrida em curso, e cada hora, cada minuto valia seu peso em sangue. Mas não: Stálin mandou que Polikarpov largasse os caças e começasse a desenvolver um bombardeiro leve, o Ivanóv. Stálin não se interessava muito por caças para uma guerra defensiva.

Então, qual seria o avião ideal de combate que Stálin tinha na mente, a ponto de ter convocado os melhores projetistas, criadores de caças e bombardeiros? Ele mesmo disse o que queria: *"Samaliôt tchístova nieba"* [um avião para um céu limpo] — um bombardeiro leve, destinado a operar livre da resistência inimiga. Dos criadores do Ivanóv, Stálin não exigiu recordes de velocidade, nem de altitude, nem de alcance. Estava satisfeito com a velocidade de 375 km/h perto do chão e 460 km/h em grandes altitudes. Não exigiu características para quebrar recordes. Stálin queria apenas simplicidade, durabilidade e poder de fogo. Seu plano era criar um avião que pudesse ser produzido em números que ultrapassassem todos os aviões de todos os países do mundo somados.

O nome do avião — Ivanóv — tinha outro aspecto significativo. Ivanóv não era apenas o apelido secreto de Stálin; era o nome russo mais comum. "Stálin formulou o pedido nos seguintes termos: o avião devia ser de fácil reprodução, de modo a que fossem fabricados tantos quantos fossem os russos com o nome Ivanóv."[7] Assim, Stálin planejou produzir a maior série de aviões da história humana. Mas não era um avião para guerra defensiva, e sim um aparelho agressivo. Stálin planejou, literalmente, construir tantos bombardeiros leves quantos eram os pequenos e ágeis cavaleiros das hordas de Gêngis Khan.

Pavel Ossipovitch Sukhói satisfez as exigências de Stálin no mais alto nível. E venceu a corrida. O Ivanóv de Sukhói entrou em produção de imediato, em duas fábricas, e logo depois, em uma terceira fábrica. Além disso, as fábricas que produziam outros tipos de aviões estavam prontas, de acordo com as ordens, para passar a fabricar o Ivanóv. Em 1940, depois que o novo sistema de índice foi introduzido, o Ivanóv de Sukhói ganhou o nome Su-2, em honra a seu criador.

Surge uma pergunta: se, segundo as ordens de Stálin, de 100.000 a 150.000 bombardeiros leves fossem construídos, nossos vizinhos não ficariam assustados? Stálin previu esse perigo; por isso, não planejou a produção em massa do Ivanóv em tempo de paz. Durante a mobilização secreta de 1940 até a primeira metade de 1941, uma pequena série (para os padrões soviéticos) foi fabricada — apenas algumas centenas desses aviões. O objetivo dessa série era abrir a linha de produção, ganhar experiência e testar os aviões no ar e em pequenos conflitos. Essas centenas deviam ser usadas no primeiro ataque, principalmente em locais secundários ou junto a outras aeronaves de alta velocidade. Após o primeiro ataque-surpresa, então começaria a produção em escala do Ivanóv, aos milhares. O Ivanóv era uma espécie de reserva

invisível de mobilização. Estava na mesma situação que a submetralhadora PPSh. A PPSh — submetralhadora Chpagin — foi criada antes da guerra, testada e aprovada. A guerra começou, e imediatamente todas as oficinas, todas as metalúrgicas, todas as fábricas de pequena escala começaram a produzir essa arma simples, segura e poderosa, em quantidades inconcebíveis. Stálin pretendia proceder exatamente do mesmo modo com o avião Ivanóv. Imediatamente após o primeiro ataque, a indústria aeronáutica soviética deveria iniciar a produção em massa do Su-2.

E quanto à defesa? Um bombardeiro relativamente lento, agindo acima do campo de batalha e nas adjacências do território inimigo, devia ser protegido por caças. Se Stálin planejava produzir simultaneamente um número correspondente de caças para essa cobertura, os bombardeiros leves Su-2 poderiam ser usados em qualquer situação; por exemplo, para rechaçar a agressão. Mas não houve encomenda de aviões de caça em quantidade; portanto, o Ivanóv Su-2 só tinha uma utilidade possível na guerra: atacar o inimigo primeiro, e neutralizar-lhe a força aérea. Mas é impossível utilizar esses aviões em grande número sem antes esmagar as bases aéreas inimigas. Aí está por que o plano de Stálin, de produzir um mínimo de 100.000 bombardeiros leves Su-2 era equivalente à decisão de começar a guerra com um ataque repentino às bases aéreas inimigas.

Para termos o quadro mais amplo do plano de Stálin, precisamos transportar-nos às praias havaianas em dezembro de 1941. É uma manhã ensolarada de domingo. A frota americana está no porto. De repente, chega a primeira onda de bombardeiros japoneses, caças e torpedeiros. Os primeiros são 183 aviões. Menos de um quarto deles são caças de cobertura. Uma cobertura forte não é necessária nessa situação. Os cálculos são baseados na premissa de que os caças americanos não terão tempo de decolar e neutralizar o ataque-surpresa. A aviação japonesa consistia, na maioria, em aviões de ataque — bombardeiros e torpedeiros Nakajima B-5N1 e B-5N2. Não havia nada de notável no desenho e nas características dos aviões B-5N, mas para ataques repentinos eles eram assombrosos. Em aparência, tamanho e características de voo, o Nakajima B-5N assemelhava-se mais ao caça que ao bombardeiro. Isso lhe dava a habilidade de voar tão baixo sobre o alvo, que o rosto dos pilotos podia ser visto do chão e dos navios; tão baixo que praticamente não havia erro quando a carga letal era despejada. O Nakajima B-5N era um monoplano, com configuração baixa das asas e um motor radial de duas carreiras de cilindros, equipado com sistema de resfriamento a ar. Em alguns aviões, a tripulação consistia em três homens: piloto, navegador e atirador. Mas na maioria havia só dois: os aviões eram usados em formações compactas, como enxames de abelhas enraivecidas, por isso não havia necessidade de cada avião ter um navegador. A carga de bombas do avião não chegava a uma tonelada, mas cada tiro saía quase à queima-roupa. O B-5N tinha defesas relativamente frágeis: uma ou duas metralhadoras, para defender o hemisfério posterior. Esses aviões

não precisavam de grandes armas defensivas; eram aviões de ataque súbito, "aviões para céu limpo", um céu em que há poucos aviões inimigos ou nenhum.

O Nakajima B-5N, que era um bombardeiro leve, funcionou muito bem em Pearl Harbor, mas seus dias heroicos terminaram em seguida. O ataque-surpresa foi insuficiente para tirar a frota e a aviação americana da guerra por muito tempo. Nas batalhas subsequentes, quando os americanos se reergueram, e quando a guerra normal começou, sem punhaladas nas costas, o B-5N não se mostrou particularmente útil. A produção desses aviões continuou por algum tempo; no total, foram fabricados mais de 1.100 — e com isso, sua história terminou.[8] O B-5N foi criado para uma situação em que nada pudesse atrapalhar seu trabalho no céu. O B-5N era assustador para fracos e indefesos, amedrontador em formação, aterrorizante em ataques repentinos. Assustava tanto quanto uma matilha de hienas ferozes e sedentas de sangue, que carecem de grande força e velocidade, mas têm presas poderosas e atuam em grupos contra uma vítima mais fraca, que não espera o ataque e se encontra despreparada para rechaçá-la.

Mas o que isso tem a ver com o avião soviético Ivanóv Su-2? O Ivanóv era quase exatamente igual ao agressor dos ares japonês. No verão de 1936, ninguém poderia prever o que aconteceria em Pearl Harbor cinco anos depois. No verão de 1936, o Nakajima B-5N ainda não existia. Havia apenas desenhos, que os japoneses não divulgavam. Assim, era impossível supor que os projetistas soviéticos estivessem copiando planos japoneses. Copiar exige tempo, e ainda que fosse possível roubar documentação tecnológica (que seriam montanhas de papel), mesmo assim a tradução (do japonês!) levaria vários anos. O Nakajima B-5N, no Japão, e as variações simultâneas do avião Ivanóv, na URSS, foram criados quase em paralelo: o primeiro voo do B-5N foi em janeiro de 1937, e o primeiro voo do Ivanóv foi em 25 de agosto do mesmo ano. Portanto, não estamos falando em cópia, mas de dois processos de desenvolvimento muito similares — e independentes.

Sob as ordens de Stálin, inúmeras variantes do aeroplano Ivanóv foram criadas. Cada projetista soviético guardava cuidadosamente seu segredo, mas cada um acabou apresentando a mesma hiena de asas: um bombardeiro leve, que guardava bastante semelhança com um caça, em aparência, tamanho e características de voo. Cada projetista soviético escolheu independentemente o mesmo esquema dos competidores: um monoplano com asas baixas, um motor radial de duas carreiras e sistema de refrigeração a ar. Não é nenhum milagre; apenas, todos os projetistas receberam uma única incumbência: criar um instrumento para realizar o mesmo serviço. Os instrumentos foram criados por mentes diferentes, mas para o mesmo objetivo. Daí as semelhanças.

No verão de 1936, o Nakajima B-5N ainda não havia voado, e pouco se sabia sobre ele. Não havia nada de espetacular no projeto do novo avião japonês, nada que pudesse atrair a atenção de Stálin. Mas em 1936, Stálin já pensava nos mesmos termos que os almirantes japoneses. E nesse ano ele ordenou a seus engenheiros que criassem

o mesmo tipo de avião — que numa linda manhã surgisse de repente sobre o inimigo, num momento em que o inimigo nem sonhava em ser atacado. Era precisamente o mesmo cenário que Stálin planejava para entrar na Segunda Guerra Mundial.

Um avião de velocidade relativamente baixa pode ser uma arma mortal. Hitler teve a mesma linha de pensamento. Tinha seu chacal de asas — o Ju-87. Era um avião monomotor, mais semelhante a um caça que a um bombardeiro. A tripulação era de duas pessoas; e suas armas defensivas eram fracas — uma metralhadora para defender o hemisfério posterior e duas outras montadas nas asas. A carga de bomba pesava menos de uma tonelada.[9] Era parte daquela geração de aeronaves que não fazia saltar as engrenagens durante o voo. Tinha velocidade risivelmente baixa. Mas grupos de dez aviões Ju-87 realizavam investidas fulminantes em sonolentas bases aéreas, e com isso limpavam o céu. Após o primeiro ataque contra a base aérea, eles sobrevoavam o território inimigo na mais completa paz, e não tinham necessidade de grandes velocidades, já que ninguém os perseguia. O Ju-87 reinou soberano sobre a Polônia, Noruega e França. Na Inglaterra ele encontrou resistência. Era impossível aniquilar de surpresa as bases aéreas britânicas; as condições não eram adequadas para ataques aéreos. Depois de participar de vários deles, as perdas do Ju-87 foram tão grandes que veio a ordem de não mais usá-los nas ilhas britânicas.

Na primavera de 1941 aconteceram as campanhas da Iugoslávia e da Grécia. Os aviões Ju-87 realizaram um ataque-surpresa, e mais uma vez tiveram êxito e foram elogiados. Em maio, atacaram Creta. Dessa vez encontraram soldados britânicos, mas o ataque foi repentino, de modo que o Ju-87 mais uma vez se firmou como símbolo da *Blitzkrieg* (guerra relâmpago), do sucesso e da vitória. Em junho, houve um ataque súbito às bases aéreas soviéticas. Num belo domingo de manhã, a força aérea alemã garantiu para si um céu limpo, e pôde usar aviões de todos os modelos — não havia ninguém para caçá-los.

O reinado do Ju-87 durou até a hora em que a aviação soviética ganhou força. Na segunda metade da guerra, o Ju-87 passou a ser usado cada vez menos na fronteira germano-soviética, até desaparecer por completo. "No curso da campanha do Leste, a perda de superioridade no ar, por um curto período, pôs em questão a utilidade de usar [o] relativamente lento e pouco manobrável bombardeiro de mergulho Ju-87."[10]

O Ivanóv foi criado depois do Ju-87. Portanto, as características do Ivanóv eram melhores, e em termos de projeto, os dois apresentavam diferenças significativas. Mas em essência e no conceito geral, o Ju-87 e o Ivanóv eram idênticos em suas atribuições. O avião Nakajima B-5N e o Ivanóv são irmãos, não só em ideia e espírito, mas também nas principais características.

Aviões de ataques-surpresa não precisavam de velocidades recordes. A lógica de Stálin era clara e simples: se um ataque súbito pode dominar as bases aéreas inimigas e limpar o céu de aviões adversários, precisaremos de um avião simples, com armas

potentes, que possa ser produzido em massa. Sua função mais importante é dar apoio a nosso avanço de tanques e paraquedistas, criando um clima de terror aéreo sobre territórios indefesos. Esse foi exatamente o tipo de avião que Stálin encomendou aos projetistas.

O Su-2 teve destino trágico. Em termos de poder de fogo e velocidade, ultrapassava tanto o Ju-87 quanto o Nakajima. Mas o Ju-87 e o Nakajima B-5N tiveram a chance de demonstrar seu poder em ataques súbitos — e fizeram a fama. Hitler não permitiu que o Ivanóv fizesse o trabalho para o qual fora essencialmente projetado. Os alemães realizaram um ataque preventivo às bases aéreas soviéticas, e o Su-2 não pôde cumprir seu destino. Ele não era necessário na guerra defensiva. Algumas fábricas que preparavam a produção em massa de modelos Su-2 (por exemplo, a fábrica Khárkov de aviões) caíram nas mãos do inimigo. Embora alguns equipamentos de produção tivessem sido abandonados, o ritmo de montagem estava perdido. Os aviões Su-2 fabricados antes sofreram grandes baixas: tinham pouca velocidade e não conseguiam escapar do inimigo, quando perseguidos. Possuíam poucas armas de defesa e não podiam revidar o ataque dos caças. E não havia caças soviéticos que lhes dessem cobertura.

Numa guerra defensiva, os caças são necessários antes de tudo. O projetista aeronáutico S. A. Lavotchkin precisava com urgência de um motor potente e confiável para modernizar o caça LaGG-3 — e em grandes quantidades. Não houve problemas; a indústria estava preparada para fabricar o motor M-82, especial para o Su-2 (como substituto dos motores originais M-8 e M-88, que não funcionaram tão bem como o esperado), em qualquer quantidade. Lavotchkin instalou-o, e o famoso caça La-5, bem-amado dos pilotos, entrou em cena.

A indústria soviética estava preparada para a produção em massa de metralhadoras ShKAS, destinadas a muitos tipos diferentes de aviões, mas antes de tudo, ao Su-2. Este fora produzido em número limitado, mas os preparativos da indústria não foram em vão. As metralhadoras foram simplesmente instaladas em outros aviões. A indústria soviética estava preparada para a produção em massa de bombas destinadas ao Su-2, e de fato produziu-as. As bombas armaram vários tipos de avião também. A indústria soviética estava pronta para produzir, em escala, mísseis de foguetes de calibre de 82 e 132 mm, e produziu-os. Foram utilizados não só na aviação, mas também em artilharia terrestre. Num piscar de olhos, o Exército Vermelho tinha milhares de "órgãos de Stálin". Os comunistas chamaram a isso de milagre da economia, mas não havia milagre algum. Acontece que durante o período da mobilização secreta, a indústria soviética estava preparada para fabricar mísseis de foguetes para o Su-2.

Essas armas eram muito mais eficazes quando instaladas no Su-2: os artilheiros primeiro tinham de receber informações sobre o alvo, enquanto os pilotos podiam procurá-lo por si mesmos; os artilheiros enviavam os mísseis a vários quilômetros de distância, sem ver o alvo, enquanto seus companheiros pilotos voavam centenas de

quilômetros, viam o alvo e o resultado de seu trabalho; a esquadra seguinte de aviões tinha sempre a oportunidade de concluir a missão inacabada da esquadra anterior.

A fabricação do Su-2 foi interrompida, mas a indústria continuou a produzir mísseis de foguetes aos milhões. Foram simplesmente ajustados para serem disparados do chão e de outros tipos de avião. A produção de 100.000 a 150.000 aviões Su-2 fora planejada para que o Exército Vermelho lançasse o primeiro ataque, e ninguém impediria os trabalhos da indústria. Hitler arruinou os planos de Stálin. Porém, mesmo tendo perdido todo o suprimento de alumínio e a maioria das fábricas de aviões e motores, a União Soviética ainda fabricou 38.729 aviões, que eram incomparavelmente mais complexos em termos de produção — o Il-2 e o Il-10. Além disso, saíram das fábricas milhares de aviões de outros tipos, todos mais complexos que o Ivanóv.

Mais uma pergunta: onde Stálin pensava encontrar tantos pilotos que levassem ao céu de 100.000 a 150.000 aviões Su-2? Problema algum. Stálin preparou um excesso de pilotos. É verdade que foram treinados para voar em céu limpo. Deles não era exigido que fossem de alto nível, mas deviam ser capazes de voar à noite e saber navegar bem em posições e situações novas. Um grande número de pilotos soviéticos foi treinado para um trabalho fácil: decolar de madrugada, voar em formação de linha reta e atingir o alvo. Pilotos com essa qualificação não eram necessários em guerra defensiva, tal como o avião Su-2 em que foram treinados. Havia tantos pilotos treinados que, em 1942, milhares deles receberam rifles e foram despejados sobre Stalingrado, onde reforçaram a infantaria.[11]

Hitler destruiu os planos de invasão soviética, mas não tinha a menor noção do verdadeiro poder de Stálin, da seriedade de suas intenções, de como Stálin estava bem preparado para liderar uma guerra agressiva. Em março de 1939, no 18º congresso do Partido Comunista, Stálin declarou: "A corrida pelas armas de aviação continuam nos países capitalistas há alguns anos, e inquestionavelmente representa um dos sinais mais característicos e definitivos de um conflito militar geral e inevitável". Tinha razão: no fim da década de 1930, havia uma corrida desesperada pela tecnologia aeronáutica. Forças aéreas das maiores nações ocidentais chegaram a dois ou três mil aviões, e até ultrapassaram essa marca — a Alemanha longe na liderança. A força aérea alemã chegou a ter 4.000 aviões militares. Em março de 1939, estava claro para Stálin que tamanho número de aviões militares assinalava a inevitabilidade da guerra — exatamente como aconteceu. Nesse mesmo ano, 1939, Hitler iniciou suas manobras pelo domínio do mundo.

Se chamamos três ou quatro mil aviões militares de "corrida selvagem de armas de aviação", então o que dizer dos preparativos para produzir o Su-2? Se 4.000 aviões militares de Hitler, de todos os tipos, davam testemunho suficiente da "inevitabilidade de um conflito militar geral", então do que dão testemunho os preparativos para produzir 100 mil aviões militares de apenas um tipo?

12

Sobre aviões "obsoletos"

O domínio do ar está do lado do inimigo. O número de nossas unidades [que estão] ativas na frente de batalha foi reduzido drasticamente.

Chefe do estado-maior das Forças Terrestres Alemãs, coronel-general Franz Halder, 17 de julho de 1941

Desde os primórdios da aviação, os estrategistas militares se depararam com o desafio de conquistar a superioridade aérea — e, de preferência, o completo domínio do ar. Sem superioridade aérea, a vitória é impossível. E essa superioridade pode ser obtida de dois modos: ou pela destruição da força aérea inimiga no chão, ou pela batalha no ar. Em geral, os dois métodos são usados de modo simultâneo. Todavia, comandantes de qualquer patente inevitavelmente devem determinar, com base na evolução da situação, qual dos dois métodos é sua prioridade em dado momento. Antes que a guerra comece, o alto comando militar e político do país deve determinar claramente sua posição diante desta questão: qual dos dois métodos deve ser o primeiro, especialmente no início da guerra? Se o método preferido para obter a superioridade aérea é o da batalha no ar, a atenção dos projetistas deve se voltar para a criação de aviões de caça. Esses projetistas devem ter todas as facilidades de produção, os melhores motores, o mais caro equipamento e os mais raros materiais. Se ficar decidido que a superioridade aérea será obtida em batalhas aéreas, os melhores pilotos devem ser treinados em aviação de caça. Esses pilotos devem receber a maior parte dos recursos para treinamento e combustível, mesmo que seja à custa de deixar outros pilotos sem treinamento. Entretanto, se ficar decidido que a superioridade aérea será obtida destruindo a força aérea inimiga no chão, então a atenção dos projetistas deve se voltar para criar aviões de natureza totalmente distinta. Aparelhos que ataquem

em voo baixo e bombardeiros leves são perfeitos para realizar investidas em bases aéreas. Aeronaves de voo baixo não se destinam a batalhas nos ares; não precisam bater recordes de velocidade, nem de altitude, nem de manobrabilidade. São aviões que precisam atender a requisitos totalmente diferentes. Devem ser bem protegidos da artilharia terrestre e precisam levar armas próprias, poderosas o suficiente para destruir alvos no chão.

Os dois métodos apresentam vantagens e desvantagens. Se decidirmos que o método preferido para atingir a superioridade será por meio das batalhas aéreas, então devemos nos preparar para sofrer pesadas perdas de aeronaves e pilotos, bem como suportar batalhas prolongadas e exaustivas. O treinamento de pilotos de caça é uma aventura arriscada, que requer muito tempo e enormes despesas. Esse método de ganhar a superioridade aérea tem uma única vantagem: é universal. Pode servir em qualquer situação. Se decidirmos ganhar a superioridade aérea destruindo os aviões inimigos no chão, a tarefa pode ser cumprida rapidamente. Em um dia, ou mesmo em algumas horas, podemos obter não só a superioridade como o completo domínio dos céus. Tudo isso pode ser realizado com um único, repentino e poderoso ataque; não haverá necessidade de duras e prolongadas batalhas no ar, nem teremos de gastar grandes quantias treinando pilotos. Mesmo pilotos de qualificação relativamente baixa são bons para esse serviço, pois não precisam aprender truques e manobras difíceis. É suficiente ensinar-lhes a decolar e pousar, seguir uma rota e atirar em alvos estacionados no chão. Porém, esse cenário tem um problema: só pode ser usado contra inimigos que não esperam ser atacados.

Antes da guerra, e durante ela, a União Soviética projetou aviões notáveis e, ao mesmo tempo, muito simples. Mas a grande realização das forças aéreas soviéticas não foi a criação de aeronaves que destruíam aviões inimigos no ar, mas de outras, que destruíam aviões inimigos e quaisquer alvos no chão. O Il-2 foi o grande feito soviético em tecnologia de aviação, durante a Segunda Guerra Mundial. Bases aéreas eram seu alvo predileto. O Il-2 era um avião único, blindado, de ataque, capaz de voar muito baixo. Não fazia uso de placas finas, que davam proteção aos aviões até então, mas possuía um corpo totalmente blindado, de até 12 mm de espessura. A robustez dessa armadura era reforçada pelo fato de que seus detalhes tinham forma arredondada. O problema de partes transparentes também foi resolvido. Quando as balas atingiam o vidro da frente do Il-2, deixavam apenas rachaduras insignificantes, mesmo quando o projétil vinha de distâncias muito próximas. O segredo era o vidro blindado, de 63 mm de espessura.

O Il-2 foi o único avião blindado da História, um verdadeiro tanque voador. A blindagem se estendia à cabine, ao motor e aos tanques de combustível. Apenas as asas, a parte de trás da fuselagem e a cauda eram mais vulneráveis. Além da couraça, do excelente índice de sobrevida e das notáveis características estruturais, o Il-2 tinha

armas extremamente poderosas: oito mísseis propelidos por foguetes, dois canhões automáticos de 23 mm, que disparavam 550 salvas por minuto, duas metralhadoras recordistas de frequência de tiro, e de 400 a 600 quilos de bombas.[1]

Quando criou esse avião de ataque, o projetista, Iliúchin, incluiu um pequeno detalhe defensivo. Os primeiros modelos do Il-2 tinham dois assentos. Piloto e artilheiro sentavam-se um de costas para o outro; aquele pilotava o avião e destruía alvos no chão, enquanto este, com uma metralhadora de calibre 50, cobria a retaguarda de ataques de caças inimigos. Stálin telefonou pessoalmente para Iliúchin e pediu-lhe que tirasse o artilheiro e a metralhadora, deixando um único assento no Il-2. Também ordenou que a redução de peso fosse totalmente aproveitada para aumentar a carga de bombas e o tanque de combustível. Stálin precisava do Il-2 em situações em que nenhum caça inimigo tivesse tempo de decolar.

O projeto levou semanas para ser modificado. O problema era a tecnologia utilizada na produção do Il-2, extremamente complexa. A cabine era montada com mais de 20 placas blindadas, com dobra dupla, como fragmentos de uma caneca quebrada. Toda a tecnologia para produzir a fuselagem blindada teve de ser substituída. Isso atrasou o início da produção em massa do Il-2. Na época da invasão alemã, apenas 249 deles estavam prontos para uso.

No entanto, Hitler não tinha nenhum avião comparável. Bem como os demais países. Nenhuma nação do mundo havia conseguido, no final da guerra, projetar algo igual ao que o Exército Vermelho já havia criado no início dela. Stálin dispunha de "apenas" 249 aviões, mas a indústria soviética achava-se pronta para fabricá-los em qualquer quantidade. Mesmo depois de perder a maior parte das fábricas de aviões e motores na segunda metade de 1941, e mesmo depois de perder todas as fábricas de alumínio, o Il-2 continuou a ser produzido em série, e na maior escala da história da aviação em todo o mundo. O Il-2 não se tornou obsoleto até o fim da guerra, e entrou para a história como o avião militar cuja produção em massa foi a maior de todos os tempos.

O Il-2 sofreu perdas imensas. O avião era de ataque rasante, não destinado para batalhas no ar; e, conforme as ordens de Stálin, não possuía armas defensivas. Dias após a invasão alemã, Stálin telefonou novamente para Iliúchin ordenando que o modelo voltasse a ser produzido com dois assentos. Entretanto, tornou-se impossível voltar ao projeto original sem interromper a produção, algo igualmente impossível de se fazer. Assim, o avião continuou a ser fabricado com um só assento. O Il-2 causou muita destruição ao inimigo, mas ficou também muito vulnerável. Se o Il-2 tivesse um artilheiro de retaguarda, protegendo o hemisfério posterior, o Exército Vermelho em pouco tempo teria milhares de aviões armados desse tipo. Cada um poderia ter completado dezenas, até centenas de missões. Os aviões de ataque Il-2, sozinhos, poderiam ter mudado o curso da guerra. Mas não havia artilheiro; portanto, no início da guerra,

esses modelos eram abatidos aos milhares. Em 1941 e 1942, a expectativa de vida de um avião desses em ação era de dez a treze voos, antes de ser destruído.[2]

Só no fim de 1942 houve algum êxito em alterar o projeto final do avião, que, mais uma vez, passou a ser fabricado com dois assentos. O Il-2 ganhou um artilheiro armado de metralhadora de grande calibre. Entretanto, essa solução não era plenamente satisfatória; o projeto original não havia de fato sido retomado. A cabine do artilheiro foi acrescentada fora do compartimento blindado.[3] O piloto ficava seguro no interior do blindado, enquanto o artilheiro era protegido apenas por compensado de madeira. Claro que ele rechaçava os ataques de caças inimigos que surgiam na cauda, mas perecia rapidamente, e o Il-2, mais uma vez, ficava indefeso. Os melhores pilotos, treinados antes da guerra, morreram nos primeiros meses de luta, em razão da falta de armas defensivas no Il-2. Quando elas foram finalmente instaladas, as aeronaves Il-2 já eram operadas por pilotos de guerra, treinados de forma específica. Um de meus mentores da Academia Militar, o major-general Alexandr Kutchúmov, herói da União Soviética, chegou à frente de batalha em 1942. Havia recebido treinamento de guerra — uma hora e meia de tempo de voo no Il-2. O excelente avião de ataque, o melhor de sua classe, mostrou-se particularmente efetivo como arma; mas teria rendido resultados muito melhores, se pilotado por gente mais bem treinada. Alguns dos que receberam treino de guerra e sobreviveram tornaram-se mestres, heróis e generais — mas milhares faleceram depois de poucas missões.

O problema não era o baixo número de aviões Il-2, nem o caso de serem aparelhos ruins. O problema era que todo o projeto fora elaborado de acordo com a estratégia de atacar de surpresa as bases aéreas inimigas, e em seguida permanecer na guerra sem a resistência da força aérea inimiga. O Il-2 tinha de ser usado em guerra defensiva, quando o inimigo tivesse a superioridade do ar. Mas esse belo avião fora criado para um tipo de guerra totalmente diferente.

Stálin tinha um bombardeiro de mergulho, o Pe-2. Hitler contava com bons aviões, mas o Pe-2 superava qualquer um deles, nas características mais importantes. Por exemplo, a velocidade máxima do Pe-2 chegava a 75 km/h a mais que o melhor bombardeiro alemão, o Ju-88, e 100 km/h a mais que o He-111. Antes de 22 de junho de 1941, 490 aviões Pe-2 haviam sido fabricados[4] — mais do que todos os aviões Ju-88 posicionados ao longo da fronteira soviético-germana.

Stálin tinha três tipos de caças novos: o MiG-3, o LaGG-3 e o Yak-1. Cada um deles era igual ou superior aos melhores modelos alemães. Por exemplo, o MiG-3 tinha velocidade de 628 km/h, em altitudes de 7.000 metros. Hitler não tinha nada semelhante em 1941. Em 22 de junho de 1941, Hitler tinha 1.129 caças de vários tipos na fronteira soviético-germana. Stálin tinha 1.309 caças, só do último modelo Mig-3.[5] Além disso, Stálin contava também com modelos 399 Yak-1 de última geração e 322 modelos LaGG-3.[6]

A Alemanha dispôs a seguinte força aérea, com o propósito de entrar em guerra contra a URSS: 3.520 aviões militares de todos os tipos (bombardeiros, caças, de reconhecimento, transporte e comunicações), 307 aviões finlandeses, 393 romenos e 48 húngaros, totalizando 4.268 aviões.[7] Já o número total de aviões disponíveis na força aérea alemã, em 1º de junho de 1941, era 6.852, incluindo 823 aeronaves de reconhecimento, 2.017 caças monomotores, 232 caças bimotores, 2.141 bombardeiros, 501 bombardeiros de mergulho, 719 aviões de transporte, 133 de comunicações e 286 pertencentes à marinha.[8] Mas o país lutava em várias frentes ao mesmo tempo, do Atlântico Norte às fronteiras do Egito.[9] Contra Stálin, Hitler pôde enviar apenas 2.510 aviões, incluindo os modelos Hs-123, que tinham velocidade de apenas 338 km/h, e vários tipos de aeronaves úteis para transporte, comunicações e fins médicos.[10]

Stálin tinha 2.769 aviões dos modelos mais recentes: Il-2, Pe-2, MiG-3, Yak-1 e LaGG-3. Ele não só dispunha de cinco novos tipos de avião, mas de doze. Tinha também o Ar-2, Er-2, Su-2, Pe-8, Yak-2, Yak-4 e Il-4. O bombardeiro Er-2 tinha alcance de 4.000 km. Até pouco antes do final da guerra, Hitler não dispunha de nenhum bombardeiro assim. O bombardeiro soviético DB-3f (Il-4), posto em ação em 1940, tinha alcance de 3.300 km, motores M-88 e carga normal de bombas, enquanto o Il-4, liberado em 1941 e equipado com motores M-88B, tinha alcance de 3.380 km. Hitler também não contava com esse tipo de aeronave. Em 7 de setembro de 1936, o bombardeiro DB-3 de Iliúchin levou 2.000 kg a uma altitude de 11.005 metros. Esse recorde, entre outros, foi oficialmente registrado pela FAI (Fédération Aéronautique Internationale) e continuou imbatível durante toda a guerra. Nenhum aeroplano bimotor do mundo conseguiu repetir tal feito. O recorde só foi batido após a guerra, em 1946, e não pelo B-17 — o Fortaleza Voadora — mas pelo B-29, o Superfortaleza, de quatro motores. Quantos bombardeiros tinha Stálin? Só os modelos DB-3f, em 22 de junho de 1941, somavam 1.846. Quer dizer, mais do que todos os tipos de bombardeiros usados por Hitler para atacar a União Soviética. Em outras palavras, o número de modelos recentes da frota de Stálin era maior que o da frota de Hitler — somados tanto os aviões antigos como os novos.

É claro que Stálin tinha aviões obsoletos também. Além dos doze modelos mais novos, ele contava com os bombardeiros TB-3 e SB, além dos caças I-16 e I-153. Tenho algo a acrescentar sobre esses aviões. Stálin tinha 541 bombardeiros TB-3, de quatro motores.[11] O historiador V. B. Chavróv disse: "Esse avião, projetado por A. N. Tupolev, pertence à categoria dos mais notáveis aviões, não apenas de sua época. Foi o primeiro bombardeiro monoplano cantiléver quadrimotor, com os motores instalados dentro das asas. Seu projeto tornou-se protótipo de todos os aeroplanos similares, para vários propósitos".[12] O TB-3 passou a ser parte do inventário de 1932, e foi produzido em série até 1938. No total, 819 aeronaves desse tipo foram construí-

das. A tripulação era de oito pessoas; tinha quatro motores e o alcance de voo, com carga normal de bombas, chegava a 2.250 km. Oito metralhadoras constituíam seu arsenal de defesa, e a carga de bombas era entre duas e quatro toneladas. Em 1941, todas essas características situaram o TB-3 entre os melhores aviões do mundo. E a velocidade? É preciso admitir que não era muito alta. Em 1932, quando o avião passou a integrar a frota, sua marca parecia impensável, mas em 1941 esse conceito havia mudado. A velocidade máxima do TB-3 era de 288 km/h.

Comparemos o pesado e "obsoleto" bombardeiro TB-3 de Stálin com o melhor bombardeiro pesado de Hitler. Bem, Hitler não tinha nenhum bombardeiro pesado novo (um programa para desenvolver bombardeiros pesados foi cancelado depois da morte de seu proponente, Walther Wever, em 1936). Não há com que comparar. Então comparemos as características do "obsoleto" TB-3 com as dos melhores — embora obsoletos — bombardeiros pesados alemães. Mas Hitler também não tinha um único bombardeiro pesado, obsoleto que fosse. Ele tinha, é claro, sonhos e ideias. Tinha modelos e amostras. Mas nada passou do estágio experimental, de modo que em 1941 Hitler não tinha nenhum bombardeiro quadrimotor. Não tinha nenhum bombardeiro com alcance de 4.000 quilômetros. E não tinha nenhum bombardeiro com capacidade de carga de bombas de quatro toneladas. O TB-3 era de baixa velocidade, mas os bombardeiros pesados de Hitler não tinham velocidade alguma, porque não existiam.

Stálin tinha o "obsoleto" bombardeiro SB (de alcance médio). Com aproximadamente a mesma carga de bombas e alcance de voo, o SB superava o Ju-87 alemão por cerca de 70 km/h.[13] Em 22 de junho de 1941, os alemães tinham escalado 324 aviões Ju-87 para participar do assalto à União Soviética; Stálin tinha 6.656 aviões SB.[14]

Além dos mais novos caças, Stálin tinha o "obsoleto" I-16. A situação, em 22 de junho de 1941, era tal que a força aérea da região ocidental de fronteira da URSS tinha à sua disposição um total de 4.226 caças, dos quais 1.635 eram modelos I-16. Juntem-se a isso 344 aviões I-16, das forças aéreas do norte, do báltico e do Mar Negro, e serão 1.979 aeronaves.[15] O piloto britânico Alfred Price, que durante a vida pilotou mais de 40 tipos de aviões e passou mais de quatro mil horas no ar, escreveu sobre esse modelo — o "obsoleto" caça soviético: "A mais poderosa arma, entre a série de caças do mundo, em setembro de 1939, era o I-16 russo, que superou duas vezes o Bf-109 E, e quase três vezes o 'Spitfire-1'. Entre todos os caças de pré-guerra no mundo, o I-16 era único, no sentido de que possuía uma proteção blindada cercando o piloto. Aqueles que acham que os russos eram camponeses atrasados antes da Segunda Guerra Mundial, e só iam para a frente sob a influência da experiência alemã, precisam relembrar os fatos".[16] A isso acrescente-se que em 1941 o I-16 não era, nem poderia ser, obsoleto.

A partir de 1937, o I-16 foi fabricado com um canhão e uma metralhadora de armas. O lendário Spitfire britânico, em 1940, durante a Batalha da Inglaterra, não

tinha canhão. Os grandes caças americanos, Mustang e Thunderbolt, já no fim da guerra, não tinham canhão. O I-16 tinha um poder assombroso de suportar cargas: 553 HP por tonelada de peso. Era um recorde registrado; nenhum avião do mundo tinha tanta força. No final da guerra, nenhuma aeronave havia atingido tal resultado. O Spitfire Mk-IX e o Bf-109K chegaram perto, mas só com o motor trabalhando em regime extremo, não podendo ficar ligado por mais do que sete minutos.

O I-16 superou todos os caças alemães e a maioria dos demais aviões do mundo, em termos de longevidade. Os caças alemães tinham um sistema de refrigeração extremamente vulnerável. Se uma única bala atingisse o radiador, os oleodutos, a bomba ou qualquer parte do sistema de esfriamento, o líquido vazaria; com isso, o motor ficaria superaquecido e pararia de trabalhar. Por outro lado, o sistema de refrigeração do I-16 não era vulnerável a tais impactos diretos, por ser refrigerado a ar. Esse motor baseava-se no projeto do Wright Cyclone americano.

O I-16 era inferior ao caça alemão em velocidade. O I-16 do tipo 28 tinha velocidade perto do chão de 427 km/h, enquanto o Bf-109 E-1 voava a 464 km/h, e o Bf-109 E-3, a 540 km/h. A 5.000 metros de altitude, o I-16, tipo 29, voava a 470 km/h,[17] ao passo que o Bf-109 E-1 e o E-3 voavam a 532 e 555 km/h respectivamente.[18] Mas o I-16 superava o Bf-109 em manobras verticais, e também era muito melhor em manobras horizontais. O I-16 podia fazer um giro em 17 segundos, enquanto o Bf-109 levava 25 segundos. Se o caça alemão não quisesse se engajar numa batalha com o I-16, sempre poderia escapar. O Bf-109 fugia das batalhas usando a velocidade, enquanto o I-16 usava o poder de manobra.

É interessante notar o que os próprios pilotos de caça alemães pensavam do desempenho do I-16: "O I-16, com um piloto capaz, era um inimigo perigoso. Os pilotos alemães nunca consideraram que o I-16 fosse um alvo fácil. Embora pudessem quase sempre ganhar a iniciativa em combate aéreo contra o *Ichatchók* ("Burrinho" — apelido russo para o I-16), os pilotos tentavam evitar combates baseados em manobras contra veteranos russos. Entre si, os alemães costumavam dizer que ninguém devia encurralar um rato, referindo-se, é claro, ao apelido do avião — Rata — dado na frente espanhola. Se os pilotos de *Messerschmitt* não seguissem esse princípio, a batalha podia acabar mal para eles, sem dúvida".[19] De 1934 a 1942, 10.292 unidades de I-16 foram fabricadas. Esse número inclui 3.189 modelos I-16, tipo 15 (UTI-4), a versão de treinamento do avião. Assim, o total de unidades I-16 prontas para combate era de 7.103.[20]

Além desse avião, Stálin também tinha o I-153, e havia 3.437 deles fabricados. Essa aeronave era de velocidade mais baixa que a do I-16, mas seu poder de manobra era fenomenal. Subia a 5.000 metros em exatamente um minuto a menos que o Bf-109. O I-153 fazia um giro em 12 segundos, e podia fazer dois giros em menos tempo que o Me-109 gastava para fazer um só.

Pois, então, por que a força aérea soviética perdeu a superioridade aérea logo no primeiro dia, no estágio preliminar da guerra? Por que os alemães adquiriram vantagem no ar, considerando que sua força aérea perdia para a soviética, tanto em quantidade como em qualidade de aviões? A resposta é simples: a maioria dos pilotos soviéticos, incluindo os de caça, não aprendeu a combater em batalhas aéreas. A aviação soviética estava orientada para conduzir uma operação grandiosa, repentina e agressiva, em que a força aérea soviética, em uma só investida, esmagaria os aviões inimigos no chão e ganharia o domínio do ar. Já em 1929, no jornal soviético *Voiná I Revolútsia* (Guerra e Revolução), um artigo fundamental, "O Período Inicial da Guerra", chegou à conclusão que foi mais tarde repetida nas diretivas da força aérea soviética, incluindo as de 1940 e 1941: "Parece ser extremamente vantajoso mostrar iniciativa e ser o primeiro a atacar o inimigo. Quem demonstrar iniciativa atacando as bases aéreas inimigas com sua força aérea pode contar com a superioridade aérea".[21]

Exatamente por essa razão, a força aérea soviética concentrou-se ao longo da fronteira, em 1941. O campo da base aérea do regimento 123 de caças, por exemplo, localizava-se a apenas dois quilômetros da fronteira alemã. Em situação de guerra, isso economiza combustível na decolagem rumo ao inimigo. Para o 123º regimento, tal como para muitos outros, a superioridade em altitude, imediatamente após a decolagem, devia ser conquistada sobre território alemão. Dez anos após esses eventos, o major V. Khmelév, que foi testemunha ocular, assim os descreveu: "As bases aéreas de bombardeiros localizavam-se a não mais de 80 km da nova fronteira germano-soviética. Nessa época, estava claro para todos os soldados e oficiais soviéticos que o Exército Vermelho preparava-se agitadamente para operações agressivas de dimensões inimagináveis".[22] Mas Hitler atacou antes, e desde o primeiro dia da invasão alemã, muitas bases aéreas soviéticas viram-se esmagadas pelas esteiras dos tanques inimigos. Além das imensas baixas em aviões, bases aéreas inteiras — com inacreditáveis reservas de combustível, munição e suprimentos, sem os quais seria impossível lutar — foram perdidas para o inimigo.

13

Tropas de assalto soviéticas aerotransportadas e sua missão

> Nas batalhas que estão por vir, operaremos no território inimigo. Assim foi determinado em nossas regras.
>
> ***Coronel A. I. Rodímtsev,***
> *discurso no 18º Congresso do Partido Comunista, 1939*

Tropas de assalto aerotransportadas são destinadas a operações ofensivas súbitas e decisivas. "O uso de paraquedistas é inútil, a menos que façam parte de uma operação ofensiva", já afirmava em 1940 um jornal militar.[1] O livreto *Regras de Campo do Exército Vermelho para o ano 1936 (PU-36)* orienta: o uso de tropas de assalto aéreo só pode ser feito no decurso de operações ofensivas, e somente em conjunto com tropas regulares de solo que avancem contra o inimigo.[2]

A União Soviética foi a primeira nação do mundo a realizar ataques com tropas de assalto aerotransportadas. Essas tropas foram criadas em 1930, antes de Hitler subir ao poder na Alemanha. Apenas duas outras nações desenvolveram táticas semelhantes antes da Segunda Guerra Mundial: a Alemanha, em 1936, e a Itália. No início da guerra, Hitler tinha 4.000 paraquedistas; a Itália havia treinado 700.

Stálin liderou o desenvolvimento de assaltos aerotransportados. "No fim de 1933, o Exército Vermelho tinha uma brigada de assalto aéreo, quatro unidades móveis de paraquedistas, vinte e nove batalhões distintos e várias companhias, que somavam cerca de dez mil homens".[3]

No início da guerra, a União Soviética tinha mais de um milhão de paraquedistas treinados, de acordo com o jornal oficial do Partido Comunista, *Pravda*,[4] em 18 de agosto de 1940. Considerando os documentos divulgados, fica claro que o número foi deliberadamente subestimado; talvez tenha chegado perto de dois milhões de

paraquedistas. Nunca o mundo vira preparações tão maciças para uma guerra ofensiva. A fim de acalmar o temor de agressão soviética, o *Pravda* teria reduzido o número de paraquedistas russos para um milhão.

Nos anos 1930, a União Soviética experimentou uma verdadeira febre de paraquedismo. Em menos de dois anos (de abril de 1934 até fevereiro de 1936), 427.000 paraquedistas foram treinados só na Ucrânia.[5] Nem um único parque deixava de ter uma torre de paraquedismo, e o distintivo de paraquedista tornou-se símbolo obrigatório de virilidade para todos os jovens. Entretanto, não era fácil obtê-lo. O distintivo era dado a quem pulasse de um avião, mas somente para os que antes completassem os testes de corrida, natação, tiro, arremesso de granadas a distância com precisão, escalada de obstáculos, uso de máscaras de gás e outros testes militares. Pular do avião era a consagração do árduo treino de um soldado do ar.

Na mesma década, a região ocidental da URSS foi sacudida por grandiosas manobras militares. Apenas um tema era desenvolvido em cada manobra: "Profunda penetração" — um ataque súbito de massas gigantescas de tanques, entrando fundo no território "inimigo". O cenário era simples, mas ameaçador. Em todos os exercícios de treinamento, o ataque repentino de tropas de solo era sempre precedido por um ataque-surpresa da aviação soviética sobre uma base aérea "inimiga". A isso seguia-se a descida de paraquedistas, a fim de tomar a base aérea. Logo depois da primeira onda de paraquedistas, uma segunda leva de tropas de assalto, com artilharia pesada, descia na base aérea.

Em 1935, na região militar de treinos de Kiev, 1.200 paraquedistas caíram do céu, seguidos pela chegada de 2.500 soldados de assalto com armas pesadas, incluindo artilharia, carros blindados e tanques. Em 1936, na Bielo-Rússia, realizou-se a mesma invasão simulada. Soltaram uma força de 1.800 paraquedistas, seguida de 5.700 soldados de assalto fortemente armados. No mesmo ano, durante manobras de ataque na região militar de Moscou, a 84ª Divisão de Rifles chegou por transporte aéreo para se engajar na batalha. Em 1938, criaram-se seis novas brigadas de assalto aéreo — as brigadas 201, 202, 204, 211, 212 e 214.[6] As seis brigadas somavam 18.000 homens.[7]

Em 1939, Stálin ordenou a destruição das bases guerrilheiras e unidades simpatizantes, destinadas a agir em território soviético no evento de uma agressão inimiga. Em contrapartida, mandou que se formassem novas forças de paraquedismo. No distrito militar de Moscou, formaram-se três regimentos, consistindo em três batalhões cada um, e vários batalhões distintos, de 500 a 700 paraquedistas cada.[8] Em abril de 1941, cinco corpos de assalto aéreo foram formados em segredo na União Soviética.[9] Todos os corpos ficaram estacionados na região ocidental do país. Cada corpo incluía uma administração, chefia, equipe de serviços, três brigadas de assalto aéreo, um batalhão de artilharia, um batalhão de tanques separado (ou 54 tanques) e outras formações. Cada corpo contava com 10.419 homens.[10]

Duas vezes premiado com o título de "Herói da União Soviética", o coronel-general Alexander Rodímtsev, que em maio de 1941 era comandante da 5ª Brigada de Assalto Aéreo do 3º Corpo de Paraquedistas, declarou tais fatos em suas memórias. Na época, Rodímtsev era coronel, com experiência de combate na Espanha, onde recebeu a primeira condecoração. Assim ele recorda:

> Tive de servir com guerreiros extremamente bem treinados, os melhores da juventude soviética. [...] Os oficiais eram experientes principalmente em paraquedismo: cada um tinha realizado entre 50 e 100 saltos. A brigada consistia em quatro batalhões distintos de paraquedistas, um batalhão de artilharia, uma escola de sargentos, uma companhia de reconhecimento, uma companhia de metralhadoras e uma companhia de comunicações. A brigada era totalmente equipada com armas e suprimentos necessários, bem como paraquedas. Tratava-se de excelente grupo de oficiais, disciplinados e amigáveis. Mais tarde, minha primeira impressão foi confirmada. Cada um deles demonstrou grande coragem e desprendimento, lutando pela mãe-pátria. A brigada treinava de acordo com o programa. [...] Fiquei feliz com a natural disposição de meus paraquedistas, sua coragem e força de vontade, facilmente visíveis naquela juventude confiante. [...] Todo o tempo disponível foi usado nos preparativos de saltos e nos próprios saltos.

A 212ª Brigada de Assalto Aéreo, secretamente transferida do Oriente Médio, treinava ao lado da brigada de Rodímtsev, em "situação muito próxima das verdadeiras condições de batalha". Rodímtsev afirmou que seus soldados e comandantes tinham realizado, cada um, de 100 a 200 saltos, enquanto o comandante, coronel I. I. Zatevákhin, realizara pelo menos 300 saltos.[11]

O relato de Rodímtsev foi confirmado pelas memórias do coronel I. G. Startchák, intituladas *Battle from the Sky* (A batalha que cai do céu), e pelo general A. S. Jádov, que em 1941 era major-general no comando do 4º Corpo de Assalto Aéreo.[12] Jádov escreveu: "Todas as formações de brigadas e corpos tinham o apoio de pessoal bem treinado, suprimentos e armas".[13] Os cinco corpos achavam-se totalmente preparados para assumir suas posições.

Os corpos de assalto aéreo rapidamente saíram dos preparativos gerais para batalhas bastante concretas. Depois de 13 de junho de 1941, receberam ordens de efetuar os preparativos finais para a guerra. Dezenas de milhares de paraquedas foram dobrados para ação nas bases aéreas. Os corpos de assalto aéreo receberam artilharia poderosa e até batalhões de tanques leves anfíbios. Todos os corpos de paraquedistas achavam-se tão perto da fronteira que podiam ficar de prontidão em território inimigo sem precisar se reagrupar. Todos realizaram preparações intensivas para a abordagem iminente. Achavam-se concentrados nas florestas, longe das vistas da população.

Os 4º e 5º corpos podiam, sem reagrupamento, ser usados contra a Alemanha, e o 3º contra a Romênia. O 1º e o 2º deviam pousar na Alemanha, Romênia ou na Tchecoslováquia, ou ainda na Áustria, para bloquear as rotas de petróleo que cortavam as montanhas da Romênia à Alemanha.

Em 12 de junho de 1941, o Exército Vermelho criou o Comando das Tropas de Assalto Aéreo, planejando formar um quinto corpo de assalto aéreo em agosto de 1941. Sua criação foi decidida em maio daquele ano.[14] Além dos cinco corpos, outras cinco brigadas de assalto aéreo foram formadas. Todos reunidos, no verão de 1941 Stálin tinha dez corpos de assalto aéreo (três brigadas cada um), além de seis outras brigadas e vários regimentos.

Além dos corpos de assalto aéreo, brigadas e regimentos, havia um número significativo de batalhões de paraquedistas, como unidades incluídas na infantaria soviética regular. O marechal Ivan Bagramián relata que no início de 1941, o 55º Corpo de Rifles, que ficava perto da fronteira romena, fez exercícios intensivos com vários batalhões de paraquedistas.

Paralelamente às formações de paraquedistas, várias divisões regulares de rifles também se preparavam para serem transportadas por ar — na época, um passo essencial na redistribuição das tropas. Em 21 de junho de 1941, na véspera do ataque de Hitler à União Soviética, o exército soviético treinou em operações ofensivas aerotransportadas; uma prova de quão longe se achavam da estratégia defensiva.

Para despejar milhares de paraquedistas, o Exército Vermelho precisava de uma armada aérea de aviões de transporte e planadores. Stálin sabia disso perfeitamente, e por isso a febre de paraquedismo dos anos 1930 foi acompanhada da mania de planadores. Os planadores soviéticos e seus projetos equiparavam-se aos padrões internacionais. No início da Segunda Guerra Mundial, treze dos dezoito recordes mundiais estavam nas mãos da União Soviética.[15] Os melhores projetistas aeronáuticos também se ocupavam desenhando planadores. O futuro criador do primeiro satélite, Sergêi Korolióv, foi convidado a desenvolver planadores.

A orientação militar ofensiva para planadores soviéticos era indiscutível. Mesmo antes de Hitler assumir o poder, a URSS já havia criado o primeiro planador de carga, o G-63, projetado por B. Urlápov. Depois, criaram-se planadores pesados, capazes de carregar caminhões. O projetista P. Gorokhovski inventou um planador de borracha inflável. Após servir na retaguarda inimiga, vários desses planadores eram postos em um avião de transporte e devolvidos a seu território, para serem usados novamente.

Os generais soviéticos sonhavam não só em despejar uma multidão de paraquedistas na Europa Ocidental, mas também centenas, se possível milhares, de tanques. Os projetistas buscaram avidamente o modo mais simples e barato de realizar esse sonho. Oleg Antônov, que mais tarde criaria o maior avião cargueiro militar do mundo, sugeriu acrescentar asas e empenagem (o conjunto da cauda) a um tanque comum,

usando o corpo deste como fuselagem do híbrido. Tal sistema recebeu o nome de KT — *Kriláti Tank* (tanque de asas). As engrenagens do volante eram ligadas ao canhão do tanque. A tripulação podia dirigir o voo da cabine do tanque, girando a torre e o canhão. O KT era incrivelmente simples. Claro, o risco de voar nesse tanque era, para não dizer pior, mais alto que o normal; mas a vida humana, na União Soviética, custava menos que acrescentar asas a um tanque. Antes de pousar, o motor era acionado, e as esteiras ganhavam velocidade máxima. O KT pousava sobre as esteiras e desacelerava logo. No chão, as asas e a empenagem eram retiradas, e o híbrido voltava a ser um tanque comum. O tanque alado de Oleg Antônov não ficou pronto no início da guerra; e como a guerra não começou do modo que Stálin planejara, essa invenção tornou-se tão inútil quanto os milhões de paraquedas cuidadosamente dobrados, esperando o ataque contra a Alemanha e a Romênia.[16]

A União Soviética entrou na Segunda Guerra Mundial com o maior número de pilotos de planadores do mundo. Só em 1939, 30.000 pessoas treinavam simultaneamente para pilotar planadores. E sua competência frequentemente atingia o mais alto nível. Por exemplo, em 1940 houve uma demonstração de onze planadores rebocados por um único avião. No fim da década de 1930, mais de dez escritórios soviéticos de projetos competiam ferozmente entre si para criar o melhor planador-cargueiro militar. O. Antonov, além do tanque de asas, criou o enorme planador militar A-7; V. Gribóvski projetou o magnífico G-11; D. Kolésnikov apresentou um planador para transportar vinte soldados — o KTs-20; e G. Korbúla trabalhou no projeto de um planador gigantesco.

Em janeiro de 1940, por decisão do Comitê Central (ou seja, sob ordens de Stálin), criou-se o Comissariado do Povo (que os russos abreviam para *Narkomat*[17]) da Indústria da Aviação, um grupo integrado na estrutura do Ministério da Aeronáutica, para a produção de planadores-cargueiros militares. O ano de 1940 foi de intensos preparativos e, a partir da primavera de 1941, as fábricas dirigidas por esse diretório iniciaram a fabricação em grande escala de planadores-cargueiros. Em 23 de abril de 1941, o Comitê Central e o Conselho de Ministros ordenaram ao Comissariado da Indústria de Aviação que acelerasse a produção de um planador de onze assentos, com prazo até 15 de maio de 1941, e de um de vinte assentos até 1º de julho do mesmo ano. Stálin e Molotov assinaram pessoalmente a ordem.

Em 16 de junho de 1941, o general Jukov enviou um "Memorando do chefe do estado-maior do Exército Vermelho ao Comissariado do Povo da Indústria de Aviação Soviética", n. 567.240, que ordenava a fabricação de 7.500 planadores entre 1941 e 1942.[18]

Os planadores fabricados na primavera de 1941 tinham de ser usados no verão desse ano ou, no máximo, no início do outono. Ao contrário dos aviões militares, os planadores tinham corpo e asas leves e frágeis. Não podiam ficar estacionados a

céu aberto, e todos os hangares disponíveis encontravam-se lotados de planadores já fabricados. Deixar um grande planador-cargueiro ao ar livre, durante os ventos e chuvas de outono, ou exposto ao frio e à neve do inverno, danificaria irremediavelmente o aparelho. A produção em massa de planadores-cargueiros, em 1941, significava que eram destinados a ser usados no mesmo ano. Se Stálin quisesse enviar milhares de soldados de assalto aéreo à Europa central e à ocidental em 1942, tal produção em massa teria sido programada para a primavera de 1942.

Planadores transportam carga e soldados de assalto sem paraquedas, enquanto os paraquedistas são despejados na retaguarda inimiga por aviões militares de carga. O melhor avião cargueiro do mundo, no início da Segunda Guerra Mundial, era o lendário Douglas DC-3, americano. Essa aeronave bateu o recorde de durabilidade: 55 anos de uso. Foi um avião extraordinário em sua época.

Pois o Douglas DC-3, embora com nome diferente (PS-84),[19] formava o núcleo da aviação soviética militar de transporte. Em 1938, o governo americano vendeu a Stálin a licença de produção e o complexo equipamento, na quantidade necessária para sua fabricação. Gigantes como a Fokker e a Mitsubishi também compraram licenças de produção de aeronaves Douglas, mas não podiam montá-las em escala sem as peças provenientes dos Estados Unidos. A indústria soviética, por outro lado, era capaz de iniciar sua produção com peças soviéticas — um passo importante no campo da fabricação de aeronaves de carga. Antes da guerra, a União Soviética havia comprado vinte aviões Douglas dos Estados Unidos, e em 1939, seis aeronaves idênticas foram fabricadas em solo soviético. Em 1940, 51 aviões foram fabricados; em 1941, 237. Ao longo da guerra, 2.419 modelos DC-3, ou os soviéticos PS-84/Li-2, saíram das fábricas soviéticas.[20]

Além do DC-3, a União Soviética tinha centenas de bombardeiros estratégicos TB-3, que também podiam ser usados como cargueiros.[21] Todos os ataques de paraquedistas dos anos 1930 foram feitos com o TB-3. Havia aviões suficientes para transportar milhares de paraquedistas e armas pesadas, incluindo tanques, carros blindados e artilharia.

Uma esquadra de planadores e aviões de transporte seria presa fácil de caças inimigos, se não assegurasse total superioridade aérea. Os generais soviéticos tinham perfeita compreensão disso. O mais importante documento a orientar as ações do Exército Vermelho em guerra foi a Ordem de Campo (PU — *Polevói Ustáv*). Na época, estava em vigência a Ordem de Campo de 1939 — PU-39. Ela dizia claramente que para realizar uma "penetração profunda" e um ataque em massa de corpos de assalto aéreo, a força aérea soviética precisava dominar o céu. Essa ordem de campo, bem como as instruções sobre batalhas aéreas e "instruções sobre o uso independente da aviação" previam a execução, no início da guerra, de uma operação estratégica maciça, que esmagaria a força aérea inimiga. De acordo com os planos dos coman-

dantes soviéticos, as forças aéreas de várias frentes, a aviação naval e os caças deviam participar dessa operação.

Em dezembro de 1940, o alto comando do Exército Vermelho, numa reunião secreta com Stálin e membros do Politburo, discutiu a operação nos mínimos detalhes. O eufemismo para o ataque-surpresa às forças aéreas alemãs era "operações especiais no estágio inicial da guerra". O comandante da aviação soviética, o general P. V. Ritchagóv, enfatizou a necessidade de esconder cuidadosamente os preparativos soviéticos para esse ataque-surpresa, a fim de "encontrar toda a força aérea inimiga nas bases".[22] Obviamente, seria impossível, em tempo de guerra, "encontrar toda a força aérea inimiga nas bases". Isso é viável apenas em tempos de paz, quando o adversário não suspeita de perigo iminente. Não dá para iniciar uma guerra e em seguida realizar um ataque-surpresa nas bases aéreas inimigas. É possível levá-lo a efeito em tempos de paz, mas um ataque assim daria início à guerra.

Stálin criara tantas tropas de assalto aéreo que seria possível utilizá-las em um único cenário: ataque aéreo e invasão maciça. O Exército Vermelho deveria iniciar a guerra de maneira repentina e traiçoeira, com um ataque aéreo contra as bases aéreas inimigas. Milhares de paraquedistas cairiam do céu para tomar e controlar as bases principais e pontos estratégicos. Qualquer outra ação não seria viável. Só que foi Hitler quem realizou o ataque antecipado. A estratégia comunista de dar o primeiro golpe foi abortada. Os cuidadosos planos de Stálin de montar um assalto aéreo maciço tornaram-se irrelevantes na corrida desesperada para se adaptar a uma guerra defensiva.

Durante muitos anos após a Segunda Guerra Mundial, não ficou claro o que acontecera com as forças aéreas soviéticas. Um historiador militar ocidental escreveu, em 1978: "Em junho de 1941, quando a Alemanha invadiu a Rússia, esta tinha mais de um milhão de paraquedistas treinados. Parece incrível que tal investimento não fosse usado construtivamente durante a guerra".[23] Para os paraquedistas soviéticos, ficou imediatamente claro por que o "extraordinário investimento" de Stálin não fora usado "construtivamente". Em 1941, o chefe do estado-maior da frente sudoeste, o tenente-general M. A. Purkáiev, soube explicar a realidade criada pelo ataque-surpresa alemão. Disse ele ao coronel A. I. Rodímtsev: "Sim, a situação agora é tal, camarada Rodímtsev, que ficou fácil achar o caminho da retaguarda inimiga sem um ataque de paraquedistas. Algumas unidades nossas, e mesmo formações maiores, já estão cercadas".[24]

Na guerra defensiva, não há lugar para saltar de paraquedas. É preciso deter os tanques inimigos. Os cinco corpos de assalto aéreo da primeira leva foram enviados para deter a onda alemã. Entretanto, tudo já havia sido preparado para eles pousarem em terra, o que agora seria inútil. Os paraquedas achavam-se nos depósitos das bases aéreas soviéticas. O comandante do 4º corpo de assalto aéreo, Jádov, relembra como

convocou o capitão A. I. Goriatchev, ajudante de ordem do chefe do setor de operações do corpo: "'Camarada capitão, você sabe o que é ouro?' Ele ficou confuso com essa pergunta tão inesperada, mas mesmo assim respondeu, 'Tenho uma ideia, mas nunca possuí nenhum'. 'Não é verdade', respondi. 'Um paraquedas foi dado a cada soldado e oficial do Exército Vermelho. Esse é o ouro de nossa nação. Sabe onde há milhares de paraquedas aguardando lá fora? Na floresta, um quilômetro a leste do Rio Bereziná. Organize o transporte desse material precioso para a retaguarda'".[25]

O capitão Goriatchev executou a ordem. Encontrou os caminhões e, sob o fogo das metralhadoras alemãs, levou os paraquedas a um lugar seguro, pelo que foi recompensado com uma medalha. Mas esses paraquedas nunca foram usados novamente.

Uma força de paraquedas é excelente ferramenta de precisão na guerra. Usá-la como força de defesa, em vez de infantaria regular, é desperdiçar um bem precioso. As unidades de paraquedistas não precisam das mesmas armas pesadas e potentes da infantaria regular, e assim sua resistência é muito mais baixa. Usar paraquedistas para lutar contra tanques é o mesmo que carregar tijolos numa Ferrari de corrida — caro e ineficiente. Mas era necessário lutar, e os corpos de assalto aéreo foram enviados às trincheiras para deter os tanques. Dez corpos de assalto aéreo, 100.000 homens — ou 150.000, se contarmos as brigadas separadas e regimentos de reserva. Mas onde estava o milhão de paraquedistas mencionado no *Pravda*?

Na primavera de 1942, o Exército Vermelho sofreu várias derrotas esmagadoras ao mesmo tempo: o 39º exército do tenente-general I. I. Máslennikov foi cercado perto de Rjêv, onde foi arruinado; o 33º exército do tenente-general M. G. Efrêmov foi abatido após ser cercado perto de Viázma; o 2º exército de choque do tenente-general A. A. Vlássov foi dividido e cercado. Os que não seguiram o exemplo de Vlássov e renderam-se, morreram. A linha de frente da Crimeia foi rompida, e durante a batalha os exércitos 44º, 47º e 51º foram derrotados; na Batalha de Khárkov, os exércitos 6º, 9º, 28º e 57º foram destruídos, junto com sete corpos de tanque e cavalaria, além de um número significativo de divisões, brigadas e regimentos. Milhares de tanques, armas e recursos estratégicos se perderam, e outro tanto de soldados e oficiais foram mortos ou feitos prisioneiros. A linha de frente soviética, no sul, foi rompida ao longo de uma vasta faixa de território, e as tropas alemãs, não encontrando nenhuma oposição, fizeram investidas gigantescas em dois alvos ao mesmo tempo: Cáucaso e Stalingrado.

A perda do Cáucaso e seu petróleo significaria um duro golpe para Stálin. A queda de Stalingrado significaria o mesmo: o petróleo era transportado através do Mar Cáspio até o Volga. O modo mais fácil de cortar a artéria de petróleo seria tomar Stalingrado. Bastava chegar às margens do Volga, montar um longo sítio ali, e afundar todas as barcaças petroleiras. As tropas soviéticas retiravam-se de modo desorganizado; para ser mais direto, elas fugiram. Stálin emitiu a ameaçadora Ordem 227, que introduziu os

destacamentos antirretirada e batalhões penais. Os destacamentos eram esquadrões do NKVD (Comissariado Popular de Assuntos Internos) que portavam metralhadoras e se posicionavam atrás das tropas; no caso de alguma retirada sem autorização, atiravam nos próprios soldados. Comandantes que não mostravam tenacidade suficiente em combate tinham suas insígnias arrancadas e eram enviados a batalhões penais como soldados rasos, para pagar por suas falhas com o próprio sangue.

As desmoralizadas tropas soviéticas não podiam ser detidas com ordens monstruosas. Novas reservas seriam necessárias. Mas os soldados de reserva regulares já tinham sido usados na ofensiva de inverno e em desastradas tentativas de romper o bloqueio de Leningrado para evitar a derrota em Khárkov e na Crimeia. O ponto focal da frente oriental, a pequenina vila de Rjêv, também foi palco de fortes baixas.

Stálin só poderia ser salvo por milagre — e o milagre aconteceu. Dois corpos de guardas,[26] intactos e totalmente equipados — o 10º e o 11º — chegaram e formaram um muro de defesa diante do 4º exército de tanques alemão, que avançava na direção do Cáucaso. Sua aparição no momento mais crítico, precisamente quando eram mais necessários, salvou o dia. A ofensiva foi interrompida, e as tropas exauridas puderam recuperar o alento e reagrupar-se. Os comandantes soviéticos restauraram a ordem e a estabilidade, transformando o caos em retirada organizada, o que logo equilibrou as linhas de frente para batalhas prolongadas e conduziu à contraofensiva.

Havia nove corpos de guardas de rifle[27] no Exército Vermelho, mas eles já tinham se engajado em batalha, estando exaustos e esgotados.[28] Era impossível convocar os que restavam nas frentes em que lutavam. Então, de onde vieram os dois saudáveis e novos corpos de elite?

Outro milagre ocorreu na região de Stalingrado. Naquele momento, o Exército Vermelho tinha a 31ª Divisão de Guardas de Rifles. Era impossível tirá-la dos "abatedouros" em que a divisão fora encurralada e enviá-la para Stalingrado. De repente, perto dessa cidade, apareceu a 32ª Divisão de Guardas de Rifles. Imediatamente, foi seguida de divisões similares — 33ª, 34ª, 35ª e 36ª. Tanto Hitler como Stálin enviavam soldados descansados à luta por Stalingrado. À medida que a luta se intensificava, Stálin tirou um ás da manga: pôs na batalha o 1º Exército de Guardas, comandado pelo tenente-general F. I. Golikov, que tinha cinco divisões de guardas de rifles — 37ª, 38ª, 39ª, 40ª e 41ª. Antes tinham vindo regimentos e brigadas, divisões e corpos de elite. Agora entrava em campo o 1º Exército de Guardas — não qualquer exército, mas um contingente descansado, totalmente equipado e com os melhores soldados, além de um ex-líder do GRU[29] no comando. Então Stálin era mágico? Ninguém sabia de onde eles haviam surgido, esses exércitos de guardas com números de série seguidos, tal como notas de dinheiro novas em folha.

A guerra seguiu seu curso, e os milagres continuaram. No verão de 1943, uma violenta batalha iniciou-se em Kursk, a Batalha do Bulge. O inimigo realizou dois

ataques extremamente poderosos em direções convergentes, mas não tiveram êxito ao tentar romper as defesas soviéticas. Houve muitos motivos, incluindo o brilhante trabalho da inteligência soviética, que descobriu o plano do inimigo, e a superioridade do Exército Vermelho, em termos de qualidade e quantidade de tecnologia. Mas o milagre também fez sua parte. O ataque alemão do norte foi enfrentado pelo 13º exército da frente central soviética. Entre seus soldados estava o lendário 18º corpo de guardas de rifles, composto dos melhores homens. Então, no lado sul de Kursk, as indestrutíveis divisões de guardas apareceram de repente, como que brotando do chão.

Depois de rechaçar os ataques inimigos, as tropas soviéticas lançaram-se a uma ofensiva decisiva. E mais uma vez, aconteceram milagres. Uma reserva estratégica foi introduzida na batalha, na frente Steppe, na qual achava-se incluído o 4º Exército de Guardas, composto dos melhores soldados e oficiais, e o 5º Exército de Guardas, de alto calibre; juntos lutaram bravamente. Mas a guerra continuava a devorar vidas. E sempre que advinha uma crise, um milagre a sucedia. Stálin sempre tinha uma divisão de guardas perfeita e descansada, às vezes corpos, e até exércitos inteiros de reserva.

O último desses milagres ocorreu em março de 1945, na Hungria, no decorrer da Batalha de Balaton, quando os alemães montaram um último e poderoso contra-ataque.

No fim da guerra, Stálin achava-se desesperadamente carente de soldados. Assim Joseph Goebbels anotou no diário, em 3 de março de 1945: "Os soldados deles são extremamente bem armados, mas estão sofrendo cada vez mais de falta de gente. Sua infantaria de ataque consiste, na maioria, em trabalhadores do leste e poloneses, tirados de nossa região leste".

No início de 1945, o Exército Vermelho capturou a última fonte importante de petróleo da Hungria; depois disso, a Alemanha estava fadada a cair. Hitler rapidamente deteve a ofensiva contra as tropas americanas nas Ardenas e enviou sua principal força de ataque, o 6º Exército de Tanques das SS, para a Hungria. Ali, na região do Lago Balaton, começou sua desesperada e última ofensiva para recuperar o petróleo. Os soviéticos ficaram em situação crítica, e nesse momento, Stálin, mais uma vez, jogou um trunfo na mesa: enviou para a batalha o 9º Exército de Guardas, composto dos corpos de rifles 37º, 38º e 39º. Cada corpo tinha três divisões de rifles. O 9º Exército de Guardas, composto de soldados e oficiais treinados, realizou um ataque clássico, nos flancos e na retaguarda do 6º Exército de Tanques das SS. A seguir, o 9º Exército de Guardas continuou a avançar para Viena, atravessando Praga, para atingir o Rio Elba, na Alemanha, onde se uniu às forças americanas.

Mas onde Stálin conseguia tais reservas? Um tenente-general da KGB, A. Kirpitchenko, que era soldado raso na guerra, recorda: "Servi nas tropas de elite de assalto aéreo. Recebíamos treinamento e praticávamos continuamente. E fomos enviados para a ação somente em janeiro de 1945, não como tropas de assalto aerotransporta-

das, mas como infantaria comum. Rompemos o bloqueio alemão em Balaton e merecemos elogios de Stálin, ainda durante a guerra, por termos detido a última ofensiva alemã. Mas para chegar a isso, perdemos metade de nossos homens".[30]

Stálin nunca teve oportunidade de usar seus paraquedistas no planejado ataque-surpresa contra a Alemanha, que daria início à guerra. O ataque súbito dos alemães deu-lhes significativa presença no ar, evitando uma disposição efetiva de paraquedistas soviéticos e tropas de assalto de planadores. A ofensiva aérea de Stálin estava condenada; contudo, ele guardou os paraquedistas de reserva. Quando surgiam situações de crise, dava a essas unidades o honroso título de *Guardas*, e as enviava para enfrentar os tanques alemães como soldados regulares de infantaria.[31]

Está explicado o "milagre".

14

Sobre o brilhante líder militar Tukhatchévski

Após a violência sem precedentes perpetrada pelos bolcheviques contra o próprio povo, a quem traíram e condenaram à fome e à morte, não havia retorno. A única coisa que restava era correr para a sepultura, sob a bandeira do partido e a liderança de Stálin.

V. Rapoport, Yu. Alexiev e Izmena Rodine,
Traição à Mãe-Pátria

Em 1937, Stálin realizou um ataque ao alto comando do Exército Vermelho. Há inúmeras lendas sobre esse período. Em resumo, eis o que elas dizem: o marechal Tukhatchévski era um grande estrategista, e propôs a modernização do exército insistindo no seu rearmamento, mas Stálin, com imprudência, não aceitou as ideias de Tukhatchévski, porque não as compreendia nem sabia avaliar. O serviço de inteligência de Hitler decidiu degolar o Exército Vermelho nas vésperas da guerra, para eliminar Tukhatchévski e outros gênios. Os alemães falsificaram um documento, e o paranoico e desconfiado Stálin acreditou no documento, dando início a uma época de terror que acabou assumindo dimensões catastróficas. Stálin destruiu os homens mais talentosos. O número de comandantes de exército exterminados foi de 36.761, além de outros 3.000 homens da Marinha. No total, foram 40.000 grandes comandantes de tropas. A derrota do Exército Vermelho, em 1941, foi consequência direta do terror de 1937 e 1938. Em 1941, por causa do extermínio maciço de oficiais, a vasta maioria dos comandantes não tinha a experiência necessária, porque haviam assumido os cargos havia pouco mais de um ano.

As lendas caem por terra após uma breve análise. Comecemos com a primeira delas, a respeito do brilhante líder Tukhatchévski.

Mikhaíl Tukhatchévski não possuía curso superior. Nunca esteve numa universidade nem numa academia militar; formou-se numa escola militar que treinava oficiais menores. Tukhatchévski nunca comandou companhia, batalhão, regimento, brigada, divisão nem corpo de guerra. Era auxiliar de um comandante de companhia de um corpo de guarda. Sua experiência como combatente na Primeira Guerra Mundial resumia-se apenas a seis meses. No início de 1915, ele foi feito prisioneiro. Após ser solto, Tukhatchévski voltou para um batalhão de reserva de seu antigo regimento. Isso aconteceu numa época de total decadência do velho regime e também do exército. Os comandantes, na maioria, não eram nomeados, mas eleitos pelos soldados. Compreensivelmente, eles não escolhiam os que exigissem disciplina e ordem, e sim quem não os impedisse de fazer o que os soldados gostam de fazer. Eles rapidamente descartavam os comandantes de quem não gostavam e elegiam outros. Para manter-se no cargo, o comandante não podia fazer nada além de fechar os olhos para crimes e condutas desordeiras dos subordinados. Estes gostavam de Tukhatchévski e elegeram-no para comandante de companhia. Mas ele não ficou no "comando" por muito tempo. Um exército com esse sistema de hierarquia não podia durar muito; e de fato, ele acabou apodrecendo e desmoronando.

Os comunistas então começaram a formar suas forças armadas, que chamaram de Exército Vermelho. O jovem oficial Tukhatchévski teve uma reunião com Lênin e Trótski. Ninguém sabe o que foi discutido, mas Tukhatchévski foi imediatamente nomeado comandante do Primeiro Exército da Frente Oriental. E, de repente, veio à tona a sua natureza feroz. A guerra civil na Rússia não era apenas uma guerra, mas uma série de expedições punitivas contra os que não queriam o comunismo. Tukhatchévski declarou que todos os que se opusessem à liderança ilegal do comunismo seriam considerados "bandidos", e exterminou cruelmente não só esses como seus parentes, vizinhos e todo aquele que apareceu pelo caminho. Os fundamentos da "estratégia" de Tukhatchévski eram: queimar vilas e vilarejos, chicotear e fuzilar maciçamente. Tukhatchévski formulou com muita clareza o principal objetivo não só da guerra civil, mas de qualquer guerra: "Com punho de ferro, esmagar os grupos inimigos locais". Muitas ordens de combate de Tukhatchévski não tratavam de como usar a astúcia para contornar o inimigo e atingi-lo nos flancos e na retaguarda, mas sim de quantos prisioneiros deviam ser capturados e em que condições seriam executados. Eis um exemplo:

ORDEM
À Plenipotenciária Comissão de Toda a Rússia
Comitê Central Executivo, nº 16
Cidade de Tambov
23 de junho de 1921

A experiência de área do primeiro combate mostra grande predisposição para uma rápida limpeza de banditismo, por meio das seguintes medidas. Notamos que algumas localidades têm tendência particularmente forte ao banditismo, e enviamos para lá representantes da Comissão Política, de uma Seção Especial, seções do Tribunal Militar e do Comando, e ainda unidades instruídas a dirigir a limpeza. Tão logo cheguem, eles devem cercar a área e tomar como reféns de 60 a 100 pessoas de proeminência, e levantar um cerco. Entrar e sair dessa área será proibido no curso da operação. Depois disso, a população inteira da área deve ser reunida, quando serão lidas, em voz alta, as ordens 130 e 171 da Comissão do Comitê Central Executivo de Toda a Rússia, com a correspondente sentença assinada para aquela área. Os residentes terão duas horas para entregar bandidos e armas, assim como suas famílias; deve ficar claro à população que, no caso de recusa, os reféns acima mencionados serão fuzilados em duas horas. Se a população não entregar os bandidos e as armas dentro desse limite de duas horas, será reunida novamente e os reféns serão fuzilados diante de todos. Depois disso, novos reféns serão escolhidos, e os demais devem ser exortados a entregar os bandidos e armas. Os que quiserem cumprir as ordens devem ser separados e divididos em grupos de cem, que irão responder à comissão de inquisição (formada por representantes do Setor Especial e do Tribunal Militar). Cada pessoa deve dar testemunho, nunca podendo alegar ignorância. No caso de teimosia, novas execuções deverão ser encenadas, etc. Do material obtido por meio da inquisição, unidades expedicionárias serão formadas com a inclusão compulsória de quem tenha dado testemunho, e essas unidades devem capturar os bandidos. No fim da Limpeza, o cerco será encerrado, e um comitê revolucionário, com sua milícia, começará a governar a área.

A vigente Comissão Plenipotenciária do Comitê Central Executivo ordena que essas ordens sejam executadas com exatidão.

Presidente da Comissão
Antonov Ovseenko

Comandante das Tropas
Tukhatchévski

Tukhatchévski e demais participantes dessa guerra contra seu povo declararam-se heróis da guerra civil.

Prestem particular atenção à data da ordem de Tukhatchévski: 23 de junho de 1921. Vinte anos depois, a Rússia seria invadida por pessoas diferentes, mas que agiriam quase do mesmo modo. A diferença é que Hitler tangeu o povo da nação inimiga para uma ravina e fuzilou-o, enquanto Tukhatchévski, além de tudo isso,

sitiou a população de seu país e transferiu-lhe toda a responsabilidade criminosa. Mais tarde, esse método seria chamado, no mundo do crime, de "denúncia forçada". Isso é precisamente o que Antonov-Ovseenko, Tukhatchévski, seu auxiliar Uborevitch e demais estrategistas fizeram: forçaram as pessoas a tornar-se ratos traidores, forçaram-nas a delatar vizinhos, parentes, pais e irmãos — e depois ir atrás deles nas florestas para matá-los. Tukhatchévski introduziu a traição universal, usando o medo para esmagar e destruir o moral de vilarejos russos seculares. Substituiu todo o código moral de uma pessoa pelo temor de perder a vida, e tornou-a responsável pelas ações de amigos e vizinhos. A ideia de Tukhatchévski era esmagar o sentido de valor de cada indivíduo. Quando falamos das derrotas de 1941, culpamos Stálin; mas não nos esqueçamos de que o extermínio em massa foi feito sob o comando imediato e a iniciativa dos mesmos estrategistas que mais tarde, durante o Grande Expurgo, foram eliminados por Stálin.

Em 1941, as massas que aprenderam com Tukhatchévski a dar valor apenas à própria pele não poderiam mesmo exibir heroísmo.

Aí está a razão para a limpeza do exército em 1937: Stálin preparava-se para uma guerra contra a Alemanha. E decidiu que obteria do país, incluindo o exército, total submissão. Como subproduto da limpeza, Stálin livrou-se dos mais sanguinários executores: Antonov-Ovseenko, Tukhatchévski, Iakir, Uborevitch, Blukher e outros como eles. Esses "líderes de tropas" não poderiam dar ordens ao povo mobilizado para a guerra. Os soldados não seguiriam esses comandantes, e se tivessem oportunidade, fariam esses homens odiosos lembrar-se dos crimes que cometeram nas duas décadas anteriores contra os pais e irmãos mais velhos.

Por outro lado, esses estrategistas seriam de fato incapazes de comandar tropas em guerra. É sabido que um exército que maculou o uniforme com o sangue do próprio povo é incapaz de lutar contra inimigos externos. A primeira razão da decadência de um exército é ele ser usado contra o próprio povo. Quem quer que houvesse participado ativamente da limpeza jamais poderia comandar.

Aqui está outra pérola do tesouro de experiência em combate do estrategista Tukhatchévski:

> AO CHEFE DO ESTADO-MAIOR DAS TROPAS
> Para assinatura de Kakúrin
> Da Comissão Política das regiões 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª
> 8 de julho de 1921
>
> Alguns bandidos em desespero estão se escondendo nas florestas e despejando sua raiva impotente na população local, queimando pontes e danificando represas e outras propriedades do governo. No interesse de garantir nossas pontes, a Comissão do Comitê Central Executivo de Toda a Rússia ordena:

Tomem imediatamente não menos que cinco reféns das localidades próximas a pontes importantes. No caso de haver danos à ponte, os reféns serão imediatamente executados.

Sob a supervisão dos comitês revolucionários, os residentes locais deverão organizar a defesa de ataques dos bandidos à ponte; os residentes também deverão assumir a responsabilidade de reparar as pontes danificadas dentro do prazo máximo de 24 horas.

Esta ordem deve ser amplamente divulgada em todas as vilas e cidades.

Comandante de tropas
Tukhatchévski

O grande estrategista tem uma estranha lógica: os bandidos "estão se escondendo nas florestas e despejando sua raiva impotente na população local", então, Tukhatchévski ordena a execução de reféns tirados dessa mesma e exata população.

Toda a experiência de Tukhatchévski pode se resumir a dois itens: reféns e execuções. Entretanto, a tomada de reféns fora proibida pela Convenção de Haia de 1907. Fazer reféns sempre foi considerado grave crime de guerra. Um comandante que sujasse o nome com esse tipo de manobra sempre seria desprezado. Em Nuremberg, e em todos os julgamentos subsequentes de nazistas alemães, a prática de fazer reféns era vista como crime de guerra, e aqueles que eram considerados culpados recebiam pena de morte por enforcamento.

Esse então seria o lugar apropriado para Tukhatchévski, Antonov-Ovseenko e demais criminosos de guerra: no banco de réus de Nuremberg, na companhia de Hermann Göring, Wilhelm Keitell, Alfred Jodl e outros.

Tukhatchévski topou com soldados inimigos apenas uma vez. A linha de frente oriental do Exército Vermelho, sob seu comando, dirigiu-se a oeste com a intenção de entrar na Alemanha e iniciar uma revolução comunista. Mas Tukhatchévski não chegou à Alemanha. Seus homens foram derrotados perto de Varsóvia pelo exército polonês, comandado por Pilsudski.

A derrota foi total e vergonhosa. Tukhatchévski ficou revoltado. Ensinaram-nos que Tukhatchévski fora derrotado em 1920 pela cavalaria polonesa, e que se ele tivesse vivido até 1941 e encontrado as unidades de tanques alemães, sem dúvida as teria derrotado. Lênin e Trótski não pensavam assim; entendiam que Tukhatchévski era bom apenas para lutar contra o próprio povo. Portanto, ele foi mais uma vez enviado à linha de frente interna — para afogar no gelo os marinheiros que haviam iniciado uma revolta em Kronstadt, para fuzilar reféns no condado de Tambov, e para queimar vilas. Nisso, Tukhatchévski mostrou verdadeiro talento estratégico.

Tukhatchévski esforçou-se para conseguir o poder do modo mais tolo. Mais do que qualquer um, teve uma participação patética na guerra civil, e ainda assim declarou-se um vencedor. Decidiu editar pessoalmente o livro de três volumes chamado *Guerra Civil, 1918-1921*, retratando a si mesmo como grande estrategista e culpando os outros por suas derrotas. Devo enfatizar que Tukhatchévski trabalhou especificamente para editar a história, não para escrevê-la. Quem quer que tenha lido outro livro de Tukhatchévski, *Marcha além do Vístula* (*Pokhod za Vislu*), concordará que o autor era incapaz de relatar seus pensamentos. O marechal Joseph Pilsudski esmagou Tukhatchévski, primeiro no campo de batalha, e depois nas páginas de seu livro, *O Ano 1920*. Pilsudski descreveu tanto a incapacidade de luta de Tukhatchévski quanto sua inépcia para relatar fatos passados. Pilsudski não deixou de fora nenhuma parte do livro de Tukhatchévski: "A extrema imprecisão do livro passa-nos a imagem de um homem que analisa apenas o próprio cérebro ou coração, rejeitando propositalmente — ou simplesmente desconhecendo — como conciliar seus pensamentos com a existência rotineira dos soldados, o que nem sempre corresponde aos planos e intenções do comandante, mas frequentemente os contradiz. [...] Muitos fatos da operação de 1920 aconteceram daquele modo, precisamente por conta da propensão de Tukhatchévski a comandar seus homens com esse método complicado".

Segunda lenda: Tukhatchévski propôs a Stálin um plano para modernizar o exército. Essa história também é fácil de descartar. Para tanto, basta ler as "obras científicas" de Tukhatchévski. Apenas quem nunca leu as criações de Tukhatchévski pode elogiar sua obra. Além de usar termos propositalmente incompreensíveis e frases longas, cujo sentido pode ser interpretado do modo que o leitor quiser, Tukhatchévski tinha mais uma fraqueza: não entendia o significado dos números, pois sempre quis impressionar o leitor ou ouvinte com números inacreditáveis.

"Multimilhões de fortes exércitos posicionaram-se na frente de batalha, que se espalhava por centenas de milhares de quilômetros".[1] Assim Tukhatchévski descreve a Primeira Guerra Mundial. Frente de batalha estendendo-se por centenas de milhares de quilômetros? Isso faz sentido? França, Grã-Bretanha, suas colônias, e mais tarde os Estados Unidos lutaram contra a Alemanha. A linha de frente ocidental estendia-se das margens do Mar do Norte até as fronteiras da Suíça. Em linha reta, isso não perfaz nem quinhentos quilômetros. A frente de batalha, obviamente, nunca é uma linha reta; mas mesmo com todas as possíveis curvas e voltas, é impossível chegar a mil quilômetros. E os milhões de soldados franceses, britânicos, australianos, neozelandeses, canadenses e, mais tarde, americanos, ficaram posicionados ao longo desses quilômetros, na Primeira Guerra Mundial. Se a frente de batalha tivesse centenas de milhares de quilômetros, quantos milhões de soldados seriam necessários para cobri-la?

A frente de batalha oriental, na Primeira Guerra Mundial, estendia-se do Mar Báltico ao Mar Negro. Isso dá menos que dois mil quilômetros. Como a frente não era uma linha reta, vamos admitir três mil quilômetros. De onde surgem frentes esticando-se por centenas de milhares de quilômetros? Se o hemisfério norte lutasse contra o hemisfério sul, e trincheiras fossem cavadas no fundo dos mares e oceanos, mesmo assim, ainda teríamos 40 mil quilômetros. Será que Tukhatchévski sabia a circunferência do equador? Onde, neste pequeno planeta, poderia alguém encontrar frentes de batalha de centenas de milhares de quilômetros?

No entanto, durante décadas isso foi publicado, não só nas *Obras Selecionadas* de Tukhatchévski, mas em compilações que demonstram os melhores feitos do pensamento estratégico.

Em 1927, o chefe do estado-maior do exército Tukhatchévski escreveu uma carta a Stálin e propôs uma reforma militar. O marechal da União Soviética S. S. Biruzov, em seu elogioso ensaio, como que por acaso, nota o seguinte: "A apresentação dessas perguntas por M. N. Tukhatchévski foi correta e oportuna; mas quanto a dados concretos, esses teriam de ser mais específicos".[2]

Em lugar de se dedicar a seus deveres diretos, Tukhatchévski, o gênio estrategista, mergulhou no desenvolvimento de um castelo no ar. E tudo o que ele fez foi correto, oportuno e extremamente necessário. Só seus números precisavam ser mais exatos. Mas será necessário prestar atenção em detalhes menores?

Acho que sim. O chefe do estado-maior é o cérebro do exército. Um país precisa de um chefe do estado-maior cioso e cauteloso. Sua precisão, antes de tudo, deve ser aplicada ao trabalho com números. Milhares de oficiais altamente qualificados acham-se sob o comando do chefe do estado-maior. O estado-maior existe para planejar e pensar, contar e calcular tudo — e depois, tendo avaliado as informações e levado em consideração milhares de circunstâncias contraditórias, relatar os fatos ao governo do país.

De que números estamos falando? O que, exatamente, Tukhatchévski propôs a Stálin? Durante décadas, estudiosos louvaram Tukhatchévski, o inovador, que propôs algo de muito interessante. Mas, por algum motivo, ninguém diz exatamente o que foi proposto. Pensemos no seguinte: pode uma pessoa que não entende o significado dos números ter proposto algo de valor?

O tenente-general da Força Aérea V. V. Serebrianikov descreveu o tipo de reforma que Tukhatchévski propôs a Stálin: em dezembro de 1927, Tukhatchévski sugeriu a Stálin que produzisse, só no decurso de 1928, entre 50.000 e 100.000 tanques.[3]

Vamos comparar e avaliar esses números.

Em 1928, Hitler ainda não se achava no poder. Ninguém podia sequer imaginar que ele chegaria lá. A Alemanha, nessa época, não tinha um único tanque. Todo o exército alemão consistia em 100.000 soldados, oficiais e generais — a maior parte infantaria e cavalaria. Tukhatchévski propôs que a Rússia tivesse um tanque para

cada soldado alemão — incluindo generais, oficiais e infantaria, bem como para cada mensageiro e cozinheiro de campo de batalha.

Em 1º de setembro de 1939, Hitler entrou na Segunda Guerra Mundial com 2.980 tanques; nenhum era anfíbio, e nenhum era médio nem pesado. Diziam-nos que estava claro: se Hitler tinha tamanho número de tanques, devia significar que não eram para defesa, nem só para a Europa. Se Hitler tinha construído tantos tanques, obviamente isso significava que ele planejava conquistar o mundo.

Concordo inteiramente. Mas nesse caso, o que Tukhatchévski planejava com uma frota de 50.000 a 100.000 tanques?

Os 2.980 tanques alemães foram construídos não em um ano, mas nos anos de pré-guerra. Tukhatchévski, por outro lado, propôs construir entre 50.000 e 100.000 tanques em apenas um ano.

É interessante comparar os planos de Tukhatchévski, para 1928, com a produção real de tanques (sem incluir armas de autopropulsão — veja adiante) na Alemanha, no decurso da Segunda Guerra Mundial:

Ano	Tanques
1939	743
1940	1.515
1941	3.113
1942	4.276
1943	5.663
1944	7.975
1945	956

No total, nos meses de 1939 que antecederam a guerra, e nos anos subsequentes, a Alemanha produziu 24.241 tanques. O Japão construiu 5.085 tanques, leves na maioria. Incutiram-nos uma frase que era uma fórmula: "Os fascistas alemães e militaristas japoneses". De fato, se eles produziram tamanho número de tanques — 24.241 e 5.085, respectivamente — fica claro para qualquer um que se trata de fascismo e militarismo. Mas levanta-se uma questão: quem era Tukhatchévski, no contexto desses fascistas e militaristas que lutavam pelo domínio do mundo?"

Depois da guerra, a União Soviética, já um poderoso gigante industrial, tinha 50.000 tanques, ou talvez um pouco mais. Eles não foram fabricados em um ano; haviam se acumulado durante décadas.

Mas mesmo esse cuidadoso e gradual acúmulo de tanques não salvou a nação. O grande gigante industrial desmoronou, as pernas vergando-se sob o próprio peso. Os mesmos milhares de tanques desempenharam um papel significativo na queda da União Soviética.

Entretanto, o brilhante Tukhatchévski propôs que Stálin amealhasse grande poder — não gradualmente, durante anos — e produzisse de uma vez, em um ano, de 50.000 a 100.000 tanques. O resultado de tal ação é fácil prever: as pernas da União Soviética teriam cedido de imediato.

A URSS não possuía fábricas de tanques na época. Mesmo que possuísse, teria sido necessário, antes de tudo, interromper a fabricação de maquinário pesado — automóveis, navios, locomotivas, vagões ferroviários, tratores e similares — e remodelar as fábricas para produzir tanques.

Se a proposta de Tukhatchévski fosse aceita, teria sido necessário interromper todo o parque industrial de um país gigantesco por no mínimo um ano, e estruturá-lo totalmente para a fabricação de tanques.

Pelos padrões de qualquer exército, uma divisão de tanques deve ter entre 200 e 300 tanques. Na década de 1970, no pico da guerra fria, o exército americano — o exército da mais poderosa nação do mundo — tinha 16 divisões, das quais quatro eram de tanques.

Hitler partiu para dominar o mundo em setembro de 1939 com apenas seis divisões de tanques. Em 1927, nem Alemanha, nem Estados Unidos, nem França, nem Japão tinham divisões de tanques. Se Stálin tivesse ouvido Tukhatchévski e mandasse fabricar entre 50.000 e 100.000 tanques, a União Soviética, em um ano, teria de 166 a 500 divisões de tanques.

Na época, a tripulação de um tanque consistia em três homens. Para tripular entre 50.000 a 100.000 tanques, seria necessário que os soldados de tanques somassem entre 150.000 e 300.000, correto? Não, incorreto.

Numa divisão de tanques, a tripulação é minoria insignificante de homens. Primeiro, os tanques precisam ser precisa e constantemente abastecidos com combustível e lubrificantes. Tanques também precisam de bombas e cartuchos, o que requer mais uma coluna de carros com munição. Além disso, esses tanques precisam ser reparados, não só em oficinas estacionárias, mas no campo. Para isso, é necessário ter oficinas móveis, e até mesmo montadoras móveis de tanques. Naturalmente, isso significa mais homens e veículos.

Mas para reparar um tanque, este deve ser rebocado para fora da trincheira, pântano ou campo de batalha — sob fogo inimigo — e levado às oficinas móveis. Para isso, é necessário ter unidades especializadas em retirada para reparos.

A fim de ajustar um tanque nas condições de campo, as peças de reserva precisam ser constantemente repostas na área da batalha. Portanto, nossa coluna de tanques seria acompanhada de uma longa escolta, sem o que as unidades de tanques não poderiam agir.

Tanques devem ser defendidos e protegidos em batalhas de curta distância; seus êxitos devem ser preservados, e isso quem faz é a infantaria motorizada. Cada divisão

de tanques precisa de um regimento próprio de infantaria motorizada, e cada corpo precisa de uma divisão de infantaria motorizada. É preciso proteger a atuação de tanques com a artilharia, e para isso temos canhões e morteiros. Por outro lado, a atuação de tanques, infantaria e artilharia precisa ser protegida, e para isso temos canhões antitanques. Tudo isso tem de ser organizado e coordenado. O comando precisa ter um fluxo de informação por meio de milhares de canais diferentes, e o fluxo vem das unidades de comunicação. Ou seja, mais carros e mais homens.

O padrão soviético de 1940 foi como segue: para as necessidades básicas de suprimento de mil tanques (um corpo mecanizado — 1.031 tanques), eram necessários 36.080 soldados e oficiais, 358 canhões e morteiros, 266 carros blindados, 352 tratores e 5.165 veículos. Isso, sem contar reforços, força aérea e formação de retaguarda, que teria de provisionar essa massa de soldados.

Pensamos que um tanque precisava de apenas três homens, mas na verdade precisava de 36. Posteriormente, a guerra mostrou que os cálculos estavam baixos. Para manter cada tanque em ação no campo de batalha, seriam necessários entre 70 e 80 homens, o dobro de veículos calculados antes da guerra, e o triplo de artilharia.

Mesmo atendo-nos aos cálculos baixos de pré-guerra, para cumprir o programa de Tukhatchévski seriam necessários 1,8 a 3,6 milhões de soldados e oficiais de tanques, 18.000 a 36.000 tratores, outro tanto de canhões e morteiros, 13.000 a 26.000 carros blindados e 250.000 a 500.000 caminhões.

As forças armadas alemãs, na época, somavam 100.000 soldados, entre oficiais e generais. E Tukhatchévski imaginava o Exército Vermelho com meio milhão de homens, só para dirigir os veículos das divisões de tanque — sem contar os pilotos de tanque, artilheiros e carros blindados, além de comandantes, oficiais de comunicação, sapadores, espiões e tudo o mais.

Teria Tukhatchévski imaginado que os tanques podiam avançar sem o apoio logístico?

A União Soviética, nessa época, não poderia enviar meio milhão de veículos às unidades de tanque; nem mesmo um quarto de milhão. O país não poderia enviar esse tanto não só aos soldados tanquistas, como a todas as forças armadas. Se enviasse, a agricultura e o sistema de transporte, construção e indústria ficariam sem carros nem tratores. Se todos os veículos fossem enviados aos soldados tanquistas, então quanto de combustível, petróleo e peças de reserva esses carros teriam de consumir?

E como esse número de soldados tanquistas seria alcançado? Não existia alistamento obrigatório e universal na União Soviética nessa época. Isso devia ter sido instituído? Mas estava além dos deveres do chefe do estado-maior do Exército Vermelho.

Partamos do princípio que Tukhatchévski decidiu manter entre 1,8 e 3,6 milhões de soldados nos tanques, apenas. Onde seriam treinados? Praticamente todos os

que operam em unidades de tanques precisam de preparação especial. Esses soldados precisariam aprender a ser operadores de rádio, mecânicos, canhoneiros, auxiliares e comandantes. Teriam todos de passar por divisões de treinamento? Quantas divisões de treinamento seriam necessárias?

E o que dizer sobre os oficiais? A proposta de Tukhatchévski era produzir os tanques imediatamente. Mesmo que o fossem, quantos oficiais seriam necessários para tripular ao menos cem novas divisões de tanques? A URSS poderia abrir novas academias militares. Em tempos de paz, um oficial recebia treinamento por três anos; os tanques chegariam das fábricas, como Tukhatchévski planejara, em 1928, mas os oficiais só se graduariam em 1931 — todos jovens e inexperientes, enquanto naquela época faltavam comandantes de batalhões, regimentos, divisões e corpos.

Onde residiriam os oficiais? Mesmo hoje, a Rússia não conseguiria construir abrigos para todos os seus oficiais. Na época, onde eles residiriam — em barracas? E onde encontrar o número suficiente delas?

Onde os tanques seriam estocados? Em tempo de guerra, é fácil; os tanques eram carregados em trens e enviados diretamente das fábricas para a frente de batalha, onde entravam em ação. A vida de um tanque em guerra é curta; bem depressa ele precisará de reparo ou será derretido, para dar lugar a novos tanques. Eles não precisam ser estocados, porque não se acumulam; enquanto são descarregados do trem, os que vieram no comboio anterior já estão agindo em batalha.

Mas eis a situação: em tempos de paz, uma série de monstros de aço jorra de repente das fábricas. O que fazer com eles? Mantê-los a céu aberto, no frio e na neve?

Acrescente-se que as forças armadas da época não podiam ser formadas apenas de corpos e unidades de tanque. Para cada tanque e divisão motorizada, era preciso haver um mínimo de três ou quatro divisões de rifles. Consequentemente, seriam necessárias entre 847 e 3.000 divisões de rifles. Nessa época, a Alemanha tinha doze divisões no total.

Há quem pense que a força de um exército está em seus números. Tukhatchévski era dessa safra de estrategistas que queriam lutar com números. Mas, como podemos notar, mesmo com números ele tinha alguma dificuldade. Nunca entendeu o significado dos números. Nunca aprendeu a lidar com eles.

Tukhatchévski foi incapaz de desenvolver o mais simples cálculo das consequências da proposta que fez. Devemos nos maravilhar com a paciência de Stálin; como tal estrategista pôde permanecer em posição tão privilegiada?

Se essa quantidade de tanques — de 50.000 a 100.000 — fosse produzida em um ano, seria preciso fabricar simultaneamente outro tanto de aviões, pois sem apoio aéreo os tanques viram esquifes. Entre cinquenta e cem mil aviões? Em um ano? Onde seriam fabricados? Em que fábricas? Ou talvez não produzíssemos os aviões de imediato, e deixássemos os tanques sem apoio aéreo? Isso seria crime; seria traição. Por essa decisão, o responsável deveria ser executado.

Então, que tipo de exército Tukhatchévski queria formar? Ou planejava apenas ter os tanques, sem aviões nem artilharia?

Ele insistiu: temos de produzir tanques! Aqui se levantam várias questões, sendo uma delas bastante importante: tanques de que tipo?

Para a produção em massa, é preciso haver não só uma base industrial, mas um modelo da máquina a fabricar. Em 1928 não existia a base industrial nem um modelo de tanque adequado para a produção. Em 1927, o Exército Vermelho listou em seus armamentos o tanque MS-1. A potência de seu motor já diz tudo: 35 cavalos. A blindagem do MS-1 era feita com rebites, e sua velocidade máxima era de 16 km/h. Na Praça Vermelha, em dias de parada, ele chegava a 19 km/h. Era esse o nosso melhor tanque. Uma pequena série (para o padrão russo) seria necessária para os projetistas chegarem à primeira experiência de criar um tanque, e para os soldados terem oportunidade de usar tanques de verdade nos treinamentos, embora fossem veículos extremamente fracos e falhos. Esse tanque também seria útil aos soldados em pequenos conflitos de fronteira, quando não há nada melhor. Mas fabricá-los aos milhares? Quem precisava deles? Talvez pudéssemos comprar um modelo de fora? Mas não havia o que comprar. Em 1928, ninguém neste mundo podia oferecer um modelo que valesse a pena ser produzido em grande série.

A fabricação de armas exige despesas colossais. Portanto, pessoas inteligentes projetam armas, fabricam-nas em pequenas séries e providenciam a reserva do material necessário para suprir a produção em massa dos últimos modelos, em períodos de ameaça.

Em países onde governam líderes menos inteligentes, o exército é enorme, mesmo em tempos de paz. O país esgota-se tentando vestir, alimentar e armar seus soldados. Esse exército exige imensa quantidade de armas durante os tempos de paz; só que as armas envelhecem. A certa altura, elas têm de ser substituídas, o que é um desastre para o país. O desenvolvimento da tecnologia é rápido, e os gigantescos arsenais precisam ser constantemente renovados, o que se transforma em perpétua catástrofe. O resultado é que nós mesmos nos derrotamos.

Por que Tukhatchévski precisava de tantas armas em 1927? Seriam centenas de vezes mais do que possuíam todos os agressores em potencial reunidos. Quem nos ameaçava então? Quem poderia nos atacar em 1928? A Romênia? A Finlândia? A Estônia, em aliança com a Letônia, encorajadas pela Lituânia? A Alemanha desarmada? Talvez o Japão? Mas o Japão é um arquipélago, e para lutar com ele, a fim de evitar o pouso e o abastecimento de tropas japonesas no continente, teríamos de construir uma forte armada no Oriente Distante. E Tukhatchévski opunha-se à ideia de construir armadas, tendo discursado publicamente contra elas.

Afinal, para que seriam os 100.000 tanques?

Os defensores de Tukhatchévski alegam que tudo o que ele propôs era correto; apenas os números deviam ser esclarecidos. Mas se os números forem esclarecidos,

nada mais restará da proposta de Tukhatchévski. Além de números insanos, ela nada mais contém.

E Tukhatchévski avançava em cada vez mais projetos.

"A indústria da URSS deveria atingir, no ano de 1938, e no curso de um ano, a capacidade de produzir 53.000 canhões, 90.000 tanques e 60.000 aviões. A opinião sobre as possibilidades produtivas foi formada sob a influência de M. Tukhatchévski".[4] Isso está citado em um livro soviético militar!

Inevitavelmente, a pergunta a ser feita aqui é: qual a diferença entre Stálin e Tukhatchévski? Stálin também planejava produzir de 100.000 a 150.000 aviões do modelo Ivanóv!

Há uma diferença, e tremenda. Tukhatchévski planejou uma produção militar inacreditavelmente grande durante os tempos de paz. Isso teria levado o país à falência. Não havia o que fazer com esse arsenal, nem onde armazená-lo. Se a guerra não acontecesse em um futuro próximo, essa montanha de armas rapidamente envelheceria e enferrujaria.

Stálin, por outro lado, propôs um plano inteiramente diferente: criar, no tempo de paz, um avião para produção em massa, mas produzi-lo em pequena série. O início da grande produção seria apenas após o início de uma guerra vitoriosa.

Corre o mundo uma lenda de que a inteligência alemã forneceu a Stálin um documento falso, provando que Tukhatchévski formara um complô. Stálin, acreditando nesse documento, teria destruído o grande estrategista Tukhatchévski.

Se isso for verdade, o Exército Vermelho deveria ser grato à inteligência alemã por esse inestimável serviço.

15

A limpeza

Somente um homem que conquistar primeiro seu povo poderá se tornar um inimigo poderoso.

Shang Yang,
Século V a.C.

No Partido Comunista, a luta pelo poder nunca arrefeceu. Os expurgos sucediam-se. Stálin expulsou todos os adversários do partido; em seguida, eles foram presos, julgados, enviados a prisões ou campos de concentração e executados, de acordo com a sentença do tribunal, sem direito a apelação. Stálin colocou homens escolhidos por ele nas posições assim disponíveis. Acontecia um processo igual e contínuo de reposição de pessoal na polícia secreta e nos campos de ciência, arte, literatura, indústria, comércio e agricultura; tudo simultâneo aos expurgos permanentes do partido. Detenções e prisões de engenheiros, historiadores e membros de organizações e de partidos políticos extintos eram constantes. Qualquer ditador age desse modo e sem nenhuma sugestão de fontes externas. A fim de conduzir o país à conquista de outras nações, qualquer ditador começa com o terror contra os que o cercam. Para liderar muitos homens e levá-los a conquistar o mundo, com o intuito de atingir "o último mar", Gêngis Khan, antes de tudo, teve de conquistar os mais poderosos e ricos príncipes. Quem não quisesse segui-lo tinha a espinha quebrada por ordem dele.

Foi exatamente o que fez Stálin. Para levar a nação a realizar grandes feitos, antes de tudo, ele tinha de obter inquestionável obediência.

Em todos os expurgos, porém, o exército foi exceção por muitos anos. Os expurgos deixavam o exército em paz. Stálin, durante longo tempo, certificou-se de que tinha seus homens no mais alto escalão. O exército apenas era expurgado pelo

próprio Tukhatchévski, o qual perseguia todos aqueles de quem não gostava. No entanto, Stálin tinha de atingir o exército algum dia, não tinha? Poderia ele deixar o exército intocado, caso não recebesse o falso documento alemão?

Os expurgos eram um esforço para fortalecer o poder e preservá-lo. Eram a luta pela segurança pessoal do líder. Expurgos eram um modo de impedir um levante. E levantes, sempre e em qualquer lugar, começavam principalmente nas hostes militares.

Em seus livros, Tukhatchévski elogiava e louvava a si mesmo, sem pudor. Por exemplo, ele transformou sua desastrosa derrota perto de Varsóvia em uma brilhante vitória. Quem quer que tenha lido os livros de Tukhatchévski claramente percebe que eles foram escritos por um homem estranho, totalmente voltado para si mesmo e cheio de ambições. Um homem assim é extremamente perigoso em uma alta posição de comando militar.

Durante anos, Stálin preparou-se para eliminar líderes do alto comando nos quais não confiava. Tukhatchévski era um deles: o mais famoso, mas certamente não o único. Veja os exemplos mais importantes a seguir.

Na noite de 2 de julho de 1935, o comandante de corpo G. Gay foi preso. O 3º Corpo da Cavalaria, sob suas ordens, fora a força principal de assalto e manobras na batalha perto de Varsóvia — a mesma em que Tukhatchévski lutara — em 1920. Em 1935, Gay era o chefe do Departamento de História Militar, na Academia de Aeronáutica de Jukovski. Nessa época, a União Soviética apenas tinha a Guerra Civil como história militar. Tudo o que a precedia era tratado como simples prefácio e estudado rápida e superficialmente. Por outro lado, a história da Guerra Civil era estudada em todos os detalhes. Gay foi preso porque não estava ensinando a história militar "corretamente", e a leitura exigida para os estudantes era a história da Guerra Civil preparada por Tukhatchévski.

Em 17 de abril de 1936, N. I. Muralov, que se tornara comandante da região militar de Moscou em 1917, foi preso. Sob a proteção dele, o duo Lênin-Trótski fugira de Petrogrado para Moscou em 1918. Em 1936, Stálin começou a pressionar todos os que haviam sido escolhidos por Lênin e Trótski para ocupar altas posições.

Em 9 de junho de 1936, o comandante de divisão D. Shmidt, amigo de Tukhatchévski, foi preso. Em 14 de agosto de 1936, foi a vez do comandante de corpo Primakov, que mantinha amizade com Tukhatchévski havia muitos anos. Estivera sob o comando de Tukhatchévski em 1920, na campanha para ocupar a Polônia. Mais tarde, Primakov foi julgado e executado na mesma época que Tukhatchévski.

Em 15 de agosto de 1936, o comandante de brigada M. O. Ziuk, da 25ª divisão de Tchapaev, foi preso.

Em 20 de agosto de 1936, outro corréu foi detido — o comandante de corpo Putna. Dois dos oito réus do grupo de Tukhatchévski já estavam na prisão. O processo havia começado.

O comandante de corpo S. A. Turovski foi preso em 2 de setembro de 1936. O comandante de divisão Y. V. Sablin foi preso no dia 25 do mesmo mês. O comandante da região militar da Bielo-Rússia, I. P. Uborevich, amigo e seguidor de Tukhatchévski, teve o mesmo destino em 29 de maio de 1937. Mais tarde, foram fuzilados juntos. Assim, em janeiro de 1937, a composição do grupo de altos comandantes que se tornavam suspeitos ficou clara: como um grupo, eles se opunham a K. E. Vorochilov, o eterno favorito de Stálin, então ministro da defesa.

Em 24 de janeiro de 1937, em tribunal aberto, um ex-membro do comitê central do Partido Comunista, Karl Radek, que fora acusado de espionagem, traição e preparativos de um golpe, indicou Tukhatchévski como colaborador. Quem conheceu os tribunais abertos de Stálin e parou para pensar sobre o sentido e o significado desses tribunais concordará que nenhum nome era citado ali por acaso. Segundo Radek, Tukhatchévski enviara o comandante de corpo Putna a Berlim, onde ele manteve conversações com trotsquistas. Tukhatchévski ainda não tinha sido acusado de nada; ele somente enviara Putna a Berlim para negociações, e este aproveitou a oportunidade.

A partir daí, Tukhatchévski poderia ter estourado os miolos. Seu destino não apenas estava selado, mas comentado publicamente. Walther Schellenberg, um agente nazista da inteligência, relata que, em maio de 1937, a inteligência alemã havia tido êxito em passar para Stálin um documento forjado, apresentando Tukhatchévski como chefe de um complô de generais do Exército Vermelho a fim de depor o governo soviético.[1] Reza a lenda que Stálin foi enganado pelo documento e iniciou os expurgos do Exército Vermelho. Dessa forma, os alemães conseguiram estrangular o Exército Vermelho com as mãos de Stálin.

Uma simples verificação cronológica, porém, mostra que a história de Schellenberg não está correta: os expurgos começaram no verão de 1935, muito antes do documento falsificado que a inteligência alemã supostamente criara.

Há muitas lendas sobre 1937. São surpreendentemente absurdas e igualmente resistentes. Entretanto, basta formular uma única pergunta diante do quadro que nos pintaram durante décadas para este ser desmascarado.

Mais um mito: em 1937-1938, Stálin executou 40.000 comandantes; assim, em 1941, a maioria dos comandantes existentes não tinha mais de um ano no cargo.

Porém, isso é impossível!

Imaginemos que, em 1937, Stálin tenha mandado executar todos os comandantes — exatamente todos, de pelotões a marechais. Reuniu todos em adegas abandonadas, fuzilou-os e nomeou novos comandantes para substituí-los. Imaginemos essa completa troca de oficiais de comando. Eis o que então aconteceria: no verão de 1941, os novos comandantes teriam quatro anos de experiência. Como é possível que o expurgo tenha acontecido em 1937, sendo que em 1941 a maioria dos comandantes tinha menos de um ano de experiência no cargo? Objetam que as execuções aconteceram não apenas

em 1937, mas em 1938 também. Podemos admitir que os comandantes nomeados em 1937 fossem metralhados no ano seguinte em suas celas. Um terceiro grupo de comandantes então foi nomeado. Nesse caso, o terceiro grupo, nomeado em 1938, deveria ter três anos de experiência em 1941. Se de fato houve uma troca total de comando, a maioria desses comandantes não poderia ter ido a parte alguma. De maneira compreensível, nesses três anos, uns se afundaram, outros tornaram-se bêbados. Cem, duzentos e trezentos foram executados em 1939, 1940 e no primeiro semestre de 1941. Pode ter havido algumas mudanças e trocas, mas a maioria decerto ficou no seu lugar. Então, como os expurgos ocorreram em 1937-1938, mas em três ou quatro anos os novos comandantes não tinham sequer um ano de experiência no cargo?

A resposta à misteriosa inexperiência no cargo é simples: de 1937 a 1941, o Exército Vermelho quintuplicou: de 1,1 milhão para 5,5 milhões. As posições de comando deveriam ser ocupadas, portanto, os oficiais foram promovidos rapidamente e não tiveram tempo de "crescer" na carreira. De modo semelhante, rápidas promoções foram feitas no exército alemão, só que ninguém alega que os comandantes alemães eram incompetentes.

Esse problema pode ser examinado a partir de outra perspectiva. O exército de Stálin era enorme. O número de comandantes — quarenta mil — não é tão grande. O corpo de oficiais do Exército Vermelho, em fevereiro de 1937, chegou a 206.000, conforme se sabe. A fonte dessas informações é um discurso secreto feito na sessão plenária de fevereiro e março, do Comitê Central, pelo membro do Politburo e Comissário do Povo pela Defesa da URSS, o marechal da União Soviética K. E. Voroshilov.[2]

Admitamos que 40.000 dos 206.000 comandantes tenham sido executados; seriam menos de 20%. A questão é a mesma, apenas de outra perspectiva: como menos de 20% foi executado, sendo que, em 1941, a maioria dos comandantes não tinha ainda um ano de experiência em seu posto?

Notamos que as lendas sobre 1937 são bem frágeis. Basta fazer perguntas simples — e nenhum historiador comunista será capaz de dar uma resposta razoável.

O dia 29 de julho de 1938 foi o dia de ápice do terror. Depois disso, a intensidade caiu drasticamente. Em 19 de setembro de 1938, o chefe do 6º departamento de pessoal do comando do Exército Vermelho (Força de trabalho), coronel Chiriaev, apresentou um documento a E. A. Chiadenko, auxiliar do comissário de defesa do povo. O documento especificava o número de comandantes dispensados das fileiras do Exército Vermelho no período de 1937 a setembro de 1938. Esse documento está guardado no Arquivo Militar do Estado Russo, fundo 37837, índice 10, caixa 142 e folha 93. Aí está a fonte principal. E os números são os seguintes: em 1937, 20.643 homens foram dispensados; em 1938, 16.118. Total de 36.761.

Voltemos a atenção a um pequeno detalhe: no documento, os números não se referem a "executados", mas a "dispensados".

Durante 54 anos, esse documento ficou em sigilo; apenas um número muito limitado de pessoas extremamente desonestas tinha acesso a ele. Esses homens cometeram um crime contra a História. Divulgaram o número — 36.761. A partir disso, todos chegaram a uma conclusão aparentemente lógica: se a pessoa fosse dispensada, seria presa; e se fosse presa, seria executada.

No entanto, não foi assim. Dispensado nem sempre significava preso, e preso nem sempre significava executado.

O documento trata de outras informações: das pessoas dispensadas em 1937, 5.811 foram presas e, em 1938, 5.057. No total, 10.868 pessoas foram presas. Diziam que eram 40.000 executados, mas, na verdade, houve 10.868 presos, dos quais 1.654 foram executados ou morreram na prisão antes do julgamento.[3] Há uma grande diferença entre prisão e execução. Alguns dos presos foram executados, mas não todos. Usarei um exemplo para explicar a diferença. Em 1937, o comandante do 5º Corpo de Cavalaria, Konstantin Konstantinovitch Rokossovski, foi dispensado das fileiras do Exército Vermelho. Não só dispensado, mas preso. Porém, isso ainda não significa execução. Ele foi preso e solto mais tarde. Lutou durante toda a guerra e, no fim, tornou-se marechal da União Soviética e comandou a parada da vitória na Praça Vermelha. Rokossovski não foi o único entre os 10.868 comandantes presos: muitos ganharam a liberdade.

Esse é um exemplo da propaganda do Kremlin. Se o documento tivesse sido publicado nessa época, dizendo que tantas pessoas foram dispensadas e outras presas e que nem todas foram executadas, essa confusão não teria surgido. Entretanto, as pessoas que tinham acesso aos documentos publicavam, propositalmente, apenas fragmentos de informações. As explicações eram omitidas, o que criava condições propícias para boatos e lendas.

Mais tarde, quando centenas de historiadores e agitadores registraram em suas obras a informação sobre 40.000 comandantes executados e quando milhões de pessoas memorizavam esse número, o documento foi publicado na íntegra, porém, já não adiantava mais. Quem daria atenção a um pequeno artigo de um jornal para especialistas?

No entanto, o que aconteceu com o restante, com os que foram dispensados, mas não presos? Para onde foram?

Não há segredo aqui. Em qualquer exército há um contínuo processo de troca e substituição do antigo pelo novo, de rejuvenescimento do comando. A cada ano, as academias militares graduam centenas de novos oficiais. O exército nunca contou com tantos oficiais. A cada ano ele recebe novos oficiais e envia o mesmo número de antigos oficiais de volta à vida civil. A razão principal das dispensas é a conclusão do serviço. Não vou aborrecer ninguém com meus cálculos, mas imagine que um exército tenha 200.000 oficiais. Estime quantos anos um oficial deve servir, decida quantos comandantes é preciso mandar à bem-merecida aposentadoria e substitua-os

por novos graduandos das academias. Dessa forma, temos um processo constante de renovação das fileiras, evitando sua estagnação.

O documento apresentado ao representante do povo para o comissário de defesa está intitulado corretamente: "Documento sobre o número de dispensas de comandantes em 1937–1938". Quem ousaria supor que, nesses anos, ninguém fora dispensado do exército após completar o tempo de serviço?

É preciso lembrar que nem todo oficial chegava à idade da aposentadoria. Uma segunda razão para dispensas era o estado de saúde. Aqueles que passaram por duas ou três guerras tiveram sofrida experiência. Um ficara com as pernas ulceradas no frio; outro perdera a audição; e outro teve ferimentos que jamais cicatrizariam. Um homem pode ser dispensado do exército, não apenas por ferimentos de guerra, mas por outros motivos de doença, de pé chato a câncer.

Além disso, existe a punição de ser dispensado do exército. Já não estamos em 1937, mas os oficiais continuam a ser dispensados e por vários motivos. Os principais motivos são bebedeiras, degradação moral, quebra de disciplina e desobediência à autoridade. Quem afirmaria que em 1937 ninguém foi dispensado do exército por bebedeira? No entanto, isso não significa que o indivíduo tenha sido preso e executado.

Mesmo entre os que foram presos, nem todos eram vítimas de repressões políticas. Sempre houve crimes militares e civis. Entre os oficiais, sempre houve estupradores, assassinos, ladrões e similares. O documento trata de todos os presos, sem distinguir o preso político do criminoso comum. Quem garantiria que em 1937 não havia criminosos no comando do Exército Vermelho?

Em 5 de maio de 1940, E. A. Chadenko assinou o "Relatório do chefe do comando sobre os integrantes do Exército Vermelho do Comissariado de Defesa da URSS". A frase que conclui o relatório é esta: "Os dispensados injustamente foram reintegrados ao exército, num total, em 1º de maio de 1940, de 12.461". É importante notar que o número dos reintegrados às fileiras é maior que o número de detidos. Isso tem explicação fácil: tanto os presos como os dispensados foram devolvidos ao exército. A propaganda do Kremlin repete exaustivamente a história dos 40.000 comandantes executados, mas, por alguma razão obscura, ninguém gosta de lembrar que 12.461 desses "executados" voltaram a servir no exército. E isso é apenas o início do processo. Sabe-se que a grande massa dos dispensados retornaram na segunda metade de 1940 e, especialmente, no primeiro semestre de 1941; por exemplo, A.V. Gorbatov, futuro general do Exército Vermelho. Muitos exemplos similares podem ser levantados aqui. E surge uma estranha constatação: Schiadenko, que escreveu o documento sobre os comandantes dispensados, é constantemente citado. Mas o mesmo Schiadenko nunca é lembrado nem citado quando relata a reintegração dos que foram dispensados.

Fomos educados acreditando que Stálin executou todas as pessoas inteligentes e deixou apenas imbecis no comando do exército. No entanto, veja a opinião de um

alemão, o major-general F. W. von Mellentin, que lutou contra o Exército Vermelho: "O alto comando russo conhece seu serviço melhor que o comando de qualquer exército".[4] Parece que Stálin não executou todos os gênios antes da guerra; alguns foram poupados.

Entretanto, a opinião do inimigo nem sempre é confiável, por isso, vejamos o que os historiadores russos afirmam sobre o efeito que os expurgos de 1937-1938 tiveram sobre o Exército Vermelho. G. Gerasimov estudou os dados e comparou as características dos comandantes nas vésperas da invasão alemã em 1941 e em 1936, antes de os expurgos começarem:

> Em 1941, 7,1% de todos os comandantes tinham educação superior, enquanto em 1936 esse número chegava a apenas 6,6%;
> Em 1941, 52% dos generais tinham educação superior; em 1936, apenas 29%;
> Em 1941, 29,5% de todos os comandantes tinham experiência em combate, enquanto em 1934-1938 esse número cai para 23%.[5]

Gerasimov também descobriu que muitos comandantes expurgados eram heróis da Guerra Civil. Tratados como tal, foram rapidamente promovidos a cargos políticos e, embora retivessem a patente, deixaram de fato o serviço ativo militar. Por outro lado, seus camaradas menos ilustres tiveram de abrir caminho no exército, adquirindo assim a experiência de que os líderes políticos claramente careciam.

Com tudo isso explicado, Gerasimov sugere que os expurgos poderiam ter gerado medo e incerteza nos comandantes do Exército Vermelho. Porém, admite que os critérios dificilmente poderiam ser medidos; e sua conclusão final é que os expurgos não enfraqueceram o Exército Vermelho.

Um fato surpreendente: os marechais de Stálin — Rokossovski, Malinovski, Govorov, Meretskov e Vassilévski — operaram verdadeiros milagres no curso da guerra. Goebbels escreveu o seguinte sobre eles, no diário de 15 de março de 1945: "Stálin tem toda a razão de honrar os marechais soviéticos como astros do cinema, pois eles mostraram ter notável talento militar".[6] No entanto, no verão de 1941, todos esses homens, para dizê-lo com sutileza, não mostraram ter nenhum talento notável. Então, o que aconteceu? Eram imbecis no início da guerra e ficaram inteligentes no final? Isso não existe. O soldado adquire experiência na guerra, mas um imbecil será sempre um imbecil. Os imbecis de 1941 não poderiam ter se transformado em destacados líderes militares.

Apenas uma conclusão é tirada de tudo isso: os comandantes de Stálin não eram imbecis em 1941. O motivo da derrota do Exército Vermelho em 1941 deve estar em algum lugar, mas não na imbecilidade dos generais de Stálin.

16

Espanha

Todos os povos que caírem sob a "proteção" da Alemanha vitoriosa também se tornarão nossos aliados. Teremos amplo campo de ação para desenvolver a revolução mundial.

Joseph Stálin,
discurso em uma reunião do Politburo do comitê central do partido, 19 de agosto de 1939

Em 18 de julho de 1936, a emissora de rádio da cidade de Ceuta (no Marrocos espanhol) transmitiu várias vezes uma frase em código: "Os céus de toda a Espanha estão limpos". Era o sinal para iniciar o levante militante contra a República Espanhola. O general José Sanjurjo era o líder do levante e, após sua morte, a posição foi assumida pelo general Francisco Franco. No início, as tropas assentadas nas colônias davam apoio aos revoltosos. Os militantes tinham de transportar essas tropas rapidamente do norte da África para a Espanha. Hitler ajudou o general Franco, enviando-lhe 20 aviões de transporte militar Ju-52, que por quase três meses fizeram viagens contínuas entre Marrocos e Espanha.[1] "Entre 28 de julho de 1936 e o fim de agosto do mesmo ano, os aviões Junker Ju-52s de três motores transferiram um total de 7.350 soldados e oficiais, bem como unidades de artilharia e metralhadoras, da África para a Espanha. Os aviões realizaram 461 voos, frequentemente com carga acima do limite. Mais 5.455 tropas foram transportadas em 324 desses voos em setembro; depois, outras 1.157 tropas em 83 voos no mês de outubro. Posteriormente, Hitler enfatizou que "Franco precisa erguer um monumento em honra ao Ju-52, como o avião responsável por sua vitória na Espanha".[2] Foi o primeiro transporte aéreo em massa de tropas da história. Essa ponte aérea salvou o levante em seu estágio mais importante e preliminar. Depois disso, as unidades militares do exército espa-

nhol começaram a se unir do lado de Franco. "Oitenta por cento das forças armadas — 120.000 soldados e oficiais, além de significativa parte da guarda civil — passaram para o lado revoltoso."[3] O general Franco recebeu ajuda dos ditadores da Alemanha, da Itália e de Portugal — Hitler, Mussolini e Salazar. Cinquenta mil soldados e oficiais alemães, 150.000 italianos, 20.000 portugueses e 90.000 marroquinos lutaram ao lado do general Franco. O auxílio estrangeiro ao general Franco somava 2.700 canhões, 1.150 tanques e carros blindados e 1.650 aviões.[4]

O exército do povo era formado por partes do exército espanhol que permaneceram leais à República. Voluntários do mundo todo acorreram em defesa da República Espanhola e formaram sete brigadas internacionais. De acordo com os números de um líder de brigada, K. Svertchevski, o número total de soldados voluntários internacionais girava em torno de 42.000.[5] Voluntários de 54 nações alistaram-se no exército republicano.[6]

A União Soviética não poderia ficar de lado; então, V. A. Antonov-Ovseenko foi para a Espanha. Em 1917, ele fora uma das figuras predominantes da tomada comunista da Rússia. Estava entre os líderes que invadiram o Palácio de Inverno e havia detido pessoalmente o governo provisório. Após ter derrubado o governo legal, Antonov-Ovseenko entrou para o governo ilegal, que não era reconhecido pelos aliados da Rússia, mas o era pelos inimigos, com quem a Rússia estava em pé de guerra. Em 1936, Stálin nomeou Antonov-Ovseenko cônsul-geral da União Soviética em Barcelona, o qual logo começou recomendando ao governo espanhol que escondesse as reservas de ouro do país. Onde deveriam escondê-las? Em Moscou. As reservas de ouro espanhol saíram do país e nunca mais retornaram. Dizem que os anarquistas eram ladrões, o que é verdade. No entanto, as gigantescas reservas de ouro espanhol foram levadas não por anarquistas, mas pelos desinteressados comunistas. As reservas de ouro espanhol pagaram o fornecimento de armas. Esse fornecimento foi de fato grande, mas deveria ser abertamente declarado que a União Soviética não apoiou o governo da Espanha por sentimentos honrados, mas por ouro, o qual Antonov-Ovseenko levou para fora do país.[7]

Stálin elevou Jan Karlovitch Bérzin, comandante do 4º diretorado do estado-maior do Exército Vermelho, à posição de conselheiro-chefe militar do exército da República Espanhola. No total, 2.065 comandantes do Exército Vermelho de várias patentes foram enviados à Espanha: 772 pilotos, 351 tanquistas, 100 artilheiros, 222 conselheiros militares e 204 intérpretes.[8] Além disso, através da linha NKVD — Comissariado popular de assuntos internos — do Comissariado popular de relações exteriores e de outras administrações, centenas de diplomatas soviéticos, agentes de espionagem e contraespionagem, sabotadores, jornalistas, agitadores, trabalhadores do partido e especialistas da indústria bélica foram enviados à Espanha. O número total de voluntários, incluindo especialistas civis, girava em torno de três mil.[9]

Stálin enviou à Espanha 648 aviões, 347 tanques, 60 carros blindados, 1.186 armas pesadas, 20.486 metralhadoras e 497.813 rifles.[10] Além disso, a Espanha recebeu da União Soviética explosivos, cartuchos, bombas, equipamentos militares, provisões alimentícias, combustível, lubrificantes e remédios.[11] Essas remessas de armas poderiam ser muito maiores, mas a Espanha estava bloqueada. Os navios mercantes soviéticos tinham de deixar os portos do Mar Negro. No Mar Mediterrâneo, a União Soviética não dispunha de nenhuma frota militar nem de bases navais. Navios mercantes desprotegidos atravessavam todo o Mar Mediterrâneo para chegar às praias espanholas. Dos estreitos do Mar Negro até os portos de destino, esses navios eram acompanhados por aviões italianos e alemães, além de vasos de guerra. No fim da viagem, perto da costa espanhola, aviões e submarinos do general Franco eram aguardados pelos vasos de guerra. E, apesar do bloqueio, Stálin conseguiu transferir para a Espanha uma enorme quantidade de carga estratégica.

Para compreendermos a seriedade das intenções de Stálin, vamos avaliar os diversos comandantes que ele enviou à Espanha. Havia tenentes, capitães e coronéis; eram os mais promissores comandantes do Exército Vermelho, e Stálin os tinha listado para promoção. A Espanha seria seu último teste. A maioria deles rapidamente subiu de patente quando voltou da Espanha. Eis a que posição chegaram alguns desses conselheiros militares em poucos anos: R. Y. Malinovski tornou-se marechal e ministro da defesa da URSS; K. A. Meretskov tornou-se marechal e chefe do estado-maior; G. I. Kulik tornou-se marechal e representante do povo do comissariado de defesa da URSS; N. G. Kuznetsov tornou-se almirante da frota soviética, ministro da marinha e, durante toda a guerra, foi membro do Supremo Comando.[12]

Além de mais de vinte futuros marechais, generais de exército e coronéis-generais, mais de quarenta que lutaram na Espanha tornaram-se tenentes-generais, vice-almirantes, majores-generais e almirantes-de-retaguarda posteriormente.

Apesar de todo esse esforço de Stálin, a vitória comunista na Espanha era impossível. E havia muitas razões para isso. Em primeiro lugar, mais de 80% dos soldados espanhóis e oficiais lutaram do lado revoltoso; até os comunistas admitiram isso. Esse fato atesta que o levante não se originara apenas dos generais. Os soldados e generais espanhóis tiveram sua escolha, e a maioria lutou contra a República. Isso, por sua vez, assinala que nem tudo ia bem na República Espanhola. Em segundo lugar, a Espanha estava bem distante da Rússia; Stálin não tinha como enviar suas divisões. Mesmo que tivesse, seria impossível aprovisionar uma divisão inteira. A terceira causa da derrota é que o partido comunista da Espanha era extremamente fraco e foi forçado a fazer aliança com outros partidos. Os principais aliados dos comunistas eram os anarquistas. Em regiões onde eles conseguiram o controle, aboliram a moeda corrente e tornaram públicas todas as propriedades privadas. A secretária geral do partido comunista da Espanha, Dolores Ibárruri, descreve seus aliados na guerra da seguinte

maneira: "Os anarquistas organizaram algo como um reino de ladrões".[13] O marechal Meretskov da União Soviética, que lutou na Espanha, chama os anarquistas de "alegres açougueiros". Mesmo que os comunistas fossem anjos, ainda estavam fadados à derrota, com tais aliados.

É impossível vencer sem aliados, mas com aliados desse porte, a vitória seria mais impossível ainda. Em 28 de março de 1939, Madri caiu — o último bastião da República.[14] Como resultado de uma guerra de quase três anos, o general Franco vencera. Os conselheiros militares soviéticos foram removidos.

Sempre me preocupei com as coincidências de tempo em toda essa história. A guerra na Espanha foi uma espécie de prólogo da Segunda Guerra Mundial. As batalhas da Espanha mal terminaram e, cinco meses depois, teve início outra guerra, que se espalhou por toda a Europa e por todo o globo. Haveria uma ligação entre a guerra da Espanha e a Segunda Guerra Mundial? Se sim, qual seria?

Quando eu tinha 16 anos, estudando história em um internato militar, nós, estudantes, éramos incitados a ler um livro do marechal em chefe da artilharia N. N. Voronov. É um livro bastante interessante. Voronov comandou toda a artilharia do Exército Vermelho durante a Segunda Guerra Mundial e foi um dos primeiros a interrogar o marechal de campo F. Paulus nas ruínas de Stalingrado. Em toda a história da Alemanha, os marechais de campo nunca haviam sido feitos prisioneiros; Paulus foi o primeiro. A par desse episódio único, há muitos momentos interessantes no livro de Voronov, que foi escrito de modo simples e espirituoso. O autor também lutara na Espanha. De repente, um parágrafo desse livro não apenas me tocou, como me ofendeu: "Os eventos da Espanha amargaram profundamente o povo soviético. Muitas manifestações e assembleias lotadas de operários aconteceram em Moscou e em outras cidades. O povo soviético expressou sua solidariedade fraterna ao povo espanhol, que lutava contra bandos selvagens de fascistas. Em pouco tempo, operários e agricultores reuniram milhões de rublos a fim de levantar fundos para os combatentes espanhóis".[15]

Fiquei chocado com isso. Em 1936, o povo soviético observava ansioso os eventos na distante Espanha, expressava indignação com a ação dos insurgentes, mantinha assembleias nas fábricas e reunia camponeses nos campos e, ainda, juntava seus copeques duramente ganhos para ajudar o povo espanhol. Entretanto, três anos antes, a União Soviética fora assolada por uma fome terrível, acompanhada de canibalismo e outros atos de desespero. E isso não causara nenhuma ansiedade no povo soviético. Ninguém se reuniu em assembleias nem em manifestações; ninguém arrecadou dinheiro. O povo soviético não se amargurou com o fato de que seus irmãos, irmãs e vizinhos morriam de fome aos milhões, enquanto Stálin exportava grãos às toneladas. Nosso povo se sensibilizava com outros povos do mundo, mas era completamente irresponsável consigo mesmo. Em 1936, a Espanha não tinha campos de

concentração, nem reféns sendo executados — e, ainda assim, o povo soviético estava amargurado e ansioso. O trabalho escravo floresceu na União Soviética; milhões de pessoas se amontoavam nos campos de concentração e nas prisões. E isso não amargurou o povo soviético, nem o deixou ansioso. Em 27 de dezembro de 1932, os passaportes internos foram introduzidos na União Soviética, sem o qual seria impossível trabalhar, achar um lugar para morar ou viajar para outro país. Os passaportes foram instituídos em pleno período de fome, com a intenção de impedir a migração da população camponesa das regiões mais miseráveis para as cidades ou regiões mais prósperas do país. Esses passaportes eram distribuídos apenas para habitantes de cidades; o campesinato, que abrangia a maioria da população, não tinha direito ao passaporte. O camponês soviético foi relegado à posição do escravo que não poderia deixar seu senhor. E os conselheiros militares de Stálin, futuros generais e marechais, em vez de lutarem pela liberdade do próprio povo, lutavam pela liberdade dos camponeses espanhóis que, diferentemente dos soviéticos, eram livres e tinham o direito de ir aonde quisessem — inclusive ao exterior.

Tudo o que eu lia sobre a guerra na Espanha me surpreendia. Eis um fato que, à primeira vista, parece pouco significativo: o mais importante conselheiro do exército republicano era Jan Berzin, comandante do 4º diretorado do estado-maior do Exército Vermelho. E o que era o 4º diretorado? No início da década de 1960, a União Soviética conheceu uma onda quase histérica de louvores ao agente da inteligência soviética Richard Sorge. Filmes e programas de televisão foram ao ar, livros e artigos foram publicados, palestras e aulas — tudo sobre ele. Ruas e praças receberam seu nome, e houve discussões sobre projetos de monumentos em sua honra. Declarou-se que Richard Sorge fora recrutado e treinado por Jan Berzin, comandante do 4º diretorado do estado-maior do Exército Vermelho. E imediatamente explicou-se ao povo o que era esse 4º diretorado: tratava-se do nome dado ao serviço de inteligência militar do Exército Vermelho nas décadas de 1920 e 1930. Hoje, essa organização é conhecida por três letras — GRU, que em russo são as iniciais de Diretorado Principal da Inteligência do Estado-Maior das Forças Armadas Soviéticas*. Entretanto, por que o líder de todos os conselheiros soviéticos na Espanha era o comandante da inteligência, e não um comandante de campo muito mais experiente?

No decurso da guerra, milhares de filhos de comunistas espanhóis foram levados à União Soviética. Esta é uma história especial e trágica. Os adolescentes foram treinados para se tornar guerreiros em frentes secretas, durante a Guerra Fria, na América Latina e na África. Também serviam como agentes secretos e forças especiais. Um grupo recebeu a missão de proteger e vigiar Fidel Castro. O destino dos voluntários estrangeiros na Espanha não era menos interessante. Assim que chega-

---

* Glávnoie Razvedivátelnoie Upravlênie.

vam ao país, seus passaportes e documentos eram confiscados. Quando o voluntário entrava para uma brigada internacional, já não era mais voluntário; passava a ser um escravo armado, e sua fuga tornava-se praticamente impossível. E por alguma razão, incêndios começaram a ocorrer com frequência nos prédios onde os documentos dos voluntários eram guardados; também os carros que transportavam tais papéis ficavam constantemente na linha de fogo. Como resultado, a maioria dos integrantes das brigadas internacionais viam-se privados de documentos, enquanto a rede da inteligência soviética recebia passaportes legais e outros documentos pessoais para milhares de rapazes de 54 países. Esses documentos eram utilizados pela inteligência militar, que com eles emitia documentos autênticos de identidade para agentes ilegais — e ainda melhorava as técnicas soviéticas de falsificação.

Antonov-Ovseenko foi convocado da Espanha para Moscou, preso e executado. Jan Berzin voltou da Espanha para ocupar seu posto de chefe da inteligência militar, mas logo depois também foi preso e executado. Enquanto isso, os conselheiros militares que realmente lutavam sem se importar com política e espionagem rapidamente subiram aos postos militares mais altos. Alguns foram abatidos pelo machado de Stálin, mas em virtude de outros erros e falhas, não por causa da Espanha.

Stálin não contava com a vitória militar na Espanha e sabia que ela seria impossível em tais condições. Então, por que lutava? Não há mistério. Basta olhar a atuação dos diplomatas e da propaganda desse período. Três países com regime totalitário — Alemanha, Itália e Portugal — ajudavam o general Franco. A República Espanhola, como Estado, recebia ajuda apenas da União Soviética. A Grã-Bretanha e a França mantinham as políticas de não intervir no problema espanhol. A propaganda soviética protestava indignada: crianças morrem na Espanha, enquanto a França e a Inglaterra não esboçam sequer uma reação! A propaganda soviética ridicularizava a França e a Inglaterra, acusando-as de indiferença e insensibilidade quanto ao destino das crianças espanholas. Muitos historiadores comunistas da Rússia ainda não perdoam a França e a Inglaterra por sua política de não intervenção. Como poderiam observar calmamente o sofrimento do povo espanhol? Como poderiam manter-se de fora, enquanto as crianças espanholas morriam?

No entanto, o problema não era o destino das crianças (na União Soviética, Stálin promulgou uma lei em 7 de abril de 1935, que tornava a pena de morte aplicável a crianças acima de 12 anos). O objetivo óbvio de Stálin, que aliás foi expresso aberta e claramente, era atrair a Inglaterra e a França para a guerra espanhola. Se esse plano fosse bem-sucedido, haveria um conflito maior entre Alemanha, Itália e Portugal de um lado e França e Inglaterra do outro, no extremo ocidental do continente europeu, em território espanhol. A União Soviética estava bem distante. Os conselheiros e "voluntários" de Stálin também lutariam, mas a guerra não chegaria a seus territórios. Tudo o que Stálin tinha de fazer era jogar combustível em uma guerra que começava

a esquentar. Os voluntários internacionais de 54 países também faziam parte desse plano. Os agentes de Stálin do mundo todo instigaram jovens bem-intencionados a ir à Espanha; Stálin era generoso com a remessa de fundos para os agitadores, que pagavam as viagens e as despesas dos voluntários e ainda armavam as brigadas internacionais. Seu plano era simples: atrair cidadãos do mundo inteiro para a guerra. Primeiro, cidadãos isolados; depois grupos; e, por fim, governos de várias nações seriam forçados a resgatar seus cidadãos. Isso significaria conflito, de um modo ou de outro, com os governos de Franco, Hitler, Mussolini e Salazar.

Porém, a guerra da Espanha nunca foi além de suas fronteiras. Todo o esforço de agentes políticos, diplomatas e espiões de Stálin não foi suficiente para estender ao resto da Europa os tiroteios da Espanha. Stálin não culpou seus generais, porque a vitória militar não era esperada. Entretanto, culpou seus espiões e diplomatas por não terem ampliado a guerra da Espanha para o resto da Europa. Por isso, Berzin, Antonov-Ovseenko e outros foram executados. Após esse fracasso, Stálin mudou drasticamente de direção. No fim de 1938, quando a guerra arrefecia claramente na Espanha e quando a derrota dos comunistas ficou óbvia, Trótski, exilado no longínquo México, percebeu a mudança da política stalinista. E advertiu ao mundo inteiro. Em novembro de 1938, Trótski escreveu: "Stálin finalmente desatou as mãos de Hitler, bem como [as de] seus inimigos, e empurrou toda a Europa para a guerra".[16] Isso foi escrito um mês depois de o primeiro-ministro britânico, Lord Chamberlain, voltar saltitante de Munique, brandindo um papel e declarando que trouxera a paz. Trótski escreveu essas palavras quando Mussolini ainda se considerava um pacificador, e Hitler ainda não tinha estabelecido diretrizes sobre a preparação da invasão da Polônia ou da França.

Nesses meses de paz, a Europa deu um suspiro de alívio e acreditou que não haveria guerra, enquanto Trótski sabia que ela viria em breve e quem seria o responsável. Para acreditarmos totalmente em Trótski, vejamos outro relato dele, feito em 21 de junho de 1939. Nessa época, havia calorosas conversações entre Grã-Bretanha, França e URSS contra a Alemanha. Nada levava a crer na possibilidade de qualquer tipo de evento inesperado nem de complicações. Trótski, entretanto, deu o alerta: "A URSS se dirigirá em massa para as fronteiras da Alemanha, precisamente no momento em que o Terceiro Reich for arrastado à guerra pela nova divisão do mundo".[17]

Tudo aconteceu exatamente como Trótski previra. No ano seguinte, 1940, a Alemanha lutou contra a França, enquanto Stálin, "com toda a massa do exército", esmagou os países neutros nas fronteiras ocidentais, abrindo caminho para a Alemanha. Até hoje, mais de 60 anos depois, após ler as generalizações e as previsões de Trótski e avaliar sua exatidão, temos de perguntar: como ele sabia de tudo isso? Trótski não guardava segredos. Foi o organizador da tomada comunista em Petrogrado, em 1917; foi o criador e o primeiro comandante do Exército Vermelho; o representante soviético em Brest-Litovsk; o primeiro líder da diplomacia soviética; o ex-líder da URSS;

e o ex-timoneiro da revolução mundial. Conhecia, melhor que ninguém, a natureza do comunismo, do Exército Vermelho e de Stálin. Trótski afirmava que todas as suas previsões baseavam-se em publicações soviéticas amplamente divulgadas. Ele foi o primeiro homem do mundo a compreender o jogo de Stálin — o mesmo jogo que os líderes ocidentais não compreenderam, o mesmo jogo que não foi compreendido, no início, por Hitler.

No entanto, o jogo de Stálin era muito simples. O próprio Trótski fora vítima desse jogo e por isso mesmo ele o compreendia. Stálin, em aliança com Zínoviev e Kâmenev, removeu Trótski do poder na União Soviética. Depois, em aliança com Bukhárin, removeu Zínoviev e Kamenev. Em seguida, removeu Bukharin também. Stálin removeu gerações de braços-direitos da polícia secreta de Dzerjinski pelas mãos de Guenrikh Iagoda. Depois, Iagoda e sua geração foram removidos pelas mãos de Nikolai Ejov. Mais tarde, Stálin removeu Ejov e sua geração pelas mãos de Lavrenti Béria — e assim por diante.

Stálin continuou seu jogo na arena internacional, e Trótski viu tudo. O nazismo alemão, para Stálin, era um instrumento que seria usado para esmagar o regime democrático na Europa através das mãos de Hitler — que depois seria eliminado.

O nazismo alemão poderia começar a guerra, e a guerra poderia desenvolver uma revolução. Para Stálin, Hitler seria uma tempestade purificadora sobre a Europa. Hitler faria o que Stálin achava inconveniente fazer pessoalmente. As políticas de Stálin eram extremamente simples. Na Espanha, ele não teve êxito em levar a Alemanha a entrar em conflito com a França e a Inglaterra, mas não perdera a esperança, porque eles ainda poderiam entrar em conflito na Polônia. Portanto, no fim de 1938, Stálin mudou drasticamente sua propaganda. Toda a publicidade anti-Hitler foi abruptamente interrompida. Agora, a prioridade de Stálin era acalmar Hitler: vá à Polônia, pois não me intrometerei.

Quando eu era jovem, fui surpreendido por uma imagem: dois generais de pé, sorridentes. Um era o general de Hitler; o outro, de Stálin. Essa foto foi tirada em setembro de 1939, durante a parada nazissoviética que comemorava a sangrenta divisão da Polônia entre Stálin e Hitler. Senti-me atraído por essa foto como ímã. O general alemão era o famoso tanquista Guderian, com um sorriso franco e amigável. Porém, isso não significava nada. Por trás do sorriso amistoso, ele, sem dúvida, escondia intenções cruéis. E quem seria o ingênuo comandante soviético? Por que sorria assim? Obviamente, estava sendo enganado pelo nazista. O ingênuo soviético era o comandante de brigada S. Krivochein. Se ele passou momentos agradáveis com um nazista, isso não significa que um comandante de Stálin seria enganado pelos nazistas. Em suas memórias, ele falou sobre sua disposição entre seus subordinados: "Fizemos um pacto com os alemães, mas isso não significa nada. [...] Agora é o melhor momento para darmos uma solução final e construtiva a todos os problemas do mundo".[18]

A parada militar nazissoviética foi tão inesperada e incomum que nenhum comandante soviético aceitou o desafio de relatar detalhes específicos do desfile. Antes de tomar qualquer decisão, os oficiais quiseram se certificar de que seu superior aprovaria e apoiaria a decisão; e o superior agiria do mesmo modo com seu comandante. De qualquer modo, todos os detalhes deveriam ser imediatamente repassados e avaliados por Stálin. Nesse caso em particular, não devemos acusar os oficiais soviéticos de não terem iniciativa nem de serem incapazes de tomar decisões próprias. Afinal, a parada militar em conjunto é uma manifestação política da intenção de ambas as nações para o restante do mundo. Ninguém pode resolver nada sem que cada detalhe receba o aval do mais alto nível político. É por isso que temos toda razão para acreditar que, do lado soviético, o principal diretor de cena desse espetáculo foi Stálin; ninguém mais ousaria assumir tamanha responsabilidade.

A essas alturas, Stálin não tinha medo algum de Hitler. Em agosto de 1939, Stálin trapaceou e, em setembro, abertamente fez Hitler parecer ridículo. O lado alemão foi representado pelo general Heinz Guderian. Sua patente era igual à de tenente-general e, nessa época, ele era comandante de corpo de batalha. De acordo com a tradição e com a etiqueta militar diplomática, o lado soviético deveria ser representado por um comandante de igual patente. Porém, Stálin enviou Semion Krivochein, comandante de brigada, cuja patente era *Combrig* — duas patentes abaixo de Guderian. Havia muitos oficiais seniores soviéticos em Brest naquele momento, cuja patente igualava-se à de Guderian, incluindo o comandante do 4º exército, *Comcor* Vassíli Tchuikóv. No entanto, Stálin decidiu enviar um simples *Combrig* à parada em conjunto.

A mensagem de Stálin a Hitler era simples: Você enviou um comandante de corpo de batalha para me saudar, mas apenas merece ser saudado por um simples *Combrig*.

E isso não foi tudo. Stálin optou por enviar um comandante de brigada que meses antes estivera na Espanha, onde lutara bravamente contra os Panzers alemães. Por fim, Stálin decidiu humilhar Hitler ainda mais. Semion Krivochein, o oficial comandante soviético da parada militar nazissoviética de Brest... era judeu.

A maioria dos historiadores contemporâneos acredita que Stálin, com medo de Hitler, tentou não lhe dar nenhum motivo para atacar. A atitude de Stálin, em setembro de 1939, prova o contrário.

17

A armadilha de Stálin para Hitler

Conforme esse acordo, constatou-se que Hitler iniciou a guerra. Isso seria benéfico para nós, do ponto de vista militar e moral. Com tal ação, ele provocaria a guerra contra a França e a Inglaterra, atacando a Polônia. E nós poderíamos permanecer neutros.

N. Khruschov

Stálin revelou-se um raro estrategista, que sabia planejar a história; um tático fenomenal, que organizava vitórias sob bandeiras estrangeiras — e com mãos estrangeiras.

A. Avtorkhanov,
*Origens da partidocracia**

No início de maio de 1939, na fronteira da Mongólia com a China, perto do rio Khálkhin-Gol, houve um conflito armado entre tropas soviéticas e japonesas. A Mongólia estava sob o controle soviético, e o território adjacente chinês estava ocupado pelo Japão. O embate entre as tropas soviéticas e japonesas transformou-se em batalhas, às quais compareceram aviação, artilharia e tanques. Ninguém declarou guerra, mas a intensidade das operações cresceu. Em 1º de junho de 1939, o governo da União Soviética declarou, oficialmente: "Defenderemos a fronteira da República Popular da Mongólia como defendemos as nossas".[1]

As atividades prosseguiram de acordo com tais palavras. Precisamente nesse dia, 1º de junho de 1939, o representante do comando da região militar da Bielo-Rússia,

* N.T.: Neologismo. Forma de governo em que prevalece a vontade de um ou mais partidos políticos, e não a vontade de indivíduos políticos.

G. K. Jukov, voou de Moscou para a Mongólia. Ali, ele assumiu o comando das tropas soviéticas e mongólicas e defendeu a Mongólia da agressão japonesa, exatamente como teria defendido o território de sua pátria.

Stálin ordenou que as tropas soviéticas na Mongólia recebessem as mais modernas armas. Sob ordens diretas dele, um grupo dos melhores pilotos soviéticos, os quais tinham experiência de batalha na Espanha e na China, foi enviado à Mongólia. Cada piloto, em batalhas anteriores, havia abatido no mínimo dez aviões inimigos. Esses pilotos conseguiram virar a situação e ficar com a vantagem, estabelecendo o domínio do ar sobre o local de operações. Em 20 de agosto de 1939, nos céus da Mongólia, cinco caças soviéticos I-16, pela primeira vez, usaram com êxito mísseis ar-ar RS-82, equipados com detonadores remotos.[2]

Cada lado aumentou seu poder. As tropas soviéticas, sob o comando de Jukov, formaram o grupo do primeiro exército. As forças japonesas, o sexto exército. No decurso de batalhas exaustivas e prolongadas, Jukov preparou uma solução radical para o problema — a súbita e esmagadora derrota do sexto exército japonês.

Enquanto isso, a tensão crescia na Europa. Hitler exigia a revisão do Tratado de Versalhes. De acordo com esse tratado, a Prússia oriental ficava separada da maior parte da Alemanha, e a cidade de Danzig* foi declarada livre. Hitler exigia um corredor no território polonês para construir uma rodovia expressa e uma ferrovia ligando a Prússia oriental à Alemanha. Além disso, Danzig deveria se tornar parte da Alemanha. O governo polonês recusou-se a satisfazer a exigência de Hitler. A Grã-Bretanha garantiu a segurança da Polônia. Assinaram-se tratados que garantiam ajuda mútua entre Grã-Bretanha, França e Polônia. Os governos da Grã-Bretanha e da França decidiram atrair a União Soviética para seu lado. Esse foi um erro fatal e monstruoso.

Se a URSS estivesse interessada em preservar a paz na Europa, não precisaria de acordos com a Grã-Bretanha e a França. Stálin teria resolvido sozinho o problema da segurança europeia; bastava-lhe deixar sua posição clara para Hitler. Se Hitler iniciasse uma guerra contra a Polônia, não mais receberia da União Soviética petróleo, cereais, algodão, ferro, magnésio, cromo, zinco, níquel e estanho. Sem isso, Hitler não poderia entrar em uma guerra. Era possível até dar um ultimato mais veemente: declarar, independentemente da Grã-Bretanha, da França e da Polônia, que a União Soviética defenderia o território polonês da agressão alemã como se fosse território soviético — tal como a Mongólia fora defendida da agressão japonesa. Não interessava que o governo polonês talvez não quisesse ter tropas soviéticas em seu território; quando a Alemanha esmagasse o exército polonês e desmantelasse seu governo, o Exército Vermelho entraria na Polônia e lutaria contra a Alemanha. Uma invasão da Polônia pelos alemães seria um sinal para que o Exército Vermelho se preparasse para

---

* A cidade teve esse nome durante a ocupação alemã, de 1793 a 1945; hoje chama-se Gdansk.

agir. Após a queda do estado polonês, seu povo continuaria a resistir e aceitaria qualquer ajuda que a União Soviética estivesse pronta para oferecer — e em quantidade ilimitada.

No verão de 1939, Hitler deveria ter se lembrado de que os soviéticos — pilotos, sapadores, tanquistas, artilheiros e sabotadores — lutaram na Espanha contra especialistas militares alemães. Lá, a guerra durou quase três anos. Enviar soldados e armas à Espanha era difícil; mas a Polônia não era a Espanha. A Polônia ficava muito mais perto. A União Soviética poderia enviar qualquer número de "voluntários" para a Polônia — cinco ou dez milhões, mais qualquer número de tanques, aviões e artilharia. Hitler deveria ser alertado de que, no evento de agressão contra a Polônia, a União Soviética daria asilo a refugiados poloneses e receberia qualquer número de crianças polonesas; daria treinamento a civis poloneses, aos quais forneceria o equipamento necessário. Nesse caso, a guerra contra a Polônia jamais teria sido uma guerra-relâmpago. Seria uma guerra de atrito, e a Alemanha não tinha recursos para isso. Assim Stálin deveria ter se portado. No entanto, por algum motivo, ele insistiu em manter conversações com a Grã-Bretanha e a França.

Se um novato sentar-se para jogar cartas com um profissional, normalmente cometerá um único erro: pegar as cartas. Em 11 de agosto de 1939, delegações britânicas e francesas chegaram a Moscou para conversações sobre a ação conjunta contra a Alemanha. Tanto os governos da Grã-Bretanha como os da França repetiram o erro do jogador novato. Sentaram-se à mesa com os profissionais de Stálin — e perderam. Nem o enviado britânico nem o francês compreenderam as intenções de Stálin. O plano deste, na verdade, era muito simples: forçar a França e a Grã-Bretanha a declararem guerra à Alemanha, ou empurrar Hitler para uma ação que obrigaria esses dois países a declararem guerra à Alemanha.

Ao saber que os governos da Inglaterra e da França tinham aprovado essas conversações, Stálin imediatamente viu-se em uma situação em que não poderia perder. Para ele, duas opções se abriam: ou a delegação soviética apresentaria novas exigências e forçaria a Grã-Bretanha e a França a iniciar uma guerra com a Alemanha, ou as conversações falhariam com a recusa da Grã-Bretanha e da França de invadir a Alemanha. Neste último caso, seria possível acusar a Grã-Bretanha e a França de indulgentes demais com o agressor, e o próprio Stálin assinaria um pacto com Hitler.

A delegação soviética expôs exigências insaciáveis: não temos fronteira com a Alemanha, portanto, nossos soldados precisam de um corredor através da Polônia.

Tal exigência era inaceitável para a Polônia e desnecessária para a União Soviética. Inaceitável porque o governo polonês e seu povo conheciam a natureza do Exército Vermelho e da polícia secreta soviética. Em 1920, os poloneses viram o Exército Vermelho em seu país e entenderam que essa nova chegada de "libertadores" seria convertida em ocupação, fuzilamentos em massa e terror em todas as cama-

das da sociedade. Muitos meses após essas conversações, Estônia, Letônia e Lituânia permitiram o assentamento de guarnições militares em seu território — e caíram na escravidão comunista, que durou meio século. Se Stálin queria paz, de que serviria o corredor na Polônia? K. E. Vorochílov, membro do Politburo, comissário de defesa do povo e marechal da União Soviética, declarou durante as conversações: "Já que a União Soviética não tem fronteira comum com a Alemanha... não há estradas para combater o agressor".[3]

A ausência de fronteiras com a Alemanha de Hitler foi de grande valia para a União Soviética. Se esta pensava em termos de defesa ou neutralidade em caso de guerra, o Exército Vermelho não precisaria de corredor para atravessar o território polonês. Porém, Stálin não planejava nenhuma defesa, muito menos ficar neutro na guerra. Ele precisava de corredores através do território polonês porque, de um lado, pretendia estabelecer o regime comunista na Polônia e, de outro, o corredor permitiria um ataque-surpresa às costas da Alemanha, caso esta entrasse em guerra contra a França e a Grã-Bretanha. Não havia outro uso possível para essa passagem através da Polônia.

Houve outras propostas do lado soviético: deixar que a França e a Grã-Bretanha iniciassem a guerra contra a Alemanha, não só em caso de agressão direta alemã, mas também de "agressão indireta".[4] O significado de "agressão indireta" apenas Stálin e seus diplomatas conheciam. Se as propostas da delegação soviética fossem aceitas, Stálin (justificadamente) poderia exigir que a França e a Grã-Bretanha declarassem guerra à Alemanha, em resposta a qualquer ação do governo alemão. O conceito era muito abrangente; qualquer coisa poderia ser rotulada de "agressão indireta". O palco de guerra, nesse caso, foi simplificado: em resposta à atitude da Alemanha, a França e a Grã-Bretanha, de acordo com as exigências de Stálin, seriam forçadas a agir. A União Soviética também agiria, mas em território polonês, e não em seu próprio território. Muito conveniente e seguro.

De qualquer modo, o cenário principal de operações aconteceria entre França e Alemanha; em seguida, tropas soviéticas realizariam ataques decisivos pela retaguarda das forças alemãs, graças ao território polonês.

Durante as conversações, as delegações francesa e britânica, querendo provar a seriedade de suas intenções, deram aos soviéticos informações importantes, que jamais deveriam cair nas mãos de Stálin.

Stálin sabia que a Grã-Bretanha e a França tinham dado garantia à Polônia. Entretanto, até onde honrariam sua palavra? Ambas as delegações afirmaram que honrariam. Se Hitler iniciasse uma guerra contra a Polônia, França e Grã-Bretanha declarariam guerra à Alemanha. Essa era exatamente a informação que Stálin queria ouvir. Hitler pensava que a invasão à Polônia ficaria impune, tal como a entrada de tropas alemãs na zona desmilitarizada do Reno; tal como a *Anschluss* (anexação) da

Áustria; tal como a tomada da Tchecoslováquia. Agora, Stálin sabia que Hitler seria punido por invadir a Polônia. A chave de ignição da Segunda Guerra Mundial caíra nas mãos de Stálin. Restava-lhe apenas dar sinal verde a Hitler: ataque a Polônia. Não agirei contra você (mas a França e a Inglaterra declararão guerra contra você).

Meio século depois, os generais soviéticos lentamente começaram a admitir que Stálin e o Exército Vermelho abriram o caminho para Hitler invadir a Polônia. O general A. Maiorov declarou: "Ao planejar a invasão da Polônia, a Alemanha temia, antes de tudo, a União Soviética — não a Inglaterra nem a França. Precisamente por isso, os líderes fascistas se apressaram para concluir um pacto com a URSS sobre a invasão".[5]

O comandante do GRU, general P. I. Ivashútin, expressou-se com maior clareza: "Com esse pacto, Hitler desatou as mãos para agredir".[6] E simplesmente afirmou que se Stálin não tivesse assinado um pacto com Hitler, não teria havido invasão na Polônia nem a Segunda Guerra Mundial.

Se Stálin queria a paz, em agosto de 1939, ele teve muitas oportunidades de evitar a guerra. Uma delas seria seguir o exemplo da Grã-Bretanha e da França e dar garantias de segurança à Polônia. Ou, poderia simplesmente ter divulgado sua conversa com a França e a Grã-Bretanha — o que serviria de advertência a Hitler: invada a Polônia, mas tenha em mente que a Europa inteira está contra você. Estamos reunidos aqui em Moscou, e tudo o que temos de fazer é bloquear a Alemanha. No entanto, Stálin escolheu outro caminho. Em 12 de agosto de 1939, as delegações militares da URSS, da Grã-Bretanha e da França iniciaram as conversações em Moscou. O marechal soviético Vorochílov conduziu abertamente as conversações da França e da Grã-Bretanha sobre "conter a agressão de Hitler à Europa". Nos bastidores, entretanto, as coisas ocorreram de modo diferente. Em 11 de agosto — antes mesmo de iniciarem as conversações — Stálin tomou a decisão de começar a negociar com a Alemanha a divisão da Polônia.[7] Ele mostrou ao mundo toda a boa vontade em deter os ataques de Hitler, mas simultaneamente (e até antes) ofereceu ao ditador alemão uma mão amistosa e generosa. Dessa forma, Stálin salvaguardou-se do desastre, independentemente do que acontecesse. A Grã-Bretanha, a França e a Alemanha estavam claramente prestes a entrar em uma briga feia. Stálin manteve — aberta ou secretamente — relações amistosas com todos os partícipes dessa briga e, ao mesmo tempo, incitou-os a atuar cada vez mais de forma agressiva.

Em 19 de agosto de 1939, Stálin tomou uma série de importantes decisões, que tiveram consequências na história do mundo. Nesse dia, ele decidiu interromper as conversações com a Grã-Bretanha e a França. No mesmo dia, o embaixador alemão em Moscou, Friedrich von der Schulenburg, recebeu um rascunho de Stálin sobre o acordo mútuo pendente, informando que "o acordo somente entrará em vigor com a assinatura simultânea do protocolo especial sobre os pontos de interesse das partes

acordantes, no que diz respeito à política externa".[8] Hitler não sabia que assinar esse acordo significaria a eclosão da Segunda Guerra Mundial; porém, Stálin sabia.

Ainda no mesmo dia — 19 de agosto —, de acordo com as ordens de Stálin, a União Soviética iniciou a mobilização do Exército Vermelho. Antes, Stálin aprovara sem restrições o desencadeamento de uma operação esmagadora que derrotara o sexto exército japonês na Mongólia. Em 19 de agosto de 1939, um telegrama codificado de Jukov informou-o que o objetivo principal havia sido atingido, ou seja, que os japoneses nem suspeitavam do ataque iminente. Stálin, então, deu sua aprovação, e Jukov derrotou o sexto exército japonês. Jukov conduziu uma operação brilhantemente inesperada, rápida e audaciosa. A derrota fulminante do sexto exército japonês foi um prelúdio para a Segunda Guerra Mundial.

Também nesse mesmo dia, 19 de agosto de 1939, houve uma reunião secreta do Politburo com um discurso de Stálin. Essa reunião do Politburo nunca foi relatada. Ao contrário, muito esforço foi despendido para convencer o mundo de que ela nunca aconteceu. O próprio Stálin disse ao jornal *Pravda*, em 30 de novembro de 1939, que qualquer relatório sobre uma reunião do Politburo em 19 de agosto de 1939 era "pura invenção e mentira".

Anos passaram-se. A União Soviética apodreceu e desmoronou. Alguns arquivos foram abertos. O conselheiro do presidente russo, coronel-general D. A. Volkogonov, publicou um artigo no jornal Izvestia*, em 16 de janeiro de 1993. Houve mesmo uma reunião do Politburo em 19 de agosto de 1939, cujos protocolos o general tinha em mãos. Volkogonov relatou que apenas as questões secundárias discutidas nessa reunião foram preservadas nos arquivos. No entanto, mesmo essa simples afirmação significou um fim às mentiras públicas. Com uma única linha em um artigo de jornal, o general Volkogonov revelou as mentiras de todos os líderes soviéticos — incluindo Stálin.

Durante esse tempo, os cientistas mais corajosos e honestos continuaram a busca. E o documento foi encontrado; estava guardado nos arquivos especiais da URSS, fundo 7, índice 1, documento 1223. Tatiana Semionóvna Bushúeva, talentosa historiadora russa, encontrou-o. Foi publicado primeiramente na revista Nóvii Mir**, em dezembro de 1994. Esse documento provou, finalmente, que houve mesmo uma reunião do Politburo nessa data. Descobriu-se que Stálin realmente discursou, não sobre problemas secundários, mas sobre os problemas principais. Revelou-se que Stálin falou sobre assuntos de primeira, e não de secundária importância.

A comunidade histórica russa ainda nega a validade desse documento, alegando que não está claro como nem quando ele foi escrito. Por outro lado, muitos docu-

---

* N.T.: Izvéstia significa, entre outras coisas, "notícias", "relatos".

** N.T.: *Nóvii Mir* significa Novo Mundo.

mentos recentemente divulgados apoiam sua veracidade. Analisemos, por exemplo, um registro do diário do secretário geral da Internacional Comunista, Gueórgui Dimítrov, feito em 7 de setembro de 1939. Na companhia de Molotov e Jdánov, Stálin explicou sua nova linha de política externa ao líder da Internacional Comunista: "A guerra é entre dois grupos de nações capitalistas, [...] mas não estamos contra ela, desde que os dois lutem e se enfraqueçam. Seria bom se a Alemanha pudesse desestabilizar as posições das mais ricas nações capitalistas (e da Inglaterra em especial). Hitler, sem saber, está enfraquecendo as fundações do sistema capitalista. [...] Nós, enquanto isso, podemos manipular e jogar um país contra o outro, para essa luta ficar mais intensa".[9]

A seguir, como fonte de comparação, leiamos vários excertos do discurso de Stálin na reunião do Politburo em 19 de agosto de 1939: "Se aceitarmos a proposta da Alemanha sobre a conclusão de um pacto referente à invasão, ela sem dúvida atacará a Polônia, caso em que o envolvimento da França e da Inglaterra na guerra será inevitável. A Europa ocidental ficará sujeita a grandes desordens e distúrbios. Sob tais condições, teremos muita chance de ficar fora do conflito e, então, poderemos contar com uma entrada vantajosa na guerra. [...] É do interesse da URSS — pátria-mãe dos trabalhadores — que haja guerra entre o Reich e o bloco capitalista anglo-francês. É necessário fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para prolongar essa guerra o máximo possível, a fim de exaurir ambos os lados. Precisamente por essa razão, devemos concordar em assinar o pacto proposto pela Alemanha e depois trabalhar para que essa guerra, uma vez declarada, dure o máximo de tempo possível".

Em 1924, Hitler escreveu em seu livro *Mein Kampf* (capítulo XIV): "Só o fato de encerrar uma aliança entre a Alemanha e a Rússia significaria a certeza de uma futura guerra, cujo resultado seria predeterminado. Uma guerra assim apenas poderia significar o fim para a Alemanha".[10] Quinze anos passaram-se e, em 19 de agosto de 1939, o primeiro-ministro e comissário do povo de relações exteriores da URSS, Viatcheslav Molotov, sob as ordens de Stálin, entregou ao embaixador da Alemanha em Moscou, von der Schulenburg, um plano para o pacto de não agressão. As propostas de Stálin eram tão atraentes que Hitler aceitou, mas ele havia previsto corretamente seu destino. Como escrevera, a aliança com Moscou significava guerra inevitável, cujo resultado era predeterminado. Essa guerra significaria o fim para a Alemanha de Hitler.

18

Resultados do pacto de Moscou

Stálin era mais astuto que Hitler. Mais astuto e mais dissimulado.

A. Antonov-Ovseenko

Em 23 de agosto de 1939, a Alemanha e a União Soviética assinaram em Moscou um acordo sobre a destruição do estado polonês e a divisão de seus territórios. A Polônia tinha acordos de assistência mútua com a França e o Reino Unido; portanto, o ataque da União Soviética e da Alemanha conduziu toda a Europa — e naturalmente o mundo — à guerra. De fato, oito dias depois, em 1º de setembro de 1939, estourou a Segunda Guerra Mundial. Era o resultado direto e inevitável do acordo feito em Moscou.

O acordo entre União Soviética e Alemanha é tradicionalmente chamado Pacto Molotov-Ribbentrop, o que induz a confusões e não reflete bem a essência do que aconteceu. O pacto, assinado em Moscou, foi um complô entre Hitler e Stálin para conduzirem juntos uma guerra agressiva na Europa. Portanto, esse documento era um pacto Hitler-Stálin. Além disso, na prática internacional, é muito mais comum usar não os nomes dos estadistas que fazem o acordo, mas o lugar onde os papéis foram assinados: acordos de Munique, Pacto de Varsóvia, Pacto de Bagdá e Acordo de Genebra. Assim, de acordo com a prática diplomática geral, o nome mais adequado ao pacto seria Acordo de Moscou de 1939 sobre o Início da Segunda Guerra Mundial. Ambos os partidos ficaram com fatias equivalentes: uma parte da Polônia ficou com Hitler, a outra, com Stálin. Entretanto, oito dias após assinar o pacto de Moscou, Stálin o violou. Hitler iniciou uma guerra de agressão contra a Polônia, na esperança de que seu aliado, Stálin, tivesse a mesma atitude. Porém, Stálin enganou Hitler. Em

1º de setembro e nas duas semanas subsequentes, as tropas soviéticas posicionaram-se nas vizinhanças da fronteira polonesa, sem atacar nem invadir. A explicação que o governo soviético deu ao parceiro alemão foi que ainda não era o momento de o Exército Vermelho entrar em ação. O resultado é que a Alemanha levou a culpa toda de ter iniciado a guerra, à custa de Hitler e de seus seguidores; Hitler e seus generais entraram para a história mundial como a causa principal e única da Segunda Guerra Mundial. A Polônia foi dividida não na Chancelaria Imperial, mas no Kremlin. Hitler nem estava presente, mas Stálin estava. E Hitler ficou com a responsabilidade de ter iniciado a guerra, enquanto Stálin, não. Stálin entrou para a história como vítima inocente, libertador da Europa.

A invasão da Polônia pelas tropas alemãs teve outras consequências: em 3 de setembro de 1939, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha. Logo no terceiro dia, a Alemanha envolveu-se em uma guerra de duas frentes; ou seja, começou em desvantagem. Já que a Alemanha praticamente carecia de matéria-prima estratégica, uma guerra em duas frentes seria fatal para ela.

A falta de matéria-prima não apenas impediria a Alemanha de levar adiante uma guerra de duas frentes, como ainda prolongaria a guerra de uma única frente. A única esperança estava na *Blitzkrieg*, com derrota imediata do adversário. A França poderia ser vencida em um ataque relâmpago, mas a Grã-Bretanha era uma nação insular. Para derrotá-la, longos e cuidadosos preparativos eram necessários, bem como uma marinha tão ou mais poderosa que a britânica; e o domínio do ar também precisava ser conquistado. A marinha alemã era bastante inferior à britânica; a força aérea alemã era insuficiente para esmagar a indústria britânica e alcançar o domínio do ar. Assim, no terceiro dia, a guerra já se afigurava longa e pouco promissora para a Alemanha.

Além disso, a Grã-Bretanha tinha relações fraternas com os Estados Unidos, que poderiam se unir a ela no momento que julgassem conveniente. A Alemanha não tinha aliados similares. Hitler apenas poderia contar com a amizade de Stálin enquanto desfrutasse de muito poder; em uma guerra prolongada contra a Grã-Bretanha e seus aliados, Hitler acabaria sem recursos de forma inevitável. Em setembro de 1939, o governo alemão repetidamente lembrou o governo soviético de suas obrigações e exigiu que o Exército Vermelho invadisse a Polônia, de acordo com o pacto. O governo soviético recusou-se — não de imediato, mas com atraso de dois ou três dias. Por exemplo, em resposta à ação germânica de 3 de setembro, o chefe do governo soviético e seu ministro do exterior, Viatchesláv Molotov, responderam em 5 de setembro: "Concordamos que devemos adotar uma atitude concreta no momento apropriado. Entretanto, consideramos que tal momento ainda não chegou. Talvez estejamos enganados, mas a precipitação pode nos prejudicar e facilitar a unificação dos inimigos".[1]

O governo alemão continuou insistindo e ouvindo recusas. As unidades do Exército Vermelho deram início à ação militar na Polônia apenas depois de duas semanas e meia, em 17 de setembro. As tropas de Stálin cometeram atrocidades similares, ou talvez até piores, na Polônia, mas nem a Grã-Bretanha nem a França declararam guerra à União Soviética. Esses dois países e seus aliados estavam interessados em evitar que a Alemanha recebesse recursos estratégicos dos soviéticos. Para isso, seria necessário manter Stálin como aliado, a qualquer custo. No caso de uma guerra entre a Alemanha e a União Soviética, não poderiam deixar que o Exército Vermelho fosse derrotado.

O resultado do pacto assinado em Moscou, em 1939, é que Stálin conseguiu a guerra — a guerra que ele desejara, planejara e preparara durante longo tempo. As nações da Europa ocidental mergulharam em uma guerra destruidora, mas a União Soviética permaneceu neutra. Agora, Stálin poderia esperar a exaustão total e a autodestruição da Europa central e ocidental. Hitler adivinhou as intenções de Stálin e, em 1941, súbita e quase fatalmente, atacou a União Soviética. Nessa situação crítica, Stálin recebeu ajuda gratuita dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, uma ajuda que em volume e qualidade não teve precedente histórico. Ao mesmo tempo, o papel soviético na eclosão da guerra foi rápido e totalmente esquecido. No cômputo final, a Polônia, por cuja liberdade as nações da Europa ocidental haviam entrado na Segunda Guerra Mundial, não ganhou a liberdade — mas foi entregue, juntamente com toda a Europa central e parte da Alemanha, ao controle de Stálin.

Costuma-se considerar a Grã-Bretanha e a França vitoriosas. Contudo, isso é claramente um equívoco. O propósito de esses dois países entrarem na Segunda Guerra Mundial era garantir a independência da Polônia, e esse objetivo não foi atingido no fim da guerra; portanto, não há por que celebrar vitória.

Como resultado do pacto de Moscou, Hitler cometeu suicídio, e Stálin tornou-se o governante inconteste de um enorme império antiocidental, criado com a ajuda do Ocidente. Ao mesmo tempo, Stálin conseguiu manter a imagem de simplório ingênuo e confiável, enquanto Hitler entrou para a história como vilão de duas caras. Acredita-se que Stálin não estava pronto para a guerra, e Hitler estava. No entanto, quem ganha a guerra é quem se prepara para ela dividindo os inimigos e manipulando-os para que briguem entre si — e não quem faz grandes declarações.

19

Blitzkrieg na Polônia e na Mongólia

Foram os russos os primeiros a levar adiante a ideia de reunir unidades móveis.

Coronel-general F. Halder,
chefe do estado-maior do exército terrestre alemão

Em agosto de 1939, além de um golpe esmagador, houve outras opções possíveis de ação no Rio Khálkhin-Gol, na Mongólia. As tropas soviéticas, por exemplo, poderiam assumir posições defensivas e adiar o ataque preparado. A agressão sempre é arriscada. No caso de êxito dos soviéticos, o Japão teria recebido uma lição que duraria muitos anos. No caso de fracasso, o mundo inteiro falaria dos expurgos do exército de Stálin e o acusariam de ter criado um exército inepto para a luta. Além disso, no caso de fracasso, Jukov talvez fosse executado, mas seu sangue não lavaria a desgraça militar.

No sábado, 19 de agosto de 1939, Stálin enviou a Jukov uma única palavra codificada: "Bom". Horas depois, Jukov deu o golpe. Em Moscou, esse dia histórico — 19 de agosto — já tinha terminado, mas na Mongólia o sol ainda erguia-se para um novo dia. Às 5h45 da manhã, 153 bombardeiros soviéticos, escoltados pelo número correspondente de caças, realizaram um raide sobre as bases aéreas japonesas e os postos de comando. A artilharia uniu-se aos atacantes de imediato; sua ação foi curta (2 horas e 45 minutos), mas incrivelmente intensa e potente. No decurso da ação da artilharia, a aviação soviética iniciou um segundo raide, e às 9h00 os tanques furaram as defesas japonesas. O plano de Jukov era simples: operar na clássica formação de cerco em anel. Jukov tinha um centro relativamente fraco e dois grupos de flancos poderosos. O centro apenas seguraria o inimigo, enquanto os grupos de

flancos não entrariam em longas batalhas, mas cercariam os focos principais de resistência e avançariam com firmeza. Em 23 de agosto — no quarto dia do ataque — o cerco em volta das tropas japonesas apertou-se, e a vitória começou.[1]

A operação em Khálkhin-Gol foi brilhante em planejamento e execução. Jukov arriscou-se bastante, mas de forma justificável. Ele ordenou que as bases do ar chegassem o mais perto possível das linhas de frente, o que permitia aos aviões levarem menos combustível e mais bombas. A intensidade do ataque por ar cresceu: os aviões decolavam e, mesmo antes que atingissem a altitude de cruzeiro, descarregavam as bombas, voltavam rapidamente, recebiam mais bombas a bordo e repetiam o processo. Quando os tanques soviéticos já tinham avançado bastante, a aviação pôde apoiá-los sem deslocamento das bases. Jukov levou hospitais e bases de provisões à linha de frente, com munição e combustível; o que fosse necessário para a batalha era transportado de forma rápida e eficiente. A retirada de feridos era rápida; assim, após um curto tempo, o soldado ferido já estava na mesa cirúrgica. Jukov mudou seu posto e o dos demais comandantes para a linha de frente, a fim de ter boa visão pessoal do panorama da batalha. Quando as tropas avançavam, não lhe era difícil levar seu posto à frente. Durante os preparativos dessa ofensiva, Jukov proibiu quase todo o uso das comunicações por rádio; elas eram feitas principalmente através de cabos telegráficos, em curtas sentenças, compreensíveis apenas pelos dois que conversavam. A operação foi preparada em segredo total. Cada oficial recebia diretrizes enquadradas apenas em seu raio de ação, e não tinha noção do plano geral, de sua abrangência nem da data da ofensiva. Na verdade, muita gente não sabia nada sobre a ofensiva. Jukov enganou não apenas os espiões japoneses, mas, antes de tudo, seus soldados e oficiais. Até o último momento, eles pensaram que se preparavam para um longo período defensivo. Se os próprios soviéticos acreditavam nisso, certamente o inimigo também acreditava.

A ausência de informações trouxe o resultado esperado: nunca houve derrota tão aniquiladora em toda a história japonesa. O massacre do sexto exército japonês em Khálkhin-Gol teve consequências trágicas. O ataque do Japão visando à Mongólia e à União Soviética foi frustrado, e seus generais decidiram não mais se arriscar. A partir daí, eles se voltaram para outra direção: contra os Estados Unidos e as colônias britânicas. No outono de 1941, durante os meses críticos da União Soviética, os generais japoneses tinham bem fresco na memória o desastre de Khálkhin-Gol e não se atreveram a atacar.

Khálkhin-Gol foi a primeira guerra-relâmpago do século XX; uma *Blitzkrieg* em sua mais pura forma. Trata-se da primeira vez na história em que grandes unidades de tanques foram usadas corretamente: para ataque em profundidade. Foi o grande exemplo de concentração invisível de artilharia em áreas restritas da linha de frente. Também foi um exemplo de ataque totalmente surpresa; nos primeiros 90 minutos

de batalha, a artilharia japonesa não disparou um único tiro e nenhum avião japonês apareceu no céu.

Nos dias em que o exército soviético conduzia as operações em Khálkhin-Gol, o exército alemão não tinha nenhuma experiência em ofensivas fulminantes; tampouco realizava operações de treino em larga escala, usando grandes quantidades de tanques para invadir e penetrar fundo nas defesas inimigas. O comando alemão planejava realizar o primeiro treino desse tipo no outono de 1939.[2] Em virtude da invasão alemã na Polônia e do início da Segunda Guerra Mundial, esses exercícios de treino jamais foram feitos.

Em 29 de agosto de 1939, Stálin outorgou a Jukov o título de Herói da União Soviética pela vitória sobre o sexto exército japonês. Em 1º de setembro, a Alemanha atacou a Polônia. É interessante comparar as duas operações-relâmpago: a soviética na Mongólia e a alemã na Polônia. A diferença fica por conta de que o mundo inteiro testemunhou a atuação dos alemães na Polônia. Embaixadas de todas as nações do mundo estavam sediadas em Varsóvia; havia muitos estrangeiros ali e em outras cidades polonesas — jornalistas, principalmente. Todos foram testemunhas da guerra e a descreveram em jornais e revistas. A propaganda de Hitler mostrou ao mundo o assombroso êxito das tropas alemãs. Todos viram nas telas a ameaça e o terror: bombardeiros de mergulho rugindo em voos rasantes, despejando sua carga mortal e logo depois desaparecendo rapidamente entre as nuvens; tanques demolindo as barricadas polonesas e abrindo caminho para hordas de triunfantes motociclistas.

Por outro lado, a operação do Exército Vermelho na Mongólia foi realizada nas quentes planícies do deserto, longe da vista de observadores internacionais e jornalistas. Na época, poucos sabiam dessa operação. Por razões óbvias, o governo japonês não se apressou a contar ao mundo como seu sexto exército fora derrotado na Mongólia. Surpreendentemente, a propaganda soviética também não se apressou a anunciar a vitória.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o major-general D. Ortenberg era o editor-chefe do jornal militar *Krásnaia Zvezdá* (Estrela Vermelha). Era diretamente subordinado a Stálin, com quem teve várias reuniões. Antes da guerra, ele era editor-chefe do jornal *Grupo do Primeiro Exército*, em Khálkhin-Gol. O major-general D. Ortenberg atesta que Stálin proibiu pessoalmente a publicação de matérias sobre a derrota do sexto exército japonês. "Nos principais jornais, todas as matérias sobre Khálkhin-Gol foram para o lixo: havia uma ordem expressa de Stálin para não publicar nada sobre os eventos em Khálkhin-Gol."[3] Nós mesmos podemos verificar essa afirmação; basta folhearmos o *Pravda*, o *Izvéstia* e o *Krásnaia Zvezdá* dessa época — não há uma única palavra que relate a brilhante e fulminante vitória sobre um exército japonês inteiro!

Toda a propaganda soviética era severa e extremamente centralizada. O império de Stálin tinha o mais poderoso e aperfeiçoado sistema de censura. Nesse império,

qualquer material impresso somente poderia ser publicado após a permissão de um censor. Sem essa permissão, nem bilhetes de ônibus podiam ser impressos. O princípio de seleção de informação era muito simples: esconder defeitos, catástrofes e erros e elogiar os feitos alcançados. As fazendas produziam um pouco mais de leite, colhiam um pouco mais de batatas, uma nova fábrica era construída — essas eram as notícias relatadas. No entanto, aqui tínhamos uma verdadeira façanha: a derrota de um exército japonês inteiro. Tratava-se de um evento histórico sem precedentes. Durante a guerra entre russos e japoneses, entre 1904 e 1905, os russos haviam sofrido especialmente nas mãos dos japoneses. Ninguém havia derrotado os japoneses ainda. Fora uma revanche notável que merecia troféus. O Exército Vermelho abrira um novo capítulo na arte da guerra; a vitória fora conseguida por meio de um método nunca visto.

Porém, Stálin exigiu silêncio. Por quê? Porque estava preparando o mesmo tipo de vitória, só que em escala muito maior, em toda a Europa. O interesse de Stálin estava em ocultar o poder do Exército Vermelho, mantendo um véu sobre sua capacidade de lançar ataques-surpresa indefensáveis. O interesse de Stálin estava em deixar o mundo acreditar no atraso do Exército Vermelho e em sua incapacidade de enfrentar a guerra moderna. O interesse de Stálin era pegar Hitler de guarda baixa, não assustá-lo.

Em um primeiro olhar, a fulminante operação do Exército Vermelho na Mongólia e a *Blitzkrieg* alemã na Polônia não seriam comparáveis em tamanho. As tropas alemãs que invadiram a Polônia somavam 1,6 milhão de soldados e oficiais, enquanto o grupo soviético da Mongólia somava apenas 57.000 homens. Em número de pessoas, a operação alemã ultrapassou a soviética vinte e oito vezes. Contudo, se contarmos tanques e aviões, os números são comparáveis. A operação alemã contra a Polônia teve a participação de quatro vezes mais aviões e seis vezes mais tanques que a operação soviética na Mongólia. Os números estão na mesma escala.

Uma análise da qualidade de armas é ainda mais interessante. O Exército Vermelho usou bombardeiros de longo alcance na Mongólia; a Alemanha não tinha aviões similares.[4] Se examinarmos a qualidade dos tanques, o quadro também favorece o Exército Vermelho. O tanque que mais participou da *Blitzkrieg* na Polônia foi o Pz-I: havia 1.445. Era um tanque com motor de 100 HP. Os primeiros modelos tinham motores de 57 HP. O segundo, em número, foi o Pz-II; havia 1.226. Os primeiros modelos tinham motor de 130 HP; os últimos, 140 HP. A Alemanha contava com apenas 98 Pz-III e 211 Pz-IV. Desses tanques, os primeiros modelos tinham motor de 250 HP; os posteriores, 300 HP.

Em contraste, as tropas soviéticas na Mongólia usaram tanques BT-5, com motor de 400 HP, e também os BT-7, de 500 HP. A potência total dos motores de tanque utilizados na Mongólia era mais da metade da potência total dos utilizados pela Ale-

manha na Polônia. Na área do armamento de tanques, o Exército Vermelho claramente ultrapassou o exército alemão. Em Khálkhin-Gol, praticamente todos os tanques soviéticos foram armados com o mais poderoso canhão de tanques da época: canos de 45 mm e comprimento de 46 calibres. Além disso, os carros blindados soviéticos também foram armados com esse canhão. O exército alemão, ou qualquer exército do mundo, não tinha nada comparável na época. Durante a *Blitzkrieg* na Polônia, os tanques alemães, em sua maioria, não tinham nenhum canhão. O Pz-I apenas levava metralhadoras. O Pz-II tinha canhões de 20 mm; o Pz-III portava um fraco canhão de 37 mm, e havia menos de cem tanques desse modelo. O Pz-IV tinha um de 75 mm, de cano muito curto, inadequado para a batalha contra tanques inimigos.

Em 1939, a mesma disparidade pôde ser verificada entre o Exército Vermelho e a *Wehrmacht*, em termos de artilharia. A Alemanha entrou na Segunda Guerra Mundial com uma artilharia de campo desenvolvida na época da Primeira Guerra Mundial, enquanto o Exército Vermelho tinha os melhores canhões, obuses e morteiros do mundo, desenvolvidos nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. Para cada mil soldados alemães na *Blitzkrieg* da Polônia havia menos de dois tanques. Para cada mil soldados soviéticos na Mongólia havia quase nove tanques, muito mais poderosos. Em outras palavras, as tropas soviéticas, em Khálkhin-Gol, formaram um exército relativamente pequeno, mas foram equipados até o limite com as armas mais modernas e sofisticadas.

Havia uma grande diferença nas condições em que as operações foram conduzidas. Em setembro de 1939, as condições para realizar um ataque-relâmpago na Polônia eram perfeitas. A defesa contínua do exército polonês, ao longo do perímetro do país, era impossível. A Polônia, para seu infortúnio, era um lugar ideal para demonstrar as possibilidades dos tanques. A Polônia ocidental formava uma grande protuberância, cercada dos três lados pelo território alemão. A fronteira esticava-se por dois mil quilômetros; após a ocupação alemã da Tchecoslováquia, essa fronteira cresceu mais 800 quilômetros.[5]

O exército alemão não precisava romper nenhuma defesa. À frente, havia uma planície, ideal para avançar e totalmente inadequada para defender. O Rio Vístula corre na Polônia, mas não havia necessidade de atravessá-lo. As tropas de Hitler estavam posicionadas de ambos os lados do Vístula, e não havia outras barreiras d'água. Um ataque a Varsóvia poderia ser realizado de qualquer lado. A distância da Alemanha para Varsóvia era de 230 quilômetros, e a distância da fronteira da Prússia oriental até Varsóvia era de 110 quilômetros. Isso significa que não havia necessidade de deslocar as bases de suprimento; as tropas poderiam ser abastecidas em bases estacionárias, construídas nos tempos de paz. Não era necessário transferir milhares de toneladas de munição, combustível e outros equipamentos. Em teoria, um ataque a Varsóvia poderia ser realizado sem nem mesmo reabastecer os tanques; bastava abastecê-los

na Alemanha e avançar. Não havia defesas para combater, uma vez que a planície não oferecia condições. Não era necessário assentar hospitais de campo, porque os feridos podiam ser transferidos para os hospitais estacionários dos tempos de paz. As bases aéreas também não precisavam ser transferidas; a força aérea podia orquestrar as missões a partir de bases permanentes. Os postos de comando com linhas de comunicação também eram fixos, em depósitos subterrâneos. Apenas pequenos grupos móveis de comandantes precisavam se deslocar.

Entretanto, nem tudo corria tão bem na Polônia como a propaganda de Goebbels mostrava e conforme descrito por alguns modernos seguidores de Hitler. Por algum motivo, não é comum falar nisso; mas a *Blitzkrieg* alemã na Polônia falhou. Em 15 de setembro de 1939, duas semanas após o início da Segunda Guerra Mundial, as atividades da força aérea alemã caíram substancialmente; o exército alemão estava quase sem combustível. Esse era o nível de conhecimento de Hitler e de seus generais sobre a arte da moderna guerra.

Esqueçam todas as lendas contadas por marechais soviéticos e acadêmicos sobre o Exército Vermelho ter entrado na Polônia em 1939 com medo de que os alemães marchassem direto para Moscou. Hitler não tinha tanto poderio bélico. Ainda que ele se dirigisse a Moscou em outubro de 1939, aconteceria o mesmo fato ocorrido a seu valoroso exército em outubro de 1941: afundaria na lama. A *Wehrmacht* carecia de combustível, bombas e munição necessários para entrar em guerra com a União Soviética. Em 1939, o Exército Vermelho entrou na Polônia por razões diferentes; a mais importante era o temor de que a *Blitzkrieg* de Hitler fosse interrompida, pois já dava sinais de enfraquecimento. A ofensiva de Stálin na Polônia permitiu que Hitler transferisse forças da frente oriental para a ocidental, com o máximo de eficiência. Imaginem a situação: todos os carros e tanques alemães parados e aviões que não podem voar. O exército alemão tinha muitos cavalos, embora fossem animais de tração, e não de cavalaria. Nessa situação, a cavalaria polonesa poderia ter mostrado o que significava a superioridade em mobilidade estratégica. No entanto, uma vez mais, Stálin salvou Hitler.

Do ponto de vista estratégico, a operação na Polônia foi um fracasso total para Hitler e seus generais. Foi o primeiro ato suicida da Alemanha de Hitler: ela entrou na guerra tendo um único inimigo — a Polônia — e, em dois meses, acabou de forma brilhante sendo inimiga da Grã-Bretanha, França, Índia, Austrália, Nova Zelândia, Canadá e, potencialmente, dos Estados Unidos. Uma *Blitzkrieg* não poderia ganhar a guerra contra todas essas nações, e Hitler não tinha outras opções. O resultado da *Blitzkrieg* na Polônia foi que Hitler conseguiu uma fronteira comum com a "neutra" União Soviética. Ao estar em guerra com todo o mundo, Hitler estaria mais bem servido com uma fronteira com a Polônia, em vez da União Soviética, pois qualquer coisa poderia vir do camarada Stálin.

Mais uma coisa: a Polônia não foi esmagada pela *Blitzkrieg*.

Imediatamente após a queda do governo de Varsóvia, outro governo foi criado em Londres, o qual foi reconhecido pela maioria dos países do mundo e pela Liga das Nações. De acordo com a tradição polonesa, formaram-se secretamente governos regionais e um estado no território ocupado. Forças armadas renasceram. Usando os métodos mais cuidadosos, o exército polonês chegou a somar 350.000 soldados e oficiais bem treinados, organizados e armados. Além disso, os poloneses lutaram contra Hitler em todas as frentes: Grã-Bretanha, França, Itália, África, Holanda e União Soviética. Com início em 1939, as formações polonesas que combatiam constantemente Hitler rondavam a casa de um milhão de pessoas. A *Blitzkrieg* começou em 1939 na Polônia e terminou em 1945 com a invasão de Berlim, onde o primeiro e o segundo exércitos da Polônia tomaram parte.

Ensinam-nos que Stálin expurgou um exército que depois de 1937-1938 passou a não valer nada. Por algum motivo, Khálkhin-Gol e o ano de 1939 foram esquecidos.

Em 1939, o Exército Vermelho teve uma experiência única e valiosa, rompendo a poderosa defesa do exército japonês na Mongólia. Nessa época, nenhum exército do mundo tivera experiência igual. A partir desse evento, tiraram-se conclusões acertadas: era preciso dar mais atenção ao rompimento de defesas e deveriam ser desenvolvidas armas mais sofisticadas, projetadas especificamente para esse propósito. A aventura de Khálkhin-Gol assim mostrou: se o inimigo se instalasse de forma estável no território, a aviação seria incapaz de romper as defesas, ainda que a concentração de bombas fosse de 80 toneladas por quilômetro quadrado. A artilharia é indispensável, e a soviética já era a mais potente do mundo; mesmo assim, a partir de setembro de 1939, iniciou-se o desenvolvimento da nova artilharia e a construção de fábricas de munição.

O comando do Exército Vermelho não apenas compreendia a extrema importância de abastecer as tropas, como ainda teve a experiência única de fazê-lo nas difíceis condições de Khálkhin-Gol. As tropas soviéticas somavam 57.000 soldados, 498 tanques, 500 canhões, 385 carros blindados, 515 aviões, transporte de artilharia, automóveis, etc. Se todo o necessário para a sobrevivência e a guerra tivesse de ir das bases militares de Baikal à Mongólia, a distância a ser coberta era de aproximadamente 1.500 quilômetros. No entanto, nem tudo estava estocado na região de Baikal. Se fosse preciso transportar suprimentos das fábricas ou dos depósitos centrais, a distância aumentava para sete ou oito mil quilômetros. O último trecho ferroviário tinha pouca capacidade de carga e terminava na planície desértica; nos 650 a 700 quilômetros seguintes, era necessário ter caminhões. O caminhão mais comum dessa época costumava cobrir entre 1.300 e 1.400 quilômetros, ida e volta, em aproximadamente cinco dias, sob boas condições. Essas condições eram: calor, areia e ausência de água. Os homens conseguiam sobreviver em tais paragens, mas radiadores exigem

água. As tropas precisavam ser abastecidas totalmente. Por exemplo, madeira para queimar nas cozinhas de campo. O desgaste de material era tremendo, assim como o consumo de combustível. Os carros exigiam vários reabastecimentos ao longo do caminho. Quando a carga era deixada em Khálkhin-Gol, o carro tomava o caminho de volta; e mais uma vez tinha de ser reabastecido. Desse modo, os carros tinham de levar embora aquilo que tinham acabado de descarregar.

Para esses ermos desérticos, os soviéticos precisavam enviar por caminhão 25.000 toneladas de munição, 15.000 toneladas de combustível e lubrificantes, 4.000 toneladas de alimentos, 7.000 toneladas de outros combustíveis e muitas outras cargas. Tudo isso foi feito de tal modo que o inimigo nem de longe suspeitou dos preparativos para o ataque repentino. Depois dessa operação, o comando soviético compreendeu com clareza o significado de fornecer provisões na guerra.

Entretanto, Khálkhin-Gol pregou uma peça cruel em Stálin e no Exército Vermelho inteiro. Em maio de 1940, Stálin introduziu no Exército Vermelho os títulos de "general" e "almirante". Cerca de mil comandantes tornaram-se generais, mas apenas três receberam, nesse momento, a patente máxima — General de Exército. Nessa época, isso significava cinco estrelas na lapela. O homem número um foi Jukov, que se tornou o primeiro de todos os generais soviéticos. Após a vitória na Mongólia, Stálin confiou a Jukov a mais poderosa região militar — a de Kiev. Em fevereiro de 1941, ele nomeou Jukov chefe do estado-maior. Nesse cargo, Jukov preparou-se para a guerra contra a Alemanha. Na fronteira alemã (só que em escala muito maior), ele deveria repetir tudo o que fizera contra o exército japonês. Jukov criou dois imensos grupos de ataque lateral nas colinas de L'vov e Belostok e um terceiro grupo de ataque na Romênia.

Jukov posicionou as bases aéreas nas fronteiras com cem, às vezes duzentos aviões em cada uma. Também instalou hospitais, bases de suprimentos e postos de comando nas fronteiras, além de milhares de toneladas de munição, combustível e peças mecânicas para tanques e aviões.

Ao mesmo tempo, proibiu praticamente todas as comunicações por rádio. Manteve os planos em absoluto sigilo, e pouquíssimos homens do Exército Vermelho sabiam o que estava para acontecer. Porém, após o ataque-surpresa da Alemanha, todo esse cuidado teve consequências catastróficas. As atividades de Jukov, em 1941, têm sido atribuídas a uma série de equívocos e maus cálculos. Entretanto, não houve erros. Em 1941, ele se preparou contra a Alemanha exatamente como havia se preparado, em agosto de 1939, contra o exército japonês em Khálkhin-Gol.

20

Mobilização

Mobilização é guerra; em nossas mentes, não há outro significado para isso.

Marechal I. N. Chápochnikov,
chefe do estado-maior do Exército Vermelho

De tempos em tempos, encontraremos muitos materiais interessantes nos arquivos, mas não acharemos o que realmente tem importância. Eis o porquê: "Quantas vezes já não lhe disse — faça o que quiser, mas não deixe para trás nenhum documento, não deixe nenhum vestígio". São palavras do próprio Stálin. Ele as pronunciou publicamente no 16º Congresso do Partido Comunista. Os registros a seguir relatam o "riso homérico de toda a plateia". O congresso riu animadamente: o camarada Stálin havia feito uma piada. De forma compreensiva, Stálin não falava de si mesmo, mas dos adversários, que eram guiados pelo princípio de deixar para trás vestígios e documentos. No entanto, o congresso riu em vão. Stálin sempre atribuía a seus inimigos as próprias intenções, os princípios e os métodos. Pouco depois disso, Stálin executou todos os adversários, bem como quase todos os delegados presentes no 16º Congresso, aqueles que haviam rido animadamente. Aliás, Stálin deixou um número mínimo de documentos sobre essas execuções.

Nenhum ditador pôde nem poderá igualar a habilidade de Stálin em encobrir vestígios de envolvimento pessoal nos crimes. Anastás Mikoian, que bateu todos os recordes de sobrevivência política, conta quão bem Stálin guardava segredos. Mikoian foi membro do comitê central do partido comunista, de 1923 a 1976 — ou seja, durante 53 anos, em 40 dos quais foi candidato ou membro do Politburo, o mais importante órgão do país, que dirigia a União Soviética inteira, incluindo os satélites. Mikoian descreve uma reunião presidida por Stálin: "Frequentemente havia apenas

cinco pessoas. Encontrávamo-nos à noite, em geral; raramente à tarde e quase sempre sem aviso preliminar. Não se anotavam atas nem registros dessas reuniões".[1]

A. S. Iákovlev, coronel-general da aeronáutica: "Nas reuniões do círculo de Stálin, não havia estenógrafos nem secretários presentes e não se mantinham registros nem atas".[2] D. F. Ustinov, marechal da União Soviética, que foi comissário popular de armas* durante a guerra: "Nas reuniões e conferências presididas por Stálin, as discussões de problemas e tomadas de decisão frequentemente aconteciam sem anotações, quase sempre sem a ata que confirmaria a decisão tomada".[3] Em outras palavras, tomavam-se decisões, mas não eram fixadas no papel, exatamente como faz a Máfia.

O marechal da União Soviética G. K. Jukov, que no decurso da guerra foi delegado do comandante em chefe — isto é, de Stálin: "Muitas questões de ordem política, militar e geral do governo eram discutidas e resolvidas não apenas nas reuniões oficiais do Politburo ou do secretariado do comitê central, mas também à noite, durante um jantar na casa de Stálin, ou em sua dacha, aonde os membros do Politburo mais chegados costumavam ir".[4]

O coronel-general B. Vannikov, comissário popular de munição: "Nas reuniões e conferências, Stálin tinha o hábito de discutir e tomar decisões, sem registros nem atas. [...] A partir disso, fica claro que o entendimento de muitos eventos, com base apenas em documentos, é incompleto e pouco evidente e, em vários casos, incorreto".[5]

As reuniões de Hitler eram conhecidas em virtude da presença de uma verdadeira multidão. Tudo o que Hitler dizia era registrado para a história por três estenógrafos e um historiador pessoal. As reuniões de Stálin, entretanto, eram simplesmente encontros secretos de conspiradores, em espírito e essência. Não se encontram documentos nem vestígios dessas reuniões. Portanto, assim como Stálin nos ensinou, não olharemos as palavras, que estão ocultas para nós, mas as ações, que estão abertas.

É possível que a Segunda Guerra Mundial não tivesse ocorrido. A escolha dependia de Stálin. Ele próprio disse aos colegas, na reunião do Politburo de 19 de agosto de 1939: "Se assinarmos um pacto de ajuda mútua com a Grã-Bretanha e a França, a Alemanha desistirá da Polônia, e... a guerra será evitada". Stálin não assinou pacto nenhum com a Grã-Bretanha e a França; portanto, nem tentou evitar a guerra. Esse dia — 19 de agosto de 1939 — foi tão longo quanto difícil.

Um dia cheio de esperança e preocupação. Foi nessa data que Stálin jogou sua rede no pantanal que era a Alemanha de Hitler. A isca fora preparada para Hitler: Danzig e metade da Polônia: pode pegar! E de bônus, a Alemanha conseguiu a guerra contra a Grã-Bretanha e a França. Nesse dia, dúvidas surgiram no coração dos colegas

---

* N.T.: Em russo, será sempre "comissário do povo" de alguma coisa. Adotamos "popular" para evitar ambiguidade.

de Stálin. Este decidira enganar Hitler. Porém, Hitler acreditaria nele? Não era possível que Stálin sempre ganhasse! Viatcheslav Molotov trabalhou no cenário como chefe do governo soviético e comissário popular de relações internacionais. Quando Molotov recebeu o embaixador alemão von der Schulenburg em seu gabinete no Kremlin, Stálin, Chápochnikov, Béria e Malenkóv não compareceram, mas esconderam-se atrás das cortinas, no gabinete de Stálin. A conversa de Molotov com o embaixador alemão foi transmitida ao escritório de Stálin. Molotov trabalhou brilhantemente; o mais importante era não deixar o embaixador perceber o interesse de Stálin no assunto das relações germano-polonesas. Molotov não revelou esse interesse; sua atitude perante o embaixador foi "Está bem, deixe que Ribbentrop venha; talvez concordemos com alguma coisa e achemos uma solução para a questão de Danzig e Polônia".

Depois dessa reunião, von Schulenburg foi à embaixada para escrever um relatório, enquanto no gabinete de Stálin desenrolava-se acalorada discussão sobre as consequências da conversa. O embaixador alemão mal havia chegado a seu escritório quando recebeu um chamado do Kremlin: Molotov o aguardava para nova reunião. Esse foi um dia difícil, mas terminou com a vitória de Stálin.

No amanhecer de 1º de setembro de 1939, o exército alemão invadiu a Polônia. No entanto, no século XX, uma guerra na Europa significava, automaticamente, uma guerra mundial. E de fato, a guerra atingiu de forma rápida toda a Europa e quase o mundo inteiro.

Em uma estranha coincidência de fatos, foi precisamente nesse dia — 1º de setembro de 1939 — que a quarta sessão de emergência do Soviete Supremo da URSS ratificou o recrutamento militar universal. Nunca tinha havido semelhante lei na história da URSS. Algo surpreendente: enquanto crianças e adultos eram ensinados a temer Hitler, enquanto Hitler era considerado tirano e monstro, o país podia viver sem recrutamento. Porém, assim que o pacto de não agressão foi assinado, um recrutamento universal e compulsório tornou-se necessário de repente.

Por que a União Soviética quis esse recrutamento? Os historiadores do país afirmavam que a URSS apenas tomava medidas de precaução. O marechal da União Soviética K. A. Meretskov é um dos muitos que afirmam que a lei tinha enorme significado e foi promulgada "nas condições em que a Segunda Guerra Mundial já havia começado".[6]

Imaginemos a fronteira germano-polonesa nessa manhã trágica: escuridão, névoa, fogo e motores rugindo. Poucas pessoas, na Polônia, entenderam o que estava acontecendo; se era uma provocação ou um conflito de fronteira que surgira por si próprio. Entretanto, os representantes do Soviete Supremo já sabiam que não era provocação, nem conflito, nem guerra germano-polonesa — nem mesmo europeia; aquilo era o início de uma guerra mundial. Sabiam que eles, os representantes, deveriam se reunir em Moscou e tomar as medidas necessárias. Por que esses representan-

tes não agiram com a mesma eficiência quando algo similar aconteceu na fronteira germano-soviética em 1941?

Na manhã de 1º de setembro de 1939, nem o governo polonês nem os governos dos países ocidentais sabiam que a Segunda Guerra Mundial havia começado, mas não apenas eles. O próprio Hitler não sabia. Ele deu início à guerra contra a Polônia esperando uma grande briga local, como fora a tomada da Tchecoslováquia. Assim concluiu o coronel-general da Força Aérea A. S. Iákovlev (na época, projetista aeronáutico, representante do comissário popular da indústria de aviação e conselheiro pessoal de Stálin): "Hitler estava convencido de que a Inglaterra e a França não lutariam pela Polônia".[7] Quando a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha, em 3 de setembro, foi um choque e uma desagradável surpresa para Hitler. Ele não esperava por essa. Para ele, uma "estranha" guerra contra a Grã-Bretanha e a França começou em 3 de setembro. No mesmo mês, uma paz igualmente estranha começou no Oriente.

Qualquer tentativa de estabelecer a data exata do início da Segunda Guerra Mundial e o momento em que a URSS entrou nessa guerra nos conduz infalivelmente ao dia 19 de agosto de 1939: Stálin estendeu uma mão amistosa a Hitler e assinou o pacto de não agressão, enquanto no mesmo dia assinava a ordem para reunir os representantes do Soviete Supremo. Assim, quando a Segunda Guerra Mundial começou, eles já estavam no Kremlin, votando unanimemente em favor de tudo o que era posto à sua frente. Que estranha coincidência: a estrada para Moscou é longa, pois alguns levam de dez a doze dias para percorrê-la. Para promulgar a lei em 1º de setembro de 1939, a ordem de reunir os representantes foi emitida em 19 de agosto. Ou seja, em 19 de agosto de 1939, alguém em Moscou já sabia que dali a poucas semanas a Segunda Guerra Mundial começaria e uma nova lei de recrutamento seria necessária.

O chefe do estado-maior e marechal da União Soviética B. M. Chápochnikov criou a teoria da mobilização. Ele escreveu o livro *Cérebro do Exército*. O terceiro e último volume foi publicado em 1929 e, enquanto o Exército Vermelho existiu, esse livro serviu de manual para cada oficial ou general soviético. Na mesa de Lênin havia sempre uma cópia do livro *Mob Psychology*, de Gustav Le Bon, e na de Stálin, *Cérebro do Exército*, de Chápochnikov. A chave do sucesso do livro de Chápochnikov é a simplicidade do texto, com argumentação cristalina e hábeis explicações dos mais complexos problemas, tornando-os compreensíveis para o leitor. A terceira e última parte do livro é a mais impressionante. Nesse volume, Chápochnikov examina as questões da mobilização.

A teoria era simples, compreensível, lógica e inquestionavelmente correta. Stálin a entendeu, a elogiou e a acrescentou à base de sua estratégia. Por isso, ler a obra de Chápochnikov (e também a de seus seguidores e adversários) e compreender seu flu-

xo de pensamento ajuda-nos a entender as ações de Stálin, as quais em um primeiro momento parecem inexplicáveis e ilógicas. A teoria da mobilização, condensada e explicada em termos simples, consiste no seguinte:

1. Para alcançar a vitória em uma guerra, é necessário haver não apenas o esforço do exército, mas da nação inteira: povo, indústria, transporte, agricultura, etc.
2. A nação não pode subsistir em estado constante de preparação para a guerra, assim como um hòmem não pode segurar constantemente uma arma em cada mão, caso em que ele não poderia fazer mais nada. De forma similar, uma nação não pode despender constantemente seus recursos em preparativos para a guerra. A concentração constante de forças e o gasto de recursos sociais em preparativos bélicos arruinariam a nação. Portanto, em tempos de paz, exército e indústria militar devem operar em nível mínimo. Entretanto, nação, povo, sistema governamental, indústria, transporte, agricultura, canais de comunicação, instrumentos ideológicos e outros devem estar preparados para a rápida e total transição do regime de paz para o regime de pré-guerra.
3. A mobilização é a transição do país todo da paz para o regime de pré-guerra. A mobilização não pode ser contornada nem reduzida. Metaforicamente, a mobilização é similar a levar a mão ao coldre, abri-lo e apontar a arma para o inimigo, com um dedo já no gatilho.
4. Mobilização e guerra são inseparáveis. Se você mira o inimigo com uma arma, o dedo no gatilho, é preciso atirar. Tão logo comece a mobilização, o inimigo fará o mesmo. Você mira, e o inimigo fará o mesmo, tentando ser mais rápido que você, nem que seja pela fração de um segundo. Se você hesitar um momento, ele o matará.
5. Não é possível arriscar na mobilização: se você frequentemente brandir suas armas e com elas mirar os vizinhos com o dedo no gatilho, o resultado não será bom para você.
6. Uma vez escolhido o caminho da mobilização, é preciso segui-lo até o fim: comece a guerra.
7. A mobilização não pode ser parcial; a mobilização é um processo semelhante à gravidez. Mulher nenhuma pode ficar um pouco grávida. A resposta será sempre "sim" ou "não". O mesmo fato acontece com a mobilização em um país: ou tudo — sistema governamental, indústria, transporte, forças armadas, população e todos os recursos nacionais — é mobilizado ou não.

Essas ideias, em ordens e modos variados, são dadas por muitos autores diferentes. B. M. Chápochnikov destacou-se dos predecessores apenas porque expressou as ideias com clareza, brevidade e concisão. "Mobilização não é apenas sintoma de guer-

ra; é a própria guerra. Uma ordem do governo para declarar a mobilização constitui uma declaração de guerra de fato. [...] Em condições modernas, um país em mobilização deve se decidir firmemente a iniciar a guerra. [...] Em uma mobilização geral, entende-se que não poderá haver volta à posição dos tempos de paz. [...] Insistimos que apenas a mobilização geral tem valor, com a concentração de todos os recursos e as forças necessários para atingir a vitória." O livro termina com uma declaração conclusiva: "Mobilização é guerra, e não podemos entendê-la de outro modo".

Stálin não apenas tinha a mesma visão de Chápochnikov, como as mesmas convicções. Ele não fazia distinção entre o processo de assumir o poder em seu país e assumi-lo nos países vizinhos. Sabia como tomar o poder em seu país e planejava fazer isso nos países vizinhos. E não fazia segredo dessa arte; ao contrário, fez dela uma vitrine para as massas. Em seu livro *Sobre os Fundamentos do Leninismo*, Stálin provou que não é possível brincar na busca do poder. Ou tomamos o controle ou não. Uma vez que o tentemos, é preciso ir até o fim. Isso está de acordo com os ensinamentos de Nicolau Maquiavel: ou você desfere um golpe mortal ou não ataca; nada intermediário pode existir em política nem em estratégia. Também está em sintonia com as ideias de Chápochnikov: ou não mobilizamos ou conduzimos a mobilização completa e entramos em guerra; nenhuma posição parcial nem intermediária pode ser adotada.

Havia outro problema: a mobilização tinha de ser mascarada. Muito antes da Segunda Guerra Mundial, Stálin e Chápochnikov imaginaram um modo de esconder a mobilização. Por esse motivo, não houve recrutamento militar universal na União Soviética até 1939. O exército era extremamente seletivo e não aceitava qualquer pessoa. Isso era para mostrar como éramos um povo amante da paz. A idade requerida para entrar no exército era 21 anos. Estranho! Por que não aceitar recrutas de 18 ou 19 anos, na hora em que a rapaziada terminava os estudos? Por que não deixar o novato servir o tempo necessário para depois liberá-lo? Aos 21 anos, um homem podia encontrar trabalho e formar família, enquanto seu futuro permanecia incerto: seria ele convocado ou não? Ninguém sabia explicar o porquê de o exército não aceitar rapazes com menos de 21 anos.

Todavia, fez-se muita especulação sobre esse sistema. Era como a represa de um rio: nem todos podiam passar (ou seja, ser convocados); só alguns, enquanto os demais se aglomeravam do outro lado. No momento adequado, o recrutamento universal sempre podia ser instituído (só o pretexto teria de ser inventado), e todos os que não tinham servido antes poderiam ser convocados. Durante os anos de intervalo, muitos deles foram poupados.

E veio o momento: 1º de setembro de 1939. Nesse dia, o recrutamento militar universal foi instituído, e todos os que não haviam servido antes começaram a ser chamados. Em cada caso separado, o chamado de um homem maduro não levantava

suspeitas de que uma grande guerra pairava no horizonte: todo homem deve servir a seu país, e Ivan* deveria fazer agora o que seus colegas fizeram antes.

Stálin tinha outra tática de reserva: segundo a nova lei, a idade de recrutamento fora reduzida de 21 para 19 anos e, em algumas categorias, para 18.[8] Meu pai estava no último grupo; ele acabara de completar 18 anos nessa época.

O recrutamento simultâneo de três grupos etários (algo nunca visto) e o de todos os que não haviam servido antes pôs carga dupla nos ombros da nação. Por um lado, a economia viu-se privada de muitos trabalhadores; por outro, todos deveriam ser vestidos, alimentados, equipados e abrigados em algum lugar (tentar acomodar pelo menos um milhão de novos soldados!). Foi um crescimento explosivo do poder militar.

Depois que 173.000 reservistas foram alistados na segunda metade de julho de 1939 para apoiar as tropas da região militar Trans-Baikal e o grupo do 1º exército na Mongólia, o Exército Vermelho (sem contar as tropas da marinha e do interior e os guardas da fronteira) somava 1.871.600 homens. Em 22 de junho de 1941, o Exército Vermelho (novamente sem contar a marinha, as tropas do interior nem os guardas da fronteira) somava 5.081.000 homens.[9]

A lei adotada em 1º de setembro de 1939 permitiu um aumento nas fileiras do Exército Vermelho, de 1,5 milhão de homens na primavera de 1939 para 5,7 milhões na primavera de 1941, sem declaração de mobilização nem consequente alarme entre os vizinhos.[10] Além disso, a lei permitiu a preparação de 18 milhões de reservistas, que a qualquer momento poderiam engrossar as tropas com o necessário número de soldados.

Esse desenvolvimento do exército tinha limite de tempo, porque Stálin convocou vários grupos etários para o Exército Vermelho ao mesmo tempo: em essência, todos os jovens do país. A duração do serviço no exército para a maioria da população — soldados rasos nas forças terrestres e forças da NKVD (polícia política) — era de dois anos, de modo que o país deveria entrar para uma grande guerra antes de 1º de setembro de 1941. Caso contrário, todos os jovens voltariam para casa nesse dia, e não haveria quase ninguém para ser recrutado. Todas as novas armas — corpos de assalto e mecanizados, tanques, força aérea e todas as demais divisões — teriam de ser desfeitas. É impossível manter uma força armada desse tamanho sem guerra: ela nada produz e consome o que o país produz. A criação desse exército colossal apenas poderia significar guerra. Isso é admitido pelo próprio Ministério da Defesa da moderna Rússia. "Nenhuma nação pode manter um exército mobilizado com outra intenção que não seja a guerra: a economia não aguentaria a pressão; e o exército mobilizado, mas inativo, começaria a decair."[11] Isso foi dito sobre a mobilização dirigida por Stálin, que começou em 19 de agosto de 1939.

---

* N.T.: O nome russo mais comum; o mesmo que "qualquer russo".

Quando tomou a decisão de iniciar uma mobilização secreta, Stálin sabia muito bem que dali a dois anos, no verão de 1941, a União Soviética entraria em uma grande guerra. Sem guerra, não haveria terror que bastasse para manter cinco milhões de soldados que já haviam servido nos quartéis os dois anos requeridos. Seria impossível retê-los no exército, uma vez cumprido o prazo de serviço. Em outras palavras, a decisão de entrar em uma grande guerra foi feita no Kremlin, em agosto de 1939, e o prazo final para isso ficou estabelecido — verão de 1941.

21

Mobilização da economia

Uma doutrina sobre a guerra em território inimigo prevaleceu durante os anos de pré-guerra, a qual era de natureza claramente agressiva.

Coronel S. Vaupchássov,
herói da União Soviética

Durante muitos anos, o Comissariado Popular da Indústria da Defesa foi encarregado da produção de armas na URSS. Em 11 de janeiro de 1939, ele foi dissolvido, e quatro novos comissariados populares foram criados: um para a indústria naval, um para as armas, um para a aeronáutica e um para a munição.

O Comissariado Popular da Indústria Naval era chamado extraoficialmente de *Narkomat* de Submarinos (*Narkomat* é abreviação russa de Comissariado Popular*). Em teoria, esse comissariado fabricaria navios civis e militares; mas, na prática, os fatos foram tais que "em 1935, todos os grandes estaleiros foram remodelados para fabricar navios militares".[1] Em 1939, a Alemanha entrou na Segunda Guerra Mundial com 57 submarinos. Garantiram-nos que a União Soviética não tinha intenção de entrar na guerra; mas, em setembro de 1939, ela tinha 165 submarinos, compatíveis com o melhor padrão mundial.[2] Alguns dos projetos de submarino foram desenvolvidos na Alemanha nazista, por encomenda soviética feita à companhia Deschimag AG Wesser. Diziam que Stálin confiava em Hitler, mas é bom verificar com cuidado quem confiava em quem.

---

* Naródnikh Komissarov.

Na União Soviética, a tecnologia americana mais moderna e os engenheiros americanos de renome participaram da fabricação de submarinos. Dizem que Stálin era muito confiante, mas acredito que Roosevelt era quem mais tinha essa particular qualidade. Além da arte americana, alemã, inglesa, italiana e francesa, a indústria naval soviética também fez seus avanços tecnológicos. Também tínhamos engenheiros talentosos.

Desde o momento de sua fundação, o *Narkomat* de Construção Naval encarregou-se exclusivamente de projetos militares. Além disso, muitos navios que haviam sido construídos anteriormente para uso civil foram armados e entregues à marinha de guerra. Com apenas uma diretriz do governo soviético, em 25 de maio de 1940, numerosos navios de uso civil foram entregues aos militares: 74 para a frota do Báltico, 76 para a frota do Mar Negro, 65 para a frota do Norte e 101 para a frota do Pacífico. Ao mesmo tempo, os estaleiros do *Narkomat* começaram a operar em dois turnos, o que praticamente significava um regime de produção para tempos de guerra. O resultado é que, em 22 de junho de 1941, a União Soviética tinha 218 submarinos ativos e 91 nos estaleiros.

Vasos de guerra de superfície também foram construídos ou comprados no exterior. Por exemplo, pouco antes da guerra, um navio de linhas incrivelmente graciosas e colorido incomum apareceu no Mar Negro. As pessoas que não sabiam o tipo do navio o apelidaram de "cruzador azul". Na verdade, tratava-se de um destróier, não de um cruzador. Chamava-se *Tashkent*. A Enciclopédia Militar Soviética, descrevendo os navios mais importantes, relata que eles eram "construídos em um dos estaleiros domésticos". Entretanto, sobre o *Tashkent*, a enciclopédia não diz isso; apenas menciona o ano em que ele entrou para a frota — 1940. As palavras habituais ficaram ausentes porque o orgulho e a beleza da frota do Mar Negro, o *Tashkent*, foi construído na Itália fascista e vendido a Stálin.[3] O *Tashkent* foi comprado sem armas. Mussolini teria vendido com armas; mas, nessa época, não existia nada no mundo que chegasse aos pés do canhão naval soviético de 130 mm. Assim, o *Tashkent* foi armado com canhões soviéticos nos estaleiros de Nikolaev.

A Itália não foi o único país que vendeu vasos de guerra a Stálin. Em 31 de maio de 1940, o cruzador alemão *Lutsow* inacabado foi rebatizado *Petropavlovsk* e chegou a Leningrado para ser entregue ao estaleiro da fábrica 189. Um cruzador tem estrutura enorme e complexa e sua construção levaria vários anos; não havia tempo suficiente para fazer mudanças em seu projeto e equipá-lo com armas soviéticas. Decidiram terminar de construí-lo totalmente de acordo com o projeto alemão e equipá-lo com armas alemãs — fornecidas pela própria Alemanha.

Tudo isso parece inacreditável: em maio de 1940, a *Blitzkrieg* alemã na Europa ocidental estava no auge, com a frota britânica bloqueando a marinha alemã. Hitler tinha duas opções: ou lutava contra a Grã-Bretanha, ou tentava a paz com ela, sendo

que para as duas opções precisava de uma frota poderosa. A indignada Grã-Bretanha obviamente não negociaria com a fraca Alemanha; em vez disso, exigiria que ela se retirasse imediatamente de todos os territórios ocupados. A Alemanha era inferior à Grã-Bretanha em número de vasos de guerra de superfície e, nesse momento crítico, ela vendeu seu mais moderno navio, ainda inacabado, a Stálin!

A atitude de Stálin também surpreendeu: declarou neutralidade, mas continuou construindo uma frota gigantesca e ainda comprou vasos militares de países que já estavam em guerra. A resposta a essa charada é simples: em 1940, a Alemanha já sofria de terrível carência de matérias-primas, pois suas rotas navais estavam bloqueadas. Hitler apenas podia comprar essa matéria-prima, em grande quantidade, de Stálin. Em troca, foi forçado a vender sua tecnologia e seus armamentos, incluindo os mais novos aviões, canhões, navios, equipamentos de comunicação, armas de fogo e assim por diante.

Stálin bem sabia que a economia alemã entrara em crise e poderia não ter vendido matérias-primas a Hitler. Nesse caso, a guerra na Europa rapidamente chegaria ao fim. No entanto, Stálin queria que a guerra ganhasse força; queria que a França, a Grã-Bretanha, a Alemanha e os outros países se desgastassem. Ele planejava fazer desse enfraquecimento um aliado para estabelecer seu regime na Europa. Por isso, estava construindo uma frota, comprando tecnologia militar de onde fosse possível e alimentando Hitler com a matéria-prima que ele pedisse.

Alguns podem questionar por que os duzentos submarinos de Stálin e toda a sua marinha não puderam oferecer a resistência esperada da mais poderosa frota submersa do mundo. A resposta é simples: tratava-se de uma frota de ataque, de um instrumento criado para a guerra ofensiva. Seria muito difícil, quase impossível mesmo, utilizá-la para defesa. "No decurso da guerra, a frota precisou resolver problemas que absolutamente não haviam sido previstos durante sua construção. Em vez de coordenar as ações com operações ofensivas das forças de chão, agindo perto das praias, como ditava a doutrina militar, a frota foi forçada a defender as bases navais da terra e do mar e evacuar tropas, populações e bens das cidades costeiras."[4] Em março de 1939, no 17º Congresso do Partido Comunista, o comandante da frota do Pacífico, Sinaleiro de 2ª Classe N. G. Kuznetsov*, declarou: "A frota precisa se transformar e será transformada — tal como o Exército Vermelho de trabalhadores camponeses — na mais poderosa frota de ataque". Stálin recompensou tais palavras promovendo-o a Comissário Popular da Marinha. Kuznetsov cumpriu o prometido e fez o melhor que pôde a fim de preparar a frota soviética para lançar ataques-surpresa. No entanto, para a defesa, são necessários navios diferentes, com características completamente

---

* N.T.: No original, 2nd Rank Flagman. Vale lembrar que esse homem tornou-se almirante da frota da União Soviética.

distintas: caça-submarinos, barcos de escolta, detectores de minas e navios-oficina. De acordo com as ordens de Kuznetsov, todas as reservas de bombas, minas, torpedos e combustível foram transportadas para a fronteira da Alemanha, em Liepaja*, e da Romênia, nos portos fluviais do Danúbio. Ali, essas reservas foram rapidamente tomadas pelos alemães. O porto de Liepaja ficava tão próximo à fronteira alemã que as batalhas pela cidade já haviam começado em 23 de junho de 1941.[5] Ninguém havia se preparado para defender Liepaja de um ataque terrestre; mas, acima de tudo, em Liepaja ficaram concentrados (e perdidos) três quartos da reserva de combustível da frota do Báltico.

Não apenas o sistema de base da marinha soviética estava voltado para a guerra ofensiva, pois seus soldados haviam sido treinados para atacar, como também o armamento dos navios fora projetado exclusivamente para a guerra de agressão. Os navios soviéticos, embora equipados com poderosa artilharia, minas e torpedos, tinham armamento antiaéreo bastante precário. Não foram construídos com sistemas defensivos fortes, porque os generais soviéticos haviam planejado iniciar a guerra com um fulminante ataque aéreo surpresa sobre as bases aéreas inimigas, cuja aviação seria liquidada. Contrariando tais planos, a guerra acabou assumindo caráter defensivo, pois o exército soviético e sua frota naval não foram os primeiros a atacar. O inimigo ganhou a superioridade do ar, enquanto as tropas e os navios soviéticos não dispunham de boas defesas antiaéreas. O *Narkomat* da marinha havia construído navios com máximo poder de ataque e poucas defesas, para que sua marinha fosse a mais agressiva do mundo.

O *Narkomat* da aviação também produzira, teoricamente, aviões civis e militares. Embora seja possível lembrarmo-nos de uma dúzia de modelos de magníficos caças, bombardeiros e aviões de assalto, fabricados às dezenas de milhares, não é tão fácil lembrar o nome de um único avião civil. Havia um que, de certo modo, poderia ser classificado como modelo civil, mas fora comprado dos Estados Unidos; não fora fabricado na União Soviética. Tratava-se do S-47, o melhor avião de transporte do mundo. Foi construído de acordo com as normas de transporte tanto de passageiros como de paraquedistas. Era usado para fins civis e militares, mas a bem da conveniência já vinha da fábrica pintado de verde-camuflagem, a fim de não precisar ser repintado.

A terceira organização dessa família — o *Narkomat* de armas — não precisa ser explicada; mas o *Narkomat* de munição era algo realmente original e merece alguns comentários. Era original porque, mesmo no decurso da guerra, nenhum dos países que acostumamos considerar agressivos tinha um ministério encarregado especialmente da munição. Por exemplo, na Alemanha, até mesmo no início da Segunda

---

* Pela Prússia Oriental; Liepaja é uma cidade da Letônia.

Guerra Mundial, somente um ministro cuidava da produção de armas e munições, não dois. A União Soviética, em tempos de paz, criara um ministério separado para cuidar exclusivamente da produção de munições. O *Narkomat* de munição de Stálin começou a operar imediatamente, em tempo integral.

Logo de início surgiu um problema: onde dispor as novas fábricas que produziriam bombas, pólvora, cartuchos e assim por diante. Achar um local para a nova indústria de munições relacionava-se ao caráter da guerra que se aproximava.

Se Stálin tivesse planejado uma guerra eminentemente defensiva, se tivesse planejado defender suas fronteiras, as novas fábricas deveriam se situar além do Rio Volga. Ali, elas estariam totalmente seguras; os tanques e os aviões inimigos não conseguiriam avançar muito no território soviético. Se Stálin não tivesse certeza de sua força; se — como nos disseram — ele tivesse medo de Hitler e dúvidas sobre a capacidade do Exército Vermelho de defender as fronteiras; se ele acreditasse em uma possível retirada, nesse caso, as novas fábricas deveriam ser construídas não além do Volga, mas bem no fundo das terras soviéticas, nos Montes Urais. Nessa região, havia matérias-primas, indústria autossuficiente e energia elétrica; as fábricas ficariam completamente a salvo. Se o inimigo tomasse grandes territórios, nossa base industrial permaneceria intacta — e Hitler saberia do que é capaz um urso ferido.

Entretanto, nenhuma dessas opções foi sequer discutida; não havia necessidade. O Exército Vermelho não tinha planos de recuar, assim como não os tinha de defender as fronteiras de seu país. De acordo com os planos de Stálin, o Exército Vermelho deveria invadir uma Europa enfraquecida e devastada pela guerra. Se ele cruzasse as fronteiras e avançasse, as fábricas de munição, junto com todas as outras (tanque, artilharia, etc.) seriam deixadas cada vez mais para trás. Imaginemos que o exército precise ser abastecido com pequena quantidade de munição — digamos, 100.000 ou 200.000 toneladas. Como seria feito o transporte dos Urais até as fronteiras ocidentais? Um trem militar padrão podia transportar 900 toneladas. Imagine quantos trens seriam necessários, quantos vagões e quantas locomotivas. Avaliem quantos dias úteis seriam gastos pelo pessoal ferroviário, quanto carvão seria queimado e quantos guardas ferroviários seriam necessários por dia.

A par disso tudo, é importante lembrar que não apenas bombas seriam transportadas pelas ferrovias; estas, em época de guerra, ficam lotadas de soldados, equipes de mecânicos, hospitais, reservatórios e muito mais. Em outras palavras, se prepararmos um ataque, a transferência de centenas de milhares de toneladas de munição e outro tanto de equipamentos tem de ser feita em segredo, e o sigilo fica mais fácil se encurtarmos a distância a ser percorrida. Em uma situação ideal, todas as fábricas deveriam ficar nas próprias fronteiras; nesse caso, os trens gastariam apenas algumas horas, em vez de dias, atravessando o país. A demanda de transporte, naturalmente, diminuiria, e um único trem serviria para fazer inúmeras viagens. Isso liberaria as linhas ferroviá-

rias internas para outras atividades militares. Assim, ficou decidido construir as novas fábricas de munição perto das fronteiras, tão perto quanto as bases siderúrgicas permitissem — não além do Volga nem nos Urais. Os locais escolhidos foram Zaporojie, Dniepropetrovsk, Dnieprodzerjinsk, Khárkov, Krivoi Rog e Leningrado.

As fábricas de munição aumentavam a produção sem parar, enquanto a voraz *Narkomat* de munição consumia os recursos de metal da nação, incluindo cobre, níquel, cromo, chumbo, estanho e mercúrio. Quanto mais metais não ferrosos iam para a produção de munição, menos sobrava para as demais áreas de indústria. Levantou-se a questão: quanto tempo isso duraria?

Havia outra questão: o que fazer com toda a munição produzida? Todos tivemos de resolver problemas matemáticos na escola que começavam com algo assim: "Uma torneira jorra água em uma pipa, que por sua vez enche outra pipa". Problemas desse tipo podem ser vistos em livros de ensino de séculos atrás; até mesmo no famoso livro didático escrito por Magnitski, que as crianças estudavam no reinado de Catarina II. Stálin e seus militares, políticos e economistas também haviam frequentado a escola e resolveram problemas sobre a água que enchia uma pipa, a qual enchia outra. Em 1939, esse foi precisamente o problema que se apresentou: o Exército Vermelho consumia certa quantidade de munição para os treinos militares, para as "guerras de libertação" e para a "ajuda internacional" à Mongólia e à China. Se a quantidade de munição que entrasse fosse igual à que era consumida, tudo correria bem. Porém, se os suprimentos que entravam fossem em maior quantidade que os consumidos, em breve não haveria lugar para armazenar tudo.

A capacidade de armazenamento de artilharia era conhecida, assim como a quantidade de munição utilizada pelo exército. Com um simples cálculo aritmético, seria fácil determinar quando não haveria mais espaço para estocar tudo o que era produzido. Então, o que poderia ser feito? Talvez criar novos armazéns de estocagem? Não é tão simples. Imagine que você foi encarregado de construir grandes armazéns para guardar um milhão de toneladas de munição. Se o nível de umidade do armazém for acima da norma, os metais serão corroídos, e a pólvora ficará úmida. O que o camarada Stálin e seu leal discípulo, camarada Beria, fariam com você nesse caso? E se a temperatura for levemente acima da norma, ou se o ar estiver um pouquinho mais seco? [...] Os armazéns não podem ficar próximos de cidades e fábricas — precisam estar longe de qualquer coisa que possa ser prejudicada por uma explosão. Para construí-los menores, armazéns adicionais não seriam uma solução válida. Não importa como fossem construídos; ficariam cheios demais, com a chegada cada vez maior de munição. E isso acontecia todos os dias.

Além das encomendas do *Narkomat* de munição, 235 fábricas sob a jurisdição de outros *Narkomats* deveriam também produzir vários tipos de munição durante o período de paz.[6] E, ainda por cima, além do *Narkomat* de munição — que já era

enorme — o diretorado de construção de fábricas de pólvora, bombas, cartuchos e mísseis foi criado em janeiro de 1941. Esse monstro uniu sob seu controle 23 áreas de construção. Notem que tudo isso foi engrenado não para construir instalações de estocagem, mas para construir novas fábricas. O novo diretorado impôs novas fábricas com estonteante rapidez e entregou-as ao *Narkomat* de munição. Agora, seria preciso pensar em como pôr em uso tudo o que fora produzido. Em abril de 1941, o diretorado de artilharia do Exército Vermelho emitiu ordem de transportar toda a produção do *Narkomat* de munição para as fronteiras ocidentais e deixá-la no chão. Perguntem a quem já lutou em uma guerra o que isso significa.

Nas regiões fronteiriças da União Soviética, o Exército Vermelho perdeu uma quantidade inimaginável de granadas e obuses que foram deixados no chão. Uma quantidade igualmente inimaginável dessas armas foi perdida nas ferrovias. Só na Bielo-Rússia, 4.216 vagões cheios de granadas e obuses de artilharia ficaram esquecidos nas estações fronteiriças.[7] E por que eram guardados em vagões? Aonde seriam levados? Se estivessem preparando a defesa, essas armas deveriam ser entregues às tropas. Se estivessem preparando uma retirada, não haveria necessidade de concentrar aquilo tudo nas regiões de fronteira.

No entanto, isso não é o mais importante. Mais importante é o fato de que, no início da guerra, quase toda a indústria capaz de produzir nova munição estava perdida. "De agosto a novembro de 1941, as tropas alemãs tomaram 303 fábricas soviéticas de pólvora, bombas e mísseis, com capacidade produtiva de fornecer 101 milhões de obuses e granadas de artilharia, 32 milhões de minas, 24 milhões de bombas aéreas e 3.600 toneladas de TNT. Isso constituía 85% de toda a produção do *Narkomat* de munição."[8] Acrescente-se a isso as reservas das mais valiosas matérias-primas concentradas nessas fábricas, incluindo chumbo, aço forjado e estanho. Tudo isso chegou à Alemanha e foi usado contra o Exército Vermelho. Porém, o potencial pré-guerra de Stálin era tão grande que ele pôde reconstruir sua indústria no decurso da guerra, do outro lado do Rio Volga e nos Urais, onde fabricou tudo o que mais tarde foi usado para derrotar o exército alemão.

Quando o *Narkomat* de munição foi criado, ninguém parecia ameaçar a União Soviética. O Japão tinha marinha e aeronáutica poderosas, mas seu exército terrestre era relativamente pequeno; ademais, ele estava engajado em uma guerra pouco promissora na China. O Japão tinha reservas limitadas de matérias-primas. A inteligência soviética relatou que o Japão poderia se decidir por uma grande guerra, a fim de obter fontes de matéria-prima, mas o país estava mais interessado nas regiões onde já havia mineração e purificação das matérias-primas, pois precisava dessas fontes imediatamente. Em outras palavras, o Japão lutaria para controlar os territórios do sul e não se aventuraria até a Sibéria, onde os recursos eram ilimitados, mas sua mineração e purificação levariam anos, sem falar nos enormes gastos.

O estado-maior soviético, o governo e o próprio Stálin não tinham muito medo da agressão alemã no início de 1939. Não havia fronteira com a Alemanha nessa época; portanto, o ataque não poderia ser surpresa. A criação do *Narkomat* de munição, em janeiro de 1939, não poderia ser uma resposta aos preparativos alemães de guerra. A espionagem soviética sabia que, naquele momento, a indústria alemã operava em regime de paz. Em junho de 1939, o comandante do GRU, Ivan Proskurov, relatou a Stálin que a Alemanha não estava preparada para uma guerra em grande escala. Se ela invadisse a Polônia, consumiria suas bombas aéreas em dez dias, uma vez que quase não tinha reservas.

Depois da guerra, o livro *Results of World War II* foi publicado na Alemanha. O marechal de campo K. Kesselring, o coronel-general H. Guderian, o coronel-general L. Rendulic, o tenente-general E. Schneider, o almirante E. Godt e outros figuravam como autores do livro. Ao compararmos a análise feita pela inteligência soviética e o que realmente aconteceu, devemos deixar claro que a inteligência militar soviética se equivocaram. O suprimento alemão de bombas terminou não depois de 10 dias de guerra, mas no 14º dia após o ataque à Polônia.

Ao que tudo indica, o melhor estudo sobre o desenvolvimento do exército alemão no Terceiro Reich foi feito pelo major-general B. Müller-Hillebrand.[9] Relatou ele que, em 1939, o alto comando alemão das tropas de chão solicitou a criação de uma reserva de munição que pudesse durar quatro meses de guerra. Entretanto, tal reserva nunca foi feita. Se um suprimento para quatro meses for tomado como 100%, então, na verdade, havia apenas 30% de reservas de cartuchos para pistolas, suficientes para 36 dias de guerra; 15% de munição para canhões de montanha; 12% de granadas para morteiros leves; e 10% de granadas para morteiros pesados. O melhor suprimento era para obuses pesados: havia granadas suficientes para durar dois meses de guerra. O pior caso era o de morteiros de tanques. Em setembro de 1939, o principal tanque da *Wehrmacht* era o Pz-II, equipado com um canhão de 20 mm. Havia apenas 5% do suprimento necessário para quatro meses de guerra, significando apenas o suficiente para seis dias de combate.[10]

Apesar disso, Hitler não se mostrava ansioso para mobilizar a indústria do país para a guerra. O exército alemão promoveu uma guerra, que começou na Europa e tornou-se mundial. A indústria alemã continuou operando como nos tempos de paz.

Há mais de 50 anos o governo soviético vem tentando persuadir-nos que, em 1939, a guerra era inevitável; o mundo estava voltado para ela, e Stálin nada podia fazer além de assinar um pacto de não agressão com a Alemanha. Uma análise das condições da indústria alemã em geral e de sua produção de munição em particular permite-nos afirmar que a situação estava longe de ser crítica. O mundo não estava voltado para a guerra inevitável, e esta poderia ser contornada, se Stálin assim o quisesse. E mais: se, em setembro de 1939, o Exército Vermelho interviesse a favor

da Polônia, Stálin não teria perdido nada, enquanto Hitler teria sofrido uma derrota devastadora, simplesmente porque não dispunha de munição suficiente. Entretanto, Stálin não se aproveitou da fraqueza alemã.

Quando a guerra começou, a situação alemã quanto à munição não havia melhorado, mas, em maio de 1940, Hitler deu um golpe fatal na França. Havia bombas e mísseis suficientes para realizar o ataque, mas, se Stálin tivesse atacado a Alemanha em 1940, esta não teria nada para usar contra a França, pois suas indústrias ainda não teriam sido mobilizadas. Depois disso, seguiu-se a Batalha da Grã-Bretanha, e mais uma vez a força aérea alemã engajou-se em uma guerra — menos a indústria alemã. A seguir, Hitler invadiu a União Soviética. Aqui ele teve uma sorte incrível — na própria fronteira, ele tomou posse de enorme quantidade de suprimentos soviéticos. Sem eles, Hitler não poderia nem pensar em chegar a Moscou.

Essa tomada dos suprimentos de Stálin foi uma grande realização de Hitler, mas ele tinha de pensar em levar a própria indústria para o regime de guerra. Entretanto, Hitler não se apressou. A guerra na Rússia era coisa séria, e o exército alemão precisava consumir mais armas do que nunca. A produção de munição de modo algum correspondia às expectativas do exército. O major-general B. Müller-Hillebrand cita páginas inteiras de estatísticas muito bem definidas. Eis alguns números escolhidos ao acaso, entre milhares deles: em outubro de 1941, o exército alemão entrou em batalhas ferozes com o Exército Vermelho e usou 561.000 morteiros de 75 mm, enquanto a indústria, nesse período, produziu apenas 75.000 desses morteiros. Em dezembro, 494.000 foram usados, mas apenas 18.000 foram recebidos das fábricas.[11]

Isso não poderia durar muito. No entanto, Hitler não tinha pressa.

Em dezembro de 1941, Stálin realizou fortes ataques contra o exército alemão, já perto de Moscou. E, em dezembro, Hitler declarou guerra aos Estados Unidos. Parecia a hora perfeita para mudar o regime da indústria, de paz para guerra. Porém, Hitler esperou ainda mais. Somente em janeiro de 1942 ele tomou a decisão de, gradualmente, mudar a indústria alemã de forma a suprir as necessidades de guerra. A diferença entre Stálin e Hitler é que este, em primeiro lugar, entrou em guerra contra o mundo, lutou por mais de dois anos e só então começou a mobilizar suas indústrias. Stálin, por outro lado, agiu de modo totalmente oposto. Primeiro, tentou o quanto pôde retardar o momento de a União Soviética entrar na guerra, mas já tinha mobilizado as indústrias, preparando-as para o regime de guerra em janeiro de 1939.

No decurso da Segunda Guerra Mundial, o Exército Vermelho tinha a mais poderosa artilharia do mundo. A artilharia foi usada de modo correto, isto é, foi concentrada secretamente em várias faixas do território e usada em ataques súbitos e intensos. Na operação de Stalingrado, a linha de frente do Don, sob o comando do tenente-general K. K. Rokossovski, rompeu as defesas em uma estreita faixa de terra

de apenas doze quilômetros. Ali, além dos tanques, 24 regimentos de rifle, apoiados por 36 regimentos de artilharia, lideraram a penetração nas linhas inimigas. Rokossovski concentrou 135 canhões a cada quilômetro e 167 armas por quilômetro nos locais principais. Durante a guerra, a concentração de artilharia, tanques, infantaria e aviação foi aumentando constantemente. No fim da guerra, as equipes soviéticas começaram a usar o quiloton como unidade de medida para calcular o poder de ataque da artilharia. A artilharia soviética passou a falar a língua da era atômica.

Na operação Vístula-Oder, o comando soviético usou 34.500 canhões e morteiros. Não estavam distribuídos igualmente para o pessoal, mas concentrados nas faixas onde aconteceria a invasão. Na faixa coberta pelo 3º exército de guardas, a concentração atingiu 420 armas por quilômetro. Durante a guerra, o abrandamento da artilharia foi constantemente reduzido, enquanto seu poder crescia. Nessa operação, na área coberta pelo 5º exército de choque, a duração do abrandamento fora planejada para ser reduzida a 55 minutos.[12] Tudo começou bem, mas após 25 minutos, ela havia terminado. Nesses 25 minutos, 23.000 toneladas de munição foram usadas, além de 15.200 morteiros de calibres médio e grande em cada quilômetro dessa frente. Batalhões penais marcharam e não encontraram nenhuma resistência. Esse fato confirmou que o abrandamento já não seria necessário, uma vez que ninguém oferecia resistência. Isso economizou 30 minutos (muito significativos em guerra) e 30.000 toneladas de munição.

A artilharia ainda maior foi usada na operação Berlim: mais de 42.000 canhões e morteiros. Ao longo das áreas de penetração, enormes quantidades de munição foram concentradas, bem como armas na mesma proporção. O marechal Ivan Konev avançou 36 quilômetros pela linha de frente adentro e usou 8.626 armas para isso. O marechal Jukov concentrou menos armas — 7.318 canhões e morteiros — mas adentrou 30 quilômetros na linha de frente; tinha, portanto, maior concentração de artilharia. As forças principais de unidades de tanques e a força aérea também se concentraram nessas áreas, bem como um número correspondente de soldados da infantaria.

O recorde foi batido na área ocupada pela 381ª divisão de rifles do 2º exército de choque, no curso da operação da Prússia do leste: 468 canhões e morteiros em um quilômetro da linha de frente, sem contar as instalações de tiros de Katiúcha. No decurso da guerra, o Exército Vermelho usou 427 milhões de morteiros e minas, além de 17 bilhões de cartuchos. Divida isso pelo número de soldados alemães e determine quanto dá por soldado. Ao resultado, acrescente as granadas de mão, as minas terrestres e as bombas aéreas. Quem poderia resistir a tamanho exército?

Aqui é preciso lembrar que, na guerra, a União Soviética usou apenas 15% do potencial pré-guerra do *Narkomat* de munição; o restante foi perdido no início da guerra. O ataque-surpresa de Hitler não apenas aniquilou dezenas de divisões do

Exército Vermelho e destruiu as reservas estratégicas; ele também ocupou os territórios onde estavam as mais novas fábricas de munição. O Exército Vermelho destruiu as próprias fábricas ou simplesmente abandonou-as ao bater em retirada. Algumas máquinas foram evacuadas, mas tente transportar um único alto-forno por milhares de quilômetros. [...] Tente transportar míseras mil toneladas de munição das florestas da fronteira para as estações ferroviárias, carregá-las em trens e evacuá-las sob o fogo inimigo.

Hitler deu um golpe quase mortal em Stálin, que perdeu quase todas as fábricas de munição e teve de revidar com apenas 15% do poder do *Narkomat* de munição.[13] Os resultados da guerra são bem conhecidos. Tente imaginar o que teria acontecido se Hitler tivesse adiado o ataque e, em vez disso, fosse atacado por Stálin. Nesse caso, Stálin teria usado não 15% de sua munição, mas 100% dela. Então, qual teria sido o resultado da Segunda Guerra Mundial?

22

A Guerra de Inverno: Finlândia

O Exército Vermelho considerará sua missão bolchevique concluída quando conseguir o controle de todo o globo.

Jan Gamarnik,
chefe do diretorado político do Exército Vermelho, em um discurso feito na reunião do Comitê Nacional pela Defesa da URSS, em 15 de março de 1937

Em outubro de 1939, imediatamente após a divisão da Polônia entre a Alemanha e a União Soviética, os diplomatas de Stálin dirigiram-se ao governo da Finlândia, exigindo a cessão do istmo da Carélia[1]. Em troca, ofereceram aos finlandeses um território duas vezes maior que o istmo. À primeira vista, a proposta parecia irrecusável: a Finlândia sacrificaria 2.761 quilômetros quadrados e receberia 5.528. Entretanto, a proposta não apenas não era atraente, como também desrespeitosa. O istmo da Carélia era uma porta direta para a capital da Finlândia, seus maiores portos e regiões mais populosas. A disposição geográfica da Finlândia é tal que qualquer agressão só poderia vir da União Soviética e através do istmo da Carélia. Precisamente por esse motivo, o exército finlandês, a partir de 1918 (após ganhar a independência, lutando contra tropas russas e bolcheviques durante a guerra civil russa), iniciou um extenso programa de defesa no istmo da Carélia. Em 1929, o programa havia se expandido de forma significativa. Criaram no istmo da Carélia uma sólida faixa de fortificações e obstruções, que ficou conhecida como Linha Mannerheim, em honra ao comandante-em-chefe do país, o qual havia vencido a guerra de independência em 1918. A Finlândia gastou praticamente todo o orçamento militar, durante os dez anos que precederam a guerra, na construção dessa linha de fortificações. Peri-

tos militares de todas as nações do mundo concordaram unanimemente que nenhum exército poderia romper a Linha Mannerheim, independente do tempo que levasse. No entanto, os delegados de Stálin exigiram da Finlândia a cessão de sua principal e única estrutura defensiva; quer dizer, queriam que os finlandeses depusessem as armas e entregassem ao Exército Vermelho, sem luta, o caminho livre para penetrar no interior do país — bem desenvolvido e populoso. Em troca, ofereceram um enorme território pantanoso, onde ninguém morava e de que ninguém precisava.

A "troca" de territórios era o primeiro passo de um plano. Stálin havia preparado o segundo passo — uma revolução na Finlândia e sua tomada pelos comunistas. Já em outubro de 1939, a 106ª divisão de rifles do Exército Vermelho fora ampliada com comunistas finlandeses que viviam na União Soviética.[2] Quando necessário, essa divisão poderia se tornar o "exército nacional da Finlândia" e ser usada como uma arma contra o governo legal. Stálin havia preparado um novo "governo" comunista, reforçado com oficiais do NKVD* e da inteligência militar. Esse tal "governo", a qualquer momento e de acordo com "a vontade do povo finlandês", poderia ser enviado a Helsinque. Stálin já havia começado a formar o "governo" em junho de 1939 e decidira que A. Anttila, comandante de divisão do Exército Vermelho, seria nomeado "ministro da defesa". Posteriormente, esse homem se tornaria major-general do exército soviético. Nos planos de Stálin, o futuro "ministro do interior" da Finlândia seria um operador do NKVD, T. Lêkhen. Como líder do "governo", Stálin havia nomeado um oficial da inteligência soviética, Otto Kúussinen. De modo conveniente, Kúussinen também foi nomeado "ministro das relações exteriores".

Kúussinen já havia sido membro de um governo comunista na Finlândia. Em 1918, ele criou o Partido Comunista da Finlândia com dinheiro soviético e tentou articular um golpe de estado. Quando seus planos de tomar o poder falharam, passou mais de um ano na clandestinidade, orquestrando atividades terroristas contra a Finlândia, no interesse da revolução mundial. Depois que seu esconderijo foi descoberto e desmantelado, ele fugiu para a União Soviética. Em 1921, Kúussinen incorporou as fileiras de altos oficiais da Internacional Comunista e tornou-se um dos líderes da revolução mundial. Em 1937, o implacável Stálin fez uma limpeza na Internacional Comunista, e a grande maioria de líderes foi executada. Kúussinen, por algum serviço útil prestado, escapou da execução e, em 1941, tornou-se membro do comitê central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Em 1952, foi promovido a membro do conselho do comitê central do PCUS — isto é, entrou para o grupo mais seleto de líderes da União Soviética.

A esposa de Kúussinen, Aino, trabalhava como agente de espionagem para o chefe do estado-maior do Exército Vermelho. De 1931 a 1933, ela morou ilegalmente

---

* N.T.: Comissariado popular de assuntos internos.

nos Estados Unidos e, a partir de 1934, foi ao Japão, trabalhando com Richard Sorge. Em 1938, Stálin ordenou-lhe que voltasse à União Soviética e a colocou na prisão.[3] Assim, Otto Kúussinen fez os preparativos para entregar liberdade e felicidade aos finlandeses, enquanto a própria esposa apodrecia na prisão; e Stálin poderia, a qualquer momento, elevá-lo ao mais alto posto da URSS, ou jogá-lo diante de um pelotão de fuzilamento.

Três meses antes do início da guerra na Finlândia, em agosto de 1939, o Exército Vermelho derrotou o 6º exército japonês na Mongólia, com um ataque-surpresa. A lógica nos levaria a concluir que, se o Exército Vermelho teve a capacidade de destruir um exército japonês inteiro, a Finlândia não apresentaria nenhuma dificuldade. Stálin conhecia a força do Exército Vermelho e estava convencido de que a Finlândia cederia sem briga a todas as suas exigências. Por esse motivo, ele não fez grandes preparativos para a guerra. Todavia, o povo e o governo da Finlândia não quiseram se curvar.

Stálin emitiu a ordem de esmagar a Finlândia. Para atacar, os soviéticos precisavam de um pretexto. Como se fosse por encomenda, em 26 de novembro de 1939, sete morteiros, supostamente lançados do lado finlandês, explodiram do lado soviético, matando três soldados rasos e um oficial júnior.[4] O governo finlandês declarou que o morteiro jamais poderia ter saído de seu território, uma vez que a Finlândia não tinha nenhuma artilharia perto da fronteira. Além disso, declarou-se pronto a convidar peritos de países neutros, ou criar um comitê de peritos finlandeses e soviéticos, para investigar melhor o incidente. No entanto, Stálin não precisava de investigação nenhuma. Já que a Finlândia "atacara" a União Soviética, o Exército Vermelho "responderia com a devida retaliação".

Em 30 de novembro de 1939, após um breve e intenso tiroteio, o Exército Vermelho cruzou a fronteira da Finlândia, com o objetivo de tomar Helsinque por volta de 21 de dezembro de 1939 — 60º aniversário de Stálin. O maior ataque foi realizado no istmo da Carélia; outros menores foram feitos ao longo da fronteira fino-soviética, do Mar Báltico ao Mar de Barents. A Rádio Moscou declarou que o povo finlandês erguera-se contra o capitalismo, e o Exército Vermelho marchara para lá a fim de apoiar o levante. Unidades do Exército Vermelho ocuparam o vilarejo de Terioki. Imediatamente, o "governo" de Kúussinen chegou de Moscou a esse vilarejo e arregaçou as mangas. Todos os "ministros" da nova Finlândia comunista, por algum motivo, falavam russo. O filho de Kúussinen elaborou relatórios e protocolos no idioma russo. O "governo" estabeleceu laços diplomáticos com a URSS em 1º de dezembro e, no dia seguinte, assinou um "acordo de ajuda mútua e amizade entre a União Soviética e a República Democrática Finlandesa". O acordo foi assinado pelos camaradas Molotov e Kúussinen e impresso em duas vias, mas em um único idioma — russo. O camarada Kúussinen também assinou em russo, usando o alfabeto cirílico.

Entretanto, a marcha vitoriosa sobre Helsinque não aconteceu. A Linha Mannerheim não estava na fronteira, mas mais ao fundo do território, atrás da "faixa de segurança". Essa faixa era uma extensão de terra que começava na fronteira e se estendia de 25 a 65 quilômetros no território finlandês.[5] A faixa de segurança fora equipada com armadilhas, barricadas, obstáculos e campos minados. O espaço todo fora coberto com grandes rochas de granito e blocos de concreto; era cercado de florestas, escarpas, fossos e trincheiras antitanques. Nessa região, durante muitos anos e de propósito, não houve desenvolvimento industrial nem transporte. A Finlândia não mantinha nessa faixa grandes formações militares, nem grande quantidade de suprimentos. Todas as pontes existentes foram carregadas com explosivos, prontas para serem explodidas ou queimadas, junto com o que houvesse por perto. Isso seria feito pela patrulha finlandesa, no caso de retirada.

A faixa de segurança é uma espécie de escudo, criada pelo lado defensor, para enfrentar o agressor. Ao cair nessa armadilha, o agressor perde a rapidez de movimento e suas tropas sofrem baixas mesmo antes de encontrar as forças inimigas. Nesse território, o lado defensivo emprega apenas pequenas unidades, mas muito móveis. As unidades irrompem dos esconderijos, realizam ataques repentinos e, em seguida, recuam para novas posições, preparadas de antemão. Esses esquadrões leves tentam se fazer passar pelo exército do país. O agressor vê-se forçado a parar, voltar com os soldados e gastar bombas em espaços vazios, enquanto os esquadrões leves já recuaram rapidamente e em silêncio, emboscando-se em novas posições.

Uma vez na faixa de segurança, o agressor perde a vantagem mais significativa – a surpresa. E enquanto ele luta exaustivamente contra os esquadrões leves de defesa, as forças principais do lado defensivo têm tempo de se preparar e combater o agressor em posição conveniente. O exército finlandês agiu exatamente desse modo. Quanto mais a faixa de segurança penetra território adentro, melhor para a defesa. Aqui, o bom nunca será demais; enquanto avança pela faixa de segurança, o agressor involuntariamente revela sua força e a direção que quer tomar. Ao perder o elemento-surpresa, o agressor acaba se tornando a vítima — a extensão da faixa de segurança lhe é desconhecida, de modo que o embate com as forças inimigas principais acontece em momento inesperado para o agressor, mas muito bem planejado pela defesa.

No istmo da Carélia e em outros segmentos da faixa de segurança, franco-atiradores finlandeses e esquadrões móveis estavam em plena atividade e operando em sua melhor capacidade. Eis uma situação padrão: uma coluna de tanques soviéticos, a infantaria motorizada e a artilharia avançam ao longo de uma estrada na floresta. À esquerda e à direita, não há para onde ir: florestas impenetráveis, lotadas de minas enterradas. Adiante encontram uma ponte. Os peritos soviéticos procuram as minas e voltam dizendo que está tudo bem. Os primeiros tanques avançam devagar sobre a ponte — e junto com ela voam todos pelos ares: bananas de dinamite foram in-

seridas nos pilares da ponte, durante sua construção; são indetectáveis. Mesmo que fossem descobertas, qualquer tentativa de anulá-las provocaria uma explosão. Assim, a coluna soviética — uma imensa cobra com quilômetros de comprimento - tem de parar. É hora de os franco-atiradores entrarem em ação. Miram com precisão. Bangue, bangue, bangue — e de novo a floresta silencia. Mais uma vez, bangue, bangue. Os atiradores agem de longe. Atingem somente oficiais do Exército Vermelho e motoristas de reboques. Escapar para a floresta não é opção — lembrem-se, de ambos os lados da estrada existem campos minados impenetráveis. Qualquer tentativa dos peritos soviéticos de se aproximar da ponte destruída ou de anular as minas recebe pronta resposta dos franco-atiradores finlandeses.

A 44ª divisão de rifles do Exército Vermelho, que tinha avançado 400 quilômetros ao norte do istmo da Carélia, ficou presa em três estradas paralelas que conduziam a três pontes explodidas. Em um dia de luta, a divisão perdeu praticamente todos os oficiais comandantes. O mesmo valia para outras divisões; as colunas ficaram imobilizadas, sem poder recuar nem avançar. À noite, as colunas sofriam breves ataques-surpresa, que pareciam brotar das florestas. Os finlandeses disparavam algumas salvas de morteiro, de sua posição oculta na floresta, atingindo os soldados indefesos. De repente, tudo silenciava, até o ataque seguinte.

Costuma-se dizer que o Exército Vermelho não mostrou seu melhor desempenho na Finlândia, o que é verdade. Porém, imaginemos uma divisão de qualquer exército, no lugar dos soviéticos. O que poderiam fazer nessa situação? Empurrar para trás as colunas? Artilharia pesada e tratores com enormes obuses de reboque não podem recuar. Os franco-atiradores finlandeses atiravam nos tratoristas, um por um. Com tremenda dificuldade, centímetro por centímetro, a coluna consegue se arrastar para trás; entrementes, atrás deles, outra ponte vai pelos ares. A coluna fica paralisada. Todos os caminhos que levam à outra ponte também estão bloqueados por minas, e os franco-atiradores continuam atirando e acertando os comandantes, os sapadores que tentam desarmar as minas e os motoristas. Lá na frente, muito adiante, localiza-se a quase impenetrável linha de fortificações em concreto — a Linha Mannerheim. Romper essa linha sem artilharia nem milhares de toneladas de munição agora é impossível. [...] As tropas soviéticas alcançam as fortificações, mas sua artilharia pesada fica para trás, atolada entre campos minados e pontes explodidas — e sob o fogo inimigo. No total, durante a retirada do istmo da Carélia, as subdivisões do exército finlandês destruíram 143 pontes e viadutos.

O resultado disso tudo é que o Exército Vermelho levou duas semanas para atravessar a faixa de segurança. Em seguida, suas divisões alcançaram a linha principal de defesa, sofrendo pesadas perdas. Seu moral estava baixo e faltava-lhes munição, combustível e suprimentos. Sua capacidade de manobra ficara manietada: qualquer passo fora do caminho principal poderia ser o último. A retaguarda atrasara-se muito,

sob a ameaça constante de repetidos ataques dos esquadrões leves finlandeses, cujos soldados haviam memorizado com perfeição a área e conheciam todas as passagens seguras nos campos minados.

Ao ultrapassar a faixa de segurança, o Exército Vermelho sentiu-se impotente diante das fortificações da Linha Mannerheim. Era uma estrutura defensiva brilhantemente camuflada, bem integrada à paisagem e estendendo-se por 135 km de largura e 30 km de extensão. O lado direito encontrava-se com as margens do Mar Báltico; o lado esquerdo bordejava o Lago Ládoga. Em suma, a Linha Mannerheim contava com 2.311 estruturas defensivas de concreto, aço e madeira. A luta na Linha Mannerheim foi particularmente feroz. O Exército Vermelho apenas conseguiu rompê-la em 12 de março de 1940, sofrendo baixas colossais tanto de homens como de armas: 126.875 soldados e oficiais morreram em ação, ou desapareceram sem deixar rastros, ou morreram em decorrência de ferimentos e doenças. Além disso, o exército ficou com 188.671 feridos e 58.370 doentes; e 17.867 soldados ganharam úlceras de frio.[6]

Em 13 de março de 1940, a guerra entre a Finlândia e a União Soviética chegou ao fim. Durou 105 dias e ficou conhecida como Guerra de Inverno. A União Soviética ficou com o istmo da Carélia, mas a Finlândia manteve-se independente.

O mundo inteiro mostrou-se chocado com a inacreditável fraqueza do Exército Vermelho. A poderosa União Soviética não pôde com a Finlândia, cuja população era pouco maior que 3,5 milhões. No mundo todo, jornais apresentavam caricaturas e relatórios sobre a incrível falta de preparo da União Soviética para qualquer guerra, por menor que ela fosse.

Cresceu então a convicção, entre militares, escritores, historiadores e políticos, que o Exército Vermelho demonstrara na Finlândia completa e total incapacidade de guerrear. Há muitas décadas, essa ideia vem sendo inculcada em academias militares, escolas e universidades. Entretanto, a ação do Exército Vermelho na Guerra de Inverno não sugere fraqueza. Ao contrário, demonstra grande força. Antes de tudo, é necessário ter em mente que o Exército Vermelho agiu em condições que nenhum exército havia enfrentado. O ataque foi feito em temperaturas cuja média era de 21 a 24° C abaixo de zero. Às vezes, a temperatura subia, mas frequentemente era menor. Na primeira noite dessa guerra, a temperatura registrada foi de -39° C; em algumas noites foi ainda mais fria. As batalhas aconteceram não só no istmo da Carélia, mas também a mil quilômetros dali, ao norte, até o Círculo Ártico, e mais adiante. O frio ali, naturalmente, era mais severo. Nenhum exército havia tentado uma operação ofensiva, mesmo falha, sob temperaturas abaixo de -20° C. Sob tais condições, ninguém nunca tentara realizar grandes ataques, porque é quase impossível. Entretanto, o Exército Vermelho levou a cabo operações ofensivas em temperaturas abaixo de -30°C, ou piores. Stálin ordenou que seu exército atacasse sob condições impensáveis, e o Exército Vermelho fez o impensável.

No entanto, como os finlandeses se defenderam em tais condições?

A defesa é uma história muito diferente. Durante 20 anos, praticamente, o orçamento militar inteiro da Finlândia foi gasto para custear a criação de fortificações no istmo da Carélia. Muito além de infinitos campos minados, trincheiras antitanques e obstáculos de granito, tetraedros de concreto e obstáculos de arame farpado que se estendiam desdobrados em 10, 20 e 30 fios, havia um local marcado no mapa como "colina 65,5", protegida por 47 fios de grosso arame farpado amarrados a estacas de metal, ligadas a minas. Nas últimas fileiras de arame farpado, em vez de estacas, trilhos de ferrovias foram enterrados no chão. Atrás dessa série de barricadas, havia casamatas de concreto. Cada construção defensiva maior contava com munição, combustível, abrigos aquecidos, banheiro, cozinha, refeitório, água corrente e eletricidade. Linhas de comunicação, postos de comando, hospitais — tudo ficava debaixo da terra, sob lajes de concreto e escondido na neve, mas aquecido. Os franco-atiradores, que passavam dias espreitando as vítimas, e os soldados dos esquadrões leves, que atacavam de esqui a retaguarda do Exército Vermelho, descansavam aquecidos e bem equipados. Os soldados finlandeses nascem, crescem e são treinados para lutar nessas condições. Sabem que, após vários dias de patrulhamento ou raides em esqui, voltarão para os *bunkers* confortáveis, onde os espera uma tigela de sopa fumegante e onde podem descansar antes do ataque seguinte. Sabem que, caso sejam feridos, uma mesa cirúrgica subterrânea estará pronta, ao lado de uma cama de hospital limpa e macia.

Porém, tente atacar sob aquelas condições. Tente amputar uma perna quando, fora da fina tenda-hospital, a temperatura é de -40° C e dentro é de -30°C.

Além do frio, havia a neve. A profundidade da camada de neve chegava a 1,5 metro. Mesmo que a temperatura fosse maior, se o manto de neve fosse o mesmo, realizar operações ofensivas seria tarefa quase impossível. Sob a neve havia pântanos. A neve age como isolante, de modo que os pântanos não congelam. Além disso, acontecem reações químicas nos pântanos, que irradiam calor. Assim, mesmo no mais cortante dos frios, pessoas, carros e tanques caem sob a neve e se afogam nos pântanos. E não é tudo. Não só havia pântanos como lagos. Muitos também não congelam, e pela mesma razão: onde não há neve, a água congela até o fundo, mas onde há um manto espesso de neve, o gelo que se forma é muito fino; talvez aguente uma pessoa, mas nunca um tanque. A Finlândia é a terra dos mil lagos; como é possível distinguir um lago de um campo? Tudo estava branco, fofo, ofuscante. "O cenário de operações consistia em 50% de florestas, 25% de água, algum pântano, e em apenas 10% da superfície total os tanques podiam passar."[7]

Ainda por cima, sob a neve havia rocha de granito. Para quem olhasse, os campos pareciam nivelados sob a neve. No entanto, quando os tanques tentavam cruzá-los, as esteiras rasgavam-se, e os compressores quebravam-se. A Finlândia inteira é um campo antitanque sob medida. Tanque nenhum pode agir ali. Em toda parte há um

campo cheio de rochas pontiagudas, ou um lago, ou uma densa floresta. Tudo isso era arrematado por milhões de minas. Pode-se errar, mas apenas uma vez.

Durante os 105 dias de guerra, 25 tiveram tempo melhor, mas nos demais houve granizo e nevascas que impediram os voos. Em dezembro, a luz do dia dura muito pouco; escurece às 16h. Mais ao norte, o dia é mais curto e, às vezes, o sol nem nasce. Onde quer que cresçam árvores, a floresta é impenetrável. Tanques nada podem fazer na mata; e não há como ajustar a mira entre a folhagem. Não há horizonte visível. O observador não consegue ver a direção dos projéteis que voam sobre sua cabeça e não sabe onde caem. Ouve silvos da bateria; estão perto? Longe? Quem sabe? Somente quando o projétil explode é que ele vê onde caiu — tarde demais. Por outro lado, a artilharia finlandesa sempre soube lutar nessas regiões. Nos tempos de paz, os treinos eram intensos ali; atiradores, observadores e comandantes sabiam de cor a balística de precisão da região.

Desse modo, a artilharia soviética ficou paralisada; os tanques eram inúteis, pois o ambiente rejeitava-os. A força aérea também não pôde ajudar, uma vez que nada enxergava. O manual de tática ensina: "De cima, a floresta parece uma superfície nivelada; localizar soldados entre as árvores é extremamente raro". Sob condições normais, já é difícil distinguir soldados inimigos em uma floresta; mas ali não havia nada para distinguir. Os finlandeses escondiam-se nos subterrâneos da neve. À luz do dia, a fumaça dos fogões apenas podia ser vista onde eles queriam ser vistos, em locais residenciais. Porém, que luz do dia?

O exército invasor não podia cavar valas de abrigo, porque em dezembro o solo gelado da Finlândia pouco difere do granito. Os feridos não precisavam ser carregados para nenhum hospital, pois nesse frio extremo eles morreriam congelados, mesmo perdendo pouco sangue. Em 1944, o coronel-general L. Rendulic, alemão, andou lutando nessa mesma região:

> Nessa zona rochosa e florestal, as árvores crescem desordenadamente sobre pilhas de pedra, que não raro atingem a altura de um homem, às vezes até mais. Durante as primeiras operações de reconhecimento, eu tentei, às vezes, desviar do caminho e penetrar na floresta, mas raramente conseguia. Com frequência, isso era possível apenas se arrastando no chão, ou engatinhando. [...] Andar sobre as pedras ou entre elas era um exercício extremamente cansativo. Em raras ocasiões, era possível contornar as pedras. Qualquer veículo ali, mesmo se a floresta estivesse sem inimigos, estava fora de cogitação. Nem animais de tração conseguiam passar. [...] O avanço das tropas em formação disciplinada era totalmente inapropriado. A região pantanosa é igualmente coberta de árvores. Avançar nessa área é até mais difícil que na região de rochas e floresta.[8]

A impenetrável região foi fortificada com obstáculos e dispositivos anti-infantaria e antitanques. Esses obstáculos foram criados no ambiente natural, com grande habilidade. Riachos e regatos atravessavam a região, tendo altos penhascos nas margens; eram bastante escarpados. Todas as pontes foram explodidas; todos os caminhos que conduziam às pontes foram minados e ficavam sob o fogo cerrado dos franco-atiradores. Mais adiante, localizava-se a principal linha de defesa, de sete a doze quilômetros território adentro.

Sabemos de tudo isso apenas agora. Na época, o comando soviético não tinha conhecimento de nada. Por trás da linha principal, eles ainda encontraram fortificações e outra faixa de segurança, seguida de campos minados, barricadas e mais uma linha fortificada.

As estruturas de defesa tinham paredes de concreto, com espessura entre 1,5 e 2 metros. As paredes acima do chão eram revestidas de placas blindadas e achavam-se enterradas sob uma pilha de enormes rochas de granito, recobertas de terra. Em suma, tudo camuflado e escondido. Acima dessas casamatas erguia-se uma floresta de pinheiros, altos e espessos — que, por sua vez, tinham um manto de neve. Soldados armados com metralhadoras, rifles e outras armas esperavam em tocaia nas fortificações de concreto. Frestas estreitas obscureciam o brilho repentino dos disparos e amorteciam os ruídos. Os finlandeses atiravam à queima-roupa, enquanto as tropas avançavam pensando que eles estavam longe.

Os finlandeses empregaram cimento "600" na construção das casamatas. Para cada metro cúbico de concreto, usaram 95 kg de armadura de aço. Eis os resultados: morteiros soviéticos de 280 mm e obuses de 203 mm dispararam diretamente em um pavilhão finlandês, a "casamata 0031". A munição fora especialmente projetada para varar concreto. Um projétil de 203 mm, especial para o obus B-4, pesa 100 kg.[9] O projétil do morteiro B-5, de 280 mm, pesa 246 kg. Dispararam 1.043 projéteis de 203 mm e 116 projéteis de 280 mm na casamata 0031. Só então a casamata deixou de resistir. Foram 132 toneladas de projéteis para uma única casamata!

Imaginemos os preparativos para o bombardeio dessa casamata. Antes de tudo, ela precisava ser localizada; isso sempre custa muitas vidas. Depois, é preciso chegar à casamata, passando por minas e outros obstáculos — o que também custa muitas vidas. A seguir, sob o fogo cerrado da casamata, era preciso calcular a posição de cada arma, mantendo-a segura no lugar. O obus de 203 mm pesa 17,7 toneladas na posição de batalha e 19 toneladas na posição de viagem. O morteiro de 280 mm pesa 18,4 e 19,7 toneladas, respectivamente. Estes precisam ser desmontados e rebocados por tratores nas estreitas estradas e nos terrenos acidentados, pois uma casamata nunca se localiza nas estradas principais. Durante o transporte, a montagem e o posicionamento, esses gigantes são extremamente vulneráveis. O passo seguinte é transportar os projéteis. O peso líquido da munição utilizada para bombardear a

casamata 0031 era de 132.836 kg. Os projéteis ficavam armazenados em caixas de madeira, o que criava um peso adicional. Essas caixas, pesando entre 200 e 300 kg, eram carregadas em caminhões e levadas à zona do ataque, sempre por caminhos tortuosos e enlameados. Só então era hora de descarregar. Tudo isso só para os projéteis. Havia outras munições. Dezenas de quilos de pólvora são necessárias para fazer o pesado projétil sair do cano da arma. Em uma arma de tamanho calibre, as cargas são separadas; em vez de cartuchos, usam-se sacos de pólvora — sacos de seda cheios de pólvora, os quais se inflamam quando usados. Dezenas de toneladas de pólvora, em sacos de seda, constituem uma carga traiçoeira e extremamente perigosa. O transporte e a estocagem dessa carga são uma tarefa delicada, exaustiva e arriscada.

Se, durante o bombardeio da casamata 0031, o obus de 203 mm disparasse um tiro a cada dois minutos,[10] para 1.043 tiros seriam necessários 2.086 minutos — quase 36 horas. No entanto, disparar constantemente, sem descanso, é impossível. Só é possível atirar à luz do dia; caso contrário, não dá para direcionar o tiro corretamente. Porém, talvez a casamata 0031 estivesse sob o fogo de uma bateria inteira, e não de apenas um obus? Essas armas são tão grandes e desajeitadas que uma bateria é composta de apenas duas delas. Um batalhão conta com três baterias, ou seis obuses. Se o bombardeio for feito por uma bateria, ou pelas três baterias de um batalhão, o tempo necessário para derrubar a casamata diminuirá. Entretanto, surgem outras dificuldades: uma coisa é montar um obus em boa posição de tiro, e outra, muito diferente, é montar dois ou seis. Além disso, os morteiros de 280 mm estão por perto e disparando; torna-se muito fácil para o inimigo detectar a posição dessas armas gigantescas. Esses monstros, em posição de tiro, ficam bastante vulneráveis ao fogo inimigo.

O cano do obus de 203 mm pesa cinco toneladas. No momento em que dispara, o projétil instantaneamente acelera para 607 metros por segundo. O cano esquenta e sofre tensão dinâmica. Esse processo é rápido, e o calor excessivo impede novos tiros. Além disso, o cano se desgasta rapidamente e com frequência precisa ser substituído. Tudo isso para o bombardeio de apenas uma casamata, a 0031.

O bombardeio das casamatas finlandesas nem sempre teve êxito como no caso descrito. Contra a casamata 0011, os soviéticos dispararam 1.322 projéteis de obuses de 203 mm e morteiros de 280 mm — quase 200 toneladas. A casamata ficou parcialmente danificada, mas continuou resistindo. Por vezes, à custa de muito sangue, combatentes soviéticos arrastaram-se sob o tiroteio e chegaram às casamatas, com o objetivo de explodi-las, e descobriram que uma carga de 5.500 kg de explosivos não era suficiente para explodir uma.[11]

De 14 a 17 de abril de 1940, na presença de Stálin, o Kremlin reuniu o conselho do supremo comando para discutir os eventos da Guerra de Inverno e trocar opiniões. Ficou decidido que o obus de 203 mm não tinha poder suficiente para

destruir uma casamata. Para resolver o problema, era preciso um obus de 305 mm.[12] Só para registro: o modelo soviético, de 1939, do obus B-18, de 305 mm, pesava 45,7 toneladas; seu projétil pesava 330 kg. A velocidade inicial do projétil era de 530 m/s, e a distância máxima de alcance, 16,6 km. Apenas esses mostrengos seriam capazes de destruir as defesas finlandesas.

Os peritos militares do Ocidente deviam reconhecer a assombrosa capacidade bélica do Exército Vermelho e a falácia das próprias hipóteses. Das atividades na Finlândia, pode-se chegar a uma única conclusão lógica: nada era impossível para o Exército Vermelho. Se ele fora capaz de avançar em tais condições, avançaria em qualquer condição, pois não poderia haver nada pior que atacar a Finlândia no inverno. Se o Exército Vermelho cruzou a Linha Mannerheim, estava pronto para esmagar a Europa e quem mais estivesse no caminho. Na Finlândia, o Exército Vermelho provou que poderia dar conta de qualquer tarefa, mesmo as "impossíveis". O vitorioso Exército Vermelho realizou aquilo que o Ocidente acreditava infactível. No entanto, os estrategistas não admitiram a falsidade de suas previsões; em vez disso, declararam que o Exército Vermelho estava despreparado para a guerra.

Contudo, quem acompanhou o desenvolvimento da Guerra de Inverno não prestou atenção em certas inconsistências. O primeiro fato estranho aconteceu em 12 de março de 1940, quando o Exército Vermelho rompeu a Linha Mannerheim. Depois disso, uma Finlândia totalmente indefesa ficou à mercê do invasor. Ela poderia ser apanhada com as mãos, como uma tartaruga de casco partido. Porém, o Exército Vermelho, após romper o impenetrável sistema defensivo finlandês, deteve o avanço. Por quê? Em dezembro de 1939, já tendo premonições sobre a força da Linha Mannerheim, os soviéticos deviam ter interrompido o avanço, em vez de seguir adiante. Entretanto, se eles romperam a linha e, ao custo de baixas incontáveis, conseguiram ultrapassá-la, deveriam fazer jus ao que haviam ganhado. Stálin arrombou o cofre, mas não quis tirar nada para si. Onde está a lógica?

Segunda inconsistência: todos os peritos militares, antes da Guerra de Inverno, declararam que a Linha Mannerheim não poderia ser ultrapassada por exército nenhum. O Exército Vermelho realizou a façanha. E mais: rompeu a linha de improviso, pois não havia se preparado para condições tão limitantes. A linha foi rompida em apenas três meses, quando todos os peritos do Ocidente sustentavam que isso seria impossível, mesmo lutando durante anos. E de repente esses mesmos peritos começaram a falar que o Exército Vermelho não estava preparado para a guerra.

Terceira inconsistência: os primeiros e mais indignados relatórios sobre o mau desempenho do Exército Vermelho na Finlândia saíram em jornais custeados por Stálin. O poeta da corte de Stálin, Alexander Tvardovski, de repente passou a falar da "guerra infame". Por alguma razão, ele não foi executado. Por algum motivo, foi recompensado com elogios de Stálin. Este foi astuto o suficiente para dar um fim à sua

"cruzada da libertação", depois que a Linha Mannerheim foi rompida, e a Finlândia viu-se privada da faixa de segurança.

As operações militares na Finlândia terminaram em 13 de março de 1940, e apenas três meses mais tarde os três estados bálticos — Estônia, Letônia e Lituânia — renderam-se a Stálin sem luta, tornando-se repúblicas da União Soviética. Os três governos e líderes militares desses países haviam observado atentamente a guerra na Finlândia e chegaram a uma conclusão assustadora, mas correta: o Exército Vermelho era capaz de cumprir quaisquer ordens e não seria detido pelas baixas, por mais numerosas que fossem. Se Stálin ordenasse que o Exército Vermelho aniquilasse alguém, os soldados aguentariam todas as perdas necessárias para obedecer. Assim, os três estados renderam-se sem disparar um único tiro. Compreenderam que seria inútil resistir. Entretanto, Stálin enviou um ultimato ao governo da Romênia: desistam da Bessarábia. Lembrando-se da experiência da Finlândia, o governo romeno nem perdeu tempo com discussões: entregou a Bessarábia e, de quebra, a Bucovina do Norte.

O Exército Vermelho realizou uma operação única e sem precedentes na Finlândia. Desempenhou um papel incomparável e jamais repetido por qualquer exército da história; mas, por alguma razão, Hitler concluiu que ele se saíra mal. Os generais alemães viram maravilhas surgindo sob os próprios olhos, mas não entenderam o significado do que viram. Foram incapazes de apreciar o que observaram; as pessoas que cercavam e aconselhavam Hitler tiraram estranhas deduções sobre o preparo de Stálin para a guerra. O diário de Goebbels, durante esses dias, está cheio de notas como estas: "11 de novembro de 1939: O exército russo não é valoroso. É mal comandado e pobremente armado. [...] 4 de dezembro de 1939: O exército russo tem pouco valor. [...] 23 de janeiro de 1940: O poderio militar de Moscou é quase insignificante".[13] Goebbels anotou não apenas sua opinião, mas também a de Hitler: "Ele, mais uma vez, mencionou o estado catastrófico do exército russo, que mal pode ser usado em ações militares".[14]

Para o Exército Vermelho, a guerra da Finlândia foi uma vacina contra a capacidade subestimada pelo inimigo. A guerra da Finlândia ensinou muita coisa ao Exército Vermelho: em 1941, perto de Moscou, e em 1942, perto de Stalingrado, as tropas alemãs confrontaram o Exército Vermelho, que a essa altura já sabia lutar no inverno. Os alemães, entretanto, não tinham aprendido nada com a guerra da Finlândia. Essa guerra fez uma brincadeira cruel com Hitler. Ele não entendeu nem avaliou corretamente as próprias dificuldades e, por isso mesmo, fez cálculos desastrosos. Decidiu, de repente, que o Exército Vermelho estava despreparado para a guerra e para qualquer tipo de ação. Hitler estava muito enganado. Nenhuma conclusão pode ser tirada do fato de o Exército Vermelho não ter chegado a Helsinque. Muito longe disso; a conclusão certa seria que o Exército Vermelho era capaz de chegar a Berlim.

Muitos generais alemães compreenderam que o Exército Vermelho, a julgar pelo resultado da guerra na Finlândia, fora avaliado de forma incorreta. Na Batalha de Stalingrado, Göring declarou publicamente que a guerra da Finlândia fora "talvez um dos fatos mais bem acobertados de toda a história". Göring acreditava que Stálin, deliberadamente, "enviou à Finlândia algumas divisões, equipadas com armas obsoletas, para esconder uma máquina de guerra sem precedentes, criada na União Soviética".[15] Em seu círculo mais fechado, o próprio Hitler admitiu que errara. Isso ocorreu em 12 de abril de 1942, quando ele disse o seguinte: "Toda a guerra com a Finlândia, em 1940, e o avanço russo na Polônia com armas, tanques obsoletos e soldados pobremente vestidos não passavam de uma campanha de desinformação, porque a Rússia, nessa época, tinha armas que, comparadas com as da Alemanha e do Japão, faziam dela uma potência mundial". Hitler também disse, em 22 de junho de 1942: "Na Rússia, eles criaram uma indústria militar extremamente poderosa... e quanto mais descobrimos o que acontece na Rússia, mais nos alegramos por termos atacado na hora certa. As armas do Exército Vermelho são a melhor prova de que eles conseguiram alcançar níveis extremamente altos".[16]

23

Os recursos estratégicos da Alemanha e os planos de Stálin

O *Führer* notou que o objetivo de ganhar o controle do Golfo da Finlândia era fundamental, pois a livre navegação no Mar Báltico e a entrega direta de minério de ferro da Luleå serão possíveis imediatamente após a liquidação da frota russa. Para tomar os portos russos, serão necessárias três a quatro semanas. Só então os submarinos inimigos poderão ser paralisados. Quatro semanas de luta significam dois milhões de toneladas de minério de ferro.

Coronel-general F. Halder,
War Diary

A guerra é exigente; por isso, todos os estrategistas desenham mapas de rotas de suprimentos. Estas permitem que matérias-primas essenciais cheguem ao seu país, bem como ao do adversário. A meta é defender as linhas de fornecimento e cortar as do inimigo. Se quisermos desenhar um mapa de fontes de suprimento e rotas, facilmente veremos que a posição da Alemanha, em 1939, era particularmente difícil. Depois de 1939, a posição não melhorou; na verdade, piorou. A Alemanha não tinha matérias-primas em grande escala e estava presa por milhares de frágeis fios ao resto do mundo. Tomar países como Tchecoslováquia, Polônia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, França, Iugoslávia e Grécia e ainda promover a anexação da Áustria à Alemanha — nada disso resolveu o problema de suprimentos da Alemanha. Obter o controle de milhões de pessoas e enormes territórios que não tinham matérias-primas apenas enfraqueceu a Alemanha, sem lhe trazer vantagem alguma.

Eis outro aspecto do problema: Alemanha, França e Bélgica tinham excelente siderurgia, mas faltava-lhes o minério de ferro. Nas linhas de batalha e na retaguarda, na sola das botas e nos vasos de guerra — em tudo entra aço. Devido à escassez de

aço, autoridades alemãs, tão importantes quanto Göring, consideraram seriamente a possibilidade de construir locomotivas de concreto, em vez de aço[1]. As pontes danificadas eram reparadas com troncos de madeira, em vez de vigas de aço. Ferrovias de mão dupla foram transformadas em ferrovias de mão única, o que naturalmente retardava o ritmo de produção na Alemanha e nos países por ela ocupados.

De qualquer forma, Hitler não podia contar com uma vitória rápida; tinha inimigos demais. Uma guerra longa seria o melhor caminho para o suicídio de Hitler, no mais completo sentido da palavra. Para manter durante alguns anos o que ele queria, Hitler precisaria de muito ferro. As minas mais ricas da Europa, com rendimento de 60 a 65 por cento, situavam-se na área de Kiruna-Ellivare, no extremo norte da Suécia; o minério chegava aos portos alemães pelo Mar Báltico.[2]

Um dos pontos mais fracos da economia alemã era o carregamento de minério de ferro no porto sueco de Luleå, seguido de uma longa viagem ao longo da costa finlandesa pelo Golfo de Bótnia, passando pelas Ilhas Åland, Gotland, Öland e Bornholm, para só então descarregar nos portos alemães. O minério era embarcado quase no Círculo Ártico e atravessava todo o Mar Báltico, do porto do norte ao porto do sul. Nenhuma frota ameaçava o transporte de minério de ferro no Báltico, independente de ser britânica, francesa ou de outro país. Para uma frota estrangeira, invadir o Mar Báltico era o mesmo que entrar em uma armadilha e ficar preso por lá. No entanto, a marinha soviética não precisava invadir nada; já estava lá, em suas bases, aguardando calmamente a melhor oportunidade.

Defender uma frota soviética no Mar Báltico não é necessário. Antes de 1940, a União Soviética tinha uma pequena faixa litorânea nessa região. Durante mais de 200 anos, S. Petersburgo (Leningrado, na era soviética) foi a capital do império e, por esse motivo, todos os czares da Rússia, começando com Pedro, o Grande, ergueram fortificações ao longo dessa faixa litorânea. Com o passar dos anos, toda a área foi se transformando em uma cadeia de fortalezas marítimas, regiões defendidas e baterias de artilharia costeira.

A bateria costeira impressiona mais que a bateria de artilharia terrestre. A costeira pode ser comparada à torre de artilharia de vasos de guerra e cruzadores. Sob essas torres há labirintos de casamatas de concreto. Uma torre de navio militar pesa centenas, às vezes milhares de toneladas. Diferentemente da torre naval, a mesma torre montada em terra pode ser defendida por placas blindadas de qualquer peso. Sob a torre, é possível construir casamatas de concreto reforçado, com paredes de qualquer espessura. É preciso dizer que os czares russos construíram muitas defesas de concreto e aço nas cercanias de S. Petersburgo — e os bolcheviques acrescentaram algumas.

As defesas costeiras da frota soviética do Báltico, em 21 de junho de 1941, somavam 124 baterias costeiras com 253 armas com calibre de 100 a 406 mm, e outras 60, com 45 e 76 mm.[3]

As estatísticas das armas de defesa costeira impressionam. Por exemplo, um canhão de 305 mm podia lançar projéteis de 470 kg até uma distância de 43,9 km. Uma das torres tinha capacidade de disparar seis projéteis por minuto — quase três toneladas de metal. Uma arma de 406 mm lançava projéteis de 1.108 kg até a distância de 45,5 km. Essa arma era capaz de disparar o projétil seguinte apenas 24 segundos depois.[4]

Além de fortes e baterias costeiras, a região de Leningrado tinha uma grande concentração de canhões navais sobre plataformas ferroviárias. Essas armas de longo alcance eram afixadas em esconderijos de concreto. Há uma rede de ferrovias em volta de Leningrado; assim, as armas de longo alcance fixadas em plataformas ferroviárias podiam ser manobradas rapidamente e começar a disparar de locais pré-arranjados e muito bem escondidos, podendo sair dali em seguida. A arma mais importante da artilharia ferroviária era o canhão de 180 mm, com projéteis de 97,5 kg. Disparava cinco por minuto e seu alcance era de 37,8 km. Havia canhões mais potentes: os de 203, 254 e 356 mm. Estes últimos, sobre plataformas ferroviárias, disparavam projéteis de 747,8 kg e tinham alcance de fogo de 44,6 km.

Três regiões navais fortificadas protegiam os portões de Leningrado, chamadas Kronstádt, Ijórsk e Lújsk; de modo que as rotas para a cidade poderiam ser bombardeadas por um poderoso fogo cruzado de todas as direções. As baterias, os fortes, as regiões fortificadas e as bases navais tinham, cada um, munição e suprimentos suficientes para aguentar os quatro anos da guerra. Ninguém teria a ideia de lançar um ataque anfíbio ali, nem de invadir a cidade. Além disso, Leningrado tinha 91 baterias antiaéreas, com um total de 352 canhões antiaéreos. Então, por que, além de tudo isso, a região do Báltico precisaria de uma frota?

Se a União Soviética quisesse se defender, não precisaria de vasos de guerra no Mar Báltico. Caso precisasse, mesmo sem eles, seria possível descarregar balsas cheias de minas na entrada do Golfo da Finlândia, bloqueando qualquer tentativa de aproximação. Em uma guerra defensiva, uma frota no Báltico seria desnecessária. E na verdade, foi o que aconteceu: a frota soviética do Báltico permaneceu inativa durante toda a guerra. No caso de ataque, essa mesma frota estaria extremamente vulnerável. O agressor poderia simplesmente bloqueá-la despejando algumas centenas de minas nos baixios de acesso às bases navais. E isso foi feito pela frota alemã em junho de 1941. Em uma guerra defensiva, os navios, especialmente os maiores, são forçados a se esconder em alguma enseada rasa e estreita, onde ficam presos.

Em 1939, Hitler deu início à Segunda Guerra Mundial, tendo no arsenal apenas 57 submarinos. Os adversários, a Grã-Bretanha e a França, contavam com boas frotas e, potencialmente, a marinha americana. A marinha de Hitler teria de suportar uma luta desigual no Atlântico e no Mediterrâneo. No Báltico, Hitler já quase não tinha nada: ali, no verão de 1941, a marinha alemã contava com apenas cinco submarinos

de treino e 28 barcos torpedeiros, alguns dos quais usados também para treinamento. O restante era secundário: bloqueadores de minas, vários barcos a motor e detectores de minas.[5] No entanto, o camarada Stálin, grande amante da paz, observando a luta entre a Alemanha, a França e a Grã-Bretanha, resolveu reforçar o poder da frota do Báltico. Por quê?

Em 1933, ele já tinha dito: "O Mar Báltico é uma garrafa selada; não podemos abri-la".[6] No entanto, de cada três vasos de guerra, Stálin manteve dois no Báltico, arrolhados na garrafa. Em 1941, somente no Mar Báltico, ele tinha 69 submarinos.[7] Ninguém, no mundo todo, tinha tantos submarinos reunidos em um só lugar. Que tarefa Stálin daria a seus vasos de guerra e submarinos encerrados naquele aquário? Apenas uma: afundar as cargas alemãs de minério de ferro. Não havia outra tarefa para eles.

Além de submarinos e vasos de guerra, Stálin tinha dois cruzadores, 21 destróieres, 48 barcos torpedeiros e outros mais. No Mar Báltico, a marinha alemã não tinha nem mesmo uma força aérea.[8] A frota soviética do Báltico tinha 656 aviões militares, na maioria bombardeiros e porta-torpedos.[9] Voltamos a questionar: para que tudo isso? Por que tamanha quantidade de porta-torpedos e bombardeiros, se Hitler não tinha navios grandes no Báltico? A resposta é sempre a mesma: os navios alemães não eram o alvo, mas sim a carga de minério de ferro. A qualquer momento, a frota soviética poderia levantar âncora, ir para os portos da Alemanha e da Suécia, bloqueá-los com milhares de minas e afundar as indefesas cargas. Isso acabaria com a guerra para os alemães, o que decerto já era sabido e entendido em Berlim desde o início. Hitler lutou contra a Grã-Bretanha e a França, tendo Stálin nas costas, com um cintilante machado erguido.

No final de novembro de 1939, Stálin cometeu um grande erro: iniciou uma guerra contra a Finlândia. Sua vitória foi um segundo aviso a Hitler: Stálin aproximava-se das fontes suecas de minério de ferro. O Exército Vermelho, agindo sob ordens de Stálin, rompeu as fortificações finlandesas, mas deteve o avanço. A Finlândia, sem as fortificações, ficou indefesa. A qualquer momento, Stálin poderia dar ordem ao Exército Vermelho de retomar o avanço. A partir do território finlandês, ele poderia bombardear as minas de ferro suecas e as ferrovias, sem enfrentar resistência. Ninguém poderia impedi-lo. Só a tomada das Ilhas Aland seria suficiente para fechar a entrada do Golfo de Bótnia — o que significaria o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória soviética.

Isso não era tudo. Na parte da Europa ocupada por Hitler não havia florestas; elas estavam localizadas na Finlândia e na Suécia. Qualquer bloqueio de transporte de madeira no Mar Báltico teria várias consequências, e todas negativas. A madeira era necessária para construir e restaurar ferrovias e também para minerar carvão, muito importante na siderurgia. A falta de madeira significaria o fim de transportes ferro-

viários. Já nos tempos de paz, a Alemanha tinha carência de madeira da ordem de 6 milhões de toneladas anuais. Em lugar de madeira, às vezes eles usavam ramagem de batata. O próprio *Führer* relata isso.[10]

Entretanto, estamos falando apenas dos tempos de paz, quando ninguém impedia o transporte de madeira através do Mar Báltico. Assim que os submarinos de Stálin atacassem os cargueiros de madeira, a Alemanha ficaria sem essa indispensável matéria-prima. Não haveria ramagens de batata suficientes para atender à demanda, pois não substituem a boa madeira em nenhuma instância. É possível fazer papel de qualidade inferior com eles, mas não dormentes; muito menos, utilizar como cimbre em minas de carvão.

Mais importante que tudo era o fato de a Alemanha não ter níquel. É impossível lutar sem níquel, e as fontes desse metal estavam na Finlândia. No início de 1940, no decurso da guerra contra a Finlândia, o Exército Vermelho havia tomado o controle das minas de níquel em Petsamo; na primavera de 1940, de acordo com o tratado de paz, elas seriam devolvidas ao país. Só que agora o níquel era extraído por sociedades fino-soviéticas, com a participação de engenheiros e operários soviéticos. O governo soviético insistiu que o diretor dessa operação fosse um soviético. O níquel de Petsamo ia para a Alemanha e para a União Soviética. A Alemanha recebia 70.000 toneladas dessas minas, ou 70% de sua demanda anual desse mineral estratégico.[11] Entretanto, o fornecimento de níquel poderia ser interrompido a qualquer momento. A 104ª divisão de rifles, chefiada pelo major-general Morozov (do 42º corpo de rifles do 14º exército) ficava montando guarda do lado de fora das minas.

Os estrategistas alemães, não em vão, temiam uma nova invasão soviética na Finlândia. Em 25 de novembro de 1940, o comissário de defesa popular da URSS, marechal da União Soviética S. K. Timochenko, e o chefe do estado-maior do Exército Vermelho, general K. A. Meretskov, assinaram uma ordem para a região militar de Leningrado. Apenas uma cópia desse documento foi feita, etiquetada como ultraconfidencial e especialmente importante. Guardem essa data: 25 de novembro de 1940. Voltaremos a ela mais tarde.

O documento começa com estas palavras:

> Nas condições de guerra somente contra a Finlândia, a URSS estabelece, por conveniência de controle e suprimento de materiais, duas linhas de frente: a do Norte, para ação no litoral do Mar de Barents e na direção de Rovaniemi, Kemi e Oulu; e a do noroeste, para ações dirigidas para Kuopio, Mikkeli e Helsinque. A liderança da frente noroeste recairá sobre o comando da região militar de Leningrado. Fica ordenado que se inicie o desenvolvimento de planos para operações que abram a frente noroeste. [...] Os principais objetivos da frente noroeste são: destruição das forças armadas finlandesas, com consequente con-

> trole dos territórios dentro de seus limites, e acesso ao Golfo de Bótnia no 45º dia da operação. [...] À direita, a frente norte (oficiais em Kandalakcha), no 40º dia de mobilização, avançará para atacar e, no 30º dia da operação, ganhará o controle das regiões de Kemi e Oulu. [...] A frota vermelha do Báltico, subordinada em todas as operações ao conselho militar da frente noroeste, cumprirá as seguintes tarefas: destruir a frota militar ativa da Finlândia e da Suécia (em caso de envolvimento desta última), trabalhando em conjunto com a força aérea. Ajudar as forças terrestres, agindo no litoral do Golfo da Finlândia e na península de Hanko, protegendo seus flancos e destruindo as defesas costeiras finlandesas. Providenciar a transferência de duas divisões de rifles nos primeiros dias de guerra, da costa do norte da República Socialista Soviética Estoniana até a península Hanko, assim como transportar e lançar um ataque anfíbio nas Ilhas Åland. Através de operações com os submarinos e a força aérea, interromper as comunicações navais entre finlandeses e suecos (se a Suécia interferir contra a União Soviética) no Golfo de Bótnia e no Mar Báltico.

Esse plano de ação recebeu o nome "S.3-20". O plano deveria entrar em vigor no momento da recepção de um telegrama codificado, com a assinatura do chefe do estado-maior e o seguinte conteúdo: "Comecem a execução do plano S.3-20".[12]

No plano, não houve menção do fato de que a União Soviética lutaria para "garantir a segurança da cidade de Lênin", isto é, Leningrado. E não havia sugestão de que a iniciativa deveria ser tomada apenas em resposta à agressão inimiga. As palavras habituais, "se o inimigo declarar guerra..." não estavam presentes. Aqui era muito mais simples: a qualquer momento, os soldados de Leningrado receberiam um telegrama de Moscou e avançariam para o Golfo de Bótnia, até a fronteira sueca e até as Ilhas Åland. Os fiéis camaradas, no momento certo, montariam uma nova "provocação da máquina de guerra finlandesa em nossa fronteira", e os porta-vozes de Stálin explicariam aos trabalhadores do mundo o significado da "política global de paz da URSS" e a necessidade de "contra-atacar a agressão finlandesa".

O plano "S.3-20" talvez fosse um plano único, mas poderia ser parte de um esquema muito mais amplo. O plano permitia que os exércitos da região de Leningrado e Arkhanguelsk, junto com a frota do Báltico, atacassem a Finlândia antes que o Exército Vermelho atingisse a Alemanha, simultaneamente ou um pouco depois. Em qualquer hipótese, o ataque à Finlândia também seria um ataque à Alemanha. No caso de ser posto em prática o plano S.3-20, as tropas soviéticas deveriam tomar as minas de níquel em Petsamo e as Ilhas Åland, além de abrir caminho para a cidade de Kemi. Não por coincidência, em 1940, a primeira brigada de fuzileiros do Báltico foi formada sob o comando do sabotador soviético coronel Parafilo. Faltava apenas enviar aos quartéis de Leningrado a mensagem cifrada: "Executem o plano". Não há

necessidade de procurar um plano para a guerra contra a Alemanha. Se o plano S.3-20 tivesse sido executado, seria um golpe mortal não só na Finlândia, mas também na Alemanha.

No verão de 1940, Stálin cometeu outro erro: anexou a Estônia, a Letônia e a Lituânia à União Soviética, organizou em seus territórios a região militar especial do Báltico e concentrou todas as forças dessa região na fronteira da Prússia Oriental. Isso era totalmente desnecessário, se não danoso, para a defesa. Alguns alegam que Stálin deslocou sua fronteira para o oeste, reforçando assim a segurança da URSS; na verdade, a situação era exatamente oposta. Antes da ocupação dos estados bálticos, o Exército Vermelho tinha uma barreira divisória nessa região. Consequentemente, em caso de agressão, o exército de Hitler tinha de esmagar as forças dos três estados independentes, antes de combater o Exército Vermelho. Mesmo que ele gastasse apenas alguns dias aniquilando os exércitos da Estônia, Letônia e Lituânia, um ataque-surpresa nas bases aéreas soviéticas estaria fora de cogitação. O Exército Vermelho teria chance de ficar em alerta prioritário e tomar posição. Após a destruição dos exércitos dos três estados, as forças de Hitler se aproximariam do Lago Chudskóe, impossível de atravessar. Se tentassem contornar o lago, cairiam direto na área fortificada soviética.

Porém, tudo aconteceu de modo diferente. O Exército Vermelho deslocou-se de sua área fortificada para a linha de frente da Lituânia, perto da fronteira alemã, e para lá transferiu suas bases aéreas, QGs, centros de comunicação e fontes estratégicas de suprimento. Para o povo dos três estados bálticos, o exército de Stálin tornou-se invasor e ocupante — e a Alemanha, se decidisse atacar a URSS, passaria a ser a libertadora.

Em 22 de junho de 1941, o Exército Vermelho sofreu um ataque-surpresa do exército alemão, ao longo de toda a fronteira, incluindo os estados bálticos. Os centros de comando foram debandados, e a aviação soviética sofreu perdas significativas nas bases aéreas fronteiriças. Além disso, um levante popular nos estados bálticos eclodiu com força contra o Exército Vermelho. Os "libertadores" soviéticos receberam tiros de cada telhado. O Exército Vermelho viu-se na região báltica sem nenhuma região defendida, tendo às costas, em território russo, áreas fortificadas vazias, sem nenhum soldado. As tropas alemãs, conduzidas pelo marechal-de-campo von Manstein, as tomaram de imediato.

Os céticos discordam: se Stálin não tivesse ocupado os estados bálticos, Hitler os teria tomado sem guerra, simplesmente levando suas tropas para lá, como fizera na Tchecoslováquia. Para tal teoria, a contestação é rápida. Alguém deveria ter explicado claramente a Hitler que, se as tropas alemãs tentassem entrar na área dos estados bálticos, a União Soviética, sem aviso prévio, começaria afundando os transportes alemães de minério de ferro e madeira no Mar Báltico, minando a entrada dos portos alemães e bombardeando Berlim. A União Soviética formaria brigadas internacio-

nais, que entrariam nos estados bálticos, junto com milhões de voluntários soviéticos. E quando as forças de Hitler se enfraquecessem lutando contra a União Soviética, a Grã-Bretanha e a França aproveitariam a oportunidade e estrangulariam a Alemanha de acordo com seu melhor interesse, eliminando-a como adversária perigosa, e mais uma vez imporiam retribuições.

Essa hipótese teria sido entendida corretamente no mundo todo. Em tal caso, o povo dos estados bálticos não se tornaria inimigo dos soviéticos, mas aliado. Em tal caso, os "irmãos da floresta" (guerrilheiros dos estados bálticos) atirariam nas costas dos soldados alemães, não dos soviéticos. Dessa forma, as brigadas internacionais lutariam do lado dos estados bálticos. Sempre houve voluntários suficientes nesse mundo.

Em agosto de 1939, a posição da União Soviética foi anunciada em altas vozes: o território da Mongólia será defendido do ataque japonês como se fosse nosso. E assim foi feito! Essa posição foi entendida corretamente no mundo inteiro, inclusive no Japão. O resultado dessa severa determinação foi que os japoneses evitaram atacar a União Soviética. Por que a URSS, em 1939, não tomou a mesma posição com relação aos estados bálticos?

A ocupação desses estados pelo Exército Vermelho faria sentido apenas se houvesse planos para uma guerra agressiva contra a Alemanha. O Exército Vermelho foi direto para a fronteira alemã e transferiu as bases aéreas para a extremidade da fronteira. A partir das bases na Lituânia, ele poderia apoiar o avanço das tropas soviéticas até Berlim. Além disso, a marinha soviética ganhou bases navais em Tallinn, Riga e Liepaja. As forças principais da marinha e as reservas foram imediatamente transferidas para lá. De Liepaja às rotas das caravanas de minério de ferro, níquel e madeira para a Alemanha a distância era bem pequena. Um ataque nessa área poderia ser súbito e esmagador.

Para Hitler, seria a queda do pano. Ele compreendia que a qualquer momento a frota soviética poderia cortar o único elo entre os distantes portos suecos e as bases siderúrgicas alemãs.

24

A divisão da Romênia e suas consequências

Se não tivéssemos tido êxito em deter o exército russo ao entrar na Romênia, se não o tivéssemos forçado a se contentar com a Bessarábia, Stálin teria tomado os campos de petróleo romenos, e nessa mesma primavera seríamos esmagados, pois teríamos perdido todas as fontes de combustível.

Adolf Hitler,
18 de maio de 1942

Stálin fez o que pôde para persuadir Hitler que queria a paz. Ao mesmo tempo, espreitava os recursos vitais da Alemanha. Para Stálin, não bastava o Exército Vermelho ter sob controle todas as rotas por onde a Alemanha recebia minério de ferro, madeira e níquel. Ele decidiu deslocar suas divisões para as regiões de onde a Alemanha recebia suprimentos de petróleo.

Em agosto de 1939, Stálin (com a mão de Molotov) assinou um pacto, com o qual Hitler lucrou uma guerra em duas frentes e a frota britânica bloqueou a Alemanha e não permitiu que houvesse transporte de petróleo pelo mar. A Alemanha tinha uma única fonte de petróleo, significante o bastante para ser notada: Ploiesti, na Romênia. Se perdesse essa fonte, a Alemanha veria o fim da produção petrolífera, bem como do exército, da aviação e da marinha. Em 9 de junho de 1940, o comissário popular da defesa, marechal da União Soviética S. K. Timochenko, assinou uma ordem sobre a criação da frente sul. O general G. K. Jukov foi indicado para comandá-la. A frente compunha-se do 5º, 9º e 12º exércitos. No total, a frente sul consistia em 13 corpos de guerra: dez de rifles e três de cavalaria. Somavam 40 divisões: 32 de rifles, duas também de rifles, mas motorizadas, e seis montadas. Havia 14 brigadas separadas: 11 de tanques e três de paraquedistas. Como reforços, tinham 16 regimen-

tos de artilharia pesada e quatro batalhões de artilharia de alta potência. A aviação da frente sul compunha-se de 21 regimentos de caça e 24 de bombardeiros. O número total de soldados era 460.000, incluindo oficiais, com 12.000 metralhadoras, 3.000 tanques e 2.000 aviões.

Depois de concentrar esse imenso poder na fronteira romena, Stálin ordenou a Jukov que, a poder de ameaças ou batalhas, assumisse o controle da Bessarábia e da Bucovina do Norte e assegurasse acesso fácil aos indefesos campos de petróleo romenos, que ficavam a 200 quilômetros da fronteira.

A frente sul de Jukov estava pronta para esmagar a Romênia, mas, no verão de 1940, ele não precisou brigar. O governo romeno tinha visto a brilhante vitória do Exército Vermelho na Finlândia e compreendera claramente que seria melhor ceder ao desejo de Stálin sem resistir. Ambos os lados concordaram com a solução pacífica do conflito. No fim de 1940, as tropas romenas retiraram-se da Bessarábia e da Bucovina do Norte, dando lugar aos soviéticos. Esses territórios passaram a integrar o distrito eleitoral da União Soviética.

Em junho de 1940, três caminhos estavam abertos para a frente sul, comandada pelo general Jukov: dois corretos e um fatal. O primeiro caminho correto: atacar a Bessarábia e avançar em direção aos campos petrolíferos de Ploiesti. Três mil tanques e dois mil aviões eram mais que suficientes para atingir os campos de petróleo e iniciar o tiroteio. Isso significaria o fim para a Alemanha. Se a frente sul, em junho de 1940, tivesse atacado a Romênia, a Segunda Guerra Mundial teria terminado em 1940 com a vitória da União Soviética e a introdução do regime comunista em todo o continente europeu. Se isso tivesse acontecido, as enormes colônias dos impérios da França, da Bélgica e da Holanda cairiam no controle de Stálin.

O segundo caminho era mais arriscado, mas prometia uma vitória ainda maior: em junho de 1940, Stálin poderia simplesmente cruzar os braços. E não teria de esperar muito tempo. Depois de derrotar a França, Hitler tentaria atacar a Grã-Bretanha. O risco de Stálin seria o fato de que, após a derrota da França, a Grã-Bretanha e a Alemanha pudessem chegar a um acordo de paz. Nesse caso, Stálin ficaria sozinho contra a Alemanha. Contudo, se Hitler, conforme planejara, entrasse com suas tropas na Grã-Bretanha, a tarefa de "libertar" a Europa ficaria muito mais simples: Jukov teria atacado os campos petrolíferos romenos, e o Exército Vermelho teria dado início às "operações de libertação" na Europa, enquanto o melhor do exército alemão estivesse fora do continente, na Grã-Bretanha, de onde poderia voltar imediatamente.

O terceiro caminho era fatal. Em junho de 1940, a frente sul de Jukov tomou a Bessarábia e o norte da Bucovina — e deteve-se a meio passo dos campos petrolíferos de Ploiesti. Em 1942, Hitler afirmou que em 1940 tinha forçado Stálin a contentar-se apenas com a Bessarábia. Não é assim. Primeiro, no verão de 1940, Stálin não havia incumbido Jukov de esmagar a Romênia. Segundo, em 1940, no calor da luta

com a França, Hitler não teria meios de exercer influência sobre Stálin. Se este tivesse dado ordem de esmagar a Romênia no verão de 1940, ninguém teria sido capaz de deter a marcha da frente sul de Jukov.

O resultado da "cruzada libertadora" é que a distância da nova fronteira soviética até os campos de petróleo de Ploiesti agora era de apenas 180 km. Tratava-se de uma área limpa e aberta. Tropas da região militar de Odessa estavam concentradas na fronteira, prontas para, ao primeiro sinal, continuar a "libertação" até chegar aos poços de petróleo. Os tanques soviéticos somavam mais de três mil; os romenos tinham sessenta. O "obsoleto" tanque soviético BT-7M, oficialmente, alcançava a velocidade de 86 km/h (na realidade era mais veloz). Os tanques romenos similares eram os FT-17, cuja velocidade máxima era de 9 km/h. Os tanques soviéticos podiam ignorar os adversários romenos e passar por eles quando quisessem. Mesmo que apenas mil tanques soviéticos lutassem contra os sessenta tanques romenos, os dois mil restantes teriam o caminho aberto pela estrada principal, sem necessidade de manobras. Ainda que avançassem apenas 25 km/h, precisariam de apenas sete ou oito horas — uma noite! Só que Stálin não tinha tanques comuns, e sim muito velozes, feitos especialmente para esse tipo de avanço. Eles teriam pela frente uma área nivelada, chão duro e estradas em boas condições. Os tanques da série BT podiam facilmente alcançar entre 40 e 50 km/h ali; e sem as esteiras, a velocidade aumentava para 70 ou 80 km/h, o que significava apenas três horas de avanço. E não havia necessidade de todos os tanques chegarem aos poços de petróleo. Bastariam dez. Campos petrolíferos podem pegar fogo com projéteis incendiários, ou até com o isqueiro de um soldado. Sem petróleo, ninguém pode lutar. Petróleo não é apenas combustível; é também a fonte primária da indústria química, sem a qual ninguém sobrevive na guerra. Se apenas uma companhia soviética de dez tanques chegasse aos campos de Ploiesti e se cada tanquista tivesse uma caixa de fósforos, a guerra na Europa teria terminado com a derrota precoce do Terceiro Reich.

A tomada de Ploiesti pelas tropas soviéticas, ou simplesmente o fogo na área petrolífera, significaria a paralisação da Alemanha. Se Ploiesti caísse nas mãos soviéticas, todos os tanques alemães, veículos motorizados, cruzadores, vasos de guerra, submarinos e aviões ficariam inativos. Que importava se eles tinham generais, oficiais, soldados, pilotos e artilheiros talentosos? Sem combustível, todo esse talento seria totalmente inútil. Congelar o suprimento de petróleo para a máquina de guerra alemã abriria caminho para milhares de tanques soviéticos. De Brest e Lvov, de Belostok e Grodno, a estrada para Berlim agora seria curta. Com o exército e a aviação da Alemanha paralisados, e ninguém oferecendo resistência, os tanques soviéticos avançariam pelas melhores estradas e alcançariam não só Berlim e Munique, mas Paris e Marselha.

Em maio e junho de 1940, Hitler empenhava-se em aniquilar os exércitos da Grã-Bretanha, Bélgica, Holanda e França. As unidades alemãs de tanques dirigiram-

se para o Oceano Atlântico, dando uma enorme volta em torno de Paris. Praticamente o exército alemão inteiro lutava no Ocidente. Hitler de fato esmagou as tropas francesas e britânicas no continente. Contra esses dois países, ele jogou toda a sua frota naval, a força aérea, todos os tanques e toda a artilharia pesada. Os melhores generais alemães lutaram por lá. E na retaguarda, na fronteira da União Soviética, ele deixou apenas dez fracas divisões de infantaria. Não havia um único tanque, nem avião, nem artilharia pesada. Mais importante: as dez divisões de infantaria estavam todas na Polônia e na Eslováquia; na Romênia não havia nenhum soldado alemão.

Em junho de 1940, Hitler e seus generais não tinham intenção nem planos de atacar a União Soviética. O *Oberkommando des Heeres* (OKH — Alto Comando do Exército Alemão) e o *Oberkommando der Wehrmacht* (OKW — Comando Supremo das Forças Armadas) não fizeram rascunhos nem projetos preliminares para uma guerra contra a URSS. Não havia ordem de Hitler nesse sentido. Nenhuma palavra foi dita sobre uma guerra contra a URSS.

Após a derrota da França, Hitler ordenou reduzir drasticamente as forças armadas alemãs. A redução foi ampla e intensa, pois não havia planos, pistas nem discussões indicando que uma guerra contra a União Soviética poderia estar a caminho. E de repente aconteceu o ataque soviético na Romênia. O petróleo é o sangue da guerra. Sem ele, a luta torna-se impossível, e o machado de Stálin erguera-se sobre a produção petrolífera da Romênia.

Em Berlim, finalmente reconheceram que a ameaça soviética à Alemanha era um fato. Tanques soviéticos avançaram na Romênia, causando caos nos QGs alemães: se os tanques não parassem, se avançassem mais 180 km, a Alemanha teria de capitular em poucos meses. As tropas romenas não ofereceram resistência nem apresentaram obstáculos ao avanço soviético. Não havia tropas na Romênia. E seria impossível transferir rapidamente as tropas alemãs da França. Mesmo que fosse possível, os numerosos soldados alemães que chegassem à Romênia não teriam condições de receber provisões e suprimentos adequados. E ainda que esse obstáculo fosse superado, a Alemanha seria forçada a ficar com menos gente na Polônia; com isso, a estrada para Berlim ficaria escancarada para os tanques de Stálin.

As tropas soviéticas, depois de ocupar a Bessarábia e o norte da Bucovina, detiveram-se. Berlim deu um suspiro de alívio, mas ficou imaginando o que aconteceria se, no dia seguinte, Stálin ordenasse que o avanço continuasse. Achou-se uma solução: em caso de emergência, seria necessário realizar um ataque de advertência contra a União Soviética, usando dez divisões em outro local e forçando o Exército Vermelho a desviar sua atenção da Romênia. Depois de discutir e batalhar sobre os mapas, o alto comando alemão compreendeu que dez divisões seriam insuficientes. Decidiram usar vinte e chegaram ao mesmo resultado. Aumentaram o número de divisões uma, duas vezes. No fim, ficou decidido: para não permitir que Stálin tomasse

ou destruísse a indústria petrolífera romena, seria necessário atacar a União Soviética com o poderio de todas as forças armadas alemãs.

Em 21 de julho de 1940, Hitler, pela primeira vez, mencionou para um círculo muito fechado o "problema russo". Nesse dia, o comandante das forças terrestres, marechal de campo W. Brauchitsch, recebeu de Hitler a ordem de desenvolver um plano específico de guerra no leste. No dia seguinte, Brauchitsch confiou a Halder, comandante do estado-maior das forças terrestres, uma avaliação completa das possibilidades de "uma operação militar contra a Rússia". O general-major Erich Marcks foi nomeado ajudante de ordem dos oficiais de Halder, com o objetivo de desenvolver os detalhes da campanha do leste. Em 29 de julho, Marcks começou a planejar a campanha militar contra a Rússia.[1]

Para a União Soviética, as consequências de uma vitória sem sangue na Romênia foram catastróficas. Para começar, a Romênia, neutra, viu-se diante de uma escolha que parecia difícil: de que lado ficaria? A Europa estava sendo rasgada em pedaços por dois monstros, Hitler e Stálin. Este, de repente, exigiu a Bessarábia e a Bucovina do Norte, e a Romênia foi forçada a entregá-las. O que Stálin exigiria depois? Hitler, por outro lado, não exigiu nada. A escolha foi fácil: a Romênia aceitou a proteção de Hitler. Como resultado, a União Soviética conseguiu mais um país fronteiriço hostil; a frente, que deveria proteger a URSS em caso de guerra, estendia-se por quase 800 quilômetros, e Hitler ganhou um aliado que tinha petróleo. Sem petróleo, a Alemanha não poderia lutar. Em outras palavras, tendo a Romênia no colo, Hitler poderia atacar a União Soviética. Sem essa nova aliança, o ataque teria sido impossível. No entanto, o efeito mais importante era outro. Stálin assustava Hitler. A ameaça comunista levantou-se sobre os campos petrolíferos da Romênia e, precisamente por causa dessa ameaça, Hitler ordenou a seus comandantes que preparassem um golpe contra a União Soviética.

Stálin cometeu poucos erros em sua carreira. Um deles, e o mais significativo, foi a ocupação da Bessarábia em 1940. Ele poderia ter tomado a Bessarábia e continuar avançando até Ploiesti, o que significaria a destruição da Alemanha. Ou poderia ter esperado Hitler enviar tropas à Grã-Bretanha, e depois disso a Romênia inteira poderia ser tomada. Isso também colocaria um fim no "Reich de mil anos". Stálin, entretanto, deu o primeiro passo em direção ao petróleo, ocupou a área de onde poderia lançar o ataque seguinte e parou para esperar. Com essa ação, ele mostrou interesse pelo petróleo romeno e alarmou Hitler, que antes tinha concentrado forças no oeste, norte e sul, sem dar muita atenção ao "neutro" Stálin, a leste.

Em 16 de julho de 1940, Hitler assinou a diretriz nº 16, referente ao envio de tropas à Grã-Bretanha. A operação recebeu o codinome *Zeeloewe* (Leão do Mar), e o plano era que a operação fosse concluída em 15 de agosto. No entanto, a anexação da Bessarábia, Bucovina do Norte, Estônia, Letônia e Lituânia pela União Soviética

forçou Hitler a dar uma guinada de 180 graus, a fim de observar o que acontecia em suas costas.

Para que Stálin queria a Bessarábia e o norte da Bucovina? Eis a resposta oficial dos historiadores soviéticos: "Do território da Bessarábia, a força aérea soviética poderia manter a indústria petroleira romena, a principal fornecedora de petróleo para a Alemanha, sob ameaça constante. O norte da Bucovina era importante porque nesse território passava uma ferrovia estratégica, que saía de Odessa, passava por Kishinev e Chemovtsi até Lvov; essa ferrovia tinha bitola europeia, permitindo que vagões de toda a Europa pudessem usá-la".[2]

E agora leiam o que Hitler disse sobre o mesmo assunto, em 1942:

> É absolutamente óbvio que os soviéticos estavam decididos a direcionar o desdobramento de acontecimentos nos Bálcãs para onde lhes fosse necessário e, desse modo, transformar a área em pontos de lançamento de ataque sobre nós e demais países da Europa. E, fazendo o possível para atingir esse objetivo, eles simultaneamente declararam-se prontos a assinar acordos comerciais conosco, o que poderia parecer favorável a nós, mas na verdade cortariam nossas fontes de petróleo logo que os preparativos para o golpe decisivo fossem feitos. No verão de 1941, eles tencionavam infligir esmagadora derrota à Romênia, já que era o único país, fora a Rússia, que nos fornecia petróleo.[3]

A historiografia soviética foi mais longe que a teoria de Hitler. Ela trata não só da real ameaça soviética à única fonte de petróleo da Alemanha, como de uma ferrovia para carros europeus. Na União Soviética, as ferrovias têm bitola larga. A Europa central e a ocidental usam bitola estreita. Em setembro de 1939, durante a divisão da Polônia, o Exército Vermelho apossou-se da metade das locomotivas e dos vagões poloneses. Eram inúteis em território soviético, porque as bitolas dos territórios "libertados" foram rapidamente modificadas para o padrão soviético. No entanto, Stálin preparava-se para a "libertação" da Alemanha e do restante da Europa. No curso das primeiras futuras operações, antes que a bitola alemã fosse ajustada para o padrão soviético, Stálin precisaria de muitas locomotivas e trens de bitola estreita para abastecer suas tropas, que estariam avançando para o Ocidente. As locomotivas e os trens poloneses obviamente não bastavam para distribuir milhões de toneladas de munição, armas, combustível e peças de reposição. Por isso, Stálin tomou a Bessarábia e o norte da Bucovina: para aumentar o número de trens de bitola estreita. No decurso da campanha na Bessarábia, as forças soviéticas capturaram 141 locomotivas, 1.866 vagões cobertos, 325 vagões semicobertos, 45 plataformas, 19 vagões-tanque, 31 vagões de passageiros e 2 bagageiros.[4] Porém, tudo isso não bastava para Stálin. Nas conversas romeno-soviéticas, em julho de 1940, em que alguns pontos de con-

tenda foram discutidos, os representantes soviéticos exigiram que a Romênia devolvesse todas as unidades ferroviárias capturadas. Em 31 de julho de 1940, ambos os lados assinaram um acordo sobre a transferência de 175 locomotivas e 4.375 vagões à URSS, em 25 de agosto.[5]

Em uma guerra defensiva, os trens tomados da Polônia, Bessarábia e Bucovina não seriam necessários; portanto, Stálin precisava da Bessarábia e do norte da Bucovina não para defesa, não para "levar felicidade ao povo". O plano de Stálin era muito mais amplo e profundo: pegar Hitler pelo pescoço e levar "felicidade" a toda a Europa.

Surge uma pergunta: não estamos atribuindo importância exagerada ao papel do petróleo romeno? A Alemanha não tinha produção própria de combustível sintético? Essa indústria de fato existiu, mas o problema do combustível não fora resolvido. Antes de tudo, é importante ter em mente que combustível sintético nunca pode competir em qualidade com combustível feito de petróleo. O uso de combustível sintético baixa significativamente as características táticas e técnicas das grandes armas, principalmente aviões, tanques e navios. Os projetistas podem criar uma aeronave maravilhosa; as fábricas podem ter a melhor capacidade tecnológica do mundo; os operários e os engenheiros podem dedicar o melhor de seu talento e esforço na montagem de um avião, mas, com combustível de baixa qualidade, ele será vagaroso, fraco e desajeitado.

Além do mais, combustível sintético também é caro. Quando havia escassez de madeira, a Alemanha de Hitler usava ramagem de batata. Embora fossem de qualidade inferior à madeira, pelo menos eram baratos. No entanto, a produção de combustível sintético custa de sete a doze vezes mais que a produção de combustível de petróleo. A decisão de Hitler, de usar combustível sintético, não nasceu da boa sorte. Poucos gostariam de repetir suas experiências. Alguns dados nos ajudarão a julgar a qualidade e o custo do combustível sintético. Na segunda metade do século XX, o mundo conheceu mais de uma crise de petróleo. Hoje, no alvorecer do novo milênio, a indústria química global está muito mais forte que a indústria química alemã de 1941. Todavia, por alguma razão, ninguém tem pressa de produzir combustível sintético.

Falemos agora sobre quantidade. Em 1941, a Alemanha tinha uma necessidade mínima de petróleo estimada em cerca de 20 milhões de toneladas.[6] Os aliados de Hitler tinham exércitos, navios e força aérea, mas não tinham petróleo; eles também precisavam do combustível alemão. A Alemanha, em 1941, produziu 4,1 milhões de toneladas de combustível sintético — um quinto do mínimo necessário. Se pensarmos em seus aliados, com quem a Alemanha tinha de dividi-lo, a porcentagem de combustível sintético, no balanço geral de 1941, torna-se totalmente insignificante. Fora o combustível sintético, a Alemanha recebia petróleo natural da Áustria, Tchecoslováquia, França, Hungria e Polônia. Tudo somado, em 1941, deu um total de 1,3

milhão de toneladas. Então, em 1941, a Alemanha produziu combustível sintético e recebeu petróleo dos países ocupados. No total, foram 5,4 milhões de toneladas de combustível. Sem o petróleo romeno, com o que havia de combustível, os exércitos alemães, os navios, as forças aéreas, o transporte e a indústria conseguiriam lutar durante três meses do ano; e teriam de passar os outros nove tremendo, aguardando o ano seguinte.

Hitler achava que, se o Exército Vermelho derrotasse a Romênia em 1940 ou 1941, a Alemanha conseguiria se manter sem petróleo até a primavera de 1942. Tal otimismo não se sustenta quando verificado com a aritmética. Sem petróleo romeno, apenas um quarto das necessidades da economia alemã e das forças armadas era atendido, e ainda com um combustível ruim e caro. A tomada da Romênia pelo Exército Vermelho em 1940 ou 1941 teria resultado catastrófico para a Alemanha em dois ou três meses.

Quanto de petróleo chegava da Romênia? Em 1941, 5 milhões de toneladas entraram. Não era suficiente, mas sem isso seria impossível viver e lutar na guerra. Enquanto recebesse petróleo da Romênia, a Alemanha poderia se equilibrar na corda bamba e dar um jeito de conviver com metade de suas necessidades mínimas. A situação do petróleo do exército invasor (que tinha, claramente, posição privilegiada com relação aos demais consumidores), nas vésperas da guerra contra a União Soviética, era a seguinte: para aeronaves, o combustível era mais ou menos em boa quantidade. Por outro lado, havia previsão de que o combustível de veículos e o óleo diesel apresentariam déficit de 10% já em julho; em agosto, o exército da frente oriental teria de ser abastecido, na maior parte, diretamente pela Romênia. No outono, as reservas de petróleo da Alemanha, segundo previsões, estariam exauridas. As aeronaves teriam apenas 50% da quantidade mínima necessária; os veículos motorizados, 25%; e óleo diesel, 50%.[7] Portanto, o alto comando alemão dependia, e muito, de três coisas: da rapidez de sua campanha na Rússia, de remessas da Romênia e das reservas pilhadas.

Durante toda a guerra, o problema do petróleo na Alemanha não foi resolvido. Em 6 de junho de 1942, o OKW avaliou a situação: "O fornecimento de combustível e derivados de petróleo no corrente ano será uma das fraquezas de nosso potencial militar. A escassez de todos os tipos de derivados de petróleo é tão grande que a liberdade de operações ficará comprometida nas três divisões das forças armadas e terá efeito negativo também na indústria militar.[8] [...] Uma pequena melhoria pode ser prevista para o fim do ano, quando novas fábricas começarem a operar e produzir combustível sintético, mas essa melhoria não será significativa para a Alemanha". O fornecimento piorou à medida que a guerra progrediu. Perto do final desta, a Alemanha foi a primeira nação a começar a fabricar aviões a jato. O caça Me-262 superou todos os outros aviões em velocidade e armas; e a Alemanha produziu 1.433 deles.

Entretanto, não havia querosene suficiente e, sem isso, o melhor caça do mundo não poderia voar. Dos quase 1.500 aviões desse tipo que foram construídos, apenas um pouco mais de 200 tomaram parte nas batalhas. Os demais ficaram no chão.

No verão de 1940, Stálin cometeu um erro desastroso. Já em 1939, Hitler estava em um beco sem saída. Em 1940, Stálin ergueu dois machados sobre a cabeça de Hitler: sobre o minério de ferro, a madeira e o níquel no norte e sobre o petróleo no sul. No entanto, preferiu aguardar que Hitler atacasse a Grã-Bretanha; só que, em 1941, a Grã-Bretanha não era perigosa para Hitler. O perigo vinha de Stálin. Hitler não teve escolha, a não ser pular sobre Stálin. Em 21 de junho de 1941, Hitler escreveu uma carta a Mussolini: "A Rússia está tentando destruir os campos de petróleo da Romênia. [...] A tarefa de nossos soldados é eliminar essa ameaça o mais depressa possível". Eis, portanto, o motivo do ataque de Hitler. De forma nenhuma foi uma luta pelo *Lebensraum* (espaço vital).

Os maus cálculos de estratégia, em 1940, foram tão primitivos, profundos e assustadores que as consequências catastróficas para o destino da União Soviética não puderam ser solucionadas por nenhuma decisão genial nem vitória brilhante. Por causa dos erros de Stálin e Jukov, Hitler atacou a União Soviética, destruiu seu exército e esmagou grande parte da indústria soviética. O resultado é que a União Soviética não pôde conquistar a Europa. Stálin perdeu a luta pela Europa e pelo domínio global. O mundo livre sobreviveu, e não poderia conviver com a União Soviética. Assim, o desmoronamento desta tornou-se inevitável. As raízes desse desastre estão na vitoriosa incursão de Jukov na Bessarábia e no norte da Bucovina, no verão de 1940. A União Soviética venceu a Segunda Guerra Mundial, mas por algum motivo desapareceu do mundo depois dessa bela vitória. Quando os comunistas celebram o chamado "dia da vitória", eu pergunto: Onde está esse país vitorioso? Onde? Desapareceu? A Alemanha perdeu a guerra, mas está aí: uma das grandes potências da Europa contemporânea, a cujos pés agora nos curvamos. Então, onde está a grande, poderosa e invencível União Soviética? A Alemanha perdeu, mas está aí. A União Soviética venceu, mas não existe mais. De que valeu semelhante vitória?

25

Destruição dos países divisórios entre a Alemanha e a União Soviética

Estamos fazendo algo que, se der certo, fará o mundo dar uma reviravolta e libertará toda a classe operária.

Joseph Stálin,
Pravda, 5 de fevereiro de 1931.

É um fato histórico que, em 22 de junho de 1941, a Alemanha atacou a União Soviética, de forma repentina e traiçoeira. Entretanto, é um fato bastante estranho. Antes da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha não tinha fronteira com a União Soviética e não podia atacá-la, especialmente de surpresa. Entre a Alemanha e a União Soviética havia uma sólida barreira de países neutros. Para que acontecesse uma guerra germano-soviética, seria necessário criar condições adequadas: destruir a barreira de países neutros e estabelecer uma fronteira entre a Alemanha e a União Soviética.

Quem estiver interessado no dia 22 de junho de 1941, antes de amaldiçoar Hitler e acusá-lo de traição, deve responder pelo menos a duas perguntas: quem destruiu os países neutros divisórios entre a Alemanha e a União Soviética, e para quê? Havia uma camada dupla de países entre as duas; apenas em um ponto a camada era única. A Polônia fazia fronteira com a Alemanha e a União Soviética, sendo a rota mais curta, direta e conveniente entre as duas, e também a parte mais fina da parede divisória. Obviamente, o possível agressor, querendo uma guerra germano-soviética, tentaria abrir um corredor de modo preciso na Polônia. Por outro lado, o país que não quisesse tal guerra deveria, com todo seu poder, astúcia e força de autoridade internacional, não permitir que o adversário invadisse o território polonês. Ou, como

último recurso, deveria começar a lutar com o oponente no solo polonês, sem deixá-lo entrar em seu território.

Hitler escreveu em *Mein Kampf*: "Queremos voltar àquele ponto em que nosso desenvolvimento foi interrompido há 600 anos. Queremos deter o constante avanço da Alemanha rumo ao sul e ao oeste da Europa e apontar nosso dedo decisivamente na direção dos territórios localizados ao leste". Especialmente na década de 1930, depois que os nazistas chegaram ao poder, a franqueza de Hitler soou com uma nova energia. No entanto, Hitler não podia atacar Stálin, uma vez que eles não dividiam fronteiras.

Hitler iniciou o caminho para o leste voltando-se para Stálin com a proposta de abrirem juntos um buraco na parede que os separava. Stálin aceitou com prazer e, de maneira entusiasmada, derrubou a parede polonesa, abrindo um corredor para se encontrar com Hitler. Os motivos de Hitler eram compreensíveis; mas como explicar as ações de Stálin?

Os historiadores comunistas inventaram explicações para a atitude da União Soviética. A primeira: depois de ensanguentar e rasgar ao meio a Polônia, a União Soviética deslocou sua fronteira para o oeste, fortificando, assim, sua segurança. Estranha explicação! As fronteiras soviéticas realmente deslocaram-se 200 ou 300 quilômetros, mas ao mesmo tempo a Alemanha deslocou as suas, 200 ou 300 quilômetros para o leste. Esse deslocamento diminuiu, muito mais que aumentou, a segurança da União Soviética. Além disso, surgiu um novo fator em comum com o estabelecimento da fronteira germano-soviética, pois agora havia a possibilidade de uma guerra súbita entre a Alemanha e a União Soviética. Segunda explicação: ao abaixar o machado das costas da Polônia, no momento em que ela lutava desesperadamente contra os nazistas, Stálin tentou retardar o início da guerra germano-soviética. Essa explicação tem origem no velho pretexto: ateamos fogo na casa do vizinho, esperando que o fogo atinja nossa casa e destrua-a só depois de ter destruído a dele. Terceira explicação: a França e a Grã-Bretanha não queriam assinar nenhum acordo com a União Soviética. Isso é uma grande mentira. Esses dois países queriam, sim, assinar um tratado anti-Hitler com a URSS e iniciaram as negociações em Moscou. Estas foram interrompidas pelos soviéticos, que em seguida assinaram o pacto Molotov-Ribbentrop com a Alemanha.

Polônia, Estônia, Lituânia, Letônia, Finlândia e Romênia eram países aliados naturais da URSS. Diferentemente da França e da Grã-Bretanha, eram vítimas potenciais do *Drang Nach Ost* (avançar para o leste) de Hitler. Com eles, a URSS podia procurar uma aliança contra Hitler. No entanto, Stálin não queria tal aliança, e nos casos em que existiam pactos, a União Soviética não agiu de acordo com eles. Stálin poderia permanecer neutro, mas apunhalou pelas costas os que lutaram contra Hitler.

Depois de esmagar a Polônia, Hitler abriu um corredor através da parede divisória. Agora ele tinha uma fronteira com a União Soviética de 570 km de comprimento. Calculando que isso seria suficiente, Hitler voltou a seus assuntos no oeste, na África, no Mediterrâneo e no Atlântico. O que Stálin deveria ter feito, quando foi presenteado com esses 570 km e com algum tempo pela frente? Sem mais tardança, deveria ter fortificado as defesas, precisamente nessa área. Ao longo das velhas fronteiras havia uma poderosa linha de regiões fortificadas, que deveriam ser imediatamente reforçadas e melhoradas. E ainda deveriam ser complementadas por uma segunda linha de defesa, mais uma terceira, quarta e quinta. Stálin deveria, urgentemente, ter começado a instalar minas sob estradas, pontes e campos; deveria também cavar trincheiras antitanques, cobrindo-as com artilharia antitanques.

No ano de 1943, em Kursk, o Exército Vermelho preparou-se para revidar o avanço alemão. Em pouco tempo, as tropas soviéticas criaram, na enorme fronteira, seis linhas contínuas de defesa, cada uma com centenas de quilômetros de comprimento. Essas linhas ficavam uma atrás da outra, de modo que a profundidade total da defesa era de 250 a 300 km. Cada quilômetro foi saturado de trincheiras, túneis de comunicação, coberturas e posições de tiro. A concentração média de minas, em certas áreas, chegava a 7.000 minas, antitanques e individuais, por quilômetro de linha de frente. A concentração de armas antitanques chegou ao inacreditável nível de 41 canhões por quilômetro, sem contar artilharia de campo e antiaérea e tanques ocultos em trincheiras. Em pouco tempo, um campo vazio transformou-se em uma defesa realmente impenetrável.

Em 1939, as condições de defesa eram bastante favoráveis: florestas, rios, pântanos, poucas estradas e muito tempo. As tropas soviéticas poderiam ter criado uma barreira poderosa na nova fronteira germano-soviética, especialmente porque a abertura não era muito larga. Porém, nesse momento, a União Soviética interrompeu a produção de canhões antitanques e antiaéreos. Em vez de deixar a área intransponível, em pouco tempo ela ficou transponível. O Exército Vermelho construiu pontes e estradas, expandiu e melhorou as ferrovias. Algumas fortificações que já existiam foram demolidas e enterradas sob montes de pedra. Um dos que presenciaram esses fatos, o professor e coronel I. G. Starinov do GRU*, descreveu com franqueza o que aconteceu: "Surgiu uma situação estúpida. Quando enfrentávamos exércitos fracos, de países menores, nossas fronteiras eram realmente defendidas. Entretanto, quando a Alemanha nazista tornou-se nossa vizinha, as estruturas defensivas ao longo das velhas fronteiras foram abandonadas e parcialmente demolidas".[1] E mais: "O comando de engenharia do Exército Vermelho solicitou 12.000 minas de ação prolongada

---

* N.T.: Diretório Principal da Inteligência do Estado-Maior das Forças Armadas Soviéticas.

para ferrovias. No caso de uma invasão, essa quantidade seria suficiente para paralisar as rotas alemãs de suprimento, vitais para seu exército. No entanto, em vez da quantidade requerida, enviaram... 120 minas".[2] Vale notar que a mina é a arma mais simples, barata e altamente eficiente. A União Soviética tinha enorme produção de minas terrestres, mas depois de estabelecida a nova fronteira com a Alemanha, essa produção foi reduzida.

O que fez Stálin, além de demolir as próprias defesas? Fez em pedaços a barreira dos países neutros. Para Hitler, um buraco na parede era suficiente; para Stálin, não. Hitler (com a ajuda de Stálin) demoliu a liderança de um único país da barreira divisória, a Polônia. Stálin (sem ajuda de fora) fez a mesma coisa em três países (Estônia, Letônia e Lituânia), tentou repetir a façanha em um quarto país (Finlândia) e preparou-se ativamente para repeti-la em um quinto país (Romênia), tendo primeiro arrancado desta última um bom naco de terra. Hitler dedicou-se a forçar apenas uma abertura na parede; Stálin tentou demolir a parede inteira.[3] E logrou chegar ao objetivo. Apenas dez meses após a assinatura do pacto de não agressão, a barreira divisória estava totalmente destruída, do Oceano Ártico ao Mar Negro, graças aos esforços de Stálin. Não havia mais países neutros entre Stálin e Hitler, portanto, o caminho estava aberto para um ataque.

Durante esse curto período, todos os vizinhos ocidentais de Stálin tornaram-se suas vítimas. Além das nações fronteiriças com a União Soviética, a Lituânia, que não tinha fronteira com esse país, caiu sob o domínio de Stálin. O surgimento de tropas soviéticas na Lituânia significava que elas haviam realmente atingido as fronteiras alemãs; a partir de setembro de 1939, a fronteira germano-soviética passou através dos territórios poloneses conquistados e, a partir do verão de 1940, os soviéticos chegaram à fronteira da Prússia Oriental. É impossível dizer que o monstruoso Hitler estava abrindo caminhos a leste, enquanto o sonso do Stálin o ajudava. Não, Stálin despedaçou os corredores a oeste, sem a ajuda de ninguém.

Estaria o Exército Vermelho planejando parar nas fronteiras? A resposta foi dada pelo comissário da defesa da URSS, marechal da União Soviética S. K. Timochenko: "Na Lituânia, Letônia e Estônia, destruímos o poder de latifundiários e capitalistas, odiosos aos trabalhadores. A União Soviética cresceu significativamente e avançou suas fronteiras para o oeste. O mundo capitalista viu-se forçado a tremer e a ceder à nossa vontade. Nós, combatentes do Exército Vermelho, não deveríamos nos deter diante do que conseguimos!".[4] Esse não foi o discurso de um político, nem o pronunciamento de um jornalista. Foi um decreto oficial para o Exército Vermelho. No entanto, a oeste das fronteiras soviéticas, apenas havia a Alemanha ou seus aliados, e um pacto fora assinado com ela.

Stálin nunca fez segredo de como um verdadeiro comunista devia encarar promessas e pactos: "A questão da luta... precisa ser examinada, não do ponto de vista

da lealdade, mas do ponto de vista das exigências do momento político, do ponto de vista das demandas políticas do Partido Comunista em cada momento".[5] "Uma guerra pode virar de cabeça para baixo qualquer pacto."[6] Eis as "demandas políticas": "De acordo com a história, quando nosso país quer lutar com outro país, ainda que não seja vizinho, ele deve procurar fronteiras através das quais possa atingir a fronteira do país que quer atacar",[7] escreveu Stálin.

Stálin queria uma situação em que "os capitalistas rosnem uns para os outros, como cães".[8] O pacto Molotov-Ribbentrop criou exatamente essa situação. O *Pravda* mostrou-se animado: "Cada guerra como essa aproxima-nos um pouco mais da época feliz em que não mais haverá matança entre os povos".[9] O tenente-general S. M. Krivochein descreveu uma conversa com seu delegado, P. M. Latichev (nessa época, Krivochein comandava o 25º corpo motorizado): "Fizemos um trato com os alemães, mas isso não significa nada. [...] Agora é o melhor momento de dar uma solução final e construtiva para todos os problemas do mundo".[10]

Antes da guerra, o principal jornal do Partido Comunista, o *Pravda*, não apelou para o povo soviético construir defesas. O tom do *Pravda* foi diferente: logo o mundo todo será nosso. "Nossa nação é grande. O próprio globo precisa girar nove horas, para que nosso imenso país soviético entre no novo ano de vitórias. Tempo virá em que ele precisará não de nove horas, mas das 24 horas do dia. [...] E quem sabe onde estaremos saudando o Ano Novo em cinco ou dez anos: ao longo de que fuso horário, em qual novo meridiano soviético?"[11] Aproximando-se a data da invasão soviética na Europa, o *Pravda* foi se tornando cada vez mais direto: "Divida seus inimigos, satisfaça temporariamente as exigências de cada um deles e, depois, esmague um a um, sem lhes dar oportunidade de se unir".[12]

Hitler decidiu que não aguardaria mais. Deu o primeiro passo sem esperar o golpe do machado libertador nas costas. No entanto, mesmo após iniciar a guerra em circunstâncias favoráveis, as mais favoráveis que podiam existir para um atacante, ele não conseguiu vencer. E mesmo nas mais desfavoráveis circunstâncias, o Exército Vermelho logrou "libertar" metade da Europa e dominar o leste europeu durante meio século. É o caso de perguntar: qual seria o resultado, se as melhores forças alemãs tivessem deixado o continente europeu para ir à África e às ilhas britânicas, enquanto às suas costas o Exército Vermelho destruísse a única fonte alemã de petróleo, na Romênia?

26

Destruição da faixa de segurança às vésperas da guerra

Minas são poderosas, mas são armas de fracos, para aqueles que querem se defender. Nós somos fortes. Precisamos de meios de detectar minas, e não delas.

G. I. Kulik,
marechal da União Soviética

Para prevenir um ataque inimigo de surpresa, um país prepara-se para a defesa posicionando as tropas não na fronteira, mas no fundo de seu território. Entre a fronteira e a linha principal de defesa, o país cria uma zona contínua de obstáculos e barreiras. Essa é a faixa de segurança. Seu objetivo é desgastar o agressor antes que ele encontre as forças principais de defesa.

Na década de 1920, durante as tentativas de ocupar a Polônia, os comandantes do Exército Vermelho viram a eficiência das faixas de segurança polonesas e amargaram a experiência de avançar através delas. É por isso que, após a guerra da Polônia, as comissões especiais soviéticas estudaram a região oeste de seu país e identificaram as áreas mais e menos penetráveis. Todas as pontes da região oeste receberam instalações explosivas, e patrulhas especiais prepararam-se para explodir as pontes a qualquer momento. Além das pontes, oleodutos, depósitos, bombas e torres d'água, aterros e canais também foram preparados para serem explodidos.[1] No fim de 1929, apenas na região militar de Kiev, 60 esquadrões de demolição, somando 1.400 homens, foram treinados para isso; tinham à disposição "1.640 cargas prontas e dezenas de milhares de dispositivos incendiários que poderiam entrar em ação quase instantaneamente!".[2] A mesma coisa foi feita em outras regiões militares.

Além dos esquadrões de peritos em demolição, formaram-se batalhões para bloquear ferrovias, na região ocidental do país. Sua incumbência, no caso de retirada,

incluía demolir totalmente os maiores centros ferroviários, bloquear as vias principais e instalar cargas poderosas, com detonadores de ação prolongada, caso o inimigo tentasse consertar as estradas. Em 1932, a Ucrânia tinha quatro desses batalhões[3]. Além disso, desvios de ferrovias, equipamentos de comunicação, sistemas telegráficos e, em alguns casos, as próprias ferrovias, tudo foi preparado para evacuação. A faixa de segurança soviética era constantemente aperfeiçoada. A lista de objetos preparados para explosão ou evacuação aumentou. Surgiram novos obstáculos e barricadas, ergueram-se novas barreiras e escavaram-se reservatórios artificiais diante das estruturas defensivas: algumas áreas da região poderiam se transformar em pântanos, se necessário.

Em setembro de 1939, a fronteira da URSS deslocou-se entre 200 e 300 quilômetros para o oeste. A profundidade da faixa de segurança aumentou bastante. Além disso, o sistema ferroviário do território adquirido após a divisão da Polônia foi pouco desenvolvido. Dos 6.696 km de caminhos de ferro, apenas 2.008 eram de mão dupla, e até mesmo esses tinham baixa capacidade. Em caso de emergência, seria fácil inutilizá-los completamente.

Em novembro de 1939, o Exército Vermelho na Finlândia aprendeu, a duras penas, que uma boa faixa de segurança poderia facilitar a posição da defesa e complicar a do agressor. Atravessar a faixa de segurança finlandesa exigiu grande gasto de tempo, força, recursos e sangue.

Todos os comandantes soviéticos expressaram admiração pela faixa de segurança finlandesa; entre eles, K. A. Meretskov, comandante do 7º exército da guerra contra a Finlândia.[4] Depois de ter vencido a linha de defesa finlandesa e avaliado suas qualidades, Meretskov foi nomeado chefe do estado-maior. De acordo com a recém-adquirida experiência, ele deveria reforçar a faixa de segurança soviética, mas fez exatamente o oposto. Meretskov ordenou a destruição da faixa de segurança criada anteriormente na antiga fronteira ocidental, o dispersamento dos esquadrões de peritos em demolição, o desmantelamento de cargas, o desarme das minas e a derrubada de todas as barricadas. Também deu ordens às tropas: que não criassem nenhuma faixa de segurança no território polonês anexado à União Soviética em 1939; que as forças principais do Exército Vermelho se dirigissem às fronteiras (sem proteção de nenhum tipo de faixa de segurança); que a maior parte de suprimentos estratégicos do Exército Vermelho fosse transportada do interior do país à região ocidental; que construíssem bases aéreas e estradas à oeste da Bielo-Rússia e da Ucrânia; que transformassem ferrovias de linha única em ferrovias de duas linhas (a fim de aumentar sua capacidade de carga); e que construíssem novas estradas, diretas para a fronteira alemã.

Vejamos os resultados de tal política. Em 1939, a Polônia foi dividida entre a Alemanha e a União Soviética. Alguns rios tornaram-se fronteiras; as pontes que não eram mais usadas foram mantidas intactas. Só na linha guardada pelo 4º exército havia seis dessas pontes.

O ex-chefe do estado-maior do 4º exército, coronel-general L. M. Sandalov, questionou: "Por que, perguntando francamente, tantas pontes sobre o [rio] Bug foram mantidas intactas na linha do 4º exército?"[5] O comando alemão esperava usar as pontes em uma guerra ofensiva, e não solicitou sua destruição; mas, e o comando soviético, o que esperava?

No início da guerra, um enorme número de soldados alemães atravessou essas pontes, esmagando o 4º exército soviético em um ataque-surpresa. A derrota do 4º exército abriu caminho para a retaguarda do realmente poderoso 10º exército, que também foi terrivelmente devastado. Sem encontrar outras barreiras, os tanques de Guderian dirigiram-se diretamente para Minsk, na Bielo-Rússia. As tropas alemãs avançaram sem complicações, tomando as pontes dos rios Duína Ocidental*, Berezina, Nieman, Pripet** e Dnieper.

Em janeiro de 1941, Stálin substituiu o chefe do estado-maior, K. A. Meretskov, por não ser suficientemente ativo na construção de novas estradas, pontes e bases aéreas na nova região. Em 1º de fevereiro de 1941, o general de exército G. K. Jukov substituiu Meretskov como chefe do estado-maior. Os trabalhos ganharam velocidade. Antes de 1941, o Exército Vermelho tinha cinco brigadas de ferrovias; Jukov imediatamente aumentou esse número para treze, posicionando dez à oeste do país. Cada brigada consistia em um regimento, dois batalhões e unidades de suprimento. Quase todas as tropas de ferrovias concentraram-se na região fronteiriça à oeste e trabalharam intensivamente para modernizar as velhas ferrovias e construir novas, que chegavam à fronteira.[6] Algumas das novas linhas férreas: Proskurov–Ternopol-Lvov; Lvov–Iavorov–fronteira; Lvov–Peremyshl–fronteira; Timkóvitchi–Baránovitchi; Beloveja–Órantchitsa–fronteira. Os nomes de algumas estações demonstravam que a liderança soviética considerava a área fronteiriça como sua zona de retaguarda; no evento de um rápido avanço para o oeste, o comando soviético teria de lidar com milhões de homens e milhões de toneladas de munição, além de combustível e outros suprimentos.

Simultaneamente, com a construção de ferrovias, estradas rodoviárias também foram construídas na região ocidental (por exemplo, Orcha–Lêpel, Lvov–Peremíchl, Bélaia Tsérkov–Kazátin e Minsk–Brest). Qual a finalidade dessas estradas?

Nos preparativos para uma guerra defensiva, são construídas estradas paralelas à fronteira, de modo que as tropas de reserva possam se deslocar de áreas passivas de defesa para áreas perigosas. As estradas não devem ficar perto da fronteira, e sim no interior do país, deixando a região fronteiriça o mais livre possível de pontes e estradas. No entanto, o Exército Vermelho construiu estradas e ferrovias de leste a oeste,

---

* N.T.: Em letão, Rio Gáudava.

** N.T.: Em russo, Rio Prípyat.

o que é feito habitualmente a fim de preparar um avanço, para a rápida transferência de reservas do interior à fronteira, e provisionar as tropas depois que estas cruzarem a fronteira. Novas estradas chegaram a cidades fronteiriças: Peremíchl, Brest, Iávorov. Jukov escreveu: "A rede de rodovias na zona ocidental da Bielo-Rússia e da Ucrânia estava em más condições. Muitas pontes não aguentavam o peso de tanques médios e artilharia".[7] Jukov devia ter se alegrado com esse fato. Devia ordenar que os soldados enfraquecessem disfarçadamente os pilares das pontes, a fim de atrair os tanques inimigos para o caminho aberto — e para a morte certa. Em vez disso, ele construiu estradas e substituiu as velhas pontes por novas, para que qualquer tanque e artilharia pudessem passar por elas.

O livro oficial *History of the Kiev Military District* afirma: "No início de 1941, as forças de Hitler começaram a construir pontes, ferrovias e bases aéreas".[8] Obviamente, eram sinais de que ele preparava um ataque. As forças soviéticas faziam exatamente a mesma coisa: "Tropas de ferrovias, na Ucrânia Ocidental, trabalharam para desenvolver e reforçar as ferrovias".[9] Brigadas de ferrovias, criadas por ordem de Jukov, chegaram ao fim de um enorme trabalho em território soviético, mas sua tarefa principal fora planejada para ser executada em território inimigo: deviam seguir o exército que avançava e rapidamente passar pela faixa de segurança inimiga, consertar estradas e pontes inimigas e mudar a bitola estreita europeia para a bitola larga do padrão soviético. Em plena fronteira, eles empilharam imensas reservas de trilhos, pontes desmontáveis, materiais de construção e carvão.

Além de dez brigadas de ferrovias na região oeste, quase todas as tropas de engenharia soviéticas estavam concentradas ao longo da fronteira ocidental. Várias unidades de construção e esquadrões estavam ativos nessa faixa de terra, antes da guerra. A tarefa era preparar os "pontos iniciais de ataque, as fundações de passagens para as colunas... a camuflagem operacional e tática, a organização da invasão com tanques e infantaria e providenciar o equipamento para cruzar os rios".[10]

Nas vésperas da guerra, a URSS lançou uma campanha gigantesca para modernizar e ampliar a rede de estradas na região oeste. Tanto trabalho foi prejudicial à URSS. Hitler usou estradas, pontes, estoques de carvão, trilhos e pontes desmontáveis que a liderança soviética havia preparado na zona ocidental de seu país.

Como sabemos, tudo isso não ajudou o exército alemão invasor: seu avanço não foi tão rápido como o planejado. No entanto, até mesmo esse avanço poderia ser detido, se Jukov não tivesse construído estradas às vésperas da guerra, se ele não tivesse criado imensas reservas de trilhos, dormentes, pontes e materiais de construção. Ele devia ter introduzido um sistema eficiente de defesa: pontes explodidas, toda a reserva de materiais liquidada, ferrovias e trens evacuados. As estradas deveriam ser destruídas, submergidas, transformadas em pântanos e saturadas de minas.

No território soviético, todas as minas foram desarmadas, e as barreiras, retiradas. Às vésperas da invasão alemã, o general de exército D. Pávlov, comandante da região militar especial ocidental (já secretamente transformada na frente ocidental), relatou que os sapadores soviéticos não estavam dando a devida atenção ao perigo, nem se preparando para remover minas e outros obstáculos em território inimigo.

Se os marechais soviéticos soubessem o que fazer, teriam iniciado a guerra em 21 de junho: assim, não teriam de remover os obstáculos alemães, porque o exército alemão estaria fazendo em seu território exatamente o que o Exército Vermelho fazia no território soviético. No início de junho, as tropas alemãs estavam desarmando minas, nivelando barricadas e concentrando unidades na fronteira, sem ter diante delas nenhuma faixa de segurança.

O marechal soviético K. S. Moskalenko, que em 1941 comandou a brigada da primeira artilharia antitanques, considerava que as atividades alemãs eram prova inquestionável de que a Alemanha atacaria logo.[11] Ao mesmo tempo, as tropas do NKVD desmontavam a cerca de arame farpado da fronteira, a fim de abrir caminho para o exército "libertador" entrar no território inimigo. Os soviéticos tinham cortado as cercas exatamente do mesmo modo, antes da "libertação" da Polônia, Finlândia, Estônia, Letônia, Bessarábia e Bucovina do Norte. Agora, chegara a vez da Alemanha.

27

Guerrilheiros ou sabotadores?

> Determina o leninismo que um país socialista, em uma situação mundial favorável, deve tomar a iniciativa de realizar avanços militares contra os vizinhos capitalistas, com o propósito de ampliar a frente socialista. [...] O lema do leninismo, "defenda sua terra em solo estrangeiro", pode, a qualquer momento, tornar-se ação efetiva.
>
> ***Diretriz do diretorado político principal do Exército Vermelho,***
> *3 de junho de 1941*

Com a ação de guerrilheiros, é possível lutar contra o mais forte dos inimigos. O agressor pode tomar o país em questão de dias; porém, durante anos, travará guerra exaustiva contra os grupos guerrilheiros. Há muitos exemplos na história de unidades de guerrilha, pequenas e pobremente armadas, que conseguem derrotar exércitos poderosos.

O Exército Vermelho tinha larga experiência de luta contra guerrilheiros. Seus comandantes sabiam o quanto as guerrilhas poderiam ser difíceis e caras. Durante a guerra civil russa, a população do ex-império russo resistiu aos comunistas quase sempre com o sistema de guerrilha. Um exército inteiro de resistentes, sob a liderança de Nestor Makhno, esteve ativo no sul da Ucrânia. Na província de Tambov, após a guerra civil, os comunistas travaram guerra contra o exército resistente de Alexander Antonov. Na Sibéria e no norte do Cáucaso, a guerra contra guerrilheiros foi contínua até meados de 1920 e, na Ásia central, até o início da década de 1930.

Os líderes soviéticos sabiam que a tática guerrilheira ganharia a guerra contra qualquer agressor. A União Soviética possui o maior território de todos os países do mundo. Esse território, obviamente, facilitava a guerrilha. Teria Stálin criado unidades leves e móveis, posicionando-as na floresta, para o caso de um ataque alemão?

Sim, senhores, na década de 1920. Somente na Bielo-Rússia, em tempos de paz, havia seis unidades de guerrilheiros; cada uma tinha entre 300 e 500 homens. Que ninguém se engane com esses números aparentemente pequenos; as unidades tinham apenas comandantes, organizadores e especialistas. Cada unidade guerrilheira era um núcleo, em volta do qual, logo no início da guerra, desenvolveu-se um grupo forte, somando milhares de pessoas.

Nos tempos de paz, criaram-se bases secretas desses grupos guerrilheiros em florestas impenetráveis e ilhotas pantaneiras. Construíram-se, nessa época, abrigos subterrâneos, hospitais, armazéns e oficinas de fabricação de armas e munição. Só na Bielo-Rússia, os subterrâneos continham munição, armas e suprimentos para 50.000 guerrilheiros. Fundaram-se escolas secretas que preparavam e formavam líderes, organizadores e instrutores guerrilheiros. Centros secretos de pesquisa e desenvolvimento criavam dispositivos especiais para guerrilha, armas, canais de comunicação e equipamentos. Os guerrilheiros eram frequentemente submetidos a treinos e testes, em geral com divisões do NKVD no papel do inimigo. Além disso, pequenos grupos eram preparados para realizar atividades secretas. Esses grupos, no caso de ataque, não se retiravam para as florestas, mas ficavam nas cidades e vilas, incumbidos de "ganhar a confiança do inimigo" e "oferecer-lhe ajuda".

Esse tipo de operação foi orquestrado não apenas na Bielo-Rússia, mas também na Ucrânia, na Crimeia, na região de Leningrado e em outras áreas. As mesmas tarefas eram desempenhadas pela inteligência militar soviética, simultaneamente com as do NKVD, mas totalmente independente deste: instalar bases secretas, apartamentos e esconderijos e preparar linhas de comunicação para os conspiradores. A inteligência militar soviética tinha escolas secretas próprias, bem como organizadores e instrutores. Além do NKVD e da inteligência militar, o Partido Comunista preparou alguns líderes, na região ocidental do país, a fim de se transferirem para uma posição subterrânea, no evento de tomada do território pelo inimigo.

As unidades de guerrilha foram formadas na chamada "zona morta" — a faixa de segurança soviética, onde, na retirada das tropas soviéticas, todas as pontes deveriam ser explodidas, os túneis, aterrados, as ferrovias, destruídas e os cabos telefônicos, evacuados, bem como outros canais de comunicação. Os guerrilheiros tinham de impedir que o inimigo restaurasse a infraestrutura destruída. Eles eram quase invencíveis: seus líderes conheciam passagens seguras, desconhecidas pelo inimigo, através dos gigantescos campos minados; em uma emergência, os guerrilheiros poderiam facilmente esquivar-se dos perseguidores nas florestas e nos pântanos minados, intransponíveis para o inimigo.

A faixa de segurança e os grupos de guerrilha, prontos para agir a qualquer momento em uma zona de destruição, eram a grande defesa da União Soviética. Entretanto, na segunda metade da década de 1930, à medida que crescia o poderio

industrial e militar do país, a União Soviética inclinou-se mais a lutar contra inimigos no solo deles, em vez de proteger a terra soviética. A partir daí, os sistemas de defesa tornaram-se desnecessários. "Liquidaram estoques inteiros de armas, munição e explosivos destinados a forças guerrilheiras e guardados em segredo. Dispensaram a rede de escolas de guerrilha, junto com seus competentes líderes. Dispersaram os grupos guerrilheiros de batalha. Apenas os poucos líderes guerrilheiros que confrontaram os fascistas na Espanha mantiveram-se no cargo. Entre eles, A. K. Spróguis, S. A. Vaupchássov, N. A. Prokopiúk, I. G. Starinov e outros."[1]

Em 30 de novembro de 1939, o Exército Vermelho iniciou a "libertação" da Finlândia e deparou-se com os mesmos elementos de defesa que enfrentara antes na União Soviética: uma linha de fortificações de concreto precedida por uma faixa de segurança e esquadrões leves de guerrilheiros. As unidades de guerrilheiros finlandeses de esqui realizavam ataques repentinos e imediatamente desapareciam na floresta. O Exército Vermelho sofreu baixas tremendas nesses ataques, e toda a sua moderna tecnologia era inútil contra o inimigo, que se esquivava da batalha aberta. Será que, tendo aprendido uma dura lição na Finlândia, Stálin mudaria de ideia e, mais uma vez, criaria formações guerrilheiras na região ocidental da União Soviética? Não, senhores.

Um dos pais do terrorismo militar soviético, o coronel e professor do GRU, I. G. Starinov, entre 1930 e 1933, dirigiu a escola secreta que preparava grupos guerrilheiros, subordinados à inteligência militar soviética. O coronel escreveu em suas memórias: "Escondidos com segurança no subsolo, explosivos e armas aguardavam sua hora. No entanto, antes que essa hora chegasse, as bases secretas guerrilheiras foram esvaziadas, com o conhecimento de Stálin, e provavelmente em obediência a uma ordem dele".[2]

Durante a guerra, P. K. Ponomarenko era chefe do estado-maior do movimento guerrilheiro. Depois da guerra, ele extravasou sua angústia e frustração: "As afirmações incorretamente enunciadas por Stálin, de que, se fôssemos atacados, lutaríamos apenas em território inimigo, relegaram ao completo esquecimento todo o esforço para aproveitar a experiência das guerrilhas anteriores e desenvolver diretrizes adequadas de mobilização. O resultado é que a fase inicial da guerra foi marcada pelo trabalho particularmente difícil de organizar o movimento guerrilheiro. O partido teve de pagar caro pelos erros de Stálin".[3]

O coronel da KGB, S. A. Vaupchássov[4], passou a década de 1930 treinando guerrilheiros soviéticos em caso de agressão e ocupação inimiga. Ele explicou a razão do desmantelamento das formações guerrilheiras no território soviético: "Durante esses ameaçadores anos pré-guerra, nasceu uma doutrina sobre guerra em solo estrangeiro. [...] Esta tinha caráter bastante agressivo e claramente expresso".[5]

Podemos concordar com tais afirmações ou discuti-las. No entanto, até o momento, não apareceu outra explicação para a destruição do movimento guerrilheiro.

28

Destruição da Linha Stálin

Apenas os ingênuos acreditam que a defesa é a principal missão das regiões fortificadas. Não; constroem-se regiões fortificadas para que os preparativos de avanço sejam mais confiáveis. Elas precisam proteger as reservas de grupos atacantes e rechaçar qualquer tentativa inimiga de deter o desenvolvimento do ataque e, com a transição de nossas tropas para o avanço, oferecer-lhes ampla cobertura de fogo.

Major-general P. G. Grigorenko
You Only Meet Rats in the Underground

De 1926 a 1937, treze regiões fortificadas foram construídas ao longo das fronteiras da URSS. Essa cadeia de fortificações era popularmente conhecida como "Linha Stálin".

Uma região fortificada (RF) era uma área preparada para defesa: ao mesmo tempo, era também uma formação militar, como um regimento ou uma brigada em número, mas igual a um corpo de guerra em poder de fogo. Cada RF tinha comandante, oficiais, de dois a oito batalhões de metralhadora e artilharia, um regimento de artilharia, várias baterias isoladas de artilharia pesada, um batalhão de tanques, um batalhão de comunicações, um batalhão de engenheiros-sapadores e outras formações. Cada RF ocupava uma área de 100 a 180 km de comprimento por 30 a 50 km de largura. A região era equipada com um complexo sistema de construções militares e de suprimentos; eram todas de concreto ou blindadas, subterrâneas na maioria. Dentro da RF, havia unidades subterrâneas de armazenamento, estações de eletricidade, hospitais, centros de comando e de comunicação. As construções subterrâneas eram interligadas através de um sofisticado sistema de túneis, galerias e passagens cobertas. Havia também uma intrincada rede de ferrovias para transportar materiais

em trens blindados e rapidamente transferir reservas para as tropas. Cada RF podia, independentemente, realizar operações militares durante longo período de tempo, mesmo em situação de isolamento.

As regiões fortificadas foram construídas pelo mais notável perito do século XX, professor Dmítri Karbichev. Em 1940, ele recebeu a patente de tenente-general das tropas de engenharia. Simultaneamente, com o desenvolvimento das fronteiras ocidentais, os projetos de Karbichev englobaram a construção de regiões fortificadas no Oriente distante e na região Trans-Baikal. Algumas fortalezas estão em uso ainda hoje, no século XXI. Em 1990, o jornal militar soviético *Krásnaia Zvezdá* descreveu uma dessas construções ativas: "Trata-se de uma estrutura toda em concreto, muito sólida. A espessura das paredes chega a 1,5 metro. Elas estão aí há meio século, mas até hoje nenhuma bala conseguiu perfurá-las. [...] Os telhados das casamatas são baixos. Munição. Comando. Motores a diesel. Baterias. Filtros. Um sistema automático de aquecimento. [...] Nelas, o soldado, rodeado de instrumentos e armas, tem a impressão de estar em um gigantesco tanque enterrado, ou em um submarino oculto no subsolo".[1]

Cada RF compunha-se de casamatas equipadas com defesas próprias e capazes de se defender independentemente, mesmo cercada pelo inimigo, atraindo com eficiência as forças e a atenção do adversário. A principal unidade da região fortificada era o LFP (*long-duration firing point*, ponto de disparo de longa duração). O *Krásnaia Zvezdá* descreveu um dos LFPs padronizados da Linha Stálin, o LFP 112 da RF Moguiliov-Podolsk: "Trata-se de uma estrutura fortificada complicada, subterrânea, consistindo em passagens de comunicação, passarelas cobertas e compartimentos. Há armas, munição, provisões, uma cantina, água corrente (ainda funcionando), um 'canto vermelho' e postos de comando e observação.[2] Os LFPs têm um posto de metralhadoras com três nichos; em cada um, sobre cilindros, repousa uma metralhadora 'Maxim' e duas cúpulas com um canhão de 76 mm em cada uma.[3] Em média, os LFPs eram desse tipo. Havia também milhares de pequenas construções, armadas com uma ou duas metralhadoras, além de gigantescos complexos fortificados.

O major-general P. G. Grigorenko, que participou da construção da Linha Stálin, descreveu em suas memórias uma fortaleza semelhante à de Moguiliov-Podolsk: "Havia nove pontos de disparo, interligados por passagens subterrâneas, nas margens do Dnieper; o rio e a margem oposta ficavam sob o fogo cerrado de metralhadoras e canhões".[4] Outro que participou da instalação da Linha Stálin, o coronel R. G. Umanskii, escreveu sobre quilométricas estruturas subterrâneas na região fortificada de Kiev.[5] Outro participante, o coronel-general A. I. Shebunin, escreveu que muitas estruturas defensivas de concreto, na região fortificada de Proskurov, eram protegidas por barreiras d'água artificiais. Nessa RF, fora erguida "uma portentosa linha de defesa, que somava mais de mil fortalezas militares variadas. Muitos objetos eram tão cuidadosamente camuflados que mesmo de perto era difícil adivinhar do que se tratava".[6]

A Linha Stálin não teve a publicidade da Linha Maginot francesa. A Linha Stálin foi construída em segredo. Durante a construção de cada segmento, as unidades do NKVD instalavam cordões de isolamento em várias áreas. A construção era simultânea em todas as áreas, mas a verdadeira fortaleza estava em apenas uma; o restante era armadilha. A população local, bem como os operários, tinham uma vaga noção do que estava sendo construído e o local.

Há muitas diferenças entre a Linha Stálin soviética e a Linha Maginot francesa. A primeira não podia ser ultrapassada: os flancos iam direto para o Mar Báltico ao norte e para o Mar Negro ao sul. O objetivo da Linha Stálin era não apenas deter a infantaria, mas principalmente os tanques. A Linha Stálin era muito mais ampla. Além de concreto, os soviéticos também usaram enorme quantidade de aço e rochas de granito.

Diferentemente da Linha Maginot, a Linha Stálin não foi construída na fronteira, e sim no interior do território soviético. Uma linha de regiões fortificadas no interior do país significava que a primeira investida da artilharia inimiga aconteceria em um espaço vazio, não atingindo o exército defensor. Assim, em um ataque-surpresa, as guarnições militares defensivas teriam, no mínimo, alguns dias para tomar posição nas casamatas e preparar armas e defesas. Se as regiões fortificadas estivessem no interior do país, o inimigo, antes de começar a atacar, precisaria cobrir de 20 a 30, ou de 100 a 150 km de território saturado de minas e outras surpresas desagradáveis. O agressor teria de cruzar muitos rios e lagos, cujas pontes estariam destruídas. Antes de atacar, o inimigo já teria sofrido baixas significativas, nas centenas de emboscadas ao longo do caminho.

A faixa de segurança antes da Linha Stálin não só reduzia a velocidade do inimigo, cansando-o, como ainda fazia o papel de uma cortina sobre o mar, atrás da qual se escondia um colar de *icebergs*. Por não conhecer a localização exata das fortalezas da Linha Stálin, o inimigo poderia se ver, de repente, diante das estruturas armadas soviéticas e no meio de seu fogo cerrado. A localização da Linha Stálin, no interior do país e atrás da faixa de segurança, se contraporia ao elemento surpresa do ataque, o elemento surpresa da defesa. As regiões fortificadas estavam camufladas de tal modo que, em muitos casos, um combate entre o exército de Stálin e o agressor seria bastante inesperado para este último.

Outra diferença da Linha Maginot: a Linha Stálin não era contínua. Largas áreas de passagem foram deixadas entre as regiões fortificadas. Em uma emergência, essas áreas poderiam ser rapidamente bloqueadas com minas terrestres, barricadas ou mesmo tropas de defesa. Ou poderiam ficar abertas, oferecendo ao agressor a opção de não atacar as fortificações, mas de passar por elas. Se o inimigo tentasse passar, a maioria das tropas que avançasse seria dividida em várias colunas isoladas. Cada coluna teria de avançar através de um corredor minado por todo o lado, tendo os flancos, a retaguarda e as linhas de comunicação sob constante e pesada ameaça.

A 13ª região fortificada da Linha Stálin consumiu enorme quantidade de dinheiro e esforço. Em 1938, decidiu-se reforçar toda a 13ª região com instalações de artilharia pesada. Desse modo, iniciaram a construção de mais oito pontos de defesa. Em um ano, a região reformada contava com 1.028 fortalezas armadas.

Assim, o pacto Molotov-Ribbentrop foi assinado. Esse pacto criou uma fronteira comum entre a Alemanha e a URSS. Nessa atmosfera ameaçadora, Stálin poderia ter aumentado à vontade a segurança da fronteira soviética ocidental e ainda garantir a neutralidade da URSS na guerra. Em vez disso, no outono de 1939, no início da Segunda Guerra Mundial, ele mandou interromper a construção de novas regiões fortificadas.[7] As guarnições militares dessas regiões fortificadas, na Linha Stálin, foram as primeiras a sofrerem cortes de pessoal; logo depois, foram totalmente dispersas. As fábricas soviéticas reduziram a produção de armas e materiais especiais para estruturas defensivas. As regiões fortificadas existentes foram desarmadas; munição, armas, instrumentos de observação e linhas de comunicação foram embalados e estocados.[8] Algumas estruturas foram doadas a associações agrícolas para servir de silos. A maioria, todavia, foi simplesmente soterrada.

Além de reduzir a produção de armas para as regiões fortificadas, a indústria soviética, no início da Segunda Guerra Mundial, parou de fabricar outras armas defensivas. Por exemplo, a fabricação de canhões antitanques foi paralisada completamente, bem como a de canhões de 76 mm, que poderiam ser usados contra tanques inimigos.[9] Rifles antitanques saíram da linha de produção e foram retirados dos suprimentos do Exército Vermelho; todas as formações tiveram de entregá-los para serem estocados.[10] Qualquer arma ligada à defesa foi impiedosamente desmontada ou destruída. Ao mesmo tempo, o Exército Vermelho lutava na Finlândia, onde Stálin e seus marechais bem notaram que as regiões fortificadas e as faixas de segurança tinham imenso valor para a defesa.

Para sermos justos, no verão de 1940, iniciou-se a construção de uma linha de regiões fortificadas na nova fronteira germano-soviética. Contudo, essa linha nunca foi terminada. No estado-maior do Exército Vermelho, essas regiões foram apelidadas não oficialmente (e com certa dose de ironia) de Linha Molotov. A linha fora criada pela mesma pessoa: o professor Karbichev. A decisão de construí-la foi tomada em 26 de junho de 1940.[11] No entanto, as obras nessa fronteira caminharam com muita lentidão, enquanto a destruição nas velhas fronteiras aconteceu com surpreendente rapidez. No verão de 1941, a tragédia da Linha Stálin atingiu o clímax. Escreveu o general Grigorenko:

> Não sei como os futuros historiadores explicarão esse crime contra nosso povo. [...] Atualmente, os historiadores contornam o tema em silêncio, e eu mesmo não sei como explicar. Muitos bilhões de rublos (de acordo com meus cálculos, mais

de 120) foram tirados do povo pelo governo soviético, a fim de construir barreiras impenetráveis na fronteira, de mar a mar, do Báltico cinzento ao azul Mar Negro. Nas vésperas da guerra — na primavera de 1941 — rugiram explosões através dos 1.200 km de fortificações. As formidáveis estruturas de concreto, os pontos de disparo em nichos simples, duplos e triplos, os pontos de comando e observação — dezenas de milhares de estruturas defensivas foram pelos ares, em obediência a uma ordem pessoal de Stálin.[12]

A Linha Stálin, na fronteira antiga, já estava destruída, enquanto a Linha Molotov, na fronteira nova, ainda não tinha sido construída. Generais e marechais soviéticos, após a morte de Stálin, expressaram unanimemente sua revolta. Eis as palavras do marechal em chefe da artilharia N. N. Voronov: "Sem erguer as defesas adequadas na nova fronteira ocidental de 1939, como pôde nossa liderança decidir liquidar e desarmar as regiões fortificadas na fronteira antiga?".[13] Além disso, como declarou o marechal M. V. Zakharov, ficara decidido limitar rigorosamente, ou mesmo interromper, a produção de todos os tipos de armas para RF.[14]

Tal argumento é apenas um artifício dos historiadores comunistas para desviar nossa atenção. Querem que lamentemos a loucura de demolir a velha linha fortificada antes que a nova ficasse pronta. Porém, a pergunta relevante é: por que demolir a velha linha? Duas linhas, obviamente, oferecem defesa melhor que uma só.

Outro pretexto é que as velhas fortificações foram destruídas a fim de transferir suas armas para as novas. Outra falácia. Primeiro, as armas podiam ficar na linha antiga, e haveria tempo suficiente para a indústria soviética fornecer armas defensivas para a nova linha. Entretanto, sabemos que a produção desse tipo de arma foi reduzida drasticamente, em favor das armas do tipo ofensivo.

Segundo, ninguém manda demolir uma antiga casa só porque quer mudar a mobília para a casa nova, a menos que aquela não seja necessária. Aplica-se o mesmo raciocínio das fortificações às armas.

Terceiro, os historiadores comunistas esperam que não nos lembremos da cronologia dos eventos: Stálin começou a demolir a linha antiga em setembro de 1939 e decidiu construir a nova somente em 26 de junho de 1940. Querem nos fazer acreditar que a causa vem depois da consequência.

As datas confirmam que não houve conexão entre os dois casos, exceto pelo fato de que a Linha Stálin foi construída para a guerra defensiva, e a Linha Molotov, para uma guerra ofensiva contra a Alemanha, como demonstraremos adiante.

Em comparação com a Linha Stálin, a Linha Molotov era uma fina cadeia de fortalezas bastante leves, que não requeriam muito armamento. Por exemplo, na especial região militar ocidental da Bielo-Rússia, havia 193 fortalezas construídas perto da nova fronteira. A antiga tinha 876, muito mais poderosas. Em outras

regiões militares, a razão entre as construções novas e as destruídas era ainda mais impressionante.

A Linha Molotov diferia drasticamente da Linha Stálin em projeto e detalhes. Havia quatro principais diferenças entre as fortalezas demolidas perto da antiga fronteira e as criadas perto da nova: a Linha Molotov foi feita de modo que o inimigo a visse; localizava-se em locais secundários; não era protegida por nenhuma faixa de segurança, campos minados nem outros obstáculos; e os construtores não aproveitaram as oportunidades disponíveis para fortificar a linha, nem se apressaram para terminar o trabalho.

Por exemplo, o local secundário era a área de Brest. Nessa região, o rio de fronteira era cruzado por seis pontes ferroviárias e rodoviárias. A principal direção estratégica de ataque alemão era Varsóvia–Brest–Minsk–Smolensk–Moscou. Por isso, as pontes de Brest tinham grande valor estratégico; mas a nova região fortificada foi construída a 27 km ao norte de Brest, onde não havia nenhuma ponte! As regiões fortificadas da Linha Molotov foram empurradas para a beira da fronteira. Estas não eram protegidas por uma faixa de segurança, e, no caso de ataque repentino, as guarnições militares não teriam tempo de tomar posição de tiro nem de preparar as armas.[15]

Diferentemente da Linha Stálin, as regiões fortificadas da Linha Molotov não eram amplas.[16] Tudo o que puderam construir na beira da fronteira, construíram. Segundo o tenente-general V. F. Zotov, as defesas da retaguarda não foram construídas nem planejadas. As novas fortificações não ficaram em locais taticamente valiosos para a defesa, mas ao longo da fronteira, acompanhando suas curvas e dobras. Os novos quartéis não eram defendidos por arame farpado, minas, trincheiras nem tetraedros. Não havia obstáculos na área militar; e as estruturas não eram camufladas.[17]Ao mesmo tempo, os generais alemães faziam a mesma coisa. Entre 1932 e 1937, grandes fortalezas foram construídas nas margens do Rio Oder, protegendo a Alemanha de ataques do leste. Tratava-se de estruturas militares de primeira classe, fundidas na paisagem e brilhantemente camufladas. Não vou descrevê-las com detalhes, mas são um exemplo formidável da precisão e diligência alemãs. As regiões fortificadas da área entre o Oder e o Varta são um modelo da mais alta realização da engenharia militar no início do século XX.

Assim que o pacto Molotov-Ribbentrop foi assinado em Moscou, e o exército alemão invadiu a Polônia, as magníficas fortalezas próximas à antiga fronteira alemã foram abandonadas, e não foram mais ocupadas por soldados. Muitas estruturas foram usadas para outros propósitos. Por exemplo, na região de Hochwald, havia um portentoso complexo de fortificações, incluindo 23 prédios militares de 4 andares, ligados por 30 km de túneis subterrâneos. O complexo transformou-se em fábrica de motores de avião. Ao avançar e encontrar o Exército Vermelho no interior da Polônia, as tropas alemãs começaram a construir uma nova linha de regiões fortificadas. Fica-

vam em locais secundários e foram empurradas até a fronteira soviética. Em frente às novas regiões fortificadas não havia campos minados nem obstáculos. Os alemães trabalharam noite e dia, e a patrulha soviética viu tudo isso de forma clara.[18]

A construção alemã continuou até maio de 1941, depois que, para usar a linguagem soviética, "a construção foi avaliada como prioridade de segunda classe". Dos 80 prédios militares que eles planejavam construir na fronteira do Rio San, apenas 17 foram terminados. Nenhum deles foi bem camuflado. Cada uma dessas construções poderia ser descrita como leve, comparada com as da antiga fronteira germano-polonesa: paredes relativamente finas e placas blindadas de apenas 100 mm. Na antiga fronteira, ao longo do Rio Oder, eles haviam usado placas muito mais espessas, de até 350 mm. Os oficiais soviéticos viram os LFPs pontilhando os dois lados do mesmo rio. Se alguém mostrasse fotos deles a um perito e pedisse que ele identificasse o LFP alemão do soviético, o perito ficaria confuso. Eram como gêmeos idênticos: ao construir a Linha Molotov nas margens do mesmo Rio San, os engenheiros soviéticos também usaram placas blindadas relativamente finas, de 100 mm.

Embora seu vizinho fosse a fraca Polônia, os soldados alemães ergueram poderosas fortificações na fronteira. Após esmagar a Polônia e estabelecer uma fronteira comum com a União Soviética, os alemães abandonaram as antigas fortificações e construíram muito vagarosamente, ao longo da nova fronteira, apenas estruturas defensivas leves. Exatamente como o Exército Vermelho! Isso porque ambos os lados não planejavam defender a fronteira por muito tempo.

Uma fortificação pode ser defensiva e ofensiva. Se um país estiver planejando atacar, deverá seguir estas regras durante a construção das regiões fortificadas:

- reúna grupos de ataque nos locais primários e deixe os secundários quase vazios de tropas, protegendo-os com regiões realmente fortificadas;
- nos locais primários, não tente camuflar as fortificações; deixe o inimigo pensar que são preparativos de defesa;
- tudo o que puder ser construído nas margens de rios fronteiriços, construa. Quando suas tropas avançarem e cruzarem o rio, tais fortificações, localizadas na fronteira, poderão apoiar o avanço das tropas com a artilharia;
- não proteja as fortificações da linha de frente com campos minados e arame farpado; eles prejudicariam o avanço de suas tropas;
- não desperdice muito cimento e aço nas fortificações da fronteira; você não pretende ficar muito tempo em posição defensiva;
- não construa fortificações no interior de seu país; elas serão desnecessárias.

Essas regras direcionaram as ações dos generais soviéticos e alemães a partir de 1939. Em agosto desse ano, Jukov usou-as com muita inteligência em Khálkhin-Gol:

"Com esses cuidados, conseguimos fazer o inimigo acreditar que não havia nenhum preparativo para avançar e ainda mostramos que estávamos realizando amplos trabalhos defensivos — e somente defensivos".[19] Os japoneses acreditaram nos trabalhos "defensivos" de Jukov e pagaram caro por isso. Mais tarde, em escala muito maior, Jukov encenou a mesma farsa na fronteira alemã.

Entretanto, ele não enganou os generais alemães, que haviam tido experiência idêntica na Polônia. Em 22 de agosto de 1939, durante as negociações do pacto Molotov-Ribbentrop e os preparativos do exército alemão para invadir a Polônia, o general Guderian recebeu ordens de comandar a "equipe de fortificação da Pomerânia". O objetivo era acalmar os poloneses, exibindo atividades estritamente defensivas, enquanto erguiam, com pouco esforço, fortificações leves.

Na primavera e no verão de 1941, Guderian, novamente, construiu defesas, dessa vez na fronteira soviética. Se ele estava construindo caixas leves de concreto perto da fronteira, não queria dizer que tencionava se defender. Queria dizer exatamente o contrário. E se Jukov construíra caixas idênticas ao longo da mesma fronteira, o que significava?

A Linha Stálin era universal: poderia ser usada tanto para defesa como para ataque. As largas áreas entre as regiões fortificadas foram deixadas intactas, a fim de dar passagem às tropas que avançariam para o oeste. Quando a fronteira foi deslocada para alguns quilômetros à oeste, a Linha Stálin perdeu completamente sua utilidade como base fortificada de ataque; Stálin já não precisava dela para defesa, após a assinatura do pacto Molotov-Ribbentrop. O resultado é que a Linha Stálin foi desarmada e desmontada: Stálin não planejava lutar em seu território; e depois que a Alemanha entrou em uma guerra contra a Grã-Bretanha, ele não precisava de regiões fortificadas no interior da União Soviética.

Hitler enfrentou a mesma situação, não apenas nas fronteiras orientais como nas ocidentais. Ali, na década de 1930, ele construiu a Linha Siegfried. Tradicionalmente, desde os tempos da guerra franco-prussiana, um ataque alemão à França era sempre feito pelo norte. A Linha Siegfried foi construída direcionada para o sul da França — em outras palavras, em um local secundário — seguindo o princípio de atacar o local primário e fortificar o secundário. Em 1940, o exército alemão avançou para o oeste, e a Linha Siegfried tornou-se inútil. Nessa época, Hitler não imaginava que em quatro anos teria de defender a própria fronteira de novo. A Linha Siegfried foi abandonada. Seu novo uso foi inesperado: as construções militares foram doadas aos agricultores para estocar batatas. Algumas delas estavam com as portas indevassáveis trancadas por dentro; quando alguém quis entrar, as chaves não foram encontradas.[20]

Poderíamos, é claro, tachar de idiotas os generais soviéticos e alemães. No entanto, estupidez não é a explicação adequada. De modo simples, ambos os lados eram agressores; pensavam em termos de ataque; e quando as fortificações já não podiam ser usadas para invadir, foram demolidas ou destinadas para o uso mais conveniente.

29

Trótski assassinado; Molotov em Berlim

Hitler enviará as forças principais para o oeste, e Moscou usará as vantagens de sua posição.

L. Trótski,
21 de junho de 1939

Em 21 de agosto de 1940, no México, Leon Trótski foi assassinado de modo odioso. Um agente do NKVD, o comunista espanhol Ramon Mercader (também conhecido como Jacques Momar Vendenrein e Ramon Ivánovitch López) fez-se passar por um trotskista fervoroso e infiltrou-se no círculo mais fechado de Trótski. Este gostou dos ensaios escritos por Mercader, e o agradável e jovem admirador tornou-se assíduo na casa de Trótski. No dia do assassinato, os dois estavam sozinhos no escritório dele. Trótski curvara-se sobre a mesa, lendo um artigo de Mercader, quando seu hóspede puxou um fura-gelo do bolso do casaco e o atingiu no crânio com um golpe monstruoso.

Mercader foi preso na cena do crime, mas se recusou a confessar. A corte mexicana o sentenciou a 20 anos de prisão. Em 6 de maio de 1960, três meses antes de completar esse tempo, ele foi solto por bom comportamento. Mercader retornou à URSS e recebeu o título de Herói da União Soviética, com a Estrela de Ouro e o mais alto galardão do governo, a Ordem de Lênin. Deram-lhe o cargo de pesquisador no Instituto de Marxismo-Leninismo do comitê central do Partido Comunista da União Soviética. Nessa época, o povo brincava que, depois de se tornar um membro de tão respeitável instituição acadêmica, Mercader começara a escrever uma dissertação em vários volumes sobre o tópico "Usos alternativos de um fura-gelo".

Alguns disseram que o assassinato de Trótski não tinha significado; que ele tinha poucos seguidores, morava no remoto México e não representava nenhuma ameaça. Além disso, disseram que o assassinato fora vingança pessoal de Stálin, uma manifestação de sua paranoia. No entanto, ficaram algumas ambiguidades. Primeiro, por que Trótski estava no México?

Trótski atingiu o pico da carreira em outubro de 1917. Sob sua liderança, os bolcheviques conduziram o golpe de estado e a tomada de Petrogrado (S. Petersburgo), a ex-capital russa. Trotsky foi, efetivamente, fundador e líder do Exército Vermelho durante a guerra civil. Entretanto, já nessa guerra civil, ele não era o homem mais importante, pois dividia o poder com Lênin. Gradualmente, Trótski foi relegado a papéis secundários. Sua descida foi acelerada e acabou em rápida queda. Em 1923, Trótski era chefe da oposição esquerdista no Partido Comunista, fazendo parte da minoria. Em 1927, foi removido de todos os cargos e privado dos deveres e privilégios. Em 7 de novembro de 1927, ele tentou discursar diante de uma coluna de manifestantes que se dirigia à Praça Vermelha, mas recebeu uma saraivada de garrafas vazias e pedras. Assassinar Trótski não era difícil; muitos voluntários se apresentariam para isso. Então, por que Stálin não o matou?

No início de 1928, Stálin mandou Trótski para o exílio no Cazaquistão. Um ano depois, mandou-o para a Turquia. Perguntamos de novo: para quê? No Cazaquistão, Trótski ficou isolado, totalmente monitorado pela polícia secreta de Stálin. As fronteiras da União Soviética estavam hermeticamente seladas; fugir do país era muito difícil. Para Trótski seria de fato impossível, pois estava sob constante vigilância. Não havia como fugir de Stálin; e ele nem sequer deu sinal de querer fugir. Como opositor político, Trótski ficara literalmente desarmado. Não tinha poder, influência, nem dinheiro — e nenhum meio de comunicação. Ninguém publicava o que ele escrevia. Suas cartas ficavam detidas durante meses, eram verificadas e, na maioria dos casos, simplesmente desapareciam. Seus seguidores eram duramente perseguidos. Os trotskistas sofriam espancamentos cruéis em becos escuros, e isso foi apenas o começo e a mais modesta das manifestações da aversão de Stálin. Depois vieram os exílios, as prisões, as torturas, os julgamentos públicos e as execuções. Milhões de pessoas afastaram-se de Trótski; poucos permaneceram leais a ele.

A natureza humana é tal que as pessoas auxiliam os ricos e poderosos, mas quando alguém despenca do poder, o número de amigos e partidários cai drasticamente. De repente, surgem voluntários prontos a chutar o chefe de ontem. Stálin exterminou milhões que considerava inimigos, ou inimigos em potencial. Mandava-os para a Sibéria, Oriente Distante, Cazaquistão, Sacalina, Kolima, ou diretamente para as celas de execução. Apenas um inimigo — Trótski, o mais insignificante — Stálin tirou do Cazaquistão e mandou para as ilhas paradisíacas da Turquia, no Mar de Mármara.

Se Trótski fosse perigoso, Stálin o teria isolado da mesma forma como isolou Lênin nos seus últimos anos de vida.[1] Trótski poderia morrer na mesa cirúrgica, como Mikhail Frúnze, que substituiu Trótski na liderança do Exército Vermelho, em 1925. Poderia se afogar em um lago, como Efraim Skliánski, comandante auxiliar de Trótski durante a guerra civil, em 1925.

Stálin, nessa época, tinha três secretários: Bajánov, para as "operações diurnas", Mekhlis, para as "vespertinas" e Grigórii Kánner para as "noturnas". Bajánov lembrou-se que Mikhail Frúnze foi deitado à força na mesa de operação; assim Stálin mostrou o quanto se importava com a saúde de seu camarada. Frúnze tinha razão de resistir; a morte o aguardava nessa mesa, e ele adivinhou. Os arranjos para a operação foram conduzidos por Kanner. Quando o secretário de "operações diurnas", Bajánov, ouviu isso, tudo ficou claro para ele.[2] Bajánov descreveu como recebeu a notícia da intrigante morte de Skliánski: "Mekhlis e eu imediatamente fomos nos encontrar com Kánner e dissemos: 'Gricha, foi você que afogou Skliánski'. Estávamos convencidos de que Skliánski fora afogado por ordem de Stálin, e de que o 'acidente' fora organizado por Kanner e Iagoda".[3] A propósito, Kanner foi fuzilado por um pelotão em 1937, e Iagoda, em 1938.

No Cazaquistão, Trótski não podia publicar nada. Ao deixá-lo sair livremente da União Soviética, Stálin deu-lhe a oportunidade de dizer e escrever o que bem entendesse, inclusive as mais duras críticas sobre ele. Por que Stálin teria adiado tanto o assassinato de Trótski? Na década de 1930, Stálin acusou todos os inimigos de serem trotskistas. Os verdadeiros trotskistas e os que eram rotulados como tal foram executados aos milhares, ou enviados aos campos. Enquanto isso, o próprio Trótski estava livre. Morou em ilhas de beleza fantástica na Turquia, depois no sul da França, na Noruega e, por último, no México. E, de repente, iniciou-se a caça a Trótski. Houve inúmeras tentativas de assassinato, antes do ataque com um fura-gelo.

Teria aumentado a paranoia de Stálin? Não. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, e logo em seu início, Trótski já representava um claro e iminente perigo, não só para Stálin, como para toda a liderança soviética. Trótski era um fanático pela revolução mundial. Quando percebeu que ela falhara na Alemanha e em todo o mundo, profetizou que a Rússia soviética não sobreviveria, rodeada de países capitalistas. A única esperança seria transformar a Rússia soviética em um campo militar e usar suas forças militares para ajudar as revoluções, sempre que surgisse uma oportunidade, independente de onde fosse. Stálin insistia que Trótski estava errado; a União Soviética primeiro deveria construir o "socialismo em um só país". A União Soviética não queria exportar revolução. Depois, Stálin tomou medidas mais radicais que as que foram propostas por Trótski; ou seja, transformar o país em um campo militar. Introduziu a coletivização e a industrialização forçadas e criou os campos Gulag de trabalhos forçados. Sob seu jugo, a União Soviética tornou-se uma potência industrial e a base militar da revolução mundial. Para resumir,

Trótski pregou em altas vozes a revolução comunista mundial; Stálin agiu para atingir a mesma meta, mas declarou que os slogans de Trótski estavam errados.

A retórica de Stálin teve êxito e enganou Trótski, que acreditou ter exposto Stálin quando declarou ao mundo que este havia traído a causa do comunismo e da revolução mundial. Trótski não compreendeu que a crítica era necessária para Stálin e fazia parte de seu plano. Com tais acusações, Trótski acalmou o medo do Ocidente de que Stálin tentaria a revolução mundial. Trótski declarou que não havia motivo para temer Stálin, pois ele era "a maior mediocridade no poder", e seu regime implodiria por si próprio. "A ditadura pessoal de Stálin claramente aproxima-se do ocaso", disse Trótski, em novembro de 1931.[4] Portanto, com o endosso duvidoso de Trótski, o Ocidente ajudou Stálin a criar uma poderosa indústria militar e a preparar o país e o exército para esmagar a civilização ocidental.

A opinião de Trótski tinha credibilidade entre os políticos ocidentais; afinal, ele desempenhara importante papel na revolução, na guerra civil e na criação do Exército Vermelho. Ele lançou a revolução mundial, mas perdeu o poder. Stálin, para quem acreditasse em Trótski, não instigava nenhuma revolução, mas construía o socialismo em um só país, a União Soviética. Stálin deixou que Trótski saísse da União Soviética e proporcionou-lhe publicidade no mundo inteiro. Qualquer contato com Trótski era uma acusação padronizada contra os chamados "inimigos do povo" em todos os julgamentos políticos de Moscou. Stálin poderia dar aos inimigos o nome que quisesse, mas teimosamente chamava-os de trotskistas, conferindo, assim, maior peso político a Trótski. Se este tivesse declarado outra coisa, se tivesse dito que Stálin se preparava para atacar, ou se tivesse avisado o Ocidente sobre os perigos da malícia de Stálin, teria sido assassinado já em 1927.

Aos poucos, porém, Trótski percebeu a verdadeira intenção de Stálin. Deixou de escrever que Stálin havia traído a causa da revolução mundial e começou a afirmar que Hitler chegara ao poder com a ajuda de Stálin. "Sem Stálin, não haveria Hitler", declarou. "Hitler preparou-se para a guerra. [...] O golpe contra o Ocidente, no futuro próximo ou distante, apenas poderá ser realizado com a condição de uma aliança militar entre a Alemanha fascista e Stálin."[5]

Em 4 de setembro de 1939, Trótski lembrou ao mundo que "o Kremlin havia fornecido petróleo à campanha italiana na Abissínia" e agora fornecia petróleo para a guerra de Hitler contra a Europa. Trótski perguntou por que o pacto de não agressão entre a União Soviética e a Alemanha havia se transformado em guerra. "Não está claro o motivo de Hitler ter iniciado a invasão na Polônia imediatamente após os abraços entre Ribbentrop e Molotov? Stálin sabia muito bem o que fazia. Para atacar a Polônia e iniciar uma guerra contra a Inglaterra e a França, Hitler precisava da "neutralidade" favorável da URSS, bem como de matérias-primas soviéticas. Esse acordo político e econômico deu as duas coisas a Hitler."[6]

Nesse ponto, Trótski deixou de ser útil para Stálin, que decidiu livrar-se dele. Além disso, Trótski havia se tornado perigoso, tendo alertado a Grã-Bretanha e a França de que a raiz do mal não estava em Hitler, mas em Stálin. Sem a "neutralidade" de Stálin e sem seu fornecimento de petróleo, cromo, estanho, níquel, platina, minério de ferro, algodão, grãos, manganês, cobre, vanádio, molibdênio e tungstênio, Hitler jamais poderia lançar a guerra na Europa. No entanto, Trótski alertou Hitler também. Em junho de 1939, quando poucas pessoas no mundo tinham ideia de que em dois meses a Segunda Guerra Mundial começaria, Trótski apresentou uma espantosa visão quando escreveu: "Hitler atacará a oeste com suas forças principais, e Moscou avidamente tirará vantagem da situação".

As profecias de Trótski começaram a se realizar. Em maio de 1940, Hitler invadiu a Bélgica, a Holanda e a França; Stálin explorou a situação da melhor maneira. Em 12 de novembro de 1940, o ministro de relações exteriores, Molotov, chegou a Berlim e apresentou a Hitler uma longa lista de reivindicações territoriais, em nome da União Soviética. Tais exigências repetiram-se em 25 de novembro de 1940, quando a União Soviética propôs um pacto de paz entre Alemanha, Itália, Japão e URSS. A União Soviética requeria:

- da Finlândia: Pechenga, o único porto finlandês no Mar de Barents, e Porkkala-Udd, uma península estrategicamente situada no Mar Báltico, para controlar a entrada no Golfo da Finlândia;
- bases navais no lado dinamarquês dos estreitos de Kattegat e Skagerrak, que controlavam o acesso ao Mar do Norte e ao Mar Báltico;
- da Iugoslávia: uma base naval no Mar Adriático;
- da Grécia: uma base naval no porto grego de Tessalônica;
- da Romênia: a província da Bucovina do Sul, um ponto estratégico nos Montes Cárpatos, para controlar o acesso aos campos de petróleo de Ploiesti;
- da Bulgária: um pacto de aliança com a União Soviética, incluindo a Bulgária na esfera de influência soviética;
- da Turquia: bases nos estreitos de Bósforo e Dardanelos;
- do Irã: bases no Golfo Pérsico;
- a transferência de territórios ao sul da linha Baku-Batumi (leste da Turquia, norte do Iraque e Irã) para a esfera de influência soviética;
- do Japão: renúncia às concessões de petróleo na província de Sacalina do Norte.

Hitler e seus oficiais ficaram atônitos com essas extraordinárias exigências e não responderam.

Em 13 de novembro de 1940, Molotov pediu instruções a Stálin "sobre a China, a Turquia e os nossos interesses quanto ao Golfo Pérsico e o Mar da Arábia".[7] Stálin

aconselhou Molotov: "Não demonstre nosso interesse na Pérsia. [...] Se os alemães sugerirem a divisão da Turquia, pode mostrar nossas cartas".[8] Nessa correspondência, Stálin "sugeriu" a Molotov que obtivesse o consentimento da Alemanha para outro vantajoso passo a ser dado pela União Soviética. Disse a Molotov que alertasse Hitler sobre o fato de que a proposta soviética de uma aliança com os poderes do Eixo "não seria possível sem a garantia de termos o controle da Bulgária e de podermos passar com nossas tropas por esse país".

Em novembro de 1940, a Alemanha viu-se em posição difícil. A Segunda Guerra Mundial prolongara-se por mais de um ano, e o fim não parecia estar perto. A Alemanha apenas venceria se fosse uma guerra rápida. Na noite de 13 de novembro, durante as conversações entre Hitler e Molotov, a força aérea britânica bombardeou Berlim. A reunião, que começara em um luxuoso salão de recepção, terminou em um abrigo antiaéreo. Com esse raide aéreo, Churchill mostrou a Hitler e a Molotov que a Grã-Bretanha não planejava se render.

Para uma guerra longa, Hitler precisava de enormes quantidades de matérias-primas estratégicas, que Stálin poderia fornecer. Durante a reunião, Molotov repetidamente falou a Hitler que sem a matéria-prima soviética, as vitórias alemãs na Europa teriam sido impossíveis. "O presente estágio, de grandes vitórias alemãs, não teria sido atingido sem a influência do acordo germano-soviético [de agosto de 1939]."[9] "No que diz respeito à Alemanha, esses acordos [de 1939] garantiram uma retaguarda segura para o país e desempenharam importante papel no desenvolvimento da campanha militar no Ocidente, incluindo a derrota da França."[10] "A Alemanha, não sem o auxílio do pacto com a URSS, com rapidez e glória militar pode realizar operações na Noruega, na Dinamarca, na Bélgica, na Holanda e na França."[11]

Stálin torceu o braço de Hitler. Trótski previu que Stálin "faria uso total de sua posição vantajosa". Foi precisamente o que Stálin fez. Hitler disse a Molotov que a Alemanha havia conquistado tantos territórios em um ano de guerra que precisaria de cem anos para desenvolvê-los. E ofereceu: se faltasse espaço, a Alemanha e a União Soviética poderiam ir para o sul de suas fronteiras. Molotov concordou com a proposta, mas acrescentou que seria necessário discutir o assunto dos estreitos dinamarqueses — Store Baelt e Lille Baelt* — bem como os estreitos entre a Dinamarca, a Suécia e a Noruega — Sund, Kattegat e Skagerrak. Esses estreitos representavam uma necessidade estratégica para os alemães, pois estes já ocupavam a Dinamarca. Para que a União Soviética os queria?

Hitler disse a Molotov: "Enquanto a guerra continua, a Alemanha está extremamente interessada em receber níquel e madeira da Finlândia". Hitler queria saber se a União Soviética preparava uma guerra contra a Finlândia. Se sim, não daria para adiá-la um pouco? Molotov respondeu que a Finlândia fazia parte da esfera de influência sovié-

---

* Grande Belt e Pequeno Belt.

tica e que a Alemanha teria de retirar suas tropas de lá. Molotov "não compreendia por que a Rússia tinha de adiar a realização de seus planos por seis meses, talvez até um ano. Afinal, o pacto germano-russo não especificava nenhum limite de tempo e, dentro das respectivas esferas de influência, nenhum dos dois países tinha as mãos atadas".[12]

A União Soviética tinha petróleo suficiente para consumo interno e exportação. Não precisava do petróleo romeno, enquanto Hitler falava sobre a total dependência alemã desse petróleo, afirmando que seu país defenderia a indústria petrolífera romena a qualquer custo. Hitler deu a entender que a União Soviética devia se afastar do petróleo romeno, pois já havia tomado a Bucovina do Norte. Com essa invasão, a União Soviética violara o pacto sobre a divisão das esferas de influência. Molotov replicou que a União Soviética de fato tinha tomado uma parte da Romênia e violara o acordo previamente assinado com a Alemanha. No entanto, a União Soviética não desistiria do que havia conseguido; além disso, Stálin queria também a Bucovina do Sul e a Bulgária. "O destino da Romênia e da Hungria também interessa à União Soviética, e sob nenhuma condição ela ficará indiferente aos dois países."[13]

Hitler lembrou a Molotov que eles haviam concordado com a divisão da Europa em agosto de 1939. Molotov respondeu que era hora de criar uma nova divisão da Europa, uma que desse vantagem à União Soviética. "A URSS considera que o acordo do ano passado foi cumprido, com exceção da questão da Finlândia. [...] Agora é hora de tratarmos sobre um acordo mais amplo entre a URSS e a Alemanha."[14] Seguiram-se discussões no mesmo tom.

Durante as conversas, Molotov não levantou questões sobre a segurança da União Soviética. Hitler mencionou a possibilidade de uma invasão soviética nos territórios de importância para a Alemanha, mas não obteve resposta satisfatória. Na manhã de 14 de novembro de 1940, Molotov partiu para Moscou. Em 25 de novembro, o embaixador alemão em Moscou, foi informado que a Alemanha deveria tirar as tropas do território finlandês imediatamente. Além disso, todas as reivindicações que Molotov havia feito nas conversas com Hitler e Ribbentrop foram confirmadas, incluindo a exigência de criar bases soviéticas nos estreitos de Bósforo e Dardanelos.[15] No mesmo dia, 25 de novembro de 1940, o comissário popular de defesa da URSS, o marechal da União Soviética S. K. Timochenko, e o chefe do estado-maior do Exército Vermelho, o general K. A. Meretskov, escreveram diretrizes sobre o plano para uma guerra de agressão contra a Finlândia.[16]

Hitler preparava-se para a guerra contra a Grã-Bretanha quando Stálin exigiu novos territórios na Europa — territórios dos quais a economia alemã e suas forças armadas dependiam completamente. Se uma guerra contra a Grã-Bretanha enfraqueceria a Alemanha, o que Stálin exigiria depois? Hitler achou uma resposta para todas as exigências de Stálin. "Após a partida de Molotov, Hitler reuniu-se com os mais leais subordinados e claramente deu-lhes a entender que planejava invadir a Rússia."[17]

30

Jogos do Kremlin

O uso de novos meios de luta e táticas de ataque tem grande valor para nosso êxito. Antes que o inimigo encontre um modo de reagir ao avanço, o atacante deve lançar mão de todas as vantagens auferidas pelo elemento-surpresa.

General G. K. Jukov,
palestra proferida em uma conferência
do alto comando do Exército Vermelho, em 26 de dezembro de 1940

Uma conferência do alto comando do Exército Vermelho teve início em 23 de dezembro de 1940; durou nove dias e terminou na noite de 31 de dezembro. Participaram dessa conferência os oficiais da mais alta patente — marechais, generais e almirantes, somando 274 homens. A conferência foi realizada no mais absoluto sigilo. Os oficiais chegaram a Moscou em vagões ferroviários fechados e aviões militares. Foram convocados de pontos remotos e entregues em automóveis fechados no pátio do Hotel Moscou. Aqueles que tinham chegado de outros estados foram proibidos de sair do hotel. Os jornais das regiões militares continuaram a imprimir o retrato dos comandantes com relatórios sobre suas atividades diárias, dando a impressão de que não estavam em Moscou, mas cada um em seu posto. Antes do início da conferência, os militares embarcaram em ônibus estacionados no pátio e desembarcaram no edifício do estado-maior. No fim do dia, voltaram ao hotel do mesmo modo. Como esperado, o próprio hotel foi "esvaziado de elementos de fora", ficando sob segurança e vigilância especiais.

Jukov apresentou o primeiro e mais importante discurso sobre novas táticas de ataque-surpresa. A maioria dos demais oradores discutiu apenas esse assunto. Por exemplo, o tenente-general P. S. Klionov, chefe do estado-maior da região militar

especial do Báltico, depois da palestra de Jukov, discutiu operações especiais: "Essas serão operações da fase preliminar, quando os exércitos inimigos ainda não estiverem concentrados nem preparados para se posicionar. Serão operações de invasão, quando certas tarefas especiais deverão ser realizadas. [...] Isso inclui o uso de numerosa força aérea, talvez de força mecanizada, enquanto o inimigo ainda não estiver preparado para agir decisivamente. [...] As forças mecanizadas terão de ser usadas independentemente e realizarão a tarefa de invadir o território inimigo".[1]

O título da segunda (e muito importante) palestra foi "A força aérea em uma operação ofensiva e a luta pela superioridade aérea". O palestrante foi o tenente-general P. V. Ritchagov, chefe do diretorado principal da força aérea do Exército Vermelho. Jukov descreveu essa palestra como "bastante informativa".[2] Tivemos de esperar meio século, até a queda da União Soviética, para que os registros dessa conferência fossem publicados. A essência da "palestra bastante informativa" é resumida no seguinte: "A melhor forma de derrotar uma força aérea no chão é atacar simultaneamente um grande número de bases aéreas, onde provavelmente a aviação inimiga esteja estacionada".[3]

O coronel-general de tropas de tanques D. G. Pávlov, comandante da região militar especial ocidental, proferiu uma palestra intitulada "O uso de unidades mecanizadas em operações ofensivas contemporâneas e a invasão realizada por corpos de guerra mecanizados". Disse Pávlov: "A Polônia deixou de existir depois de 17 dias. As operações na Bélgica e na Holanda terminaram em 15 dias. A operação na França, antes de sua capitulação, durou 17 dias. São três números bem característicos, e não me resta senão aceitá-los como o número possível de dias para calcular nossa operação ofensiva".[4]

Nessa época, de acordo com os estatutos soviéticos de campo, a linha de defesa para uma divisão tinha entre oito e doze quilômetros. Os palestrantes dessa conferência defenderam unanimemente o aumento dessa linha. Isso significava uma grande densidade de soldados nas linhas de defesa. Por que alocar tantos soldados na defensiva, confinando-os ali, sem uso, quando eram necessários na ofensiva? Outras possibilidades foram examinadas, incluindo a concentração de todas as forças no local onde a União Soviética realizaria ataques repentinos contra a Alemanha, deixando os locais secundários indefesos, com fronteiras totalmente expostas. Essa teoria foi apoiada pelo chefe do estado-maior da região militar de Leningrado, major-general P. G. Ponedelin. Um mês após a conferência, quando Jukov se tornou chefe do estado-maior do Exército Vermelho, não se esqueceu de Ponedelin, que defendera o esvaziamento da linha de frente. Jukov ofereceu-lhe um posto importante: Ponedelin tornou-se comandante do 12º exército, no bolsão de Lvov-Tchemóvitsi. Ponedelin agiu no interesse de uma ofensiva: toda a sua força concentrou-se no "punho de ferro", e a fronteira ficou vazia. No verão de 1941, o 12º exército de Ponedelin, bem como todas as tropas soviéticas do

primeiro escalão estratégico, foi esmagado. O próprio Ponedelin foi feito prisioneiro. Após a guerra, foi levado a Moscou sob guarda, julgado e executado.

A palestra intitulada "O caráter das operações defensivas contemporâneas" foi proferida pelo general de exército I. V. Tulenev, comandante da região militar de Moscou. Então, as questões relativas à defesa também foram examinadas! Eis o que disse Tulenev: "Não temos nenhuma teoria estabelecida de defesa contemporânea".[5] Essa era a verdade. Até dezembro de 1940, a teoria militar soviética não se debruçava sobre questões de defesa — nem depois de dezembro. Tulenev declarou que essa teoria era desnecessária. A União Soviética saberia se defender, mas apenas em locais secundários isolados. A meta era realizar grandiosas e repentinas operações ofensivas em território inimigo, reunindo enormes contingentes em pequenas áreas. A União Soviética teve de tirar quase todas as forças dos locais secundários; ela se defenderia sozinha nas áreas desprotegidas. Tulenev fez uma declaração irrefutável: "A defesa será parte da ofensiva geral. A defesa é uma forma indispensável de operação militar em locais secundários e isolados, o que nos permitirá reservar nossas forças para as operações ofensivas e para preparar ataques.[6]

No discurso de encerramento, o comissário popular de defesa, marechal da União Soviética Timochenko, lembrou aos presentes que pensassem "na possibilidade de realizar duas, talvez três operações ofensivas simultâneas, em linhas de frente diferentes, com o propósito de abalar estrategicamente a capacidade de defesa inimiga, do modo mais amplo possível".[7] A defesa em locais primários não foi prevista, nem mesmo em teoria. Uma opinião prevalente no Exército Vermelho, desde o momento de sua fundação, foi confirmada nessa conferência: o mais importante era avançar com exércitos inteiros, frentes e grupos de frente; as formações menores — os regimentos ou as divisões, talvez até um corpo de batalha — seriam deixadas para defesa, em locais isolados. Alguns concordaram que, se necessário, um exército completo poderia se engajar na defesa. [...] É preciso lembrar que, em junho de 1941, no território europeu da URSS, havia 26 exércitos organizados em cinco linhas de frente, mais um grupo de tropas de reserva. A hipótese de dois exércitos lutarem lado a lado, ocupados em defender um só local, foi considerada totalmente improvável, não sendo examinada nem teoricamente.

A conferência do alto comando do Exército Vermelho terminou às 18 horas de 31 de dezembro de 1940. Na maioria, os participantes foram urgente e secretamente enviados de volta a seus postos. Apenas os mais importantes militares ficaram em Moscou. Mesmo antes de terminada a conferência, às 11 da manhã de 31 de dezembro, um grupo de 49 generais do mais alto escalão recebeu instruções para um jogo estratégico sobre mapas. Esses mapas mostravam batalhas entre "orientais" e "ocidentais". O escopo e a importância desse jogo foram enormes nesses anos de pré-guerra.[8] Pávlov, o comandante da região militar especial ocidental, chefiava os "orientais", ou

as tropas soviéticas. Jukov, comandante da região militar especial de Kiev, chefiava os "ocidentais", isto é, as tropas alemãs.

O time de Pávlov tinha 24 generais, um almirante de retaguarda, um capitão de navio de primeira classe, um capitão de navio de segunda classe e um coronel. O time de Jukov, que desempenhava o papel de comandante alemão, tinha 20 generais, almirantes e oficiais, além do próprio Jukov. O primeiro jogo estratégico começou na manhã do dia 2 de janeiro de 1941, no estado-maior do Exército Vermelho. O cenário da futura guerra estava pronto. O supervisor do jogo era Timochenko, comissário popular de defesa da URSS. Os árbitros do jogo eram 20 comandantes do Exército Vermelho, incluindo quatro marechais da União Soviética. Os observadores incluíam Joseph Stálin e o Politburo inteiro.

Uma batalha colossal foi travada nesses mapas gigantescos. Naquele momento, apenas nos mapas, os dois exércitos mais poderosos do planeta entraram em combate. Durante vários dias e noites, sem descanso nem sono, os oficiais dos dois lados avaliaram situações, tomaram decisões e deram ordens e orientações. Apenas no papel, milhares de tanques e aviões, dezenas de milhares de metralhadoras e morteiros e milhões de soldados participaram desse combate. Centenas de milhares de toneladas de munição, combustível e equipamentos de médicos e engenheiros foram despachadas da retaguarda. Divisões, corpos de batalha e exércitos inteiros prepararam-se para invadir. Os estrategistas soviéticos não trabalharam em nenhum plano de defesa, nem se preocuparam em rechaçar uma possível agressão alemã. Pensavam no melhor modo de tomar Königsberg*, Varsóvia, Praga, Bucareste, Cracóvia e Budapeste. Os preparativos soviéticos para invadir a Europa estavam no estágio final.

Oficialmente, o jogo foi chamado "Operação ofensiva na linha de frente, com invasão de regiões fortificadas". O tema não era simplesmente um ataque, mas um ataque à Alemanha, e mais precisamente à Prússia Oriental, defendida por uma linha de regiões fortificadas. O atacante era o exército soviético, a partir da frente noroeste, sob o comando de Pávlov. Este desferiu o golpe na Prússia Oriental e em Königsberg; Jukov foi o defensor.

Os líderes comunistas disseram abertamente que a guerra deveria ser realizada apenas em território inimigo, como dizia a popular canção soviética do pré-guerra: "E, na terra inimiga, esmagaremos o inimigo, derramando pouco sangue, mas com golpe invencível". Eles tinham em mente uma penetração profunda, ou seja, uma *Blitzkrieg*. No entanto, essa franqueza sempre acompanhava a condição de que o inimigo nos forçaria à guerra. O Estatuto do Campo claramente dizia que, se o inimigo atacasse, o Exército Vermelho se transformaria no mais feroz atacante entre os mais agressivos exércitos.

---

* N.T.: Atualmente, Kaliningrado. Königsberg: "montanha do rei".

E aconteceu que a Alemanha atacou precisamente quando o Exército Vermelho tinha tudo pronto para invadi-la. Em novembro de 1939, Stálin concentrou cinco exércitos na fronteira finlandesa, ordenou que se preparassem e, em seguida, os finlandeses, como se obedecendo a um comando, supostamente dispararam várias balas de canhão. Os jornais soviéticos explodiram de indignação: "Repeliremos a invasão finlandesa!" "Responderemos ao golpe agressor com outro, três vezes mais poderoso!" "Destruiremos essa corja de bandidos!".

Os preparativos para atacar a Alemanha seguiram o mesmo caminho. Os estrategistas de Stálin, com um sorriso misterioso nos lábios, disseram que se o inimigo os forçasse à guerra, seria retaliado no próprio território.

As tarefas do jogo de estratégia foram estabelecidas de acordo com o princípio a seguir:

1. Em 15 de julho de 1941, a Alemanha ataca a União Soviética.
2. As tropas alemãs forçam a invasão, de 70 a 120 km no território soviético, mas...
3. Em 1º de agosto de 1941, são empurrados de volta à posição original.[9]

No cenário desse ataque dos "ocidentais", o modo como o Exército Vermelho conseguiu empurrá-los para fora do território soviético não foi interpretado no jogo. Mencionou-se apenas que os alemães atacaram; e, em seguida, o Exército Vermelho obrigou-os a recuar até as fronteiras do país. O jogo estratégico começou precisamente aí, quando não havia tropas inimigas em solo soviético. A "ação retaliatória" do Exército Vermelho na Prússia Oriental começou nesse ponto. A invasão alemã no território soviético e o modo de repelir tal agressão não interessavam a Stálin, nem a Jukov, nem aos demais. Estavam todos interessados nas operações de ataque a partir da fronteira. A liderança concluiu que "desdobrar as forças principais do Exército Vermelho no Ocidente e agrupá-las contra a Prússia Oriental, na direção de Varsóvia, suscita sérios temores de que a luta nessa linha de frente poderá se transformar em prolongada batalha".[10]

Em seguida, houve outro jogo estratégico, mas a ideia principal não mudou: o Exército Vermelho ainda seria o invasor. Na verdade, esse jogo começou quando os "orientais" tinham adentrado cem quilômetros no território dos "ocidentais".

A ação dos generais de ambos os lados foi quase o espelho um do outro. Um mês antes, os alemães promoveram o mesmo jogo. A diferença de tempo entre as ações dos comandantes soviéticos e alemães começava a diminuir devagar. Em 29 de novembro de 1940, um grande jogo estratégico começou sobre os mapas, em Berlim. O supervisor do jogo foi o major-general Friedrich Paulus, o primeiro *Ober-Kvartirmeister** do

---

* N.T.: A tradução literal é "chefe intendente". Patente inexistente no Brasil.

estado-maior das forças terrestres. Em Moscou houve dois jogos, e em Berlim, apenas um, dividido em três estágios: primeiro, a invasão alemã no território russo e as batalhas na fronteira; segundo, o avanço alemão até a linha Minsk-Kiev; terceiro, o fim da guerra e a destruição das últimas reservas do Exército Vermelho, se houvesse alguma, a leste da linha Minsk-Kiev. Os alemães não simularam o modo de chegar até Kursk, Moscou e Stalingrado. Os generais acreditavam que um único golpe abalaria a União Soviética e colocaria o Exército Vermelho para correr. Em Berlim, havia um debate após cada estágio do jogo. O debate geral, englobando todos os estágios, terminou em 13 de dezembro de 1940. Dezenove dias mais tarde, começaram os jogos estratégicos de Moscou; o segundo, como sabemos agora, terminou em 11 de janeiro de 1941.

A história é escrita pelos vitoriosos. O Exército Vermelho tomou os arquivos da *Wehrmacht Heer*, e os historiadores soviéticos demonstraram a agressividade do imperialismo alemão para o resto do mundo, expondo seus planos sinistros. Enquanto isso, os arquivos soviéticos foram cuidadosamente lacrados. Isso deu aos propagandistas comunistas e agitadores a oportunidade de dizer que generais, almirantes e marechais soviéticos, incluindo o próprio Stálin, sofriam de amor crônico pela paz.[11] Entretanto, esse amor pela paz era apenas fingimento. Os generais soviéticos não dormiam. Tal como seus pares alemães, também haviam preparado uma invasão.

Dos dois jogos soviéticos, o primeiro foi decisivo. "O debate do primeiro foi feito no nível mais alto das autoridades políticas do país."[12] O "mais alto nível de liderança política do país" significava, é claro, Stálin. Ele acompanhou cuidadosamente o curso do primeiro jogo e convenceu-se de que o exército acabaria atolado na Prússia Oriental. Imediatamente depois do primeiro jogo, Stálin decidiu que o ataque à Europa devia ser realizado a partir da Ucrânia e da Moldávia, em vez do norte da Polésia.

O segundo jogo, que se concentrou nas "medidas retaliatórias" do Exército Vermelho na Alemanha, Hungria e Romênia, realizou-se entre 8 e 11 de janeiro de 1941. Houve mudanças insignificantes em cada grupo de jogadores. Certos generais foram transferidos para o lado oposto, e alguns deles não participaram do segundo jogo, sendo substituídos por outros. Porém, os adversários permaneceram os mesmos. Dessa vez, entretanto, Jukov comandou as tropas soviéticas e dirigiu o "golpe retaliatório" no território inimigo, enquanto Pávlov comandou as tropas alemãs e romenas, tentando repelir o avanço soviético. Por que precisaram realizar dois jogos?

A Polésia — a maior região pantanosa da Europa — fica entre o Mar Báltico e o Mar Negro. Não era adequada para a movimentação de tropas e operações militares. A área dividia o cenário ocidental de operações em duas alas com direções estratégicas. Se alguém quisesse ser igualmente forte no norte e no sul da Polésia, teria de simplesmente dividir suas forças em duas. Contudo, a lei principal da estratégia é a concentração. A tentação de ser forte em todos os pontos causa a dispersão de forças e

o enfraquecimento geral. Portanto, as forças deveriam se concentrar em uma das duas direções, para executar o golpe decisivo, enquanto na outra ala haveria um ataque secundário e auxiliar.

A questão, então, era saber qual ala deveria ser considerada primária, e qual a secundária. As discussões sobre isso foram intermináveis. Ambas as opções tinham seus prós e contras. A invasão da Europa central, pelo norte da Polésia, seria um golpe direto em Berlim. Entretanto, no caminho do atacante, havia a Prússia Oriental e Königsberg, fortemente defendidas. Por outro lado, um ataque pelo sul seria um desvio e acabaria em uma rota tortuosa. Seria, porém, um ataque à quase desprotegida Romênia, o coração do petróleo da Alemanha. Só de combustível sintético, a Alemanha não sobreviveria. Portanto, ficou decidido que haveria dois jogos; com a comparação dos resultados, a escolha seria feita. No primeiro jogo, o ataque principal na Europa central realizou-se no norte da Polésia, a partir da Bielo-Rússia e do Báltico. No segundo jogo, a invasão partiu da Ucrânia e da Moldávia. Se a Alemanha fosse esmagada, o restante da Europa Continental cobriria Stálin de flores, e os tanques soviéticos teriam o caminho aberto até o Oceano Atlântico.

No segundo jogo, Jukov, no comando das tropas soviéticas, atacou a Romênia e a Hungria. Para ele, o avanço pareceu fácil. Antes de tudo, não havia fortificações modernas ali, como as da Prússia Oriental. Jukov contava com superioridade inegável de aviação, tanques e paraquedistas. "O segundo jogo... terminou com os 'orientais' decidindo que atacariam Budapeste." Jukov comandou o grupo "oriental" no segundo jogo e foi ele quem tomou a decisão de invadir através do Lago Balaton*, cruzando o Rio Danúbio, perto de Budapeste. A decisão fora tomada, claro, durante um jogo estratégico, mas o próprio Jukov havia dito que os jogos não tinham caráter acadêmico, estavam ligados diretamente à guerra iminente. Stálin não estava presente no segundo jogo e não conduziu os debates, porque já tinha feito a escolha, ao ver os resultados do primeiro. A invasão soviética na Europa partiria do sul da Polésia.

---

* N.T.: Na Hungria.

31

A caminho de Berlim!

O Exército Vermelho de camponeses e operários será o mais agressivo dentre todos os exércitos de ataque que já existiram.

Estatuto de campo do Exército Vermelho, 1939

Ao enviar todas as suas divisões para a França, Hitler deu as costas a Stálin. Este, impacientemente, destruiu suas próprias defesas e aumentou o poder de ataque do Exército Vermelho. A flotilha militar do Dnieper era um dos muitos sistemas defensivos da União Soviética. O grande Rio Dnieper bloqueava o caminho de agressores vindos do oeste para invadir o território soviético. Todas as pontes do Dnieper foram minadas antes de 1939 e poderiam ser demolidas de tal maneira que seria impossível restaurá-las. Em todas as campanhas precedentes, as tropas alemãs nunca tiveram de cruzar uma barreira d'água igual ao Dnieper. Bastaria apertar alguns botões, pelo menos nas regiões centrais e mais baixas do rio, para deter os tanques alemães. No começo da década de 1930, a flotilha militar do Dnieper foi criada para impedir a travessia e a construção de pontes temporárias sobre o rio. No início da Segunda Guerra Mundial, a flotilha contava com 120 vasos de guerra e barcos a motor, incluindo oito poderosos monitores costeiros, com canhões de até 130 mm.[1] Além disso, a flotilha tinha força aérea própria, baterias defensivas terrestres e aéreas. A margem esquerda do Dnieper era adequada para vasos de guerra fluviais, com muitas ilhas, afluentes e baías para esconderijo, o que permitia que os navios, mesmo os maiores, se escondessem do inimigo e realizassem ataques-surpresa, impedindo o agressor de cruzar o rio.

A barreira d'água do Dnieper — com as pontes prontas para serem demolidas, mais a flotilha fluvial que agia em consonância com tropas de chão, artilharia e aviação — seguramente bloqueava o caminho às regiões industriais do sul da Ucrânia e às bases marinhas soviéticas do Mar Negro. A *Blitzkrieg* alemã poderia ser bloqueada na linha do Dnieper ou, pelo menos, detida por vários meses. Se isso tivesse acontecido, o curso da guerra teria sido diferente. Entretanto, justamente quando Hitler deu as costas a Stálin, este ordenou a remoção das minas das pontes do Dnieper e a dispersão da flotilha militar. A flotilha do Dnieper podia ser usada apenas no território da União Soviética e em uma guerra defensiva. Era óbvio o motivo de Stálin acreditar que não precisaria dela.

Stálin dividiu a flotilha defensiva do Dnieper em duas: a do Rio Danúbio e a de Pinsk. No verão de 1940, Stálin tomou o norte da Bucovina e a Bessarábia da Romênia. A União Soviética ganhou uma área de dezenas de quilômetros nas margens orientais do Danúbio. A flotilha do Danúbio, formada antes, foi imediatamente transferida para essa área. Não foi fácil transferir os navios do Dnieper: os menores foram por ferrovia, e os maiores navegaram pelo Mar Negro durante dias de calmaria e com precauções especiais. A flotilha militar do Danúbio incluía sessenta e três vasos de guerra fluviais e barcos a motor, dos quais cinco eram monitores e vinte e dois eram blindados; incluía, ainda, unidades da força aérea e artilharia terrestre e antiaérea.[2] A localização da flotilha era muito ruim. A margem soviética do Danúbio era exposta e aberta. Os navios ficavam ali ancorados, enquanto as tropas romenas eram mantidas por perto, às vezes, a trezentos metros dos navios soviéticos. Na hipótese de uma guerra defensiva, a flotilha inteira do Danúbio cairia direto em uma armadilha, pois não havia por onde recuar do delta do Danúbio, a não ser pelo Mar Negro, em cujas ondas todos os vasos afundariam; eles eram construídos para navegar em rios. Não havia onde manobrar. Um ataque-surpresa do inimigo significaria rajadas de metralhadoras nos navios soviéticos, não lhes dando chance de levantar âncoras nem de soltar as amarras. Além disso, ninguém invadiria a União Soviética pelo delta do Danúbio, que consistia em centenas de lagos e pântanos intransponíveis. Ou seja, a flotilha do Danúbio não era necessária para defender as recém-"libertadas" terras da Bessarábia.

Havia, porém, uma única ação possível para a flotilha do Danúbio: durante uma invasão geral das tropas do Exército Vermelho, a flotilha poderia realizar operações a montante do rio. Se um país reunisse, no delta de um grande rio, mais de sessenta vasos de guerra fluviais, eles não teriam para onde ir, exceto rio acima. Não haveria alternativa. Se subisse o Danúbio, a flotilha seria obrigada a lutar em território romeno, búlgaro, iugoslavo, húngaro, eslovaco, austríaco e alemão.

Em uma guerra defensiva, a flotilha do Danúbio seria inútil, além de sentenciada à destruição imediata nas bases abertas da margem. No entanto, em uma guerra

ofensiva, ela poderia ser fatal para a Alemanha: bastava-lhe navegar entre 300 e 400 quilômetros rio acima e a importante e estratégica ponte de Tchemavodá já estaria na linha de tiro de seus canhões, ou seja, o transporte de petróleo, de Ploiesti até o porto de Constanza, seria interrompido. Mais cem quilômetros a montante do rio e toda a máquina de guerra alemã seria paralisada, simplesmente porque seus tanques, aviões e vasos de guerra ficariam sem combustível.

Um detalhe interessante: várias baterias terrestres móveis da flotilha do Danúbio estavam armadas com canhões de calibres 130 e 152 mm. Se o comando soviético realmente chegasse à conclusão de que alguém tentaria invadir a URSS pelo delta do Danúbio, essas baterias terrestres deveriam ser imediatamente enterradas e, assim que possível, a construção de abrigos de concreto reforçado deveria ser providenciada. Porém, ninguém construiu abrigo algum, e os canhões permaneceram móveis. Essa mobilidade apenas seria útil em operações ofensivas: as baterias móveis poderiam acompanhar a flotilha, deslocando-se ao longo da margem e apoiando os vasos de guerra com seu poder de fogo.

A reação dos comandantes da flotilha militar do Danúbio, no início da guerra germano-soviética, foi surpreendente. Para eles, a palavra "guerra" significava invasão, não defesa. Ao saber que a guerra começara, os comandantes soviéticos finalizaram os últimos preparativos para as operações em terra. As atividades dos comandantes da flotilha soviética, do 14º corpo de rifles, cujas divisões estavam concentradas na região do delta do Danúbio, e da 79ª unidade de fronteira do NKVD, além de terem sido planejadas antes, foram meticulosamente desenvolvidas.

Em 25 de junho de 1941, os vasos de guerra da flotilha do Danúbio, apoiados pelo poder de fogo das baterias da margem, enviaram unidades de reconhecimento e sabotagem do NKVD às praias romenas, seguidas de regimentos da 51ª divisão de rifles do 14º corpo de rifles. Os soldados soviéticos agiram com decisão, coragem e rapidez. A complicada operação, que envolvia vasos de guerra fluviais, aviação, artilharia terrestre e naval, unidades do Exército Vermelho e NKVD, foi realizada com precisão perfeita. Na manhã de 26 de junho de 1941, uma bandeira vermelha foi erguida sobre a igreja principal da cidade romena de Kilia. Assim, uma área-trampolim de 70 quilômetros do território romeno caíra em mãos soviéticas. A flotilha do Danúbio preparou-se para outras operações de invasão rio acima. Para ajudar a flotilha, o 3º corpo de paraquedistas achava-se de prontidão, estacionado na região de Odessa, e poderia ser enviado; mas tudo teve de ser cancelado, porque, em outras áreas da frente de batalha, o Exército Vermelho começava a bater em retirada; uma ordem de recuar também foi enviada à flotilha do Danúbio. Com o Mar Negro às costas, a flotilha viu-se isolada das tropas soviéticas, sem possibilidade de recuar. A maioria de seus navios afundou, enquanto enorme quantidade de suprimentos, estocados para seu uso, teve de ser queimada ou simplesmente deixada para trás.

Hitler e Stálin entendiam perfeitamente o significado da frase "o petróleo é o sangue da guerra". O coronel-general A. Jodl declarou que Hitler afirmara em uma discussão com Guderian: "Você quer invadir sem petróleo? Pois bem, vamos ver qual será o resultado". Já em 1927, Stálin considerava seriamente os problemas da iminente Segunda Guerra Mundial. Em 3 de dezembro desse mesmo ano, ele dissera: "É impossível lutar sem petróleo, e quem estiver com a vantagem, em termos de petróleo, terá a melhor chance de vencer a guerra iminente".[3] Em junho de 1940, quando ninguém ameaçava a União Soviética, dezenas de vasos de guerra fluviais soviéticos apareceram no delta do Danúbio. Esse movimento não tinha valor defensivo, mas era uma ameaça às desprotegidas rotas de petróleo romenas e, consequentemente, uma ameaça fatal à Alemanha.

Em julho de 1940, Hitler consultou exaustivamente seus generais e concluiu que não seria fácil defender a Romênia: as rotas de fornecimento estendiam-se às montanhas, passando por elas. Se um grande número de tropas alemãs fosse transferido para defender a Romênia, a Polônia ocidental e a Alemanha oriental, incluindo Berlim, ficariam expostas ao ataque soviético. Se muitas tropas ficassem concentradas na Romênia e tentassem mantê-la a qualquer preço, de nada adiantaria. O território talvez fosse defendido, mas os campos de petróleo seriam queimados com bombas e artilharia.

Nesse mesmo mês, Hitler, pela primeira vez, declarou que a União Soviética poderia ser perigosa, especialmente se as tropas alemãs deixassem o continente, rumo às ilhas britânicas e à África. Em 13 de novembro de 1940, em uma conversa com Molotov, Hitler indicou a necessidade de reter um grande número de tropas alemãs na Romênia, sugerindo, claro, que o exército soviético seria uma ameaça ao petróleo romeno.[4] Molotov fez ouvidos de mercador. Depois da partida de Molotov, em dezembro, Hitler começou a criar uma diretriz para preparar a Operação Barbarossa.

Em junho de 1940, quando o exército alemão estava lutando na França, Jukov, sob ordens de Stálin e sem consultar os aliados alemães, posicionou vasos de guerra fluviais no delta do Danúbio. Hitler solicitou ao chefe do governo soviético que retirasse a ameaça soviética do coração do petróleo alemão. Stálin e Molotov não o atenderam.

Duas semanas após a invasão de Hitler no território soviético, em 7 de julho de 1941, Stálin enviou um telegrama ao comandante da linha de frente sul, general I. V. Tulénev. No telegrama, Stálin exigiu que a União Soviética retivesse a Bessarábia a qualquer custo, "tendo em mente que necessitamos do território bessarábio como um trampolim para organizar nossa invasão".[5] Hitler já havia realizado seu ataque repentino, mas Stálin ainda não pensava em defesa; sua maior preocupação era organizar uma invasão a partir da Bessarábia para atacar os campos de petróleo romenos.

A invasão soviética na Bessarábia e a concentração de poderosas forças agressoras ali, incluindo o corpo de paraquedistas e a flotilha do Danúbio, forçaram Hitler a estudar a situação estratégica de uma perspectiva totalmente diferente, a fim de tomar medidas preventivas. No entanto, já era muito tarde. Mesmo o ataque-surpresa da *Wehrmacht Heer* sobre a União Soviética não salvaria Hitler e seu império.

No livro de memórias do marechal da União Soviética G. K. Jukov, há um mapa com a localização das bases navais soviéticas na primeira metade de 1941. Entre essas bases, uma ficava nas vizinhanças da cidade de Pinsk, na Bielo-Rússia.[6] Localizava-se, pelo menos, 500 quilômetros do mar mais próximo. Após a dispersão da flotilha militar do Dnieper, puramente defensiva, parte de seus navios foi enviada ao delta do Danúbio e outra parte navegou rio acima até o afluente do Dnieper, o Rio Prípiat. Os navios chegaram quase até a nascente, onde a largura do rio mal atingia 50 metros. E foi ali que uma nova base para a flotilha foi construída.

A flotilha militar de Pinsk quase rivalizava com a flotilha do Danúbio em poder: tinha quatro monitores da classe Jelezniakóv, de 263 toneladas de deslocamento, e cinco monitores capturados dos poloneses, de 130 a 150 toneladas de deslocamento. Na soma, a flotilha de Pinsk tinha 66 vasos de guerra fluviais e cúteres, um esquadrão de aeroplanos, uma companhia de fuzileiros e outras unidades.[7] Seria difícil usar a flotilha de Pinsk para a defesa; os monitores costeiros tinham a proa virada para o oeste, e era complicado manobrar navios desse tamanho em um rio estreito. Se esses navios fossem necessários para a defesa, deveriam ter sido deixados no Dnieper, porque não havia o que fazer em um rio de floresta calmo como o Prípiat. Seria pouco provável que o inimigo avançasse através de densas florestas e pântanos traiçoeiros.

O propósito da flotilha de Pinsk permanecerá obscuro para quem não considerar o canal Dnieper-Bug.

Imediatamente após a "libertação" da Bielo-Rússia ocidental, em 1939, o Exército Vermelho começou a escavar um canal com mais de 100 km de comprimento, de Pinsk até Kóbrin.[8] O canal foi construído durante o verão e o inverno. Unidades de sapadores do 4º exército e "unidades de construção do NKVD" — isto é, milhares de presidiários do Gulag — participaram dos trabalhos. O fato de as obras serem dirigidas pelo coronel Alexei Prochliakóv (mais tarde, marechal das tropas de engenharia) revela por si só seu propósito exclusivamente militar. O canal foi construído em péssimas condições. O equipamento afundava nos pântanos, e o único modo de terminar as obras dentro do prazo estipulado por Stálin era fazer tudo manualmente. E o canal foi feito. Ninguém sabe exatamente quantas vidas ele custou. O canal ligava o Rio Prípiat ao Rio Bug e seu único fim seria permitir que os navios chegassem à bacia do Vístula ou mais longe. Não havia outra utilidade para o canal. Em uma guerra defensiva, teria de ser destruído para impedir que os vasos de guerra fluviais alemães chegassem até o Dnieper, através do Vístula. Na guerra defensiva de 1941,

todos os navios da flotilha de Pinsk tiveram de ser explodidos e abandonados. No fim de 1943, quando o Exército Vermelho avançava rapidamente para o oeste, uma nova flotilha foi formada no Dnieper e, mais uma vez, ela subiu o Rio Prípiat até o pequeno Rio Mukhavéts, que afluía para o Bug.

O almirante V. Grigóriev, que, em 1943, recebeu a nova flotilha na região de Kiev, lembrou as palavras de Jukov: "Ao longo do Prípiat, você poderá alcançar os rios Bulgária, Narev e Vístula, em direção à Varsóvia, e depois transferir-se para os rios alemães. Quem sabe, até a caminho de Berlim!". Ele virou-se, fitou-me intensamente e repetiu, escandindo as sílabas: "Até a caminho de Berlim! Ah?"[9]

Em 1945, o almirante Grigóriev chegou a Berlim com sua flotilha.

O Exército Vermelho não tinha fuzileiros. Para batalhas em terra, era mais fácil e acessível usar a infantaria regular; desembarcar em praias distantes ainda não estava nos planos. Porém, de repente, Hitler virou-se para o oeste, oferecendo as costas a Stálin. Esse passo descuidado de Hitler provocou as mudanças de estrutura mais radicais no Exército Vermelho: o que ficara de defesas foi destruído, enquanto as forças de ataque foram reforçadas. Os fuzileiros soviéticos surgiram em junho de 1940, quando Hitler aniquilou a França. Nessa época, havia duas frotas oceânicas e duas frotas marítimas nas forças armadas soviéticas, bem como duas fluviais: a do Rio Amur e a do Rio Dnieper. As frotas oceânicas não receberam nenhum fuzileiro. Os oceanos Pacífico e Ártico não interessavam a Stálin naquele momento. A flotilha do Amur guardava as fronteiras soviéticas orientais mais distantes e também não recebeu nenhum fuzileiro. A flotilha do Dnieper foi dividida em duas flotilhas de ataque; e a de Pinsk, localizada nas florestas da Bielo-Rússia, recebeu uma companhia de fuzileiros. Não é interessante? Fuzileiros não nos oceanos, mas nos pântanos da Bielo-Rússia. A partir desses fatos, podemos inferir onde Stálin estava preparando a defesa e a invasão.

Uma brigada de milhares de fuzileiros foi formada como parte da frota do Báltico, cujo único inimigo possível seria a Alemanha e seus aliados. Em 23 de junho de 1941, os fuzileiros soviéticos receberam o "batismo de batalha" durante a defesa da base naval de Liepaja. A base ficava a menos de cem quilômetros das fronteiras alemãs, mas não tinha obstáculos nem estava preparada para a defesa. De acordo com o testemunho de almirantes soviéticos e os documentos alemães, a baía de Liepaja fervilhava de submarinos soviéticos, "como sardinhas em lata". A história oficial da marinha soviética, publicada pela Academia de ciências da URSS, reconheceu abertamente que Liepaja estava sendo preparada como base de frente da frota soviética para guerras de ataque por mar.[10] Os fuzileiros de Liepaja ficavam tão perto das fronteiras alemãs que nas primeiras vinte e quatro horas de guerra já haviam participado de batalhas defensivas, embora tivessem sido criados para propósitos totalmente diferentes. Em uma batalha defensiva, a infantaria regular era bastante superior aos fuzileiros.

A flotilha militar do Danúbio tinha duas companhias de exército terrestres que não eram listadas oficialmente como de fuzileiros. Porém, mesmo antes da invasão alemã, pelo menos duas divisões de rifles soviéticas — a 25ª de Tchapáev e a 51ª de Perekóp, do 14º corpo de rifles — prepararam-se na região do Danúbio para lutar como fuzileiros; e, nos primeiros dias de guerra, elas desembarcaram nas praias romenas.

A frota do Mar Negro tinha forças mais poderosas. Oficialmente, não tinha fuzileiros, mas, no início de junho de 1941, o 9º corpo especial de rifles, sob o comando do tenente-general P. I. Bátov, foi transferido da região transcaucasiana para a Crimeia. Esse corpo de batalha era bastante incomum, com seus homens, armas e treinamento. Em 18 e 19 de junho de 1941, a frota do Mar Negro realizou grandes exercícios de treinamento de natureza agressiva, durante os quais uma das divisões do 9º corpo especial de rifles achava-se em vasos de guerra e encenou um desembarque em praias "inimigas". O desembarque de uma divisão inteira nunca havia sido treinado no Exército Vermelho.

O Kremlin deu especial atenção aos exercícios em conjunto das frotas e do 9º corpo especial de rifles. Tais manobras foram observadas por comandantes de alto escalão, que tinham chegado de Moscou especialmente para isso. Um deles, o vice-almirante I. I. Azárov, afirmou que todos os participantes desses treinamentos perceberam que existia um motivo para tantos exercícios e logo teriam de pôr em prática o que haviam aprendido.[11] Se a guerra começasse e o comando soviético enviasse o 9º corpo especial de rifles para lutar de acordo com seu perfil e com o que havia sido preparado, onde ele desembarcaria? Era improvável que desembarcasse em praias soviéticas; possivelmente seria na Romênia, Bulgária ou Turquia. Independente de onde fosse, as tropas teriam de ser provisionadas, o que requeria desembarques adicionais de tropas ou o avanço de outras tropas soviéticas pela Romênia, as quais se uniriam ao 9º corpo especial de rifles. Durante esses mesmos dias, o 3º corpo de paraquedistas, também na Crimeia, realizou grandes exercícios de treinamento com o desembarque de corpos de batalha e do pessoal da brigada.

Os historiadores soviéticos jamais associaram esses três eventos: o treinamento do 14º corpo de rifles para desembarque de vasos da flotilha do Danúbio; os exercícios do 3º corpo de paraquedistas na Crimeia (a um curto voo da foz do Danúbio); e os treinamentos do 9º corpo especial de rifles para desembarque de vasos da frota do Mar Negro. No entanto, tais eventos estavam associados quanto ao tempo, ao espaço e ao objetivo. Eram os estágios finais dos preparativos para um ataque em grande escala.

32

Divisões de montanha* nas estepes da Ucrânia

O desembarque de soldados aerotransportados será efetivo nas áreas montanhosas. Como as tropas, os centros de operação e as unidades de apoio que operam na retaguarda dependem particularmente de estradas, é possível utilizar ataques aéreos para capturar tropas inimigas, atacar seus meios de comunicação e estradas, conquistar pontos altos, ravinas, vales, cruzamentos ferroviários e assim por diante. Isso poderá produzir resultados muito importantes. Em termos gerais, o ataque de soldados aerotransportados dificilmente será efetivo se não estiver enquadrado em uma operação ofensiva.

***Voénnii Vestnik** [Arauto militar], 1940*

Em 1941, a União Soviética preparava-se cuidadosa e incansavelmente para a guerra. Cada exército soviético tinha estrutura, caráter e propósito próprios. Cada exército de "cobertura" foi criado para incumbir-se de uma tarefa claramente definida na iminente guerra de "libertação". Material suficiente foi publicado para que cada exército soviético fosse estudado de forma isolada, entre os 30 que existiam na primeira metade de 1941. Se houvesse um estudo detalhado da estrutura, disposição e orientação dada ao treinamento de apenas um deles, a tendência de "libertação", inerente a todos os preparativos soviéticos, seria visível e óbvia.

Tomemos, por exemplo, o 9º exército. Em número e nome, não era diferente de nenhum outro, mas tratava-se de um exército bastante incomum. Em 1941, era o

* N.T.: No original, *mountain divisions*. No EB, a 1ª DIE (Primeira divisão de infantaria expedicionária) de nossa FEB lutou na Itália (1944–45), ao lado da *10th Mountain Division*, dos EUA, e essa unidade aparece nos livros brasileiros como 10ª Divisão de montanha. O termo *rifle-mountain division*, assim, foi traduzido como *divisão montanhesa de rifles*.

exército mais poderoso do mundo. Tinha seis corpos de batalha, incluindo dois mecanizados (em 22 de junho de 1941, contava com 799 tanques) e um corpo de cavalaria. No total, em 21 de junho de 1941, o 9º exército somava 17 divisões, incluindo duas de aviação, quatro de tanques, duas motorizadas de rifles, duas de cavalaria, seis de rifles e uma de montanha, também de rifles. As divisões de rifles, motorizadas de rifles e de cavalaria também tinham tanques. Em 1º de junho de 1941, a região militar de Odessa, cujas divisões e corpos de batalha tornaram-se parte do 9º exército, tinha 1.114 tanques.[1]

Outro corpo mecanizado, o 27º (em 22 de junho de 1941, tinha 356 tanques), sob o comando do major-general I. E. Petrov, deveria ser acrescentado ao 9º exército. Esse corpo foi criado na região do Turcomenistão e, antes de totalmente formado, foi transferido de modo secreto para o oeste. Depois que outro corpo mecanizado fosse incorporado, o 9º exército teria 20 divisões, incluindo seis de tanques.

O 9º exército contrapunha-se às forças que não tinham divisões de tanques. Ainda não estava totalmente equipado e faltavam soldados; mas receberia tudo em poucos dias ou semanas, incluindo armas da mais alta qualidade.

O coronel-general P. Belov (na época, major-general e comandante do 2º corpo de cavalaria do 9º exército) afirmou que a cavalaria desse exército preparava-se para receber os melhores tanques do mundo, os T-34.[2] O comando do 9º exército estava com um coronel-general. Na época, essa patente era muito alta. Em todas as forças armadas da URSS, havia apenas oito deles; nas poderosas tropas de tanques soviéticas não havia nenhum; na aviação também não havia, nem no NKVD. O comando dos 30 exércitos soviéticos estava nas mãos de majores-generais e tenentes-generais. O 9º exército era a única exceção.

Além disso, os mais promissores oficiais e generais foram concentrados nesse exército excepcional. Por exemplo, três futuros marechais da União Soviética, Malinovski, Zakharov e Krilov; um futuro marechal da aviação e três vezes herói da União Soviética, Pokrishkin; um futuro marechal da aviação, Pstigo; os futuros generais de exército, Petrov, Pavlovski e Lachtchenko; e outros comandantes agressivos e talentosos que já tinham lutado com bravura, como o major-general da Força Aérea, Ossipenko, de 28 anos. Todos expressaram grandes esperanças, que, na maioria dos casos, se concretizaram. Alguém escolhera cuidadosamente os melhores e mais promissores oficiais para esse exército.

No entanto, onde estava localizado tamanho superexército? Nesse ponto, uma espantosa descoberta nos aguardava: o 9º exército não estava localizado perto da fronteira alemã. Na primeira metade de junho de 1941, a União Soviética estava organizando o mais poderoso exército do mundo na fronteira romena. O 9º exército foi criado no outono de 1939, imediatamente após a assinatura do pacto Molotov-Ribbentrop. Sua presença era sempre um sinal agourento para qualquer país fronteiriço. Nessa mesma

época, o 9º exército estava posicionado na fronteira finlandesa. Uma semana após sua completa formação e concentração, esse exército lutou pela sanguinária "libertação" da Finlândia. Depois da guerra finlandesa, ele desapareceu. O comando do 9º exército foi disperso em 26 de março de 1940. De repente, ressurgiu em junho de 1940, na fronteira romena, incumbido da "cruzada de libertação" na Bessarábia; as fontes soviéticas informaram que o 9º exército fora criado especialmente para a conclusão dessa importante tarefa.[3] Terminada mais uma rápida "cruzada de libertação", o 9º exército desapareceu novamente, sendo seu comando disperso em 10 de julho de 1940. Na realidade, as tropas permaneceram na fronteira; mas, para não alarmar os vizinhos, não eram oficialmente chamadas de "exército". Em 14 de junho de 1941, o 9º exército reapareceu na fronteira romena, no mesmo e exato lugar onde, um ano antes, ele realizara a "libertação".[4] Uma nova "cruzada de libertação" do 9º exército na Romênia teria mudado por completo a situação estratégica da Europa e do mundo, já que a Romênia era a principal fonte de petróleo para a Alemanha. Um ataque à Romênia significaria morte para a Alemanha.

Entretanto, Hitler não permitiu que isso acontecesse. Na declaração do governo alemão aos soviéticos, no início da guerra, os motivos para seu ataque contra a União Soviética foram listados. Entre eles, a injustificável concentração de tropas soviéticas nas fronteiras romenas, o que representava perigo iminente para a Alemanha.

Voltemos a atenção às divisões montanhesas de rifles do 9º exército, que estavam localizadas na fronteira romena, com o centro de operação em Odessa. Não existem montanhas na região militar de Odessa*; a divisão Irkutsk montanhesa de rifles do 9º exército apenas poderia ser usada na Romênia. Ali, sim, havia montanhas em abundância. Não por coincidência, essa divisão (comandada pelo major-general S. G. Galaktionov) fazia parte do 48º corpo de rifles do major-general Malinovski, o mais agressivo comandante de corpos de batalha da fronteira do sul. O 48º corpo de rifles flanqueava o 9º exército, o mais próximo da fronteira. Se o 9º exército "de choque" avançasse para a Romênia, sua maior parte lutaria em terras planas, enquanto o flanco direito encontraria grande dificuldade na cadeia montanhosa.[5] Nessa situação, seria mais razoável ter apenas uma divisão montanhesa de rifles, precisamente no flanco da extrema direita. E assim foi feito.

Examinemos outro exército, cópia fiel do 9º exército. Formalmente, chamava-se apenas 12º exército. Tinha um corpo mecanizado e dois corpos de rifles, além de outras unidades. Possuía nove divisões, incluindo duas divisões de tanques e uma motorizada. Era indistinguível em número, nome e composição de outros exércitos invasores similares. Foi criado especificamente para a "cruzada de libertação" do Exército Vermelho na Polônia.[6] Na época, tinha um corpo de tanques, dois de cavalaria e

---

* Cidade e porto da Ucrânia, às margens do Mar Negro.

duas divisões de rifles. Contava com pouca artilharia e infantaria, porque não havia necessidade de romper nenhuma grande defesa. Ao contrário, tinha tropas móveis necessárias para o avanço rápido.[7]

Seu destino seguinte foi típico. Após a campanha de "libertação" na Polônia, o exército permaneceu na fronteira alemã. Mais tarde, o 12º exército sofreu a mesma transformação que os exércitos adjacentes de invasão. Seu próprio mecanismo de ataque já não se chamava "corpo de tanques", mas "corpo mecanizado", para aplacar a ansiedade dos líderes dos países vizinhos. A eliminação da palavra "tanques" do nome do corpo de batalha foi acompanhada do aumento de tanques no exército, cuja cavalaria também fora retirada. Sua capacidade de romper barreiras defensivas foi elevada; o número de divisões de rifles, triplicado; e a quantidade de artilharia em cada divisão, dobrada. Além disso, uma brigada de artilharia e quatro regimentos isolados de artilharia foram acrescentados ao exército. A capacidade de deter as defesas de engenharia do inimigo também foi elevada quando um regimento isolado de engenheiros foi trazido para o exército.

O elemento incomum do 12º exército era sua composição étnica. Stálin, quando se preparava para invadir a Polônia, em 1939, encheu o 12º exército com ucranianos, aparentemente pensando na longa e duradoura animosidade entre poloneses e ucranianos. O exército foi organizado na Ucrânia; portanto, os reservistas eram de lá, formando sólida maioria. Houve muitas mudanças drásticas em 1940. Os postos-chave foram ocupados por russos étnicos* com a finalidade de mascarar a composição incomumente eclética dos soldados. A maior parte, entretanto, não era ucraniana nem russa, mas caucasiana. Havia georgianos, armênios e azeris em outros exércitos, mas sua presença era, de forma particular, maior no 12º exército. O general Jukov, que comandava a região militar, mandou chamar o coronel I. K. Bagramián, seu amigo armênio de longa data, o qual era professor da academia militar, e nomeou-o chefe de operações (planejamento bélico) do 12º exército. O general Agrat Aruchunián, outro armênio, tornou-se chefe do estado-maior desse exército.

Jukov reuniu nativos do Cáucaso nas fileiras do 12º exército porque este, secreta e gradualmente, estava se transformando em um exército montanhês. Jukov exigiu pessoalmente dos comandantes que as tropas tivessem excelente conhecimento dos Montes Cárpatos, não apenas no papel, mas na prática. Em 1940, ele ordenou "que grupos especialmente reforçados, compostos de diversos veículos de combate e meios de transporte, percorressem estreitos e gargantas ao longo das rotas razoavelmente transponíveis, certificando-se de que poderiam ser superados por tanques, veículos motorizados, tratores, veículos de tração e bestas de carga".[8]

---

* N.T.: Em russo, esse significado refere-se a um termo recém-revivido e politicamente correto: *rossiianin* (plural *rossiiane*). Os russos étnicos compõem cerca de 80% da população da Rússia.

Nesse mesmo ano, os generais alemães realizaram secretamente experiências idênticas em suas fronteiras ocidentais, nas montanhas. O objetivo era preparar um ataque-surpresa contra a França e seus aliados. Os generais alemães precisavam se certificar de que tropas, tanques, artilharia, tratores e transportes poderiam passar pelas Ardenas*. A experiência nas montanhas teve bom resultado. O ataque à França, além de não ter sido previsto no tempo e no espaço, foi fatal.

Os comandantes soviéticos prepararam-se para fazer a mesma coisa contra a Alemanha. O marechal da União Soviética, Bagramián, na época, coronel responsável pelo planejamento das operações militares do 12º exército, disse: "Quando eu estudava os planos operacionais, fui surpreendido pelo seguinte fato: nosso exército de fronteira não tinha um plano de posicionamento nem de proteção da fronteira". Essas palavras demonstram que o setor de operações seguras do 12º exército tinha outros planos; eram documentos complexos que precisavam ser estudados. Porém, entre os planos de guerra, não havia nenhum de defesa.

Bagramián descreveu também os exercícios de treinamento do 12º exército, que foram assistidos pelo general Jukov. Apenas táticas ofensivas foram trabalhadas; e, nos mapas, a guerra acontecia apenas no território alemão. O jogo começou com as tropas soviéticas cruzando o rio San; tratava-se de um jogo contra um inimigo real, envolvendo informações da alta e secreta inteligência. Surgiram discussões entre Jukov e o comandante do exército, o general Parusinov, que insistia: "Devemos fazer o possível para infligir um máximo de baixas no inimigo, logo no primeiro ataque". Jukov entendia que a intenção era boa, mas preferia que o ataque fosse realizado em uma frente ampla, não estreita. Essa foi a pauta da discussão. Pouco depois disso, Parusinov foi substituído pelo general P. G. Ponedélin, velho amigo de Jukov. Em seguida, continuaram os treinamentos de domínio nas montanhas.

Jukov não se interessava pela defesa nas montanhas. Se quisesse tornar o caminho intransponível para o inimigo, mandaria as tropas para as montanhas, onde trilhas e estradas seriam escavadas a fim de receber fortificações de concreto reforçado perto das passagens, em vez de direcioná-las ao longo do rio-fronteira. Teria sido mais econômico; o inimigo não perceberia os trabalhos da construção e também não teria como usar as passagens. Porém, será que alguém atacaria a União Soviética pelas cordilheiras, sendo que existiam tantas planícies e planaltos?

As montanhas eram excepcionalmente importantes para o comando soviético. A Alemanha achava-se separada de sua fonte principal de petróleo por uma barreira dupla de montanhas, na Tchecoslováquia e na Romênia. Um ataque soviético através dessas montanhas, tanto na Tchecoslováquia como na Romênia, cortaria definitivamente a artéria petrolífera. Escreveu o marechal Jukov: "O ponto fraco da Alemanha

---

* Cordilheira no NE da França.

era o petróleo, mas ela conseguiu superá-lo, até certo ponto, importando petróleo da Romênia".[9] E continuavam os treinamentos nas montanhas. A capacidade de cada tropa e de cada tipo de veículo de combate e transporte, operando nas condições prevalentes dos Montes Cárpatos, foi cuidadosamente estudada. Estabeleceram-se padrões que foram vistos e revistos; compilou-se um guia completo para as tropas. Os oficiais registraram e analisaram de forma minuciosa o tempo que cada tipo de veículo levava para ultrapassar as passagens montanhosas. Essas informações, naturalmente, eram essenciais para o planejamento de operações ofensivas, em especial as operações do tipo relâmpago. Bagramián fez uma tabela de período de tempo para apoiar seus planos em dados bastante específicos.

Nenhum desses treinamentos seria necessário para uma defesa. Se as passagens dos Cárpatos tivessem de ser defendidas do inimigo, então, ninguém precisaria de velocidade: os soldados simplesmente ficariam onde estavam e não deixariam o inimigo passar.

No 12º exército, assim como em todos os demais exércitos soviéticos, nada recebia um nome real. Em janeiro de 1940, a 96ª divisão de rifles foi reorganizada em divisão montanhesa de rifles. Em maio de 1941, três outras divisões de rifles (44ª, 58ª e 60ª) foram convertidas em divisões montanhesas de rifles. Ao mesmo tempo, a recém-formada 192ª divisão montanhesa de rifles também foi acrescentada ao 12º exército. Como seria chamado o 13º corpo, que tinha duas divisões, ambas montanhesas de rifles? Como seria chamado o 17º corpo, se três de suas quatro divisões eram montanhesas de rifles? Como seria chamado um exército, se, de seus três corpos, dois eram montanheses de rifles, sendo que suas divisões montanhesas de rifles eram maioria absoluta? Bem, eu chamaria os corpos de "corpos montanheses de rifles", e o exército, de "exército montanhês". No entanto, o alto comando soviético tinha suas razões para não chamá-los assim. Os corpos continuaram a ser chamados, como antes, de 13º e 17º corpos de rifles, e o exército continuou a ser chamado simplesmente de 12º exército.

As divisões montanhesas de rifles receberam seu nome oficial em 1º de junho de 1941, sendo que a ordem fora emitida em 23 de abril do mesmo ano; a transformação real das divisões, de "rifles" para "montanhesas de rifles" já havia começado no outono de 1940.[10] O 12º exército também influenciou exércitos vizinhos. A 72ª divisão montanhesa de rifles, sob o comando do major-general P. I. Abramidze, fora treinada no 12º exército e transferida para o 26º exército, contíguo ao 12º. O 19º exército, do tenente-general I. S. Konev, foi transferido do norte do Cáucaso e secretamente posicionado atrás dos 12º e 26º exércitos. Esse também tinha divisões de rifles, como a 28ª, sob o comando do coronel K. I. Novik. Foi nessa época que começou o posicionamento de outro exército, o 18º, na área que ficava entre o 12º (montanhês) e o 9º, de "superchoque", nos Cárpatos orientais. Existem documentos

suficientes para inferirmos que a ideia original era que o 18º exército fosse uma cópia idêntica do 12º (montanhês), embora, tal como o próprio 12º, não tivesse o nome correto. Qualquer pesquisador que estudar os arquivos dos 12º e 18º exércitos ficará surpreso com a absoluta igualdade de estrutura. É um exemplo bastante incomum de exércitos gêmeos.

As divisões montanhesas de rifles foram reforçadas com soldados especialmente selecionados e treinados. Tais divisões foram transferidas para uma composição humana única, muito diferente das divisões de rifles regulares, recebendo armas e equipamentos especiais. Pouco antes do início da guerra, uma escola de treinamento em montanhas foi criada no Cáucaso. Ali, os melhores esportistas alpinistas eram treinados para serem instrutores militares. Após o exaustivo treinamento, esses instrutores foram enviados à fronteira ocidental soviética, pois foi precisamente ali — e não no Cáucaso, nem no Turquestão — que, em junho de 1941, ocorreu a concentração de um grande número de tropas de rifles.[11]

É hora de perguntar: para quais montanhas? Há apenas uma cordilheira, comparativamente pequena, na fronteira soviética ocidental: a dos Cárpatos orientais, que lembra mais colinas ondulantes que montanhas. Não havia razão para existir uma forte defesa nos Cárpatos orientais em 1941. Primeiro, essa área era perigosa e desfavorável para qualquer agressor que se dirigisse do oeste para o leste. O inimigo desceria das montanhas para as planícies e seu exército teria de receber suprimentos que atravessassem os Cárpatos orientais, as Montanhas Tatra, os Montes Metalíferos e os Montes Sudetos. Segundo, as encostas ao norte dos Cárpatos orientais formavam uma espécie de cunha rombuda do lado da fronteira inimiga. Se as tropas soviéticas estivessem concentradas ali com propósitos defensivos, mesmo em tempos de paz, estariam cercadas por três lados pelo inimigo. Valendo-se das planícies mais ao sul e especialmente mais ao norte dos Cárpatos orientais, o inimigo poderia atacar a qualquer momento o restante das tropas posicionadas nas montanhas, cortando, assim, as linhas de suprimento. Terceiro, em 1941, havia pouquíssimas tropas inimigas nos Montes Cárpatos para realizar um ataque, e o alto comando soviético estava bem-informado a respeito.[12]

A concentração de dois exércitos montanheses nos Cárpatos orientais trouxe consequências catastróficas. Ninguém atacou esses exércitos nas montanhas. O primeiro grupo alemão de tanques realizou seu ataque na planície ao norte dos Cárpatos orientais, passando pelas montanhas e isolando os exércitos montanheses soviéticos das forças principais. O comando soviético viu-se diante de um dilema: deixaria os dois exércitos montanheses nos Montes Cárpatos, onde pereceriam sem munição nem provisões, ou daria ordens para saírem urgentemente daquela ratoeira? O comando escolheu a segunda opção. Os dois exércitos montanheses, despreparados para lutar na planície, dispondo de armas leves e muitos equipamentos inúteis em

áreas planas,[13] desceram das montanhas e imediatamente foram atacados pelas unidades de tanques alemãs. Depois de destruir de forma fácil os exércitos montanheses soviéticos, o primeiro grupo de tanques do exército alemão avançou a toda velocidade e atingiu a retaguarda do 9º exército, derrotando-o. As tropas alemãs, após terem vencido esses exércitos, tiveram caminho aberto para as bases totalmente indefesas da marinha soviética e à bacia do Don, Khárkov, Zaporojie e Dnepropetrovsk — regiões industriais de grande importância. Depois de perdê-las para os alemães, a União Soviética fabricou apenas 100.000 tanques até o fim da guerra, o que era muito mais que a Alemanha fabricara; todavia, se não perdesse as regiões, a produção soviética de tanques poderia ser várias vezes maior. Quando os alemães invadiram o sul da Ucrânia, as tropas soviéticas das cercanias de Kiev viram-se em posição realmente perigosa. Os alemães tinham desativado a estrada para o Cáucaso e Stalingrado, coração da produção soviética de petróleo.

Os dois exércitos montanheses dos Cárpatos, em 1941, eram totalmente desnecessários para a defesa; apenas tinham valor para atacar. No início de 1941, grupos de alpinistas especialmente treinados apareceram nas divisões montanhesas de rifles, mas, nos Cárpatos orientais, eles nada poderiam fazer. As tropas soviéticas tiveram de se deslocar centenas de quilômetros para o oeste. Os mesmos fatores que tornaram os Cárpatos inadequados para um ataque de oeste a leste, tornaram-nos muito adequados para o ataque de leste a oeste. À medida que as tropas avançavam pelas montanhas, as linhas de suprimento permaneciam em território soviético, principalmente em terras planas. Os Cárpatos orientais elevavam-se distantes do oeste e cortavam o agrupamento inimigo em dois. Tratava-se de um trampolim natural que, se recebesse forças bélicas em tempos de paz, iria posicioná-las como se estivessem na retaguarda inimiga. Bastava avançar, ameaçando a retaguarda inimiga e obrigando suas tropas a recuarem ao longo de toda a linha de frente.

Apenas forças inimigas insignificantes localizavam-se nos Montes Cárpatos. O alto comando soviético não as ignorava, e foi precisamente por isso que ele concentrou dois exércitos ali. O único modo de usá-los em guerra seria mediante seu avanço. Duas cadeias de montanhas despontavam nos Cárpatos: uma ia para o oeste, em direção à Tchecoslováquia; a outra, para o sul, em direção à Romênia.

33

Stálin em maio

Stálin impôs a si mesmo uma meta de política externa de tremenda importância, a qual ele espera atingir através do esforço pessoal.

Conde von der Schulenburg,
relatório secreto ao governo alemão,
12 de maio de 1941

Em 4 de maio de 1941, Stálin foi nomeado presidente do governo soviético,[1] substituindo Molotov, que se tornou vice-presidente. Na época, muitos políticos e diplomatas britânicos e americanos ficaram confusos com essa virada. Pela primeira vez na história soviética, a liderança máxima do partido e do governo concentrava-se nas mãos de um único homem. Em 1922, após assumir a posição de secretário-geral do Partido Comunista, Stálin recusou-se a aceitar qualquer posição no governo. Agora, ele elevara seu posto de comando para acima do governo e do país. Oficialmente, não era responsável por nada. Todos os êxitos eram atribuídos a Stálin; todos os fracassos eram atribuídos a seus inimigos, a carreiristas que se aproveitavam das ordens de Stálin, o gênio, distorcendo-as. A "vitória da coletivização" era criação do genial Stálin, enquanto milhões pereciam de fome em virtude dos erros de funcionários do nível regional. Stálin nada tinha a ver com o Grande Expurgo de forma oficial; Ejóv, o comissário popular de assuntos internos, suportou toda a carga de culpa. Esse período foi chamado, de modo pejorativo, de *Ejóvstchina.**

Não foi Stálin quem assinou um pacto com Hitler. O tratado entrou para a história como o pacto Molotov-Ribbentrop. Na Alemanha, a responsabilidade do pacto

* N.T.: "Era de Ejóv".

ficou menos com Ribbentrop que com Adolf Hitler, o chanceler, embora ele não estivesse presente quando o documento foi assinado. No entanto, Stálin, que estava presente, não tinha nenhuma posição no governo naquele momento. Em 13 de abril de 1941, um pacto foi assinado com o Japão. Stálin estava presente, mas novamente não tomou para si nenhuma responsabilidade. Hitler, inúmeras vezes, convidou Stálin para uma reunião pessoal e amistosa, mas Stálin enviava Molotov em seu lugar.

Depois, quando os vencedores estavam definidos de forma clara, Stálin, naturalmente, encontrou-se com Churchill e Roosevelt. No decurso das conversações, conduzidas no mais alto nível, Stálin nunca dizia "não"; Molotov dizia-o por ele e até ganhou o apelido de "Senhor Não". Todas as exigências vinham de Molotov, e todas as concessões, de Stálin. Em outras palavras, Stálin fazia o bem com as próprias mãos e o mal com as mãos dos outros. Os que faziam o mal, sob ordens de Stálin, assumiam toda a responsabilidade, enquanto Stálin permanecia de barra limpa.

Todavia, em maio de 1941, Stálin aceitou a carga oficial da responsabilidade governamental. Para ele, o novo título não significava um acréscimo de poder, mas um limite — mais precisamente, uma autolimitação. A partir desse dia, ele não apenas tomava as decisões mais importantes, mas também assumia sua responsabilidade de modo oficial. Até então, o poder de Stálin só conhecia os limites ditados pelas fronteiras da União Soviética e, por vezes, nem esses. O que o forçou a aceitar voluntariamente a carga da responsabilidade por suas ações?

N. G. Kuznetsóv, almirante de frota da União Soviética, deu seu testemunho: "Quando Stálin assumiu o cargo de presidente do conselho de comissários populares, o sistema de governo praticamente não mudou".[2] Se quase não mudou, por que Stálin precisou do novo título? "Entretanto, todas as ações e os crimes de Stálin eram específicos, lógicos e calculados."[3]

Qual seria a lógica de Stálin? "Não sei de nenhum problema que possa ser relacionado com a situação interna da União Soviética e que seja tão sério a ponto de provocar essa atitude de Stálin. Seria mais certo dizer que, se Stálin decidiu assumir a posição mais alta do governo, as razões devem ser procuradas no contexto da política externa", relatou Schulenburg, o embaixador alemão em Moscou. Os marechais soviéticos tinham a mesma opinião: a nomeação de Stálin ligava-se à política de relações exteriores.[4]

Examinemos os problemas sobre a política externa que Stálin poderia enfrentar em maio de 1941. A Alemanha atacara e esmagara vários países europeus; então, não haveria nenhum problema com os governos dessas nações. A União Soviética tinha relações amistosas com a França, da qual grande parte estava ocupada pela Alemanha. Não existiam problemas com a Grã-Bretanha: ela manteve a independência e estendeu uma mão amistosa a Stálin, exemplificada em uma carta de Churchill a Stálin, datada de 1º de julho de 1941. Roosevelt teve uma postura mais que amigável com Stálin:

alertou-o para os perigos, e a tecnologia americana ascendia de forma abundante na União Soviética. Havia apenas dois possíveis inimigos. O Japão tinha visto uma demonstração do poder soviético em Khálkhin-Gol, em agosto de 1939; assinou um acordo com a União Soviética e mirava longe de suas fronteiras. Portanto, apenas a Alemanha poderia ter forçado Stálin a dar aquele passo, aparentemente inexplicável.

Do que Stálin queria se assegurar, usando seu novo título oficial de chefe do governo, com relação à Alemanha? Havia três possibilidades: estabelecer a paz inabalável com a Alemanha; liderar oficialmente uma guerra armada contra a agressão alemã; ou liderar, de forma oficial também, um ataque-surpresa contra a Alemanha.

A primeira hipótese pode ser eliminada imediatamente, pois Molotov já havia assinado um pacto de paz com a Alemanha. Stálin continuou a usar Molotov para as negociações de paz; sabe-se que, até 21 de junho de 1941, Molotov tentou encontrar-se com a cúpula alemã, mas Stálin nunca fez tais tentativas.

A segunda hipótese também não sustenta nem sequer uma análise. Stálin não poderia assumir a liderança por prever um ataque alemão, simplesmente porque não o previu. No primeiro dia da guerra, um chefe de estado teria discursado para o povo, transmitindo a terrível notícia da melhor forma possível. Stálin, porém, evitava cumprir seu dever; em 22 de junho, foi Molotov quem falou ao povo. Entretanto, por que Stálin se sentaria na cadeira de Molotov em maio, para esconder-se às suas costas em junho? Em uma guerra defensiva, Stálin usaria seu método testado e repetido de governar o país: tomava todas as decisões importantes, mas colocava a responsabilidade sobre os ombros de Molotov, Malenkóv, Timochenko e Jukov. Apenas um mês depois, o Politburo forçou Stálin a assumir o cargo oficial de comissário popular de defesa e, em 8 de agosto, o cargo de supremo comandante-em-chefe. Será que Stálin, "antevendo uma guerra defensiva", teria aceitado esses altos cargos apenas para esquivar-se de toda a responsabilidade, assim que essa guerra começasse?

Resta-nos a terceira explicação: Stálin esmagara parte da Europa usando as mãos de Hitler e preparava agora um ataque-surpresa contra a Alemanha. Além disso, planejava liderar pessoalmente a "libertação", como chefe do governo da URSS.

O Partido Comunista havia preparado o povo e o exército para o fato de que o comando de iniciar a "guerra de libertação", na Europa, seria dado pessoalmente por Stálin. Assim publicou o *Pravda*, em 18 de agosto de 1940: "E quando o marechal da revolução, o camarada Stálin, der o sinal, milhares de pilotos aéreos e marítimos e paraquedistas cairão sobre o inimigo com todo o poder de suas armas — as armas da justiça socialista. A força aérea soviética trará felicidade à humanidade!" Declarações semelhantes encheram as páginas do *Krásnaia Zvezdá* e de todos os jornais e revistas soviéticos.

Ao assumir o cargo, todo chefe de estado declara sua agenda. Stálin também fez isso; só que ele fez um discurso — que pode ser considerado uma agenda — no seleto

círculo dos mais altos comandantes do Exército Vermelho e a portas fechadas. Em 5 de maio de 1941, um dia após ser nomeado chefe de estado, Stálin discursou no Kremlin, em uma recepção em honra dos graduandos das academias militares. A audiência, na sala de convenções do Grande Palácio do Kremlin, onde ele discursou, compunha-se de graduandos, professores e titulares de dezesseis academias do Exército Vermelho e nove faculdades de universidades civis. Além disso, havia representantes do Exército Vermelho e do alto comando das frotas (incluindo os comissários populares de ambas as organizações e seus chefes de estado-maior). Stálin chegou acompanhado dos membros — reais e potenciais — do Politburo (exceto N. S. Khruschov, que presidia uma reunião plenária do comitê central em Kiev). A plateia era de duas mil pessoas, e Stálin falou durante quarenta minutos. Considerando sua capacidade de silenciar, quarenta minutos foi um tempo extraordinariamente longo.

Stálin não discursava todo ano para graduandos de academias militares; houve apenas duas ocasiões. A primeira foi em 1935. O Grande Expurgo entrava na fase de planejamento secreto, quando Stálin disse aos graduandos das academias militares que "estrutura e treinamento determinam tudo".[2] O sentido dessas palavras era simples: para grandes feitos, o país precisava de boas equipes; bons comandantes resolveriam todos os problemas, mas sem eles, tudo estaria perdido. É duvidoso, porém, que na época alguém tenha entendido o que Stálin quis dizer. No entanto, ele tinha em mente nada menos que o extermínio completo da hierarquia comunista — estatal, partidária, militar, técnica, científica, cultural e todas as demais categorias. Stálin planejava uma transformação quase completa da camada líder do país. Quase todos os que ouviram o discurso de Stálin, em 1935, acabaram em câmeras de tortura e celas de execução dois anos depois.

Em maio de 1941, Stálin discursou pela segunda vez para graduandos de academias militares. Agora, havia algo mais sério e sinistro sendo planejado, pois, dessa vez, o discurso de Stálin foi a portas fechadas. Ele falou sobre a situação na Europa, a guerra e a Alemanha. A seu modo característico, Stálin formulava perguntas para respondê-las em seguida. Seria verdade que o exército alemão era invencível? Tal pergunta foi repetida três vezes no discurso, e a resposta de Stálin foi "não". Ele insistiu que a Alemanha lutava sob a bandeira da conquista de outras nações; sob essa bandeira, a Alemanha não teria êxito. Stálin questionou por que a Alemanha perdeu a Primeira Guerra Mundial, depois respondeu explicando que ela lutou em duas frentes. Essa era uma insinuação bastante direta. Stálin levou a plateia a tirar a conclusão lógica: a Alemanha estava em guerra contra a Grã-Bretanha, que tinha o apoio dos Estados Unidos. Se a União Soviética abrisse uma segunda frente, a Alemanha seria derrotada, tal como acontecera na Primeira Guerra Mundial.

Tenho em meu poder as memórias que não foram publicadas do major-general da Força Aérea, M. V. Vodopianov, primeiríssimo Herói da União Soviética. De

acordo com essas memórias, os ouvintes entenderam corretamente a insinuação de Stálin, e a sala encheu-se de aplausos. O secretário-geral da Internacional Comunista, Gueórgui Dimítrov, registrou em seu diário que Stálin, naquele momento, estava de excelente humor. No banquete que se seguiu a seu discurso, Stálin brindou duas vezes: a primeira aos comandantes e os professores das academias militares; a segunda à saúde de artilheiros, tanquistas e aviadores.[5] Porém, um terceiro brinde merece atenção especial; foi feito pelo tenente-general A. K. Sivkov, que brindou à política externa pacifista de Stálin. Este interveio:

> Permita-me uma correção. Uma política externa pacifista garante a paz em nosso país. Uma política externa pacifista é algo muito bom. Por um tempo, criamos uma linha de defesa, até rearmar nosso exército, dando-lhe meios modernos de combate. Agora, com nosso exército reorganizado e nossa tecnologia modernizada, em que estamos fortes o suficiente para combater, devemos mudar da defesa para o ataque. Ao praticar a defesa em nossa pátria, somos compelidos a agir de modo agressivo. Da defesa, devemos saltar para uma política militar de ataque. É indispensável que reformemos nossos treinamentos, nossa propaganda e nossa imprensa, com a mente focalizada no ataque. O Exército Vermelho é um exército moderno — e o exército moderno é um exército de ataque.[6]

Em 5 de maio de 1941, Stálin deixou perfeitamente claro a seus generais que haveria guerra contra a Alemanha, na qual a União Soviética seria o agressor. É interessante notar que, poucos dias após as celebrações no Kremlin, o tenente-general Sivkov, o qual brindara à política externa pacifista de Stálin, foi dispensado.[7]

Em março de 1939, Stálin acusou publicamente a Grã-Bretanha e a França de tentarem arrastar toda a Europa à guerra, enquanto ficavam à margem para mais tarde "entrar em cena com força renovada a fim de lutar 'pelo interesse da paz' e ditar seus termos aos enfraquecidos participantes da guerra".[8] No mesmo discurso, pela primeira vez, Stálin declarou que a arena internacional devia preparar-se para "surpresas". Em agosto de 1939, Stálin apresentou a primeira "surpresa", que assustou não apenas o povo soviético como o mundo inteiro: o pacto Molotov-Ribbentrop.

Em 1º de setembro de 1939, uma semana após esse pacto, a Alemanha invadiu a Polônia. Em 17 de setembro de 1939, o Exército Vermelho atacou de forma repentina a retaguarda do exército polonês. E, no dia seguinte, o governo soviético proclamou no rádio o motivo do ataque: "A Polônia tornou-se um território conveniente para eventos imprevistos, que podem criar uma ameaça à URSS. [...] O governo soviético já não pode sustentar uma posição neutra com relação aos acontecimentos. [...] À luz de tal situação, o governo soviético emitiu ordens ao alto

comando do Exército Vermelho que organizasse as tropas para atravessar a fronteira e tomar para si a defesa das vidas e das propriedades da população.[9]

Aqui, podemos ver a diferença entre Stálin e Hitler. Ambos dividiram a Polônia e realizaram ataques no território polonês; mas Hitler enviou seus soldados à Polônia a fim de "expandir o espaço vital da Alemanha", enquanto Stálin enviou o Exército Vermelho "para libertar o povo polonês da cruel guerra, à qual ele foi arrastado por governos irresponsáveis, e para dar ao povo a oportunidade de levar uma vida de paz".[10]

A propaganda de Stálin não escondia a alegria ao ver que a Alemanha destruía cada vez mais países, governos, exércitos e partidos políticos. A liderança soviética entrou em êxtase. O *Pravda* declarou: "É a guerra moderna em toda a sua terrível glória!"[11] A Europa em guerra era assim descrita: "Uma pilha de cadáveres, uma visão dantesca, em que hienas devoram hienas".[12] Na mesma página do *Pravda*, havia a transcrição de um telegrama amistoso de Stálin para Hitler.

De repente, tudo mudou. Em maio de 1941, houve uma guinada completa na propaganda soviética. Eis o tom do *Pravda*, um dia depois do discurso secreto de Stálin: "Além das fronteiras de nossa mãe-pátria, brilha a chama da segunda guerra imperialista. Toda a carga de suas incontáveis calamidades pesa nos ombros dos trabalhadores. O povo não quer a guerra. Tem os olhos voltados para a terra do socialismo, que colhe os frutos do trabalho pacífico. Com razão eles veem, nas forças armadas de nossa Mãe Pátria — no Exército Vermelho e sua frota — um promissor baluarte da paz. Na presente e tumultuada situação mundial, devemos estar preparados para qualquer surpresa."[13]

O mesmo tom e as mesmas palavras foram utilizados em setembro de 1939, quando o Exército Vermelho repentinamente atacou a retaguarda do exército polonês e "ajudou o povo polonês a livrar-se da guerra".

34

O dia 13 de junho de 1941

Stálin não era de declarar abertamente suas intenções.

Robert Conquest
*The Great Terror**

Em resumo, o que Stálin disse aos graduandos das academias militares, no dia 5 de maio de 1941, foi "esqueçam a propaganda oficial e preparem-se para a guerra".[1] Em 13 de junho desse mesmo ano, a rádio de Moscou transmitiu uma declaração bastante incomum da Agência Telegráfica da União Soviética (TASS). Esta alegava que "a Alemanha seguia os ditames do pacto germano-soviético tão impecavelmente quanto a União Soviética", e os boatos de um iminente ataque alemão à URSS "era propaganda muito mal alinhavada dos inimigos da Alemanha e da URSS, interessados em ampliar e prolongar a guerra". No dia seguinte, os jornais soviéticos publicaram essa declaração; uma semana depois, a Alemanha invadiu a URSS. Todo mundo sabia quem fora o autor da declaração da TASS; o estilo característico de Stálin foi reconhecido por generais, presidiários dos campos de trabalho e historiadores ocidentais.

Tanto a imprensa soviética como a estrangeira escreveram extensivamente sobre a declaração da TASS. Muitos dos que escreveram caçoaram de Stálin. A declaração da TASS chegou a ser descrita como sinal de pouca visão. Entretanto, a declaração de 13 de junho de 1941 era mais misteriosa e inexplicável que ridícula. Apenas a autoria estava clara; o restante era um enigma.

---

* N.T.: No Brasil, foi publicado em 1968 com o título "O grande terror — os expurgos de Stálin", ed. Expressão e Cultura.

Tal declaração não se encaixava no caráter de Stálin. O homem mais próximo dele, seu secretário pessoal, Boris Bajánov, descreveu-o da seguinte maneira: "Reservado e extremamente dissimulado. [...] Tinha extraordinária capacidade de silenciar e, nesse ponto, era único em um país onde todos falavam pelos cotovelos". A seguir, temos outras descrições. A. Avtorkhanov: "Era um inimigo implacável de verborragia e falatório excessivo. Não diga o que você está pensando". A. Antonov-Ovseenko: "Em momentos importantes, as ações de Stálin vinham antes das palavras". Robert Conquest, estudioso da era Stálin, considerou a reserva e o silêncio como os pontos mais fortes de sua personalidade: "Extremamente reservado e discreto. Ainda temos de perscrutar muito a obscura e excepcional discrição de Stálin. [...] Ele nunca dizia o que tinha em mente, nem mesmo as metas políticas".

Sabe-se que a capacidade de manter silêncio é muito menos comum no homem que outro talento qualquer. Desse ponto de vista, Stálin era um gênio; ele sabia manter silêncio. E não era apenas o ponto mais forte de seu caráter, mas sua arma mais poderosa. Com o silêncio, ele desarmava a vigilância dos inimigos; os ataques de Stálin eram sempre repentinos e, portanto, fatais. Então, por que ele falou em 13 de junho de 1941 e para uma multidão? A quem ele se dirigiu? O império de Stálin era altamente centralizado, e o mecanismo do governo do estado, em especial após o Grande Expurgo, fora tão aperfeiçoado que qualquer ordem era comunicada de forma imediata do mais elevado nível aos executores mais humildes, os quais obedeciam em um piscar de olhos. Se, em junho de 1941, Stálin tinha alguma preocupação que deveria ser passada rapidamente a milhões de executores, por que ele não usou sua estrutura perfeita de poder, a qual repassava as ordens sem distorções e atrasos? Se a declaração da TASS de 13 de junho de 1941 fosse séria, seria repetida em todos os canais secretos. No entanto, o marechal da União Soviética A. M. Vassilévski testemunhou que, após ser publicada, a declaração "não foi acompanhada por nenhuma diretriz com respeito às forças armadas nem pelo reexame da política adotada anteriormente".[2] Vassilévski também afirmou que nada foi alterado nas agendas do estado-maior nem do *Narkomat* (Comissariado popular de defesa), "e nada deveria ser mudado. [...] Entretanto, em virtude da falta de diretrizes, logo percebemos que a declaração era irrelevante, tanto para as forças armadas como para o país no geral".[3]

Não só a declaração da TASS não foi repetida nos canais militares secretos, como, ao mesmo tempo em que ela foi divulgada, uma ordem foi enviada às tropas de determinadas regiões militares — por exemplo, a do Báltico — cujo significado e espírito eram exatamente o oposto aos da declaração.[4] Enquanto esta era transmitida no rádio, os jornais militares, inacessíveis a estranhos, começaram a publicar ideias radicalmente diferentes. Isso foi relatado, por exemplo, pelo vice-almirante I. I. Azarov.[5]

Havia cinco regiões militares nas fronteiras ocidentais da União Soviética; era o primeiro escalão estratégico do Exército Vermelho. Examinemos o que aconteceu

próximo ao dia 13 de junho de 1941 na região especial de Kiev. Existem muitos registros dos eventos desse dia. Um deles está guardado no Arquivo Central do Ministério de Defesa da Federação Russa[6]; trata-se da "Diretriz do Comissário Popular de Defesa da URSS e do chefe do estado-maior do Exército Vermelho para o Conselho da Região Militar Especial de Kiev". Esse documento é datado de 13 de junho de 1941 e está etiquetado como "Estritamente confidencial — Importância especial".

O sistema soviético de classificar informações secretas tinha quatro níveis: "Apenas para uso oficial", "Confidencial", "Estritamente confidencial" e "Estritamente confidencial — Importância especial". Havia ainda mais um nível, criado por Stálin: "Estritamente confidencial — Arquivo especial". Os documentos dessa categoria eram apresentados em uma única cópia e não podiam deixar as dependências do Kremlin. "Estritamente confidencial — Importância especial" indicava o mais alto grau de sigilo, o qual poderia ser usado fora do Kremlin. Um desses documentos chegou ao QG da região militar especial de Kiev no momento em que a rádio transmitia a estranha declaração da TASS. A diretriz ordenava a "transferência de todas as divisões de retaguarda e do comando de corpos, com suas unidades, aos novos campos mais próximos da fronteira do estado".

Quatro exércitos estavam aquartelados na região de Kiev; atrás deles, havia cinco corpos de rifles e quatro corpos motorizados. De acordo com a diretriz de 13 de junho de 1941, todos os cinco corpos da região de Kiev deslocaram-se para a fronteira — eram os corpos 31º, 36º, 37º, 49º e 55º. Um corpo de rifles com três divisões tinha 966 canhões de campo e morteiros, 2.100 metralhadoras e mais de 2.000 veículos motorizados. Um corpo de rifle tinha 50.000 soldados e oficiais; cinco corpos somavam a quarta parte de um milhão de homens. A diretriz também exigia "manter a transferência das tropas em segredo absoluto. Marchem à noite e realizem treinamentos táticos. Levem com as tropas todas as reservas móveis de munição e combustível". O documento foi assinado pelo comissário popular de defesa da URSS, marechal da União Soviética Timochenko, e pelo chefe do estado-maior do exército, general Jukov. "Tivemos de preparar toda a documentação operacional relacionada ao deslocamento de cinco corpos de rifles e quatro motorizados, que saíram da locação permanente e foram para a zona da fronteira", escreveu Bagramián (na época, coronel e chefe do pessoal operacional na região militar especial de Kiev).[7] "Levaram o necessário para a ação. A mudança realizou-se à noite para garantir o sigilo."[8] O coronel-general I. I. Liudovnikov (na época, coronel e comandante da 200ª divisão de rifles do 31º corpo) foi um dos que executaram a ordem: "Recebemos ordem para iniciar uma campanha... com total posicionamento... concentrada nas florestas entre 10 a 15 km a nordeste da cidade fronteiriça Kóvel*. Essa ação deveria

---

* N.T.: Cidade da Bielo-Rússia, perto da Polônia.

ser sigilosa, realizada à noite, em terreno florestal".[9] O marechal da União Soviética K. S. Moskalenko (na época, major-general de artilharia e comandante da 1ª brigada antitanque) relembrou: "Novos trens continuavam a chegar, com novos homens e novo equipamento militar".[10] A história oficial da região militar de Kiev relata: "Em 14 de junho, a 87ª divisão de rifles do major-general F. F. Aliabushev, sob o pretexto de realizar exercícios de treinamento, deslocou-se para a fronteira do estado".[11]

O deslocamento de tropas para a fronteira, sob o pretexto de realizar exercícios de treinamento, foi feito de acordo com a ordem de Moscou. Disse o marechal Jukov: "O Narkom [Comissário popular de defesa] S. K. Timochenko recomendou aos comandantes de regiões militares que conduzissem exercícios táticos em direção às fronteiras do estado, cujo resultado foi trazer as tropas para perto das regiões planejadas de posicionamento, com o propósito de cobertura". Como fora feito antes da campanha finlandesa de 1940, "cobrir as fronteiras do estado" era o código de "preparar para cruzar as fronteiras". Essa recomendação foi obedecida nas regiões, mas com uma diferença substancial: "uma parte significativa da artilharia não participou do deslocamento".[12]

O marechal da União Soviética K. K. Rokossóvski (na época, major-general e comandante do 9º corpo motorizado) explica que a artilharia havia sido enviada à fronteira pouco tempo antes.[13]

Isso foi uma breve descrição dos fatos desse dia em uma das cinco regiões militares de fronteira. Na véspera da transmissão da declaração da TASS, o comandante da região militar especial de Kiev recebeu outra diretriz, com as mesmas assinaturas e o mesmo grau de sigilo — "Estritamente confidencial — Importância especial". A diretriz de 12 de junho de 1941 dizia:

> No período de 15 de junho a 10 de julho de 1941, o 16º exército, com os seguintes componentes, chegará ao território da região militar especial de Kiev: o comando do exército com pessoal de serviço, o 5º corpo mecanizado (13ª e 17ª divisões de tanque e 109ª divisão motorizada), a 57ª divisão de tanques e o 32º corpo de rifles (46ª e 152ª divisões de rifles e 126º regimento do corpo de artilharia). [...] Eu proíbo quaisquer comunicações por telefone ou telégrafo relacionadas à chegada, ao descarregamento e à instalação das novas tropas. Ninguém, exceto vocês, membros do conselho militar e o chefe do estado-maior da região, pode conhecer o conteúdo desta. [...] Todas as unidades que chegarem ao território da região já receberam nomes falsos, listados abaixo. O nome falso deverá ser usado em toda a correspondência, inclusive em envelopes de documentos estritamente confidenciais.[14]

A região militar especial de Kiev compunha-se de quatro exércitos e nove corpos isolados. Além disso, em maio de 1941, iniciou-se a intensa transferência de tropas

para a região de Kiev, vindas das regiões do interior do país, do Oriente Distante e das fronteiras do sul. Bagramián descreveu os movimentos de maio na região de Kiev: "Em 25 de maio, o comando do 31º corpo de rifles do Oriente Distante chegou à região. [...] Na segunda quinzena de maio, recebemos uma diretriz do estado-maior, que nos ordenou receber o comando do 34º corpo de rifles da região norte do Cáucaso: quatro divisões de 12.000 homens e uma divisão montanhesa de rifles. No fim de maio, inúmeros trens chegaram à região. O departamento operacional transformou-se em um escritório de despacho de trens e recebeu todas as informações sobre as tropas que chegavam".[15]

No entanto, mesmo antes de 13 de junho de 1941, as tropas das regiões centrais da União Soviética começaram a afluir para as cinco regiões militares fronteiriças. Apenas três exércitos exigiram 939 trens ferroviários: o 22º exército da região militar dos Urais, o 21º exército da região militar do Volga e o 16º exército da região militar Trans-Baikal.[16] A 57ª divisão de tanques do 16º exército veio da Mongólia. A transferência preliminar dos exércitos iniciou-se em maio de 1941; outras tropas também deslocaram-se. O ex-representante do comissário popular do controle do estado, I. V. Kovalióv, escreveu: "Em maio e no início de junho, o sistema de transporte da URSS teve de concluir o deslocamento de quase 800.000 soldados de reserva. [...] Esses deslocamentos foram realizados em segredo".[17]

O 16º exército compunha-se de seis divisões, entre elas três de tanques e uma motorizada. Tinha um total de trinta regimentos: onze de artilharia, sete de tanques, cinco motorizados de rifles, seis de rifles e um de motocicletas. O exército era pequeno em número de divisões e regimentos; contudo, era insuperável em tecnologia, especialmente em tanques e artilharia. O 5º corpo mecanizado do 16º exército somava 1.076 tanques.[18] A 57ª divisão isolada de tanques contava com 375 tanques, e as duas divisões de rifles tinham mais 32 tanques. No total, o 16º exército tinha 1.483 tanques e 560 veículos blindados; destes, 397 tinham blindagem espessa e eram armados com canhões. O 16º exército deslocou-se por 700 quilômetros, sendo o tenente-general M. F. Lukin seu comandante. O chefe do estado-maior desse exército era o coronel M. A. Shalin — futuro chefe do GRU*.

A transferência do 16º exército, da região Trans-Baikal à Ucrânia, iniciou-se em 26 de maio de 1941, sendo programada para terminar em 10 de julho. O tenente-general P. A. Kurotchkin, comandante da região militar Trans-Baikal, supervisionou pessoalmente o despacho dos trens. Encontramos muitos depoimentos sobre essa grande operação ferroviária; entre eles, as memórias do major-general A. A. Lobatchóv, que, na época, era membro do conselho militar do 16º exército: "O chefe do estado-maior relatou que um importante telegrama chegara de Moscou, a

---

* N.T.: GRU – Diretório principal da inteligência do estado-maior das forças armadas soviéticas.

respeito do 16º exército. [...] A ordem de Moscou era de transferir o 16º exército para um novo lugar. M. F. Lukin deveria apresentar-se imediatamente ao estado-maior para receber as orientações, e o coronel M. A. Shalin e eu deveríamos organizar o despacho dos trens".[19]

Apenas três pessoas — o comandante do exército, general Lukin, Lobatchóv e o chefe do estado-maior do 16º exército, coronel M. A. Shalin — sabiam que o 16º exército seria transferido para o oeste, mas não sabiam precisamente o lugar. Os demais generais do 16º exército foram informados de forma sigilosa: o exército seria dirigido para a fronteira iraniana, e os oficiais deveriam ser informados que o motivo da transferência eram os exercícios de treinamento; as esposas do pessoal do comando deveriam ser informadas de que o exército partiria para os campos de treinamento.

Entrevistei centenas de pessoas dessa geração; todas pressentiram a guerra. De onde vinha isso? Não sabiam nada sobre os preparativos de Hitler; talvez tenham visto os preparativos do Exército Vermelho e compreenderam que a guerra seria inevitável. O general Lobatchóv descreveu o incrível nível de sigilo que acompanhou a transferência do 16º exército: os trens saíam apenas à noite, nunca parando em estações grandes ou médias; o oficialato do 16º exército embarcou em vagões de carga, com portas e janelas totalmente fechadas; nas estações pequenas, onde os trens paravam, todos foram proibidos de sair do trem. Nessa época, um trem de passageiros levava mais de onze dias para cobrir a rota transsiberiana; trens de carga eram mais lentos ainda. Soldados e oficiais podiam ser transportados em carros fechados, mas estamos falando do alto comando do exército. Tal nível de sigilo era incomum, mesmo para os padrões soviéticos. Em 1945, um contingente de soldados que estava se dirigindo em direção oposta viajou pela ferrovia transsiberiana, visando a um ataque-surpresa às tropas japonesas na Manchúria e na China.* Para aumentar o sigilo, todos os generais usaram uniformes de oficiais com muito menos estrelas do que haviam ganhado, mas viajaram em trens de passageiros. Em 1941, entretanto, os generais foram transportados em vagões de carga. Por quê?

Havia cinco regiões militares no primeiro escalão estratégico do Exército Vermelho. Já examinamos o que aconteceu na região militar especial de Kiev em 13 de junho de 1941, bem como na véspera e no dia posterior. O mesmo fato ocorreu nas outras quatro regiões militares. Em 14 de junho, o conselho militar da região de Odessa recebeu ordem de criar um QG em Tiraspol**.[20] Isso indicava a criação do 9º exército na fronteira romena. De 14 a 19 de junho, os conselhos de todas as regiões militares da fronteira ocidental receberam ordens de enviar os comandos das linhas de frente para os respectivos QGs, entre 22 e 23 de junho. O telegrama de Jukov, en-

---

* Segundo embate entre União Soviética e Japão, já no fim da guerra, em agosto de 1945.

** Cidade da Moldávia.

viado no dia 19 desse mês a Kirponos, comandante da região militar especial de Kiev, dizia: "O comissário popular de defesa emitiu as seguintes ordens: O comando deve partir para Ternopol* em 22 de junho de 1941, deixando o comandante subordinado em Kiev. [...] A seleção e a transferência do comando de frente devem ser mantidas em sigilo total, e o oficialato da região deve ser notificado sobre esse cuidado".[21] Jukov enviou telegramas similares a Kuznetsov, comandante da região militar especial do Báltico, e a Pávlov, comandante da região militar especial ocidental, no mesmo dia. O comando da frente noroeste, junto com seu comandante regional, deveria chegar a Panevêjis em 22 e 23 de junho; a mesma ordem deveria ser aplicada à frente ocidental, em Obuz-Lesni**. Esse êxodo de unidades de comando da linha de frente foi aprovado por Stálin, sob o pretexto de realizar os treinamentos de verão entre soldados e comandantes.

Em 14 de junho, o conselho da região militar especial do Báltico aprovou um plano a fim de transferir uma série de divisões e regimentos para a zona da fronteira.[22] Leiamos alguns relatórios sobre esses dias. O major-general S. Iovlev (na época, comandante da 64ª divisão de rifles do 44º corpo de rifles, 13º exército) relatou: "Em 15 de junho de 1941, o comandante da região militar especial ocidental, general D. G. Pávlov, ordenou que as divisões de nosso corpo estivessem preparadas para ser transferidas em perfeita formação. [...] Ninguém disse qual seria nosso destino".[23] O coronel-general L. M. Sandalov (na época, coronel e chefe do estado-maior do 4º exército da região militar especial ocidental) relembrou: "Na ala sul do 4º exército, apareceu uma nova divisão: a 75ª divisão de rifles. Veio de Mozyr*** e armou um acampamento de tendas bem-camufladas nas florestas".[24]

O marechal da União Soviética K. A. Meretskov (na época, general e representante do comissário popular de defesa) disse: "De acordo com minhas ordens, realizaram-se os exercícios de treinamento do corpo mecanizado. O corpo fora trazido, como parte do treinamento, à zona fronteiriça, onde ficou. Mais tarde, eu disse a Zakharov que o corpo de batalha do major-general R. I. Malinovski também estava na área e deveria ser trazido à zona da fronteira, como parte dos exercícios de treinamento".[25] O marechal da União Soviética R. I. Malinovski (na época, major-general e comandante do 48º corpo de rifles da região militar de Odessa) confirmou que a ordem foi executada: "O corpo de batalha deixou a região de Kirovograd, rumo a Beltsy****, em 7 de junho; no dia 14 de junho, já estava instalado. Esse deslocamento usou o disfarce de "exercícios extensivos de treinamento".[26] O marechal da União Soviética M. V. Zakharov (na época, major-general e chefe do estado-maior da região militar de

---

* Cidade à oeste da Ucrânia. N.T.

** Região de treinamentos da Bielo-Rússia. N.T.

*** Cidade no sul da Bielo-Rússia. N.T.

**** Ambas as cidades localizam-se na Ucrânia. N.T.

Odessa) relatou: "Em 15 de junho, o comando do 48º corpo de rifles e as divisões de rifles 74ª e 30ª, sob o disfarce de treinamento, concentraram-se nas florestas, vários quilômetros a leste da cidade de Beltsy".[27] O marechal registrou que os comandos do corpo de batalha, as unidades e a 74ª divisão de rifles estavam de prontidão. Ele afirmou que a 16ª divisão de tanques também participara do "treinamento". O marechal da União Soviética A. I. Eremenko (na época, comandante do 1º exército) disse: "Em 20 de junho, as tropas do 13º exército receberam ordens do comando da região militar ocidental a fim de se deslocarem de Mogilev para Novogrudok*".[28]

Não apenas exércitos, mas corpos e divisões foram transferidos para as fronteiras. Temos centenas de testemunhas de unidades muito menores que também foram transferidas. O tenente-general V. F. Zotov (na época, major-general e chefe das tropas de engenharia da região militar especial do Báltico) rememorou: "Os batalhões de sapadores foram mobilizados de acordo com as regras de guerra. [...] Dez batalhões, que chegaram do Oriente Distante, estavam totalmente armados".[29] O coronel S. F. Khvalêi (na época, representante do comandante da 202ª divisão motorizada do 12º corpo mecanizado do 8º exército) relatou: "Durante a noite de 18 de junho de 1941, nossa divisão foi para os treinamentos de campo".[30] Conforme o relato do coronel, "de repente" as unidades estavam localizadas na fronteira antes do início da guerra, na vizinhança das fronteiras do estado.

Conhece-se um pequeno fragmento da ordem militar recebida no mesmo dia pelo coronel I. D. Tcherniakhóvski, comandante de uma divisão de tanques do 12º corpo mecanizado: "Assim que receber esta ordem, o comandante da 28ª divisão de tanques, coronel Tcherniakhóvski, deverá deixar todas as unidades em condições de lutar, de acordo com os planos de alerta de prontidão, mas sem declarar "estado de alerta". Toda a operação deve ser conduzida com rapidez e em silêncio, sem pânico nem conversas; providenciem as normas sobre reservas transportáveis necessárias para sobreviver e lutar".[31]

Documentos alemães indicam que o primeiro embate entre eles e a 28ª divisão de tanques ocorreu perto de Siauliai**. Entretanto, conforme depôs o marechal P. P. Poluboyarov, a divisão deveria sair de Riga e dirigir-se à fronteira germano-soviética.[32] A invasão alemã encontrou essa divisão — como muitas outras — ainda a caminho, uma vez que simplesmente não houve tempo suficiente para atingir a fronteira. As memórias do major I. A. Khizenko começam com o capítulo "Marchando para a fronteira"[33], onde ele escreveu sobre a 80ª divisão de rifles do 37º corpo de rifles: "Na noite de 16 de junho, o general Prokhorov reuniu todo o oficialato para uma conferência. Ele leu uma notificação do comandante da região militar especial de Kiev,

---

* N.T.: Cidade da Bielo-Rússia.

** N.T.: Cidade da Lituânia.

o qual mandava deslocar as divisões para um novo local de concentração. [...] Há boatos de que a marcha iminente será bastante incomum".[34]

A lista não tem fim. No geral, o primeiro escalão estratégico do Exército Vermelho tinha 170 divisões motorizadas, de tanques, de cavalaria e de rifles. Delas, 56 localizavam-se diretamente na fronteira e não podiam avançar mais. Todavia, algumas ainda avançavam e escondiam-se nas florestas fronteiriças. O general I. I. Feduninski, comandante do 15º corpo de rifles do 5º exército, testemunhou que liderou quatro regimentos das divisões de rifle 45ª e 62ª, "floresta adentro, mais próximo da fronteira".[35] As demais 114 divisões do primeiro escalão estratégico ficaram mais afastadas das regiões fronteiriças ocidentais e podiam se deslocar até a fronteira.

Quantas das 114 divisões começaram a avançar para a fronteira depois da tranquilizadora mensagem da TASS de 13 de junho de 1941? A resposta é: todas! "Entre 12 e 15 de junho, todas as regiões militares ocidentais receberam ordens de enviar as divisões mais afastadas para próximo das fronteiras do país."[36]

Examinemos agora o que acontecia, em 13 de junho de 1941, nas regiões militares do interior da União Soviética, nos Urais e nas províncias da Sibéria e de Altai*. O tenente-general N. I. Birukov, comandante da 186ª divisão de rifles do 62º corpo de rifles da região militar dos Urais, relatou: "Em 13 de junho de 1941, recebemos uma ordem de importância especial do QG: a divisão deveria se deslocar para um "novo campo". O endereço desse campo não foi dado nem mesmo a mim, comandante da divisão. Apenas quando passamos por Moscou descobri que nossa divisão deveria concentrar-se nas florestas à oeste de Idritsa**".[37]

Em tempos de paz, uma divisão recebe documentos "confidenciais", mas muito raramente, "estritamente confidenciais". Um documento de "importância especial" apenas pode aparecer em uma divisão em tempos de guerra e, em casos extremos, quando uma operação de grande importância está sendo preparada. Muitas divisões soviéticas não receberam um só documento com o carimbo de "estritamente confidencial" nos quatro anos da guerra. Entretanto, eram tempos de paz quando o comandante da 186ª divisão de rifles recebeu um documento desse alto nível de confidencialidade. O conteúdo do documento era ostensivamente trivial: "enviem a divisão para um novo campo". O general Birukov, no entanto, enfeitou as palavras "novo campo" com aspas. Ele e os oficiais superiores que haviam enviado o documento sabiam perfeitamente que não se tratava de "novo campo", mas de algo muito mais sério.

Todas as divisões da região militar do Ural receberam ordens similares. Os registros oficiais da região fixavam claramente a data: "A 112ª divisão de rifles foi a

---

* N.T.: Cidade da Mongólia.

** N.T.: Base Aérea da URSS.

primeira a iniciar o carregamento. Na manhã de 13 de junho, o trem deixou a pequena estação ferroviária. [...] Outros trens o acompanharam. A partir daí, começou o carregamento das unidades das divisões de rifles 98ª, 153ª e 186ª".[38] O mesmo fato aconteceu com as 170ª e 174ª divisões de rifles, mais as unidades de artilharia, de sapadores e de tanques. Novas administrações foram criadas para operar as divisões dos Urais, enquanto as antigas subordinaram-se ao comando do oficialato do novo 22º exército.

Essa multidão de oficiais e soldados, acobertada pela tranquilizadora mensagem da agência TASS, deslocou-se dos Urais para as florestas da Bielo-Rússia. O 22º exército não estava sozinho. Escreveu o general S. M. Chtemenko: "Pouco tempo antes do início da guerra e sob o mais alto sigilo, forças adicionais começaram a se reunir nas florestas fronteiriças. Cinco exércitos foram transferidos do interior do país para as fronteiras".[39] O general S. P. Ivanov, o qual, no começo da década de 1970, chefiara um grupo de estudiosos que pesquisavam sobre esse assunto, acrescentou: "Ao mesmo tempo, mais três exércitos preparavam-se para ser transferidos".[40] Todos esses exércitos formariam o segundo escalão estratégico do Exército Vermelho.

Por que os oitos exércitos não se deslocaram simultaneamente? Em fevereiro, março, abril e maio, realizou-se uma grandiosa e secreta transferência das tropas soviéticas — do interior para as fronteiras. Essa transferência foi concluída em tempo, mas enorme número de vagões ferroviários teve de voltar milhares de quilômetros para o interior do país. Assim, em 13 de junho, quando teve início o novo, gigantesco e secreto deslocamento das tropas, não havia vagões suficientes para todos os exércitos. O segundo escalão estratégico tinha 77 divisões de tanques, motorizadas e de rifles, sem contar dezenas de regimentos e centenas de batalhões isolados. Todos começaram a se deslocar em segredo, rumo às fronteiras ocidentais da URSS, sob o disfarce da mensagem da TASS.[41] Às 114 divisões do primeiro escalão estratégico devemos acrescentar 77 divisões do segundo escalão estratégico, que começaram a avançar para as fronteiras ocidentais a partir das regiões centrais do país, da Sibéria e até do Oriente Distante.

Tudo o que os oficiais, generais e marechais soviéticos escreveram nas memórias foi amplamente confirmado pelos relatórios da inteligência alemã a seus comandantes, na primavera e no início do verão de 1941: o Exército Vermelho avançava em ondas gigantescas para as fronteiras ocidentais. Muitas fontes independentes confirmaram o mesmo fato. O grande deslocamento do Exército Vermelho rumo às fronteiras ocidentais foi percebido até nas prisões soviéticas. G. Ozerov, um dos representantes do projetista de aeronáutica A. N. Tupolev, estava preso nessa época, juntamente com o próprio Tupolev e toda a sua equipe de projetos. Eles receberam ordens de criar o melhor bombardeiro de mergulho do mundo. Disseram-lhes que, se tivessem êxito nesse projeto, seriam libertados. Trabalharam todos atrás das grades, mas tinham

contato constante com engenheiros de fábricas de aviões e automóveis e com oficiais do comissariado popular da indústria de aviação. O ex-presidiário Ozerov relatou: "Os habitantes de dachas ao longo das ferrovias da Bielo-Rússia e de Vindavski estão se queixando de que não conseguem dormir à noite porque trens lotados de tanques e canhões não param de passar!"[42]

Assim, "pouco antes da guerra, de acordo com as ordens do estado-maior do Exército Vermelho, certas unidades da região militar especial começaram a se deslocar para a fronteira do país".[43] Depois de esmagar o primeiro escalão estratégico e romper suas defesas, as primeiras unidades alemãs repentinamente tropeçaram em novas divisões, corpos e exércitos (por exemplo, o 16º exército, perto de Chepetóvka, no fim de junho), de cuja existência os comandantes alemães não faziam ideia. O plano da *Blitzkrieg* apoiara-se na destruição-relâmpago das tropas soviéticas ao longo das fronteiras. Embora tenha conseguido seguir o plano, o exército alemão descobriu nova parede de inimigos que descia do Cáucaso do norte, do Volga, dos Urais, da Sibéria, do Trans-Baikal e do Oriente Distante.

Milhares de vagões ferroviários são necessários para transferir um único exército. Devem ser enviados à estação de partida, onde embarca o exército acompanhado de armas pesadas e reservas; depois, percorrem milhares de quilômetros. Se as tropas alemãs encontrassem os exércitos da Sibéria, do Ural e do Trans-Baikal no fim de junho, sua transferência para o oeste não havia começado em 22 de junho, mas antes.

O deslocamento da marinha soviética iniciou-se no mesmo momento que o das tropas de chão. Antes da guerra, a frota soviética do Báltico deixou a parte oriental do Golfo da Finlândia, rumo ao oeste.[44] Seu objetivo era atingir as linhas de comunicação naval do inimigo.[45]

Simultaneamente com a transferência das tropas navais e de chão, houve um intenso deslocamento da aviação. No lusco-fusco das primeiras horas do dia, divisões e regimentos da aeronáutica foram transferidos, em pequenas unidades, para as bases aéreas; algumas bases ficavam a menos de dez quilômetros da fronteira. Além das unidades aéreas operacionais, a rigorosa transferência dos mais novos aviões para esses pontos já estava em curso. Relatou o coronel-general L. M. Sandalov: "A partir de 15 de junho, começamos a receber nova tecnologia de combate. Os regimentos de aviões de caça de Kóbrinski e Prujánski* receberam os caças Iak-1, armados com canhão; o regimento terrestre de ataque recebeu os aviões Il-2; e os regimentos de bombardeiros, os aviões Pe-2".[46]

Um regimento de caças daquela época tinha 62 aeronaves; o de ataque no chão tinha 63; e o de bombardeiros, 60. Consequentemente, uma única divisão (a 10ª divisão mista da força aérea) aguardava a chegada de 247 novos aviões. O general

---

* N.T.: Cidades da Bielo-Rússia.

relatou que a divisão de fato começou a receber nova tecnologia, mas os antigos aviões permaneceram na divisão. Esta se transformou em um organismo gigantesco de combate, composto de várias centenas de aviões. Esse processo repetiu-se em toda a parte. Por exemplo, a vizinha 9ª divisão mista da força aérea também recebeu 262 novos MiG-1 e MiG-3, bem como dezenas de Pe-2 e Il-2.[47] Na manhã de 22 de junho, a fronteira ocidental recebeu a ordem de receber 99 MiG-3 na base aérea de Orsha*.[48] Se deveriam ser recebidos na manhã de 22 de junho, evidentemente os aviões já estavam prontos para embarque na noite de 21. O marechal-em-chefe da Aeronáutica A. A. Novikov relatou que, em 21 de junho, a linha de frente do norte, onde ele era comandante da força aérea, recebeu um carregamento ferroviário de caças MiG-3.[49]

Além dos aviões de caça, uma poderosa linha de tanques, artilharia, munição e combustível também chegara de forma abundante. Na aurora de 22 de junho, um trem lotado com regimentos de artilharia pesada chegou à estação de Siauliai[50]. Chegaram também inúmeros trens cheios de munição. Assim registrou o *Krásnaia Zvezdá*: "Na noite de 21 de junho de 1941, o supervisor da estação ferroviária de Liepaja ouviu esta ordem: 'Receba um trem especial. Ele traz munição, que precisa ser enviada a seu destino com prioridade máxima'".[51] Liepaja, nessa época, ficava bem perto da fronteira, mas o trem ainda estava em trânsito; ou seja, ele se dirigia para o limite da fronteira.

Havia vagões ferroviários em todas as linhas de frente, cheios de munição — o que normalmente indicava preparativos para uma ofensiva em grande escala. Em uma guerra defensiva, seria mais fácil e mais acessível estocar a munição em depósitos previamente preparados. Depois de usar toda a munição de um depósito, as tropas podiam facilmente recuar para outro, onde mais munição as aguardava; a seguir, para um terceiro e assim por diante. Entretanto, antes de uma invasão, a munição era levada em transportes móveis, muito mais arriscados e caros. Por exemplo, a frente do sul tinha 1.500 vagões de munição, somente na pequenina estação de Kalinovka**.[52] O coronel-general I. I. Volkotrubenko relatou que, em 1941, após o ataque alemão, a linha de frente ocidental perdeu 4.216 vagões de munição.[53] Havia cinco linhas de frente; é incrível como tanta munição fora armazenada em todas as frentes. Parte dela caiu em mãos alemãs e parte foi recuperada com êxito. Em meados de junho, esse inacreditável número de tropas e munição — acobertados pela mensagem da TASS — avançava em direção às fronteiras alemãs em vagões ferroviários.

O marechal da União Soviética S. K. Kurkotkin relatou que, no início de junho, "o governo soviético, após uma proposta do estado-maior, aprovou um plano

---

* N.T.: Cidade histórica da Bielo-Rússia.

** N.T.: Cidade da Rússia, quase fronteira com a Bielo-Rússia.

de mobilizar 100.000 toneladas de combustível, que sairia do interior do país".[54] Além disso, "cerca de 8.500 tanques de combustível foram estocados nas encruzilhadas da ferrovia".[55] Ainda que os tanques menores, de 20 toneladas, estivessem sendo utilizados, evidentemente haveria muito mais de 100.000 toneladas. No entanto, os tanques usados com maior frequência, em 1941, eram os de 62 toneladas. Eram 8.500 deles, aguardando o descarregamento nas estações, nos primeiros dias de guerra. Devemos levar em conta que tudo isso foi destruído pelos raides aéreos nas estações ferroviárias, nos primeiros minutos e horas de guerra. O coronel-general I. V. Boldin, representante do comandante da frente ocidental, relatou que o 10º exército (o mais poderoso exército da frente ocidental) tivera suprimentos suficientes de combustível em depósitos e em vagões ferroviários, mas perdera tudo logo nos primeiros minutos.[56] Nas vésperas da guerra, essa enorme quantidade de tanques chegou às fronteiras, junto com tropas, equipamentos militares, armas e munição.

O dia 13 de junho de 1941 marcou o começo do maior movimento organizado de tropas, armas, munição e outros suprimentos militares da história. E este é o momento certo de analisarmos, mais uma vez, a declaração da TASS do mesmo dia. Muitos historiadores, por algum motivo, focam a atenção na introdução dessa mensagem, que trata das intenções alemãs. Porém, a mensagem também relata as intenções soviéticas, e a informação mais interessante está contida na seguinte parte: "Rumores de que a URSS está se preparando para uma guerra contra a Alemanha são falsos e provocativos. [...] A reunião de forças aéreas e reservas do Exército Vermelho e as manobras em curso não têm outro objetivo senão o treinamento habitual de reservas e testes quanto ao funcionamento das ferrovias; como é sabido, isso é feito todos os anos. Imaginar que tais eventos são hostis à Alemanha é ridículo". Comparando a mensagem com o que aconteceu na realidade, encontramos enorme discrepância entre palavras e ações.

A mensagem da TASS tratava de "testes quanto ao funcionamento das ferrovias". Isso é questionável. O movimento das tropas soviéticas iniciou-se em fevereiro, intensificou-se em março, atingiu proporções grandiosas em abril e maio e, a partir de 13 de junho de 1941, assumiu caráter amplo e abrangente. As únicas divisões que não participaram dos deslocamentos foram as que já estavam na fronteira, as que ficaram no Oriente Distante e as que se preparavam para invadir o Irã. A concentração de tropas soviéticas ao longo da fronteira alemã fora planejada para 10 de julho.[57] Durante quase meio ano, o transporte ferroviário, que era o principal meio de transporte do país, ficou paralisado em virtude das transferências secretas das tropas. Na primeira metade de 1941, o plano do governo para a indústria foi cumprido apenas no que dizia respeito às atividades militares. O motivo principal era que o transporte passou a ser usado quase exclusivamente para as transferências secretas militares. O motivo secundário foi a mobilização secreta da população masculina para os exércitos

recém-formados. O descumprimento do plano governamental dificilmente poderia ser chamado de "teste".

A mensagem da TASS fala em "treinamento habitual", mas os marechais, generais e almirantes soviéticos contrariaram essa expressão. O major-general S. Ióvlev disse: "O aspecto incomum das concentrações não previstas nos planos bélicos de prontidão alertaram o povo". O vice-almirante I. I. Azarov relembrou: "Geralmente, os treinamentos eram realizados próximo ao outono, mas aqui eles começaram no meio do verão". O coronel-general I. I. Ludnikov relatou: "Geralmente, os reservas eram convocados depois das colheitas. [...] Em 1941, essa regra foi rompida".

O major-general M. I. Kazakov, nesses dias, estava no QG do estado-maior, onde encontrou o comandante do 16º exército, o tenente-general M. F. Lukin, e outros generais, cujos exércitos estavam sendo transferidos secretamente por trem. Os comandantes dos exércitos transferidos na frente de suas tropas chegaram a Moscou de avião, onde receberam as últimas instruções. O general Kazakov disse: "Ficou claro que eles não executariam meramente manobras, mas algo diferente".

Então, Stálin teve uma premonição e concentrou as tropas ao longo das fronteiras para se defender? Essa explicação não é plausível. A grande operação descrita neste capítulo não podia ser defensiva. As tropas que se preparassem para defesa escavariam trincheiras para se acomodar. Tomariam as áreas maiores, as quais o inimigo teria de atravessar, fechariam estradas, instalariam barreiras de arame farpado, construiriam trincheiras antitanques e prepariam abrigos por trás das barricadas. O Exército Vermelho não fez nada parecido. No entanto, as divisões, os exércitos e os corpos de batalha soviéticos destruíram todas as estruturas defensivas previamente existentes. As tropas concentraram-se não atrás de barreiras aquáticas, do modo mais conveniente para a defesa, mas na frente delas — o mais conveniente para atacar. As tropas soviéticas não tomaram as grandes áreas que o inimigo teria de atravessar, mas esconderam-se nas florestas, tal como os alemães que se preparavam para invadir. Será que tudo isso era apenas uma exibição de poder? Claro que não: uma exibição tem de ser visível ao inimigo. O Exército Vermelho, ao contrário, tentou esconder seus preparativos. A mensagem da TASS não foi escrita para assustar a Alemanha, mas para aplacar seus temores.

35

Palavras e ações

Ao tentar montar um retrato claro do nacional-socialismo de Hitler e do internacional-socialismo de Stálin, encontramos semelhanças surpreendentes, não só em slogans, canções e ideologia, mas também em eventos. Na história do nacional-socialismo alemão, houve um momento muito parecido com a mensagem da TASS, de 13 de junho de 1941, em espírito e significado. Um ano antes, em 8 de maio de 1940, a rádio alemã anunciou que a notícia sobre dois exércitos alemães, os quais teriam sido transferidos para a fronteira da Holanda, era um "boato ridículo" divulgado por "incitadores britânicos da guerra". Depois disso, os exércitos alemães invadiram e ocuparam a Bélgica, a Holanda, a cidade de Luxemburgo e a maior parte da França. A mensagem da rádio alemã, de 8 de maio de 1940, e a da TASS, de 13 de junho de 1941, são parecidas quase que palavra por palavra. Hitler não acreditou na mensagem da TASS de Stálin porque ele próprio havia disfarçado os preparativos de um ataque-surpresa, usando a mesma estratégia.

A mensagem da TASS, de 13 de junho de 1941, destinava-se a acabar com os boatos de uma guerra iminente entre URSS e Alemanha. Stálin, decisivamente, lutou contra esses rumores. O mesmo problema surgiu diante de Hitler e na mesma época. É difícil esconder os preparativos para a guerra. As pessoas que os veem imaginam hipóteses de todo tipo. Em 24 de abril, o adido naval alemão em Moscou enviou um relatório de alerta a Berlim, afirmando que estava combatendo "boatos obviamente ridículos de uma iminente guerra germano-soviética".[1] Em 2 de maio, o embaixador Schulenburg relatou que também combatia rumores, mas "todos os que vêm a Moscou da Alemanha não só trazem esses boatos, como até se apoiam em indícios".[2] Em 24 do mesmo mês, o chefe do departamento de imprensa do exterior

do Ministério de Propaganda da Alemanha, Karl Bemer, embriagado, declarou algo indesejável sobre as relações com a União Soviética e foi imediatamente preso. Hitler cuidou desse caso pessoalmente e, de acordo com Goebbels, deu "atenção demasiada" a esse evento. Em 13 de junho de 1941, no dia em que a mensagem da TASS foi anunciada afirmando que não haveria guerra, Karl Bemer enfrentou julgamento na corte popular e disse que sua observação fora um erro de embriaguez: claro que não haveria guerra entre Alemanha e União Soviética!

Apenas para se certificar de que nenhuma dúvida permaneceria no país nem fora dele, em 15 de junho de 1941, Ribbentrop, o ministro alemão de relações exteriores, enviou telegramas estritamente confidenciais a seus embaixadores: "Planejamos manter importantes conversas com Moscou. O *Führer* pretende aclarar as relações e levantar novas exigências. Os embaixadores, em total segredo, devem transmitir essa ideia aos governos das nações em que estiverem situados. Por exemplo, o embaixador alemão em Budapeste teve de passar essa informação, como segredo especial, ao presidente húngaro".[3] As autoridades alemãs engajaram-se em um programa pré-planejado de desinformação das próprias tropas, de diplomatas e aliados militares. O alto comando soviético estava fazendo precisamente a mesma coisa.

Muitos viram a transferência de soldados soviéticos para as fronteiras. Contudo, viram apenas parte do que estava acontecendo. Poucas pessoas chegaram a compreender o verdadeiro objetivo. A inteligência militar alemã sabia que o poder do Exército Vermelho estava se desenvolvendo, mas somente viu o primeiro escalão estratégico, sem a menor noção de que havia um segundo. Muitos marechais e generais soviéticos, excluindo aqueles diretamente envolvidos no planejamento e no comando do movimento das tropas, também não imaginavam o verdadeiro objetivo e, consequentemente, seu significado. Exatamente por esse motivo, mais tarde, muitos falaram livremente sobre o deslocamento das tropas. A falta de conhecimento da situação e a verdadeira escala de concentração das tropas soviéticas estavam longe de ser coincidência; Stálin tomou medidas draconianas para manter tudo em segredo. Sua mensagem da TASS foi uma dessas medidas. A transferência em si seria impossível esconder, mas a informação mais importante — sua dimensão e o propósito — ele conseguiu esconder de toda a nação com êxito e até mesmo das futuras gerações.

O coronel-general da Força Aérea A. S. Iakolev (na época, conselheiro pessoal de Stálin) atesta que "no fim de maio ou no início de junho" houve uma conferência no Kremlin sobre questões de sigilo.[4] As tropas foram informadas de que iriam para campos de treinamento, embora o alto comando soubesse que não haveria isso. Em uma guerra defensiva, ou antes de ela começar, não há necessidade de enganar os soldados — oficiais e subalternos têm uma ideia clara e precisa do objetivo: eis sua linha;

não deem nenhum passo para trás. Morram aqui, mas não deixem o inimigo passar! Se estivessem preparando uma operação de defesa, apelariam às tropas: "Sim, camaradas, a situação é tensa; tudo pode acontecer. Cavem trincheiras e fiquem nelas". Se as tropas, de fato, tivessem de escavar trincheiras, não faria diferença se o objetivo da transferência fosse contado antes ou depois da partida. No entanto, os oficiais soviéticos não foram informados antes nem depois. Uma tarefa diferente os esperava, a qual ficou oculta na época e continua até hoje.

Para que se compreenda o grau de sigilo da transferência das tropas, darei um só exemplo: um comandante de região e seu chefe do estado-maior não sabiam que outras tropas estavam sendo reunidas no território. O marechal da União Soviética M. V. Zakharov relatou:

> No começo de junho, o coronel P. I. Rumiantsev, chefe de comunicações militares da região de Odessa, veio ter comigo — eu chefiava o pessoal de Odessa — em meu gabinete e relatou confidencialmente que nos últimos dias soubera da passagem de *Annuchkas* pela estação de Znamenka, vindas da direção de Rostov; elas desembarcaram na região de Tcherkássi. *Annuchka* é um termo utilizado em comunicações militares, indicando uma divisão. Dois dias depois, recebi um telegrama de Tcherkássi, assinado pelo representante do comandante da região militar do norte do Cáucaso, M. A. Reiter; ele solicitava permissão para usar temporariamente o espaço de várias casernas em nossa região a fim de acomodar materiais que chegariam do norte do Cáucaso. Já que o pessoal da região militar de Odessa não fora informado sobre a concentração de tropas ali, eu contatei — usando linhas de alta frequência — o diretorado operacional do estado-maior.[5] O representante do diretorado, A. F. Anisov, veio ao telefone. Contei-lhe sobre o telegrama que eu havia recebido de Reiter e pedi esclarecimentos. Anisov respondeu que esse telegrama deveria ser imediatamente destruído; Reiter receberia as ordens adequadas do estado-maior; ao mesmo tempo, o pessoal da região não deveria se envolver nesse assunto.[6]

O comandante da região de Odessa, coronel-general I. T. Tcherevitchenko, também não sabia nada sobre as *Annuchkas*.

Alguns marechais soviéticos, incluindo Jukov, disseram que 28 divisões de rifles estavam deixando os territórios do interior do país. É verdade, mas só meia-verdade. O marechal A. M. Vassilévski enfatizou que 28 divisões apenas "lançaram as fundações para a execução do plano de concentração de tropas".[7] Vinte e oito divisões eram apenas o começo. Sabemos que houve continuidade, chegando a ultrapassar o número inicial, mas o marechal Vassilévski, depois de ter falado um pouco, silenciou e não deu nenhum número concreto. Se compilarmos todos os dados contidos

nos registros militares, descobriremos que, em maio e junho de 1941, sete exércitos saíram das regiões militares do interior para as fronteiras ocidentais.[8] Além disso, vários corpos independentes dirigiram-se para o oeste, incluindo o 9º corpo especial de rifles, o 31º corpo de rifles e o 27º corpo mecanizado. O número total de divisões transferidas foi 77, sem contar o enorme número de formações independentes, auxiliares e de combate.

Em 13 de junho de 1941, Molotov convocou o embaixador alemão e comunicou-lhe o texto da mensagem da TASS.[9] Esta afirmava que a Alemanha não queria atacar a URSS, e a URSS não queria atacar a Alemanha, mas "inimigos da Alemanha e da URSS, interessados em expandir a guerra" tentavam jogar um país contra o outro, espalhando provocações e boatos sobre uma guerra iminente. Na mensagem, as "forças inimigas" foram listadas por nome: "O embaixador britânico em Moscou, Mr. Kripps", "Londres" e "a imprensa inglesa". Nossa exploração do dia 13 de junho de 1941 não estaria completa se não voltássemos a atenção para Londres.

Seria razoável supor que, em 13 de junho, houve uma reunião em Londres entre o embaixador soviético, I. M. Máiski, e o ministro do exterior britânico, Anthony Eden. De fato, houve essa reunião; e, surpreendentemente, em atmosfera amigável. As discussões giraram em torno de um tema sério: as medidas que a Inglaterra tomaria para ajudar o Exército Vermelho "se, em um futuro próximo, começasse uma guerra entre URSS e Alemanha". Entre outras medidas específicas, trataram de operações militares da força aérea britânica, transferência de suprimentos militares e coordenação do comando entre os dois países.[10]

Em 13 de junho de 1941, os diplomatas de Stálin lançaram a pedra basilar do que logo seria chamado de "coalizão anti-Hitler". Do ponto de vista britânico, não havia nada errado nesse quadro; naquele momento, a Grã-Bretanha, envolvida em uma guerra contra Hitler, tinha todo o direito de discutir a possibilidade de juntar armas com qualquer governo.

No entanto, a União Soviética havia assinado um pacto de não agressão com a Alemanha e, imediatamente depois, um acordo de amizade. Se a liderança soviética achava que tais documentos já não serviam na situação vigente, deveria tê-los anulado. Entretanto, Stálin não fez nada disso: garantiu amizade a Hitler e, na mensagem da TASS, denunciou o embaixador britânico e a imprensa inglesa de "quererem expandir a guerra". Ao mesmo tempo, seguiam seu curso as conversações em Londres sobre uma aliança militar com a inimiga da Alemanha e as medidas militares específicas contra a Alemanha.

É surpreendente que, nas conversas em Londres, ambos os lados usavam a frase "se começar uma guerra", em vez de "se a Alemanha atacar". Em outras palavras, essas conversas não excluíram a possibilidade de que a guerra poderia começar não com um ataque alemão, mas de outro modo. É interessante que, nessas conversas

em Londres, o nome da URSS estava em primeiro lugar: "Se começar uma guerra entre URSS e Alemanha". As mesmas palavras foram usadas na mensagem da TASS: "Rumores de uma guerra iminente entre URSS e Alemanha". Por que não dizer de modo oposto, "entre Alemanha e URSS", se supostamente a Alemanha seria a agressora?

36

Exército Vermelho, uniforme preto do Gulag

Imediatamente após a divisão da Polônia, no outono de 1939, um grande número de tropas soviéticas foi transferido de suas regiões para territórios estratégicos das novas fronteiras. No entanto, os territórios não estavam adaptados à presença permanente de grande quantidade de tropas, especialmente com muitos equipamentos militares.

O *History of the Second World War** conta: "As tropas, nas regiões da fronteira ocidental, enfrentaram muitas dificuldades. Tudo tinha de ser construído e equipado: bases, pontos de suprimento, campos de pouso, sistemas rodoviários e linhas de comunicação".[1] A história oficial da região militar da Bielo-Rússia diz: "O deslocamento das unidades para a parte ocidental da Bielo-Rússia causou dificuldades consideráveis. [...] O pessoal do 3º, 4º e 10º exércitos [...] ocupavam-se com trabalhos de reparo, construindo quartéis, armazéns e casernas e, ainda, equipando locais de treinamento, tiro à distância e garagens de tanques. Os soldados estavam bastante estressados.[2] O coronel-general L. M. Sandalov relatou: "O movimento das tropas de região passou por imensas dificuldades. Havia pouquíssimos quartéis. [...] Para as tropas que não tinham casernas, escavaram-se trincheiras.[3]

Mais tropas continuavam a chegar. O general Sandalov explicou que, para abrigar todas as tropas em 1939-1940, usaram-se armazéns, quartéis e qualquer tipo de espaço. "Um grande número de tropas concentrou-se em Brest**. [...] Armaram-se beliches quádruplos nos andares inferiores dos quartéis."[4] O tenente-general V. N. Kurdiúmov, que chefiava o diretorado de treinamento em batalha do Exército Vermelho, disse, em dezembro de 1940, em uma reunião do comando, que os soldados muitas

* N.T.: História da Segunda Guerra Mundial. Publicação Voyenizdat.

** N.T.: Cidade da Bielo-Rússia.

vezes eram forçados a passar o dia realizando atividades domésticas em vez de treinar nas novas regiões.[5] Na mesma reunião o tenente-general I. N. Fiodorenko, chefe do diretorado de tanques e veículos, relatou que quase todos os tanques foram deslocados de suas posições entre 1939 e 1940, às vezes até três ou quatro vezes. Como resultado, "mais da metade das unidades que se mudaram para novos pontos não tiveram treinamentos extensivos".[6] Em 1939 e 1940, à custa de tremendos esforços, as tropas do primeiro escalão estratégico foram organizadas e instaladas. Entretanto, a partir de fevereiro de 1941 — no princípio lentamente, mas depois cada vez mais rápido — os sete exércitos do segundo escalão estratégico começaram a ser despejados nessas mesmas áreas. Nesse momento, ocorreu uma modificação que nem foi notada pelos historiadores: os soldados soviéticos deixaram de se preocupar com o modo como passariam o inverno seguinte. As tropas do primeiro escalão estratégico abandonaram as trincheiras e os quartéis inacabados para avançar até a zona fronteiriça. E estamos falando de todas as tropas.[7]

As tropas do segundo escalão estratégico, que vinham do interior do país, não usaram os quartéis inacabados e os campos abandonados pelo primeiro escalão. Os recém-chegados não planejavam passar o inverno ali, nem se prepararam para enfrentar o frio. Não escavaram trincheiras, não construíram dependências de treinamentos nem de tiro; nem mesmo escavaram valas.

Muitos documentos oficiais e memórias de generais e marechais soviéticos atestam que, nessa época, os exércitos alojavam-se em barracas. Em março de 1941, formou-se na região báltica a 118ª divisão do 16º corpo de rifles do 11º exército. Em maio, chegaram os reservas. A divisão instalou um acampamento temporário de verão, composto de muitas barracas, na região de Kózlova Rúda (a 45 ou 50 km da fronteira do país)*. Escudada pela mensagem da TASS, a divisão abandonou esse acampamento e dirigiu-se à fronteira. A tentativa de procurar qualquer sinal de preparativos para o inverno seria perda de tempo: a divisão não se preparava para passar o inverno ali. Nos arredores, a 28ª divisão de tanques também avançava, e o quadro era o mesmo. A atitude era a mesma em todas as divisões de tanques e nas recém-formadas divisões de rifles — ninguém mais receava o inverno. O marechal da União Soviética K. S. Moskalenko (na época, major-general e comandante da primeira brigada antitanques de artilharia motorizada da reserva do comando principal) recebeu uma incumbência do comandante do 5º exército, major-general M. I. Potápov: "Sua brigada começou a formar-se aqui. Você ocupará essa área da floresta e instalará um acampamento". E a poderosa brigada, de mais de seis mil homens, com mais de cem armas pesadas de até 85 mm de calibre, instalou o acampamento em três dias. Depois disso, iniciaram-se treinamentos intensivos, de oito a dez horas

---

* N.T.: Região da Lituânia; atualmente, seu nome é Kázlu Rúda.

diárias, sem contar os treinamentos noturnos, as tarefas domésticas, a manutenção de armas e os treinamentos de tiro.[8]

No entanto, onde esperavam passar o inverno? Em barracas, no frio da Rússia? Não seria mais confortável passá-lo na Europa central ou ocidental?

O major-general A. Zaporojtchênko deixou a seguinte descrição: "A fase final do posicionamento estratégico era o avanço secreto de grupos de ataque a fim de preparar o terreno para a invasão. Isso foi realizado no decurso de muitas noites antes do ataque. A cobertura desse avanço foi organizada por batalhões reforçados que previamente haviam marchado até a fronteira. Esses batalhões, antes da chegada das forças principais, tinham assumido o controle das áreas pré-distribuídas entre as divisões. A transferência da aviação começou nos últimos dias de maio e terminou em 18 de junho. Aviões de caça e de ataque terrestre concentraram-se nas bases aéreas até 40 km da fronteira, e os bombardeiros não ultrapassaram os 180 km".[9]

De acordo com essa descrição, apenas podemos nos surpreender com a data de 18 de junho. A aviação soviética não havia concluído ainda seu deslocamento, que começara apenas em 13 de junho, escudado pela mensagem da TASS. Então, por que o general mencionou 18 de junho? Na verdade, não se tratava do Exército Vermelho, mas da *Wehrmacht* alemã, onde acontecia a mesma coisa: as tropas também avançavam para as fronteiras à noite. Os batalhões de reforço foram enviados na frente. As divisões que chegavam eram instaladas em áreas preestabelecidas para o ataque; ou, simplesmente, eram escondidas nas florestas. Os dois exércitos inimigos eram um o espelho do outro; a única diferença estava nas datas. De início, as tropas soviéticas achavam-se na frente, mas Hitler conseguiu adiantar-se duas semanas, pois tinha muito menos tropas e estas deveriam percorrer distâncias menores. É interessante notar que, no início de junho, o exército alemão estava em posição bastante desfavorável: várias tropas avançavam em trens. As armas estavam em um trem; as bombas, em outro. Os batalhões desembarcavam onde não havia oficiais, e os oficiais desembarcavam onde não havia soldados. Não existiam linhas de comunicação, porque, por razões de segurança, muitas frequências de rádio foram proibidas. As tropas alemãs também não prepararam trincheiras nem linhas de tiro.

Porém, a semelhança mais importante era a enorme quantidade de suprimentos, tropas, aviação, hospitais, oficiais e bases aéreas, tudo nas fronteiras soviéticas. Poucas pessoas conheciam o plano de ação, mantido em extremo sigilo. Tudo o que o Exército Vermelho fez, que nós tachamos de estupidez, fora feito duas semanas antes pela *Wehrmacht* alemã. Não era estupidez, mas preparativos de invasão.

O que deveria acontecer após a concentração do segundo escalão estratégico das tropas soviéticas nas regiões ocidentais do país? A resposta fora dada muito antes do início da Segunda Guerra Mundial. O general V. Sikórski declarou: "O aguardo estratégico não pode continuar depois que todas as forças forem mobilizadas e a

concentração das tropas for concluída".[10] Isso foi dito pelo chefe do estado-maior do exército polonês, no livro *A futura guerra*, de 1936. Entretanto, em obediência a uma decisão do estado-maior soviético, o livro foi publicado em Moscou para comandantes soviéticos. Foi publicado porque a ciência bélica soviética havia chegado à mesma conclusão: "Nas condições modernas, a pior ideia, nos estágios preliminares de uma guerra, é tentar usar a tática da espera".[11]

O avanço do segundo escalão estratégico não foi uma reação à atitude de Hitler. A criação desse escalão começara antes do grande deslocamento das tropas alemãs para a fronteira soviética. O movimento do segundo escalão foi uma operação ferroviária em que extensivas preparações e longo planejamento foram necessários. O marechal S. K. Kurkotkin afirmou que o estado-maior transferiu todos os documentos relacionados aos movimentos das tropas para o comissariado popular de transportes, em 21 de fevereiro de 1941.[12] Entretanto, o estado-maior também precisava de tempo para preparar esses documentos de forma detalhada; era necessário emitir ordens precisas sobre quando, onde e qual transporte deveria ser fornecido; de que modo poderiam manter em segredo o carregamento e a transferência; quais rotas usar e quais áreas deveriam ser preparadas para receber as tropas. A fim de preparar tudo isso, o estado-maior tinha de determinar exatamente quais tropas deveriam ser convocadas, onde e em que momento. Significa que a decisão de criar o segundo escalão estratégico, o planejamento de seu deslocamento e o uso em batalha certamente ocorreu algum tempo antes.

O processo de criar formações de tropas em regiões do interior e transferi-las para as fronteiras ocidentais iniciou-se em 19 de agosto de 1939, com uma decisão do Politburo; nunca parou e foi ganhando força devagar. Eis um exemplo: a região militar do Ural. No fim de agosto de 1939, a 85ª divisão foi formada; em setembro do mesmo ano, foi a vez da 159ª divisão. Sabemos que a 85ª divisão, em 21 de junho de 1941, estava em plena fronteira alemã, na região de Augustow*, onde o NKVD cortava o arame farpado para passar. A 159ª divisão também estava na fronteira, na região de Rava-Russkaya**, com o 6º exército. No mesmo mês de setembro de 1939 e na mesma região do Ural, criaram-se duas divisões de rifles, a 125ª e a 128ª. Pouco depois, elas encontravam-se nas fronteiras alemãs. Além disso e de acordo com fontes soviéticas, a 125ª localiza-se "na fronteira imediata" da Prússia do leste. A região do Ural formou outros regimentos e divisões — e todos, esgueirando-se em silêncio, avançaram para a fronteira.

Após a invasão alemã, o segundo escalão estratégico (e o primeiro também) foi usado para defesa. No entanto, isso não quer dizer que ele foi criado com tal

---

* N.T.: Cidade da Polônia.

** N.T.: Cidade da Ucrânia, fronteira com a Polônia.

propósito. O general M. I. Kazakov disse, a respeito do segundo escalão: "Depois de iniciada a guerra, seu uso teve de sofrer mudanças radicais".[13] O major-general V. Zemskov foi mais preciso: "Fomos forçados a usar essas reservas, não para atacar, como planejado, mas para defender".[14] O general S. P. Ivanov afirmou: "Se as tropas do primeiro escalão estratégico tiveram êxito em [...] transferir a ação de batalha para o território inimigo antes do posicionamento das forças principais, o segundo escalão estratégico teve de incrementar os esforços do primeiro escalão e desenvolver um contra-ataque, de acordo com o plano estratégico geral".[15] O termo "contra-ataque" não deve causar confusão. O Exército Vermelho sempre fazia um "contra-ataque".

O tenente-general S. A. Kalinin discorreu sobre a disposição do segundo escalão estratégico. Antes de iniciar o secreto deslocamento para o oeste, ele preparou as tropas da região militar da Sibéria (mais tarde, foram transformadas no 24º exército) para ação. No decurso dos treinamentos, o general ouviu a opinião de seus oficiais: "Provavelmente, também não precisaremos de fortificações. Afinal, estamos nos preparando para invadir, e não para defender. Vamos atacar o inimigo no território dele".[16] Todos os exércitos tinham se preparado para lutar "em território inimigo". O comandante do 16º exército do segundo escalão estratégico, tenente-general M. F. Lukin, não disse exatamente em qual território ele pensava lutar com seu exército em 1941. De qualquer forma, não seria em território soviético: "Planejamos lutar em território inimigo".[17] Na mesma página do jornal soviético em que Lukin foi citado, o marechal A. M. Vassilévski enfatizou aquilo que deveríamos acreditar em Lukin: "Há muita verdade dura em suas palavras." Por outro lado, Vassilévski era mestre de batalhas "em território inimigo." Foi ele quem comandou o ataque-surpresa sobre as tropas japonesas na Manchúria em 1945, demonstrando como realizar um ataque repentino e traiçoeiro sobre a retaguarda do inimigo, enquanto este se encontrava ocupado com a guerra nas linhas de frente.

Tanto pela experiência como pela teoria, o alto comando soviético sabia que nenhuma divisão poderia, de forma despreparada, passar o inverno na floresta. Um soldado aguenta quaisquer condições de inverno; esse não era o problema. Porém, perto das fronteiras ocidentais, não havia instalações de tiro, campos de treinamento, tanques de reserva nem condições para realizar treinamentos. As tropas precisavam entrar em batalha imediatamente, ou a redução no nível de preparo bélico se tornaria um problema. O alto comando soviético sabia que os culpados seriam encontrados; sabia qual seria o destino dos culpados e, mesmo assim, enviou quase todo o Exército Vermelho para áreas onde não havia condições de treinamento. O alto comando soviético não temia a fúria de Stálin, porque o avanço não pusera em perigo o preparo bélico das tropas. Estacioná-las sob essas más condições fora planejado apenas para um curto espaço de tempo, após o qual o Exército Vermelho avançaria rumo ao oeste a fim de atacar.

Stálin não teve escolha; não podia chamar de volta os exércitos. Muitos exércitos e corpos criados na primeira metade de 1941 não tinham nem para onde voltar. Outra transferência de tropas exigiria mais muitos meses e paralisaria todo o sistema ferroviário, além de provocar uma catástrofe econômica. E que sentido teria passar meio ano reunindo tropas para dispersá-las no meio do ano seguinte? Mesmo que a dispersão imediata tivesse começado depois da total concentração, o processo não seria concluído antes da chegada do inverno. Além disso, Stálin manteve estritamente confidencial o processo de criação e a transferência do segundo escalão estratégico para o oeste. Esse segredo seria mantido, caso ele deixasse os exércitos nas florestas fronteiriças durante várias semanas?

Se o Exército Vermelho não podia voltar nem permanecer nas regiões da fronteira por muito tempo, o que lhe restava fazer? Para responder, precisamos analisar a opinião de Stálin: "Em uma condição em que estivermos cercados pelo inimigo, tudo poderá ser decidido com um ataque repentino de nosso lado, com uma manobra imprevista e com rapidez".[18] Em qualquer processo grandioso haverá um momento crítico, após o qual não haverá volta. Para a União Soviética, esse momento chegou em 13 de junho de 1941. Depois dessa data, a guerra tornou-se inevitável para a União Soviética e teria de começar no verão de 1941, independentemente da atitude de Hitler.

No segundo escalão estratégico, que Stálin continuava a transferir em segredo para a fronteira, havia divisões inteiras e, às vezes, até corpos inteiros de soldados de uniforme negro. Havia muitos deles, o bastante para que a inteligência militar alemã os notasse e os apelidasse de "negros". Um exemplo era o 69º corpo de rifles do 20º exército, mas esse não era o único. O 63º corpo do 21º exército também figura nos documentos alemães como "corpo negro". O comandante do 63º corpo de rifles era o *Komkor* (comandante de corpo) L. G. Petróvski. Durante a guerra, o Komkor Petróvski lutou com dignidade e coragem, demonstrando sua capacidade de bom estrategista em batalha. Em 31 de julho de 1941 ele foi promovido a tenente-general, recebendo o comando do 21º exército, no momento em que o 63º corpo de rifles, depois de dura batalha, foi cercado pelo inimigo. Stálin ordenou-lhe que deixasse o 63º corpo cercado e assumisse o comando do 21º exército. Petróvski solicitou um adiamento da ordem por alguns dias, e o avião por ele enviado retornou com soldados gravemente feridos a bordo. Petróvski livrou seu "corpo negro" do cerco e, mais uma vez, voltou à retaguarda inimiga para tirar outra divisão do cerco, a 154ª divisão de rifles, que estava sob o comando do major-general S. Fokanov. Nessa batalha contra o cerco, Petróvski foi ferido mortalmente. Os soldados alemães, assim que descobriram e reconheceram o corpo de Petróvski no campo de batalha, deram ao general soviético um funeral com todas as honras militares. A imensa cruz que foi plantada em seu túmulo trazia a seguinte inscrição em alemão: "Tenente-general Petróvski, comandante do 'corpo negro'".

O uniforme negro incomum foi visto pela inteligência alemã também em outras unidades do segundo escalão estratégico. Quando esse uniforme passou a prevalecer sobre o uniforme de cor habitual verde, os regimentos, as divisões e, por vezes, os corpos inteiros receberam o apelido de "negro". O 24º exército do segundo escalão estratégico, deixando em segredo a Sibéria, não foi exceção. Durante a batalha, muitos de seus corpos e divisões também foram apelidados de "negros" pelos alemães. No fim de junho, os trens desse exército estendiam-se em caravana por milhares de quilômetros. Nessa época, o tenente-general S. A. Kalinin, que era seu comandante, já estava em Moscou, lidando com o problema de como alimentar o exército inteiro. Após as primeiras batalhas, o 24º exército caiu nas mãos certas: o major-general do NKVD, Konstantín Rakutin, assumiu o comando, enquanto o tenente-general Kalinin voltou para a Sibéria. Kalinin, sob ordens de Stálin, formou dez novas divisões. Contou ele: "Unidades foram formadas em locais que antes não tinham nenhuma formação militar. Comecei meu trabalho visitando essas áreas. O primeiro voo foi a uma das cidades da Sibéria. Alguns anos antes da guerra, nas densas florestas da região, uma série de edifícios grandes fora construída para os lenhadores. Eles foram usados para abrigar as unidades que comecei a formar. Essa pequena vila era cercada, quase que totalmente, por uma taiga impenetrável".[19] Todas as informações sobre "vilas de alojamento para lenhadores" podem ser encontradas nos três volumes do livro de Alexander Soljenítsin, *O arquipélago Gulag*. Como resultado, dez novas divisões (mais de 130 mil homens) concentraram-se na região militar siberiana, e não em locais previamente estabelecidos para unidades militares, mas em "vilas de alojamento". Esses homens eram prisioneiros soviéticos; por isso, os regimentos e as divisões desse exército, bem como outros exércitos do segundo escalão estratégico, tinham uniformes pretos: os "lenhadores" não ganhavam frequentemente uniforme militar. Foi por esse fato também que Stálin substituiu o comandante do 24º exército pelo "tchekista" Rakutin.[20]

Os exércitos do segundo escalão estratégico, que incluíam as divisões e os corpos "negros", começaram a se formar em junho de 1941 e logo deslocaram-se para o oeste, no dia 13 do mesmo mês. As tropas alemãs encontraram as divisões e os corpos "negros" no início de julho de 1941. Todos os exércitos do segundo escalão estratégico foram criados especificamente com o objetivo de chegar de surpresa nas fronteiras ocidentais, e cada um foi instalado em uma rota ferroviária de importância. Todos formaram-se nas vizinhanças dos campos de concentração; seus homens, habituados a receber ordens, não pediam muito. Era mais fácil tirar homens dos campos de trabalho forçado que das vilas — eles já estavam reunidos em um único lugar e organizados em brigadas; o mais importante é que seria impossível tirar os homens das vilas sem provocar boatos de mobilização e guerra. Stálin precisava que tudo fosse feito de modo calmo e em sigilo total. Foi por isso que ele redigiu a mensagem da

TASS. Em virtude desse fato, os homens foram levados, a seu tempo, aos campos de concentração, treinados e disciplinados para um dia irem à linha de frente, em silêncio e sem reclamações. Se, no início de julho, o exército alemão encontrou divisões e corpos cheios de prisioneiros vindos dos distantes Urais e das províncias da Sibéria e do Trans-Baikal, isso significa que Stálin pusera armas nas mãos dos prisioneiros antes de 22 de junho de 1941. A principal pergunta que o comando alemão teria de responder era: "Se não atacarmos, o que fará Stálin? Tirará as armas desses prisioneiros, serão devolvidos ao Gulag ou enviados a seus lares? Ou, talvez, Stálin tenha outras ideias para utilizar os prisioneiros armados, uma vez que eles se concentravam em segredo nas fronteiras alemãs?"

37

Alinhamento militar

Hitler, acuado e cheio de medo, decidiu virar-se para leste em junho de 1941 e atacar a União Soviética.

Basil Henry Liddell Hart

Em setembro de 1939, como resultado da "guerra da libertação" do Exército Vermelho na Polônia, a nova fronteira ocidental da União Soviética avançou de tal modo que o chamado bolsão de Byelostok* se formou na Bielo-Rússia — uma poderosa cunha que, como a proa de um navio, invadiu o território ocupado pela Alemanha. O mesmo fato aconteceu na região de Lvov, onde se formou outra poderosa cunha de território soviético. Os bolsões de Byelostok e Lvov** eram duas verdadeiras penínsulas soviéticas no mar alemão. A lógica mais básica ditava: se o Exército Vermelho tencionava defender-se, não poderia manter tropas nos bolsões de Byelostok e Lvov. Já nos tempos de paz, as tropas do inimigo cercavam o exército soviético pelos três lados dos bolsões. Os flancos soviéticos eram abertos e vulneráveis. Um ataque repentino e decisivo da Alemanha nos flancos desses bolsões cortaria a comunicação entre as melhores unidades do Exército Vermelho e as forças principais, incluindo as bases de suprimento. No evento de uma invasão inimiga, tal posicionamento das tropas soviéticas levaria a uma catástrofe inevitável e imediata.

Foi exatamente o que aconteceu em 1941. Antes da invasão alemã no território da região militar de Kiev, a mais poderosa linha de batalha soviética estava posi-

---

* N.T.: Nos atlas do Brasil, Bialystok; em russo, Byelostok. Cidade do nordeste da Polônia, quase divisa com a Bielo-Rússia.

** N.T.: Cidade da Ucrânia; antes era polonesa.

cionada: era a frente sudoeste. E, dessa frente, os três melhores exércitos estavam localizados no bolsão de Lvov. Em tempo de paz, esses três exércitos já estavam praticamente cercados. Hitler apenas teria de fechar a armadilha. Em 22 de junho, o 1º grupo alemão de tanques, que era bastante fraco, atacou Lutsk, Róvno e Berdítchev*, isolando rapidamente os três exércitos soviéticos no bolsão de Lvov: 12º (montanhês), 6º e 26º. O 1º grupo de tanques, encontrando espaço operacional aberto e desprotegido, avançou imediatamente até a retaguarda soviética, esmagando bases aéreas, casernas e hospitais. Ali, na retaguarda, encontrou tremenda quantidade de armas soviéticas, combustível, munição, mantimentos e medicamentos. Os alemães conseguiram troféus memoráveis. Os três exércitos soviéticos, confinados no bolsão de Lvov, depararam-se com um problema que tinha duas soluções, ambas catastróficas: ficar na armadilha e esperar que o 1º grupo de tanques fechasse totalmente o cerco, ou fugir para o leste, abandonando tudo o que não podia ser carregado. Ficaram com a segunda opção: fugiram. Logo estavam sem combustível nem munição. A invencível frente sudoeste soviética desmoronara diante de um único e fraco golpe. E não foi tudo: esse mesmo golpe poderia ameaçar a frente sul inteira.

Depois de tomar aquele espaço aberto, o 1º grupo de tanques alemão estava livre para escolher qualquer direção: todas as estradas estavam abertas. Poderia atacar a retaguarda da frente sul ou dirigir-se a Kiev. Se Kiev estivesse defendida, em vez de engajar-se em uma batalha, o grupo alemão poderia destruir as áreas produtoras de metal da Ucrânia: Dnepropetrovsk, Dneprodzerdjínsk, Zaporójie. Uma vez ali, os alemães poderiam alcançar a Crimeia. Poderiam ir às bases da frota do Mar Negro para tomá-las, ou poderiam tomar a maior usina hidroelétrica da Europa, a Dnepro-GES**. Poderiam atravessar o Dnieper e tomar Donbass, a maior região carbonífera da União Soviética. Ainda seria possível continuar até o norte do Cáucaso, em busca da principal fonte de petróleo da União Soviética. No entanto, Hitler preparava-se para a guerra de modo muito estranho: tantas estradas abertas, e ele tinha apenas um grupo de tanques contra Ucrânia, Moldávia, Crimeia, Donbass, Don, norte do Cáucaso e Trans-Cáucaso — com apenas 799 tanques obsoletos e desgastados. O 1º grupo de tanques enfrentou duras batalhas na margem oeste do Dnieper; depois cruzou esse rio e reuniu-se com o 2º grupo de tanques. Foi assim que quatro exércitos soviéticos viram-se cercados; os alemães fizeram 664.000 prisioneiros e, com eles, enorme quantidade de armas e suprimentos. Entretanto, pagaram pelo grandioso butim, porque perderam o ritmo do ataque. Esses eventos aconteceram em setembro, e não havia como avançar para Moscou antes de outubro — o que significava chuvas, granizo e lama. Nenhuma *Blitzkrieg* seria possível nos últimos meses de 1941.

---

* N.T.: Três cidades da Ucrânia.

** N.T.: Sigla russa de Estação hidroelétrica do Dnieper.

Na Bielo-Rússia, o Exército Vermelho enfrentava revés ainda maior. A frente ocidental tinha quatro exércitos e suas forças principais estavam concentradas no bolsão de Byelostok. Dois grupos de tanques alemães fulminaram os flancos indefesos e entraram a leste de Minsk. O 3º e o 10º exércitos, mais parte do 4º e do 13º — que juntos somavam quase 30 divisões — ficaram isolados. A frente ocidental desintegrou-se ainda mais rapidamente que as frentes sudoeste e sul somadas. Seria possível que, antes da guerra, o general Jukov não tivesse entendido que não daria para tanger tamanha quantidade de tropas para bolsões, os quais acabariam se transformando em armadilhas?

A resposta foi dada por um dos mais brilhantes militares soviéticos, o segundo comandante da frente Volkhov, tenente-general Andrei Vlássov. Em 22 de junho de 1941, ele era major-general e comandava o 4º corpo mecanizado do bolsão de Lvov. Em 1942, Vlássov recebeu ordens de comandar o 2º exército de choque, que se encontrava em posição desesperadora. Vlássov deveria finalizar uma operação que ele não havia preparado nem iniciado, a qual fracassara. O 2º exército de choque não poderia ser salvo e acabou perecendo; Vlássov foi feito prisioneiro. Em um protocolo do interrogatório de 8 de agosto de 1942, consta o seguinte registro: "Com relação à possibilidade de que Stálin tivesse intenção de atacar a Alemanha, Vlássov declarou que essa intenção, sem dúvida, existia. A concentração de tropas na região de Lvov indica que um ataque à Romênia estava sendo planejado — em direção às fontes petrolíferas. [...] O Exército Vermelho não estava preparado para a invasão alemã. Apesar de todos os boatos sobre operações alemãs, na União Soviética ninguém acreditava nessa possibilidade. Durante os preparativos, os russos apenas pensavam em uma ofensiva".[1] E não há outra explicação para a concentração de tropas soviéticas nos bolsões de Lvov e Byelostok.

Quarenta e nove anos mais tarde, a mesma explicação foi dada pelo representante do estado-maior das forças militares soviéticas, o general Makhmút Gareev: "Um grande ataque ao flanco do alinhamento principal das tropas inimigas, realizado na direção da Cracóvia, faria com que cortássemos a ligação entre a Alemanha e os Bálcãs logo no início da guerra, privando-a do petróleo romeno e separando-a dos aliados. Por outro lado, o ataque em ambos os flancos das frentes oeste e noroeste levou-nos a enfrentar condições difíceis contra posições extremamente bem-defendidas à leste da Prússia, onde o exército alemão poderia resistir com maior ferocidade. Condições totalmente diferentes e, consequentemente, objetivos distintos teriam surgido se o plano estratégico fosse de operações defensivas para rechaçar quaisquer agressões no início da guerra. Nesse caso, sem dúvida, seria mais vantajoso posicionar as forças principais na faixa da frente ocidental. Porém, esse desvio de ação estratégica não fora planejado".[2]

Comparemos as opiniões de dois generais. Ambos dizem a mesma coisa: não havia preparação para defesa, mas apenas para ataque, e seria uma ofensiva na direção

sudoeste (ou seja, a partir do bolsão de Lvov), com o objetivo de isolar a Alemanha dos fornecedores de petróleo e dos principais aliados. Quem localizar no mapa os exércitos de choque soviéticos, os corpos mecanizados e de aerotransportados, as bases aéreas, os oficiais e os generais de Jukov, será obrigado a reconhecer — mesmo sem o testemunho de Vlássov e Gareev — que tal posicionamento das tropas nos bolsões, direcionadas ao inimigo, somente poderia conduzir à catástrofe, caso houvesse uma invasão inimiga; também conduziria a uma brilhante vitória, caso o Exército Vermelho fosse o primeiro a atacar.

Entre o Mar Báltico e o Mar Negro localizam-se os impiedosos pântanos da Polésia. Essa é uma área de enormes pântanos na Europa, os quais dividiam o teatro de operações militares em duas regiões, em duas direções estratégicas. Um inimigo que viesse do oeste em direção à Rússia deveria escolher a direção de seu maior ataque: poderia ir ao norte ou ao sul da Polésia. Tradicionalmente, conquistadores que avançassem do oeste iriam para o norte da Polésia em busca da rota direta para Moscou: Varsóvia – Brest – Litóvsk – Minsk – Smolénsk. A questão perante os estrategistas de Hitler era onde lançar o ataque principal; seria no norte ou no sul da Polésia? Eles decidiram que o ataque primário deveria ser no norte, e o secundário, no sul. Em 1941, Hitler tinha quatro grupos de tanques; três deles foram destinados à ação no norte da Polésia e um seguiu para o sul.

A inteligência militar soviética sabia da concentração de tropas alemãs e também de três grupos de tanques que agiriam contra as áreas do Báltico e da Bielo-Rússia, enquanto apenas um atacaria a Ucrânia. O que o comando soviético deveria ter feito? Já que os alemães prepararam o ataque primário no norte dos pântanos, as forças principais do Exército Vermelho também deveriam estar posicionadas nessa região — na direção oeste. Mesmo que a inteligência soviética nada soubesse sobre os planos de Hitler, as forças principais deveriam permanecer na direção oeste. Até mesmo para o oficial de mais baixa patente era óbvio que a rota direta para Moscou passava por Bielo-Rússia e Smolensk.

O alinhamento de tropas é, de modo simbólico, o mesmo que a posição das peças de xadrez no tabuleiro. O estado-maior é o cérebro do exército; e seu chefe é o general mais capaz e astuto de todo o exército. A partir de fevereiro de 1941, Jukov era o chefe do estado-maior. Eis a situação que estamos examinando: em 22 de junho, os alemães lançaram o ataque primário ao norte da Polésia e esmagaram os exércitos soviéticos do bolsão de Byelostok, de onde grupos de tanques alemães poderiam se dirigir a Smolénsk e Moscou. Enquanto isso, as forças principais de Jukov não estavam nessa região, mas no sul da Polésia. A maior ameaça vinha do norte dos pântanos. Os conquistadores do Ocidente sempre avançaram para o norte, mas Jukov dispôs seu alinhamento para o sul.

As consequências desse posicionamento foram catastróficas. Para desviar o ataque sobre Moscou, o Exército Vermelho precisou enviar, com urgência e sob pesados

raides dos bombardeiros inimigos, trens lotados de divisões, corpos e exércitos que saíram da frente sudoeste rumo à frente ocidental. Nessa região e novamente sob pesado bombardeio, os trens foram descarregados, e as tropas entraram direto na batalha. O fato é que o 16º exército tinha avançado da região Trans-Baikal para a Ucrânia, ou seja, sul da Polésia. O exército mal havia começado a desembarcar quando a invasão alemã caiu como um raio. Os soldados viram-se forçados a voltar para os trens e seguir várias centenas de quilômetros para o norte. Os homens do 16º exército chegaram a Smolénsk e começaram a desembarcar, mas o batalhão de comunicações não pôde ser localizado. Sem comunicação, é impossível comandar as tropas. O exército inteiro ficou sem comando, o que podemos chamar de "exército sem cabeça". Nisso, o culpado não fora Stálin, mas Jukov, que em maio e no princípio de junho mandou deslocar grande parte dos exércitos do segundo escalão estratégico para o sul da Polésia, em vez de enviá-los para o norte.

Esse é apenas um exemplo; há muito mais. O 19º exército foi deslocado em segredo do norte do Cáucaso para a Ucrânia, ou seja, sul da Polésia. Ele também começou a desembarcar; mas recebeu ordens de voltar aos trens e seguir para Smolénsk. E a mesma história se repetiu: a artilharia desembarcou em um lugar, enquanto os trens com bombas ainda não haviam chegado. Os tanques estavam na região, mas as equipes de reparo não tinham chegado. Os oficiais de divisão estavam lá, mas suas tropas ainda não haviam chegado. No que pensava o general Jukov antes da invasão alemã? Por que, antes da guerra, a mais forte região militar soviética não era a região ocidental, a qual era a área mais ameaçada, e sim a região de Kiev? Se Jukov estivesse pensando em defesa, decerto teria posicionado as unidades mais poderosas nas áreas de maior ameaça — o norte da Polésia.

Entretanto, Jukov não pensou em defesa nem planejava se defender. Há vários testemunhos de que pouco antes da invasão, Jukov, Vatútin, Vassilévski e todos os generais e oficiais do estado-maior trabalharam 16, 17 horas por dia, sem finais de semana nem feriados. "As áreas onde se concentraram os principais esforços não foram escolhidas pelos comandantes soviéticos no interesse de operações estratégicas defensivas (essas operações simplesmente não foram previstas nem planejadas), mas para outros tipos de ação, inteiramente diferentes", escreveu Gareev.[3]

Se estamos nos preparando para um ataque-surpresa e com força esmagadora à Alemanha e a seus aliados, também precisamos escolher a direção do ataque primário: norte ou sul da Polésia. Se atacarmos ao norte, estaremos logo no leste da Prússia, muito bem fortificada e habitada por alemães, que naturalmente resistirão. Nessa área, só poderíamos avançar de leste a oeste ao longo das margens do Mar Báltico; assim, todos os rios e riachos teriam de ser cruzados nas correntes de curso inferior, quase nas embocaduras. Entre esses rios, há duas poderosas barreiras hídricas: o Vístula e o Oder. Do meio para baixo, eles são extremamente difíceis de cruzar. Entretanto, se

atacarmos pelo sul da Polésia, o quadro muda. Nesse caso, o Exército Vermelho chegaria à região da Cracóvia habitada por poloneses. Estes, após dois anos de ocupação alemã, receberiam qualquer outro exército com flores e promessas de ajuda. Nessa região, nas planícies polonesas, não haveria fortificações inexpugnáveis. Não seria necessário muito esforço para cruzar os rios, cujo curso superior não era difícil de transpor. Se o ataque fosse feito pelo sul da Polésia, o exército teria o flanco esquerdo defendido pelas montanhas da Eslováquia, especialmente pelos Montes Tatra, de até 2.500 metros de altura. As tropas em marcha somente teriam de se preocupar com a segurança de um flanco; o outro estaria defendido.

Um ataque à Cracóvia, a partir de Lvov, dividiria a coalizão de Hitler, isolando a Alemanha de seus aliados do leste: Eslováquia, Hungria, Romênia e Bulgária. Um ataque ao sul da Polésia — e este é o ponto mais importante — separaria a Alemanha de sua fonte primeira de petróleo, a Romênia. A realização desse único ataque asseguraria imediatamente a vitória da União Soviética na Segunda Guerra Mundial. Depois da região da Cracóvia, o melhor seria virar-se para o norte. Nesse caso, as tropas do Exército Vermelho poderiam avançar livremente até o Mar Báltico, cortando a ligação do exército inimigo com Berlim e regiões internas da Alemanha. Isso formaria um corredor no qual o Exército Vermelho não seria ameaçado: à esquerda, as divisões, os corpos de batalha e os exércitos soviéticos em marcha ficariam protegidos pelo Rio Oder até o mar; e à direita, pelo Rio Vístula. Um contra-ataque alemão seria impossível nessa região. Era isso, precisamente, que Stálin estava preparando na primeira metade de 1941. O plano dessa operação é um quadro estratégico de beleza diabólica.

38

O alerta de Churchill e a reação de Stálin

> Podemos confiar em Churchill a esse respeito? Ele está interessado em ver-nos em guerra com os alemães o mais cedo possível. Não é isso?
>
> ***Viatcheslav Molotov,***
> em *Molotov: senhor de meio reino*

Por mais de meio século, os historiadores têm afirmado que Churchill avisou Stálin sobre a iminente invasão alemã, e que Stálin ignorou esse alerta. Talvez devamos abrir uma questão diferente: Por que Stálin deveria acreditar em Churchill?

Churchill era um dos mais importantes líderes políticos do mundo e, já em 1918, compreendera a grande ameaça do comunismo. Na tentativa de ajudar o povo russo a livrar-se desse regime, ele investira esforço considerável. Sua intervenção não foi suficiente, mas ainda assim, Churchill fez mais pela eliminação do comunismo que qualquer líder da época. Era inimigo declarado dos comunistas e nunca escondeu isso. No entanto, de repente em 1941, Churchill apressou-se para avisar Stálin, o mais poderoso comunista do mundo, que Hitler representava um perigo para a União Soviética.

Do ponto de vista soviético, Churchill só teria um motivo político: desviar o ataque alemão para qualquer país que não fosse a Inglaterra. Mesmo antes de a Segunda Guerra Mundial começar, em 19 de março de 1939, no 18º Congresso do Partido Comunista, foi abertamente declarado que a Grã-Bretanha queria provocar uma guerra entre a União Soviética e a Alemanha, enquanto permaneceria do lado de fora da batalha. Não sabemos se essa era, de fato, a intenção de Churchill, mas foi exatamente assim que Stálin interpretou cada ação das autoridades e dos diplomatas britânicos.

Como o almirante N. G. Kuznetsóv propôs, "Stálin, certamente, tinha razões mais que suficientes para pensar que a Inglaterra e a América procuravam fazer com que a União Soviética batesse de frente com a Alemanha".[1] Ao receber uma carta de Churchill, Stálin, sem abri-la, poderia adivinhar o conteúdo.

Para entender as suspeitas de Stálin quanto às cartas de Churchill, devemos examinar a situação estratégica na Europa. Concentração de poder contra fraqueza era o princípio fundamental da estratégia. A Alemanha não pôde aplicar tal princípio na primeira guerra, porque lutou em duas frentes. As tentativas de concentrar grandes forças em uma frente conduziam automaticamente ao enfraquecimento da outra frente — e o inimigo imediatamente explorava essa fraqueza. O resultado é que a Alemanha precisou renunciar à estratégia da destruição, em favor da única alternativa, uma estratégia de desgaste. No entanto, os recursos da Alemanha eram limitados, em comparação com os recursos dos inimigos. Uma guerra de desgaste só poderia terminar em desastre para a Alemanha.

Tanto o estado-maior alemão como o próprio Hitler entendiam que uma guerra com duas frentes de batalha seria péssimo para a Alemanha. Em uma reunião do alto comando das forças armadas alemãs, em 23 de novembro de 1939, Hitler declarou que uma guerra contra a União Soviética somente poderia começar depois de terminada a guerra no Ocidente. Em 1939 e 1940, a Alemanha lutou constantemente em apenas uma frente. Seu estado-maior sabia utilizar brilhantemente o princípio de concentração, jogando primeiro o enorme poder militar germânico contra um inimigo e, depois, contra outro. O principal problema da estratégia alemã estava em evitar que abrissem a guerra em uma segunda frente. Enquanto lutaram em uma única frente, os alemães alcançaram vitórias memoráveis. Duas frentes, porém, significariam abandonar todos os princípios estratégicos, regredindo da estratégia do fulminante para a estratégia do desgaste. Isso seria o fim da *Blitzkrieg*; o desastre.

Em 1940, com relação à estratégia, Churchill talvez tenha sonhado que a guerra da Alemanha, com uma frente de batalha, se transformaria em uma guerra de duas frentes. Era a única forma de salvar a Grã-Bretanha. Em maio de 1940, o exército britânico sofreu uma derrota fragorosa, sem precedentes na história. As divisões de tanque alemãs avançaram pelo Canal da Mancha e cercaram 40 divisões britânicas, francesas e belgas na costa de Dunquerque. As tropas britânicas conseguiram evacuar para a Grã-Bretanha, saindo da França no início de junho de 1940, mas as perdas foram tremendas. Deixaram todo o equipamento militar na costa francesa, todos os tanques, reboques de artilharia, 63.000 veículos e mais de meio milhão de toneladas de munição e suprimentos. As baixas do exército britânico ultrapassaram os 68.000 homens. Depois de deixar o continente, o exército britânico viu-se praticamente sem armas pesadas. Restaram menos de cem tanques obsoletos nas Ilhas Britânicas.[2]

A Bélgica capitulou em 28 de maio. A França foi vencida em 22 de junho de 1940. As tropas de Hitler atingiram as praias do Atlântico e tomaram bases navais de enorme valor estratégico. A partir daí, a pirataria de barcos-U alemães cresceu violentamente nas rotas marítimas. A Inglaterra, nação-ilha, deparou-se com a ameaça do bloqueio naval e da pior crise múltipla: de comércio, indústria e finanças. Mais: a máquina militar alemã, que nessas alturas parecia invencível, preparava-se rapidamente para desembarcar nas Ilhas Britânicas. Foi nesse clima que Churchill escreveu para Stálin, em 25 de junho de 1940. Em 30 de junho, as forças armadas alemãs capturaram Guernsey, uma das ilhas do Canal da Mancha. Em quase mil anos de história inglesa, esta foi a primeira vez, desde 1066 — ou seja, após a Conquista Normanda — que um inimigo capturou parte das Ilhas Britânicas. O que aconteceria depois? A ocupação alemã da Inglaterra? Guernsey fora tomada sem resistência. Quanto tempo a Grã-Bretanha resistiria?

Stálin recebeu a mensagem de Churchill no dia seguinte à tomada de Guernsey. Quais seriam os interesses de Churchill? Salvar o império britânico ou a ditadura da União Soviética? Para Stálin, Churchill não era um observador imparcial que, por sentimento de amizade, mandara-lhe um alerta de perigo, mas alguém que precisava desesperadamente de ajuda e aliados nesse conflito contra um inimigo temível. Portanto, Stálin desconfiou muito das cartas de Churchill.

Churchill escreveu várias cartas a Stálin. Porém, infelizmente, todas alcançavam o destinatário nos momentos em que Churchill tinha a corda no pescoço. A mais conhecida das cartas chegou até Stálin em 19 de abril de 1941. Churchill escreveu-a em 3 de abril e solicitou ao embaixador britânico em Moscou, *Sir* Stafford Cripps, que a entregasse imediatamente e em mãos. No entanto, nem Stálin nem Molotov receberam o embaixador. Por fim, em 19 de abril, Cripps não entregou a mensagem em mãos, mas transmitiu-a; e não a Stálin, mas apenas a Andrei Vichínski, representante do comissário popular de assuntos externos. Em 22 de abril, Vichínski informou ao embaixador que a carta de Churchill fora entregue a Stálin.

Quando Stálin recebeu a carta, a situação da Grã-Bretanha tinha piorado, em comparação com o dia em que a mensagem fora redigida. O exército alemão tomara Belgrado, em 13 de abril, e dirigira-se para o sul, ameaçando as tropas britânicas que estavam localizadas nos Bálcãs. As divisões de tanques de Rommel atingiram a fronteira egípcia na área de Bardia e Es-Sallum em 12 de abril; se avançassem até o Canal de Suez, a principal artéria de conexão com o império britânico seria cortada. A Iugoslávia rendera-se à Alemanha em 17 de abril, e agora a estrada para a Grécia estava aberta. A Catedral de St. Paul, em Londres, fora danificada em um bombardeio aéreo em 16 de abril. Nesse mesmo mês, a Grécia encontrava-se à beira da rendição. Em 18 de abril, Korizis, o primeiro-ministro grego, suicidou-se; logo depois, iniciaram-se as negociações de capitulação; e, no dia 23 de abril, as forças armadas gregas

renderam-se. As tropas britânicas que se encontravam na Grécia ficaram em posição desesperadora, e a questão era saber se elas poderiam ou não ser evacuadas. Foi nesse contexto que Stálin recebeu a mais importante carta de Churchill.

Em 20 de maio de 1941, as forças armadas alemãs iniciaram a maior e mais maciça operação de aerotransportados de sua história a fim de capturar Creta. Nessa ilha, havia 32.000 tropas britânicas e 14.000 gregas. Muitos dias depois, sem ter superioridade numérica, os paraquedistas alemães assumiram o controle da ilha e aniquilaram as unidades gregas e britânicas, mais numerosas que eles. Peritos militares concluíram, de forma unânime, que a tomada de Creta fora um engenhoso ensaio dos paraquedistas de Hitler, já pensando em pousar nas Ilhas Britânicas. Em 24 de maio de 1941, o maior navio da frota britânica no Atlântico, o cruzador *Hood*, chocou-se com o *Bismarck*, o maior vaso de guerra alemão. A batalha durou oito minutos. Um tiro certeiro no vaso inglês fez com que este explodisse e afundasse em poucos minutos. Dos 1.421 membros da tripulação, apenas três sobreviveram. Em junho de 1941, os barcos-U alemães afundaram 61 navios mercantes britânicos, totalizando 431.000 toneladas.[3]

Churchill escreveu a primeira carta longa para Stálin em 25 de junho de 1940, quando nem Hitler nem os generais alemães tinham qualquer intenção de invadir a União Soviética. O plano para a Operação Barbarossa ou qualquer plano de guerra contra a União Soviética simplesmente não existia. As cartas de Churchill não se baseavam no conhecimento dos planos alemães, mas em cálculos sólidos. Ele simplesmente chamou a atenção de Stálin para a situação na Europa: hoje a Grã-Bretanha tinha problemas com Hitler; amanhã, inevitavelmente, seria a vez da União Soviética. Churchill insistia para que Stálin se unisse a ele contra Hitler e conduzisse a União Soviética à guerra, mas do lado da Grã-Bretanha e de toda a Europa conquistada.

O texto da mensagem que chegou a Moscou, em 19 de abril de 1941, pode ser lido em centenas de livros e artigos soviéticos. Eis o texto: "Recebi informações de fonte segura que os alemães, após concluírem que a Iugoslávia havia caído em suas garras em 20 de março, começaram a transferir três divisões blindadas, das cinco estacionadas na Romênia, para a região sul da Polônia. Assim que souberam da revolução sérvia, a transferência foi cancelada. V. Exa. facilmente avaliará o significado desses fatos". Todas as fontes soviéticas publicaram a mensagem de Churchill dessa forma, insistindo e garantindo que se tratava de um "alerta".

Não vejo nenhum alerta aí. Churchill tratava de três divisões de tanques; pelos padrões de Churchill eram muitas, mas para Stálin não era grande coisa. Nessa época, Stálin secretamente mandara preparar 63 divisões de tanques, sendo que cada uma delas era mais forte que as alemãs, tanto em número como em qualidade de tanques. A produção em massa de tanques já estava em pleno vapor na União Soviética e esses veículos continuaram a ser os melhores até o fim da guerra. Ninguém no mundo, nos

quatro anos de guerra, criou máquinas que chegassem perto dos tanques que Stálin possuía, já antes que a guerra começasse. Quando recebeu um relatório sobre três divisões alemãs, por que Stálin desconfiaria de que haveria uma invasão? Se o relatório sobre as três divisões de tanques fosse um "alerta" suficiente de preparativos de uma invasão, não poderíamos acusar Hitler de agressor: a inteligência alemã passou a Hitler relatórios sobre dezenas de divisões de tanques soviéticas que se aglomeravam ao longo das fronteiras da Alemanha e da Romênia.

Churchill sugeriu que Stálin avaliasse "o significado de tais fatos". Porém, como poderiam ser avaliados? A Polônia, historicamente, sempre foi o portal de agressores que quisessem passar da Europa central para a Rússia. Hitler queria transferir tanques para a Polônia, mas mudou de ideia. Comparada à Polônia, a Romênia era um mau trampolim para atacar. Seria muito mais difícil abastecer os soldados ali que na Polônia. Em um eventual ataque a partir da Romênia, a estrada para a artéria vital da Rússia seria maior e difícil para o agressor, que teria de ultrapassar inúmeras barreiras, incluindo as águas do curso inferior do Rio Dnieper. Se Stálin estivesse se preparando para a defesa e tivesse acreditado no "alerta" de Churchill, teria soltado um suspiro de alívio, relaxando sua preocupação com os preparativos militares. Além disso, Churchill explicou por que as tropas alemãs ficaram na Romênia em vez de serem transferidas para a Polônia: os alemães tinham problemas na Iugoslávia, particularmente na Sérvia. Em outras palavras, Churchill afirmou que as divisões de tanques alemãs foram deixadas na Romênia não para avançar a leste, contra a União Soviética; ao contrário, da Romênia as divisões apontavam para sudoeste, na direção da Sérvia, dando as costas a Stálin.

A carta de Churchill tinha muita importância, mas de forma nenhuma pôde ser vista como um alerta. Era mais um convite a Stálin: os alemães queriam transferir suas divisões para a Polônia, mas mudaram de ideia. Portanto, a União Soviética não tinha nada a temer, especialmente porque as divisões alemãs de tanques na Romênia tinham dado as costas a Stálin. Churchill queria que Stálin avaliasse os fatos e agisse de acordo com eles.[4] *Sir* Basil Liddell Hart, o historiador militar britânico, fez uma análise brilhante da situação estratégica daquela época, de acordo com a visão de Hitler. Segundo o General Jodl, a quem Liddell Hart se referiu, Hitler repetidamente declarou a seus generais que a única esperança da Grã-Bretanha era a invasão soviética na Europa.[5] O próprio Churchill escreveu, em 22 de abril de 1941, que "O governo soviético sabe muito bem [...] que estamos precisando de sua ajuda".[6] O único modo de Stálin ajudar a Grã-Bretanha seria atacando a Alemanha.

Hitler cometeu um único e irremediável erro, mas não em 21 de julho de 1940, quando deu ordens para preparar a guerra contra a União Soviética. O erro ocorreu em 19 de agosto de 1939, quando ele concordou com o pacto Molotov-Ribbentrop. Ao aceitar a divisão da Polônia, Hitler teve de enfrentar a inevitável guerra contra o

Ocidente, tendo por trás o "neutro" Stálin. Precisamente, a partir desse momento, Hitler ganhou duas frentes de batalha. A decisão de iniciar a Operação Barbarossa no leste, sem esperar a vitória no oeste, não foi um erro fatal; foi mais uma tentativa de corrigir o erro monstruoso que havia cometido. Porém, era tarde demais. Mesmo a captura de Moscou não teria resolvido o problema de Hitler, porque para além de Moscou estendiam-se milhões de quilômetros quadrados de territórios sem fim, vários centros de indústria e inexauríveis recursos humanos e naturais. É sempre fácil iniciar uma guerra contra a Rússia, mas terminá-la já não o é. Certamente, era fácil para Hitler lutar na parte europeia da União Soviética: o território era limitado, havia muitas estradas relativamente boas, e os invernos eram amenos. Estaria Hitler pronto para lutar na Sibéria, naquela extensão sem limites, onde não havia estradas e a brutalidade do frio apenas encontrava par na brutalidade do regime de Stálin?

Stálin estava cansado de saber que a guerra em duas frentes seria o suicídio de Hitler. Calculou que Hitler não cometeria esse suicídio, iniciando uma guerra no leste, sem primeiro terminar sua batalha no oeste. Stálin apenas esperava, pacientemente, que os corpos alemães de tanques chegassem à Grã-Bretanha. Enquanto isso, fez o que pôde para convencer Hitler que desejava a paz. Esse é o motivo pelo qual as metralhadoras antiaéreas soviéticas silenciavam quando aviões alemães cruzavam as fronteiras soviéticas e também o porquê de os jornais soviéticos — mais a TASS — proclamarem que não haveria guerra entre União Soviética e Alemanha. Se Stálin tivesse convencido Hitler que a União Soviética era neutra, o grosso das forças alemãs seria engajado em batalhas ferozes, tentando entrar nas Ilhas Britânicas e deixando praticamente toda a Europa sem defesa, madura para ser "libertada" pelo Exército Vermelho. Polônia, Tchecoslováquia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Iugoslávia, França, Grécia e Albânia já não tinham exércitos, governos, parlamentos nem partidos políticos. Milhões de pessoas tinham sido deportadas para os campos de concentração nazistas, e toda a Europa aguardava sua libertação.

Stálin tinha ajudado Hitler a chegar ao poder e transformara-o — nas palavras de Stálin — em um verdadeiro "navio quebra-gelo", que desencadearia a revolução mundial na Europa. Stálin deu o empurrão final nesse quebra-gelo da revolução e exigira dos comunistas franceses e de outros países que deixassem o quebra-gelo esmagar a Europa. Stálin fornecera ao quebra-gelo todo o necessário para um avanço vitorioso, fechando os olhos para todos os crimes cometidos pelos nazistas. No entanto, Hitler adivinhou o objetivo de Stálin. Foi assim que a Segunda Guerra Mundial terminou de modo catastrófico para Stálin: ele só ficou com metade da Europa.

39

Uma *Blitzkrieg* contra a Rússia?

As primeiras e intermináveis colunas de prisioneiros russos começaram a entrar na Alemanha. A partir daí, não mais pararam. Infindáveis transportes de prisioneiros russos chegavam pelas estradas e ferrovias a todo tempo. No entanto, pouco adiantava. No lugar de cada exército perdido, os russos criavam outro. As imensas terras dos czares pareciam ter recursos humanos inexauríveis. Quanto tempo mais a Alemanha sustentaria essa competição? Será que veremos um dia em que a Alemanha, apesar de ter alcançado muitas vitórias, ficará sem novas tropas, enquanto o comando russo enviará, vezes sem conta, novos exércitos à frente de batalha? O que acontecerá depois?

Adolf Hitler,
Mein Kampf

Estamos tão acostumados com a ideia de que Hitler e seus exércitos eram notavelmente superiores que aceitamos sem questionar o fato de Stálin ter medo da Alemanha. Entretanto, por que Stálin temeria Hitler? Todos, incluindo o próprio Hitler e seus generais, sabiam que a Alemanha carecia de recursos para disputar uma guerra prolongada. A única chance de Hitler era o ataque fulminante, a *Blitzkrieg*. No entanto, uma *Blitzkrieg* contra a União Soviética era impossível, porque o país estendia-se por mais de dez mil quilômetros de oeste a leste. Ainda que Hitler pudesse tomar mil quilômetros por mês — o que seria impraticável — ele teria de suportar um ano de guerra. Além disso, um exército regular europeu poderia realizar uma boa ofensiva em território soviético em apenas quatro dos doze meses do ano, de 15 de maio a 15 de setembro (se não houvesse chuvas). Mesmo que fosse possível conquistar o país inteiro nesses quatro meses, o que faria o invasor nesse território quando o outono e o inverno chegassem? Era fácil entrar na Rússia, mas muito difícil

sair dela. Em junho de 1941, o Exército Vermelho dos tempos de paz contava com 5,5 milhões de soldados e comandantes. Se Hitler matasse e aprisionasse um milhão de soldados soviéticos todos os meses, a guerra duraria, pelo menos, meio ano, sendo que a última fase aconteceria em dezembro. Os alemães teriam de enfrentar granizo, neve e gelo e também teriam de se preparar para o inverno.

Porém, os desafios para os alemães não terminariam aí. Mesmo nas mais críticas condições do verão de 1941, o sistema soviético de mobilização funcionou perfeitamente, e um contingente adicional de 5,3 milhões de homens juntou-se às fileiras do Exército Vermelho uma semana após o início da guerra, antes de 1º de julho de 1941.[1] Portanto, na primeira semana de guerra, o Exército Vermelho tinha mais de 10 milhões de soldados.

Mesmo que Hitler conseguisse destruir um milhão por mês, a guerra duraria um ano. Entretanto, a mobilização soviética continuou em julho, agosto e setembro. "Nossas forças são incontáveis", escreveu Stálin certa vez. A fonte de mobilização da União Soviética era de quase 20% da população, ou seja, 34,5 milhões de pessoas. Essa fonte foi totalmente utilizada durante a guerra e chegou a ser ultrapassada. Quanto tempo levaria a destruição de tamanho exército?

A Alemanha não estava pronta para uma guerra contra a Rússia, e Stálin sabia disso. Em 1940, a aviação britânica já bombardeava regularmente cidades alemãs, portos, estações de trem e fábricas. Hitler não pôde assegurar nem sequer a segurança de Berlim contra os bombardeios britânicos. Não teria ele nada melhor a fazer, em tais condições, que tentar conquistar novas terras no leste? Estaria Hitler pronto para combater em duas frentes de batalha?

Encontramos algumas respostas no diário do chefe do estado-maior do exército terrestre alemão, o coronel-general F. Halder.

> Dia 7 de outubro de 1940: "Uma guerra aérea em duas frentes é impossível".
> Dia 26 de novembro de 1940: "Veículos puxados a cavalo para armas antitanques. Não temos carretas. [...] Não temos capacidade de fornecer equipamentos montanheses às nossas tropas na Bulgária. [...] Não temos uma única máquina de limpeza de neve. [...] É impossível manter as grandes cidades da França sob estrito controle. [...] As ferrovias do império não poderão funcionar no futuro sob tamanha pressão, como a que sofremos agora".
> Dia 27 de novembro de 1940: "As operações para tomar os infindáveis espaços russos não serão bem-sucedidas".
> Dia 3 de dezembro de 1940: "A situação do combustível está ruim. A situação dos pneus está péssima".
> Dia 4 de dezembro de 1940: "Pouca artilharia".
> Dia 13 de dezembro de 1940: "Capturar Moscou não tem grande significado (na

opinião de Hitler). [...] As forças aéreas enfrentam uma guerra em duas frentes de batalha".
Dia 23 de dezembro de 1940: "A situação da borracha está difícil".
Dia 16 de janeiro de 1941: "Batalhões antiaéreos do exército terrestre; quarenta batalhões. O pessoal especializado para eles ainda tem de ser preparado. Isso será viável apenas no outono".
Dia 28 de janeiro de 1941: "A situação do combustível é séria. Podemos contar com suprimento de combustível durante o período de concentração e posicionamento, mais dois meses de operações. [...] Pneus de veículos; a situação é muito séria".[2]

Embora o comando alemão soubesse que "uma guerra aérea em duas frentes era impossível", ainda assim decidiram iniciar uma guerra aérea em duas frentes. Não só Halder, mas o próprio Hitler, entenderam que tomar Moscou não significaria o fim da guerra. Contudo, o plano de Hitler baseava-se em tomar Moscou, na crença de que o resto da Rússia desmoronaria. Os generais de Hitler planejavam destruir a Rússia em três meses, mas tinham combustível suficiente para apenas dois.

"Operação Barbarossa. A meta da campanha não está clara; ela não afetará a Inglaterra. Nossas bases econômicas não melhorarão com isso. Se demorarmos na Rússia, a situação ficará ainda mais difícil. [...] A operação Barbarossa é extremamente arriscada", escreveu Halder.[3] Stálin tinha lógica de aço e, quando foi alertado sobre uma possível invasão alemã, perguntou: "Mas para quê?" E o chefe do estado-maior de Hitler, que planejara a guerra, perguntava-se exatamente a mesma coisa.

A *Blitzkrieg* significa uma guerra de tanques. Em 1º de setembro de 1939, a Alemanha tinha apenas 2.977 tanques.[4] Como é possível que, desse número, quase metade (1.445 tanques Pz-I) não tivesse canhões? Como é possível que a outra metade (1.223 tanques Pz-II) tivesse apenas patéticos canhões de 20 mm? Como é possível que os alemães tivessem apenas 98 tanques Pz-III com inúteis canhões de 37 mm e apenas 211 Pz-IVs tinham canhões de cano curto de 75 mm, os quais não tinham utilidade por não terem sido projetados para enfrentar outros tanques?

Em junho de 1941, Hitler contava com 3.332 tanques em seu exército invasor[5], todos leves e obsoletos; não havia um único tanque pesado. Eram de porte médio, ou seja, eram tanques leves com uma camada extra de placas blindadas. Com isso, eram bons na defesa, mas perdiam em mobilidade e, consequentemente, em velocidade, manobrabilidade e capacidade de vencer terrenos acidentados — tudo o que era necessário para manobrar em espaços grandes e abertos. Hitler não tinha um único tanque anfíbio, nem com blindagem antiprojéteis nem com canhões poderosos. Do outro lado, Stálin tinha 23.925 tanques, incluindo os melhores modelos do mundo, pois foram construídos com todas as inovações da época: canhões de grande poder

de tiro, com canos longos, esteiras largas, defesas antitanques, motores a diesel, etc. Além disso, Stálin contava com meios inesgotáveis de produzir tanques. E ainda tinha mais tanques anfíbios que o número total de tanques alemães.

Além disso, um exército precisava de excelentes formações de tanques. Na Alemanha, criaram-se divisões de tanques, mas estas eram inferiores, pra dizer o mínimo. Em 1939, Hitler tinha seis divisões de tanques; a Alemanha entrou na Segunda Guerra Mundial com seis divisões de tanques! Com que tipo de *Blitzkrieg* alguém poderia sonhar, tendo apenas seis divisões de tanques?! E, até hoje, há quem continue afirmando que os generais alemães entendiam a natureza de uma *Blitzkrieg*! Em 1940, o número de divisões de tanques subiu para dez; em 1941, para 21. O aumento de divisões foi obtido não com a produção de tanques, mas por redistribuição. Na prática, o mesmo número de tanques foi dividido, primeiro em seis divisões; depois em dez e, por fim, em 21.

Liddell Hart comentou:

> A duplicação do número de forças blindadas era pura ilusão, pois foi conseguida quase que totalmente à custa de reduzir o número de tanques em cada divisão. [...] Alguns tanquistas mais qualificados tentaram argumentar contra essa decisão, uma vez que o resultado de tal medida foi multiplicar o número de homens e unidades secundárias nas novas "divisões de tanques". [...] Dos 17.000 homens das divisões, apenas 2.600 eram tanquistas. No entanto, Hitler era teimoso. Vendo diante de si o vasto território russo, ele queria sentir que tinha mais divisões, capazes de realizar ataques no coração das terras russas, e acreditava que o superior avanço tecnológico dos alemães sobre os russos serviria de compensação suficiente para a "diluição" das tropas de tanques. [...] Contudo, o corte no número de tanques em cada divisão aumentou a desvantagem principal da divisão de tanques alemã: as unidades e as subdivisões consistiam, em sua maioria, em infantaria, as quais não poderiam se deslocar em terrenos acidentados.[6]

Liddel Hart escreveu o termo "divisão de tanques" entre aspas e explicou seu ponto de vista: "Os tanques poderiam continuar a ofensiva, mas, tal como todos os outros veículos de esteira, formavam apenas uma pequena parte de cada 'divisão de tanques'".[7]

Os tanques sozinhos não garantem o poder. Um tanque isolado, que se aventure em avançar muito, torna-se vulnerável. Os tanques precisam ter o apoio da infantaria. "Em 1941, o exército alemão ainda era formado, na maioria, por divisões comuns de infantaria que seguiam a pé e usavam transporte animal", escreveu o general alemão Günther Blumentritt.[8] Em 22 de junho, Hitler tinha 750.000 cavalos na frente oriental.[9] Um comboio de 220 cavalos e carroças acompanhava cada

tanque alemão. Será que eles planejavam realizar a *Blitzkrieg* de carroça? Das 153 divisões lançadas por Hitler contra a União Soviética, apenas 17 eram de tanques.[10] Não havia nenhum tanque nas 13 divisões motorizadas alemãs no início da Segunda Guerra Mundial, enquanto cada divisão de rifles soviética tinha um batalhão próprio de tanques T-26. Ensinaram-nos a rir desse tanque; mas a infantaria alemã não tinha um sequer.

A força alemã de tanques dividira-se em quatro grupos. O restante do exército alemão, que combateria a União Soviética, não tinha nenhum tanque. Era constituído inteiramente de infantaria, mais 750.000 cavalos com carroças. O coronel-general Lotar Rendulic descreveu seu 20º exército montanhês: "Com exceção das unidades de transporte na retaguarda, o exército era formado inteiramente por tropas de infantaria — 200.000 soldados e 70.000 cavalos".[11] Certa vez, a revista alemã *Der Spiegel* publicou uma fotografia gigantesca de soldados alemães rindo.[12] Essa única foto mostrava a verdade da guerra melhor que o artigo inteiro e muitos artigos parecidos, inclusive vários livros. A foto mostrava soldados alemães marchando em terras soviéticas em 1941, durante a *Blitzkrieg*. Todos estavam a pé, sem uma simples submetralhadora sequer. Suas armas consistiam em rifles com baioneta — o modelo de 1898 — e duas metralhadoras. No fundo, havia centenas de carroças.

O exército alemão apoiava-se, em grande medida, em veículos e transporte motorizado. A abundância dessas máquinas — mais de 500.000 veículos no exército invasor — revelou-se cruelmente danosa para os alemães. Na frente de batalha europeia, com uma forte rede de estradas, esse número de transportes motorizados era mais que suficiente, mas, na frente russa, os veículos alemães com frequência causavam aborrecimentos. Primeiro, os alemães precisavam de veículos e tratores fortes, especializados e com esteiras e tração. Segundo, a falta crônica de combustível obrigava muitos a parar frequentemente, atrapalhando o avanço dos demais.

A artilharia de campo era a ferramenta principal do Exército Vermelho para romper as linhas de defesa inimiga. Para começar, havia os obuses. Em um obus, comparado a um canhão de mesmo peso, a velocidade inicial do projétil era menor, assim como seu alcance. No entanto, os projéteis eram mais poderosos, e a trajetória do tiro, sendo curva, era útil para atingir o inimigo dentro dos buracos escavados no chão. O marechal Kulik comandou a artilharia do Exército Vermelho durante muitos anos. Sob suas ordens, foram criados os melhores sistemas de artilharia do mundo, principalmente os obuses. Em 22 de junho de 1941, o Exército Vermelho tinha 15.464 obuses de todos os tipos.[13] As mais modernas fábricas de munição foram criadas para abastecê-los. O exército alemão tinha 10.810 obuses em 1º de junho de 1941.[14] Entretanto, eles tiveram de ser divididos entre as várias frentes, incluindo a da África. Além disso, a Alemanha tinha poucos metais não ferrosos, não podendo fabricar tantos projéteis como os produzidos na União

Soviética. Por fim, os obuses alemães eram obsoletos; tinham sido desenvolvidos na Primeira Guerra Mundial ou até mesmo antes.

Stálin tinha aviões bombardeiros de longo alcance; Hitler, não. Em 1940 e 1941, a Alemanha já estava sob o bombardeio da aviação estratégica britânica. Stálin estava pronto para juntar-se à ação; Hitler, nesse meio tempo, planejava "eliminar a Grã-Bretanha da guerra com bombardeios", mas esse plano fracassou porque ele não tinha nenhuma aviação estratégica ao seu dispor. Mais tarde, Hitler decidiu tomar a parte europeia da URSS, até a linha Arcânguelsk-Astracã*; tudo a leste dessa linha ele deixaria para os bombardeiros. O problema do plano era que Hitler quase não tinha bombardeiros de longo alcance.

Quando recebeu relatórios de que o exército alemão preparava-se para invadir, Stálin simplesmente não acreditou. Antes da invasão, Molotov declarou: "É preciso ser muito idiota para nos atacar". De acordo com os cálculos de Stálin, um ataque à URSS significaria o suicídio de Hitler e seu império. Um cálculo que foi totalmente confirmado pelos resultados da guerra. A questão não era Stálin ter medo de Hitler, ou não; ele não tinha motivo para isso. Considerava que Hitler e seus generais eram pessoas razoáveis; e pessoas razoáveis jamais embarcariam nessa canoa, tendo a Grã-Bretanha pelas costas. Além disso, não poderiam planejar esmagar os complexos industriais do Ural e a Sibéria através de bombardeiros de longo alcance, especialmente quando tais bombardeiros não existiam. Aqui temos de fazer uma pergunta diferente: por que Hitler atacou a União Soviética?

Hitler assinou a diretriz aberta n. 21, ordenando executar a operação Barbarossa — o ataque à União Soviética — em 18 de dezembro de 1940: "A meta suprema da operação é a criação de uma barreira protetora contra a Rússia asiática, ao longo da linha Volga-Astracã. Desse modo, caso necessário, a última região industrial que os russos deixaram nos Urais poderia ser paralisada com a aviação". Como a Alemanha invadira a URSS em 22 de junho, seria impossível atingir a linha do Volga antes das chuvas de outono. O tempo de operação do motor dos tanques alemães era muito curto; portanto, no caminho para Moscou, o exército alemão inteiro teria, inevitavelmente, de parar duas ou três semanas para os reparos gerais nos tanques (troca de motores, transmissões, pistões, etc.). Se Moscou fosse tomada em agosto, eles teriam de continuar avançando pela linha do Volga e, para isso, outra parada seria necessária para o reparo dos tanques e para que as tropas recuperassem a capacidade de luta. Mesmo em setembro, seria impossível atingir o Volga. Em outubro, haveria chuva e lama. Ainda que eles conseguissem chegar à linha do Volga em setembro, não haveria como bombardear os Urais nessa posição: existiam poucas bases aéreas na margem

---

* N.T.: São duas subdivisões regionais (*óblasts*), a primeira ao norte e a segunda ao sul da Rússia.

direita do Volga. Primeiro, seria necessário construí-las, o que era bastante complicado; em outubro, a área transformava-se em uma estepe molhada e desolada; em novembro, em uma estepe desolada e congelada.

Se Hitler tivesse conseguido construir bases aéreas na margem direita do Volga, ainda assim não teria condições de bombardear os centros industriais dos Urais. Os bombardeiros alemães Do-17, Ju-88 e He-111 foram criados para operações totalmente diferentes. Sua missão seria a destruição de alvos, na maioria móveis, na área de batalha e na retaguarda mais próxima do inimigo. Esses bombardeiros foram criados para voos de curto alcance; tinham pequena capacidade de transportar bombas e apenas atuavam em altitude média ou baixa. Para chegar aos Urais e retornar, os bombardeiros de Hitler, em 1941, tinham de levar muito combustível e nenhuma bomba. Mesmo que eles tivessem raio de ação suficiente, não haveria como bombardear os Urais. A Alemanha enfrentava a escassez de combustível. Em agosto de 1941, já tinham tão pouco que precisaram interromper as operações de larga escala.

Digamos que houvesse combustível suficiente em outubro, novembro e depois; não haveria como despachá-lo às bases aéreas do Volga, as quais, aliás, nem tinham sido construídas. A entrega de apenas cem toneladas de combustível, onde não havia estradas e à distância de mil quilômetros, exigiria enormes gastos de combustível e lubrificantes. O transporte de combustível também precisava de um veículo adequado. Os tratores teriam de atravessar as estepes. Mesmo que o combustível chegasse às bases aéreas inexistentes, as bombas também teriam de chegar. Milhares de toneladas de bombas não seriam suficientes para tal operação. No entanto, a entrega de apenas 100.000 toneladas delas às inexistentes bases aéreas do Volga teria exigido enorme quantidade de combustível.

Em dezembro de 1940, quando Hitler assinou a diretriz para atacar a União Soviética, ficou perfeitamente claro que os bombardeiros leves, monomotores ou bimotores teriam um raio de ação muito pequeno e uma capacidade de carga quase patética; não eram adequados para destruir alvos industriais. Ao mesmo tempo, os bombardeiros alemães saíam das excelentes bases aéreas do norte da França, atravessavam o Canal da Mancha e bombardeavam os alvos militares e industriais de Londres, Bristol, Coventry, Plymouth e Southampton. O fornecimento de combustível e munição, da Alemanha aos aeroportos do norte da França, não apresentava problemas. Os alvos estavam próximos, do outro lado do canal, e os aviões poderiam levar menos combustível e mais bombas. No entanto, mesmo nessas condições favoráveis, em nove meses de intensos raides e bombardeios, de 12 de agosto de 1940 até 12 de maio de 1941, a aviação alemã inteira não foi capaz de "eliminar a indústria britânica pelo bombardeio". Se toda a força aérea da Alemanha não conseguiu, em nove meses, destruir a indústria da Grã-Bretanha ali perto, quantos meses Hitler pensava gastar tentando destruir os centros industriais dos Urais distantes?

Para destruir regiões industriais situadas na retaguarda mais afastada do inimigo, o agressor precisa de bombardeiros de longo alcance, com raio de ação de muitos milhares de quilômetros, além da capacidade de transportar mais de cinco toneladas de bombas. O bombardeiro de longo alcance também deve ser de grande altitude; caso contrário, fica vulnerável à artilharia antiaérea inimiga. Também é necessário ter, no mínimo, mil bombardeiros desse tipo. Hitler não tinha nenhum. Mesmo que dispusesse de bombardeiros de longo alcance, ainda assim seria impossível usá-los. Um bombardeiro quadrimotor, carregando cinco toneladas de bombas a uma altitude de vários milhares de metros, precisaria de muito combustível. E de onde viria esse combustível, se não havia o suficiente nem mesmo para aviões de caça e bombardeiros leves?

40

Os relatórios da inteligência e a reação de Stálin

Stálin tinha três serviços de espionagem independentes: o primeiro diretorado da NKGB; o diretorado de inteligência do estado-maior (em 1942, tornou-se o "diretorado principal"); e o serviço de inteligência pessoal de Stálin, disfarçado sob o nome de "Seção Especial do Comitê Central do Partido Comunista".

O poder dessas três agências era colossal. Há informações disponíveis sobre a infiltração em órgãos políticos e militares alemães pelo serviço de espionagem soviética. Um grupo, sob o codinome "Viking", trabalhou entre os oficiais do OKW (Comando Supremo das Forças Armadas); sete oficiais do alto escalão e generais forneciam informações diretamente do gabinete de Hitler aos agentes de Stálin. Na Alemanha, a inteligência militar soviética conseguiu ter acesso às mais secretas informações dos mais altos escalões do governo.[1]

Inúmeras redes de agentes trabalhavam simultaneamente para Stálin, sempre independentes umas das outras. As mentiras de uma eram desmascaradas de forma imediata pelas informações das demais. Um grupo, de codinome "Alta", trabalhava na embaixada alemã de Moscou. Seus membros incluíam Gerhard Kegel e Ilse Stöbe. A embaixada inteira fora envolvida nas malhas da espionagem de Stálin. Esse grupo de agentes era "alimentado por um homem que tinha, em essência, acesso irrestrito a todos os segredos de estado da Alemanha".[2]

A embaixada alemã em Moscou tinha ligações com o pessoal de Göring, os órgãos de ciência e tecnologia do Terceiro Reich e, certamente, o ministro de relações exteriores. "Entre esses agentes, estava um dos mais próximos associados do ministro do exterior, Ribbentrop. Foi recrutado na Polônia a fim de trabalhar para os ingleses e, por convicção, era inimigo figadal da União Soviética."[3] Esse agente, assim como

vários outros, pensou que estivesse trabalhando contra Stálin, quando, na realidade, trabalhava para ele.

Lembremo-nos da amiga da esposa de Göring, a estrela de cinema nazista Olga Tschechowa. Essa mulher estonteou Berlim com sua beleza ofuscante e sua crueldade, que era inexplicável, incomum e invisível na época. Em 1936, sob ordens de Hitler, Olga Tschechowa recebeu o título de Atriz do Povo da Alemanha. Ela foi vista muitas vezes ao lado de Hitler nas recepções. Depois, em 1945, a popular atriz do Terceiro Reich ganhou a amizade de Stálin, o que lhe rendeu elogios e recepções do alto escalão.

A rede de Stálin estendia-se para muito além dos limites do poder. O czar búlgaro, Boris, tinha um conselheiro chamado Konstantín Lukásh. Antes de cada reunião com o czar, o general preparava-se para responder a qualquer pergunta que Boris lhe fizesse. Nessas preparações, Luben Lukash, irmão do general, fazia o papel do czar e inventava as perguntas mais astuciosas. O general tinha de responder rápida e precisamente. Como resultado, o jovem irmão do general ficava tão bem-informado quanto o czar. Ele trabalhava para o GRU e fazia ao irmão — conselheiro do czar — perguntas que interessavam a Stálin.[4]

Depois da Primeira Guerra Mundial, a Tchecoslováquia estava entre as dez nações mais ricas e desenvolvidas do mundo. As fábricas Skoda produziam armas da melhor qualidade, especialmente de artilharia. A filha do diretor dessa fábrica, Blanca Kárlikova, conseguiu cópias do projeto do canhão de 210 mm e entregou-as à pessoa certa. Ela trabalhava para o mesmo grupo de agentes que operava contra o czar búlgaro.[5]

Não faltam testemunhas do poder da rede de Stálin. Por exemplo, o major-general da Força Aérea P. M. Stefanovski relatou, como se fosse algo absolutamente sem importância, que, em julho de 1941, ele fora convocado por Stálin, o qual lhe dissera: "Em três dias, os alemães bombardearão Moscou".[6] Stefanovski descreveu as medidas que foram tomadas e, em três dias, Moscou conseguiu desviar o primeiro raide aéreo inimigo. Detenhamo-nos nesse episódio aparentemente insignificante. Como Stálin poderia saber precisamente que em três dias os alemães bombardeariam Moscou? Nas bases aéreas, os pilotos não sabiam o que fariam no dia seguinte; era informação estritamente confidencial. O sucesso de cada operação, bem como a vida e a segurança dos pilotos, dependiam desse sigilo. Apenas algumas pessoas conheciam os planos de guerra aérea; e, apenas no último momento, os comandantes de unidades e pilotos ficavam sabendo quais alvos deveriam bombardear. Mesmo assim, Stálin sabia não só o que os pilotos alemães fariam no dia seguinte, mas também qual seria sua missão nos três dias seguintes.

Anastás Mikoián, membro do Politburo, também relatou um caso que demonstra a incrível capacidade dos serviços de inteligência de Stálin. Em 27 de março de

1943, aproximadamente às duas da madrugada, Mikoián foi convocado para a dacha de Stálin, em Volínskoe. Stálin informou-lhe o que o comando alemão planejara para o verão de 1943.[7] A Batalha de Stalingrado tinha terminado; o Exército Vermelho avançara, mas ficara detido nas regiões de Khárkov, Orel e Bélgorod*. Instalou-se, então, um empate de forças. Nenhum dos lados conseguia avançar e ambos mudaram do ataque para a defesa, iniciando preparativos intensivos para a batalha de verão, que aconteceria nessa região dali a quatro meses. A Batalha de Kursk, que seria uma das mais sangrentas da história humana, começou em 5 de julho de 1943. Os generais alemães já haviam começado a esboçar um plano de operação em 13 de março desse ano; em 27 de março, Stálin passou a informação a Mikoián, ordenando-lhe que preparasse em segredo a reserva estratégica da região militar de Steppe** — constituída de oito exércitos, incluindo um aéreo e outro de tanques —, para uma batalha defensiva e as operações ofensivas que se seguiriam. A região militar de Steppe ficava atrás do alinhamento principal das tropas soviéticas, a qual, no momento mais crítico, foi transformada na frente Steppe de batalha.

Stálin constantemente espiava as cartas de Hitler. Durante o desenvolvimento das operações alemãs na região de Kursk, todos os detalhes e as mudanças de plano eram passados de forma imediata a Stálin. Antes do início da operação, os generais alemães, que eram executores do plano, receberam as diretrizes pertinentes e o rascunho final da operação. Stálin havia recebido esse rascunho seis dias antes.

Curiosamente, em 1941, os espiões soviéticos informaram a Stálin que Hitler planejava atacar, mas Stálin não acreditou. Richard Sorge (codinome Ramzai) era um espião a quem Stálin ordenou que voltasse à URSS, "para férias", em 29 de julho de 1938. Sorge recusou-se. Em janeiro de 1940, ele escreveu ao contato de Moscou: "Sou grato por suas saudações e votos de boas férias. Entretanto, se eu sair de férias, haverá uma redução nas informações". Em maio, ele se recusou pela segunda vez: "Parece implícito que estamos adiando a data de nossa volta em razão da presente situação militar. Gostaríamos de assegurar-lhe, mais uma vez, que a hora não é boa para levantar essa questão". Em outubro, ele perguntou: "Posso contar com minha volta à pátria após o fim da guerra?" Estranha pergunta! Qualquer agente secreto sabe que, após a guerra, ele poderá voltar ao lar. Além disso, propuseram-lhe que "tirasse férias", mas Sorge recusara-se. O que estava acontecendo?

Uma profusão de livros e artigos foi escrita sobre Sorge na União Soviética. Alguns transbordam de elogios: era um grande oficial da inteligência, um verdadeiro comunista, que gastava o próprio dinheiro, duramente conquistado como jornalista, em seu trabalho clandestino. Uma das revistas semanais soviéticas[8] afirmou em uma

---

* N.T.: Khárkov localiza-se na Ucrânia; as outras duas cidades, na Rússia.

** N.T.: Assim chamada porque localiza-se na região das estepes.

reportagem que Sorge tinha documentos muito importantes, mas não poderia enviá-los para o centro, porque este não lhe enviara o malote.

Enquanto isso, Ian Bérzin, o brilhante chefe da inteligência militar soviética que havia recrutado Sorge, foi executado após ter sido terrivelmente torturado. Solomon Urítski, outro chefe do GRU, que dera pessoalmente instruções a Sorge, também foi executado. Lev Borovitch (codinome Rozental), representante do 2º departamento do QG da inteligência e supervisor direto de Sorge, foi fuzilado. Gorev, residente ilegal soviético, arranjara passagens para Sorge sair da Alemanha e, agora, estava na prisão.[9] Aino Kúusinen, colaboradora secreta de Sorge e esposa do "presidente da República Democrática Finlandesa" e de um futuro membro do Politburo, também estava presa. Ekaterina Maksímova, mulher de Sorge, tinha sido presa; após admitir ter ligações com inimigos, morreu em confinamento no ano de 1943. Karl Ramm, residente ilegal do GRU em Xangai e ex-auxiliar de Sorge, foi convocado por Moscou "para férias" e morreu fuzilado. Sorge recebeu ordens de voltar "para gozar de suas férias" e recusou-se a viajar para a União Soviética. Sem dúvida nenhuma, Sorge adivinhara o que o esperava em Moscou.

Essas discrepâncias são facilmente explicáveis: Sorge tornara-se um desertor. Nessa época, um termo mais preciso foi inventado: "mau desertor". Por esse motivo, ele pagava agentes do próprio bolso, pois o centro interrompera sua remessa de fundos. Não querendo voltar para ouvir um julgamento sumário e sofrer morte certa, Sorge continuou a trabalhar para os comunistas, mas não mais como agente secreto, e sim como informante amador; não por dinheiro, mas para satisfação própria. Sorge calculara que, após a guerra, seus superiores entenderiam que ele lhes havia dito apenas a verdade e seria perdoado, com elogios ao seu trabalho. O centro não perdeu contato com ele até o fim. Aceitava seus telegramas, mas aparentemente apenas para apressá-lo: "Volte, volte, volte", ao que Ramzai respondia, "Muito ocupado, muito ocupado, muito ocupado".

Stálin não confiava em Richard Sorge, porque ele era um desertor condenado à morte. Alguém inventou a lenda de que Richard Sorge entregara ao GRU informações de altíssima importância sobre a invasão alemã, mas ninguém acreditara nele. Sorge era um homem inteligente e capaz, mas não deu a Moscou nenhuma notícia relevante sobre a invasão alemã. Algo pior aconteceu: Sorge foi vítima de desinformação e enviou relatórios falsos ao GRU. Em 11 de abril de 1941, ele enviou a Moscou este telegrama: "O representante do estado-maior alemão em Tóquio afirmou que a guerra contra a União Soviética começará imediatamente após o fim da guerra na Europa".

Hitler preparara a invasão espalhando mentiras que tinham toda a aparência de verdade. Ele sabia que já era impossível esconder os preparativos para invadir a União Soviética; assim, disse em segredo, de modo que Stálin pudesse ouvir: "Sim,

quero atacar Stálin... após terminar minha guerra no Ocidente". Se o telegrama de Sorge, de 11 de abril (e outros telegramas semelhantes) fosse confiável, não haveria motivo para preocupação: a guerra contra a Grã-Bretanha continuava sem dar sinais de acabar.

O GRU não precisava de Sorge. Com base nos estudos extensivos sobre os aspectos econômico, político e militar da situação, o GRU concluiu que a Alemanha não poderia ganhar uma guerra em duas frentes; Hitler não iniciaria uma guerra no leste sem terminar a batalha do oeste.[10] A primeira conclusão estava correta; a segunda, não.

Antes mesmo do "alerta" de Sorge, o novo chefe do GRU, tenente-general F. I. Golikov, entregou um relatório detalhado a Stálin em 20 de março de 1941, cuja conclusão era: "A primeira data em que as operações contra a URSS podem ter início será após a vitória sobre a Inglaterra ou a assinatura de uma paz honrada para a Alemanha". Entretanto, Stálin já conhecia essa simples verdade, sem precisar das palavras de Golikov. Ele respondeu à carta de Churchill, datada de 25 de junho de 1940, declarando que Hitler poderia começar a guerra contra a União Soviética em 1941, se a Grã-Bretanha cessasse a resistência nessa época.

Porém, Hitler, que fora levado por Stálin a um impasse estratégico através do pacto Molotov-Ribbentrop, compreendera que não tinha nada a perder, pois, inevitavelmente, a Alemanha teria duas frentes de batalha. Se ele não atacasse Stálin, este o apunhalaria pelas costas. Portanto, Hitler atacou primeiro. Nem Golikov nem Stálin adivinharam esse passo. Era uma decisão suicida, mas Hitler não tinha escolha. Stálin simplesmente não entendeu que Hitler, vendo-se diante de um impasse desesperador, daria um passo tão suicida. O general Golikov, chefe do GRU, também não considerou essa hipótese. Sorge (e muitos outros) simplesmente confirmaram a mesma falta de visão com as informações falsas de seus telegramas.

Alguns argumentam que mais tarde, em 15 de junho de 1941, Sorge deu a data correta da invasão alemã: 22 de junho. No entanto, Richard Sorge mereceria crédito? Primeiro, ele tinha dito que Hitler não lutaria contra Stálin sem terminar a guerra contra a Grã-Bretanha; logo depois, anunciou que a data da invasão seria 22 de junho. Com isso, ele disse que Hitler invadiria a União Soviética, afinal, sem terminar a guerra contra a Grã-Bretanha. Os relatórios de Sorge contradiziam-se.

A espionagem é o trabalho mais ingrato do mundo. Os agentes que falham e são enforcados — como Sorge — tornam-se famosos. Stálin tinha oficiais da inteligência militar cujos resultados eram excelentes, mas, por serem tão bons, permaneceram desconhecidos para nós. Um oficial da inteligência soviética teve acesso a alguns segredos de Hitler. Segundo o marechal da União Soviética A. A. Grechko, "onze dias depois que Hitler aprovou o plano definitivo da guerra contra a União Soviética (18 de dezembro de 1940), esse fato e os detalhes básicos da decisão tomada pelo alto comando alemão chegaram ao conhecimento de nossos órgãos de inteligência".[11]

Em dezembro de 1940, o tenente-general F. I. Golikov, chefe do GRU, informou a Stálin que, de acordo com relatórios confirmados, Hitler decidira atacar a União Soviética sem aguardar o fim da guerra no Ocidente. Esse importantíssimo documento foi discutido no início de janeiro, em um seleto círculo do alto comando soviético, com a presença de Stálin. Este não acreditou no documento e disse que qualquer documento poderia ser forjado. Stálin exigiu que Golikov organizasse a inteligência soviética a fim de assegurar se Hitler realmente preparava-se para a guerra ou apenas blefava. Golikov afirmou que já fizera isso. O GRU estava seguindo atentamente todos os movimentos dos militares alemães e, com isso, identificaria precisamente o momento em que os preparativos da invasão começassem. Stálin pediu a Golikov que explicasse como ele sabia disso. Golikov respondeu que apenas poderia contar tudo pessoalmente a Stálin e a mais ninguém.

A partir daí, Golikov frequentemente reunia-se com Stálin e, a cada encontro, afirmava que os preparativos da invasão ainda não haviam começado. Golikov sabia da grande concentração de tropas alemãs nas fronteiras soviéticas, do enorme suprimento de munição, dos movimentos da força aérea alemã, dos desertores alemães, etc. Era regularmente informado sobre o número de quase todas as divisões alemãs, os nomes dos comandantes e sua localização. Conhecia muitos segredos de importância, incluindo o nome da Operação Barbarossa e quando ela fora concebida. Todavia, já na véspera da invasão, Golikov afirmou que os preparativos para a invasão não haviam começado e, sem tais preparativos, seria impossível a Alemanha iniciar a guerra.

Quando a guerra eclodiu, Stálin enviou Golikov à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos, depois de instruí-lo pessoalmente. Em seguida, Golikov recebeu o comando de exércitos e as frentes de batalha. Em 1943, Stálin nomeou-o para o importante posto de representante do comissário popular de defesa — significando representante do próprio Stálin. Sua missão era cuidar do quadro militar permanente. Stálin apenas confiava a seus homens mais leais a delicada tarefa de selecionar e elaborar os quadros militares permanentes. Golikov continuou a subir na carreira após a morte de Stálin e terminou como marechal da União Soviética.

A impunidade de Golikov, diante de um erro óbvio de espionagem, incomodou-me pessoalmente por muito tempo, até eu assistir a uma palestra na academia do GRU. Mais tarde, quando eu trabalhava no aparelho central do GRU, encontrei a confirmação que procurava. Golikov costumava informar a Stálin que Hitler não estava se preparando para uma guerra contra a União Soviética. Acontece que Golikov estava informando a verdade a Stálin, pois Hitler ainda não fizera nenhum preparativo. Golikov sabia que Stálin não confiava em documentos, e ele próprio também não confiava. Assim, procurou outros indicadores que sinalizariam sem erro o momento em que Hitler iniciasse os preparativos da guerra contra a União Soviética.

Todos os agentes do GRU na Europa receberam ordens de infiltrar-se nas organizações ligadas à criação de ovelhas, direta ou indiretamente. Em poucos meses, a inteligência havia reunido e processado o número de ovelhas em toda a Europa, incluindo os centros de criação e de abate. Golikov era informado duas vezes ao dia sobre o preço desses animais na Europa. Além disso, a inteligência soviética começou a procurar trapos sujos e papéis manchados de graxa, deixados para trás pelos soldados que limpavam as armas. Havia muitos soldados alemães na Europa concentrados em acampamentos. Cada soldado limpava sua arma pelo menos uma vez ao dia. Trapos e papéis usados para essa limpeza eram geralmente queimados ou enterrados, mas certamente tal regra não era obedecida à risca. O GRU teve oportunidade de coletar enorme quantidade de trapos sujos de graxa. Grande número desses trapos atravessou a fronteira como embalagem de várias peças de aço, a fim de não levantar suspeitas. Um número descomunal de lamparinas de querosene, fogareiros e isqueiros também atravessou a fronteira, por meios legais e ilegais.

Cada informação dessa era analisada por centenas de peritos soviéticos, e os resultados eram imediatamente transmitidos a Golikov. Este, na mesma hora, informava a Stálin que Hitler ainda não havia iniciado os preparativos para invadir a União Soviética, de modo que não havia necessidade de dar atenção à concentração de tropas alemães nem aos documentos do estado-maior alemão.

Golikov acreditava, e com toda a razão, que um país tinha de se preparar seriamente para lutar contra a União Soviética. Uma das coisas vitais de que a Alemanha precisaria, se estivesse pronta para essa guerra, era o casaco de pele de ovelha — e não menos que seis milhões deles. Assim que Hitler decidisse atacar a União Soviética, seu estado-maior teria de ordenar ao parque industrial que produzisse milhões de casacos de pele de ovelha. Isso se refletiria imediatamente nos mercados europeus. Apesar da guerra, o preço da carne ovina cairia, em virtude do abate simultâneo de milhões de animais, enquanto o preço da pele de ovelha aumentaria.

Golikov também calculou que o exército alemão usaria um novo tipo de óleo lubrificante para suas armas. O óleo habitualmente usado na Alemanha congelaria no frio; as peças ficariam coladas, e as armas não funcionariam. Golikov esperou que o exército alemão mudasse o tipo de óleo usado na limpeza das armas. O exame dos trapos sujos, feito pelos peritos soviéticos, indicava que o exército inimigo ainda usava o mesmo óleo; não havia nenhum sinal de mudança.

Os peritos soviéticos também observaram o combustível dos motores. Na neve, o combustível usado habitualmente na Alemanha seria quebrado em componentes de difícil combustão. Golikov sabia que se Hitler decidisse abrir uma segunda frente, teria de ordenar a produção em massa de um combustível que não se desintegrasse em baixa temperatura. A inteligência soviética enviava para a União Soviética amostras do combustível líquido alemão, disfarçadas em isqueiros

e lamparinas. Havia outros indicadores, os quais o GRU seguia de perto, em busca de sinais de alerta.

Acontece que Hitler iniciou a Operação Barbarossa sem preparativo algum. Stálin, portanto, não tinha razão para punir Golikov, que fizera todo o possível para detectar os preparativos de guerra do inimigo. Ele informou a Stálin que nenhuma preparação fora feita, o que era verdade; apenas havia uma grande concentração de tropas. Golikov dissera a seus homens que nem todas as divisões alemãs deveriam ser observadas, apenas as que estivessem prontas para invadir; essas seriam as divisões que tivessem, no mínimo, 15.000 casacos de pele de carneiro nos depósitos. Simplesmente não havia nenhuma divisão pronta para a guerra em toda a *Wehrmacht*.

O chefe do GRU sabia onde, em que quantidade e quais tipos de combustível líquido e óleo lubrificante foram produzidos na Alemanha e nos territórios ocupados por ela. A quantidade de combustível líquido disponível para Hitler não era, nem de longe, suficiente para realizar operações ofensivas a fundo. No entanto, o que mereceu maior atenção foi o tipo de óleo que os alemães produziram. As análises indicaram que a Alemanha não fizera pesquisas intensivas para criar combustíveis e óleos resistentes ao frio. A indústria alemã não os estava produzindo em quantidade significativa. As unidades de retaguarda da *Wehrmacht Heer* e da *Luftwaffe* não tinham tais materiais em estoque que fossem suficientes para uma guerra em grande escala.

O benzeno puro cristaliza a uma temperatura de 5,4° C. Na Alemanha, o combustível era obtido através da hidrogenação de carvão de baixa qualidade. Nesse combustível, grandes quantidades de benzol tinham de ser adicionadas para aumentar o nível de octana. O benzol é um ótimo antiexplosivo; contudo, perde sua qualidade drasticamente em baixas temperaturas. Os principais combustíveis alemães tinham temperatura de cristalização na faixa entre -9,6° C e -14,5° C. Com esse tipo de combustível, somente um maluco iniciaria uma guerra contra um país onde a temperatura de -20° C era rotina no inverno. A inteligência soviética não considerava os generais alemães malucos e concluiu que a Alemanha não estava se preparando para outra guerra.

Os soldados de Hitler precisavam de botas, roupas quentes, tendas especiais, capacetes, aquecedores, esquis, graxa de esqui, uniformes de camuflagem, óleos e lubrificantes que não congelassem, dispositivos para aquecer a água, baterias de carro resistentes ao gelo e combustível de inverno para tanques, veículos e aviões. Também eram necessários tanques com esteiras largas, milhares de veículos que aguentassem terrenos acidentados, etc. E não tinham nada disso. Sua falta de preparo era total, vergonhosa e escandalosa. O argumento era que Hitler não precisava desses implementos porque planejava terminar a guerra em três meses. Mesmo assim, ele precisava se preparar para o inverno. [...] O coronel-general H. Hoth, comandante do 3º grupo alemão de tanques, escreveu: "O objetivo de destruir os centros de indústria

bélica, localizados à leste, foi confiado à força aérea. Era um plano utópico. O raio de ação dos bombardeiros alemães, na época, era de mil quilômetros. Mesmo que fosse possível atingir a linha Volga-Arkhangelsk (que fora planejada para apenas uma campanha, isto é, três ou quatro meses), o raio de ação dos bombardeiros não seria suficiente para desmantelar as fábricas das regiões do Ural e Sverdlovsk. E Sverdlovsk não é o fim do mundo".[12]

O coronel-general H. Guderian, comandante do 2º grupo de tanques, escreveu: "Quando abriram o mapa da Rússia à minha frente, mal acreditei no que vi. Tudo o que eu considerava impossível deveria agora se transformar em realidade?"[13] Guderian sabia que a Alemanha não poderia derrotar a União Soviética. Tal derrota era impossível, não só em três meses, mas em um tempo prolongado.

"Veja esses vastos territórios", disse o marechal de campo Karl von Rundstedt, comandante do exército do grupo sul. "Não podemos derrotar o inimigo e ocupar toda a Rússia ocidental, do Báltico ao Mar Negro, em apenas poucos meses!"[14]

Stálin e Golikov pensavam de modo semelhante. Todos esperavam que Hitler e seus marechais se comportassem de modo lógico; em outras palavras, que se preparassem para uma guerra prolongada, inclusive no inverno. No entanto, não houve atitudes nem ações lógicas.

41

O início da guerra

Só agora compreendemos quão bem os russos vinham se preparando para a guerra.

Adolf Hitler,
discurso pelo rádio, 3 de outubro de 1941

Durante abril, maio e a primeira quinzena de junho de 1941, aviões alemães de reconhecimento sobrevoaram "por engano" a região ocidental da União Soviética. Stálin deu ordens de não abatê-los. Ao mesmo tempo, aviões soviéticos, também "por engano", sobrevoaram o território ocupado pelos soldados alemães.

Pilotos e comandantes sobrevoaram "por engano" o território alemão. O comandante da 43ª divisão de caças da região militar especial ocidental, major-general G. N. Zakharov, lembrou-se de ter voado e observado as tropas alemãs: "Formou-se logo a impressão de que certo tipo de movimento começara no fundo dos territórios para deter-se apenas nas margens da fronteira, onde a massa humana parecia estar presa em uma bolha invisível, mas pronta para rompê-la a qualquer momento".[1] Os pilotos alemães que sobrevoaram o território soviético observaram o mesmo quadro.

Os apuros do general M. F. Lukin ilustram toda a tragédia da situação. Na qualidade de comandante de exército, ele já havia lutado na Ucrânia, nas vizinhanças de Chepetóvka, enquanto seus homens ainda estavam no Trans-Baikal. Os trens que transportavam seu exército estendiam-se por milhares de quilômetros. A pior situação era quando um trem precisava parar no meio do caminho, e não na estação. Um batalhão de tanques representava uma força formidável, mas, em cima do trem, era totalmente indefeso. Em uma guerra, se o trem estivesse transportando armas pesadas

e não tivesse meios de descarregá-las, a solução seria destruir o trem ou abandoná-lo. As divisões cujo trem não alcançara a fronteira também não estavam em melhor posição. Uma divisão marchando em colunas era um ótimo alvo de bombardeiros — e o Exército Vermelho inteiro transformou-se nesse alvo.

Em suas memórias, o piloto alemão Hans-Ulrich Rudel descreveu o início da guerra contra a União Soviética. Ele pilotou um Ju-87 e cumpriu 2.430 missões de batalha.

> Na noite do primeiro dia, eu tinha completado quatro viagens para além da fronteira, até a área entre Grodno e Vokovisk*. Vimos muitos tanques e caminhões por lá; em sua maioria, eram tanques KV-1, KV-2 e T-34. Bombardeamos tanques e bases antiaéreas. [...] No dia seguinte, saímos às 3 h da madrugada e retornamos às 10 h da noite. Ali era preciso esquecer o descanso à noite; por isso, a cada minuto disponível, deitávamos na grama ao lado dos aviões e adormecíamos. [...] Já na minha primeira missão, notei inúmeras fortificações construídas ao longo da fronteira. Estendiam-se por muitas centenas de quilômetros até o interior da Rússia; entretanto, havia uma parte inacabada. Sobrevoamos bases aéreas também inacabadas: em alguns lugares, as pistas de pouso de concreto ainda estavam em construção. Nessas bases aéreas, era possível ver alguns aviões aguardando. Vimos, por exemplo, ao longo da estrada para Vitebsk**, por onde nossas tropas avançavam, uma dessas bases aéreas semiconstruídas, com muitos bombardeiros "Martin". Ou eles não tinham combustível suficiente, ou não tinham tripulação. Ao sobrevoar essas bases aéreas e fortificações, todos tivemos o mesmo pensamento: que sorte a nossa termos atacado primeiro! Sim, pois que outro país ocidental a Rússia poderia atacar? Se eles tivessem terminado seus preparativos, não haveria a menor esperança de detê-los. [...] A rodovia de Smolénsk até Moscou era o alvo de muitos raides; estava lotada de equipamentos militares e suprimentos russos. Caminhões e tanques enfileiravam-se, um atrás do outro, sem intervalos; às vezes, em três colunas paralelas. Se toda essa maquinaria maciça tivesse nos atacado [...]. Não havia dificuldade para acertar um alvo tão tentador. Em poucos dias, a estrada toda se transformou em pilhas de sucata.[2]

Na descrição desse piloto alemão, há uma frase sobre a construção de estruturas defensivas que pode criar confusão. Será que o Exército Vermelho estava preparando sua defesa? Não, não estava. Se estivesse, as tropas que estavam chegando não ficariam em colunas ao longo das estradas, mas seriam imediatamente enviadas às trincheiras.

---

* N.T.: Atualmente, ambas localizam-se na Bielo-Rússia.

** N.T.: Atualmente, localiza-se na Bielo-Rússia.

Rudel também mencionou os bombardeiros "Martin". De fato, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha estavam enviando suprimentos militares bem antes de 22 de junho de 1941.

"A defesa estratégica surgiu da necessidade durante os combates; não fora planejada com antecedência", diz a pesquisa histórico-militar soviética.[3] As operações defensivas do Exército Vermelho, no verão de 1941, foram pura improvisação. Antes da guerra, o Exército Vermelho não havia preparado nenhuma defesa, nem realizara operações defensivas de treinamento. Os manuais de campo soviéticos não têm uma única palavra sobre defesa em escala estratégica. O Exército Vermelho não tinha nenhum plano de defesa, mas não era só isso: mesmo em sentido puramente teórico, os problemas relativos às operações defensivas jamais foram trabalhados nem discutidos.

Além disso, o povo e o exército soviético não estavam prontos para a defesa, mesmo psicologicamente. "É precisamente o interesse em defender a URSS que exigirá a realização de ampla operação ofensiva em território inimigo, e isso de nenhum modo contradiz o caráter da guerra defensiva", declarou o *Pravda*, em 19 de agosto de 1939. A partir dos primeiros momentos da invasão alemã, o Exército Vermelho tentou tomar a ofensiva e realizar contra-ataques e contraofensivas. No entanto, isso também foi feito de improviso. Nenhuma contraofensiva fora treinada nem planejada nos exercícios de guerra; na verdade, não fora sequer discutida em teoria. "A questão da contraofensiva [...] não foi cogitada antes da Grande Guerra Patriótica."[4]

Portanto, antes da guerra, o comando soviético não fez nenhum preparativo de defesa nem de contra-ataques. A União Soviética planejou um tipo diferente de guerra. O marechal A. M. Vassilevski relatou que, durante o ano anterior à guerra, os oficiais e os generais do estado-maior e o oficialato das regiões militares e as frotas trabalhavam entre 15 e 17 horas diárias, sem feriados nem férias. Os marechais Bagramián e Sokolovski, os generais Chtemenko, Kurassov e Malandin e muitos outros confirmaram essa informação. Os generais Anissov e Smorodinov, segundo relatórios, chegaram a trabalhar 20 horas diárias.

Em fevereiro de 1941, o general G. K. Jukov tornou-se chefe do estado-maior do Exército Vermelho. A partir daí, o estado-maior passou a operar em regime de tempo de guerra. O próprio Jukov trabalhava duramente e não permitia que ninguém descansasse. Os veteranos do estado-maior lembram-se do reinado de Jukov como o mais assustador período da história, mais ainda que no Grande Expurgo. Nessa época, o estado-maior e outras entidades trabalhavam com intensidade desumana. De repente, os alemães invadiram. Cada comandante, a começar do nível de regimento, tinha em seu cofre o chamado "pacote vermelho", que continha os planos de guerra. Os comandantes abriram esses pacotes, mas não encontraram nada útil em termos de defesa. "Claro que havia planos detalhados e ordens sobre o que devia ser

feito no dia 'M'. [...] Tudo estava escrito detalhadamente. [...] Todos esses planos existiam; infelizmente, nada diziam sobre o que deveria ser feito, caso o inimigo nos atacasse de surpresa."[5]

Uma coisa não está muito clara. Se o Exército Vermelho entrou na guerra sem planos, Stálin, assim que tivesse conhecimento disso, deveria mandar fuzilar o chefe do estado-maior e todos os que participaram do desenvolvimento dos planos. Não foi o que aconteceu; ao contrário, os que participaram da elaboração dos planos soviéticos — Vassilevski, Sokolovski, Vatutin, Malandin, Bagramián, Chtemenko e Kurassov — começaram na guerra como majores-generais (alguns até como tenentes-coronéis) e terminaram como marechais ou, pelo menos, com as quatro estrelas de general de exército. Durante a guerra, todos realmente provaram ser ótimos estrategistas. Eram oficiais muito devotados, talvez um tanto pedantes, que não concebiam a vida sem planejamento. Se esses oficiais trabalharam bastante e desenvolveram planos antes da guerra, sendo que nenhum era de defesa nem de contra-ataque, então, seriam planos de que tipo?

A flotilha soviética do Mar Negro tinha o seguinte objetivo militar, já antes da guerra: "Ações militares ativas contra navios inimigos e de transporte, perto do Bósforo e no caminho das bases inimigas, bem como cooperação com as tropas de chão durante sua marcha ao longo da costa do Mar Negro".[6] O almirante S. Gorchkov relatou que as flotilhas do Báltico, do Mar do Norte e também do Mar Negro tinham objetivos puramente defensivos; porém, tais objetivos deveriam ser conseguidos por meio de métodos agressivos. A ação da flotilha soviética nos primeiros minutos, horas e dias de guerra mostrou com clareza suficiente que havia planos, mas não eram planos de defesa. Em 22 de junho de 1941, os submarinos soviéticos da flotilha do Mar Negro imediatamente dirigiram-se ao litoral da Romênia, Bulgária e Turquia. Nesse mesmo dia, os submarinos da flotilha do Báltico navegaram rumo à costa da Alemanha, com o objetivo de "afundar todos os navios e vasos inimigos, de acordo com as regras de combate naval sem restrições*".[7]

A partir de 22 de junho, a força aérea naval do Mar Negro realizou operações militares no interesse da flotilha do Danúbio, com o objetivo de abrir caminho para ela avançar rio acima. Em 25 e 26 de junho, os cruzadores da flotilha do Mar Negro apareceram nas vizinhanças do porto romeno de Constança e iniciaram um raide intensivo, com o objetivo de fazer as tropas de assalto pousarem nas praias. Ao mesmo tempo, a flotilha militar do Danúbio iniciou operações de ataque no delta do rio.

A guarnição militar da base naval soviética Hanko, localizada no território finlandês, não mudou para o regime defensivo após o início das hostilidades; em vez

---

* N.T.: Tradução literal de "*unrestricted submarine warfare*". Trata-se de uma modalidade de combate naval em que os navios mercantes são afundados sem nenhuma espécie de aviso.

disso, começou a operar em ataques intensivos, tomando 19 ilhas finlandesas no decurso de vários dias.[8]

Em 25 de junho, apesar das perdas sofridas pela força aérea soviética nos primeiros dias de guerra, aviões da frente norte de batalha realizaram um bombardeiro-surpresa. Os oficiais dessa frente relataram, nessa manhã: "A força aérea da frente de batalha e dos exércitos, em formação de bombardeiros, iniciou a tarefa de exterminar a força aérea inimiga em seus campos de aviação".[9] O nome do inimigo foi mencionado no relatório que emitiram mais tarde, nesse mesmo dia: "Bombardeamos todos os campos aéreos conhecidos na parte sul da Finlândia".[10] Os alemães, que haviam invadido a URSS três dias antes, não são mencionados nesses relatórios — significando que a URSS, sem declarar guerra e violando o tratado de paz assinado com a Finlândia apenas um ano antes, cometera um ato de agressão contra sua vizinha. Pode alguém explicar por que esse crime contra a paz não fez parte do processo de Nuremberg?

Em 23 de junho, o 1º corpo de bombardeiros de longo alcance realizou um ataque maciço contra os alvos militares de Königsberg e Danzig. Não foi de improviso; na manhã de 22 de junho, às 6h44 da manhã, a força aérea de bombardeiros de longo alcance recebeu ordens para agir de acordo com os planos.[11] Durante vários dias, eles tentaram obedecer às ordens. Em 26 de junho de 1941, o 4º corpo de bombardeiros de longo alcance começou a bombardear os campos petrolíferos de Ploiesti, na Romênia. Após poucos dias de raides, a produção de petróleo na Romênia foi reduzida quase pela metade. A força aérea soviética, mesmo enquanto suportava perdas inimagináveis em suas bases, conseguiu infligir enormes danos à indústria petrolífera romena. Em outra circunstância, a força aérea soviética teria sido muito mais perigosa e teria paralisado por completo o avanço militar, industrial e de transporte alemão, através dos ataques nas regiões produtoras de petróleo. Hitler compreendera muito bem essa ameaça e vira na invasão da Rússia sua única defesa possível. Obviamente, nem isso o salvou.

Em 22 de junho de 1941, a 41ª divisão de rifles do 6º corpo de rifles do 6º exército, sem aguardar ordens do alto comando, agiu de acordo com os planos do pré-guerra e cruzou a fronteira na região de Rava-Russkaia*. O 102º regimento de rifles dessa divisão cruzou a fronteira em uma linha de frente de oito quilômetros e penetrou entre quatro e seis quilômetros do território inimigo. Na manhã de 22 de junho de 1941, o comandante da frente noroeste, coronel-general F. I. Kuznetsov, sem aguardar ordens de Moscou, mandou que suas tropas atacassem Tilzit, na Prússia oriental. Para os oficiais da frente noroeste, bem como para os comandantes de exército e seus oficiais, tal decisão não constituiu surpresa nenhuma; um ataque a Tilzit fora bem trabalhado nos exercícios de treinamento alguns dias antes e "era bastante

---

* N.T.: Em Lvov, na Ucrânia.

familiar aos comandantes de formação e a seus oficiais".[12] O coronel-general Kuznetsov simplesmente pôs em ação os planos do pré-guerra. Na noite desse dia, o alto comando soviético, que ainda não sabia nada sobre a ação de Kuznetsov, ordenou-lhe que fizesse exatamente o que ele já havia iniciado: atacar Tilzit, na Prússia oriental.

O alto comando também ordenou que a frente ocidental vizinha realizasse um poderoso ataque na cidade polonesa de Suvalki. Não foi surpresa para o comandante da frente ocidental, o general D. G. Pávlov, que conhecia os objetivos de sua frente muito antes de chegarem as diretrizes de Moscou e já havia dado ordem de avançar para Suvalki. Entretanto, como a força aérea alemã não fora destruída em um raide, mas, ao contrário, toda a frente ocidental soviética havia perdido 738 aviões nas primeiras horas da guerra, avançar não seria a melhor opção. A frente ocidental, seu comando, os oficiais, os comandantes de exército e os chefes já sabiam antes da guerra que o objetivo primário seria cercar as formações alemãs nas vizinhanças de Suvalki. Um ataque soviético a Suvalki já tinha sido preparado bem antes da guerra, e o alvo fora identificado pelos comandantes soviéticos. Certamente os comandantes de menor patente não tinham o direito de conhecer o nível tático desses alvos, mas, no escalão mais alto, ele fora claramente formulado, lacrado em envelopes e guardado em cofres em todos os QGs, inclusive os de batalhões. Por exemplo, o batalhão de reconhecimento da 27ª divisão de rifles, concentrado ao longo da fronteira próximo à cidade de Augustow, preparava-se para posicionar as forças de reconhecimento em torno de Suvalki.[13] O objetivo era assegurar um rápido avanço de toda a 27ª divisão de rifles, de Augustow a Suvalki.

Muito antes da guerra, um grande número de soldados soviéticos estava concentrado nas cercanias de Augustow. Ali, em território soviético, o canal Augustow estendia-se paralelamente à fronteira. Se houvesse planos para defesa, os soldados deveriam estar posicionados atrás do canal, a fim de usá-lo como obstáculo, como uma trincheira antitanques. No entanto, as tropas soviéticas atravessaram o canal e posicionaram-se na margem ocidental, em uma estreita faixa de terra entre o canal e a fronteira, de onde a cerca farpada fora removida. No amanhecer do dia 22 de junho, milhares de soldados soviéticos pereceram ali, sob o fogo letal e repentino do inimigo. Com o canal às costas, eles não tinham por onde recuar.

As tropas alemãs também estavam concentradas ao longo do outro lado da fronteira e removeram a cerca farpada. Se o Exército Vermelho tivesse atacado um dia antes, as perdas do outro lado teriam sido igualmente grandes. O posicionamento das tropas ao longo da fronteira era extremamente perigoso, caso o inimigo atacasse de repente. Entretanto, essa mesma posição seria extremamente conveniente para realizar um ataque repentino.

Os generais soviéticos nunca esconderam o fato de que tinham objetivos estritamente ofensivos. O general K. Galitski, falando sobre a concentração de soldados

soviéticos na região de Augustow, enfatizou que o comando não acreditava na possibilidade de um ataque alemão; seus soldados foram preparados para realizar uma operação ofensiva. As frentes soviéticas voltadas para a Prússia oriental e a Polônia, bem como as frentes voltadas para a Romênia e a Hungria, preparavam-se apenas para atacar. O major-general A. I. Mikhaliov reconheceu que o comando soviético não planejara usar as frentes do sul e sudoeste em ações defensivas e contraofensivas. "As metas estratégicas deveriam ser alcançadas com as tropas mudando para um curso de ação decisivamente ofensivo."[14]

Porém, as atividades do Exército Vermelho nos primeiros dias de guerra retratam melhor as intenções soviéticas. O general Jukov coordenou a ação das frentes do sul e sudoeste nesses primeiros dias, cujos objetivos eram a Romênia e a Hungria. Até 30 de junho de 1941, Jukov insistiu em avançar e exigiu que os comandantes das frentes apenas atacassem. Foi só em julho que ele e os colegas concluíram que seus exércitos já não poderiam atacar.

É interessante examinar os preparativos de guerra do Exército Vermelho pelo ponto de vista de quem estava na fronteira, especialmente na fronteira romena, pois o ataque mais significativo deveria realizar-se nessa região. Muitos livros foram escritos sobre esse período. Em junho de 1941, o herói da União Soviética, o major-general A. A. Sviridov, comandou o 144º batalhão isolado de reconhecimento, da 164ª divisão de rifles do 17º corpo de rifles do 12º exército, posicionado no bolsão de Lvov-Tchernovits, na fronteira romena. O 17º corpo era, em essência, um corpo montanhês de rifles. Na verdade, todo o 12º exército era um exército montanhês. Sviridov escreveu sobre 19 de junho de 1941: "Nossa divisão substituiu os guardas da fronteira no Rio Prut*. Deixando a fronteira, eles nos entregaram a linha da praia fortificada". Do lado romeno, "ouvimos os gritos vindos das vilas: os camponeses foram evacuados para longe da fronteira". "Todos nós, guerreiros soviéticos, nos preparamos para enfrentar o inimigo somente em seu território."

Entretanto, entre 13 e 20 de junho, as tropas do NKVD retiraram à força a população das regiões fronteiriças do Mar Branco para o Mar Negro. Os alemães evacuaram os moradores de uma faixa de terra de 20 quilômetros de extensão, enquanto os soviéticos removeram os moradores de uma área de 100 quilômetros de largura. Os alemães evacuaram a população; os soviéticos evacuaram alguns povoados e enviaram muita gente ao Gulag. Em 19 de junho — o dia descrito por Sviridov — a operação do NKVD para limpar a faixa da fronteira entrou em seu estágio mais sangrento.

Após a deportação forçada da população, os guardas da fronteira desmontaram todas as minas e os obstáculos farpados da fronteira soviética e também deixaram a região. Nas faixas de terra de dezenas de quilômetros de comprimento, nos pontos

---

* N.T.: Atualmente, é a fronteira natural entre a Romênia e a Moldávia.

onde os ataques soviéticos estavam sendo preparados, a fronteira estava aberta; os guardas haviam saído, entregando-a ao Exército Vermelho. Os batalhões de reconhecimento das divisões soviéticas aproximaram-se da fronteira.

Muitos anos antes da guerra de 1941, Chapochnikov dissera que "a transferência de exércitos para posições de guerra obviamente conduz à elevação de seu valor militar e de seu moral". Entretanto, Chapochnikov alertara que um exército sob regime de guerra e deslocado para as fronteiras inevitavelmente sofreria de tensão nervosa, sendo impossível contê-la. Ele também advertiu que o exército não poderia ficar muito tempo nas fronteiras, sendo necessário entrar em ação de forma rápida. Stálin leu o livro de Chapochnikov com muita atenção; conhecia-o bem e muitas vezes citava-o. Em maio de 1940, Chapochnikov foi promovido a marechal da União Soviética. Oficialmente, era representante do comissário popular de defesa; na prática, era o primeiro conselheiro militar de Stálin. Em meados de junho de 1941, os exércitos soviéticos foram deslocados para as fronteiras. O alto comando sabia que todos estavam ansiosos para iniciar o combate e que não havia como conter sua atração pelo ataque.

Nada separava o Exército Vermelho do inimigo, exceto uma fina linha de guardas fronteiriças do NKVD. Jukov, Timochenko e Chapochnikov não tinham o poder de ordenar aos guardas que deixassem as fronteiras, pois os guardas não estavam sob sua jurisdição, e sim sob a de Beria, o comissário do NKVD. No entanto, Béria não tinha o poder de ordenar às unidades que substituíssem seus homens nas fronteiras. Apenas um homem — Stálin — poderia ordenar ao comissário do NKVD que removesse os guardas da fronteira e ao comissário de defesa que enviasse as divisões para a região.

E o inesperado aconteceu. O exército alemão atacou. Examinemos as consequências do ataque, usando o exemplo da 164ª divisão, onde Sviridov serviu como comandante de batalhão. Havia dois rios nessa região: o de fronteira, rio Prut, e o Dniester*, que corria paralelo ao primeiro, em território soviético. Se a divisão estivesse se preparando para a defesa, não haveria razão para se deslocar até as terras entre os dois rios; o mais lógico seria escavar trincheiras na margem oriental do Dniester, usando ambos os rios como obstáculos. As pontes deveriam estar prontas para explodir; e não poderia haver suprimentos, hospitais, grandes unidades do exército nem quartéis na faixa entre os rios; somente poderia haver pequenos grupos de peritos em demolição e sapadores. Porém, a 164ª divisão (assim como todas as demais) preparou-se para invadir e, por isso, cruzou o Dniester, levando centenas de toneladas de munição, combustível e suprimentos, bem como QGs, hospitais e unidades de comunicação. Detiveram-se na última fronteira — o rio Prut. Havia 15.000 soldados

---

* N.T.: Em certo trecho, é a fronteira natural entre a Ucrânia e a Moldávia.

na divisão, muitos canhões, projéteis e veículos. Outras divisões encontravam-se perto, todas na faixa de terra entre os rios; tinham o Dniester atrás e o Prut, de fronteira, na frente.

Os alemães atacaram, tomaram a ponte que cruzava o Prut — a ponte não fora minada — e suas unidades começaram a passar por ela. Bombardearam as pontes por trás das divisões soviéticas. Ao norte da faixa, o 1º grupo de tanques alemão rompeu a linha de frente soviética, cercando-a e isolando-a da retaguarda. As divisões soviéticas ficaram; massas de homens e armas (a 96ª divisão montanhesa de rifles, de 13 mil homens, estava entre elas) caíram nessa armadilha. Ninguém havia se preparado para a defesa; não cavaram trincheiras nem abrigos. Recuar era impossível: tinham o Dniester atrás, sem nenhuma ponte. Seguiu-se, então, o massacre.

Sviridov olhou para o Prut com sua ponte e viu infindáveis filas de soldados alemães passando por ela. E lembrou: "A ponte! Nós a preservamos a fim de avançar e agora não podemos explodi-la. [...] Todo o meu treino militar baseou-se no lema: Sempre avante! Recuar era considerado vergonhoso, e nem sequer nos ensinaram como recuar. Agora, forçados a bater em retirada, não tínhamos experiência. Tivemos de aprender essa difícil arte sob o fogo cruzado do inimigo".

Durante a guerra, especialmente no início, o Exército Vermelho sofreu muitas derrotas. Em agosto e setembro de 1941, uma catástrofe militar de proporções históricas aconteceu nos arredores de Kiev: 665.000 tropas soviéticas foram cercadas e capturadas pelo exército alemão. Perto de Smolénsk, outros 310.000 soldados e oficiais soviéticos foram cercados. Em 1942, na linha de frente da Crimeia, os soviéticos viram-se cercados perto de Kharkov; o 2º exército de choque, chefiado pelo general Vlasov, foi capturado e exterminado.

Esse tipo de informação era considerado sigiloso. Historiadores soviéticos e generais nunca escreveram sobre tais derrotas, mas houve uma exceção à regra. No dia 22 de junho de 1941, a propaganda soviética descreveu, sem piedade, tudo o que aconteceu nesse dia e denunciou o Exército Vermelho diante do mundo inteiro. No entanto, por que a propaganda pôde denunciar nossa falta de prontidão para a guerra?

Na biblioteca da Academia Militar Diplomática do Exército Soviético, deparei-me com um pequeno livro intitulado *Breve Livro Russo de Frases para Soldados e Jovens Comandantes*. Esse livreto foi publicado em Moscou, em 29 de maio de 1941; em 5 de junho, ele foi publicado em Leningrado, Minsk e Kiev. No total, cinco milhões de cópias foram impressas. Em todos os livros soviéticos, incluindo manuais militares, o preço era impresso na última página. Nesses livros, não; nem nas instruções relativas à conduta em batalha. Tal tipo de publicação era tratado como munição e distribuído às tropas nos exercícios de treinamento; se necessário, também antes e durante a batalha. Não havia preço nenhum no livreto que encontrei. Tratava-se, pois, de um documento de batalha e provava que a URSS estava se preparando para uma guerra com a Alemanha.

O livreto de frases fora composto de modo simples e inteligente: uma pergunta em russo, seguida da mesma questão em alemão, escrita em caracteres cirílicos e depois em letras latinas. As respostas também vinham em russo e alemão, com letras latinas e cirílicas. Era muito simples, de acordo com o livreto. Se você não sabia pronunciar a frase escolhida, bastava apontá-la no livro e os alemães a leriam facilmente. Eram frases interessantes. Por exemplo: "Onde está a água? É potável? Beba você primeiro". Imaginem a situação: os soldados soviéticos lutando, defendendo a mãe-pátria; eles entram em um vilarejo russo, tiram o livro da mochila e leem, sílaba por sílaba: *"Trinken Sie zuerst man selbst!"* Então, seriam confundidos com soldados alemães na Rússia! Eis outros exemplos: "Como se chama essa estação? Parem a transmissão, ou atiro em vocês! Traga o motorista! Onde está o combustível? Onde fica a garagem? Reúnam [tantos] cavalos e tragam aqui, nós pagaremos!" Para comunicar-se com as populações locais, não seria má ideia saber frases como estas: "Onde se esconderam os soldados alemães? Onde está o *Burghermeister*? Há algum ponto de observação no campanário?" Só que não existiam *Burghermeisters* nem campanários na União Soviética. Eis outra pergunta importante: "Onde estão as lojas?" E as mais recomendadas eram estas: "Não é preciso ter medo! O Exército Vermelho logo chegará!"

Um ex-diplomata soviético, Nikolai Berejkov, que acompanhou Molotov a Berlim em 1940, escreveu em suas memórias *With a Diplomatic Mission in Berlin* que um funcionário de uma editora alemã levara à embaixada soviética um livreto alemão-russo de frases do mesmo tipo. Para a embaixada soviética, o livro era prova indiscutível de que a Alemanha preparava-se para invadir a URSS. No entanto, na URSS estavam imprimindo exatamente o mesmo livreto de frases. Soldados e oficiais soviéticos preparavam-se para uma marcha vitoriosa sobre Berlim, só que a guerra contra a Alemanha, em 1941, não saiu de acordo com os planos. Assim, quando os comandantes soviéticos foram capturados, os alemães encontraram mapas interessantes e ordens curiosas em suas mochilas. Milhares de soldados tinham livretos de frases, tanto do russo para o alemão como do alemão para o russo. Muitos simplesmente não acharam necessário livrar-se desse indício bastante comprometedor.

O comandante da 5ª bateria do 14º regimento de obuses da 14ª divisão de tanques do 7º corpo mecanizado, Iákov Iosífovitch Djugachvíli, filho de Stálin, não foi exceção. Foi capturado, mas, no início, ninguém o reconheceu. O tenente-sênior, entretanto, foi traído pelos subordinados. O filho de Stálin foi sondado e questionado. Encontraram uma carta em seu bolso, de um certo tenente-júnior da reserva chamado Viktor: "Estou nos campos de treinamento e gostaria de voltar para casa no outono, mas os planos de entrar em Berlim talvez me impeçam". A carta estava datada de 11 de junho de 1941. O conteúdo foi relatado ao próprio Hitler; ele mencionou essa carta em 18 de maio de 1942.[15] Em junho de 1941, oficiais da inteligência alemã mostraram a carta a Iákov Djugachvíli e pediram-lhe que aclarasse a frase "os

planos de entrar em Berlim". O protocolo do interrogatório gravou a reação do filho de Stálin. Ele leu a carta e murmurou baixinho, "Maldição!".

Durante o interrogatório, perguntaram ao filho de Stálin por que a artilharia soviética, que tinha os melhores canhões e obuses do mundo, e em números incríveis, tivera tão mau desempenho. O filho de Stálin respondeu: "Os mapas prejudicaram o Exército Vermelho porque a guerra, ao contrário da expectativa, desenvolveu-se a leste da fronteira do país".[16] O rapaz disse a verdade. Em 1941, o Exército Vermelho lutou sem mapas: simplesmente não havia nenhum. Entretanto, a artilharia não poderia atirar sem mapas. Mirar e disparar diretamente era apenas uma pequena fração do trabalho da artilharia em uma guerra. Na maior parte do tempo, a artilharia atirava para além do horizonte.

"Acontece que, na Rússia soviética, criou-se uma indústria de mapas que ultrapassou tudo o que havia sido feito até então, em termos de tamanho, organização, volume e qualidade de trabalho", concluíram os alemães sobre os serviços topográficos soviéticos.[17] Como conciliamos essa melhor indústria cartográfica do mundo com a total ausência de mapas? O tenente-general A. I. Lossev explicou: "O armazenamento de mapas topográficos, situado ilogicamente perto da fronteira, foi tomado ou destruído pelo inimigo por ocasião dos primeiros bombardeios. Como resultado, as tropas perderam cem milhões de mapas".[18]

Essa é uma avaliação moderna; o número mencionado é baixo. O tenente-general M. K. Kudriavtsev, diretor dos serviços topográficos do Exército Vermelho nos tempos de Stálin, relatou que, nos primeiros dias de guerra, as tropas soviéticas destruíram, na retirada, mais de duzentos vagões ferroviários cheios de mapas topográficos — e só nas regiões militares do Báltico, Kiev e do Ocidente.[19] O menor vagão de carga existente na União Soviética em 1941 tinha capacidade para 20 toneladas. Supondo que os vagões menores fossem utilizados para guardar os mapas, quatro toneladas deles teriam sido destruídas nas três regiões. Kudriavtsev afirmou que, em média, cada vagão continha 1.033.000 mapas. Duzentos vagões somariam 200 milhões de mapas. Qual dos dois generais está certo? Ambos. Um falou sobre o que os alemães destruíram: 100 milhões. O outro acrescentou que os próprios soviéticos destruíram 200 milhões de mapas para não caírem em mãos inimigas.

Se o exército soviético planejasse defender Moscou, Kursk e Stalingrado, precisaria de mapas dessas regiões. Não havia motivo para transportar tais mapas até a fronteira; ali, o exército precisaria de mapas das cercanias. Porém, se o plano fosse avançar, o exército precisaria de mapas dos territórios que ficavam mais adiante. Se a União Soviética planejasse apossar-se de grandes áreas, precisaria do correspondente número de mapas, que seria fornecido a um exército de milhares de soldados. O Exército Vermelho não preservou os mapas que estavam nas regiões fronteiriças por-

que seriam inúteis na defesa do país. Em 1941, os planos de "libertação" da Europa desmoronaram, e o valor dos mapas armazenados nos vagões, ali na fronteira, caiu a zero. Juntamente com eles, perderam-se milhões de livretos com glossários do russo para o alemão e do russo para o romeno.

A população soviética esperava a guerra, mas não a invasão alemã. Naturalmente, quando a Alemanha atacou, foi um choque geral. O major-general da KGB, O. D. Gotsiridze, relembrou: "Antes de 3 de julho, quando Stálin fez uma aparição pública, ninguém sabia o que fazer. Todos acreditavam que a guerra seria rápida e em solo estrangeiro".[20]

"A desmoralização completa entre nossas tropas aconteceu porque [...] todos haviam planejado guerrear em território inimigo, e nosso comando militar sonhava com uma *Blitzkrieg* tanto quanto os alemães. No entanto, não tivemos um final feliz. [...] A repentina necessidade de defesa obrigou à retirada total em todas as frentes de soldados e civis."[21]

42

O pânico de Stálin

A Rússia, em sua agonia, tem muita sorte de ser governada por um rústico chefe guerreiro. É um homem de enorme e destacada personalidade, adequada aos tempos sombrios e tempestuosos em que sua vida foi moldada; um homem de coragem inexaurível e força de vontade; um homem direto, até brusco ao discursar — coisa que não me incomoda em nada, já que fui educado na Câmara dos Comuns, especialmente quando também tenho algo a dizer. Acima de tudo, é um homem com fantástico senso de humor, o que é de grande importância para todos os homens e todas as nações, mas, particularmente, para grandes homens e grandes nações. Stálin também deixou em mim a impressão de profunda e fria sabedoria, além de completa ausência de qualquer tipo de ilusão.

Winston Churchill,
discurso na Câmara dos Comuns,
8 de setembro de 1942

Após a morte de Stálin, Nikita Khruschov relatou que, em 1941, ao saber da invasão alemã, Stálin entrou em pânico; recolheu-se em sua dacha-fortaleza na periferia de Moscou, mantendo-se totalmente longe de qualquer problema. Não recebia ninguém, não perguntava sobre o desenrolar da guerra e não atendia às chamadas telefônicas. Stálin ficou absolutamente apático. Absteve-se de cumprir quaisquer obrigações estatais ou do partido. Assim deprimido ficou por mais de uma semana; somente em 1º de julho os membros do Politburo conseguiram convencê-lo a retomar as rédeas do poder. Essa história foi aceita e repetida em milhares de livros e ensaios, servindo como a prova principal de que Stálin não estava pronto para a guerra.

Depois de 1991, os arquivos soviéticos tornaram-se mais acessíveis, e os pesquisadores encontraram diários que documentavam visitas ao escritório de Stálin entre

1927 e 1953. Descobriram que Stálin trabalhou duramente nos primeiros dias de guerra. O registro de 21 de junho de 1941 era: "Os últimos [visitantes] saíram às 23 h". Isso não significava que o dia de Stálin havia terminado; depois que os últimos visitantes saíam, ele ainda escrevia, lia, falava ao telefone e trabalhava fora do escritório, no apartamento do Kremlin ou na dacha. Em 22 de junho de 1941, Stálin começou a receber visitantes às 5h45 da manhã. Trabalhou onze horas sem interrupção e seus visitantes incluíam Molotov, Béria, Timochenko, Mekhlis, Jukov, Malenkov, Mikoián, Kaganovich, Vorochilov, Vichínski, Kuznetsov, Dimitrov, Manuílski, Chápochnikov, Vatutin, Kulik, entre outros.

A semana seguinte foi um dia contínuo de trabalho para Stálin com breves intervalos. A recepção de visitantes começava às 3h20 (23 de junho) ou à 1h, sempre de madrugada, e terminava na manhã seguinte. As reuniões duravam cinco, seis ou doze horas. Às vezes, o dia de Stálin durava 24 horas, com breves descansos. Depois dessa semana inicial da guerra, os diários nada registraram por dois dias consecutivos — 29 e 30 de junho.

Khruschov afirmou que quando os alemães atacaram, Stálin, assustado, isolou-se. Hoje sabemos que, logo após a invasão alemã, ele trabalhou sete dias consecutivos, dentro do humanamente possível. Nos primeiros momentos da guerra, Stálin simplesmente não acreditou que Hitler atacara. Ele havia calculado todos os movimentos possíveis e nenhum deles incluía um ataque alemão. Durante a primeira semana de guerra, Stálin incitou suas tropas ao ataque. Deveria ordenar que iniciassem a defesa, mas resistiu. Por fim, em 28 de junho, soube que a frente ocidental fora cercada, que o 4º exército fora exterminado e que três exércitos — 3º, 10º e 13º — haviam sido cercados. A partir daí, Stálin entendeu que seus planos pela "libertação" da Europa fracassaram. Quando chegou ao Comissariado Popular de Defesa, em 29 de junho, percebeu a verdadeira dimensão do total fracasso da frente ocidental. Ali, ele teve uma explosão de fúria com Timochenko e Jukov, fazendo este último chegar às lágrimas. Anastás Mikoián lembrou-se: "Stálin ficou desanimado. Após sair do comissariado, comentou: 'Lênin deixou-nos um grande legado, e nós, seus seguidores, jogamos esse legado privada abaixo'. Ficamos chocados com a frase. Estaria tudo perdido mesmo? No final das contas, atribuímos essas palavras ao estado emocional de Stálin".[1]

Stálin compreendeu que não poderia fazer nada. O país socialista era capaz de esmagar outros, mas não poderia competir com eles em tempos de paz. A partir de 22 de junho de 1941, o destino da União Soviética foi selado. Mais cedo ou mais tarde, ela desmoronaria. Apenas poderia sobreviver consumindo tudo o que estivesse em volta; caso contrário, estava condenada. A União Soviética somente poderia existir se o povo soviético não tivesse como comparar sua vida com a dos povos que o cercavam. Por esse motivo, a ideia principal de Stálin era destruir qualquer capita-

lismo vizinho da União Soviética. Todos os planos de Stálin eram simples, lógicos e compreensíveis: a vitória total só seria possível em escala global.

Hitler também compreendera: "O mundo bolchevizado só poderá se sustentar se englobar tudo".[2] Em 22 de junho de 1941, Hitler realizou um ataque suicida, mas mortal, ao comunismo. Independentemente do desenrolar dos acontecimentos seguintes, Stálin já não poderia conquistar o mundo todo — e isso equivalia à sua morte. Em 30 de junho de 1941, Molotov, Béria, Malenkov e outros entraram no quarto de Stálin, em sua dacha. Anastás Mikoián, membro do Politburo de Stálin, deixou uma bela descrição desse episódio:

> Fomos à dacha de Stálin. Ele estava na saleta de jantar, sentado na poltrona habitual. Assim que nos viu, pareceu encolher-se na cadeira; depois olhou-nos interrogativamente. E perguntou: 'Para que vieram?' Tinha um ar desconfiado e estranho no rosto — e a pergunta que ele fez não era menos estranha. Na verdade, ele mesmo deveria ter-nos convocado. Não tive dúvida; ele decidira que tínhamos ido prendê-lo. Molotov, falando em nome de todos nós, disse que o poder precisava ficar concentrado, se quiséssemos reerguer o país, e que um comitê estatal de defesa deveria ser criado. 'Quem está no comando?' perguntou Stálin. Quando Molotov respondeu que ele, Stálin, tinha o comando, este o encarou com surpresa, mas nada disse. 'Ótimo', acabou respondendo.[3]

O Politburo não fora prender Stálin. Precisavam dele como um símbolo, uma bandeira, em volta da qual os restos de uma divisão esmagada se ergueriam em batalha. Falaram em salvar o país, mas Stálin não lhes deu ouvidos. Sem conquistar a Europa, sem expandir os limites da União Soviética, esta acabaria desmoronando, cedo ou tarde. Stálin perdera o país fundado por Lênin. Em 1941, apenas Stálin pôde entender o verdadeiro peso da invasão alemã. Em 1941, o Politburo ainda não percebera, em toda a extensão, que a invasão de Hitler significava a morte da União Soviética. O Politburo forçou Stálin a retomar o poder, e este, com um aceno de mão descuidado, voltou — absolutamente consciente de que a causa, pela qual lutara e trabalhara a vida inteira, havia fracassado.

43

Se não fosse o inverno...

Os futuros historiadores chegarão à conclusão que, considerando a situação militar, a invasão da Rússia foi um erro político; e todo o esforço bélico estava condenado desde o começo.

Coronel-general Hermann Hoth,
Operações Panzer

Durante a guerra com a União Soviética, o ministério de Goebbels, "Ministério do Reich para esclarecimento do povo e propaganda", rapidamente encheu jornais e revistas com milhares de fotos: veículos alemães atolados na lama russa, um cavalo sendo açoitado porque não conseguia tirar a carroça do barro, tanques cobertos com densas camadas de neve e rajadas de vento arrancando o capacete de um pobre soldado alemão.

O princípio vital da propaganda é o apelo visual. Aos chocados alemães que ficaram no país, Goebbels fornecia toneladas de fotos e crônicas: lama, lama, lama, lama intransponível, campos infindáveis, planícies, neve, ventos com força de furacão derrubando soldados (as fotos foram tiradas em um campo aéreo, onde as hélices de um motor J-52 ajudavam a tempestade e acrescentavam drama à situação). Se não fosse o inverno... Cartas de soldados e memórias de generais eram acrescentadas à propaganda de Goebbels, descrevendo os horrores do inverno russo, a lama intransitável e a inacreditável ausência de estradas.

Os historiadores marxistas deveriam rebater essas alegações, para que ninguém repetisse as conclusões dos defensores de Hitler. Todavia, os historiadores marxistas não só jamais rebateram tais afirmações, como se juntaram ao coro de vozes nazistas. Os propagandistas marxistas declararam que os russos estavam totalmente despre-

parados para a guerra; aliás, não foram eles que derrotaram Hitler: todo o crédito deveria ficar com as infindáveis planícies russas, a lama e o terrível inverno.

Por que os comunistas repetiam as mentiras nazistas? A resposta era simples: eles precisavam provar que a União Soviética não poderia invadir a Europa. Era preciso demonstrar fraqueza. Eis um exemplo: "Artilharia, motocicletas, caminhões e até tanques atolavam-se na lama impenetrável; as rodas dos aviões ficavam presas ao solo, impedindo a decolagem. O suprimento de munição, o combustível e os produtos foram drasticamente reduzidos. O inverno precoce substituiu, de repente, o outono, aliás incomumente chuvoso. Quando o chão congelou-se em novembro, muitos canhões e veículos foram abandonados no caminho, onde estavam atolados havia semanas".[1]

A propaganda nazista, combinada com a comunista, mostrou-se tão forte que a lenda de Hitler sobre neve, inverno, falta de estradas e vastos espaços abertos foi repetida até por pessoas que haviam sido removidas da propaganda de Goebbels. Não é de surpreender que, quando questionadas sobre os motivos da derrota de Hitler, as crianças alemãs ainda hoje respondam em uníssono: inverno, neve e espaços abertos.

Vamos supor que, não fosse o inverno, a neve e os vastos espaços abertos, Hitler teria aniquilado o Exército Vermelho e tomado a União Soviética. No entanto, se a Grã-Bretanha não fosse uma ilha protegida dos tanques alemães pelo Canal da Mancha, também seria estrangulada por Hitler. Se o deserto africano não fosse tão quente e coberto de areia, se houvesse um túnel sob o Mediterrâneo para fornecer combustível e munição às tropas alemãs, Hitler teria expulsado os ingleses da Líbia e do Egito e tomado a África. Se a América não ficasse do outro lado do oceano, e sim na Europa, bem debaixo do nariz de Hitler, se a América fosse um pequeno país, do tamanho da Bélgica, Hitler também a teria esmagado. Se a Antártica tivesse clima igual ao da França, Hitler faria dela um balneário para generais com praias e palmeiras.

Quando ouvimos histórias de tanques atolados na lama, devemos lembrar sua potência e pressão específicas sobre o chão. O melhor tanque alemão de 1941, o T-IIIA, tinha pressão específica de 0,94 kg por centímetro quadrado de superfície de apoio. Certamente afundaria na lama! Sua potência específica era de apenas 13,9 HP por tonelada. Os demais modelos alemães eram ainda mais fracos. Tais tanques foram projetados por quem simplesmente não entendia a natureza da guerra. Eles não podiam competir com os tanques soviéticos — e ainda há quem insista que a culpada era a lama.

Em fevereiro de 1940, o Exército Vermelho rompeu a impenetrável Linha Mannerheim. Ao mesmo tempo, o exército alemão simplesmente recusava-se a lutar na França. Os generais alemães, alegando o clima da França, sabotaram as ordens de invasão emitidas pelo alto comando. "Aqui, por sorte, a natureza interveio e forçou

o adiamento da data — que, entre o outono de 1939 e o fim de janeiro de 1940, foi quinze vezes alterada."[2] A ordem de iniciar a invasão foi adiada muitas vezes, mesmo depois de janeiro de 1940. Até abril, os generais alemães não estavam preparados para lutar na França.

Em 1941, a luta aproximou-se de Moscou. Nessa região, não havia gelo ártico, como na Finlândia; não havia neve profunda nem pântanos. A área em volta de Moscou tinha uma topografia sonhada por qualquer invasor: não havia rios encachoeirados nem margens escarpadas. As defesas soviéticas próximas a Moscou não se comparavam com a Linha Mannerheim. No entanto, o exército alemão ficou entalado. E nós ouvimos: o Exército Vermelho não poderia lutar, por isso, levou tanto tempo para romper a Linha Mannerheim. Ninguém fala em gelo, neve e terrenos intransponíveis na Finlândia. Porém, o exército alemão parou às portas de Moscou porque o inverno impediu-o de prosseguir.

Em 10 de agosto de 1941, o coronel-general Halder escreveu em seu diário: "A exausta infantaria alemã não será capaz de responder com medidas decisivas de ataque aos esforços inimigos. [...] No presente momento, nossas tropas estão esgotadas, sofrendo pesadas perdas".[3] No dia seguinte, Halder escreveu: "Os soldados já não têm forças. Nosso compromisso agora é realizar a última e duvidosa tentativa de evitar a transição para a guerra de desgaste. O comando só tem recursos muito limitados. [...] Pusemos nossas últimas forças na batalha".[4] A *Blitzkrieg* começara a sufocar já em agosto. Os alemães não tinham mais forças e deixaram de avançar. O exército de Hitler estava tão fraco e despreparado para a guerra que, dois meses após o início dos combates, atacar ficou fora de cogitação. Em 22 de agosto de 1941, Halder escreveu: "A mensagem do *Führer* está cheia de contradições. [...] A posição do OKH* tornou-se insuportável em virtude de ataques e intromissões do *Führer*. Apenas ele é responsável pelas ordens contraditórias. [...] À tarde, nossos debates e discussões foram interrompidos por uma conversa telefônica com o marechal de campo von Bock, o qual mais uma vez enfatizou que seus soldados não seriam capazes de se defender por mais tempo nessa posição, que foi escolhida porque todos pensavam que iriam atacar Moscou".[5] Dia 5 de setembro de 1941: "Nossas unidades renderam-se ao inimigo na curva da linha de frente próximo a Iêlnia".[6] Na região estrategicamente mais significativa do teatro de operações, os alemães do grupo central do exército não resistiram à pressão do 24º exército soviético e desistiram da área de que precisavam para atacar Moscou.

O marechal K. K. Rokossovski rememorou: "Depois de uma avaliação realista da situação e sabendo que o inverno se aproximava, o inimigo não teve outra escolha senão a retirada imediata, tendo de percorrer uma enorme distância".[7]

---

* N.T.: *Oberkommando des Heeres* (Alto comando do exército alemão).

Por que os alemães não recuaram? Em 13 de setembro de 1941, Halder escreveu: "No presente momento, não podemos prever quantos soldados poderão ser removidos da frente oriental na chegada do inverno e quantos serão necessários para realizar as operações do próximo ano".[8] Essa observação mostra que a *Blitzkrieg* já havia terminado antes da neve e da lama. A guerra já tinha se transformado em guerra de desgaste — uma guerra prolongada e mortal para a Alemanha.

Em 29 de maio de 1942, Hitler assistiu ao famoso filme soviético *German Defeat near Moscow**. No livro de Henry Picker, *Hitler Table Talk***, os comentários do *Führer* foram registrados nesse mesmo dia: "Neste inverno, sofremos dura prova, porque a roupa de nossos soldados e o nível de veículos motorizados e suprimentos não corresponderam, de modo nenhum, às condições quando a temperatura caiu abaixo de 50°C".[9] "Então, chegaram os primeiros prisioneiros alemães; hordas sem casacos, luvas e nenhuma roupa de inverno. Dançavam de frio e as mãos ficavam enfiadas no fundo dos bolsos, mas precisavam tirá-las de vez em quando para esfregar orelhas e nariz! [...] Finalmente, surgiram os tanques alemães, congelados, mais caminhões e canhões, que se estendiam em fila interminável. Tudo fora abandonado porque o estado-maior das forças terrestres não preparara em tempo as quantidades suficientes de combustível resistente ao gelo nem roupas de inverno.[10]

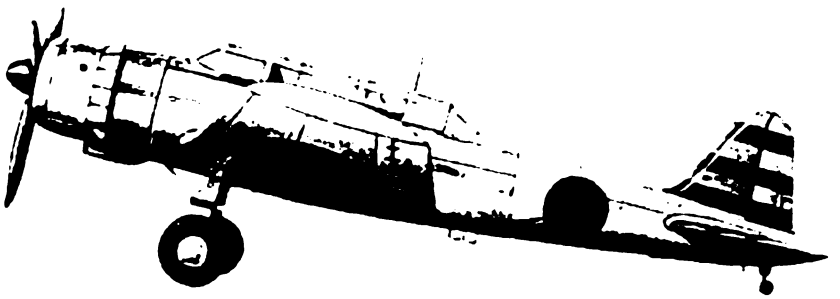
Mil novecentos e quarenta e dois foi o ano de Stalingrado. Moscou, em 1941, nada ensinara a Hitler. Em Stalingrado, as tropas alemãs, mais uma vez, ficaram sem roupas de inverno. A questão principal é: quais conclusões tiraram Hitler e seus generais do catastrófico desempenho alemão no inverno russo? Em 1941, ninguém enviou suprimentos para as operações militares dos alemães durante o inverno. Quais foram os preparativos para o inverno seguinte? Em 5 de abril de 1942, Hitler disse: "Na zona central, precisamos plantar imediatamente junco*** nos pântanos e lamaçais, a fim de que no próximo inverno possamos aguentar o terrível gelo russo".[11]

---

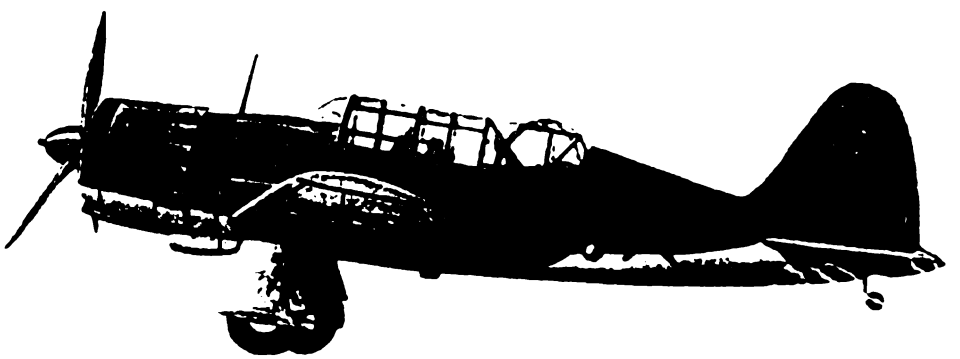
* N.T.: "Rásgrom Nemêtskih Vóisk pod Moskvói", nome do filme em russo.

** N.T.: "Tischgesprache im Fuhrerhauptquartier", título do livro em alemão.

*** N.T.: No original, *cane*. Acreditamos tratar-se de um tipo de junco.



Японский самолет «Накаджима» B5N2. (Вес — 3,8 тонны. Макс. скорость — 378 км/ч. Дальность полета — 2000 км. Боевая нагрузка — 1 торпеда 800 кг).



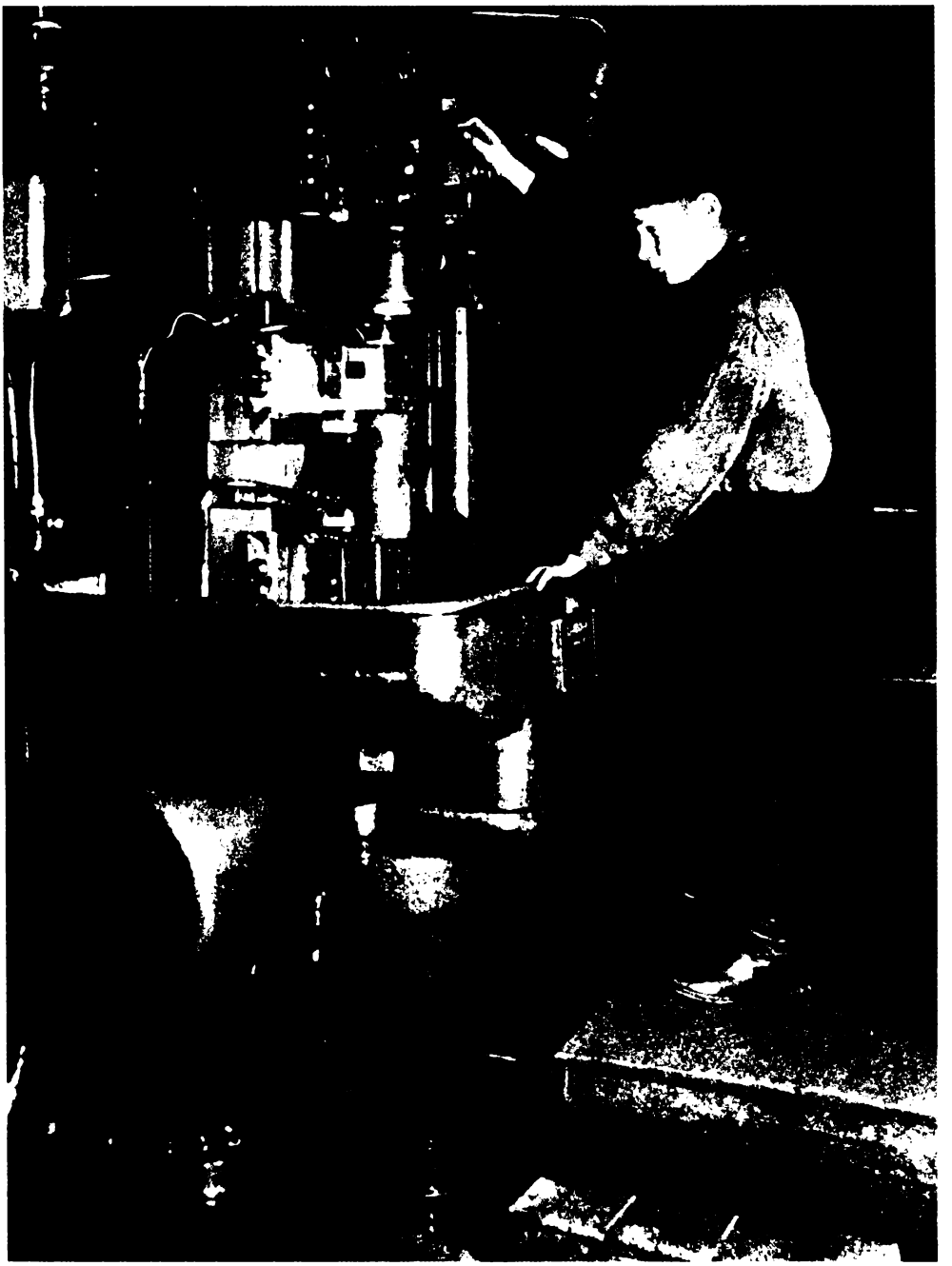
Советский самолет «Иванов», или СУ-2. (Вес — 4 тонны. Макс. скорость — 486 км/ч, дальность полета 1200 км, бомбовая нагрузка — 600 кг).

O avião japonês Nakajima B-5N2. Os japoneses usaram esse avião no ataque-surpresa de Pearl Harbor. No final de 1930, a União Soviética desenvolveu o Su-2 (Ivanóv). Os projetistas soviéticos não conheciam o avião japonês, mas nos dois países desenvolveram-se aparelhos idênticos. Stálin planejava usar o Su-2 contra os alemães, da mesma forma como os japoneses usaram o Nakajima contra os Estados Unidos.

Avião antitanque e de apoio próximo, o Il-2 constituía a mais produzida aeronave da história militar. Stálin preparara-se para ser o primeiro a atacar. Seu foco não estava em construir interceptores para proteger-se de um ataque inimigo, mas em aviões de combate que permitissem um ataque inicial.

Um Howitzer B-4 de 8 polegadas. Cada projétil pesava cerca de 100 quilos. Esses canhões eram necessários primordialmente para uma operação ofensiva, a fim de quebrar a hegemonia defensiva inimiga, ou durante um ataque a cidades. No verão de 1941, o exército vermelho havia concentrado milhares deles na fronteira alemã, cada um com um suprimento de seiscentas cargas de munição. Numa guerra defensiva, eles provaram ser pouco eficientes, até 1944, quando o Exército Vermelho entrou na Alemanha para o último ataque.

O Exército Vermelho era treinado para cruzar rios — elemento essencial em guerras ofensivas. Na guerra defensiva, o exército em retirada utiliza as pontes já existentes e depois as destrói.



Em 1940, a indústria soviética voltou-se para a produção bélica. Sob as ordens de Stálin, milhões de adolescentes foram mobilizados para a "Reserva de Mão de Obra", que fornecia trabalho escravo para a fabricação militar. A deserção da Reserva de Mão de Obra era punida pela corte marcial com a condenação à morte.

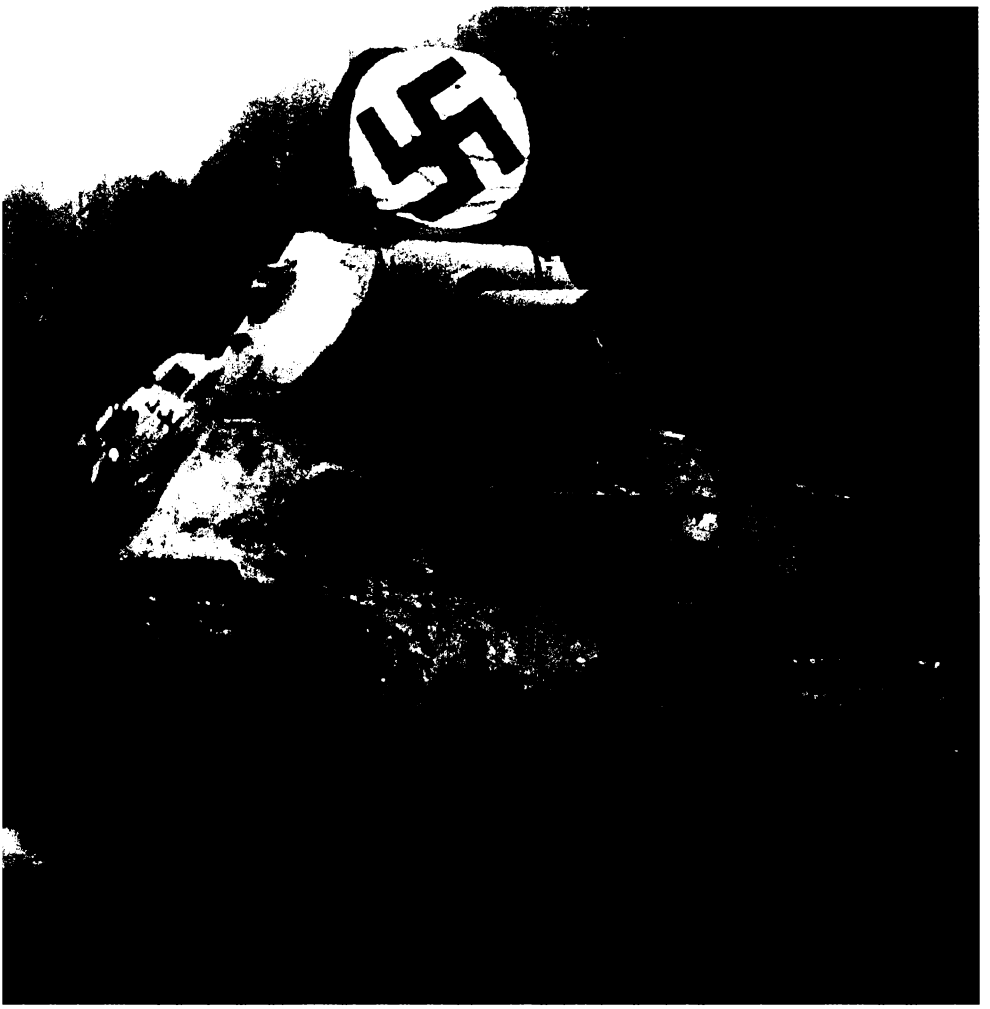
Na primavera de 1941, o comando do Soviete Supremo passou longas semanas na fronteira ocidental da União Soviética. Aqui estão o Comissário de Defesa do Povo, marechal S. K. Timochenko, e o Chefe do Estado-Maior do Exército Soviético, general Gueórgui Jukov, na fronteira romena. Não foi aqui que Hitler atacou, mas nesta área deveria ser lançada a ofensiva soviética contra a Alemanha.

Em 1941, o principal meio de transporte do exército alemão eram carroças e carroções puxados a cavalo, algo raramente mostrado nos cinejornais da época.

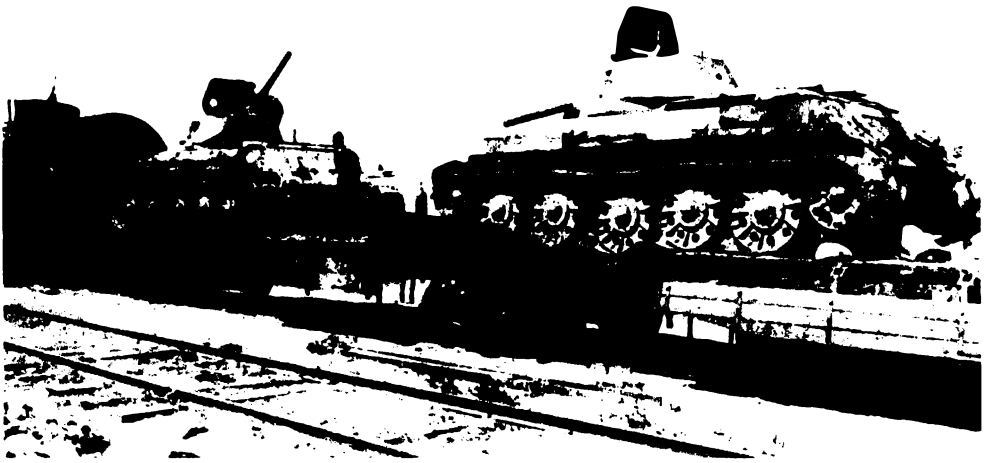
Até a artilharia pesada era transportada por cavalos.

A frota soviética de ataque aéreo, reunida asa com asa perto da fronteira ocidental, ficou exposta ao primeiro ataque de Hitler, em 22 de junho, e foi destruída em terra, em uma enorme fogueira de aeronaves.

Na Bielo-Rússia, o Exército Vermelho abandonou vinte e cinco mil vagões de munição perto da fronteira. Por que tinham sido levados para lá? Por que os vagões estavam carregados? Para onde se dirigiam?



Tanques T-34, abandonados pelo Exército Vermelho no verão de 1941, combateram sob a bandeira alemã até o fim da Segunda Guerra Mundial.



Enquanto a União Soviética declarava sua amizade com Hitler na enganosa notícia da TASS divulgada em 13 de junho, Stálin reunia as tropas soviéticas perto das fronteiras ocidentais. Os alemães atacaram enquanto os soviéticos ainda avançavam pela via férrea. Uma vez destruída a ferrovia, os tanques não puderam ser descarregados; os melhores, os T-34, ficaram de presente para Hitler.

Mesmo as melhores divisões Panzer utilizaram tanques soviéticos T-34.

Entre milhões de prisioneiros soviéticos de guerra, achava-se o filho de Stálin, Iákov Djugachvíli. A carta de um amigo, datada de 21 de junho, foi encontrada em seu bolso, descrevendo um iminente "passeio para Berlim". Atacando primeiro, Hitler atrapalhou o passeio.

Soldados soviéticos do Segundo Escalão Estratégico, recrutados entre prisioneiros do Gulag, rendem-se sem lutar. Stálin dizia que se o fogo é bom, até lenha molhada vira brasa, mas se o fogo é fraco, lenha molhada jamais ajudaria. Se o primeiro ataque soviético tivesse êxito, os prisioneiros recrutados, mal treinados e equipados, teriam lutado bem. Mas como os alemães atacaram primeiro, os esqueletos do Gulag foram inúteis.

Os prisioneiros libertados do Gulag nem tiveram tempo de vestir novos uniformes, e foram capturados no fronte, pelos alemães, com trajes de prisioneiros. Regimentos inteiros, divisões e até unidades táticas usavam o uniforme preto da prisão. Os alemães batizaram-nos de "Divisões Negras". Por que Stálin deslocaria seus prisioneiros dos campos de trabalho siberianos para a fronteira, dando-lhes armas, se não fosse para atacar Hitler?

O exército de Hitler estava totalmente despreparado para a guerra na União Soviética. Os alemães não foram bem equipados para lutar no gelo, na neve e na lama do inverno russo. Mesmo em um cenário mais propício, Hitler jamais teria conquistado toda a União Soviética em um único verão.

Os soldados russos usavam casacos de pele de ovelha. A guerra não poderia acontecer na Rússia sem esses casacos, e os alemães não os tinham. Por isso, Stalin não acreditava que Hitler atacaria primeiro, estando totalmente despreparado para uma guerra que deveria durar mais do que um verão.

44

Uma guerra-modelo

A vitória do socialismo em um país não elimina, de uma só vez, todas as guerras em geral. Ao contrário: pressupõe guerras.

Vladimir I. Lênin,
O programa militar da Revolução Proletária

O relato de um historiador soviético sobre as relações nipo-germânicas na Segunda Guerra Mundial assim dizia: "Os líderes alemães tinham expectativas especialmente otimistas quanto aos aliados japoneses. Queriam que o Japão fosse o primeiro a lançar uma ação militar contra a URSS. [...] No entanto, o governo japonês esquivou-se de conversar com a Alemanha. Apenas em março de 1941, o ministro japonês de relações exteriores, Iosuke Matsuoka, foi a Berlim. [...] Matsuoka recusou-se a fixar um prazo para a ação japonesa contra a URSS, o que provocou forte discussão entre ele e Hitler".[1]

A rota mais curta entre Berlim e Tóquio passa direto por Moscou e, quando o ministro Matsuoka saiu de Berlim, parou brevemente em Moscou. Ali, em 13 de abril de 1941, assinou um pacto de neutralidade com a União Soviética. Ambos os países garantiram "manter relações pacíficas e amigáveis, respeitando a integridade territorial e a independência de cada um. [...] Caso um dos lados fosse vítima de ações militares de uma ou mais nações, o outro lado do pacto observaria a neutralidade enquanto durasse o conflito".[2]

O pacto de neutralidade entre a URSS e o Japão foi um feito notável dos diplomatas de Stálin e um duro golpe nos planos de Hitler. O Japão era aliado da Alemanha, mas recusava-se a lutar contra a União Soviética; além disso, assinou o

pacto. "Quando Matsuoka informou Ribbentrop sobre a probabilidade de existir esse pacto, o chefe da diplomacia alemã afirmou que seria mais sábio não se envolver com a União Soviética, devendo apenas observar os acontecimentos na região."[3] O governo japonês, entretanto, tinha opinião própria sobre esse assunto. Em 14 de abril, um dia após a assinatura do pacto soviético-japonês, Goebbels escreveu no diário que o acordo causara grande sensação. Para a Alemanha, porém, a sensação fora pouco agradável.[4] "A assinatura do acordo soviético-japonês de neutralidade constituiu enorme surpresa para a Alemanha. Ribbentrop ordenou ao embaixador alemão em Tóquio que exigisse explicações do governo japonês."[5] E elas foram dadas. Matsuoka disse ao embaixador que "se a Alemanha e a União Soviética começassem a brigar, ninguém seria capaz de manter a nação neutra, nem mesmo o primeiro-ministro ou o ministro de relações exteriores. O Japão será aliado da Alemanha no ataque à Rússia, seja qual for a situação. Pactos de neutralidade não têm peso nessa hora".[6] Entretanto, tal intenção jamais se concretizou. O Japão não atacou a União Soviética.

Em 13 de abril de 1941, logo após a assinatura do acordo entre Japão e URSS, Matsuoka dirigiu-se à estação de trem de Moscou, a fim de prosseguir viagem rumo a Tóquio. De acordo com o protocolo, muitos oficiais o acompanharam. De repente, as regras do protocolo foram rompidas. No último minuto antes de o trem partir, Stálin surgiu na plataforma. Normalmente, ele nunca se encontrava com ninguém fora do Kremlin. Nesse dia, porém, ele estava de notável bom humor. De forma óbvia, a partida do trem foi adiada. Stálin riu e brincou, acompanhando o ministro japonês até os degraus do vagão, e fez algo totalmente inusitado: abraçou o ministro e proclamou que a União Soviética e o Japão seriam amigos para sempre. Entre os que foram se despedir do ministro estava o adido militar alemão; Stálin também o abraçou, declarando que a Alemanha e a União Soviética permaneceriam igualmente amigas. Esse comportamento de Stálin foi intrigante, além de incomum. Habitualmente, ele era muito discreto. Nunca abraçava ninguém na presença de estranhos. Vários historiadores explicaram sua atitude como um compromisso com a paz; seria uma prova de que ele tentara evitar a guerra com o Japão e a Alemanha a qualquer preço.

Exatamente dez semanas mais tarde, em 22 de junho de 1941, a Alemanha invadiu a União Soviética. Logo, Stálin deparou-se com a possibilidade de sair derrotado. Nesse momento crítico, o governo japonês manteve a palavra e permaneceu neutro. No mesmo ano — 1941 — o Japão atacou a marinha americana em Pearl Harbor, dando início à guerra com os Estados Unidos. Tal fato foi vantajoso para Stálin; apesar do pacto assinado, ele iniciou, em segredo, os preparativos para atacar o Japão. "Em Tóquio, ninguém conhecia bem Stálin", escreveu um observador. "Se os japoneses tivessem uma noção, ainda que superficial, do estilo de vida e da carreira trilhada pelo grande seguidor de Lênin, teriam notado que seus métodos nem sempre

eram regulares: fazia uma aliança com alguém contra outro alguém, para em seguida apunhalar o suposto aliado pelas costas, assim que este já não lhe servisse."[7]

Stálin mantinha suas intenções em segredo até o momento adequado, mas, no início de 1943, ele contou ao presidente americano que decidira atacar o Japão. Stálin havia planejado um ataque repentino ao Japão, mas não em 1943, pois a América engajara-se em uma guerra difícil e precisava de ajuda. O ataque deveria acontecer nos últimos momentos da guerra, quando o Japão estivesse à beira da derrota. Stálin poderia ter ajudado os Estados Unidos muito antes; tinha todo o potencial para apressar a derrota dos japoneses. A força aérea dos Estados Unidos era poderosa, mas tinha de sobrevoar o maior oceano do mundo, lutar e voltar sem reabastecer. Seria possível realizar raides sobre o Japão a partir das ilhas do Pacífico, mas essas ilhas teriam de ser capturadas primeiro; para isso, seria necessário obter o domínio naval. Mesmo depois de tomar as ilhas, os americanos ainda teriam de voar milhares de quilômetros até o alvo, ida e volta. Cada avião era obrigado a levar enorme quantidade de combustível e um número insignificante de bombas. A União Soviética, por outro lado, era vizinha do Japão.

"Cordell Hill, o secretário de estado americano, tentou obter permissão de Moscou para usar as bases aéreas soviéticas do Oriente Distante."[8] Stálin recusou com firmeza. O presidente Roosevelt enviou-lhe mensagens em 30 de dezembro de 1942 e em 8 de janeiro de 1943, insistindo que o líder russo permitisse às unidades da força aérea americana estacionar nas bases do Oriente Distante soviético. Stálin respondeu às solicitações com um intransigente "não".[9]

Se ele tivesse dado aos americanos a oportunidade de usar as bases aéreas soviéticas, cada avião, em vez de realizar longos voos até o Japão, poderia completar vários voos curtos e com grande carga de bombas. Nesse caso, os raides americanos sobre alvos japoneses teriam sido consideravelmente mais eficazes. No entanto, Stálin queria prolongar o máximo possível a guerra entre o Japão e os Estados Unidos.

Stálin permitiu que os Estados Unidos usassem muitas bases aéreas soviéticas na região de Poltava* para bombardear a Alemanha. Os bombardeiros B-17 americanos decolavam das bases de Poltava para bombardear a Alemanha. As decolagens eram cobertas por caças soviéticos, que os acompanhavam até o limite de seu raio de ação. Ao mesmo tempo, novas ondas de bombardeiros americanos saíam da Grã-Bretanha. Depois de despejar bombas nas cidades e fábricas alemãs, os aviões pousavam nas bases de Poltava. Eram escoltados pelos caças soviéticos, que os protegiam no pouso. Porém, Stálin não deu permissão de usar as bases de Nakhodka e Petropavlosk para bombardear o Japão; ele esperou a completa exaustão das forças japonesas, pois era uma guerra prolongada, e preparou seu ataque. À medida que o Japão se enfraquecia,

---

* N.T.: Na Ucrânia.

Stálin foi reforçando os preparativos para atacar. Stálin acusou o Japão de agressor pela primeira vez em 6 de novembro de 1944.[10] Em 5 de abril de 1945, a liderança soviética cancelou o pacto de neutralidade soviético-japonês.

No verão de 1944, Stálin avisou o marechal A. M. Vassilévski que este seria o comandante-em-chefe das tropas soviéticas em uma guerra contra o Japão.[11] Os números iniciais referentes à concentração de nossas tropas nas regiões de Amur, na costa do Pacífico, e Trans-Baikal foram esboçados no outono de 1944. Ao mesmo tempo, fizeram-se cálculos quanto aos recursos bélicos necessários para uma guerra no Oriente Distante.[12]

Vassilévski foi um dos mais talentosos comandantes da história da União Soviética. Sua capacidade veio à tona durante a guerra. Em 1940, ele recebeu a patente de major-general. "Como chefe-representante do setor de operações do estado-maior, ele trabalhou na parte operacional do planejamento para posicionar estrategicamente as forças armadas soviéticas nas frentes de batalha do norte, do noroeste e do Ocidente."[13]

Um mês depois da invasão alemã, Stálin nomeou Vassilévski como chefe do estado-maior do diretorado de operações. Vassilévski agora era responsável não só por um setor isolado da frente de batalha (o mais importante), como também pelos planos de guerra de todas as demais frentes. Dois meses depois, Stálin o promoveu a tenente-general. Após meio ano, ele tornou-se coronel-general. Depois de um mês, mais uma promoção: chefe do estado-maior, o cérebro central do Exército Vermelho; Stálin também lhe confiou os preparativos das operações ofensivas na região de Stalingrado. Em outubro de 1942, o coronel-general Vassilévski tornou-se representante de Stálin. De acordo com seus planos, todos os postos de comando e comunicações da região de Stalingrado foram transferidos para as linhas de frente. Vassilévski também enviou para lá todas as bases aéreas, hospitais, enorme suprimento de projéteis, cartuchos, combustível e lubrificantes. Até o último momento, as tropas soviéticas nada sabiam sobre o que fariam. Mantendo os preparativos em segredo para com seus soldados, Vassilévski os manteve secretos também para o inimigo. E, então, ordenou o ataque, que foi repentino e avassalador. Todos os supostos "erros de 1941" foram repetidos por Vassilévski em Stalingrado, porque não eram erros, e sim preparativos para um ataque-surpresa.

Vassilévski mereceu a patente de general do exército pela derrota que infligiu às formações alemãs próximo de Stalingrado, mas o título não durou mais de 29 dias. Após a operação de Stalingrado, Stálin fez dele marechal da União Soviética. No verão de 1944, no auge da guerra com a Alemanha, Stálin incumbiu o marechal Vassilévski de planejar um ataque-surpresa no Japão e o nomeou chefe de todas as tropas soviéticas na guerra contra esse país. No entanto, Stálin não tinha intenção de ocupar as ilhas japonesas; outros alvos lhe pareciam bem mais atraentes. Coreia, Manchúria, grande parte da China e Indochina francesa (Vietnã) — tudo isso era ocupado pelo Japão. Stálin planejava "libertar" essas áreas e assumir seu controle.

A partir do verão de 1944, o poder militar soviético do Oriente Distante começou a crescer, longe das vistas do inimigo e do mundo. Divisões, corpos e exércitos ganharam reforços, tanto humanos como de artilharia. Para lá foram enviados os suprimentos necessários para um ataque repentino e esmagador. Estradas, bases aéreas, pontes e postos de comando e comunicações começaram a ser ativamente construídos perto da fronteira. Os comandantes soviéticos, sob ordens de Moscou, transferiram munições e combustíveis para essa fronteira.

O deslocamento de regimentos, brigadas e divisões, da Alemanha para o Oriente Distante, começou no início da primavera de 1945. "O aspecto mais importante dos preparativos para essa operação foi o fato de que tudo deveria ser feito antes da declaração oficial de guerra ao Japão."[14] As medidas de sigilo foram excepcionalmente rigorosas. Todos os sargentos transferidos usavam a insígnia de soldado raso. Oficiais juniores tinham dragonas de sargento, e os seniores, dragonas de tenente ou capitão. Os generais levavam menos estrelas no ombro. Um major-general usaria a dragona de tenente-coronel ou major. O próprio marechal Vassilévski chegou à fronteira com os documentos de um tal "coronel-general Vassiliev" e devidamente uniformizado.[15]

Em maio de 1945, a transferência de tropas assumiu dimensões gigantescas. "O reagrupamento em massa começou com o transporte do 5º exército, que chegou de trem da Prússia oriental. Esse exército ganhara muita experiência em invadir regiões fortificadas e operar em florestas."[16] O 39º exército, também vindo da Prússia oriental, e o 53º, da Tchecoslováquia, foram transferidos simultaneamente. O 6º exército de guardas de tanques, que deveria desempenhar papel decisivo na derrota dos japoneses, foi transferido da região de Praga. Para ocultar os movimentos desse exército, os tanquistas não só trocaram de dragonas como de insígnias: transformaram-se temporariamente em médicos, mecânicos e pedreiros. O mais importante é que os tanques e demais equipamentos pesados do 6º exército de guardas de tanques foram deixados na Tchecoslováquia. Na Mongólia, perto da fronteira onde o exército de tanques deveria ser transferido, novos tanques haviam chegado das fábricas dos Urais. Foram preparados e camuflados cuidadosamente, com bastante antecedência.[17] Esse mesmo procedimento foi usado na transferência da maior parte da artilharia, da força aérea e de outras formações e regimentos. Por exemplo, em junho e julho de 1945, 1.155 novos aviões militares foram saindo aos poucos das fábricas e enviados diretamente às bases aéreas do Oriente Distante.[18] Nesse meio tempo, pilotos e engenheiros de determinados regimentos da força aérea, divisões e corpos foram levados de trem e sem equipamento. Novos aviões já os esperavam na fronteira. Além disso, chegaram mais dois corpos de bombardeiros — o 6º e o 7º — e duas divisões de transporte militar da força aérea, transferidos de bases da Alemanha e da Polônia.[19]

O reagrupamento estratégico das tropas soviéticas foi feito a uma distância de 9.000 a 12.000 quilômetros. Concentrações dessa magnitude foram realizadas ape-

nas duas vezes na história da humanidade. A primeira foi em maio e junho de 1941, em direção à fronteira alemã. A outra foi essa de 1945 e teve direção oposta. Todo o comando de duas frentes de batalha, três exércitos de campo e um de tanques, quinze corpos de rifles, de artilharia, mecanizados e de tanques — todos se deslocaram para o Oriente Distante. As unidades menores acompanharam seus comandantes: 36 divisões de rifles, artilharia e artilharia de defesa aérea, 53 brigadas e mais de 100 regimentos e batalhões isolados também se deslocaram para lá.[20] Em apenas três meses, mais de 500.000 soldados e oficiais foram transportados da Europa central para o Oriente Distante. A fim de minimizar o volume desse transporte, grande parte das brigadas, divisões, corpos e até um exército de tanques inteiro viajaram sem equipamento. No entanto, algumas formações ainda precisavam se deslocar com armas e equipamento militar; o número de armas levadas pelas tropas era enorme: 3.340 tanques e canhões de autopropulsão, 7.500 canhões e obuses, 3.600 morteiros, 1.100 instalações de lança-foguetes (Katiúcha) e 1.400 aviões militares.[21] Para transportar tamanho contingente de tropas e armas, foram necessários 135.756 vagões ferroviários.[22]

Em uma operação de ataque-surpresa, é necessário um grande número de soldados, continuamente em movimento. Eles precisariam, de imediato, de milhares de toneladas de munição, combustível, lubrificantes, alimentos e todo o indispensável para avançar. O transporte de tamanha quantidade de carga, cobrindo distâncias de centenas de quilômetros, só poderia ser feito por ferrovia. No entanto, as ferrovias soviéticas tinham bitola larga, enquanto as da Manchúria e da China tinham bitola estreita. Decidiu-se ajustar as bitolas para o padrão soviético. Brigadas especiais de soldados, munidos do equipamento necessário, foram preparadas para isso.

A carga que chegava era descarregada nas vizinhanças de cada estação fronteiriça. Parte da carga, porém, ficava nos vagões, pronta para acompanhar as tropas através da fronteira. "No início da operação, havia mais de 1.500 cisternas com combustível nas estradas do Oriente Distante. [...] Com isso, nosso trabalho foi dobrado, para que as ferrovias funcionassem."[23]

Concluída a concentração estratégica, as três frentes de batalha soviéticas somavam onze exércitos de campo, três de defesa aérea, três de força aérea, uma de tanques e quatro corpos isolados da força aérea.[24] Além disso, a frota do Pacífico, a flotilha do Amur, as tropas do NKVD e as forças armadas da Mongólia estavam sob as ordens do comandante do Oriente Distante. A formação dos soldados soviéticos incluía 1.747.465 homens, 29.835 canhões e morteiros, 5.250 tanques e 5.171 aviões.[25] A frota do Pacífico tinha 417 vasos de guerra, incluindo 78 submarinos e 1.618 aviões, sendo 1.312 de combate. A flotilha naval do Amur tinha 126 vasos de guerra e 68 aviões militares.[26] Os coronéis-generais Vassiliev, Morozov, Maksimov e Zólotov (na realidade, os marechais da União Soviética A. M. Vassilévski, R. Y. Malinovski, K. A. Meretskov e o general de exército M. V. Zakharov) chegaram aos postos secretos

de comando antes dos subordinados. Para manter o sigilo, os "coronéis-generais" trajavam macacões pretos simples sobre o uniforme, sem nenhuma insígnia; durante a viagem rumo à fronteira do país, eles usaram uniformes do NKVD de soldados regulares de fronteira.

Um comboio de cargas, vindo dos Estados Unidos, chegou ao mesmo tempo em que as forças soviéticas eram transferidas da Europa central e do leste. Stálin foi o mais astuto diplomata do século XX: ele pedira ao presidente dos Estados Unidos que fornecesse alimento e combustível para todas as formações militares soviéticas. "Um acordo foi feito com os Estados Unidos nesse teatro de operações militares: fornecer para nossas tropas suprimentos e combustíveis suficientes para três meses."[27] Os Estados Unidos também forneceram aviões, veículos blindados e não blindados, rádios, cabos telefônicos, remédios, aparelhos óticos e muito mais.

Stálin deu instruções ao comandante-em-chefe do Oriente Distante, marechal Vassilévski, bem como aos demais comandantes das outras fronteiras. Havia poucos documentos sobre os preparativos de um ataque-surpresa no Japão; especificamente, um caderno com cálculos e um mapa. Esses documentos ficaram no Kremlin. Marechais e generais tinham de lembrar os objetivos sem anotação nenhuma. Assim que chegaram ao Oriente Distante, os comandantes das frentes de batalha começaram a planejar e calcular. "Um número extremamente limitado de pessoas podia ver os rascunhos dos planos para as fronteiras. Apenas o comandante, um membro do conselho militar, o chefe do estado-maior e o chefe do diretorado de operações na fronteira conheciam perfeitamente os planos."[28]

A frente de batalha do Trans-Baikal posicionou-se em um território de 2.300 quilômetros, devendo realizar um ataque-surpresa a 800 quilômetros da fronteira em terras inimigas. Havia 648.000 soldados, 2.359 tanques e canhões de autopropulsão, 1.324 aviões militares, 9.668 canhões e morteiros e 369 instalações de tiro no campo.[29] Quatro homens, sem secretários, projetistas nem auxiliares, elaboraram todo o planejamento das operações militares dessa massa de soldados.

A primeira frente de batalha do Oriente Distante tinha 589.000 soldados, 11.430 canhões e morteiros, 274 instalações de tiro no campo, 1.974 tanques e canhões de autopropulsão e 1.137 aviões de combate. Todo o planejamento dessa frente também fora feito por apenas quatro homens.[30]

As frentes do Trans-Baikal e a primeira do Oriente Distante deveriam atacar em direção convergente. Entre as duas formações de ataque, ficava a 2ª frente do Oriente Distante, relativamente mais fraca: tinha 333.000 soldados, 5.988 canhões e morteiros, 72 instalações de tiro de campo, 917 tanques e canhões de autopropulsão e 1.260 aviões de combate.[31] Preparava-se, então, uma operação clássica de cerco, com o miolo relativamente fraco, flanqueado por duas formações extremamente poderosas. A novidade ficava por conta do tamanho da operação. As três frentes deveriam avançar

de forma simultânea ao longo da linha da fronteira de 5.130 quilômetros. Tratava-se de uma operação sem precedentes (esperamos que jamais seja repetida).

Stálin enviou uma diretriz especial, requerendo que os comandantes definissem verbalmente os objetivos aos subordinados, sem permitir nenhum documento escrito.[32] Após receber seu objetivo, os comandantes deveriam iniciar o planejamento da operação. O general M. Gareev era, na época, major do setor operacional do 5º exército da primeira frente do Oriente Distante: "Perto da estação Mutchnáia, ficamos confinados em uma casa isolada e severamente vigiada sem permissão para sair. Os guardas levavam-nos comida. Tínhamos de trabalhar praticamente 24 horas por dia.[33] Fomos proibidos de trocar cartas com perguntas relativas aos preparativos da operação, mesmo em código. Os comandantes de exército indicavam verbalmente os objetivos para os comandantes de divisão, usando um mapa. Os rádios recebiam somente sinais. Nas unidades de artilharia, a comunicação por rádio era permitida depois que começassem a preparar as armas; nas outras unidades, apenas depois do ataque".[34]

O desembarque das tropas foi feito à noite, inclusive a marcha. Elas foram enviadas imediatamente a áreas especiais, onde havia esconderijos antecipadamente preparados. Antes de iniciar a ofensiva, as forças principais deveriam manter-se atrás, enquanto parte da artilharia avançaria para a fronteira, pronta para abrir fogo.[35] Esquadrões especiais foram trabalhar nos campos, colhendo feno em todas as áreas visíveis ao inimigo. Os oficiais foram "visitar" as pousadas e os sanatórios nos dias de folga. O inimigo também ficou confuso porque a população local dos territórios fronteiriços não fora removida, nem tivera a vida afetada em nada, pois não houvera nenhuma mudança. Os exercícios de treinamento foram feitos ao mesmo tempo em que os soldados se deslocavam, de modo que os moradores pensaram tratar-se de exercícios militares.[36]

O princípio essencial da estratégia é a concentração da força contra a fraqueza. A mais poderosa formação soviética, a linha de frente do Trans-Baikal, posicionara-se na área mais fraca da defesa japonesa. Mesmo ali, as forças não foram distribuídas igualmente ao longo da fronteira; em vez disso, fortes grupos de assalto concentraram-se em determinados pontos. Entre esses grupos, ficaram lacunas abertas sem cobertura nenhuma. Por exemplo, na frente do Trans-Baikal, havia uma lacuna de 200 quilômetros entre o 17º exército e o 6º exército de guardas de tanques.[37] Muito antes da Segunda Guerra Mundial, uma cadeia de regiões fortificadas fora erigida ao longo da fronteira do Oriente Distante. Essas regiões abrigavam um número significativo de soldados especialmente treinados para operações prolongadas de defesa. Todavia, no verão de 1945, o Japão estava à beira da derrota. Assim, as tropas soviéticas estacionadas em tais regiões receberam ordens de deixar as fortificações de concreto e reforçar as formações de ataque.[38]

Em 6 de agosto de 1945, a força aérea americana lançou uma bomba atômica em Hiroshima e, em 9 de agosto, lançou outra em Nagasaki. O Japão agonizava. Naquele momento, em 9 de agosto de 1945, o Exército Vermelho atacou, de modo repentino e avassalador, as tropas japonesas na Manchúria e na China. As operações de cada exército foram planejadas de acordo com os princípios do ataque-surpresa, subjugando o inimigo com o uso imediato de sua força gigantesca. Mesmo nos pontos secundários, a ação assumiu caráter ativo e de manobrabilidade imediata.[39] Em 8 de agosto, o governo soviético declarou: "Esse tipo de ação é a única manobra capaz de acelerar a chegada da paz e poupar as pessoas de mais sofrimento e miséria, dando ao povo japonês a oportunidade de fugir do perigo e da destruição".[40]

Na noite de 8 de agosto de 1945, o embaixador japonês, em Moscou, foi notificado sobre uma declaração soviética que dizia: "A partir de amanhã, 9 de agosto, a União Soviética será considerada em estado de guerra com o Japão".[41] De fato, em 9 de agosto, o exército soviético realizou o ataque-surpresa. Alguém talvez perguntasse: como seria possível declarar guerra em 8 de agosto e atacar de repente no dia 9? A resposta é que, em Vladivostok, o dia começa sete horas mais cedo que em Moscou. A ação militar iniciou-se em 9 de agosto às 12h10, hora de Vladivostok. Nesse momento, em Moscou ainda eram 17h10 da tarde de 8 de agosto.[42] Ninguém ainda alertara o embaixador japonês. Quando anoiteceu em Moscou, o embaixador foi convocado ao Comissariado popular de relações exteriores; às 23h50, hora de Moscou, foi anunciado que uma guerra teria início no dia seguinte. Em Moscou, ainda faltavam dez minutos para começar o dia, mas, no Oriente Distante, esse dia já ia longe. No momento da notícia, já eram 6h50 da manhã; a guerra começara havia seis horas. Os ataques mais importantes já haviam acontecido: o repentino raide soviético destruíra as bases aéreas japonesas, cujas linhas de defesa da fronteira foram liquidadas, e as potentes formações de tanques invadiram a Manchúria e a China, em um avanço contínuo e irrefreável.

O embaixador japonês em Moscou foi avisado sobre o começo da guerra, mas precisava ainda voltar à embaixada e comunicar-se com seu governo. Nenhuma linha, telefônica ou telegráfica, funcionava. Mesmo em circunstâncias normais, a conexão por rádio com o Japão, que ficava quase do outro lado do mundo, era difícil. Porém, naquele momento as circunstâncias não eram normais; alguém havia sabotado as estações de rádio. Em suma, o governo japonês soube que a guerra fora declarada com enorme atraso e através de canais inteiramente inusitados. Em linguagem militar, isso pode ser chamado de "preparação e realização de um ataque repentino e inicial, com a abertura de nova frente estratégica".[43] Em linguagem política, foi chamado de "ação justa e humana da URSS".[44]

Após o primeiro e avassalador ataque, o marechal R. I. Malinovski declarou a seus soldados, em 10 de agosto de 1945: "O povo soviético não pode viver nem trabalhar em paz, com os imperialistas japoneses brandindo armas em nossa fronteira e

aguardando o momento conveniente para atacar nossa pátria".[45] Malinovski fez esse discurso quatro dias depois de Hiroshima e um dia depois de Nagasaki. Ambas as cidades japonesas jaziam em ruínas jamais vistas na história humana, e Malinovski tinha plena consciência do fato. Será que os "japoneses imperialistas", depois de Hiroshima e Nagasaki, realmente não tinham mais nada a fazer senão "aguardar o momento conveniente"?

Em março de 1939, Stálin acusara a Grã-Bretanha e a França de induzirem a Europa à guerra enquanto observavam de fora: "Na política da não intervenção, existe o desejo de não impedir os agressores de realizar seu trabalho sujo; de não interferir, por exemplo, no fato de o Japão envolver-se em uma guerra com a China. [...] O objetivo é deixar que todos os participantes do conflito sejam engolidos pela areia movediça da guerra, deixá-los que se enfraqueçam e se esgotem mutuamente. Depois, quando estiverem suficientemente exauridos, é fácil entrar em cena com exércitos descansados e agir, certamente, 'no interesse da paz', ditando os termos dessa paz aos enfraquecidos participantes".[46] Stálin sempre atribuía as próprias intenções aos inimigos. E fez tudo o que acusou a Grã-Bretanha e a França de fazerem. Agora, o Japão achava-se exaurido pela guerra, e era hora de intervir "no interesse da paz": "O governo soviético, esforçando-se para restaurar rapidamente a paz, emitiu uma declaração de guerra".[47]

A operação ofensiva do exército soviético, em agosto de 1945, na verdade foi uma guerra-relâmpago. "Os batalhões em avanço, acompanhados por guardas de fronteira, silenciosamente atravessaram a fronteira sem abrir fogo; e, antes que os defensores japoneses tivessem tempo, tomaram o controle das estruturas defensivas mais sólidas em uma série de locais."[48] Logo no primeiro dia, o 6º exército de guardas de tanques avançou 150 quilômetros. Essa marcha foi feita em condições extremamente difíceis. O verão da Manchúria é muito chuvoso, especialmente em agosto. Nesse ano, os rios transbordaram; campos e estradas transformaram-se em pantanais intransponíveis. As tropas da 1ª e da 2ª frentes do Oriente Distante tiveram de cruzar o rio Amur, um dos mais largos do planeta, com 2.850 quilômetros de extensão. Em agosto de 1945, o nível do Amur subiu quatro metros acima do habitual, inundando milhares de quilômetros quadrados. Os afluentes do Amur — entre eles, o Ussuri e o Sungari — também transbordaram.

A frente do Trans-Baikal encontrava-se em situação totalmente diferente. As colunas de tanques avançaram através de estepes áridas, vencendo espessas nuvens de pó. A temperatura era de 30° C, às vezes, mais alta. Adiante, as tropas tiveram de ultrapassar a grande cadeia Khingan, após a qual os soldados soviéticos depararam com um território coberto de campos de arroz, algo totalmente estranho para eles.

Afirma-se que os japoneses ofereceram-lhes fraca resistência, senão nenhuma. Não é verdade. O soldado japonês é o mais tenaz do mundo e, nessa região, ninguém

sabia da destruição de Hiroshima e Nagasaki; o governo japonês não tinha pressa nenhuma de relatar a catástrofe a seu exército. A resistência japonesa apenas parou quando recebeu ordem de capitular; antes disso, os japoneses lutaram até morrer. Todavia, a tenacidade foi vencida pelas manobras. Os territórios eram enormes, e os soviéticos simplesmente ultrapassavam os pontos de resistência, sem se engajar em combates prolongados.

As tropas soviéticas realizaram o impossível. O 6º exército de guardas de tanques ultrapassou a grande cadeia Khingan, chegou às planícies e pôs fim a seu incrível avanço só no Mar Amarelo. Em onze dias pontilhados de batalhas, esses soldados cobriram 810 quilômetros. Unidades de assalto e paraquedistas operaram antes deles, tomando bases aéreas, pontes e ferrovias. Aqui está uma lista de algumas cidades, em cujas redondezas os paraquedistas pousaram com êxito: Kharbin, Chongjin, Porto Artur, Mukden, Pyongyang e Khinnam*. Os mestres da *Blitzkrieg*, generais alemães, aplaudiram a ação do 6º exército de guardas de tanques e outras unidades soviéticas. O major-general F. W. von Mellentin relatou: "Para ilustrar a crescente flexibilidade das ações militares do Exército Vermelho e sua capacidade de levar adiante grandes e decisivas operações de tanques, destaco o sensacional avanço do marechal Malinovski na Manchúria, em agosto de 1945".[49]

Mais adiante, von Mellentin continua:

> Outras tropas soviéticas realizaram ações igualmente decisivas e vitoriosas. A marinha soviética afundou navios japoneses; suas forças terrestres de ataque desembarcaram em Sacalina, no norte da Coreia e nas Curilas. Depois de entrar no rio Sungari, a flotilha do Amur apoiou o avanço do 15º exército até a cordilheira de Harbin. Recebia constantemente a bordo companhias de rifles e funcionou como espécie de vanguarda tática para as forças principais do 15º exército. Em dez dias de avanço, as forças da flotilha, junto com parte do 15º exército — a outra parte avançou ao longo das margens do Sungari — cobriram mais de 900 quilômetros ao longo dos rios Amur e Sungari.[50]

Equipar 1,5 milhão de soldados em movimento era tarefa das mais formidáveis. "A restauração de ferrovias, mudando a bitola para o padrão soviético, foi feita na primeira frente do Oriente Distante, uma média de 71 quilômetros por dia. Isso foi conseguido com a criatividade dos trabalhadores ferroviários, incluídos nas unidades de ataque aéreo e da linha de fronteira. Eles alcançaram logo as ferrovias e imediatamente organizaram a população local para consertar os trilhos e mudar a bitola."[51]

---

* N.T.: As duas últimas cidades localizam-se na Coreia do Norte.

Oficialmente, a campanha militar soviética no Oriente Distante durou 24 dias, mas as batalhas duraram apenas 12. Nem duas semanas se passaram e iniciou-se a maciça rendição das tropas japonesas. As baixas inimigas somavam 84.000 mortos e 594.000 prisioneiros — entre eles, 148 generais. Troféus incrivelmente valiosos foram capturados.

Os resultados da operação foram invejáveis. Os Estados Unidos haviam lutado com o Japão quase quatro anos — e o que ganharam? A União Soviética lutou com o Japão doze dias e toda a China, a Coreia do Norte e o Vietnã do Norte caíram sob seu controle. Vassilévski relatou, entusiasmado:

> Com o ataque esmagador às tropas japonesas na Coreia, o exército soviético criou condições favoráveis para a atividade dos revolucionários. [...] No norte do país, operários liderados por comunistas começaram a construir a primeira nação realmente independente e democrática da história coreana. [...] Como resultado da derrota do Japão, criaram-se condições favoráveis para a vitória da revolução do povo na China, na Coreia do Norte e no Vietnã do Norte. [...] O exército popular de libertação chinês recebeu enormes reservas de armas, equipamentos militares e suprimentos. [...] A derrota dos militares japoneses abriu caminho para movimentos nacionais de libertação em toda a Ásia. Em 2 de setembro, quando Sigemitsu, ministro japonês das relações exteriores, e Umedzu, chefe do estado-maior, assinaram o tratado de rendição incondicional, o presidente Ho Chi Minh anunciou o nascimento da República Democrática do Vietnã. Em 12 de outubro, os patriotas de Laos anunciaram o nascimento de Pathet-Lao*.[52]

Durante muitos anos, os oficiais soviéticos aprenderam que a guerra-relâmpago de 1945 fora um exemplo. Assim se devia lutar: em duas semanas, centenas de milhões de pessoas estavam sob o controle soviético. Todos deviam se espantar com o ataque do 6º exército de guardas de tanques, o avanço da flotilha do Amur rio Sungari acima e a ação direta dos paraquedistas. O mais assombroso era a coordenação dos soldados. Tanquistas, pilotos, artilheiros, marinheiros, paraquedistas, ferroviários e sapadores; o alto comando do Oriente Distante, a administração das três frentes de batalha e sua frota; 18 exércitos e uma flotilha, dezenas de corpos, divisões e brigadas; centenas de regimentos e milhares de batalhões — todos trabalharam como uma orquestra sinfônica, sob a batuta do grande maestro Vassilévski.

Li e reli várias vezes a biografia do marechal Vassilévski, incluindo seu livro e seus artigos, antes de me deparar com uma sentença que me fez parar a fim de respirar: "Desde maio de 1940, o chefe-representante do diretorado de operações do

---

* N.T.: Em laociano, "Terra dos Laos". Movimento político que durou de 1950 a 1975.

estado-maior trabalhou na parte operacional de um plano para distribuir estrategicamente as forças armadas soviéticas nas direções norte, noroeste e oeste".[53] Em outras palavras, entre maio de 1940 e junho de 1941 — ou seja, por mais de um ano — o major-general Vassilévski trabalhou nos preparativos de um plano de guerra contra a Alemanha. Ele, pessoalmente, preparou planos de guerra para as frentes do norte, noroeste e oeste; isto é, para as tropas soviéticas nas regiões da Carélia, do Báltico e da Bielo-Rússia. Essas regiões foram precisamente aquelas em que as tropas soviéticas foram mais atingidas no verão de 1941. As tropas da frente norte deixaram que as unidades finlandesas passassem para Leningrado, ao que se seguiu o pior bloqueio da história humana. As formações da frente noroeste desmoronaram, deixando que as tropas alemãs do sul chegassem a Leningrado. Os soldados da frente oeste, na Bielo-Rússia, foram quase instantaneamente cercados e esmagados, deixando aberto o caminho para Moscou.

Stálin não criticou nem puniu Vassilévski por esse plano. Ao contrário: um mês após essa catástrofe sem precedentes do Exército Vermelho, Stálin o escolheu para a posição de chefe do diretorado de operações do estado-maior, incumbindo-o de esboçar os planos para todas as frentes e em todas as direções. Vassilévski trilhou o caminho de major-general para marechal da União Soviética com maior rapidez que qualquer colega, em apenas um ano e meio. Stálin confiou-lhe também a tarefa de planejar a derrota das tropas germânicas em Stalingrado, a vitória de Kursk, a brilhante operação na Bielo-Rússia e, por fim, a guerra contra o Japão.

A escolha de outros comandantes para a guerra-relâmpago japonesa em 1945 também surpreendeu. Em junho de 1941, o tenente-coronel S. P. Ivanov era chefe da divisão de operações do QG do 13º exército, na frente oeste. Uma parte significativa do 13º exército fora cercada e morta na sexta semana da guerra com a Alemanha. Milagrosamente, Ivanov permaneceu vivo e escalou os picos do poder militar. Primeiro, foi nomeado chefe do estado-maior do 38º exército; depois, chefe do estado-maior do 1º exército de tanques e, em seguida, do 1º exército de guardas. Ivanov preencheu com êxito esses cargos. Planejou as operações nos pontos estrategicamente mais importantes. Em 1942, tornou-se chefe do estado-maior da frente sudoeste, que incluía a região de Stalingrado. Ali, mais uma vez, trabalhou brilhantemente. Ivanov dirigiu várias unidades, em várias frentes, e sempre nos pontos mais importantes da guerra. No verão de 1945, já era coronel-general. Stálin nomeou-o chefe do estado-maior do alto comando das tropas soviéticas no Oriente Distante. O marechal Vassilévski era o alto comandante, e S. P. Ivanov, chefe do centro cerebral. A derrota relâmpago das tropas japonesas não foi realização apenas de Vassilévski, mas de Ivanov também. S. P. Ivanov era um brilhante oficial e nunca cometeu um erro de planejamento. Ao contrário; seus planos eram exemplos a ser seguidos por oficiais e por muitas gerações. Como é possível que, em 1941, seus planos estivessem totalmente incorretos?

Até fevereiro de 1941, o general K. A. Meretskov era chefe do estado-maior do Exército Vermelho, responsável por todos os planos de guerra. De fevereiro a junho de 1941, os planos não foram mudados radicalmente. Consequentemente, Meretskov arcou com a responsabilidade da derrota do Exército Vermelho perante os alemães, em junho de 1941. No entanto, em 1945, Meretskov ostentava o título de marechal da União Soviética. Stálin confiou-lhe o comando da 1ª frente do Oriente Distante.

O tenente-general M. A. Purkaiev, em 1941, era o chefe do estado-maior da região militar especial de Kiev, a mais forte das regiões soviéticas. Ela transformou-se na frente sudoeste, que foi cercada e dizimada a leste de Kiev. Em 1945, Stálin deu ao general Purkaev o comando da 2ª frente do Oriente Distante.

Em 1941, o major-general R. I. Malinovski comandava o 48º corpo de rifles. Esse corpo achava-se estacionado na fronteira romena, onde não havia tropas alemãs. Preparava-se para a invasão, mas teve de recuar. Em 1945, Malinovski tornou-se marechal da União Soviética. Stálin confiou-lhe a mais poderosa frente do Trans-Baikal e, mais uma vez, posicionou-o onde o inimigo era mais vulnerável.

De modo geral, os oficiais que planejaram a guerra contra a Alemanha foram incumbidos por Stálin de planejar e liderar a guerra contra o Japão.

Fui ensinado a procurar itens constantes nas ações dos líderes inimigos e prestar atenção nos momentos que se repetiam. Se um general tivesse propensão de usar a mesma manobra, sua conduta no futuro poderia ser prevista e seus planos, desbaratados. Usei esse método para analisar os hábitos bélicos dos generais soviéticos; descobri que eles repetiam constantemente os mesmos preparativos: antes do ataque-surpresa contra o 6º exército japonês, em Khalkhin-Gol, em 1939; antes de invadir a Finlândia em 1939; antes da operação para tomar a Bessarábia em 1940; e antes de enviar as tropas soviéticas ao Irã, em agosto de 1941. Agiram da mesma forma antes das operações de ataque na Segunda Guerra Mundial e, finalmente, antes do ataque surpresa aos japoneses, em agosto de 1945. No verão de 1941, eles haviam seguido o mesmo esquema.

Compreensivelmente, a inteligência japonesa não pôde determinar o verdadeiro motivo da transferência de tropas soviéticas, nem a data da invasão, nem os locais escolhidos para os ataques preliminares. Todavia, alguma coisa foi vista; entre os oficiais japoneses, não havia dúvida de que aquele deslocamento de tropas significava que, mais cedo ou mais tarde, o Exército Vermelho atacaria. Os japoneses tinham apenas uma saída: preparar um ataque antecipado contra os soldados soviéticos. Se o exército japonês tivesse realizado tal ataque, o desastre de junho de 1941 seria repetido no Oriente Distante, no final de julho ou no início de agosto de 1945.

Milhares de tanques soviéticos sem tripulação, bem como milhares de aviões sem pilotos, foram deixados na fronteira. As florestas fronteiriças escondiam pilhas de

projéteis; as estações ferroviárias guardavam trens cheios de combustível e munição. Se os japoneses tivessem atacado, teriam tomado para si esses recursos, e o Exército Vermelho ficaria sem munição nem combustível. Milhares de soldados das tropas de ferrovia estavam prontos para mudar a bitola japonesa pela soviética, mas não para explodir as próprias pontes e túneis. Com um bom ataque, o exército japonês ficaria com pontes e túneis soviéticos. A artilharia soviética tinha chegado à fronteira, mas nenhuma infantaria a protegia. Com o objetivo de surpreender, os tanques e a infantaria só avançariam para a fronteira no último momento. Se os japoneses atacassem, tomariam milhares de canhões e obuses soviéticos, assim como os milhões de projéteis que se empilhavam no chão; o Exército Vermelho ficaria sem artilharia, como acontecera em 1941. Os postos de comando e as linhas de comunicação do Exército Vermelho também localizavam-se na fronteira. Caso os japoneses tivessem atacado, os soviéticos ficariam sem comando e sem comunicações. Em outras palavras, sem cabeça e sem sistema nervoso.

Sob ordens de Stálin, o comando e o oficialato da frente da Carélia, cujo comandante era o marechal Meretskov, foram transferidos para o Oriente Distante. A escolha recaiu sobre eles porque a frente da Carélia tinha grande experiência em invadir regiões há muito tempo fortificadas. Esse era o trabalho que deveriam realizar na Manchúria. O 5º exército, transferido da Prússia oriental, foi escolhido pela mesma razão; seu pessoal tinha ótima experiência em invadir fortificações. Ao mesmo tempo, as tropas soviéticas, destinadas a defender as regiões fortificadas, deixaram as robustas construções de concreto e prepararam-se para cruzar a fronteira. A situação era extremamente favorável para uma invasão japonesa: o Exército Vermelho preparara-se para atacar, mas não para se defender, e deixara todas as regiões fortificadas sem soldados. Milhares de soldados e oficiais do Exército Vermelho acomodaram-se em trens, sem saber aonde eram levados e o que deveriam fazer.

As tropas soviéticas que chegavam eram posicionadas em densas formações de ataque, transformando-se em ótimos alvos para a força aérea japonesa. As áreas abertas entre as formações de ataque estendiam-se por duzentos quilômetros ou mais. Os japoneses nem teriam de romper as defesas soviéticas nesses pontos, pois não havia nenhuma defesa. Mais importante ainda: as tropas soviéticas não tinham plano nenhum de defesa ali, naquele verão de 1945. Os planos de invasão eram informados aos soldados no último momento. Se as tropas japonesas tivessem realizado um ataque-surpresa antes de 9 de agosto de 1945, os soviéticos teriam sofrido quase as mesmas perdas do verão de 1941, na fronteira alemã. E hoje estaríamos rindo da estupidez dos marechais soviéticos, que ordenaram aos soldados que colhessem feno nas regiões fortificadas e enviaram oficiais para descansar em pousadas e sanatórios. No entanto, os japoneses não atacaram, uma vez que não haviam planejado atacar a URSS — pelo menos, não em 1945.

Conclusão

O Agressor

Nós enterraremos vocês!

Nikita Khruschov,
em recepção para embaixadores e jornalistas estrangeiros no Kremlin — Novembro de 1956

A União Soviética entrou na Segunda Guerra Mundial como agressor. Polônia, Finlândia, Lituânia, Letônia, Romênia — todos os vizinhos a oeste da União Soviética — caíram vítimas do Exército Vermelho. Durante as reuniões em Berlim, o enviado de Stálin, Molotov, exigiu que se construíssem fortificações na Iugoslávia, no Mar Adriático, na Grécia, nos estreitos de Bósforo e Dardanelos e no Golfo da Pérsia; exigiu que os países ao sul da linha Baku-Batumi, na direção do Golfo da Pérsia, fossem entregues ao controle soviético, incluindo a Turquia oriental, o norte do Irã e o Iraque. Também anunciou o interesse da União Soviética no sul da Bucovina.[1] Molotov constantemente perguntava a Hitler e Ribbentrop se a Alemanha havia reconsiderado a posição sobre o destino da Finlândia, vendo que a União Soviética não deixaria esse país ser independente. Por fim, a grande exigência de Stálin nessas reuniões em Berlim, em novembro de 1940, era que a Alemanha concordasse com a presença militar soviética na Bulgária. Molotov acrescentou, numa conversa com Hitler, que "a URSS estava pronta a apoiar a Bulgária, em seu desejo de ter uma saída para o Mar Egeu, e considerava justo esse desejo".[2] Stálin jamais nomeou os países que seu fantoche búlgaro teria de invadir para chegar à tal saída — se era a Grécia,

a Turquia ou ambos. Na verdade, os alemães tomaram a Grécia e deram sinal verde para a Bulgária anexar parte do território grego; a Trácia, a oeste, e a Macedônia a leste, para alcançar o Mar Egeu. Foi Stálin quem quis dar sinal verde.

A União Soviética terminou a Segunda Guerra Mundial também como o agressor. Foi o único país que expandiu as fronteiras, como resultado do conflito. Stálin conseguiu anexar Estônia, Letônia, Lituânia, Bucovina do norte, Ucrânia ocidental e Bielo-Rússia ocidental, bem como parte da Prússia oriental, com Königsberg, Ucrânia trans-Cárpatos, Ilhas Curilas, sul de Sacalina e Bessarábia.[3] Sob a bandeira da "grande guerra patriótica", Stálin castigou povos e nações inteiras. Sob suas ordens, todos os chechenos*, inguchétios**, tártaros-crimeanos, alemães do Volga e outros povos foram transportados para campos de concentração gelados e vazios, ou para as mortas e áridas estepes, onde ficaram abandonados à própria sorte. Vale notar que os calmucos***, povo habituado às estepes, foram enviados para a taiga siberiana. Stálin controlava o destino de povos inteiros, não só os do território da União Soviética, mas também de países vizinhos. Milhões de alemães foram obrigados a sair da Prússia, da Silésia e do Sudeto****.

Quando os líderes nazistas enfrentaram o julgamento de Nuremberg, os campos de concentração de Hitler — Büchenwald, Saksenhausen, Mulberg, Fürstenwalde, Liebe-Rose, Bautzen e outros — não foram fechados. Stálin simplesmente tirou-os do sistema SS e incorporou-os ao sistema do Gulag. Assim, por exemplo, o campo de concentração nazista de Büchenwald transformou-se em "Campo especial n. 2", permanecendo ativo até 1950. Das 28 mil pessoas que foram ali confinadas nesses cinco anos, sete mil (25%) morreram. Em comparação, de 1937 a 1945, 250 mil pessoas passaram pelo Büchenwald nazista. Desse número, 50 mil (20%) morreram. O Büchenwald comunista ficou com o maior índice de mortalidade.

O Exército Vermelho veio à Europa central com o suposto nobre objetivo de libertá-la dos nazistas, e saiu somente depois de instalar governos fantoches na maioria dos países. Polônia, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Romênia, Bulgária, Iugoslávia, parte da Áustria e Albânia passaram para o controle de Stálin, assim como a China, Coreia do Norte e o Vietnã, na Ásia. Em 22 de julho de 1945, a delegação soviética sugeriu que a União Soviética, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, em conjunto ou separadamente, administrassem as ex-colônias da África e do Mediterrâneo.[4] No dia seguinte, Stálin exigiu o direito de instalar bases navais militares na região do Mar Morto, nos estreitos de Bósforo e Dardanelos.[5] Também queria

---

* N.T.: Povo do Cáucaso.

** N.T.: A Inguchétia ficava no Cis-Cáucaso.

*** N.T.: A Calmúquia é vizinha da Inguchétia.

**** N.T.: Região da cordilheira do mesmo nome.

que certa parte da Turquia — as regiões de Kars e Ardagan — pertencessem à União Soviética.[6] Stálin ainda tentou assumir o controle de Berlim Oriental, sufocando a cidade com um bloqueio. Plantou agentes soviéticos na França, Itália e Grécia. A aliança militar da OTAN foi formada com o claro objetivo de evitar que as tropas de Stálin ocupassem a Grécia e a Turquia. Stálin afirmava que o norte do Iraque era parte do Azerbaijão, e até o fim da vida não desistiu de assumir o controle dessa província. Ele fundou a República Popular Democrata do Azerbaijão do Sul e a República Popular Democrata do Curdistão, respectivamente no norte e oeste do Irã.

Em 1945, enorme área de terras, ocupadas por milhões de pessoas, achava-se sob o domínio de Stálin. Mas este, na época, não tinha recursos para controlar todas essas conquistas. Em 22 de junho de 1941, Hitler infligira duro golpe à União Soviética. A maior parte da população masculina soviética perecera na guerra contra a Alemanha. Depois da guerra, a URSS deveria ter realizado um censo geral da população, a fim de calcular as perdas. Mas Stálin não realizou censo algum; só 14 anos após a guerra, com Stálin já morto, é que a URSS fez isso. "A decisão de não contar os cidadãos até 1959 fundava-se no desejo de não chamar a atenção para as enormes e injustificadas perdas humanas que aconteceram no período da guerra."[7]

No último ano da guerra, o Exército Vermelho precisou recrutar menores de idade, sem informar por quantos anos eles teriam de servir. Os meninos foram mantidos no exército por um período de sete a oito anos. De outro modo, não haveria ninguém para servir nesse exército gigantesco, que controlava quase metade do globo. Esse período só terminou com a morte de Stálin. Tivesse ele vivido mais, os jovens soldados teriam permanecido no exército por 15 anos, talvez mais.

A Segunda Guerra Mundial criou oportunidades ilimitadas para Stálin disseminar o comunismo pelo mundo, mas não restava ninguém nos campos da União Soviética para cuidar das colheitas. A fome assolou o país em 1946 e 1947. Um soldado fez o seguinte relato: "Nesse medonho regimento, vivíamos com fome. Recebíamos porções muito pequenas; além disso, eles conseguiam nos roubar, de alguma forma".[8] O exército, que o governo devia alimentar, morria de fome. Os civis, que o governo não tinha obrigação de alimentar, também morriam de fome. A fome de 1946 e 1947 ceifou a vida de cerca de um milhão de pessoas. Stálin sentenciara a Europa à morte, mas não pôde levar adiante sua execução.

Hitler, de acordo com os planos de Stálin, deveria esmagar a Europa. A seguir, Stálin, com um ataque surpresa, "libertaria" a Europa de Hitler. Em nome desse objetivo, pilotos e tanquistas alemães foram treinados na União Soviética, e Stálin levou Hitler ao poder. No entanto, Hitler arruinou o plano de Stálin.

Há quem nem sequer tenha notado que a União Soviética perdeu a Segunda Guerra Mundial. Onde estava o grande e vitorioso país de Stálin? A União Soviética foi criada para a guerra e a conquista. Não foi adaptada para a paz. Ou a União

Soviética se espalharia por todo o planeta, matando e eliminando a vida normal, ou morreria. Stálin não conseguiu conquistar o mundo, e isso significava outra guerra — ou o fim da União Soviética em futuro não muito distante. A União Soviética estava se preparando para outra guerra, a Terceira Guerra Mundial. Concentrou todos os recursos e esforços nos preparativos dessa guerra, e foi esmagada em 1991 pelo enorme peso dos gastos militares.

Epílogo

Stálin foi um criminoso de guerra

Stálin foi um criminoso de guerra e deveria ter sido julgado em Nuremberg em 1946, junto do assistente direto do *Führer*, Rudolf Hess — assim argumentou o advogado de Hess, Dr. Alfred Seidl, que deu início à defesa em 22 de março de 1946. Por meio de um documento secreto, Hitler e Stálin haviam conspirado para dividir entre si os países conquistados por seus exércitos. Hitler estava morto, mas Stálin, de acordo com o mandado do Tribunal Militar Aliado, deveria ser indiciado. As acusações seriam similares às de Hess, afirmou dr. Seidl.

Hess foi acusado de:

1. Conspiração para desencadear uma guerra agressiva
2. Crimes contra a paz
3. Crimes de guerra
4. Crimes contra a humanidade

Como Hess havia fugido para a Inglaterra em maio de 1941, sendo feito prisioneiro dos britânicos um mês antes de Hitler atacar a União Soviética, Dr. Seidl confiava na absolvição dos crimes de guerra e de crime contra a humanidade. Já que Hess estava preso na Inglaterra, não poderia ter tomado parte das atrocidades contra os judeus. As duas primeiras acusações seriam mais difíceis de refutar, pois Hess, na qualidade de assistente direto de Hitler, havia discutido com o *Führer* os acontecimentos que levariam à guerra; pelo menos até maio de 1941, Hess havia concordado com todas as decisões tomadas por Hitler.

Em *Hess: The Man and His Mission* (Londres: David Bruce and Watson, 1970), o jornalista, diplomata e escritor J. Bernard Hutton, nascido na antiga Tchecoslová-

quia, descreveu como Dr. Seidl soube da existência de um protocolo relativo ao pacto Hitler-Stálin, assinado por Viatchesláv Molotov, ministro soviético das relações exteriores, e por Joachim von Ribbentrop, ministro alemão das relações exteriores. Esse pacto envolvia Stálin nos crimes de guerra. Após longa e frustrante entrevista com Hess, que insistia em não precisar de um advogado para fazer sua própria defesa, Dr. Seidl preparou-se para deixar a prisão. Já no pátio, ele entreouviu uma conversa entre o *Reichsmarschall* Hermann Göring e von Ribbentrop. Este forneceu uma incrível informação a Göring: quando visitara Moscou, em agosto de 1939, para negociar o tratado germano-soviético com Molotov, ele assinara outro tratado secreto que não fora divulgado. Ribbentrop afirmou a Göring: "Esse acordo secreto definia as esferas de interesse, na hipótese de haver uma guerra."

Os dois ministros haviam traçado uma linha no mapa, ao longo do Vístula e do Bug, os dois rios que dividem a Polônia. E concordaram que, caso houvesse guerra, o território a oeste dos dois rios seria da esfera de interesse alemã, enquanto aquele a leste ficaria sob controle soviético. A esfera soviética abrangeria Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, a Polônia oriental e certas áreas da Romênia. Ribbentrop também disse a Göring que os russos lhe asseguraram, desde que fora preso, que tudo seria facilitado caso ele não revelasse o pacto no tribunal. Era óbvio que Stálin queria evitar que o pacto secreto com Hitler — dividir a Polônia e os estados bálticos em áreas menores — viesse a público, num momento em que os russos faziam parte de uma corte militar internacional, julgando crimes de guerra que incluíam conspiração para iniciar uma guerra agressiva e crimes contra a paz.

O advogado percebeu de imediato a importância desse pacto para o cliente. Após o ataque militar dos alemães e soviéticos contra a Lituânia, Letônia e Estônia em junho de 1940, tanto a Alemanha quanto a União Soviética haviam negado a existência de qualquer acordo político, além do tratado germano-soviético relativo a fronteiras, o qual foi concluído em 23 de agosto de 1939. Se Dr. Seidl pudesse provar a existência de tal plano, Stálin e a União Soviética seriam tão culpados de conspiração de guerra quanto qualquer um dos réus nazistas. Seidl poderia argumentar que seu cliente deveria ser declarado inocente; se não, Stálin e outros homens do Kremlin também seriam obrigados a sentar-se no banco de réus — assim se expressou Hutton.

Dr. Seidl saiu à procura de outras testemunhas da assinatura desse protocolo secreto, além de von Ribbentrop. Após uma busca exaustiva, conseguiu falar com Dr. Friedrich Gauss, que fora subsecretário de estado no ministério alemão de relações exteriores e havia acompanhado Ribbentrop a Moscou, para a assinatura. "Houve mesmo esse acordo secreto?" perguntou Dr. Seidl. "Houve", respondeu Dr. Gauss. "Lembro-me claramente." Quando Seidl perguntou sobre uma possível cópia, Gauss disse que não tinha ideia; pelo que sabia, todos os arquivos importantes

do ministério alemão de relações exteriores tinham sido microfilmados e entregues a oficiais americanos.

Para apresentar uma defesa sólida, Dr. Seidl precisava de provas documentadas. Ao perceber que falhara em seus esforços para encontrar o documento pelos canais normais, espalhou a informação sobre o que procurava entre todos os oficiais do alto escalão americano que encontrava socialmente, dando-lhes detalhes específicos sobre o protocolo.

Numa noite, quando deixava o tribunal, um oficial americano, desconhecido para ele, aproximou-se e perguntou em alemão: "É o Dr. Alfred Seidl?" O advogado fez que sim. Segundo o relato de Hutton: "O americano apresentou-se e, a seguir, entregou ao Dr. Seidl um envelope simples, lacrado. 'Isto pode ser de seu interesse', disse. Seidl rasgou o envelope e tirou alguns papéis, que folheou com as mãos trêmulas. Era uma cópia do acordo entre Molotov e Ribbentrop, o mesmo que tanto havia procurado. O oficial americano desapareceu discretamente."

Depois de analisar o documento, Dr. Seidl viu que não se tratava de cópia fotostática e não tinha nenhum carimbo oficial. Dr. Gauss, depois de ver os papéis, disse que pareciam ser uma cópia verdadeira do acordo secreto assinado por Molotov e Ribbentrop. E prontamente concordou em assinar a seguinte declaração juramentada:

> Por volta do meio-dia de 23 de agosto de 1939, o avião em que eu viajava com von Ribbentrop pousou em Moscou. Eu estava lá na qualidade de conselheiro legal de certas negociações entre ele e Stálin. Na assinatura, eu não estava presente, mas havia um conselheiro da embaixada e Hilger, que agiu como intérprete. Outra pessoa presente foi o Conde Schulenburg, embaixador.
>
> O resultado pareceu satisfatório a Ribbentrop, que expressou a opinião de que a Alemanha teria êxito em suas propostas.
>
> Houve uma segunda discussão à noite, com o propósito de terminar e assinar a documentação necessária. Eu havia preparado o rascunho para von Ribbentrop. O Conde Schulenburg, o conselheiro da embaixada e Hilger também estavam presentes. Stálin e Molotov representavam o lado russo, assistidos por Pávlov, que serviu de intérprete.
>
> Chegaram então a um acordo relativo ao pacto de não agressão entre a Alemanha e a Rússia soviética, mas Stálin contestou uma frase que mencionava as amigáveis relações germano-soviéticas. Disse ele que o governo soviético não poderia divulgar a amizade germano-soviética depois de o ministro do exterior nacional-socialista ter despejado "baldes de água pútrida de esgoto" sobre eles durante seis anos. Foi preciso reformular a frase.
>
> Além do pacto de não agressão, houve negociações sobre um documento secreto que, pelo que me lembro, foi chamado de "protocolo secreto" ou "protocolo

adicional secreto". Tratava da delimitação das esferas de influência nos territórios europeus situados entre os dois países. Não me lembro se a expressão "esferas de influência" foi usada ou não. No documento, a Alemanha declarou não ter interesse na Letônia, Estônia e Finlândia, mas considerava a Lituânia parte de "sua esfera de influência". Ao mesmo tempo, a Alemanha demonstrou interesse — mas não político — nos portos do Báltico livres de gelo. Isso, claro, não era aceitável para os russos. Obviamente, Ribbentrop agia sob instruções, porque fizera o pedido de um telefonema para Hitler, e a ligação ficou pronta no mesmo momento. Ordenaram-no a aceitar o ponto de vista soviético.

Para o território polonês, foi estabelecida uma linha demarcatória. Não me lembro exatamente se foi traçada sobre um mapa ou se estava descrita em palavras no documento. O acordo relativo à Polônia dizia que ambas as potências deveriam decidir todas as questões sobre esse país em uma reunião. Quanto aos Bálcãs, ficou estabelecido que a Alemanha teria interesses exclusivamente econômicos.

O pacto de não agressão e os documentos secretos foram assinados bem tarde naquela noite.

Aproximadamente um mês depois, nas discussões sobre o segundo tratado político germano-soviético, o documento mencionado foi alterado — com base em uma sugestão comunicada pelo governo soviético a Berlim — para que a Lituânia saísse da "esfera de interesse da Alemanha", exceto um "Lappet" [pedaço de terra saliente] adjacente à Prússia oriental. Em troca, entretanto, a linha demarcatória da Polônia foi deslocada mais para leste.

Em negociações posteriores, através de canais diplomáticos, talvez no fim de 1940 ou no início de 1941, o tal "Lappet" diplomático foi entregue aos alemães.

O documento não apenas revelou os objetivos políticos de Stálin e Hitler, como era prova cabal de suas intenções de iniciar uma guerra e dividir os espólios entre si, desmembrando países menores.

O Dr. Seidl não tinha ilusões quanto ao motivo de um oficial americano ter-lhe entregado o documento: o temor sobre as intenções de Stálin na Europa do leste e o perigo de uma guerra fria na Europa ocidental, com o crescimento dos partidos comunistas na França e na Itália. Mas Seidl estava decidido a cumprir o dever para com o cliente, que ficava lendo no banco de réus, parecendo totalmente desinteressado no processo.

Em 30 de março de 1946, Dr. Seidl apresentou seu grande trunfo ao interrogar Ribbentrop sobre o acordo secreto germano-soviético de 1939. Muito relutante, Ribbentrop admitiu a existência do pacto. "Se a guerra estourasse, a ocupação dessas áreas seria feita pela Alemanha e pela Rússia. Nessa época, ouvi frases — tanto de Stálin quanto de Hitler — de que a Polônia e outros territórios ali discutidos eram regiões que ambos os lados haviam perdido numa guerra infeliz."

Os juízes, chocados, ordenaram que o Dr. Seidl parasse o interrogatório. Ele obedeceu, mas afirmou à corte que o pacto secreto era elemento essencial para a defesa de Hess; se o tribunal não admitisse como prova a apresentação, na íntegra, do acordo secreto, ele exigiria que Molotov, o ministro de relações exteriores soviético, fosse intimado como testemunha. Pelo menos um dos países processantes envolvera-se na conspiração que desencadeara a Segunda Guerra Mundial, acusou o advogado.

O advogado de acusação soviético, general Roman Rudenko, pulou da cadeira para protestar, insistindo que o documento fosse ignorado. "A corte está investigando o caso dos crimes alemães; não está investigando a política exterior dos aliados. Esse documento anônimo... não pode ter valor algum."

Os juízes outorgaram e deferiram o pedido, feito por Rudenko, de não aceitar o documento como prova; decidiram, entretanto, que o Barão von Weizsäcker, ex-secretário de estado do ministério de relações exteriores alemão, poderia ser interrogado a respeito. Seu depoimento confirmou a existência de um pacto secreto e gerou surpresa quando ele acrescentou:

> O protocolo secreto, de escopo extenso, traçava uma linha demarcatória entre áreas que, em certas circunstâncias, seriam de interesse à União Soviética, e outras que pertenceriam à esfera de interesse alemã. Na esfera soviética incluíam-se a Finlândia, Estônia, Letônia, a parte oriental da Polônia e certas áreas da Romênia. Tudo a oeste da linha ficou para a Alemanha. Mais tarde, em setembro ou outubro de 1939, houve uma emenda no acordo: a Lituânia, ou a maior parte dela, foi transferida para a esfera soviética, e a linha de demarcação da Polônia deslocou-se bastante para oeste. Explícita ou implicitamente, o acordo secreto seria criar uma ordem completamente nova na Polônia. E quando entrou em operação, essa linha demarcatória foi estritamente obedecida.

Quando o juiz* Lawrence, da Inglaterra, perguntou ao Barão von Weizsäcker se ele tinha conhecimento da existência do pacto por escrito, o ex-oficial do ministério respondeu: "Eu guardava uma cópia fotostática desse pacto em meu cofre, e não hesitarei em reconhecê-lo, caso o ponham diante de mim." A autenticidade do documento do Dr. Seidl fora contestada antes que ele o apresentasse a von Weizsäcker; ao que o advogado respondera que os papéis haviam sido entregues por um oficial do exército aliado, que não se identificara. Os juízes novamente discutiram entre si e decidiram que o documento não poderia ser apresentado à testemunha, já que sua origem era desconhecida.

---

* N.T.: No original, Lord Justice. Título dado a certos juízes, na Inglaterra.

Os esforços do Dr. Seidl deram frutos amargos. Ele havia revelado ao mundo que existira um vergonhoso pacto secreto, mas a decisão de não permitir que tal documento fosse apresentado ao tribunal impediu-o de defender adequadamente seu cliente. Rudolf Hess foi inocentado de crimes contra a humanidade e crimes de guerra, mas foi julgado culpado de conspiração de guerra agressiva e de crimes contra a paz, pelo que recebeu sentença de prisão perpétua em 1º de outubro de 1946. O soviético que fazia parte do tribunal fez uma objeção, argumentando que Hess deveria ser condenado à morte. Hess passou o resto da vida na prisão, onde acabou se suicidando aos 92 anos, em 17 de agosto de 1987. Era o último criminoso nazista de guerra condenado e único ocupante da prisão Spandau, em Berlim Ocidental. A União Soviética rejeitou todas as tentativas de permitir sua soltura.

Fosse ele libertado, sua família e os que insistiram em pedir sua soltura estariam livres para chamar a atenção sobre a culpa do próprio Stálin por crimes contra a paz e conspiração de guerra agressiva.

Notas

Nota do Autor

Os leitores podem observar que diversas fontes são citadas de modo incompleto (sem informação sobre cidade, número de página, editora). Meus amigos e auxiliares anônimos muitas vezes enviam-me cópia de documentos sem esses detalhes. Como eu vivo no interior do Reino Unido (os soviéticos sentenciaram-me à morte pela deserção em 1978), obter a fonte original dos dados frequentemente é muito difícil. No entanto, não tenho dúvidas quanto a veracidade das informações: nos últimos vinte anos minhas fontes nunca foram contestadas por críticos, mesmo aqueles que discordam das minhas conclusões. No entanto, caso o leitor acredite que a informação não publicada seja absolutamente necessária, convido-o a enviar uma mensagem para info@suvorov.com. Eu e meus amigos faremos o melhor para atendê-lo.

Prefácio

1. Gulag – Glávnoie Upravlênie Laguerêi (Administração do Campo de Prisão Principal), um dos nomes do sistema penitenciário soviético. Parte do NKVD – Naródni Kommissariát Vnútrennikh Del (Comissariado Popular de Assuntos Internos de 1930, e parte d MVD (Ministério de Assuntos Internos) em 1956.

Introdução

1. Este nome tem sido usado desde 1942. A organização teve outros nomes anteriormente, mas neste livro será adotado somente o termo GRU.
2. *Soviet Military Encyclopedia* (Moscou: Voyenizdat, 1976) 5: 67.

Capítulo 1

Epígrafe: Leon Davidovich Trotski, em discurso durante a tomada de poder; terceiro discurso do Segundo Congresso dos Sovietes de Toda a Rússia, em 26 de outubro de 1917.

1. Das 245 toneladas de ouro acordadas, 92 foram entregues à Alemanha, e posteriormente confiscadas pela França vitoriosa.

Capítulo 2

Epígrafe: Zhizn Natzional'nostei, n. 6 (1918).

1. Vladimir I. Lenin. *Complete Collected Works*, 5ª ed. (Moscou: Politizdat, 1977) 41:353.
2. *Ibid.*
3. V. Ivanov. "Requiem on Victorious Steel Drums", in *Ural*, n. 2-3 (1994): 242; N. Kakurin e B. Melikhov. *Civil War in Russia: War with the White Poles* (Moscou: S. Petersburgo, 2002) 670.
4. Kakurin e Melikhov. *Civil War in Russia*, 556.
5. *The Comintern and the Idea of the World Revolution: Documents* (Moscou: Nauka, 1998), 186.
6. L. O. Frossard. *De Jaurès à Lénine: notes et souvenirs d'un militant* (Paris: Bibliothèque de documentation sociale, 1930), 137.
7. *Documents and Materials on the History of Soviet-Polish Relations* (Moscou: Voyenizdat, 1964),3:221.
8. Kakurin e Melikhov. *Civil War in Russia*, 434.
9. Vladimir I. Lenin. Ninth Conference of the Russian Communist Party, 22 de setembro de 1920.

Capítulo 3

Epígrafe: Joseph Stalin, "About the Polish Communist Party" (1926), reimpresso em *Collected Works in 13 Volumes* (Moscou: Gospolitizdat, 1952), 6:267.

1. Vladimir I. Lenin. "Report on Foreign and Domestic Policy", entregue no Oitavo Congresso dos Sovietes, em 22 de dezembro de 1920, e publicado em *Complete Collected Works*, 143.
2. Vladimir I. Lenin. *Complete Collected Works*, 358.
3. Walter Krivitsky. *I Was an Agent of Stalin* (Moscou: Terra, 1991) 97-98.
4. *Ibid.*
5. Alexander Kolpakidi e Dmitri Prokhorov, *Empire of the GRU: Sketches on the History of Russian Military Intelligence* (Moscou: Olma-Press, 2000) 1: 105-7.
6. *Rodina*, n. 10 (1990): 13.
7. "Politburo of the CC of RCP (b) — ACP (b) [Central Committee of Russian Communist Party (bolsheviks) — All-Union Communist Party (bolsheviks) and Europe: Decisions of the 'Special Folder,' 1929-1939," in *The Russian Political Encyclopedia* (Moscou, 2001), 21.
8. *Ibid.*, 22-23, e Boris Bazhanov, *Memoirs of a Former Secretary of Stalin* (Paris: The Third Wave, 1980), 68-69. O fato mais importante é que Bajanov resumia decisões tomadas em segredo pelo Politburo, com absoluta precisão. Seu único engano refere-se à data: essa sessão do Politburo aconteceu em 4 de outubro de 1923, não em setembro do mesmo ano. Em 2001, essa decisão, já não secreta, foi divulgada ao público. A sessão do Politburo em questão realmente considerou a questão de uma data específica para a insurreição armada na Alemanha. Uma pequena parte do protocolo 38, feito em 4 de outubro de 1923: "Determinado: [...] 3. Concordar com a comissão, a respeito de fixar a data final — 9 de novembro deste ano. 4. Aplicar todo o esforço político e organizacional para que o prazo apontado seja cumprido. 5. É preciso lembrar que o curso de ação poderá levar à inevitabilidade de ordenar o avanço decisivo, antes do prazo apontado [...] 7. Enviar para a Alemanha os camaradas alemães Piatakov, Rudzutak e Kúibichev [...] 11. Deixar que esses quatro [membros do comitê central: Radek, Piatakov, Unchlikht e Vasia Chmidt, Conselho do Trabalho] decidam, após chegarem a Berlim, se incluirão o camarada Krestínski para ajudar nas atividades do grupo, e, caso seja necessário em alguma ação conspiratória, dar-lhe igual poder de voto em todas ou em algumas reuniões [...] 13. Aumentar o fundo especial em 500.000 rublos de ouro". A decisão de incluir Rudzutak entre os quatro não foi adiante devido à doença deste último. Em vez de Kúibichev, de acordo com a decisão do Politburo em 18 de outubro, o Comissário de Trabalho do Povo, V. V. Schmidt, uniu-se ao grupo. Nikolai Krestínski era então representante plenipotenciário da URSS na Alemanha. A soma acima mencionada destinava-se à deposição do governo alemão.
9. General Ioakim Vatsetis (1873-1938). Comandante-em-chefe das forças armadas da Rússia soviética, em 1918-1919.

10. Vyatcheslav Menzhinskii (1874-1934), um dos líderes da polícia política de Stálin.
11. Meer Trillisser (1883-1940). Um dos chefes da polícia política da URSS.
12. Genrikh Yagoda (1891-1938). Um dos líderes da polícia política de Stálin.
13. Gustav Stresemann (1879-1929). *Reichchancellor* da Alemanha desde 1923 e ministro de relações exteriores, de 1923 a 1929.
14. Raymond Poincaré (1860-1934) foi primeiro-ministro e ministro de relações exteriores da França em 1912, presidente do país de 1913 a 1920, e novamente primeiro-ministro entre 1922 e 1924 e entre 1926 a 1929.
15. Krivitsky. *I Was an Agent of Stalin*, 49-50.
16. Discurso de 1º de agosto de 1927, no plenário do Comitê Central e Comissão Central de Controle do Partido Comunista, citado em Joseph Stalin, *Collected Works*, 10:63.
17. Gustav Hilger e Alfred G. Meyer. *Incompatible Allies* (Nova York: Macmillan, 1953) 267.
18. Krivitsky. *I Was an Agent of Stalin* (Moscou: Sovremennik, 1996), 49-50.
19. Ernst Röhm († 1934). Uma das figuras líderes do movimento nazista, diretamente abaixo de Hitler na escala hierárquica.

Capítulo 4

Epígrafe: Adolf Hitler, em reunião com Lord Halifax, ministro do exterior britânico, em 19 de novembro de 1937.

Capítulo 5

Epígrafe: Adolf Hitler. *Mein Kampf* (Rússia: T-OKO, 1992), 524.

1. *Voenno-istoritcheskiy Zhournal* (VIZh) [Jornal Militar de História], n. 4 (1989):53.
2. *Bulleten Oppozitsii* [Boletim da Oposição], n. 52-53 (outubro de 1936): 42.
3. Robert Conquest. *The Great Terror*, traduzido do inglês para o russo (Florença, Itália: Aurora, 1974).
4. A Antonov-Ovseenko, *Portrait of a Tyrant* (Nova York: Khronika, 1980), 296.
5. Joseph Stalin. *Eighth Congress of the Communist Party: Protocols* (Moscou: Partizdat, 1959), 20.
6. Lenin. *Complete Collected Works*, 41:353.
7. Hitler, Adolf. *Mein Kampf*, parte 2, capítulo XIII e outros.
8. Rosenberg, Alfred. *Der Zukunftweg einer deutschen Aussenpolitik*, 20.

Capítulo 6

Epígrafe: Leon Trotski, "Abaixo o comunismo nacional", *Bulleten Oppozitsii* [Boletim da Oposição], n. 24 (25 de agosto de 1931)

1. M. I. Meltiukhov. *Stalin's Missed Opportunity: the Soviet Union and the Fight for Europe*, 1939-1941 (Moscou: Veche, 2002), 511. Já em 1º de janeiro de 1928, o Exército Vermelho tinha 45 tanques Ricardo MkV, seis tanques Taylor MkA e 28 modelos Renault FT-17, somando 79 tanques de fabricação estrangeira. Mikhaíl Svírin e Andrei Beskurnikov, "First Soviet Tanks", suplemento da revista *M-Hobby* (Moscou), n. 1 (1995):43. A produção doméstica de tanques deslanchou entre 1928 e 1929. Produziram-se então 122 tanques: 121 tanques MS-1 (T-18) e um T-12. Todavia, apenas 96 MS-1 foram aceitos pela comissão encarregada. Em 1932, 3.039 tanques leves e pesados foram produzidos. *History of the Second World War, 1939-1945* (Moscou: Voienizdát, 1973-82), 1:260. Em 1º de janeiro de 1933, o Exército Vermelho tinha 4.538 tanques. Meltiukhov. *Stalin's Missed Opportunity*, 515.
2. V. S. Shumikhin. *Soviet Military Aviation*, 1917-1941 (Moscou: Nauka, 1986), 157.
3. Jacques Rossi, *GULAG Directory* (Londres: OPI, 1987), 96-97.
4. *GULAG: The Main [Prison] Camp Directorate, 1918-1960: Collection of Documents*, compilados por A. I. Kokurin e M. Petrov (Moscou: International Fund "Democracy", 2000), 753.

5. S. G. Popova. "The World Gold Market and Issues of Gold Export Development in Rússia", tese de doutorado (Moscou: 1998).
6. V. Z. Rogovin. "Hunger", in *The Power and the Opposition, 1928-1933* (Moscou: Zhurnal Teatr, 1993), cap. XLVIII.
7. *Pravda*, 2 de fevereiro de 1935.
8. Felix Chuev. *Molotov: Master of Half a Domain*, (Moscou: Olma-Press, 2002), 458.
9. V. Z. Rogovin. "Hunger". *The Power and the Opposition, 1928-1933.* Menos de 100.000 toneladas de grãos foram exportadas em 1928, mas em 1929 esse número já tinha alcançado 1,3 milhão de toneladas; em 1930, eram 4,8 milhões de toneladas; em 1931 eram 5,2 milhões de toneladas; em 1932, era 1,8 milhão de toneladas e em 1933 era 1 milhão de toneladas.

Capítulo 7

Epígrafe: G. Zinoviev, membro do Politburo, presidente da Internacional Comunista, in *Collected Works* (Leningrado, 1925), 7:490.

1. *Pravda*, n. 255, 6-7 de novembro de 1927.
2. Stalin. *Collected Works*, 11: 202.
3. Stálin, discurso no plenário do Comitê Central do Partido Comunista em 1º de agosto de 1927, publicado pela primeira vez apenas 25 anos depois, em *Collected Works*, 10:49.
4. Stalin. *Collected Works*, 7: 72.
5. Stalin. *Collected Works*, 7: 14. Essa citação foi retirada do discurso de Stálin em janeiro de 1925, no plenário do Comitê Central, que discutiu, entre outras coisas, o aumento de despesas militares.
6. Citado em: Joachim Fest. *Hitler: A Biography* [Hitler, Vols. I e II] (Perm, Rússia: Alteya, 1993) 2:234.
7. Henry Piker. *Hitler's Table Talk* [Conversas à Mesa com Hitler].(Smolénsk, Rússia: Rusich, 1998), entrada de 6 de maio de 1942.
8. Stalin. *Collected Works*, 11: 202.

Capítulo 8

Epígrafe: Alexander Lapchinsky, *The Air Army* (Moscou: Voyenizdat, 1939), 144.

1. P. Stefanovsky, *Three Hundred Unknowns*, (Moscou: Voyenizdat, 1968), 83.
2. Shumikhin, *Soviet Military Aviation*, 218.
3. V. B. Shavrov, *The History of Aircraft Design in the USSR, 1939-1950* (Moscou: Mashinostroyenie, 1988), 162.
4. L. Kerber, *TU: Man and Airplane* (Moscou: Sovetskaya Rossia, 1973), 143.
5. L. Kerber, *TU: Man and Airplane*, artigo in *Trail in the Sky*, (Moscou: Politizdat, 1971), 202.
6. G. J. Taylor, *Combat Aircraft of the World*, (Londres: Ebury Press, 1969), 592.
7. Vaclav Nemecek, *The History of Soviet Aircraft from 1918* (Londres: Willow Books, 1986), 134.
8. M. Gallay, *Third Dimension*, (Moscou: Sovetski Pisatel, 1973), 330.
9. M. Maslov, "Dreadnought", revista *M-Hobby* (Moscou), n. 5-6 (1997): 9,11. A ordem de iniciar a produção em série do TB-7 possibilitava planos para produzir oito lotes de aviões TB-7, totalizando 51 aeronaves. Essa ordem, entretanto, nunca foi assinada. A fábrica de aeronaves n. 142 de Kazan, selecionada para montar esses aviões, tinha equipamento moderno, adquirido nos Estados Unidos e instalado na fábrica. Na verdade, esta tinha capacidade de produzir até cem aviões TB-7 ao ano. Se necessário, outras fábricas também estavam aptas a iniciar a produção deste modelo.
10. O TB-7 foi totalmente inatingível até 1940, quando a *Luftwaffe* começou a receber entregas maciças de Bf109 E-3.
11. A capacidade operacional do bombardeiro TB-7 foi descrita de modo imparcial, compreensivo e detalhado por Vladimir Ratkin em "PE-8 Testing by War", na revista *Mir Aviatsii*, n. 1 e 2 (1996)

e n. 1 (1997), bem como por N. Yakubovich, "The PE-8's Unenviable Fate", na revista *Krylia Rodiny*, n. 11 (1995) e n. 1 (1996); também em *USSR Aircraft Industry, 1917-1945* (Moscou: Departamento de Publicações TSAGI, 1994), 2: 68-69.

12. G. Ozerov. *Tupolev's Sharaga*, (Frankfurt: Possev, 1971), 47.
13. Vladimir Ratkin. *Mir Aviatsii*, n. 1 (1996), 15. Apenas quatro naves tinham o quinto motor adicional.
14. *Tupolev's Aircraft ANT-1 — ANT-15* (Moscou: Tupolev ANTK, 1995), 16.
15. E. Riabchikov e A. Magid. *The Becoming* (Moscou: Znanie, 1978), 132.
16. Giulio Douhet, general italiano (1869-1930). Em 1910, ele avaliou que a aviação pesada de bombardeiros teria papel decisivo na próxima guerra.
17. Shumikhin. *Soviet Military Aviation*, 185.
18. A. Yakovlev. *Life's Task* (Moscou: Politizdat, 1973), 168.
19. *Ibid.*, 182.

Capítulo 9

Epígrafe: Robert Goralski, *World War II Almanac, 1935-1945* (Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1981), 164.

1. *Domestic Armored Vehicles*, 1905-1941 (Moscou: Exprint, 2002), 235.
2. *Domestic Armored Vehicles, Twentieth Century*, 121,127. Em abril de 1938, um protótipo do tanque de infantaria Mark II (A12) Matilda II foi fabricado na Inglaterra. Em espessura de blindagem, esse tanque superava todos os outros do mundo. A blindagem frontal era de 78 mm; a da torre frontal tinha 75 mm, e a lateral, 75 mm; a blindagem de popa tinha 55 mm. Respectivamente, o T-28 tinha blindagem de 30, 20, 20 e 20 mm; o T-28E tinha 50, 80, 40 e 40 mm. Mas a artilharia do Matilda era extremamente fraca: um canhão de 40 mm e uma ou duas metralhadoras. Possuía dois motores, cada um de 95 cavalos. Por causa dos motores de pouca força, esse tanque — orgulho da indústria inglesa — só aguentava o próprio peso em superfícies planas, ou declive abaixo. Cada coluna de tanques Matilda era escoltada por um grupo de caminhões pesados, cuja tarefa era rebocar cada veículo colina acima. O Matilda só podia atacar o inimigo em superfície plana ou rolar do alto da colina até o inimigo. Se o leitor estiver interessado, recomendo o incrível livro de D. Fletcher, *The Great Tank Scandal*, (Londres: HMSO, 1990). No início da Segunda Guerra Mundial, em 1º de setembro de 1939, o exército inglês tinha apenas dois desses tanques. Era lento, tinha pouco alcance e seu desempenho e segurança em terreno aberto eram insatisfatórios. Todos os parâmetros desse tanque, com exceção da blindagem, não satisfaziam as necessidades de um campo de batalha.
3. *Encyclopedia of German Tanks of World War Two* (Londres: AAP, 1978), 89.
4. M. Bariatinsky e M. Pavlov, *Middle Tank T-28*, (Moscou: Askold, 1993).
5. A. B. Shirokorad, *The Genius of the Soviet Artillery: The Triumph and Tragedy of V. Grabin* (Moscou: AST, 2002), 141-142.
6. No verão de 1941, o tanque de infantaria Churchill Mark IV (A22) entrou em produção na Inglaterra. O primeiro modelo tinha a seguinte blindagem: frontal, 101 mm; frontal da torre, 89 mm. Contudo, o tanque era parcamente armado: um canhão de 40 mm e duas metralhadoras. O Churchill tinha motor fraco e, consequentemente, baixa capacidade e velocidade em terreno aberto. A transmissão não era confiável; seu projeto era obsoleto. O corpo era montado em uma subestrutura feita de vigas oblíquas. As placas rígidas eram rebitadas à subestrutura, tendo placas blindadas atarraxadas com parafusos sobre elas. Embora a blindagem fosse espessa, o projeto em si carecia de solidez. Nos tanques soviéticos, o corpo era uma caixa de placas blindadas e soldadas. Isso dava ao corpo excelente solidez. Esse era exatamente o método usado em tanques-modelo. Assim, apesar da impressionante espessura da blindagem, estávamos olhando para um nível tecnológico signifi-

cativamente inferior, em se tratando da indústria inglesa de tanques. Winston Churchill brincava que esse tanque, batizado com seu nome, tinha mais defeitos que ele próprio.

7. Heinz Guderian, *A Soldier's Memoirs* (Moscou: Voyenizdat, 1957), 231.
8. Ibid., 361.
9. *The Wehrmacht's Fateful Decisions* (Moscou: Voyenizdat, 1974), 61.
10. *Ibid.*, 101-2.
11. Heinz Guderian, *Panzer Leader*, (Londres: Futura, 1974), 276.
12. "Second Partial and First Consolidated Report on Russian Medium Tank -34", Aberdeen Proving Ground, Maryland (arquivo, 1943), 4.
13. "Military and Numeric Composition of the Armed Forces of the USSR", *Statistical Almanac*, n. 1 (22 de junho de 1941) (Moscou: Instituto Histórico Militar, Ministério de Defesa da Federação Russa, 1994), 241.
14. I. Shmelev, *The Tank's History*, 1916-1996 (Moscou: Tekhnika Molodiozhi, 1996), 145.
15. De 3 de setembro de 1939 a 8 de maio de 1945, a Inglaterra fabricou 25.116 tanques; de 1939 a 1945, a Alemanha fabricou 24.242 tanques e o Japão, 5.085. Ao todo foram 54.443 tanques. Nos anos da Segunda Guerra Mundial, do início da produção, em setembro de 1940 até 2 de setembro de 1945, a União Soviética produziu 54.853 tanques T-34.
16. *Encyclopedia of German Tanks of World War Two* (Londres: AAP, 1978), 261-262.
17. M. Bariatinsky, *Soviet Armor*, 1939-1945 (Moscou: Bronecollectsia, 1998), 13-14. A partir de 1940, havia 33.805 tanques T-34. Foram construídos 21.048 tanques T-34-85 de 1944 até o fim da guerra.
18. Foram fabricados 2.644 SU-85 e 2.495 SU-100. No total, 5.139. *Ibid.*, 22-23.
19. Guderian, *Panzer Leader*, 283.
20. Steven Zaloga e James Grandsen, *Soviet Tanks and Combat Vehicles of World War Two* (Londres: Arms and Armour Press, 1984), 175.
21. V. Chalmaev, *Malyshev*, ZhZL series (Moscou: Molodaia Gvardia, 1978), 299. A partir de 1942, na competição pelos parâmetros de qualidade dos canhões de tanque, os projetistas alemães atingiram resultados surpreendentes. O canhão de 75 mm KwK 52 (com comprimento de cano equivalente a 70 calibres!), que foi usado em um Panther, era uma obra-prima do desenho bélico. O canhão de 122mm no IS-2 e o de 75 mm do Panther tinham aproximadamente a mesma eficiência contra a blindagem. O baixo calibre do canhão do Panther significava maior velocidade. A carga do Panther era de 79 a 81 salvas, mas no IS-2 eram apenas 28. Essa diferença era causada pelo menor volume interno do IS-2, contra o Panther. Além disso, o canhão de 122 mm requeria salvas maiores e mais pesadas. A velocidade inicial da bala alemã era maior que a soviética. Aliada a excelente mira e ótica, isso lhe deu superioridade sobre o IS-2 em precisão. A salva do Panther, para destruir blindagens, pesava 6,8 kg e tinha velocidade inicial de 925 m/s. A bala de calibre menor pesava 4,25 kg e tinha velocidade inicial de 1.120 m/s. A bala para blindagem do IS-2 apresentava velocidade inicial menor — 790 m/s; entretanto, o peso da salva era monstruoso para a época — 25 kg. A energia de boca do canhão de 122 mm, no IS-2, era uma vez e meia mais alta que a correspondente do Royal Tiger, duas vezes e meia mais alta que o Tiger, e quase três vezes mais alta que o Panther. Um único tiro bem dado do IS-2 redimia os defeitos de seu canhão. Em outubro de 1943, durante testes no território de Kubinka, perto de Moscou, um IS-2, com um uma bala para blindagens quebrou a blindagem frontal do Panther a uma distância de 1.500 metros; depois, com o excesso de energia, a salva atravessou a transmissão, a parede blindada do compartimento de artilharia, o motor, e ainda assim, sobrou tanta energia que a salva arrancou a armadura traseira do corpo, ao longo das costuras, e jogou-a vários metros longe. O canhão do tanque IS-2 era especialmente superior quando se defrontava com alvos sem blindagem. A bala de fragmentação altamente explosiva do IS-2 pesava 25 kg, contra os 7 kg da bala do Panther.

Em geral, o IS-2 era necessário não para lutar contra tanques Panther e Tiger, mas para romper as defesas inimigas. A carga maior de luta contra os tanques pesados alemães ficava com o tanque-destroier SU-100.

22. Coronel Franz Halder. *War Diary, 1939-1942* (Moscou: Voienizdat, 1971), 24 de junho de 1941.
23. "Military and Numeric Composition of the Armed Forces of the USSR", *Statistical Almanac*, n. 1 (22 de junho de 1941) (Moscou: Instituto da História Militar, Ministério da Defesa da Federação Russa, 1994), 241.
24. Guderian. *A Soldier's Memoirs*, 121.
25. K. Galitsky. *The Years of Hard Trials* (Moscou: Nauka, 1973), 79.
26. A. I. Rodimtsev, *Motherland, These Are Your Sons* (Kiev: Politizdat, 1982), 291.
27. *World War II Almanac, 1931-1945* (Londres: Hamish Hamilton, 1981), 164.
28. Steven Zaloga e James Grandsen. *Soviet Heavy Tanks* (Londres: Osprey, 1981), 12-13.
29. Liddell Hart, ed., *The Soviet Army* (Londres: Weidenfield and Nicolson, 1956), B.H. 122.
30. Zaloga e Grandsen. *Soviet Tanks and Combat Vehicles of World War Two*, 175.
31. Hermann Hoth. *Panzer Operations* (Moscou: Voyenizdat, 1961), 360.

Capítulo 10

Epígrafe: Adolf Hitler, 4 de agosto de 1941, citado em Guderian, *A Soldier's Memoirs*, 256.

1. *Domestic Armored Vehicles: Twentieth Century*, 1:17.
2. *Encyclopedia of German Tanks of World War Two*, 261.
3. *Domestic Armored Vehicles: Twentieth Century*, 1:17. Em 1934, a URSS produziu 3.556 tanques de todos os tipos e com modificações; em 1935, 2.994; em 1936, 3.905; em 1937, 1.558; em 1938, 2.270; e em 1939, 3.034.
4. *Krasnaya Zvezda*, 17 de janeiro de 1998.
5. *Domestic Armored Vehicles: Twentieth Century*, 1:17.
6. "Military and Numeric Composition of the Armed Forces of the USSR", 241.
7. *Krasnaya Zvezda*, 17 de janeiro de 1998.
8. J. F. Milsom. *Russian BT Series* (Surrey England: Profile Publications, Ltd., 1971).
9. M. Bariatinsky e M. Kolomiets. *Light Tanks BT-2 and BT-5* (Moscou: Modelist-Constructor, 1996), 16; M. Bariatinsky e M. Kolomiets, *Light Tank BT-7* (Moscou: Modelist-Constructor, 1996), 15; M. Pavlov, I. Zheltov, e I. Pavlov, *Domestic Armored Vehicles* (Moscou: Hobby Kniga, 2002), 182.
10. Pavlov, Zheltov e Pavlov. *Domestic Armored Vehicles*, 182.
11. Meltiukhov. *Stalin's Missed Opportunity*, 525.
12. *Voyna I Revolutsia*, setembro-outubro de 1934.
13. Em outubro de 1939, a 6ª Brigada Blindada (mais de 250 tanques BT, comandados pelo Coronel M. P. Pavelkin), dirigiu-se de Khálkhin-Gol a Urukhán, cobrindo uma distância de 670 km. A caravana foi realizada sem as esteiras, que foram removidas e deram lugar a rodas. Esse percurso completou-se em 39 horas operacionais, com média de 150 km por dia. A brigada mereceu a Ordem da Bandeira Vermelha, e mostrou como os tanques BT podiam ser impetuosos e perigosos no ato de invadir território inimigo, em caso de uma *Blitzkrieg* repentina.
14. *Complete World Encyclopedia of Tanks*, 1915-2000 (Minsk: Harvest, 1999), 123-24. Pela primeira vez na história, um tanque realmente anfíbio foi projetado e construído pela empresa britânica Vickers-Armstrong, em 1931. O veículo foi batizado de Vickers-Carden-Lloyd (A-4), e considerado o ancestral de todos os tanques anfíbios. Nunca foi acrescentado ao arsenal das forças blindadas inglesas. Unidades isoladas desse tanque foram vendidas à China, Japão, Holanda e Tailândia. Esse é outro exemplo de como o Ocidente não usava as grandes realizações de seus projetistas, enquanto a União Soviética sabia apreciar e explorar tais produtos.

15. *British and American Tanks of World War II* (Nova York: ARCO, 1969), 11.
16. S. Fedoseev, *Japanese Armored Vehicles*, 1939-1945 (Moscou: Bronecollectsia, 1955), 20-23.
17. A. V. Karpenko. *Review of National Armor-Tank Technology, 1905-1995* (S. Petersburgo: Nevskiy Bastion, 1996), 194.
18. *Ibid.*, 200.
19. "Military and Numeric Composition", 241.
20. Shmelev, *The Tanks History*, 77.
21. Karpenko, *Review of National Armor-Tank Technology*, 189.

Capítulo 11

Epígrafe: Marechal-do-ar A. Novikov, *Voenno-istoricheskiy Zhurnal, VIZh*, n. 1 (1969):62.

1. V. N. Shunkov. *Red Army's Weapons* (Minsk: Harvest, 1999), 287-88, 297.
2. A. Kesselring. *Gedanken zum Zweiten Weltkrieg* (Bonn: 1956), 78.
3. Shavrov. *The History of Aircraft Design in the USSR, 1938-1950*, 45.
4. N. T. Gordiukov e D. B. Khazanov. *Close-Range Bomber Su-2* (Moscou: Technika-Molodiozhi, 2000), 63-64.
5. Shavrov. *The History of Aircraft Design in the USSR, 1938-1950*, 50.
6. L. M. Kuzmina. *Chief Designer Pavel Sukhoy* (Moscou: Molodaya Gvardia, 1983), 57.
7. D. Horikoshi, M. Okumia e M. Kaidin. *Zero! Japanese Aviation in the Second World War* (Moscou: AST, 1999), 453.
8. Na primavera de 1941, o Ju-87D-1, mais potente, entrou em produção. Era equipado com o motor de 500 cavalos. Armamentos: duas metralhadoras montadas nas asas (ou dois canhões de asa, de 20 mm), mais outro par de metralhadoras para defesa do hemisfério posterior. Carga de bomba: nominal – 1.000 kg, máximo de 1.800 kg.
9. E. Middeldorf. *Tactics in the Russian Campaign* [em russo], (Moscou: Voyenizdat, 1958), 225.
10. *Krasnaya Zvezda*, 15 de dezembro de 1992.

Capítulo 12

Epígrafe: Halder, *War Diary*, entrada de 17 de julho de 1941.

1. E. Chernikov, *Armored Ground Attack Aircraft (Shturmovik) Il-2* (Moscou, 1997), 46. Dois tipos de montagem sob as asas: 8 RS-82 ou 4 RS-82 e 4 RS-132.
2. *Ibid.*, 14.
3. Shavrov. *The History of Aircraft Design in the USSR*, 1938-1950, 263.
4. A. N. Medved e D. B. Khazanov. *Dive Bomber Pe-2* (Moscou: Exprint, 1999), parte 1, 16.
5. M. N. Kozhevnikov. *Command and Staff of the Air Forces of the Soviet Army in the Great Patriotic War* (Moscou: Nauka, 1977), 16.
6. *USSR Aircraft Industry*, 1917-1945 (Moscou: TsAGI, 1992-1994), 2:41, 235.
7. *The Great Patriotic War, 1941-1945: Military History Essays* (Moscou: Nauka, 1998), 1:113; O. Groehler. *Geschichte des Luftkriegs, 1910 bis 1980* (Berlim, 1981).
8. *Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg* (Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1979), 5/1:555.
9. Groehler. *Geschichte des Luftkriegs*. A maioria dos historiadores aceita os dados fornecidos pelo estudioso alemão O. Groehler como a fonte mais confiável. Hitler dispôs contra a URSS 3.520 aviões: 945 bombardeiros, 400 bombardeiros de mergulho e de ataque terrestre (inclusive 60 aviões de ataque terrestre do Il(Sch)/LG2 (número de formação), 1.036 caças monomotores, 93 caças bimotores, 120 aeronaves de reconhecimento de longo alcance, integradas em duas esquadras, 252 aviões de transporte, 674 aeronaves de base avançada (a maioria sendo de reconhecimento). Desse modo, se contarmos bombeiros e caças de todos os tipos, teremos 2.474 aviões de combate — isto é, aeronaves projetadas para destruir o inimigo tanto no ar como na terra.

10. M. V. Zefirov. *Ground-Attack Aircraft of the Luftwaffe* (Moscou: AST, 2001), 37. A velocidade máxima do avião Hs-123A-1 era 338 km/h.
11. V. R. Kotelnikov. "Flagship of Stalin's Falcons", *Aviatsia i Vremia*, n. 4 (1997). A partir de 22 de junho de 1941, a força aérea soviética tinha em suas fileiras 516 TB-3 (Bombardeiro Pesado-3) mais 25 TB-3 na Aviação Naval Soviética, num total de 541 aeronaves.
12. V. B. Shavrov, *The History of Aircraft Design in the USSR before 1938* (Moscou: Mashinostroyenie, 1985), 488.
13. Se compararmos o Ju-87B-1 com o SB 1941, com motores M-105P.
14. *Luftwaffe's Wings: Combat Aircraft of the Third Reich* (parte 4) (Moscou: TsAGI, 1995), 41.
15. Mikhail Maslov. *Fighter I-16* (Moscou: Armada, 1997), 33.
16. A. Price, *World War II Fighter Conflict* (Londres: Macdonald and Jane's, 1975), 18-21.
17. Maslov. *Fighter I-16*, 77.
18. V. Romanov. *Messerschmitt Bf.109* (Moscou: Exprint, 1994), 29.
19. Maslov. *Fighter I-16*, 40.
20. Maslov. *Fighter I-16*, 33.
21. "The Early Period of the War", *Voyna i Revolutsia*, n. 9 (1929):19-20.
22. *Posev*, 17 de junho de 1951.

Capítulo 13

Epígrafe: Coronel A. I. Rodimtsev, discurso no 18º Congresso do Partido Comunista, 1939.

1. *Voiennyi Vestnik*, n. 4 (1940): 76-77.
2. *Field Rules of the Red Army for 1936 (PU-36)*, Artigo 7.
3. *VIZh*, n. 10 (1982): 75.
4. Arquivo do Partido Comunista do Instituto de História do Partido, Comitê Central do Partido Comunista da Ucrânia, Fundo 7, Índice 1, Caixa 1.330, Pasta 32.
5. Comandante delegado da Força Aérea tenente-general K. Kurochkin, *VIZh*, n. 8 (1980):94.
6. *VIZh*, n. 9 (1975): 81.
7. *Moscow Military District* (Moscou: Moskovski Rabochi, 1985), 177.
8. *The Year 1941* (Moscou; Fundação Internacional "Demokratia", 1998), 2: 104-106. Decreto do Comitê Central da ACP (b) e do Conselho de Comissários do Povo, "Acerca das novas unidades do Exército Vermelho", n. 1112-459cc, 23 de abril de 1941.
9. *Soviet Air Assault Troops* (Moscou: Voyenizdat, 1986), 51. Eis a estrutura dos corpos de assalto aéreo no fim de maio de 1941: 1º Corpo de Assalto Aéreo: major-general M. A. Ussênko, brigadas 1, 204, 211 (distrito militar de Kiev); 2º Corpo de Assalto Aéreo: major-general F. M. Kharitónov, brigadas 2,3,4 (distrito militar de Khárkov); 3º Corpo de Assalto Aéreo: major-general V. A. Glazunóv, brigadas 5, 6, 212 (Odessa); 4º Corpo de Assalto Aéreo: major-general A. S. Jádov, brigadas 7, 8, 214 (Pukhovitchi, Bielo-Rússia); 5º Corpo de Assalto Aéreo: major-general I. S. Bezúgli, brigadas 9, 10, 201 (Dáugavpils, Letônia); a 202ª Brigada de Assalto Aéreo permaneceu independente. Os corpos estavam totalmente guarnecidos em 1º de junho de 1941.
10. A. I. Rodimtsev. *Motherland, These Are Your Sons* (Kiev: Politizdat, 1982), 162.
11. I. G. Starchak. *From the Sky into the Battle: Memoirs of the Chief of Paratroopers of the Western Front* (Moscou: Voyenizdat, 1965).
12. A. S. Zhadov. *Four Years of War* (Moscou: Voienizdát, 1978), 14.
13. Eis a estrutura desses corpos de guerra em agosto de 1941: 6º Corpo de Assalto Aéreo: major-general A. I. Pastrévitch, brigadas 11, 12, 13 (distrito de Moscou); 7º Corpo: major-general I. I. Gubarévitch, brigadas 14,15,16 (Povóljie); 8º Corpo: major-general V. A. Glazkóv, brigadas 17, 18, 19 (distrito de Moscou); 9º corpo: major-general M. I. Denissênko, brigadas 20, 21, 22 (distrito de Ivanóv); 10º corpo: coronel N. P. Ivanóv, brigadas 23,24,25 (Povóljie, campos de Gorokhovétz).

14. *Encyclopedia of Aviation* (Moscou: Bol'shaja Rossijskaia Enciclopedia, 1994), 421.
15. A ideia de instalar tanques na retaguarda inimiga, usando asas de planador, foi do grande projetista americano Walter Christie. No início da década de 1930, ele fez um esboço desse conceito. No fim da mesma década, Oleg Antónov pegou a ideia americana e fez dela realidade. Entretanto, Antónov chegou tarde, no início da guerra. Além disso, a guerra não começou do modo planejado por Stálin. Um tanque de asas voaria em 1942, mas ninguém precisava dele numa guerra defensiva.
16. *The Year 1941*, 2: 366-67. Em 1941: planadores de 5 assentos baseados em terra: 500; planadores de 11 assentos baseados em terra: 1.000; hidroplanos de 11 assentos: 200; planadores de 20 assentos baseados em terra: 300. Total de 1941: 2.000 unidades. Total de 1942: 5.500 unidades.
17. Marca de Índice PS-84 — aeronave de passageiros, fábrica 84. A partir de 17 de setembro de 1942, a aeronave passou a ser chamada de Li-2, em homenagem ao engenheiro-chefe da fábrica, B. P. Lisunov.
18. *Aircraft Engineering in the USSR*, 1917-1945 (Moscou: 1994), 2:237.
19. *Aircraft Engineering in the USSR*, 1917-1945, 2:236; *Aviatsia i Vremia*, n. 1 (1998), 16. O decreto do Comitê Central da VKP(b) e do Conselho de Comissários do Povo, de 23 de abril de 1941, Parágrafo 4, diz: "Para fins de transporte de tropas do ar e do chão, as aeronaves pesadas TB-7 e TB-3 deverão ser usadas, bem como a aeronave DB-3 e Douglas, de tamanho médio". Com os ajustes adequados, os bombardeiros DB-3 e DB-3F poderiam ser usados para rebocar planadores A-7 e G-11, e soltar até sete homens. De 1939 a 1941, 2.822 bombardeiros desse tipo foram construídos. Em 22 de junho de 1941, 1.332 aviões foram escalados para a região ocidental da URSS, e sob comando de bombardeio a longa distância; desses, 1.122 eram DB-3 e DB-3F.
20. Documentos do Alto Comando do Exército Vermelho; Conferência de Oficiais, 23 a 31 de dezembro de 1940.
21. *Airborne Operations*, ed. Philip, St. Croix (Londres: Salamander, 1978), 30.
22. Rodimtzev. *Motherland, These Are Your Sons*, 29.
23. Zhadov. *Four Years of War*, 16.
24. Os "Guardas", designação de unidades militares, apareceram no Exército Vermelho em setembro de 1941, como parte da mudança de Stálin de uma ideologia internacionalista e retórica para o patriotismo russo nacionalista, como meio de aliciar pessoas para a defesa da Mãe Rússia, e não para o movimento expansionista internacional comunista. Os "Guardas" da Rússia czarista eram unidades seletas, privilegiadas, as mais bem treinadas e mais confiáveis, antes de 1917.
25. *Krasnaya Zvezda*, 25 de setembro de 2002.
26. Yury Nenakhov. *Airborne Troops in the Second World War* (Minsk: Harvest, 1998), 194. A designação "Guardas" era outorgada às recém-formadas divisões de rifle, de assalto aéreo, em reconhecimento dos feitos de seus predecessores nas campanhas de 1941 e 1942, e como adiantamento de futuras contribuições militares.

Capítulo 14

Epígrafe: V. Rapoport, Yu. Alexeyev, *Traição à Mãe-Pátria: Ensaios sobre a história do Exército Vermelho* [em russo] (Londres: Overseas Publications Interchange Ltd., 1988).

1. *Questions of Strategic and Operational Art in Soviet Military Works, 1917-1940* (Moscou: Voyenizdat, 1965), 117.
2. M. Tukhachevski. *Selected Works in 2 Volumes* (Moscou: Voyenizdat, 1964.
3. Arquivo Central da Economia Central da URSS, Fundo 7297, Índice 41, Caixa 9, Folha 155.
4. *VIZh*, n. 3 (1999).

Capítulo 15

1. Walther Schellenberg. *The Labyrinth: Memoirs of a German Intelligence Man* (Moscou: Dom Biruni,1991).

2. *VIZh*, n. 1 (1993): 60-63.
3. O. F. Suvenirov. *The Tragedy of the RKKA* (Moscou: Terra, 1998).
4. F. W. von Mellentin. *Tank Battles*, 1939-1941 (St. Petersburgo: Poligon, 1998), 244.
5. G. I. Gerasimov. "The Effective Impact of the 1937-1938 Purges on the Commanding Personnel of the RKKA [Workers' and Peasants' Red Army]", *Russian Historical Journal*, nº 1 (1999).
6. J. Goebbels. *Diaries of 1945*, Smolensk: Rusich, 1998.

Capítulo 16

Epígrafe: Joseph Stálin, discurso em uma reunião do Politburo do comitê central do partido, 19 de agosto de 1939 (HAVAS News Agency, 28 de novembro de 1939).

1. M. Vodopianov. *Friends in the Sky* (Moscou: Sovetskaya Rossia, 1971), 147.
2. *Luftwaffés Wings*, 20.
3. I. M. Maiski, *Spain, 1918-1972: A Historical Sketch* (Moscou: Nauka, 1975), 210.
4. *VIZh*, n. 7 (1986): 85.
5. *Istoricheskiy Arkhiv* [Arquivo histórico], nº 2 (1962): 172.
6. *VIZh*, n. 7 (1986): 87.
7. Roman Khrapachevskiy, "The Spanish Gold of the Kremlin", *Russkiy Focus*, n. 7 (14 de maio de 2001). Em 1936, a reserva de ouro da Espanha era de mais de 600 toneladas. Quando teve início o motim militar, a maior parte desse ouro foi guardada nos porões do Banco da Espanha, em Madri. Após conversas com representantes soviéticos, o governo da Espanha solicitou a Moscou que "aceitasse armazenar" o ouro da República da Espanha. A razão oficial para isso foi que os revoltosos ameaçaram tomar Madri em outubro de 1936. No dia 15 de outubro, o primeiro-ministro, Francisco Largo Caballero, e o ministro do tesouro, Juan Negrin, apelaram ao governo soviético que "aceitasse armazenar" mais de 500 toneladas de ouro. Stálin imediatamente ordenou que o ouro saísse da reserva de ouro da Espanha. Aqui está um fragmento das minutas do Politburo do comitê central da reunião VKP (b), em 17 de outubro de 1936: "Parágrafo 56. Item do Camarada Rosenberg. Determinação: Autorizar o Camarada Rosenberg a responder ao governo da Espanha que estamos prontos para aceitar o armazenamento da reserva de ouro e que aprovamos a evacuação desse ouro em nossos navios no retorno dos portos [espanhóis]". Depois que a decisão política foi tomada, a operação iniciou-se a todo vapor: em 20 de outubro, o telegrama com a aprovação chegou à Espanha e, entre 22 e 25 do mesmo mês, já havia sido enviado pelos navios soviéticos, em Cartagena. A carga total foi de 510 toneladas de ouro.
8. *Ibid.*, n. 7 (1971): 77.
9. *History of the Second World War, 1939-1945*, 2: 55.
10. *Ibid.*, 54.
11. A. P. Yaremchuk. *Russian Volunteers in Spain, 1936-1939* [em russo] (São Francisco: Globus, 1983), 12.
12. N. N. Voronov tornou-se marechal supremo da artilharia; F. A. Agaltsov tornou-se marechal da aviação, comandante de aviação de longo alcance e comandante representante da força aérea; M. I. Nedelin tornou-se marechal supremo da artilharia, ministro representante da defesa da URSS e, a partir de 1959, comandante-em-chefe das forças estratégicas de mísseis; P. V. Rychagov tornou-se tenente-general, chefe do comando central da força aérea do exército vermelho e representante do comissário do povo pela defesa da URSS; Kh. U. Mamsurov tornou-se coronel-general e primeiro representante do GRU (Diretorado principal da inteligência); P. P. Vechnyi tornou-se tenente-general e ajudante-de-ordens militar de Stalin; I. I. Proskurov tornou-se tenente-general da força aérea e chefe do GRU; P. I. Batov, D. G. Pavlov, V. Y. Kolpakchi e N. G. Lyachenko tornaram-se generais do exército; A. I. Rodimtzev, G. M. Shtern, M. S. Shumilov, V. A. Yushkevich e T. T. Khrukin tornaram-se coronéis-generais; V. A. Alafuzof tornou-se almirante e comandante

da marinha; N. E. Bassistyi tornou-se almirante, comandante da frota do Mar Negro e primeiro representante do ministro da marinha; A. G. Golovko tornou-se almirante — durante toda a Segunda Guerra Mundial, comandou a frota do norte; após a guerra, tornou-se comandante da marinha e representante do ministro da marinha.

13. "National-revolutionary War of the Spanish People", *Voprosy Istorii* [Questões da história], n. 11 (1953): 11.
14. R. Ernest Dupuy e Trevor N. Dupuy. *World History of Wars* (São Petersburgo e Moscou: AST, 1998), 4: 41.
15. N. Voronov. *Serving in the Military* (Moscou: Voyenizdat, 1963), 80.
16. Leon Trotsky. *Bulleten Oppozitsii* [Boletim da oposição] n. 71 (Novembro de 1938): 7.
17. *Ibid.*, n. 79-80 (21 de junho de 1939): 13.
18. S. M. Krivoshein, *Warriors' Stories* (Moscou: Molodaya Gvardia, 1962), 8.

Capítulo 17

Primeira epígrafe: Ogonek, n. 30 (1989): 10.
Segunda epígrafe: A. Avtorkhanov, *Origins of Partocracy (Party-rule)* (Frankfurt: Posev, 1973), 356.

1. *Pravda*, 1º de junho de 1939.
2. Maslov, *Fighter I-16*, 19-20.
3. *Mezhdunarodnaya Zhizn* [Relações Exteriores], n. 3 (1959): 157.
4. *VIZh*, n. 12 (1963): 25.
5. *VIZh*, n. 5 (1989): 35.
6. *VIZh*, n. 6 (1991): 11.
7. Ingeborg Fleischhauer, *The Pact: Hitler, Stalin and the German Diplomatic Initiative, 1938-1939* (Moscou: Progress, 1990), 237-38; G. L. Rozanov, *Stalin-Hitler: The Documented Story of the Soviet-German Diplomatic Relationship in 1939-41* (Moscou: Mezhdunarodnyie Otnoshenia, 1991), 84-86. Essa decisão foi apresentada na forma de um telegrama enviado por Molotov ao encarregado de negócios na Alemanha, Gheorghy Astakhov. A mensagem foi recebida no sábado, 12 de agosto. No mesmo dia, o conteúdo do telegrama foi informado a Hitler, que naquele momento negociava com o ministro de relações exteriores italiano, Conde Ciano. Após alguma deliberação, Hitler disse o seguinte ao ministro italiano sobre o telegrama: "Os russos concordaram com a decisão de enviar um representante alemão a Moscou para realizar negociações políticas". Ciano registrou o seguinte: "Os contatos germano-soviéticos estão se desenvolvendo de modo bastante favorável; especificamente, há vários dias chegou o convite russo para enviar um representante plenipotenciário alemão a Moscou a fim de negociar um pacto de amizade".
8. Em 19 de agosto de 1939, Stálin ordenou a Missão Comercial Soviética em Berlim (não ordem direta, é claro) para assinar imediatamente o Acordo de Comércio e Econômico, que já estava pronto havia tempo. No mesmo dia, Stálin, via Molotov, disse a von der Schulenburg que Ribbentrop talvez chegasse a Moscou em 26 ou 27 de agosto. Mais tarde, um choroso Hitler implorou que antecipassem a visita de Ribbentrop a Moscou para 23 de agosto.
9. Lev Bezymenskiy. *Hitler and Stalin before the Fight* (Moscou: Veche, 2000), 290; A. O. Chubarian, ed., *War and Politics*, 1939-1941 (Moscou: Nauka, 1999), 38, 97.
10. Hitler, *Mein Kampf*, pt. 2, capítulo XIV.

Capítulo 18

Epígrafe: Antonov-Ovseenko, *Portrait of a Tyrant*, 296.

1. Yury Felshtinsky, ed., *It Must Be Published: USSR-Germany 1939-1941, Documents and Materials* (Moscou: Moscow Worker, 1991), 90.

Capítulo 19

Epígrafe: Halder, *War Diary, 1939-1942*, dia 23 de junho de 1941.

1. *Soviet Military Encyclopedia*, 8: 353.
2. B. Muller-Hillebrand. *Germany's Ground Forces, 1933-1945* (Moscou: EKSMO, 2002), 1:157.
3. *Krasnaya Zvezda*, 18 de agosto de 1993.
4. As pontas de lança no rompimento das linhas de defesa japonesas, na ofensiva de 20 de agosto, eram os excelentes bombardeiros SB bimotores; havia 181 deles. Além disso, foram usados vários esquadrões de bombardeiros pesados TB-3, que enviavam bombas de uma altitude de 1.500 a 2.000 metros. No total, 23 bombardeiros pesados foram implementados.
5. Basil Henry Liddell Hart. *Strategy: The Indirect Approach* (Moscou: Innostrannaya Literatura, 1957), 314.

Capítulo 20

Epígrafe: Boris Shaposhnikov. *The Army's Brain* (Moscou-Leningrado: Voyengiz, 1927-29), 413.

1. *VIZh*, n. 6 (1976): 68.
2. Yakovlev. *Life's Task*, 498.
3. Dmitry F. Ustinov. *In the Name of Victory* (Moscou: Voyenizdat, 1988), 91.
4. G. K. Zhukov. *Memoirs and Reflections* (Moscou: APN, 1969), 296.
5. *VIZh*, n. 2 (1962).
6. K. A. Meretskov. *In Service to the People* (Moscou: Politizdat, 1968), 181.
7. Yakovlev. *Life's Task*, 212.
8. *Pravda* (3 de setembro de 1939). O recrutamento aos 18 anos foi estabelecido para quem tivesse se formado no ginásio. A maioria era recrutada para escolas militares (mais ou menos equivalentes a escolas de treinamento de oficiais) — querendo ou não.
9. "Operational and total strength of the USSR Armed Forces during the Great Patriotic War (1941-1945)", *Statistical Digest*, n. 1 (22 de junho de 1941), (Moscou: Instituto Militar de História, Ministério da Defesa da Federação Russa, 1994), 10-12; *50 Years of the Soviet Armed Forces* (Moscou: Voyenizdat, 1968), 201; *History of the Second World War, 1939-1945*, 2: 199-202, 3: 418-19, 4: 18; *The Great Patriotic War, 1941-1945: Military History Essays*, 1: 89; *The Great Patriotic War, 1941-1945: Encyclopedia* (Moscou: Sovetskaya Encyclopedia, 1985), 311; Meltiukhov, *Stalin's Missed Opportunity*, 292-95, 360.
10. A potência das forças armadas da URSS, em 22 de junho de 1941, era de 5.762.000 soldados, incluindo o Exército Vermelho, com 5.081.000; marinha, 344.000 e tropas internas e guardas de fronteira, 337.000. O aumento numérico do Exército Vermelho em 1939-41 não foi um processo simples de crescimento gradual e constante. Antes que a Alemanha atacasse a União Soviética, o Exército Vermelho atingiu o pico não em 22 de junho de 1941, mas em 20 de setembro de 1939. Nessa data, o Exército Vermelho — sem contar marinha, tropas internas nem guardas de fronteira — somava 5.289.400 homens (em comparação com os 5.081.000 de 22 de junho de 1941). Eis como isso aconteceu: na noite de 7 de setembro de 1939, tomou-se a decisão de realizar a mobilização parcial do Exército Vermelho. As tropas receberam ordens de iniciar um "Grande Chamado de Treinamento" (BUS). Sob o Decreto n. 2/1/50698 de 20 de maio de 1939, emitido pelo comissário popular, o acrônimo BUS era um sinal codificado para a mobilização encoberta. BUS com a designação "A" significava posicionamento de unidades individuais com data de prontidão operacional de até dez dias, com elementos de apoio de potência bélica em nível de guerra. A mobilização deveria ser executada com o máximo de sigilo. Em conjunto, no início do "Grande Chamado de Treinamento", a União Soviética contava com quartéis de 22 corpos de rifle, cinco de cavalaria e três de tanques; 98 divisões de rifle e 14 de cavalaria; 28 metralhadoras de tanque e três de rifle mecânico; e uma brigada aerotransportada, posicionada em sete regiões militares.

No total, foram recrutados 2.610.136 homens. Sob a superintendência do Soviete Supremo e do Decreto n. 177 do comissário de defesa, emitido em 23 de setembro, esses homens foram declarados mobilizados até receberem uma "instrução especial". Ao mesmo tempo, sob o Decreto n. 1348-268cc do Conselho de Comissários do Povo da URSS, emitido em setembro de 1939, um novo recrutamento militar deveria começar a partir de 5 de setembro para reforçar as tropas da região do Oriente Distante; mais mil homens para cada divisão nova formada. E a partir de 15 de setembro, outro recrutamento deveria ser realizado para reforçar as tropas das demais regiões militares. Além disso, sob a nova lei referente ao dever militar universal, o período de chamado foi estendido de um ano para 190.000 soldados que foram alistados em 1939. Como resultado, em 20 de setembro de 1940, o contingente do Exército Vermelho atingiu 5 milhões de homens. Era clara evidência da insegurança de Stalin quanto à reação da Grã-Bretanha e da França à invasão soviética na Polônia. Embora ele tivesse feito todo o possível para que a ação soviética não parecesse ajuda a Hitler, havia motivo de preocupação; após declarar guerra à Alemanha, Londres e Paris poderiam declarar guerra à União Soviética também. Logo que as intenções dos poderes ocidentais tornaram-se claras, o Exército Vermelho começou a diminuir as fileiras, que tinham sido preparadas para uma grande guerra. Um total de 1.613.803 homens foi dispensado, de 29 de setembro até 7 de janeiro de 1940. Contudo, quando começou a guerra com a Finlândia, as perdas do Exército Vermelho precisaram ser repostas, e seu poder, aumentado. Em 28 de dezembro de 1939, decidiu-se convocar 546.400 homens para o Exército Vermelho, a fim de reforçar as tropas das regiões militares ocidentais, bem como 50.000 oficiais de reserva. Na mesma época, nas regiões militares do Volga, da Sibéria e dos Urais, 375.000 jovens alcançando a idade para o serviço militar obrigatório foram convocados. Quando terminou a guerra com a Finlândia, o Exército Vermelho começou a diminuir as fileiras novamente, chegando à força mínima em 1º de setembro de 1940: 3.423.499 homens. Depois disso, o Exército Vermelho começou a crescer de novo.

11. *VIZh*, n. 3 (1999): 10.

Capítulo 21

Epígrafe: Coronel S. A. Vauphsassov, *At a Troublesome Crossroads: A Chekist's Memoirs* (Moscou: Politizdat, 1971), 203.

1. *VIZh*, n. 7 (1982): 55.
2. Anthony Sutton, *National Suicide: Military Aid to the Soviet Union* (New Rochelle, NY: Arlington House, 1973), 152-53. De acordo com a opinião do historiador americano Anthony Sutton, a delegação alemã transferiu para a União Soviética cópias dos melhores projetos de submarinos alemães em junho de 1926. O submarino alemão de classe V-III tinha "o melhor projeto jamais produzido". Na opinião de Sutton, o submarino soviético da classe Schuka baseou-se exatamente no projeto alemão V-III, e o de classe S baseou-se no projeto alemão da classe VII. Sergei Gorlov, *Top Secret: The Moscow-Berlin Alliance, 1923-1933* (Moscou: Olma-Press, 2001), 264. Na opinião do cientista soviético S. A. Gorlov: "Naturalmente, é difícil imaginar que a construção naval soviética, da qual, na opinião profissional alemã, 'nada poderia ser aprendido', de repente pudesse desenvolver vários e promissores tipos de submarinos. Embora projetistas como B. M. Malinin, A. N. Krylov, V. P. Kostenko e outros fossem especialmente talentosos, é duvidoso que eles tivessem ignorado projetos tão bons e completos, além da própria assistência alemã".
3. A. B. Shirokorad. *Ships and Cutters of the USSR Navy, 1939-1945* (catálogo) (Minsk: Harvest, 2002), 241. Os seguintes detalhes são de interesse: a construção do navio começou em 11 de janeiro de 1937, em Livorno. Em outras palavras, em uma época em que "voluntários" soviéticos e italianos matavam-se mutuamente na Espanha. O ato de aceitação foi assinado em 18 de abril de 1939, depois que o navio desarmado, camuflado como navio mercante e tripulado por italianos partiu para Odessa, onde chegou em 5 de maio de 1939.

4. M. M. Kirian, ed., *Military-Technological Progress and the USSR Armed Forces* (Moscou: Voyenizdat, 1982), 189.
5. *The Great Patriotic War, 1941-1945: Encyclopedia*, 409.
6. *History of the Second World War, 1939-1945*, 2: 190.
7. *VIZh*, n. 5 (1980): 71.
8. N. A. Voznessensky. *War Economics of the USSR during the Period of the Great Patriotic War* (Moscou: Gospolitizdat, 1947), 42.
9. Muller-Hillebrand. *German Ground Forces, 1933-1945.*
10. *Ibid.*, 1:161.
11. *Ibid.*, 3:50-51.
12. A partir de 1942, várias forças criadas com o propósito de atacar foram chamadas de exércitos "de choque". No entanto, o termo era usado extraoficialmente desde meados dos anos 1920 em trabalhos teóricos soviéticos. Tais exércitos eram mais bem equipados que os comuns.
13. Boris V. Sokolov, *The Cost of Victory (Great Patriotic: The Unknown About the Known)* (Moscou: Moskovskiy Rabochiy, 1991), 64-66. A perda das produções de explosivos e munição foi excepcionalmente alta, podemos dizer até mesmo catastrófica. A União Soviética não podia combater Hitler com os últimos 15% de sua capacidade. É por isso que, desde o início das conversações sobre suprimentos emprestados ou alugados, Stalin e seus representantes pediam, antes de tudo, explosivos e pólvora. De meados de 1941 até meados de 1945, a produção de explosivos na URSS chegou a 600.000 toneladas. R. H. Jones, *The Roads to Russia: United States Lend-Lease to the Soviet Union* (Norman, Oklahoma: Editora da Universidade de Oklahoma, 1969), apêndices. Os Estados Unidos forneceram 295.600 toneladas de explosivos. *Soviet Foreign Policy in the Period of the Great Patriotic War* (Moscou: Gospolitizdat, 1946), 145-47. Além disso, a Grã-Bretanha e o Canadá forneceram 22.300 toneladas de pólvora. Portanto, as entregas ocidentais de explosivos chegaram a 53% do volume total da produção soviética. Também o fornecimento de equipamento americano para a produção de bombas, morteiros e munição desempenhou importante papel durante a guerra. Especificamente, em junho de 1942, eles entregaram o mais moderno equipamento para a produção diária de 10 milhões de projéteis de 7,62 mm (3,5 bilhões de projéteis por ano). Sem essa ajuda realmente crucial, a escassez de morteiros e projéteis que abalou o exército vermelho no outono de 1941 não teria sido sanada.

Capítulo 22

Epígrafe: Jan Gamarnik, chefe do diretorado político do Exército Vermelho, em um discurso feito na reunião do Comitê Nacional pela Defesa da URSS, em 15 de março de 1937.

1. *The Winter War, 1939-1940: A Political History* (Moscou: Nauka, 1998), 1: 118-26.
2. N. L. Volkovski, ed., *Secrets and Lessons of the Winter War, 1939-1940* (S. Petersburgo: Poligon, 2000), 141-44: Boris V. Sokolov, *Secrets of the Finnish War* (Moscou: Veche, 2000), 63-70. A 106ª Divisão de Rifles foi organizada de acordo com uma ordem de 25 de outubro de 1939, emitida pelo comissário da defesa da URSS. Logo antes do início da guerra, a divisão foi reorganizada como um corpo especial, com o mesmo número, embora nessa época os corpos de rifle do exército vermelho fossem numerados apenas até 56. O comandante do corpo foi o comandante de divisão A. M. Anttila. Em 23 de novembro, o corpo foi renomeado como 1º corpo alpino de rifles do exército popular finlandês. Era composto de finlandeses e carelianos que viviam na região militar de Leningrado. No início da guerra, o corpo de Anttila, que contava com duas divisões regimentais gêmeas, somava 13.405 pessoas. Entretanto, não havia finlandeses e carelianos suficientes; assim, muitos russos e ucranianos, especialmente oficiais, entraram para suas fileiras como finlandeses e carelianos. Por exemplo, o chefe de RH do corpo, comandante de brigada F. N. Romanov, foi apelidado de "Raikas", e o chefe do departamento político do QG, comissário

de regimento V. P. Tereshkin, foi nomeado "Tervonen".
3. Volkovski. *Secrets and Lessons of the Winter War*, 1939-1940, 138. A esposa de Kuusinen, Aino, ficou presa de 1938 a 1955 em cadeias e campos.
4. "Diplomatic Note of the USSR Government, handed to the Envoy of Finland, concerning provocative shelling of Soviet troops by Finnish Military Units", *Izvestia* (27 de novembro de 1939).
5. *Soviet Military Encyclopedia*, 7: 419.
6. G. F. Krivosheev, ed., *Russia and the USSR in the Twentieth-Century Wars: Armed Forces Losses (A Statistical Study)* (Moscou: Olma Press, 2001), 213.
7. *The Winter War, 1939-40*, 2: 53.
8. L. Rendulic. *Commanding the Troops* (Moscou: Voyenizdat, 1974), 189.
9. Shunkov. *Red Army's Weapons*, 230-31; *The Great Patriotic War, 1941-1945: Encyclopedia*, 516. O peso do projétil especial para perfurar concreto do tipo B-4 para obuses de 1939, de 203 mm, era 100 kg.
10. Na teoria, um obus de 203 mm tinha velocidade normal de disparo de um projétil por minuto, mas nas difíceis condições do inverno finlandês, a real velocidade de disparo era menor.
11. *The Winter War*, 1939-1940, 2: 222.
12. *Ibid.*, 239.
13. *Admissions and Revelations: Nazi Leaders on the Third Reich's War against the USSR: Secret Speeches, Diaries, Memoirs* (Smolénsk, Rússia: Rusich, 2000), 195-96, 199.
14. *Ibid.*, 195.
15. *The Winter War, 1939-40*, 1: 376.
16. Piker. *Hitler's Table Talk*, 205.

Capítulo 23

Epígrafe: Halder, *War Diary*, registro de 30 de junho de 1941.
1. Albert Speer, *Memoirs* (Smolénsk, Rússia: Russich, 1997), 312-13.
2. N. V. Alisov e B. S. Khorev, *Economic and Social Geography of the World* (Moscou: Gardariki, 2001), 448; *History of the Second World War , 1939-1945*, 3: 282. Trinta por cento da demanda alemã de minério de ferro para a indústria metalúrgica era fornecida pela Suécia.
3. *The Red Banner Baltic Fleet in the Battle for Leningrad* (Moscou: Nauka, 1973), 8.
4. *VIZh*, n. 3 (1973): 78.
5. F. Ruge, *War on the Sea, 1939-1945* (Moscou: Voyenizdat, 1957), 209.
6. "Testimony of the Admiral of the Soviet Union Fleet, I. S. Isaakov", *Znamia* (Banner), n. 5 (1998): 77.
7. *The Great Patriotic War, 1941-1945: Encyclopedia*, 75.
8. *VIZh*, n. 4 (1962): 34.
9. *The Warpath of the Soviet Navy* (Moscou: Voyenizdat, 1974), 537.
10. Piker. *Hitler's Table Talk*, 348 (registro feito em 5 de junho de 1942).
11. *History of the Second World War, 1939-1945*, 4: 329.
12. *The Year 1941*, 1: 418-23.

Capítulo 24

Epígrafe: Piker. *Hitler's Table Talk*, 303.
1. *History of the Second World War, 1939-1945*, 3:231-32.
2. *Ibid.*, 10:17.
3. Piker. *Hitler's Table Talk*, 477 (registro feito em 27 de junho de 1942).
4. *The Molotov-Ribbentrop Pact and Its Consequences for Bessarabia: A Collection of Documents* (Chisinau, Moldávia: 1991), 51.

5. *Foreign Affairs Documents: 1940-22 June 1941* (Moscou: Mezhdunarodnye Otnoshenia, 1998), 23:1:519-20.
6. Ya. T. Eiduss, *Liquid Fuel in War* (Moscou: Akademizdat, 1943), 74-75.
7. Halder. *War Diary*, 2: 534, 536, 574; registros de 19 e 20 de maio e 13 de junho de 1941.
8. Muller-Hillebrand, *German Ground Forces, 1933-1945*, 3: 67.

Capítulo 25

Epígrafe: Joseph Stálin, *Pravda*, 5 de fevereiro de 1931.

1. I. G. Starinov. *Mines Await Their Hour* (Moscou: Voyenizdat, 1964), 176.
2. *Ibid.*, 186.
3. Pode-se argumentar que a invasão de Hitler foi lançada não apenas da Prússia Oriental e da Polônia, mas da Finlândia, da Hungria e da Romênia também. É verdade; todavia, a URSS e a Hungria não tinham uma fronteira em comum. Foi o exército vermelho que alcançou a fronteira húngara, como resultado da "Marcha da libertação", em setembro de 1939. Com isso, Hitler recebeu de bandeja a oportunidade de atacar a partir do território húngaro, o que fez em 1941. Antes de 1941, não havia grandes unidades militares alemãs na Romênia nem na Finlândia. Estas estavam posicionadas lá por causa da agressão de Stálin a esses países. Para se proteger de Stálin, os governos romeno e finlandês permitiram que as tropas alemãs usassem seu território.
4. Ordem do Comissário Nacional da Defesa n. 400, 7 de novembro de 1940. Foi publicada no mesmo dia no *Pravda*, no *Krasnaya Zvezda* e em outros jornais soviéticos.
5. Discurso de Stálin na reunião do comitê executivo da Internacional Comunista em 22 de janeiro de 1926, publicado no *Pravda*, em 18 de fevereiro de 1926.
6. Stalin. *Pravda*, 15 de setembro de 1927.
7. *Pravda*, 2 de março de 1936.
8. *Pravda*, 14 de maio de 1939.
9. *Pravda*, 18 de agosto de 1940.
10. Krivoshein. *Warriors' Stories*, 8.
11. *Pravda*, 1º de janeiro de 1941.
12. *Pravda*, 4 de março de 1941.

Capítulo 26

Epígrafe: Citada em Starinov, *Mines Await their Hour*, 179.

1. *Ibid.*, 18.
2. *Ibid.*, 22.
3. *Ibid.*, 175.
4. Meretskov. *In Service to the People*, 184.
5. L. M. Sandalov, *The Bygone* (Moscou: Voyenizdat, 1966), 99.
6. *Krasnaya Zvezda*, 15 de setembro de 1984.
7. Zhukov, *Memoirs and Reflections*, 207.
8. *Kievsky Krasnoznamennyii: History of the Krasnoznamennyii Kiev Military District , 1919-1972* (Moscou: Voyenizdat, 1974), 147.
9. *Ibid.*, 143.
10. *Soviet Military Forces* (Moscou: Voyenizdat, 1978), 255.
11. K. S. Moskalenko. *In the Southwestern Direction: a Commander's Memoirs* (Moscou: Nauka, 1969), 24.

Capítulo 27

Epígrafe: Centro Russo de Arquivo e Estudo da História Moderna, Manutenção 88, Registro 1, Dossiê 898, Fólio 21.

1. V. I. Boyarskiy. *The Guerilla War: A History of Lost Opportunities* (Minsk: Harvest; Moscou: ACT, 2001), 60.
2. Starinov. *Mines Await Their Hour*, 40.
3. P. K. Ponomarenko, *VIZh*, n. 1 (1962).
4. Embora fosse de etnia lituana, e em lituano seu sobrenome seja "Vaupsas", nos documentos oficiais e na literatura histórica seu nome foi russificado: "Vaupshassov".
5. S. A. Vaupshassov. *At a Troublesome Crossroads: A Chekist's Memoirs* (Moscou: Politizdat, 1971), 203.

Capítulo 28

Epígrafe: P. G. Grigorenko. *You Only Meet Rats in the Underground* (Nova York, NY: Detinets, 1981), 140. Grigorenko participou da construção da "Linha Stálin".

1. *Krasnaya Zvezda*, 8 de setembro de 1990.
2. "Canto vermelho": sala especial para doutrinamento comunista.
3. *Krasnaya Zvezda*, 25 de fevereiro de 1983.
4. Grigorenko. *You Only Meet Rats in the Underground*, 140.
5. R. G. Umanskyi. *On the Threshold of War* (Moscou: Voyenizdat, 1960), 35.
6. A. I. Shebunin. *How Much Ground Have We Covered...* (Moscou: Voyenizdat, 1971), 58.
7. *VIZh*, n. 12 (1987): 48.
8. *VIZh*, n. 9 (1961): 120.
9. *VIZh*, n. 7 (1961): 101; *VIZh*, n. 2 (1963):12.
10. *VIZh*, n. 7 (1961): 101.
11. V. A. Anfilov. *The Immortal Feat of Arms: The Investigation of the Eve of and the First Stage of the Great Patriotic War* (Moscou: Nauka, 1971), 162.
12. Grigorenko, *You Only Meet Rats in the Underground*, 141.
13. Voronov, *Serving in the Military*, 172.
14. *Voprosy Istorii* [Questões de História], n. 5 (1970): 33.
15. L. M. Sandalov. *The First Days of the War* (Moscou: Voyenizdat, 1989), 45.
16. V. F. Zotov. *On the Northwestern Front, 1941-1943: A Collection of Articles by Participants in Military Engagements* , (Moscou: Nauka, 1969), 175.
17. *VIZh*, n. 5 (1976): 91.
18. *USSR Border Forces, 1939-June 1941: A Collection of Documents* (Moscou: Nauka, 1970), Documentos 287, 344.
19. Zhukov. *Memoirs and Reflections*, 161.
20. K. Mallory e A. Ottar. *Architecture of Aggression* (Londres: Architectural Press, 1973), 123.

Capítulo 29

Epígrafe: Bulleten Oppozitsii [Boletim da oposição], n. 79-80 (setembro de 1939), 14.

1. Y. Felshtinsky, *Criminal Leaders* (Moscou: Terra, 1999), 290. Lênin passou os últimos anos de sua vida em isolamento, conforme organizado por Stálin. Em 18 de dezembro de 1922, o comitê central do partido comunista emitiu um decreto que "encarregava o camarada Stálin de se responsabilizar pessoalmente pelo isolamento de Vladimir Ilyich, tanto de contatos com empregados quanto com correspondências". Stálin controlava tudo: segurança, alimentação e "tratamento" médico. Lênin apenas podia ler o que Stálin permitia. Tudo o que Lênin escrevia era entregue a Stálin. Na verdade, os médicos de Stálin não permitiam que Lênin escrevesse muito, por "preocupação" com sua saúde.
2. Bazhanov, *Memoirs of a Former Secretary of Stalin*, 141.
3. *Ibid.*, 91.

4. *Bulleten Oppozitsii* [Boletim da oposição], nº 25-26 (novembro-dezembro de 1931), 11.
5. *Ibid.*, n. 35 (julho de 1933), 15.
6. *Ibid.*, n. 79-80 (setembro de 1939).
7. *Foreign Policy Archive of the Russian Federation*, Fundo 059, Índice 1, Caixa 2314, Folhas 32-33.
8. Ibid., Estocagem 059, Lista 1, Pasta 2315, Folhas 35-35a.
9. *It Must Be Published: USSR-Germany 1939-1941*, 112.
10. *Foreign Affairs Documents: 1940-22 June 1941*, 21: 2: 61-62.
11. *It Must Be Published: USSR-Germany 1939-1941*, 112.
12. *Ibid.*, 115.
13. *Ibid.*, 125.
14. *Foreign Policy Archive of the Russian Federation*, Fundo 059, Índice 1, Caixa 2315, Folhas 35.
15. *Foreign Affairs Documents: 1940-22 June 1941*, 21: 2: 136-37.
16. *The Year 1941*, 1: 418-23.
17. Basil Henry Liddell Hart, *The Second World War* (Moscou: Voyenizdat, 1976), 145.

Capítulo 30

Epígrafe: General G. K. Zhukov, palestra proferida em uma conferência do alto comando do Exército Vermelho, em 26 de dezembro de 1940.

1. *On the Eve of the War: Documents of the Red Army High Command Officers' Conference, December 23-31, 1940*, 153-54.
2. Zhukov, *Memoirs and Reflections*, 191.
3. *On the Eve of the War*, 177.
4. *Ibid.*, 255.
5. *Ibid.*, 209-10.
6. *Ibid.*, 210.
7. *Ibid.*, 350.
8. *VIZh*, n. 12 (1986): 41.
9. *On the Eve of War*, 388-89.
10. *VIZh*, n. 2 (1992): 22.
11. *VIZh*, n. 1 (1990): 58.
12. Zolotarev. *Krasnaya Zvezda*, 27 de dezembro de 1990.

Capítulo 31

Epígrafe: Estatuto de Campo do Exército Vermelho, 1939, artigo 6.

1. Shirokorad, *Ships and Cutters of the USSR Navy, 1939-1945*, 741-46, 778-82. Os monitores costeiros mais poderosos eram das classes Udarny e Zhelezniakov, com 252,5 e 263 toneladas de deslocamento e blindagem máxima de 12 e 30 mm, respectivamente. A classe Udarny era armada com dois sistemas de canhões tipo B-7 de 130 mm, torres tipo 41 K, de 45 mm (2x2), e sistemas de metralhadoras M-4, de 7,62 mm (4x4). A classe Zhelezniakov era armada com sistemas de torres tipo B-18, de 102/45 mm (2x1), torres do tipo 41 K de 45/46 mm (2x1), metralhadoras M-4 de 7,62 mm (1x4) e quatro metralhadoras M-1 de 7,62 mm.
2. Shirokorad, *Ships and Cutters of the USSR Navy, 1939-1945*, 778-88; *The Great Patriotic War, 1941-1945: Encyclopedia*, 255; A. Vakhmut, "First Days of War on the Danube", *VIZh*, n. 9 (1970). A flotilha do Danúbio também incluía uma companhia especial de rifles, a 17ª companhia de metralhadoras, o 46º batalhão especial de artilharia antiaérea, um setor de defesa costeira no Danúbio, consistindo em seis baterias de calibres variados, e o 96º esquadrão de caças.
3. O discurso do relatório político de Stálin ao comitê central do VKP9 (b) durante o 25º Congresso do Partido Comunista, em 3 de dezembro de 1927.

4. The Year 1941, 1:377. Hitler expressou-se com muita clareza no decurso de seu encontro com Molotov, em 13 de novembro de 1940.
5. Pode-se encontrar o texto completo desse documento no livro Russian Archive, Great Patriotic General Headquarters: Documents and Materials, 1941 (Moscou: Terra, 1996), 16: 56-57, "HQ Directive #00226 to the Southern Front Commander, to counterstrike and reinforce defenses on the Prut River". Para ser preciso, era a Diretriz n. 00226 do quartel-general. Stálin era membro desse quartel, e o general Timotchenko, o presidente de mesa. A Diretriz n. 00226 foi assinada por Jukov. Stálin, certamente, era o verdadeiro chefe do quartel-general.
6. Zhukov. *Memoirs and Reflections*, 225.
7. Shirokorad. *Ships and Cutters of the USSR Navy*, 1939-1945, 741-56.
8. A construção do canal Dnieper-Bug começou muito antes, em 1775. Depois de dez anos, essa hidrovia artificial foi oficialmente chamada de Canal Real; em seguida, foi abandonada. A restauração do canal começou em 1837, mas a parte principal realizou-se entre 1846 e 1848. A partir de 1851, o canal serviu como a menor rota entre a Europa oriental e o sistema hidroviário Reno-Atlântico. Em 1918 e 1920, o canal foi, mais uma vez, totalmente abandonado. Em 1940, foi restaurado e reconstruído; suas dimensões ganharam um nível aceitável para os navios da classe combinada rio-mar. O comprimento total do canal associava a parte canalizada do rio Pina (74 km), o leito do canal (58 km) e a parte canalizada do rio Mukhavets (64 km).
9. VIZh, n. 7 (1984): 68.
10. A. V. Basov. *The Navy in the Great Patriotic War, 1941-1945* (Moscou: Nauka, 1980), 138.
11. I. I. Azarov, *Odessa under Siege* (Moscou: Voyenizdat, 1962), 3-8.

Capítulo 32

Epígrafe: Voennyi Vestnik, n. 4 (1940): 76-77.

1. Meltiukhov. *Stalin's Missed Opportunity*, 535.
2. *VIZh*.
3. *VIZh*, n. 10 (1972): 83.
4. Meltiukhov. *Stalin's Missed Opportunity*.
5. De acordo com a teoria militar soviética, uma designação especial foi atribuída a exércitos reforçados e destinados ao avanço rápido na direção estratégica principal. Essa designação apenas apareceu na nomenclatura militar soviética em 1930 e era interna. Em 1941, tornou-se aberta, sendo utilizada para identificar os exércitos. Embora o 9º exército não se chamasse oficialmente de "choque", era equipado, dotado de soldados especializados e treinados como um exército de "choque". Ver nota 12 do Capítulo 21.
6. Em 16 de setembro de 1939, o grupo da cavalaria da região especial militar de Kiev (sob as ordens do *Comandarm* de 2º grau I.V. Tiulenev) foi renomeado como Grupo Kamenets-Podolsk [nome de uma cidade na Ucrânia]; em 20 de setembro, ganhou outro nome — Grupo do Sul; e, a partir de 24 de setembro, tornou-se o 12º exército.
7. *Soviet Military Encyclopedia*, 8:181.
8. Marechal I. Bagramian, *VIZh*, n. 1 (1967): 54.
9. Zhukov. *Memoirs and Reflections*, 224.
10. *The Year 1941*, 2:104-6. O comitê central do VKP (b) e o decreto do Conselho dos comissários do povo, "Sobre a criação de novas unidades do Exército Vermelho n, 1112-459cc", de 23 de abril de 1941, parágrafo 2-b: "Converter 10 divisões de rifles em divisões montanhesas de rifles."
11. *Krasnaya Zvezda*, 1º de novembro de 1986.
12. Veja, como exemplo, tenente-general Bagrat Arushunyan, *VIZh*, n. 6 (1973):61.
13. *VIZh*, n. 1 (1976):55.

Capítulo 33

Epígrafe: Soviet-Nazi Relations, 1939: Documents and Materials on the Soviet-German Relations in April-September 1939 (Paris e Nova York: Tretia Volna, 1983), 326.

1. *Stalin's Politburo in the 1930s: A Collection of Documents* (Moscou: AIRO-XX, 1995), Documento n. 17; *Izvestia*, 7 de maio de 1941. Até recentemente, era do consenso geral que isso aconteceu em 6 de maio, quando o Presidium do Soviete Supremo da URSS emitiu um decreto sobre a nomeação de Joseph I. Stálin como Presidente do Conselho de Comissários Populares. Entretanto, a decisão do Politburo do comitê central do VKP (b) foi tomada em 4 de maio. A nomeação de Stálin como chefe do governo foi justificada, nessa decisão altamente sigilosa, pela "tensa situação internacional do momento". Na seção não-sigilosa do decreto do Soviete Supremo relativa à nomeação de Stálin não havia nenhuma justificativa: Stálin simplesmente preencheu um cargo vago. De acordo com o decreto do Presidium, Molotov foi dispensado de seus deveres como presidente do conselho de comissários populares porque se queixava repetidamente da dificuldade de acumular duas posições, a de chefe do governo e de comissário popular de relações exteriores.
2. *VIZh*, n. 9 (1965):66.
3. A. Avtorkhanov. *The Mystery of Stalin's Death* (Frankfurt: Possev, 1976), 132.
4. I. Bagramian. *This Is How the War Began* (Moscou: Voyenizdat, 1971), 62. A explicação oferecida pelo marechal da União Soviética Ivan Bagramián complementa perfeitamente a opinião dos historiadores soviéticos: "Em maio, a situação internacional era muito tensa. A União Soviética preparou-se para rejeitá-la. Foi exatamente assim que nós, no QG da região militar, interpretamos a nomeação de Stálin como presidente do conselho de comissários populares."
5. *Pravda*, 6 de maio de 1941.
6. Centro Russo de Armazenamento e Estudos de Documentos da História Recente, Fundo 558, Índice 1, Documento 3808, Folha 12.
7. Eduard Muratov. *Six Hours with Stalin at a Reception in the Kremlin* (S. Petersburgo; Nevá), n. 7 (1993): 285.
8. Stálin, relatório de 10 de março de 1939, no 18º Congresso do Partido Comunista.
9. *Pravda*, 18 de setembro de 1939.
10. *Pravda*, 18 de setembro de 1939.
11. *Pravda*, 19 de agosto de 1940.
12. *Pravda*, 25 de dezembro de 1939.
13. *Pravda*, 6 de maio de 1941, artigo da primeira página.

Capítulo 34

Epígrafe: Conquest, *The Great Terror*, 129.

1. *VIZh*, n. 6 (1995): 6.
2. Arquivo Central do Ministério da Defesa da Federação Russa, Fundo 16, Índice 2951, Caixa 261, Folhas 20-21.
3. Bagramian. *This Is How the War Began*, 64.
4. *Ibid.*, 77.
5. I. I. Liudovnikov, *Across Storms: An Autobiographical Sketch* (Donetsk, Ucrânia: Donbass, 1973),24.
6. Moskalenko. *In the Southwestern Direction*, 19.
7. *Kievsky Krasnoznamennyii: History of the Krasnoznamenynii Kiev Military District, 1919-1972*, 162.
8. Zhukov. *Memoirs and Reflections*, 242.
9. K. K. Rokossovsky, *A Soldier's Duty* (Moscou: Voyenizdat, 1997), 8.
10. Arquivo Central do Ministério da Defesa da Federação Russa, Fundo 16, Índice 2951, Caixa 261, Folhas 20-21.

11. *VIZh*, n. 1 (1967): 62.
12. Arquivo Central do Ministério da Defesa da Federação Russa, Fundo 16, Índice 2951, Caixa 406, Folhas 109-19.
13. *Transport in the Great Patriotic War*, 1941-45 (Moscou: Nauka, 1981), 41.
14. Arquivo Central do Ministério da Defesa da Federação Russa, Fundo 208, Índice 2511, Caixa 20, Folha 128.
15. A. A. Lobachev. *Arduous Roads* (Moscou: Voyenizdat, 1960), 123.
16. *VIZh*, n. 4 (1978): 86.
17. Arquivo Central do Ministério da Defesa da Federação Russa, Fundo 48, Índice 3408, Caixa 14, Folhas 442-44.
18. *Soviet Military Encyclopedia*, 6: 517.
19. *VIZh*, n. 9 (1960): 56.
20. Sandalov. *The Bygone*, 71.
21. Meretskov. *In Service to the People*, 204.
22. *VIZh*, n. 6 (1961): 6.
23. *Voprosy Istorii* [Questions of History], n. 5 (1970): 45.
24. A. I. Eremenko, *In the Beginning of War* (Moscou: Nauka, 1964), 109.
25. V. F. Zotov, em *On the Northwestern Front, 1941-1943*, ed. P. A. Zhilin (Moscou: Nauka, 1969), 172.
26. S. F. Khvaley, em *On the Northwestern Front, 1941-1943*, 310.
27. *VIZh*, n. 6 (1986): 75.
28. P. P. Poluboyarov, em *On the Northwestern Front, 1941-1943*, 114.
29. I. A. Khizenko. *The Pages that Came Alive: Diary of a Political Officer of the 80th Lenin Rifle Division* (Moscou: Voyenizdat, 1963), 5.
30. O major-general Vasilyi Ivanovitch Prokhorov era comandante da 80ª divisão de rifles do 37º regimento de rifles.
31. I. I. Fediuninskiy. *Called up to Alarm* (Moscou: Voyenizdat, 1964), 12.
32. A. Grylev, V. Khvostov. *Communist*, n. 12 (1968): 68.
33. *VIZh*, n. 4 (1961): 80.
34. *Krasnoznamennyi Uralsky: History of the Ural Military District* (Moscou: Voyenizdat, 1983), 104.
35. Serghei M. Shtemenko. *The Soviet General Staff at War, 1941-1945* (Moscou: Voyenizdat, 1968), 30.
36. S. P. Ivanov. *The Early Stage of the War* (Moscou: Voyenizdat, 1974), 211.
37. G.D. Plaskov. *Artillery Thunder* (Moscou: Voyenizdat, 1974), 125.
38. Ozerov. *Tupolev's Sharaga*, 90.
39. *Krasnoznamennyi Byelorussian Military District* (Minsk: Belarus, 1973), 88.
40. *Estonian People in the Great Patriotic War of the Soviet Union, 1941-1945*, (Tallinn: Eesti raamat, 1973), 1:43.
41. *Ibid.*
42. L. M. Sandalov. *On the Moscow Direction* (Moscou: Nauka, 1970), 63.
43. V. A. Anfilov. *The Path that Led to the Tragedy of 1941* (Moscou: Akopov, 1997), 219-20.
44. *Command and HQ of the Soviet Army in the Great Patriotic War*, 1941-1945, ed. M. N. Kozhvnikov, (Moscou: Nauka, 1977), 41.
45. *VIZh*, n. 1 (1969): 61.
46. *Battle for Leningrad, 1941-1944* (Moscou: Voyenizdat, 1964), 22.
47. *Krasnaia Zvezda*, 28 de abril de 1985.
48. G. A. Kumanev, *Soviet Railroad Personnel during the Years of the Great Patriotic War, 1941-1945*, (Moscou: AN SSSR, 1963), 36.

49. *VIZh*, n. 5 (1980): 71.
50. *The Rear of the Soviet Armed Forces in the Great Patriotic War, 1941-1945* (Moscou: Voyenizdat, 1977), 59.
51. Ibid., 173.
52. I. V. Boldin. *The Pages of My Life* (Moscou: Voyenizdat, 1961), 92.
53. S. P. Ivanov. *The Early Stage of the War*, 211.
54. *VIZh*, n. 9 (1960): 56.
55. *VIZh*, n. 6 (1962): 77.
56. *VIZh*, n. 9 (1966): 66.
57. M. I. Kazakov, *Reflections over Maps of Former Battlefields* (Moscou: Voyenizdat, 1971), 64.

Capítulo 35

1. *The Year 1941*, 2: 112.
2. *Ibid.*, 2: 151.
3. *It Must Be Published*, 167.
4. Yakovlev. *Life's Task*, 252.
5. "High-frequency lines": equipamento de comunicação codificado.
6. *Voprosy Istorii*, nº 5 (1970): 42.
7. Vassilevsky, *Life's Mission*, 119.
8. Os sete exércitos eram (CR é corpo de rifles; CM é corpo mecanizado; DR é divisão de rifles; e DT é divisão de tanques): o 16º exército (32ª CR, 5ª CM e 57ª DT), o 19º exército (25ª e 34ª CRs, o último com cinco divisões, 26ª CM e 38ª DR), o 20º exército (61ª e 69ª CRs, 7ª CM e 18ª DR), o 21º exército (63ª e 66ª CRs e 25ª CM), o 22º exército (51ª e 62ª CRs), o 24º exército (52ª e 53ª CRs e 23ª CM) e o 28º exército (30ª e 33ª CRs e 69ª CM).
9. V. Khvostov e major-general A. Grylov, *Communist*, n. 12 (1968):68.
10. *History of the Second World War, 1939-1945*, 3:352.

Capítulo 36

1. *History of the Second World War*, 1939-1945, 4: 27.
2. *Krasnoznamennyi Byelorussian Military District* (Minsk: Bielo-Rússia, 1973), 84.
3. Sandalov. *On Moscow Direction*, 41.
4. *Ibid.*
5. "On the Eve of the War: Documents of the Conference of the Supreme Command of the Red Army, December 23-31, 1940", in *The Russian Archive: the Great Patriotic War* (Moscou: Terra, 1993), 12:1:34.
6. *Ibid.*, 12:1:40-41.
7. I. Bagramian. *VIZh*, n. 1 (1976): 62.
8. Moskalenko. *In the Southwestern Direction*, 18.
9. *VIZh*, n. 4 (1984): 42.
10. V. Sikorsky, *The Future War* (Moscou: Voyenizdat, 1936), 240.
11. *Voyna I Revolutsia*, n. 8 (1931): 11.
12. *The Rear of the Soviet Armed Forces in the Great Patriotic War, 1941-1945*, 33.
13. *VIZh*, n. 12 (1972): 46.
14. *VIZh*, n. 10 (1971): 13.
15. Ivanov. *The Early Stage of the War*, 206.
16. S. A. Kalinin, *Reflections on the Past* (Moscou: Voyenizdat, 1963), 124.
17. *VIZh*, n. 7 (1979): 43.
18. Stalin, *Collected Works*, 5: 225.

19. S. A. Kalinin, *Thoughts about the Past* (Moscou: Voyenizdat, 1963), 182.
20. A ChK (*Chrezvychainaia Comissia* ou Comissão extraordinária) foi precursora do NKVD. "Chekist", até hoje, significa membro da polícia política.

Capítulo 37

Epígrafe: Liddell Hart, *Strategy: The Indirect Approach*, 336.

1. *Krasnaya Zvezda*, 27 de outubro de 1992.
2. Makhmut Gareev, na coleção de artigos intitulada *Courage* (Moscou, 1991), 253.
3. *Krasnaya Zvezda*, 27 de julho de 1991.

Capítulo 38

Epígrafe: F. Chuev, *Molotov*, 48.

1. Nikolai G. Kuznetsov. *On the Eve of...* (Moscou: Voyenizdat, 1966), 321.
2. Peter Chamberlain e Chris Ellis. *British and American Tanks of World War II* (Nova York: ARCO, 1969), 66.
3. Winston Churchill. *The Second World War* (Moscou: Terra, 1998), 3:80. As perdas das frotas mercantes e navais inglesas (em toneladas imperiais; 1 tonelada imperial é igual a 1,016 tonelada métrica) foram as seguintes: janeiro, 320.000; fevereiro, 402.000; março, 537.000; abril, 654.000; maio, 500.000; e junho, 431.000.
4. *Foreign Affairs Documents: 1940 – 22 June 1941*, 21:2:739. O alerta do governo inglês sobre um possível ataque alemão chegou somente em 16 de junho de 1941. O embaixador britânico Cripps não estava em Moscou, e o alerta sobre a possível invasão alemã foi entregue ao embaixador soviético em Londres, Maisky, que imediatamente transmitiu a mensagem a Molotov em Moscou. Eis o início da longa mensagem: "Hoje, Cadogan, sob diretrizes de Éden, forneceu-me informações mais detalhadas sobre a concentração de tropas alemãs na fronteira soviética. [...] O número total de tropas concentradas nas fronteiras soviéticas, de acordo com os dados do QG britânico, é de 80 divisões na Polônia, 30 na Romênia e 5 na Finlândia e no norte da Noruega, somando 115 divisões; sem contar o exército romeno mobilizado". Além disso, havia uma descrição detalhada das tropa alemãs que estavam nas fronteiras e quando e aonde eles foram. Vale notar o surpreendente trabalho da inteligência britânica, que relatou dados absolutamente precisos sobre o exército alemão invasor. Agora sabemos que, em 22 de junho de 1941, 125 divisões e duas brigadas integravam o primeiro escalão estratégico do exército invasor alemão, ou seja, estavam nas fronteiras soviéticas. Em meados de junho, provavelmente havia 115 divisões, conforme relatado na mensagem. Stálin não deu crédito a esse alerta, já que todas as mensagens anteriores deram-lhe motivos para duvidar. O mais importante, entretanto, é que Stálin, nessa época, tinha planos próprios para a Alemanha.
5. Liddell Hart. *The Second World War*, 151.
6. L. Woodward. *British Foreign Policy in the Second World War* (Londres: HMSO, 1971-76), 611.

Capítulo 39

Epígrafe: Adolf Hitler, *Mein Kampf*, parte 1, capítulo VII, 164.

1. *Soviet Military Encyclopedia*, 5:343.
2. Halder. *War Diary*, 2.
3. *Ibid.*
4. Müller-Hillebrand. *German Ground Forces, 1933-1945*, 2:144.
5. *Ibid.*, 267.
6. Liddell Hart. *The Second World War*, 152-53.
7. *Ibid.*, 158.

8. *The Wehrmacht's Fateful Decisions*, 328.
9. Robert Goralski. *World War II Almanac* (Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1981), 164.
10. *History of the Second World War, 1939-1945*, 3: 328.
11. Rendulic, *Commanding the Troops*, 60.
12. *Der Spiegel*, n. 6 (1996): 100-101.
13. Shirokorad. *The Genius of the Soviet Artillery*, 169-70.
14. *Ibid.*, 169.

Capítulo 40

1. *Krasnaya Zvezda*, 23 de dezembro de 1989.
2. *Krasnaya Zvezda*, 1. de outubro de 1987.
3. *VIZh*, n. 4 (1992): 30.
4. *Krasnaya Zvezda*, 21 de agosto de 1986.
5. Ibid.
6. P. Stefanovsky. *Three Hundred Unknowns* (Moscou: Voyenizdat, 1968), 206.
7. *VIZh*, n. 6 (1976): 62.
8. *Ogonek*, n. 17 (1965).
9. *Comsomol'skaya Pravda*, 8 de outubro de 1968.
10. *The Year 1941*, 1: 780.
11. *VIZh*, n. 6 (1966): 8.
12. Hermann Hoth. *Tank Operations* (Smolénsk, Rússia: Rusich, 1999), 34.
13. Guderian. *A Soldier's Memoirs*, 191.
14. Blumentritt. *The Wehrmacht's Fateful Decisions*, 76.

Capítulo 41

Epígrafe: Discurso de Hitler no lançamento da campanha de assistência no inverno, em 3 de outubro de 1941.

1. G. N. Zakharov, *The Fighters' Story* (Moscou: DOSAAF, 1977), 43.
2. Hans-Ulrich Rudel, "Stuka Pilot", in *Bombs Away!* (Moscou: AST, 2002), 30, 35.
3. Anfilov, *The Immortal Feat of Arms*, 517.
4. *History of the Great Patriotic War of the Soviet Union, 1941-1945* (Moscou: Voyenizdat, 1960-65), 1:441.
5. Major-general M. Gretsov, *VIZh*, n. 9 (1965): 84.
6. Basov, *The Navy in the Great Patriotic War, 1941-1945*, 117.
7. Ordem do comandante da flotilha do Báltico, em 22 de junho de 1941.
8. *Soviet Militar Encyclopedia*, 8:356.
9. M. Solonin, *June 25: Stupidity or Aggression?* (Moscou: Yauza-EXMO, 2008), 442.
10. *Ibid.*, 443.
11. A.B. Shirokorad, *Russia's Northern Wars* (Moscou: AST; Minsk: Harvest, 2001), 702.
12. *The Battle for the Soviet Baltic* (Tallinn, Estônia: Eesti raamat, 1980), 67.
13. Arquivo Central do Ministério da Defesa da Federação Russa, Fundo 181, Índice 1631, Caixa 1, Folha 128.
14. *VIZh*, n. 5 (1986): 49.
15. Piker. *Hitler's Table Talk*, 303.
16. *Otechestvennaya Istoria* [História da Mãe-Pátria], n. 4 (1993): 26.
17. *Petermanns geographischen Mitteilungen* (Alemanha, 1943), vols. 9 e 10.
18. *VIZh*, n. 10 (1992): 82.
19. *VIZh*, n. 12 (1970): 22.

20. *Literaturnaya Gazeta* [Gazeta Literária], 20 de agosto de 2002.
21. A. B. Zubov. *Continent*, n. 84 (1995).

Capítulo 42

Epígrafe: Winston Churchill, Parliamentory Debates, House of Commons Official Report, 8 de setembro de 1942.

1. Anastas I. Mikoyan, *The Way It Was: Reflections on the Past* (Moscou: Vagrius, 1999), 380.
2. Hitler, *Mein Kampf*, Parte 2, Cap. XIII, 542.
3. Mikoyan, *The Way It Was*, 391.

Capítulo 43

Epígrafe: Hoth, *Panzer Operations*, 163.

1. *Novoe Russkoe Slovo* [A Nova Palavra Russa], 20 de maio de 1990.
2. *Ibid.*, 95.
3. Halder. *War Diary*, 3:259-60.
4. *Ibid.*, 263.
5. *Ibid.*, 297-98.
6. *Ibid.*, 328.
7. *VIZh*, n. 7 (1991): 9.
8. Halder, *War Diary*, 3:344.
9. Piker, *Hitler's Table Talk*, 331.
10. *Ibid.*, 332.
11. *Ibid.*, 173.

Capítulo 44

Epígrafe: Vladimir I. Lenin, *The Military Program of the Proletarian Revolution* (Zurich: Jugend-Internationale, 1917), vols. 9 e 10.

1. G. A. Deborin. *The Second World War* (Moscou: Voyenizdat, 1958), 108.
2. *International Policy of the USSR: A Compilation of Documents*, 4:550.
3. *History of the Second World War, 1939-1945*, 3: 274.
4. *Admissions and Revelations*, 266.
5. *History of the Great Patriotic War of the Soviet Union*, 1941-1945, 1:400.
6. *History of the Second World War, 1939-1945*, 3:355.
7. Y. Gal'perin, "The Third Front", *Vesti*, 19 de junho de 1997.
8. *Ibid.*
9. *Correspondence of the Chairman of Council of Ministers of the USSR with the President of the USA and the Prime Minister of Great Britain during the Great Patriotic War*, 1941-1945 (Moscou: Politizdat, 1989), 2:49.
10. Joseph V. Stalin. *On the Great Patriotic War of the Soviet Union* (Moscou: Politizdat, 1947), 166.
11. *VIZh*, n. 10 (1975): 60; Vasilevsky, *Life's Mission*, 499.
12. Vasilevsky, *Life's Mission* , 502.
13. *Soviet Military Encyclopedia*, 2: 27.
14. *Krasnaya Zvezda*, 16 de março de 2000.
15. Vasilevsky. *Life's Mission*, 502.
16. Arquivo Central do Ministério de Defesa da Federação Russa, Fundo 326, Índice 5047, Caixa 701, Folhas 1-99.
17. *Ibid.*, Fundo 14-A, Índice 272, Caixa 19, Folhas 5-20.
18. *Ibid.*, Fundo 35, Índice 11287, Caixa 1417, Folha 134.

19. *Ibid.*, Fundo 6 BAC (Bomber Aviation Corps), Índice 541971, Caixa 1, Folhas 1-4; Fundo 7 BAC, Índice 555981, Caixa 1, Folhas 1-3.
20. *VIZh*, n. 8 (1985): 16.
21. *The USSR's Victory in the War with Militarist Japan and Post-War Development of Eastern and South-Eastern Asia* (Moscou: Nauka, 1977), 47.
22. *VIZh*, n. 38 (1985): 43.
23. *Ibid.*, 44.
24. Vasilevsky, *Life's Mission*, 507.
25. *History of the Second World War, 1939-1945*, 11:197.
26. *Ibid.*, 11:196.
27. *Krasnaya Zvezda*, 26 de setembro de 2000.
28. *VIZh*, n. 8 (1985): 16.
29. *History of the Second World War, 1939-1945*, 11:195.
30. *Ibid.*
31. *Ibid.*, 196.
32. Arquivo Central do Ministério de Defesa da Federação Russa, Fundo 210, Índice 3116, Caixa 294, Folha 70.
33. *Krasnaya Zvezda*, 5 de agosto de 1995.
34. *VIZh*, n. 6 (1986): 18.
35. *Krasnaya Zvezda*, 1º de setembro de 2000.
36. *Suddenness in Offensive Operations of the Great Patriotic War* (Moscou: Nauka, 1986), 51.
37. *VIZh*, n. 8 (1975): 19.
38. *VIZh*, n. 8 (1971): 68.
39. *Krasnaya Zvezda*, 26 de setembro de 2000.
40. Declaração da liderança soviética em 8 de agosto de 1945.
41. General I. Tretyak. *VIZh*, n. 8 (1985): 12.
42. *Krasnaya Zvezda*, 26 de setembro de 2000.
43. Ivanov. *The Beginning Period of the War*, 281.
44. Coronel A. S. Savin, *VIZh*, nº 8 (1985): 56.
45. *Communist*, n. 12 (1985): 85.
46. Joseph Stálin, Discurso no 18º Congresso do Partido Comunista, 10 de março de 1939.
47. *Soviet Tank Troops*, 1941–1945 (Moscou: Voyenizdat, 1973), 308.
48. *Krasnaya Zvezda*, 5 de agosto de 1995.
49. Von Mellentin, *Tank Battles*, 1939-1945 (S. Petersburgo, Poligon, 1998), 249.
50. *VIZh*, n. 8 (1975): 25.
51. *VIZh*, n. 38 (1985): 45.
52. *VIZh*, n. 10 (1975): 70, 73.
53. *Soviet Military Encyclopedia*, 2:27.

Bibliografia

50 Years of the Soviet Armed Forces. Moscou: Voyenizdat, 1968.
Admissions and Revelations: Nazi Leaders on the Third Reich's War against the USSR: Secret Speeches, Diaries, Memoirs. Smolensk, Russia: Rusich, 2000.
Aircraft Engineering in the USSR, 1917-1945. Moscou: 1994.
Alisov, N. V., e B. S. Khorev. *Economic and Social Geography of the World.* Moscou: Garda-riki, 2001.
Anfilov, V. A. *The Immortal Feat of Arms.* Moscou: Nauka, 1971.
_____ . *The Path that Led to the Tragedy of 1941.* Moscou: Akopov, 1997.
Antonov-Ovseenko, A. V. *Portrait of a Tyrant* [em russo]. Nova York: Khronika, 1980.
Aviatsia i Vremia [Aviação e Tempo] (periódico)
Avtorkhanov, A. *The Mystery of Stalin's Death* [em russo]. Frankfurt: Posev, 1976.
_____ . *Origins of Partocracy (Party-rule)* [em russo]. Frankfurt: Posev, 1973.
Azarov, I. I. *Odessa under Siege.* Moscou: Voyenizdat, 1962.
Bagramian, I. *This is How the War Began.* Moscou: Voyenizdat, 1971.
Bariatinsky, M. *Soviet Armor, 1939-1945.* Moscou: Bronecollectsia, 1998.
Bariatinsky, M. *Light Tanks BT-2 and BT-5.* Moscou: Modelist-Constructor, 1996.
_____ , e M. Kolomiets. *Light Tank BT-7.* Moscou: Modelist-Constructor, 1996.
_____ , e M. Pavlov. *Middle Tank T-28.* Moscou: Askold, 1993.
Basov, A. V. *The Navy in the Great Patriotic War, 1941-1945.* Moscou: Nauka, 1980.
Battle for Leningrad, 1941-1944. Moscou: Voyenizdat, 1964.
The Battle for the Soviet Baltic. Tallinn, Estônia: Eesti raamat, 1980.
Bazhanov, Boris. *Memoirs of a Former Secretary of Stalin* [em russo]. Paris: The Third Wave, 1980.
Bezymenskiy, Lev, *Hitler and Stalin before the Fight.* Moscou: Veche, 2000.
Boldin, I. V. *The Pages of My Life.* Moscou: Voyenizdat, 1961.
Boyarskiy, V. I. *The Guerilla War: A History of Lost Opportunities.* Minsk: Harvest; Moscou: ACT (coprodução), 2001
Brickhill, P. *The Dam Busters.* London: Evans Brothers, 1951.
British and American Tanks of World War II. Nova York: ARCO, 1984.
Bulleten Oppozitsii [Boletim da Oposição] (periódico)
Chalmaev, V. *Malyshev.* Moscou: Molodaya Gvardia, 1978.
Chernikov, M. *Armored Ground Attack Aircraft (Shturmovik) IL-2.* Moscou, 1997.
Chubarian, A. O., ed. *War and Politics, 1939-1941.* Moscou: Nauka, 1999.
Chuev, Felix. *Molotov: Master of Half a Domain,* Moscou: Olma-Press, 2002.
Churchill, Winston. *The Second World War.* Moscou: Terra, 1998.

Combat Aircraft of the World. London: Ebury Press, 1969.
The Comintern and the Idea of the World Revolution: Documents. Moscou: Nauka, 1998.
Communist (periódico)
Complete World Aviation Encyclopedia. Samara, Russia: Korporatsia Fedorova, 1997.
Complete World Encyclopedia of Tanks, 1915-2000. Minsk: Harvest, 1999.
Comsomolskaya Pravda (periódico)
Conquest, Robert. *The Great Terror* [em russo]. Florença, Itália: Aurora, 1974.
Continent (periódico)
Correspondence of the Chairman of Council of Ministers of the USSR with the Presidents of USA and Prime Ministers of Great Britain during the Great Patriotic War, 1941-1945. Moscou: Politizdat, 1989.
Courage, collection of articles, Moscou, 1991.
Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg. Stuttgart: Deutsche Verlags-Anstalt, 1979.
Deborin, G. A. *The Second World War*. Moscou: Voyenizdat, 1958.
Der Spiegel (periódico)
Documents and Materials on the History of Soviet-Polish Relations. Moscou: Voyenizdat, 1964.
Domestic Armored Vehicles: Twentieth Century. Moscou: Exprint, 2002-5.
Drogovoz, I. G. *The Armored Sword of the USSR*. Moscou: Pedestal, 2001.
Dupuy, R. Ernest, e N. Trevor Dupuy. *World History of Wars*, 3 vols. St. Petersburg: Poligon e Moscou: AST (coprodução), 1997-98.
Eiduss, Ya. T. *Liquid Fuel in War*. Moscou: Akademizdat, 1943.
Eighth Congress of the Communist Party: Protocols. Moscou: Partizdat, 1959.
Encyclopedia of Aviation. Moscou: Bolíshaja Rossijskaja Encyclopedia, 1994.
Encyclopedia of German Tanks of World War Two. Londres: AAP, 1978.
Eremenko, A. I. *In the Beginning of War*. Moscou: Nauka, 1964.
Estonian People in the Great Patriotic War of the Soviet Union, 1941-1945, 2 vols. Tallinn: Eesti raamat, 1973-80.
Fediuninskiy, I. I. *Called up to Alarm*. Moscou: Voyenizdat, 1964.
Fedoseev, S. *Japanese Armored Vehicles, 1939-1945*. Moscou: Bronecollectsia, 1995.
Felshtinsky, Yu. *Criminal Leaders*. Moscou: Terra, 1999.
_____, ed. *It Must Be Published: USSR-Germany 1939-1945, Documents and Materials*. Moscou: Moscou Worker, 1991.
Fest, Joachim. *Hitler: A Biography*. Perm, Russia: Alteya, 1993.
Fleischhauer, Ingeborg. *The Pact: Hitler, Stalin, and the German Diplomatic Initiative, 1938-39*. Moscou: Progress, 1990.
Foreign Affairs Documents: 1940-22 June 1941. Moscou: Mezhdunarodnye Otnoshenia, 1998.
Frossard, L. O. *De Jaurès à Lénine: notes et souvenirs d'un militant*. Paris: Bibliothèque de documentation sociale, 1930.
Galitsky, K. *The Years of Hard Trials*. Moscou: Nauka, 1973.
Gallay, M. *Third Dimension*. Moscou: Sovetsky Pisatel, 1973.
Goralski, Robert. *World War II Almanac, 1931-1945*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1981.
Gordiukov, N. T., and D. B. Khazanov. *Close-Range Bomber Su-2*. Moscou: Technika-Molodiozhi, 2000.
Gorlov, Sergei. *Top Secret: The Moscou-Berlin Alliance, 1923-1933*. Moscou: Olma-Press, 2001.
The Great Patriotic War, 1941-1945: Encyclopedia. Moscou: Sovetskaya Encyclopedia, 1985.
The Great Patriotic War, 1941-1945: Military History Essays, 2 vols. Moscou: Nauka, 1998.
Grigorenko, P. G. *You Only Meet Rats in the Underground* [em russo]. Nova York: Detinets, 1981.
Groehler, O. *Geschichte des Lufikriegs 1910 bis 1980* [História dos Combates aéreos]. Berlin, 1981.
Guderian, Heinz. *Panzer Leader*. Londres: Futura, 1974.
_____. *A Soldier's Memoirs*. Moscou: Voyenizdat, 1957.
Halder, Franz. *War Diary, 1939-1942*, 3 vols. Moscou: Voyenizdat, 1971.
History of Aircraft Design in the USSR (1938-1950). Moscou: Mashinostroyenie, 1988.
History of the Great Patriotic War of the Soviet Union, 1941-1945, 6 vols. Moscou: Voyenizdat, 1960-65.

History of the Second World War, 1939-1945, 12 vols. Moscou: Voyenizdat, 1973-82.
Hitler, Adolf. *Mein Kampf.* Russia (cidade não mencionada): T-OKO, 1992.
Horikoshi, D., M. Okumia, e M. Kaidin. *Zero! Japanese Aviation in the Second World War.* Moscou: AST, 1999.
Hoth, Hermann. *Tank Operations.* Smolensk, Russia: Rusich, 1999.
Innostrannaya Literatura [Literatura Estrangeira] (periódico)
Interfax (periódico)
The Issues of Strategy and Operational Doctrine in Soviet Military Science, 1917-1940. Moscou: Voyenizdat, 1965.
Istoricheskiy Arkhiv [Arquivo Histórico] (periódico)
Ivanov, S. P. *The Early Stage of the War.* Moscou: Voyenizdat, 1974.
Izvestia (periódico)
Jones, R. H. *The Roads to Russia: United States Lend-Lease to the Soviet Union.* Norman, Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1969.
Kakurin, N., e B. Melikov. *Civil War in Russia: War with the White Poles.* Moscou: AST, 2002.
Kalinin, S. A. *Reflections on the Past.* Moscou: Voyenizdat, 1963.
Karpenko, A. V. *Review of National Armor-Tank Technology, 1905-1995.* S. Petersburgo: Nevskiy Bastion, 1996.
Kazakov, M. I. *Reflections over Maps of Former Battlefields.* Moscou: Voyenizdat, 1971.
Kerber, L. *TU–Man and Airplane.* Moscou: Sovetskaya Rossia, 1973.
Kesselring, A. *Gedanken zum Zweiten Weltkrieg* [Memórias da 2ª Guerra Mundial]. Bonn: 1956.
Khizenko, I. A. *The Pages that Came Alive: Diary of a Political Officer of the 80th Lenin Rifle Division.* Moscou: Voyenizdat, 1963, 5.
Khrapachevskiy, Roman. "The Spanish Gold of Kremlin," *Russkiy Focus,* no. 7 (May 14, 2001).
Kievsky Krasnoznamennyi: History of the Kiev Military District, 1919-1972. Moscou: Voyenizdat, 1974.
Kirian, M. M., ed. *Military-Technological Progress and the USSR Armed Forces.* Moscou: Voyenizdat, 1982.
Kokurin, A., e M. Petrov, compilers. *GULAG: The Main [Prison] Camp Directorate. 1918-1960, Collection of Documents.* Moscou: International Fund "Democracy," 2000.
Kolpakidi, Alexander, e Dmitri Prokhorov. *Empire of the GRU: Sketches on the History of Russian Military Intelligence, Book One.* Moscou: Olma-Press, 2000.
Kosminkov, K, e D. Griniuk. *Stalin's Falcons.* S. Petersburgo: Aeromuzei, 1992.
Kozhevnikov, M. N. *Command and Staff of the Air Forces of the Soviet Army in the Great Patriotic War* Moscou: Nauka, 1977.
Krasnaya Zvezda [Estrela Vermelha] (periódico)
Krasnoznamennyi Byelorussian Military District. Minsk, 1973.
Krasnoznamennyi Uralsky: History of the Ural Military District. Moscou: Voyenizdat, 1983.
Krivitsky, Walter. *I Was an Agent of Stalin.* Moscou: Terra, 1991.
Krivoshein, S. M. *Warrior's Stories.* Moscou: Molodaya Gvardia, 1962.
Krylia Rodiny [Asas da Mãe Pátria] (periódico)
Kumanev, G. A. *Soviet Railroad Personnel during the Years of the Great Patriotic War, 1941-1945.* Moscou: AN SSR, 1963.
Kuzmina. L. M. *Chief Designer Pavel Sukhoy.* Moscou: Molodaya Gvardia, 1983.
Kuznetsov, N. G. *On the Eve of...* Moscou: Voyenizdat, 1966.
Lapchinsky, Alexander. *The Air Army.* Moscou: Voyenizdat, 1939.
Lenin, Vladimir I. *Complete Collected Works.* Moscou: Politizdat, 1977.
Liddell Hart, Basil Henry. *The Second World War.* Moscou: Voyenizdat, 1976.
_____ . *Strategy: The Indirect Approach.* Moscou: Inostrannaya Literatura, 1957.
Literaturnaya Gazeta [Gazeta Literária] (periódico)
Liudnikov, I. I. *Across Storms: An Autobiographical Sketch.* Donetsk: Donbass, 1973.
Lobachev, A. A. *Arduous Roads.* Moscou: Voyenizdat, 1960.
Luftwaffe's Wings: Combat Aircraft of the Third Reich. Moscou: TsAGI, 1995.

Maiski, I. M., ed. *Spain, 1918-1972: A Historical Sketch.* Moscou: Nauka. 1975.
Mallory, K., e A. Ottar. *Architecture of Aggression.* London: Architectural Press, 1973.
Maslov, M. *Fighter I-16.* Moscou: Armada, 1997.
Medved, A. N., e D. B. Khazanov. *Dive Bomber Pe-2.* Moscou: Exprint, 1999.
Meltiukhov, Mikhail. *Stalin's Missed Opportunity: The Soviet Union and the Fight for Europe, 1939-1941.* Moscou: Veche, 2002.
Meretskov, K. A. *In Service to the People.* Moscou: Politizdat, 1968.
Mezhdunarodnaya Zhizn [Vida Internacional] (periódico)
Mezhdunarodnye Otnosheniya [Relações Internacionais] (periódico)
Middeldorf, E. *Tactics in the Russian Campaign.* Moscou: Voyenizdat, 1958.
Mikoyan, Anastas. *The Way It Was: Reflections on the Past.* Moscou: Vagrius, 1999.
"Military and Numeric Composition of the Armed Forces of the USR," *Statistical Almanac*, no. 1 (22 de Junho, 1941). Moscou: Military History Institute of the Russian Federation Ministry of Defense, 1994.
Military Engagements. Moscou: Nauka, 1969.
Millentin, F. V. von. *Tank Battles, 1939-1941.* S.Petersburgo: Poligon, 1998.
Milsom, J. F. *Russian BT Series.* Surrey, England: Profile Publications Ltd., 1971.
Mir Aviatsii [O Mundo da Aviação] (periódico)
The Molotov-Ribbentrop Pact and Its Consequences for Bessarabia: A Collection of Documents. Chişinău, Moldova, 1991.
Moscou Military District. Moscou: Moskovski Rabochi, 1985.
Moskalenko, K.S. *In the Southwestern Direction: A Commander's Memoirs.* Moscou: Nauka, 1969.
Muller-Hillebrand, B. *Germany's Ground Forces, 1933–1945.* Moscou: EKSMO, 2002.
Nemecek, Vaclav. *The History of Soviet Aircraft from 1918.* Londres: Willow Books, 1986.
Nenakhov, Yury. *Airborne Troops in the Second World War.* Minsk: Harvest, 1998.
Neva (periódico)
Novoe Russkoe Slovo [A Nova Palavra Russa] (periódico)
Ogonek (periódico)
On the Eve of the War: Documents of the Red Army High Command Officersi Conference, December 23-31, 1940 – The Russian Archive. Moscou: Terra, 1993.
Otechestvennaya Istoria [História da Mãe Pátria] (periódico)
Ozerov, G. *Tupolev's Sharaga* [em russo]. Frankfurt: Possev, 1971.
Patriotic War. Moscou: Nauka, 1977.
Pavlov, M., I. Zheltov, e I. Pavlov. *Domestic Armored Vehicles.* Moscou: Hobby Kniga, 2002.
Piker, Henry. *Hitler's Table Talk.* Smolensk (Russia): Rusich, 1998.
Plaskov, G. D. *Artillery Thunder.* Moscou: Voyenizdat, 1974.
Popova, S. G. "The World Gold Market and Issues of Gold Export Development in Russia." PhD diss., Russian Academy of International Trade, 1998.
Posev (periódico)
Pravda (periódico)
Price, A. *World War II Fighter Conflict.* London: Macdonald and Jane's, 1975.
The Rear of Soviet Armed Forces in the Great Patriotic War 1941-1945. Moscou: Voyenizdat, 1977.
The Red Banner Baltic Fleet in the Battle for Leningrad. Moscou: Nauka, 1973.
Rendulic, L. *Commanding the Troops.* Moscou: Voyenizdat, 1974.
Riabchikov, E., e A. Magid. *The Becoming.* Moscou: Znanie, 1978.
Rodimtzev, A. I. *Motherland, These Are Your Sons.* Kiev: Politizdat, 1982.
Rogovin, V. Z. *The Power and the Opposition (1928-1933).* Moscou: Zhurnal Teatr, 1993.
Rokossovsky, K. K. *Soldier's Duty.* Moscou: Voyenizdat, 1997.
Romanov, V. *Messerschmitt Bf.109.* Moscou: Exprint, 1994.
Rosenberg, Alfred. *Der Zukunftweg einer deutschen Aussenpolitik* [O futuro da política exterior alemã]. Munich, 1927.
Rossi, Jacques. *GULAG Directory.* London: OPI, 1987.

Rozanov, G. L. *Stalin-Hitler: The Documented Story of the Soviet-German Diplomatic Relationship in 1939-41*. Moscou: Mezhdunarodnyie Otnoshenia, 1991.
Ruge, F. *War on the Sea, 1939-1945*. Moscou: Voyenizdat, 1957.
Russia and the USSR in the Twentieth-Century Wars: Armed Forces Losses (A Statistical Study). Moscou: Olma-Press, 2001.
Russian Archive. Great Patriotic. General Headquarters. Documents and Materials. 1941. Moscou: Terra, 1996.
Russkiy Focus (periódico)
Sandalov, L. M. *The Bygone*. Moscou: Voyenizdat, 1966.
_____ . *The First Days of the War*. Moscou: Voyenizdat, 1989.
_____ . *On the Moscou Direction*. Moscou: Nauka, 1970.
Second Partial and First Consolidated Report on Russian Medium Tank-34. Maryland: Aberdeen Proving Ground (arquivo), 1943.
Shaposhnikov, Boris. *The Armyís Brain*. Moscou: Voyengiz, 1927.
Shavrov, V. B. *The History of Aircraft Design in the USSR before 1938*. Moscou: Mashinostroyenie, 1985.
_____ . *The History of Aircraft Design in the USSR, 1938-1950*. Moscou: Mashinostroyenie, 1988.
Shebunin, A. I. *How Much Ground Have We Covered...* Moscou: Voyenizdat, 1971.
Shirokorad, A. B. *The Genius of the Soviet Artillery: Grabin's Triumph and Tragedy*. Moscou: AST, 2002.
_____ . *Russia's Northern Wars*. Moscou: AST e Minsk: Harvest, 2001 (coprodução).
_____ . *Ships and Cutters of the USSR Navy, 1939-1945* (catálogo). Minsk: Harvest, 2002.
Shmelev, I. *The Tank's History (1916-1996)*. Moscou: Tekhnika Molodiozhi, 1996.
Shtemenko, S. M. *The Soviet General Staff at War, 1941-1945*. Moscou: Voyenizdat, 1968.
Shumikhin, V. S. *Soviet Military Aviation: 1917-1941*. Moscou: Nauka, 1986.
Shunkov, V. N. *Red Army's Weapons*. Minsk: Harvest, 1999.
Sikorsky, V. *The Future War*. Moscou: Voyenizdat, 1936.
Sokolov, Boris V. *The Cost of Victory (Great Patriotic: The Unknown About the Known)*. Moscou: Moskovskiy Rabochiy, 1991.
_____ . *Secrets of the Finnish War*. Moscou: Veche, 2000.
Solonin, M. *June 25: Stupidity or Aggression?* Moscou: Yauza-EXMO, 2008.
Soviet Air Assault Troops. Moscou: Voyenizdat, 1986.
The Soviet Army, ed. Liddell Hart, B. H. Londres: Weidenfield e Nicolson, 1956.
Soviet Foreign Policy in the Period of the Great Patriotic War. Moscou: Gospolitizdat, 1944-47.
Soviet Military Encyclopedia. Moscou: Voyenizdat, 1976.
Soviet Military Forces. Moscou: Voyenizdat, 1978.
Soviet Tank Troops, 1941-1945. Moscou: Voyenizdat, 1973.
The Soviet Union on the International Conferences during the Great Patriotic War 1941-1945, Volume VI, "Berlin (Potsdam) Conference of the Three Leaders of the Allied Powers – USR, USA, and Great Britain (July 17- August 2, 1945)." Moscou: Politizdat, 1984.
Speer, Albert. *Memoirs*. Smolensk, Russia: Russich, 1997.
Stalin, Joseph. *Collected Works in 13 Volumes*. Moscou: Gospolitizdat, 1946.
_____ . *On the Great Patriotic War of the Soviet Union*. Moscou: Politizdat, 1947.
Starchak, I. G. *From the Sky into the Battle: Memoirs of the Chief of Paratroopers of the Western Front*. Moscou: Voyenizdat, 1965.
Starinov, I. G. *Mines Await Their Hour*. Moscou: Voyenizdat, 1964.
Stefanovsky, P. *Three Hundred Unknowns*. Moscou: Voyenizdat, 1968.
Suddenness in Offensive Operations of the Great Patriotic War. Moscou: Nauka, 1986.
Sutton, Anthony. *National Suicide: Military Aid to the Soviet Union*. New Rochelle, NY: Arlington House, 1973.
Trail in the Sky (Collected volume). Moscou: Politizdat, 1971.
Transport in the Great Patriotic War, 1941–45. Moscou: Nauka, 1981.
Tukhachevski, M. *Selected Works in 2 Volumes*. Moscou: Voyenizdat, 1964.
Tupolev's Aircraft ANT-1 — ANT-15. Moscou: Tupolev ANTK, 1995.

Umansky, R. G. *On the Threshold of War*. Moscou: Voyenizdat, 1960.
Ural (periódico)
USSR Aircraft Industry, 1917-1945. Moscou: TSA GI, 1992-94.
USSR Border Forces, 1939 - June 1941, a collection of documents. Moscou: Nauka, 1970.
The USSR's Victory in the War with Militarist Japan and Post-war Development of Eastern and South-Eastern Asia. Moscou: Nauka, 1977.
Ustinov, D. F. *In the Name of Victory*. Moscou: Voyenizdat, 1988.
Vassilevsky, A. M. *Life's Mission*. Moscou: Politizdat, 1973.
Vaupshassov, S. A. *At a Troublesome Crossroads: A Chekist's Memoirs*. Moscou: Politizdat, 1971.
Vesti (periódico)
Vodopianov, M. *Friends in the Sky*. Moscou: Sovetskaya Rossia, 1971.
Voenno-istoricheskiy Zhournal (VIZh) [Jornal da História Militar] (periódico)
Voennyi Vestnik [O Arauto Militar] (periódico)
Volkovski, N. L., ed. *Secrets and Lessons of the Winter War, 1939-1940*. S. Petersburgo: Poligon, 2000.
Voprosy Istorii [Questões Históricas] (periódico)
Voronov, N. N. *Serving in the Military*. Moscou: Voyenizdat, 1963.
Voyna I Revolutsia [Guerra e Revolução] (periódico)
Voznessensky, N. A. *War Economics of the USSR during the Period of the Great Patriotic War*. Moscou: Gospolitizdat, 1947.
The Warpath of the Soviet Navy. Moscou: Voyenizdat, 1974.
The Wehrmacht's Fateful Decisions. Moscou: Voyenizdat, 1974; Rostov-on-Don, Russia: Phenix, 1999.
The Winter War, 1939-40: A Political History. Moscou: Nauka, 1999.
Woodward, L. *British Foreign Policy in the Second World War*, 5 vols. Londres: HMSO (Her Majesty's Stationery Office), 1971-76.
World War II Almanac, 1931-1945. Londres: Hamish Hamilton, 1981.
World War II Warplanes, 1939-1945. Moscou, 1995.
Yakovlev, A. S. *Life's Task*. Moscou: Politizdat, 1973.
Yaremchuk, A. P. *Russian Volunteers in Spain, 1936-1939* [em russo]. São Francisco: Globus, 1983.
The Year 1941, 2 vols. Moscou: International Foundation "Democracy," 1998.
Zakharov, G. N. *The Fighters' Story*. Moscou: DOSAF, 1977.
Zaloga, Steven, e James Grandsen. *Soviet Heavy Tanks*. London: Osprey, 1981.
_____ . *Soviet Tanks and Combat Vehicles of World War Two*. Londres: Arms and Armour Press, 1984.
Zefirov, M.V. *Ground-Attack Aircraft of the Luftwaffe*. Moscou: AST, 2001.
Zhadov, A. S. *Four Years of War*. Moscou: Voyenizdat, 1978.
Zhukov, G. K. *Memoirs and Reflections*. Moscou: APN, 1969.
Znamia [Banner] (periódico)

Índice remissivo

Achkhabád, terremoto, xx
aço, escassez, 181-182
acordo sobre esferas de interesse germano-soviéticas, 350-354
acordos germano-soviéticos de 1939, 224
aeronáutica e aviação (*veja também pelos nomes*)
  aeronaves blindadas, 84-85
  alemães x soviéticos, comparação, 86-87
  competição no Projeto Ivanóv, 76
  cooperação germano-soviética na produção, 20-21
  corrida da aeronáutica, 82
  defesas antiaéreas alemãs, 41
  desenvolvimento do planador, 94-95
  deslocamento estratégico, 275
  estratégica – *V. aviação estratégica*
  EUA – uso de bases soviéticas, 332
  EUA na construção de fábricas, 29
  exércitos aéreos soviéticos, 46
  mobilização, 264-265
  na guerra defensiva, 81
  na Operação Barbarossa, 299-301
  treinamento de pilotos, 82, 83-84
agências da inteligência soviética, 302
Alemanha
  carência crônica de petróleo, 195-196
  compensações da guerra, da Rússia, 4
  eleições de 1932, 36-39
  espionagem sobre o preparo da, 302-310
  financiamento de bolcheviques pela, 3
  guerra civil espanhola e, 122
  greves
    de marinheiros, 6
    durante as eleições de 1932, 39
    gerais, durante a Primeira Grande Guerra, 4
    guerra em duas frentes, prejudicial à, 288
    lideradas por comunistas, 13
  Tratado de Versalhes, condições, 8-9, 19
Aliabushnev, F. E., 257
Allilúieva, Nadêjda, x-xi
Amur, flotilha militar do 238, 335, 340
Amur, rio, 393
Anti-Hitler, coalizão 271
antiaérea, defesa alemã, 41
antitanques, defesas soviéticas 214
Antonov-Ovseenko, A., 25, 123, 255
Antonov, Alexander, 208
Antonov, Oleg, 94
Anttila, A., 169
aquisições navais, 157-160
armas, desenvolvimento de, 22
armas químicas, desenvolvimento de, 22
artilharia
  de campo, 298
  ferrovia, 183
  sistemas de foguetes, 74-75
  superioridade soviética, 165-166
  uso contra fortificações, 176-178
Aruchunián, Agrat, 243
Augustow, canal, 316
Áustria-Hungria, 4
aviação estratégica – *V. também pelos nomes*
  alemã, 49-50, 80-81
    Operação Barbarossa, 299, 300
  argumentos contra, 48
  ataque a Pearl Harbor como exemplo, 79
  BM, séries – sistema de artilharia de

lança-foguetes, 74-75
caças, 67
capacidade soviética, 40-46
papel do bombardeiro leve, 77-79
superioridade aérea, 83-84
TB-7, bombardeiro
adversários, 48
avaliação de, 40-41
fracasso da produção em massa, 43
uso estratégico, 46-47
voo em grande altitude, 40-41
aviação, *Narkomat* de 160
Avtorkhánov, A., 155, 231
Azárov, I. I., 239, 255, 266

B-5N, bombardeiro leve , 77-78, 79
Bagramián, Ivan, 94, 243, 244, 256, 258, 314
Bajánov, Boris, 15, 221, 255
Báltico, frota do, 12, 182-184, 186, 238
Báltico, região militar especial, 186, 260
barcos-U, operações, 289, 290
Batalha de Balaton, 100
Batalha de Khálkhin-Gol
armas utilizadas, 144-145
Blitzkrieg, 144, 142
logística, 147-148
repressão da propaganda, 143-144
superioridade aérea soviética, 132
uso da aviação, 141-142
Batalha de Khárkov, 98-99
Batalha de Kursk, 304
Batalha que Cai do Céu, A (Startchák), 93
Bátov, P. I., 239
Bélgica, 289
Byelostok, bolsão, 281, 283
Belóv, P., 241
Berejkóv, Nikolai, 320
Berlim, operação, 166
Berlim, raide aéreo, 224
Bérzin, Ian Kárlovitch, 123, 126, 127, 305
Bessarábia, 179, 189, 190, 192, 193, 194, 237
Bielo-Rússia, região militar, 273
Bielo-Rússia, unidades de guerrilha, 209
Biruzóv, S. S., 108
Bismarck (Alemanha), 290
blindagem de tanques, 64
Blitzkrieg, 49, 139
campanha do Oriente Distante, 336, 338
importância dos tanques, 296
Mongólia e Polônia, 142-143, 144-145
Rússia, 294-295
BM-8, sistemas de foguetes, 74-75
BMW, 22
Bolchevismo como culto, 1-2
Boldin, I. V., 266
bolsão de Byelostok, 281
bombardeiros (*V. aviação estratégica, pelos nomes)*
comparação Alemanha x União Soviética, 87-88
Boris (Bulgária), 14, 303
Borovitch, Lev, 305
Bouche, G., 54
Brauchitsch, W., 193
Brest-Litóvsk, tratado, 4
Brest, defesas, 216
Breve Livro Russo-Alemão de Frases para Soldados e Jovens Comandantes, 319-320
BT-5, tanque, 144
BT, tanques, 64-66
Büchenwald, campo de concentração, 346
Bucovina do Norte, 190, 192, 194
Bukhárin, Nikolai, 15
Bulgária, 345
Bushúeva, Tatiána Semiónovna, 136

caças – *V. também pelos nomes*
na aviação estratégica, 76
comparação alemães x soviéticos, 88-89
Calmucos, 346
campos de concentração, 29, 346
canhões de tanques, 54, 56-57, 64, 145
Carélia, frente de batalha da, 344
Carélia, istmo da, 168-170
cartografia, indústria, 321
casamatas fortificadas, 175-178, 212
casernas, vilas, 279
censura, 143-144
cereais, rendimentos, 30
Cérebro do Exército (Chápochnikov), 152
cervejaria, Putsch da, 17
Chápochnikov, B. M., 48, 151-152, 318
Chápochnikov, I. N., 149
Chavróv, V. B., 40, 44, 74, 75, 87
Chekunóv, E., 44
Chernobil, desastre, xx
Chiadênko, E. A., 120
China, 163, 341
Christie, George Walter, 64
Chtemênko, S. M., 263
Chumíkhin, V., 40
Churchill, Winston, 249
cartas a Stálin, 289-292, 306
suspeitas soviéticas, 287-288
coletivização, 32-33
comando das tropas de assalto aéreo, 93

combustíveis, 195-196
combustíveis, suprimentos, 265-266, 308-309
– V. *também* Petróleo, suprimentos
Comintern
e o levante búlgaro, 14
formação, 7
revolução alemã e, 13
na invasão russa da Polônia, 10-11
Comissariado Popular da Indústria de Defesa, 157
compensações de guerra, 4
comunidade de inteligência – *V. Inteligência soviética*
comunistas, jornais, 5
concentração de poder, 288, 337
conferência do alto comando soviético, 226-229
Conquest, Robert, 25, 254
construção de fábricas, papel dos EUA na, 31-32. *V. também mobilização econômica*
cooperação militar germano-soviética, 20-22
Coreia do Norte, 341
corpo de rifles, 17º, 317
corpo de rifles, 48º, 242
corpo especial de rifles, 9º, 239
corpos de guardas de rifles, 100
Creta, operação, 290
Cripps, Stafford, 289

Dal'stroi, 29-30
Danúbio, flotilha militar do, 235, 239
DB-1,bombardeiro de longo alcance, 45
DB-3f, bombardeiro, 46, 87
DB-A, bombardeiro pesado, 45
Decreto de Paz, 3
defesa costeira, 182-183
defesa, teoria, 228
deportações forçadas, 317
Derrota Alemã perto de Moscou (filme), 329
Dimítrov, Gueórgui, 14, 137, 252
Quarto diretório do Exército Vermelho, 13, 126
Diretório Principal da Inteligência do Estado Maior
das Forças Armadas Soviéticas (GRU), 13
divisão de rifles, 164ª, 317-318
divisão montanhesa de rifles, 242, 245-246
divisão montanhesa de rifles, 28ª, 245
divisão montanhesa de rifles, 72ª, 245
Djugachvíli, Iákov Iossífovitch, 318-319
Dniéper-Bug, canal, 237-238
Dnieper, flotilha militar do, 233-234, 238
Douglas DC-3, 96
Douhet, Giulio, 45
Dunquerque, Retirada de, 288-289

Dzerjínskii, Félix, 11

Eden, Anthony, 271
Ejóvstchina, 248
embaixada alemã, 302
engenheiros
no desenvolvimento de armas, 21-22
no trabalho escravo, 31
Er-2, bombardeiro, 87
Eremênko, A. I., 261
escola de tanques, 21
esferas de interesse, acordo, 351-354
espionagem – *V. inteligência soviética*
espionagem industrial, 32
estados divisórios (V. *estados pelos nomes*)
aliados naturais soviéticos, 199
desmanche de defesas soviéticas, 200-201
explicações soviéticas sobre, 199
na guerra germano-soviética, 314-317
ocupação soviética, 187-188
Estados Unidos
assistência aos soviéticos na campanha do Oriente Distante, 335-336
construção de fábricas, 30-31
forças tanquistas, 67-68
uso das bases aéreas soviéticas, 332
esteiras de tanques, 66
Estônia, 5, 179, 187
estradas, 204
estradas, construção na faixa de segurança, 204-206
exército de guardas de tanques, 6º, 334, 337
exército montanhês, 20º, 298
exército soviético
conferência do alto comando, 226-229
divisões montanhesas, 240-247
demissões e dispensas, 119-120
desintegração após a revolução, 3
expurgos
exemplos importantes, 116-117
fontes primárias, 118-119
lendas relativas a, 102, 117-119
motivos de Stálin, 105
papel da Alemanha, 102, 114, 117
propósito dos, 115-116
guerrilha, 208
mobilização de mão de obra, 295
Tukhatchévski na modernização do, 107, 114
exército, 12º, 242-246
exército, 16º, 258-259, 285
exército, 18º, 246
exército, 19º, 245, 285

exército, 22º, 263
exército, 24º, 279
exército, 5º, 344
exército, 6º, 276
exército, 9º, 240-242
exército, *V. exército soviético*
expurgos do partido comunista, 115-116

fábricas de tanques, 31
Fackel, Die (A Tocha), 5
Faixa de segurança – *V. também Regiões fortificadas*
  construção de ferrovia, 205-206
  definição, 171-172, 203
  finlandesa, 204
  polonesa, 203
  soviética, 203-204
  unidades de guerrilha, 209
fascismo, partido comunista alemão no, 36
Fedorênko, I. N., 274
Fedunínski, I. I., 262
ferrovias, 161-162
artilharia, 182-183
brigadas, 206
  campanha do Oriente Distante, 335
  bitola larga *vs.* bitola estreita, 194, 335
  mobilização ofensiva, 264-265
  barra de segurança soviética, 205-206
Fidel Castro, 126
Finlândia
  exigência soviética pelo Istmo da Carélia, 168-169
  faixa de segurança, 203-204
  guerra germano-soviética e, 314-315
  importância estratégica, 185-187
  invasão comunista planejada, 170
  Guerra de Inverno
    avaliação alemã, 180
    campanha de desinformação, 180
    casamatas fortificadas, 176-178
    condições climáticas, 173-175
    defesa finlandesa, 174-176
    fraquezas soviéticas reveladas na, 173
    inconsistências soviéticas, 178-179
    pretexto para, 170
    plano soviético S.3-20, 186-187
    recursos naturais e, 184-185
    unidades de guerrilha, 209
flotilha militar, 233-239
flotilhas militares defensivas, 233-239
flotilhas militares fluviais, 233-239
Fókanov, S., 278
"Força aérea em operação ofensiva e a luta pela superioridade aérea" (Ritchagóv), 226
formações de tanques, 297-298
França
  interesses no pós-guerra, 19
  Mein Kampf, em, 26-27
Franco, Francisco, 122
frente do sul, 189-190
frente sudoeste, 282
frente trans-Baikal, 336, 337, 339
fronteira germano-soviética – *V. estados divisórios*
Frota do Pacífico, 335
Frúnze, Mikhail, 221
Futura Guerra, A (Sikórski), 276
fuzileiros soviéticos, 238-239

Galaktiónov, S. G., 242
Galítski, K. N., 60, 316
Garêev, Makhmút, 283, 284, 337
gás mostarda, 22
Gaus, Friedrich, 350-351
Gay, G., 116
General de Exército, 148
Gêngis Khan, 77
germano-soviética, guerra – *V. também Operação Barbarossa*
  ação naval, 314
  ausência de mapas, 321-322
  deportações à força, 317
  despreparo soviético, 311-313
  foco ofensivo soviético, 313-317
  impacto do inverno russo, 326-329
  livro de frases como indicador de espionagem, 319-320
  missões de reconhecimento aéreo, 311
  operações defensivas *ad hoc*, 313-314
  propaganda soviética, 319-322
  reação de Stálin, 323-325
Goebbels, Joseph, 37, 100, 121, 331
Golikóv, F. I., 306-308, 310
Gorbátov, A. V., 120
Gorchkóv, S., 314
Göring, Hermann, 180, 350
Gorokhóvski, P., 94
Gotsirídze, O. D., 322
Grã-Bretanha
  interesses do pós-guerra, 19
  invasão alemã, planejamento da, 193
  no bombardeio de Berlim, 224
  possível papel na guerra germano-soviética, 271-272
  suspeitas soviéticas sobre, 287-288
  vitórias alemãs sobre a, 288-289

Grábin, Vassíli, 54
Grande Depressão, A, 30-31
Grande Revolução Socialista de Outubro, 16
Grécia, 290
Grechko, A. A., 306
Grigorenko, P. G., 211, 212, 214
Grigóriev, V., 238
GRU, 13, 126 – *V. também Inteligência Soviética*
Guderián, Heinz, 57, 60, 134, 218, 310
Guernsey, 289
guerra civil espanhola
  apoio militar soviético, 124
  auxílio alemão, 122
  derrota comunista, 128
  interesse do povo russo, 125-126
  motivos de Stálin, 127-128
  voluntários internacionais, 123, 126-127
Guerra civil russa
  ação guerrilheira, 208
  denúncias forçadas, 105
  história militar, 116
  tomada de reféns, 105-106
  Trótski, 219-220
  Tukhatchévski, 103-104
Guerra Civil, 1918-1921, 107
guerrilha, grupos, 208-210
Gulag Handbook (Rossi), 29-30
Gulag, O Arquipélago, (Soljenítzin), 279
Gulag, sistema, 346

Halder, Franz, 59, 83, 181, 295-296, 328, 329
Hess, Rudolf, 349, 354
Hess: The Man and His Mission (Hutton), 349
Hill, Cordell, 332
Hiroshima, bombardeio, 338
Hitler, Adolph – *V. também Mein Kampf*
  aliança com a Rússia, 137
  comparação com Stálin, ix-xii
  comunismo, 325
  dificuldades financeiras do nazismo, 37
  importância do petróleo, 236
  inverno russo, 329
  mão de obra russa, 294
  "problema russo", 193
  revolução alemã de 1923, 16
  Romênia, 189, 193
  tentativa de golpe em Munique, 16
  tanques soviéticos, 63
  Tratado de Versalhes, 25
Hitler's Table Talks (Picker), 329
Ho Chi Minh, 341
Hood (Grã-Bretanha), 290
Hoth, H., 309, 326
Hutton, J. Bernard, 349

I-15, avião de caça, 76-77
I-153, avião de caça, 89
I-16, avião de caça, 76-77, 88-89
Iákovlev, A. S., 47, 48, 150, 152, 269
Ibarruri, Dolores, 124-125
ideologia secreta comunista, 8
Il-2, avião de ataque, 50, 82
Ilhas, raides a partir de, 332
indústria da construção naval, 158
industrialização – *V. também Mobilização econômica*
  EUA, seu papel na, 30-31
  força de trabalho escravo, 29
  reservas em ouro auferidas com, 30
inteligência militar soviética, 209
inteligência soviética
  infiltração da comunidade de inteligência, 8
  largo alcance da, 303-304
  livro de frases russo-alemãs, 319-320
  sobre a indústria ovina, 307-308
  preparativos alemães para a invasão, 307-309
  Richard Sorge, 304-306
  suprimento de combustíveis e composição, 308-309
Inverno, Guerra de – *V. Finlândia*
Ióvlev, S., 260, 266
Irã, 345
Irkutsk, 30ª divisão montanhesa de rifles, 242
IS-2, tanque, 57, 61
Ivanóv, avião, 73-82
Ivanóv, S. P., 263, 277, 338-341
Ivashútin, P. I., 135

Jádov, A. S., 93
Japão
  ataque surpresa soviético, *V. Oriente Distante,* campanha
  bombardeio nuclear, 338
  declaração soviética de guerra com, 338
  Mongólia, derrota, 136, 143-144
  pacto de neutralidade com a União Soviética, 330-331, 332
  produção de tanques, 109
  rendição, 341
jato, aeronaves a, 196
Jodl, A., 236
jogo de guerra soviético, 228-232
jogos de estratégia, 228-232
jogos de guerra alemães, 230-232

jogos de guerra, 228-232
jornais comunistas, 5
Ju-87, avião, 80-81
Jukov, G. K., 48
  batalha de Khálkhin-Gol, 141
  concentração de tropas, 257
  construção da faixa de segurança, 204-206
  construção de estradas, 206
  criação do exército montanhês, 243-244
  desalinhamento de tropas, 283-284
  flotilhas fluviais, 233
  frente sul, 189-190
  general do exército, 148
  guerra germano-soviética, 311-312, 316-317
  jogo estratégico, 232
  Mongólia, 131, 136
  necessidade alemã de petróleo, 242
  processo de tomar decisões, 150
  táticas de ataque, 226
  uso de regiões fortificadas, 217
Junkers, Flugzeugwerke, 20-21

Kalínin, S. A., 277, 279
Kánner, Grigórii, 221
Kárbichev, Dmítri, 212
Kárlikova, Blanca, 303
Kazakóv, M. I., 267, 277
Kazan, escola de tanques, 21
Kegel, Gehard, 302
Kerber, L., 40
Kesselring, Albrecht von, 74
Khizênko, I. A., 261
Khmelév, V., 90
Khruschov, N., 131, 323, 345
Khvalêi, S. F., 261
Kíev, região militar especial, 256-260
Kírov, Serguêi, 14
Kokkinaki, Vladímir, 67
Korolióv, Serguêi, 32, 94
Kozlóv, Sergêi, 45
Krestínski, Nikolai, 15
Krivítski, Walter, 13
Krivóchein, S., 129-130, 202
KT, tanque, sistema de pouso, 95
Kudriávtsev, M. K., 321
Kulík, G. I., 124, 203, 298
Kun, Bela, 13
Kurdiúmov, V. N., 273
Kurkótkin, S. K., 265, 276
Kúrotchkin, P. A. 258
Kursk, bolsão, 99-100
Kursk, defesas, 200
Kutchúmov, Alexandr, 86
Kúussinen, Aino, 169, 305
Kúussinen, Otto, 169-170
Kuznetsóv, F. I., 315
Kuznetsóv, N. G., 124, 159-160, 248, 288
KV, tanque, 55, 56, 58-62, 70

La-5, avião de caça, 81
Lachin, M., 75
LaGG-3, avião de caça, 81, 87
lança-foguetes, sistemas de artilharia de, 74-75
Laptchínski, Alexander, 40, 48-49
Laski, Harold, 37
Lávotchkin, S. A., 81
Le Bon, Gustav, 152
Lêkhen, T., 169
Lênin, Vladimir
  guerra contra o capitalismo, 12
  invasão da Polônia, 10-11
  socialismo e guerra, 330
  tentativa de prolongar a Primeira Guerra Mundial, 2, 3-5
  Tratado de Versalhes, 8-9, 25
Leningrado, defesas, 182-183
Letônia, 5, 179, 187
levante comunista búlgaro, 14
levante dos camponeses, 13
Liddell Hart, B. H., 53, 61, 81, 292, 297
Liepaja, base naval, 238
linha de defesa, densidade, 228
Linha do Volga, 299
Linha Maginot, 19, 213
Linha Mannerheim, 169, 171, 173, 178, 179
Linha Molotov, 214
Linha Siegfried, 218
Linha Stálin
  comparação com a Linha Maginot, 213-214
  comparação com a Linha Molotov, 215-216
  construção, 211-212
  usos, 217-218
Lituânia, 5, 179, 187
Liudóvnikov, I. I., 256
livros de frases, 319-320
Lobatchóv, A. A., 258, 259
Logística
  alemã, 181-182
  batalha de Khálkhin-Gol, 147-148
  campanha do Oriente Distante, 335-336, 340
  falhas na invasão alemã da Polônia, 146-147
  ferrovias, 194-195
Lóssev, A. I., 321
Luftwaffe, treinada pelos soviéticos, 21

Lukásh, Konstantín, 303
Lukásh, Lúben, 303
Lukín, M.F., 259, 267, 277, 311
Lvov, bolsão, 227, 281-282

madeira, suprimentos, 184-185
Maiórov, A., 135
Máiski, I. M. 271
Makhnó, Néstor, 208
Maksímova, Ekaterína, 305
Malinóvski, R. Y., 124, 241, 261, 338-339, 343
Manchúria, 50
mapas topográficos, 321-322
Mar Báltico, defesas, 182-183
Mar Negro, frota do, 239, 314
Marcha além do Vístula (Tukhatchévski), 107
Marcks, Erich, 194
marechais soviéticos, 121
marinha – V. Marinha soviética
Matsuoka, Iosuke, 330
Maxím Górki, bombardeiro, 45
Me-262, avião de caça, 197
Mein Kampf (Hitler)
  aliança com a Rússia, 137
  França, 26
  Leste, foco no, 23, 25-27, 199
  legalidade, 18
  mão de obra russa, 294
  tentativa de golpe em Munique, 17
  tradução para o russo, 24
  Tratado de Versalhes, 25-26
Mellentin, F. W. von, 56, 61, 121, 340
Mencheviques, 2
Mercader, Ramon, 219
Meretskóv, K. A., 48, 124, 151, 185, 204-205, 225, 260, 342-344
metralhadora, 81
MiG-3, avião de caça, 87
Mikhalióv, A. I., 317
Mikoián, Anastás, 149, 303-304, 324
Mikúlin, Alexander, 43
minas, operações com, 183
Mob Psychology (Le Bon), 152
Mobilização
  concentração na fronteira alemã, 254-263
  convocação de reservas, 154-155
  econômica – *V. Mobilização econômica*
  exército soviético, 294-295
  melhorias na faixa de segurança, 203-207
  ocultação, 155-156
  quartéis de inverno, 274-275, 277-278
  recrutamento militar, 152, 154-155
  sigilo na transferência das tropas, 269-271
  suprimento de combustíveis, 265-266
  tropas, criação e formação, 276
  unidades aéreas, 264-265, 275
mobilização econômica
  aquisições navais, 157-160-163
  o fracasso alemão em, 164-165
  produção de munição, 160-161
mobilização, teoria, 152-154
Moguilióv-Podólsk, região fortificada, 212
Molotov-Ribbentrop, pacto, 54, 135, 137, 138, 202
  como prova de crime de guerra, 350
  como erro de cálculo alemão, 292-293
  TASS, mensagem, aquiescência, 254-256, 266-267
Molotov, Viatchesláv
  blefe, Hitler, 151
  Churchill, 287
  coletivização, 33
  invasão da Polônia, 139
  Operação Barbarossa, 299
  reivindicações territoriais soviéticas, 225
  TASS, mensagem, 271-272
  TB-7, 40-44, 46-67, 49
Mongólia – *V. também Batalha de Khálkhin-Gol*
  derrota do 6º exército japonês, 136
  superioridade aérea soviética, 132
Montes Cárpatos, 245-247
Moscou, pacto de, 138
Moskalênko, K. S., 120, 257, 274
motores de tanques, 52, 64
Müller, Gillerbrand B., 164, 165
Munição
  a pilhagem dos alemães, 165, 167, 265
  estocagem, 161-162
  localização das fábricas, 161
  reservas alemãs, 164-165
munição, *Narkomat* de, 160-161, 162-164
Muralov, N. I., 116
Múrometz, bombardeiro, 44

Nacional-Socialismo, 268
Nagasaki, bombardeio, 338
Nakajima B-5N, bombardeiro leve, 78-79, 80
Narkomat de armas, 160-161
Nemecek, Václav, 41
Nézval, I., 44
níquel, suprimentos, 185
Nova Política Econômica, 33
Nóvik, K. I., 245
Nóvikov, A. A., 265
Nuremberg, julgamento de, 346, 349-354

obuses, 298-299
Odessa, região militar, 260
Ogárkovets, Richard, 53
Operação Barbarossa, 236 – *V. também Guerra germano-soviética*
  aviação estratégica, 299
  falta de sinais e indicadores, 308-310
  inconveniência da, 296
  inverno russo, impacto, 326-329
  objetivo estratégico, 299
  Stálin, reação, 323-325
  tanques, 296-298
  transporte, 298
Operação Zeeloewe [Leão do Mar], 193
operações especiais, 227
Organização do Atlântico Norte (OTAN), 347
Órgão de Tubos de Stálin, 74-75
Oriente Distante, campanha
  ação naval, 340
  assistência dos EUA aos soviéticos, 336
  ataque-surpresa, 338
  Blitzkrieg, 340
  logística, 335, 340
  regiões fortificadas, 337
  rendição japonesa, 341
  resistência japonesa, 339-340
  tanques, 334
  transferência de tropas, 334-335
  tropas de assalto aerotransportadas, 340
  vantagens auferidas pelos soviéticos, 341
Oriente Distante, truste de construção, 29
Ortenberg, D., 143
ouro, reservas de, 29-30
ovino, gado, análise, 307-308
Ózerov, G., 163

pacto de não agressão, 135, 137, 138
pacto de neutralidade nipo-soviético, 330-331, 332
pacto com o Eixo, 223
Palácio dos Soviéticos, x, 14
Panther, tanque, 55-57
Parafílo, T. M., 186
paraquedistas – *V. Tropas de assalto aerotransportadas*
partido comunista alemão
  aliança com nazistas, 16
  tentativa de revolução, 14-17
Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães
  V. Partido Nazista
Partido Nazista
  dificuldades financeiras, 37
  eleições de 1932, 37-39
  revolução alemã de 1923, 16-17
  Stálin, ascendência, 37
passaportes internos, 126
Paulus, F., 125, 231
Pávlov, D., 206, 227, 316
Pe-2, bombardeiro de mergulho, 49-50, 87
Pearl Harbor, ataque, 78-79, 331
"Período Inicial da Guerra, O" (in *Voiná i Revolútsia*), 90
Petliakóv, Vladímir, 42, 46, 49
petróleo, suprimentos
  combustíveis sintéticos, 195-196
  fator de análise de inteligência, 308
  necessidade alemã de, 195-197
  Stalingrado, importância, 98-99
Petróvski, L. G., 278
Phílin, A. I., 47
Piatakóv, Grigóri, 15
Picker, Henry, 329
Pilsúdski, Joseph, 106, 107
Pinsk, flotilha militar, 234, 237, 238
planadores, desenvolvimento, 94-96
planadores de carga, 95-96
planos quinquenais, 28
Polésia, pântanos, 231-232, 284
Polikárpov, Nikolai, 32, 76-77
Polônia
  conversações aliadas sobre, 133
  estado divisório, 198
  exigência alemã de corredor através, 132
  invasão alemã
    comparação com Khálkhin-Gol, 144-145
    falhas de logística, 145-146
    pacto de Moscou, 138-140
    cumplicidade soviética, 134-135
    considerações táticas, 146
  Mein Kampf, 27
  ataque soviético, 252
  divisão, 135
  exigência soviética de corredor através, 133
  faixa de segurança, 203
  guerra germano-soviética, 312-314
  invasão soviética, 10-11
    Tukhatchévski, 106
  parada celebrando a divisão da, 129
Poluboiárov, P. P., 261
Ponedélin, P. G., 227-228, 244
Ponomarênko, P.K., 210
ponto de disparo de longa duração, 212
Potápov, M. I., 274

Price, Alfred, 88
Primakóv, 116
primeira frente de batalha do Oriente Distante, 336
Primeira Guerra Mundial
  tentativa de Lênin para prolongá-la, 2, 3-5
  recuo da Rússia, 4
  Tukhatchévski sobre frentes, 107-108
primeiro escalão estratégico do exército vermelho, 55, 60, 227-228, 255, 259, 262, 264, 269, 274, 277
primeiro grupo alemão de tanques, 282
primeiro grupo de tanques (Alemanha), 246
Projeto Ivanóv, 74-75
propaganda
  censura como elemento de, 144
  sobre o inverno russo, 326
  sobre o despreparo soviético, 320-322
Proskúrov, Ivan, 164
Pstígo, Ivan, 75
PT-1, tanque anfíbio, 71-72
Púchkin, Anatóli, 75
Purkáiev, M.A., 97, 343
Pússep, E., 41
Pz-I, tanque, 67, 145
Pz-IVA, tanque, 51

Rádek, Karl, 15, 16, 117
Rakútin, Konstantín, 279
Ramm, Karl, 305
Raubal, Geli, x
reconhecimento aéreo, 311
recrutamento – *V. recrutamento militar*
recrutamento militar, 152, 154-155
recursos estratégicos – *V. recursos naturais*
recursos naturais
  acordos de 1939, 224-225
  construção naval, para, 159
  Guerra de Inverno, 184, 185
  madeira, 184-185
  minério de ferro, 181
  na indústria soviética, 29-30
  petróleo, 98, 195-197
região militar siberiana, 277, 279
regiões fortificadas – *V. também Faixa de segurança*
  alemãs, 216-218
  casamatas, 212
  definição, 211
  destruição soviética das, 214-215
Linha Stalin x Linha Maginot, 213
  na guerra ofensiva, 217
  no Oriente Distante, 337
  produção de armas para, 214
  reconfigurações de fronteiras, 214
  unidade principal de batalha, 212
Rendulic, Lotar, 175, 298
República Socialista Soviética Polonesa, 11
República Soviética Bávara, 6
República Soviética Eslovaca, 6
República Soviética Húngara, 6
Repúblicas soviéticas, formação no pós-guerra, 6
reservas, convocação, 154-156
Results of World War II, 164
revolução comunista mundial, 2, 5, 7, 10, 35, 39, 122, 222, 293
Ribbentrop, Joachim von, 269, 350, 351-352
Ritchagóv, P. V., 48, 97, 227
Rodímtsev, A. I., 60, 91, 93, 97
Röhm, Ernst, 17
Rokossóvski, K. K., 24, 119, 121, 166, 257, 328
Romênia
  flotilha militar, ataque, 235
  guerra germano-soviética, 317
  importância estratégica para a Alemanha, 190-191
  invasao soviética
    consequências, 191
    Hitler, 192
    tanques, 191-192
  petróleo, campos de, 189, 190-191
  petróleo fornecido à Alemanha, 195-196
  rendição da Bessarábia, 179
Roosevelt, Franklin D., 249
Rossi, Jacques, 29
Rote Fahne, Die, 5
Rudel, Hans-Ulrich, 312
Rudênko, Román, 353
Rundstedt, Karl Gerd von, 310
russa, revolução, 3-4
Rússia – V. também União Soviética
  clima no inverno, 326-329
  compensações de guerra à Alemanha, 4
  greves, 12-13
  passaportes internos, 126

S-47, aeronave de transporte, 160
Sandálov, L. M., 205, 260, 264, 273
Sanjurjo, José, 122
Schellenberg, Walther, 117
Schulenburg, Friedriech von der, 137, 248, 249, 268
segunda frente do Oriente Distante, 336
Segunda Guerra Mundial,
  como guerra de duas frentes, 292
  data do início, 152
  expansão soviética resultante, 345-347

Stálin sobre a inevitabilidade da, 36
segundo escalão estratégico do exército vermelho, 60, 263, 273-280, 285
segundo exército de choque, 283
Seidl, Alfred, 349-350
Serêbrianikov, V. V., 108
Shang Yang, 115
ShKAS, metralhadora, 75
Shmidt, D., 116
sigilo de documentos, sistema de, 256, 262
Sikórski, Ígor Ivánovitch, 44
Sikórski, V., 275
sistema de classificação de segurança, 256, 262
Sivkóov, A. K., 252
Skliánski, Efraim, 221
Skoda, fábricas, 303
SMK, tanque, 58
Sobre os Fundamentos do Leninismo (Stálin), 154
social-democratas alemães
esforços de Stalin para destruir, 35-36
política do PC contra, 37-38
socialismo, 268, 330
socialismo internacional, 267, 268
Soljenítzin, Alexandr, 279
Sorge, Richard, 126, 304-306
soviética, marinha
aquisição de navios, 157-160
campanha do oriente distante, 340
flotilhas militares fluviais, 233-239
frota do Báltico, 183-184
fuzileiros, 238-239
levante dos marinheiros, 12-13
natureza ofensiva, 159-160, 314
Spartakus, 5
Stálin, Joseph
assassinato de Trótski, 219
cartas de Churchill, 288-292, 306
comparação com Hitler, ix-xii
criminoso de guerra, 349-350
discursos na academia militar, 251-252
dissimulado e reservado, 149, 254-255
estudioso de *Mein Kampf*, 24
guerra ofensiva, 252
inevitabilidade da Segunda Guerra Mundial, 36
não intervenção, 339
pacto de não agressão, 137
presidente do governo soviético, 248-252
pseudônimos, 73
revolução alemã, 16-17
sobre a rapidez do ataque, 278
sobre o poder, 154
sobre promessas e pactos, 201-202
reação à invasão alemã, 323-325
tomada nazista da Alemanha, 36
Trótski sobre os objetivos de, 128-129
Stalingrado, defesa de 98-99, 165-166
Stárinov, I. G., 200, 210
Startchák, I. G., 193
Stefanóvski, P. M., 303
Stéppe, região militar, 304
Stöbe, Ilse, 302
Stôman, E., 44
Streltchenko, V. I., 75
Su-2, avião
ataque a Pearl Harbor como modelo, 78-79
metralhadora para, 81-82
projeto Ivanóv, 74-75
treinamento de pilotos, 82
usos, 74-75
submarinos, 157-158, 184, 314
submetralhadora, 78
submetralhadora PPSh, 78
Sukhói, Pável Ossípovitch, 45, 74, 76-77
superioridade aérea
métodos de alcançar, 83-84
na Mongólia, 132
no desembarque de tropas aerotransportadas, 96
palestras sobre, 227
perda da superioridade soviética, 90
Svirídov, A. A., 317, 318-319

T-100, tanque, 58
T-28, tanque, 51, 52
T-34, tanque, 52-57, 62, 70
T-35, tanque, 58
T-37A, tanque, 67, 68-70
T-IIIJ, tanque, 65
tanque anfíbio, 67-70
tanques – *V. também pelos nomes*
9º exército, 240-241
aerotransportados, 94
alemães, 71
anfíbios, 67-70
batalha de Khálkhin-Gol, 142-143
Blitzkrieg, 296
BT, família "Christie", 63-67
campanha do oriente distante, 334
comparação entre alemães e soviéticos, 51-53, 54-57, 60, 108-110
defesas antitanques, 214
forças americanas de, 64, 67
invasão da Romênia, 191
Operação Barbarossa, 296-299
pesados, 58-59, 70

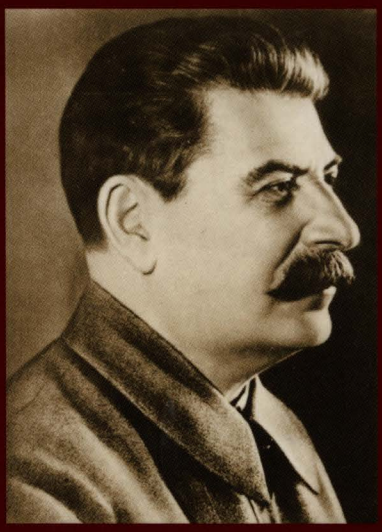
pré-guerra, número de, 63
produção em massa, 54, 55, 112-113
reformas propostas por Tukhatchévski, 107-114
requerimentos operacionais, 110-112
Tashkent, destróier líder, 158
Taylor, John V.R., 41
TB-3, bombardeiro, 87-88
TB-7, bombardeiro
adversários, 47-48
avaliação, 40-41
falha na produção em massa, 45-47
usos estratégicos, 48-49
vôo em grandes altitudes, 40-42
Tcheliábinsk, fábrica de tratores, 31
Tcherniakhóvski, I. D., 261
Tiger, tanque, 57
Timochenko, S. K., 48, 185, 201, 225, 228, 257
Tulênev, I. V., 228-232
trabalhos forçados
coletivização, 32-33
de engenheiros, 32
na guerra civil espanhola, 126-127
na indústria, 28-29
transporte animal, 197
transporte motorizado, 298
Tratado de Versalhes,
condições, 8-9, 19
Mein Kampf, 25
revisão exigida por Hitler, 132
vantagens para os soviéticos, 20
Triandaphíllov, V. K., 48
tropas de assalto aerotransportadas
alemãs, em Creta, 290
cenário para uso, 97
criação soviética de, 91
em áreas montanhesas, 240
na campanha do Oriente Distante, 340-341
pessoal no comando, 93
transporte aéreo para, 94-97
treinamento de, 92-93
uso como infantaria de reserva, 100-101
Trótski, Leon Davídovitch
assassinato, 219
como Stálin o usou, 221-222
comunismo na Ásia, 7
exílio, 220, 221
guerra civil russa, 220
revolução europeia, 1-2
revolução alemã, 24
sobre a ajuda de Stálin a Hitler, 25
sobre os objetivos de Stálin, 128
Tschechowa, Olga, 303
Tukhatchévski, Mikhail
acusações contra, 117
autopromoção, 116
como autor, 107
expurgo, 102, 114
invasão da Polônia, 10-11, 106-107
modelo de ordem de combate de, 103-104
modernização, 107-114
na guerra civil russa, 103-105
nas frentes da Primeira Guerra Mundial, 107-108
pano de fundo, 103
repressão das greves operárias, 13
tomada de reféns por, 105-106
Túpolev, A., 32, 54, 263
Turovski, S. A, 117
Tvardóvski, Alexander, 178

Uborevitch, I. P., 117
Únchlikht, Joseph, 15
União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – *V. União Soviética*
União Soviética – *V. também Rússia*
apoio à revolução alemã, 14-17
expansão no pós-guerra, 345-347
faixa de segurança, 203-205
fome, 33, 34, 280
fundação oficial, 14
impacto da guerra com a Alemanha, 324-325
propaganda e censura, 143-144
reivindicações territoriais, 223
unidades de guerrilha, 208-211
uniformes negros, 278-279
Urais, região militar, 262, 276
Uralmach, 31
Uralvagonzavód, 31
Urítski, Solomon, 305
Urlápov, B., 94
Ustínov, D. F., 150

Vánnikov, B., 150
Vassilévski, A. M., 255, 270-271, 277, 313, 333-335, 341
Vauchpass, S. A - V. Vaupchássov, 210
Vaupchássov, S. A., 157, 210
veículos na Operação Barbarossa, 298
Vietnã do Norte, 341
Vístula-Oder, operação, 166
Vlássov, A. A., 98, 283
Vodopiánov, M. V., 251-252
Volkogónov, D. A., 136
Volkotrubênko, I. I., 265
Vorochílov, K. E., 117-118, 134

Vóronov, N. N., 125, 215
Weizsaecker, Carl Baron von, 353
Weltrevolution, Die (A Revolução do Mundo), 5
Wever, Walther, 88
With a Diplomatic Mission in Berlin [Com uma Missão Diplomática em Berlim] (Berejkóv), 320

Yak-1, avião de caça, 86, 87
Year 1920, The [O Ano 1920] (Pilsúdski), 107
Zakhárov, G. N., 311
Zakhárov, M. V., 215, 260, 270
Zaloga, Steven, 57, 61
Zaporojtchênko, A., 275
Zatevákhin, I. I., 93
Zemskóv, V., 277
Zínoviev, Grigóri, 13, 35
Ziúk, M. O., 116
Zotóv, V. F., 216, 261



Stálin planejava atacar a Alemanha e provocar a Segunda Guerra Mundial em agosto de 1941. Nessa data, imaginava ele, todo o esforço soviético a fim de formar o exército mais moderno da História estaria concluído. O serviço de espionagem da Alemanha informou Hitler sobre esses planos. Stálin fez todo o possível para conseguir seu intento antes que o governo nazista pudesse reagir, inclusive fingiu aliar-se ao inimigo. Os esforços foram em vão. Em 22 de junho de 1941 o exército alemão invade a União Soviética.

Viktor Suvorov baseia-se em documentos até então secretos dos arquivos da ex-URSS para trazer à tona os bastidores do conflito, apontando contradições nas narrativas históricas mais célebres sobre o período. No processo, revela o perfil de um gênio maquiavélico, um líder obcecado pela revolução comunista internacional a qualquer preço. Repleto de evidências incontestáveis, *O grande culpado* certamente provocará discussões entre os historiadores do mundo inteiro.

Amarilys

ISBN 978-85-204-2906-8

9 788520 429068